

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
Área de Concentração: História Cultura e Política
Linha de Pesquisa: História Política**

MANOEL ADIR KISCENER

**MARXISMO, MODERNIDADE E COTIDIANO
EM JOSÉ DE SOUZA MARTINS: as temporalidades da história
em descompasso**

TESE DE DOUTORADO

**MARINGÁ
2021**

MANOEL ADIR KISCENER

**MARXISMO, MODERNIDADE E COTIDIANO
EM JOSÉ DE SOUZA MARTINS: as temporalidades da história
em descompasso**

Tese apresentada como requisito obrigatório para a obtenção do título de Doutor pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual de Maringá, orientada pelo Prof. Dr. Angelo Aparecido Piori e financiada pela CAPES/Fundação Araucária.

MARINGÁ (PR), NOVEMBRO DE 2021

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
(Biblioteca Central - UEM, Maringá - PR, Brasil)

K61m

Kischener, Manoel Adir

Marxismo, modernidade e cotidiano em José de Souza Martins : as temporalidades da história em descompasso / Manoel Adir Kischener. -- Maringá, PR, 2021.
422 f.: il. color., figs.

Orientador: Prof. Dr. Angelo Aparecido Priori.

Tese (Doutorado) - Universidade Estadual de Maringá, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Departamento de História, Programa de Pós-Graduação em História, 2021.

1. Martins, José de Souza, 1938-. 2. Temporalidades. 3. Modernidade brasileira. 4. Marxismo. 5. História. I. Priori, Angelo Aparecido, orient. II. Universidade Estadual de Maringá. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Departamento de História. Programa de Pós-Graduação em História. III. Título.

CDD 23.ed. 981

MANOEL ADIR KISCHENER

**MARXISMO, MODERNIDADE E COTIDIANO EM JOSÉ DE SOUZA
MARTINS: AS TEMPORALIDADES DA HISTÓRIA EM DESCOMPASSO**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual de Maringá, como requisito para a obtenção do título de Doutor em História.

BANCA EXAMINADORA:



Prof. Dr. Angelo Aparecido Piori
Presidente/Orientador



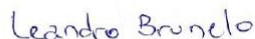
Prof. Dr. Paulo Roberto Cimó
Queiroz
Membro Externo (UFGD)



Prof. Dr. João Fábio Bertonha
Membro Corpo Docente (PPH/UEM)



Prof. Dr. Márcio Luiz Carreri
Membro Externo (UENP)



Prof. Dr. Leandro Brunelo
Membro Interno (UEM)

Maringá-PR, 23/11/2021.

Dedico a Rosy e ao Arthur, amores meus.

AGRADECIMENTOS

Nesta manhã,
nesta tarde,
nesta noite,
eles não assinaram
a lista de presença,
não responderam a chamada.
Onde estão?
Quantos são? [...]¹.

[...] O tempo que corre fora
Não é o que corre por dentro
Pois um se mede por horas
O outro... por sentimentos [...]².

Vejo agora,
nesta distância
do desde então,
que são os caminhos
que caminham
e nos fazem caminhar
para o até que enfim [...]³.

Estudar José de Souza Martins já fazia sozinho desde os tempos de graduação lá em Rio Grande (RS), em dois ou três textos ou capítulos de parte de sua vasta obra mais voltada à questão agrária. Mas pensar em estudá-lo sistematicamente, em uma tese, é história que demandou muitos apoios, auxílios e carinhos; pelos quais, se agradece, pelas contribuições diretas a tese, pelo apoio emocional e financeiro a família.

Aos financiadores diretos desta tese: agradeço a Capes (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) e a Fundação Araucária.

Aos financiadores indiretos: agradeço ao Prof. Dr. Angelo Aparecido Piori, ao Prof. Dr. Everton Marcos Batistela, ao Prof. Dr. Miguel Angelo Perondi, ao Prof. Dr. Luiz Felipe Viel Moreira, ao Prof. Dr. Sidemar Nunes Presotto e ao Prof. Dr. Zander Soares de Navarro; sem vosso auxílio provavelmente teríamos desistido.

¹ MARTINS, José de S. **Desavessos**: crônicas de curtas palavras. São Paulo: Editora Com Arte, 2014b, “Lista de presença”, p. 128.

² CÉSAR, Martim. **Sobre amores e outras utopias**. Porto Alegre: Pacartes, 2013, “Caminhos de si”, p. 98.

³ MARTINS, José de S. **No limiar da noite**: crônicas suburbanas. Cotia: Ateliê Editorial, 2021a, “Estradas e caminhos”, p. 41.

Agradeço a leitura humana e atenta do Prof. Dr. Alfredo Guillermo Martin Gentini, que apesar de não participar da banca contribuiu muito na redação final da tese.

A banca: agradeço ao Prof. Dr. João Fábio Bertonha e ao Prof. Dr. Paulo Roberto Cimó Queiroz, pelas preciosas orientações na banca de Qualificação, e por permanecerem na Defesa final; agradeço ao Prof. Dr. Leandro Brunelo e ao Prof. Márcio Luiz Carreri pelo aceite de estar nesta Banca Final, também por suas contribuições.

Aos apoiadores emocionais, que nos visitaram em Maringá, deslocando-se mais de 700 Km de ônibus, desde o amado Rio Grande: agradeço a Noemi Salete Fidelis, a Rosemar Lucia Borges Lucio e ao Odacir Antonio Borges; vosso aconchego e carinho foi fundamental para nossa saúde mental.

Agradeço a irmã Ilva Carmen Kischener, pelo cuidado com a Mãe, Eva Kischener e, assim, com ela estando bem, contribuiu para nossa saúde mental.

Aos colegas de curso, especialmente da Linha de Política: agradeço ao Cássio Augusto Samogin Almeida Guilherme, ao Guilherme Alves Bomba, ao Leonardo Pires da Silva Belançon, ao José Victor de Lara e ao Pedro Carvalho Oliveira, pelo convívio e aprendizado na troca de ideias. Também ao Alfeo Seibert Filho, ao Luiz Gustavo de Oliveira, ao Guilherme Tadeu de Paula e ao Rodrigo dos Santos pela acolhida.

Aos Professores de disciplinas no curso: agradeço ao Prof. Dr. Sidnei José Munhoz e ao Prof. Dr. Reginaldo Benedito Dias, pelo aprendizado.

Ao Professor de Estágio de Docência: pela parceria firmada, agradeço ao Prof. Dr. Luiz Felipe Viel Moreira.

Agradeço as secretárias do Programa de Pós-Graduação em História (PPH-UEM): Sra. Marcia Satie Kutsunugi Fujikawa e a Sra. Beatriz Bezerra Cavalcante, pela atenção e solicitude aos trâmites do curso.

Ao Programa de Pós-Graduação em História e a Universidade Estadual de Maringá (UEM) pela acolhida e pela estrutura humana; também pelo recurso disponibilizado para participação em congresso na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp).

A Biblioteca Central (BCE), ao seu Serviço de Comutação bibliográfica (COMUT), na pessoa da Sra. Dirlene dos Santos Oliveira, que disponibilizou a tese de livre-docência de José de Souza Martins, via USP.

Aos amigos feitos durante o curso, companheiros de apresentação de seminários, discussões, café nos intervalos e visitas a nossa casa, em Maringá: agradeço ao Alef Guilherme Zangari da Silva e ao Cezar Cristovão Sperandio.

Agradeço ao Prof. Dr. Zander Soares de Navarro, principal incentivador desta tese, de suas hipóteses; aliás, de minha caminhada acadêmica na pós-graduação. Nesta, foi colaborador do projeto e interlocutor de leituras profícuas; também pelas preciosas orientações expostas no parecer quando da Banca de Qualificação, em 2018.

Ao Prof. Dr. Angelo Aparecido Priori, orientador desta tese. Agradeço imensamente pelo apoio e compreensão nos assuntos extra-tese, na caminhada acadêmica, desde a Especialização, a distância, pela recepção ao projeto e pelo aceite ao adentrar no doutoramento. Na Universidade, pela parceria como tutor na Especialização, pelas orientações e bancas nesse curso, pela oportunidade de docência na graduação, pelos eventos do curso e pela escrita compartilhada, em participações de publicações. Pelo apoio financeiro oferecido, pelas visitas a nossa casa em Maringá. Por fim, pela orientação pedagógica e oportuna nos momentos decisivos desta tese, e por transparecer, em todas essas ações comigo e com minha família, o grande ser humano que é, atento e solidário, ao propiciar condições que estão à margem da sociedade possam adentrar a Universidade, nela permanecer e saírem formados, que possam acessar esse templo do saber que precisa ser defendido das constantes iniciativas de desmonte e ataques autoritários.

Por fim, agradeço a Esposa, Rosenilde Terezinha Borges e ao Filho, Arthur Borges Kischener, pelo carinho e pela paciência desprendida neste período. Alicerces do coração, base da saúde mental, princípio e cernes da vida familiar, fonte de tudo e que a tudo ampara e solidifica, como deveria ser em Deus. Filho, perdão pelo tempo que utilizei na pesquisa e redação desta, quando poderia estar contigo, jogando bola ou desenhando, contando estórias, sendo e fortalecendo a relação Pai e Filho; Esposa, teu amor e teus carinhos, tua companhia, permitiram que não largasse as rédeas deste caminhar até o título, na empreitada de buscar alguma possibilidade de mobilidade social, garantia de vida decente a nossa família, a nosso amado e abençoado Filho. Meus amores, minha força e porto seguro, a positivação e ativação da serenidade, da força. Com vós o cansar não parecia tanto, o calor de Maringá

(e a frieza da cidade grande) era ameno, as dificuldades eram vencidas no curto tempo, a saudade da família no Rio Grande parecia ser menos doída. Apesar dos conflitos, o carinho diário funcionou como que um antídoto do bem, pois nos rejuvenescia e impulsionava a teimosa em permanecer em Maringá (e depois as mudanças), na peleja diária e com os dias sendo contados, nesses quatro anos, apesar da ideia de desistir nos momentos mais difíceis, vocês sempre me deram força para que a nossa jornada avançasse e, a busca a um lugar ao Sol prosseguisse, graças a Deus(!) não faltou amor, prevaleceu a família. Não teria conseguido sem vocês. MUITÍSSIMO AGRADECIDO!

“A sociologia está cheia de textos e estudos sobre ascensão social, sobre a gloriosa trajetória de camponeses, em boa parte imaginária, que se tornam operários e filhos de operários que se tornam doutores. Nunca vi, porém, nenhuma referência às dores, rupturas e dilaceramentos de vínculos com pessoas próximas e amadas, próprios de uma travessia que é de fato penosa, sofrida e amarga, demarcada por julgamentos depreciativos e interpretações degradantes como essa. A ascensão social é uma busca difusa em meio aos tormentos das separações e distanciamentos, o alto preço que se paga por mudar, até involuntariamente, de posição social. Um processo permeado por medos altruístas dos próximos e invejas egoístas dos distantes”⁴.

⁴ MARTINS, José de S. **Uma arqueologia da memória social**: autobiografia de um moleque de fábrica. Cotia: Ateliê Editorial, 2011b, p. 431.

Título: MARXISMO, MODERNIDADE E COTIDIANO EM JOSÉ DE SOUZA MARTINS: as temporalidades da história em descompasso

RESUMO

Esta tese versa sobre a produção bibliográfica acadêmica de José de Souza Martins, com o problema de pesquisa: existe um modelo de análise da sociedade e de desenvolvimento social que foi elaborado por Martins para explicar as temporalidades da Modernidade brasileira? Apresenta o objetivo de analisar a produção científica deste cientista social, em particular o modo teórico-conceitual (o marxismo humanista) de analisar os processos sociais e a interpretação geral sobre os comportamentos e processos sociais que elaborou (as temporalidades da Modernidade). A principal hipótese que se busca investigar é se o modelo sociológico desenvolvido na obra teórica e empírica deste autor apresenta resultados explicativos dos processos sociais, como a possibilidade (teórica e metodológica) de analisar os processos sociais a partir das práticas operadas pelos estratos e classes sociais dominadas, intituladas de “os mais simples”, em sua conceituação, e se essa “sociabilidade dos simples” permitiria, de fato, examinar os aspectos macros da sociedade brasileira. Se ampara a partir da análise da produção intelectual de Martins, de sua produção (artigos e livros), textos de jornais e entrevistas. Por fim, é possível afirmar que a obra de Martins, a partir da noção de temporalidades permite a interpretação da história brasileira na Modernidade, expondo os seus descompassos e ocultamentos próprios do desenvolvimento do capitalismo.

Palavras-chave: José de Souza Martins; Temporalidades; Modernidade brasileira; Marxismo; História.

**Title: MARXISM, MODERNITY AND EVERYDAY LIFE IN JOSÉ DE SOUZA
MARTINS: the temporalities of history out of step**

ABSTRACT

This thesis deals with the academic bibliographic production of José de Souza Martins, with the research problem: is there a model for the analysis of society and social development that was developed by Martins to explain the temporalities of Brazilian Modernity? It presents the objective of analyzing the scientific production of this social scientist, in particular the theoretical-conceptual way (humanist Marxism) of analyzing social processes and the general interpretation of the behaviors and social processes that he elaborated (the temporalities of Modernity). The main hypothesis that we seek to investigate is whether the sociological model developed in the theoretical and empirical work of this author presents explanatory results of social processes, such as the possibility (theoretical and methodological) of analyzing social processes from the practices operated by social strata and classes in their conceptualization, and whether this “sociability of the simple” would allow, in fact, to examine the macro aspects of Brazilian society. It is supported by the analysis of Martins' intellectual production, his production (articles and books), newspaper texts and interviews. Finally, it is possible to affirm that Martins' work, based on the notion of temporalities, allows the interpretation of Brazilian history in Modernity, exposing its mismatches and occultations characteristic of the development of capitalism.

Keywords: José de Souza Martins; Temporalities; Brazilian modernity; Marxism; History.

LISTA DE SIGLAS

ANPUH - Associação Nacional de História;

BCE - Biblioteca Central da UEM;

CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior;

CNPq - Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico;

COMUT - Serviço de Comutação Bibliográfica;

CPT - Comissão Pastoral da Terra;

FHC - Fernando Henrique Cardoso;

IAPI - Instituto de Aposentadorias e Pensões dos Industriários;

INCRA - Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária;

MATOPIBA - Maranhão, Tocantins, Piauí e Bahia;

MEGA - Marx-Engels Gesamtausgabe;

MEW - Marx-Engels Werke;

MST - Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra;

PCB - Partido Comunista do Brasil;

PPH-UEM - Programa de Pós-Graduação em História;

PSDB - Partido da Social Democracia Brasileira;

PT - Partido dos Trabalhadores;

RS - Rio Grande do Sul;

UEM - Universidade Estadual de Maringá;

UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul;

UnB - Universidade de Brasília;

Unicamp - Universidade Estadual de Campinas;

URSS - União das Repúblicas Socialistas Soviéticas;

USP - Universidade de São Paulo.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
Capítulo 1: SITUANDO O AUTOR E SUA OBRA	27
1.1 Martins enquanto objeto de pesquisa	46
1.2 Biografia breve do autor	49
Capítulo 2: OS TRÊS MARXISMOS (OU O CERNE TEÓRICO).....	59
2.1 Os dois marxismos de Alwin W. Gouldner	63
2.2 Marxismo brasileiro paradoxalmente se fortalece com a Ditadura ..	69
2.3 Historiografia do marxismo?	86
2.4 O marxismo humanista de José de Souza Martins.....	97
2.5 A contribuição de Henri Lefebvre	114
2.6 E o campesinato em Martins?.....	124
Capítulo 3: É POSSÍVEL UMA HISTÓRIA DA MODERNIDADE?	140
Capítulo 4: MODERNIDADE, HISTÓRIA, TEMPO E COTIDIANO.....	194
4.1 Modernidade.....	194
4.1.1 Uma certa ideia de Modernidade	194
4.1.2 A modernidade e o Brasil.....	199
4.1.3 A respeito da escravidão	208
4.1.4 A classe operária teórica e a brasileira.....	211
4.2 Um conceito de História em José de Souza Martins	224
4.2.1 Teses polêmicas a respeito da história brasileira	227
4.2.3 Questões de método na história?	233
4.2.4 O interesse pela História em José de Souza Martins	235
4.2.5 Sobre a memória.....	237
4.2.6 Florestan Fernandes para pensar um conceito de História	242
4.2.7 Sobre história.....	246
4.3 Temporalidades no fazer histórico.....	258
4.3.1 Temporalidades latentes.....	266

4.3.2 E quanto a uma história camponesa?	272
4.3.3 A terra e a renda na história brasileira.....	277
4.3.4 História e democracia brasileira.....	282
4.4 A vida cotidiana e a História	294
4.4.1 Definição de cotidiano?	300
4.4.2 Das diferentes formas espaciais do cotidiano.....	306
4.4.3 Temporalidade e cotidiano	310
4.4.4 Os excluídos e as temporalidades da História.....	320
4.4.5 Temporalidades, morte e História	324
CONSIDERAÇÕES FINAIS	333
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	342

INTRODUÇÃO

O estudo de toda a obra de José de Souza Martins, intento inicial da tese, ao longo dos quatro anos se mostrou empreitada inviável, especialmente porque durante a pesquisa careceu a exigência prévia de amplo domínio das áreas das ciências sociais, território formativo e de domínio e acréscimo de Martins.

Esse foi fator determinante mediante os limites de estudante egresso do curso de História, em curso de caráter introdutório como tem sido característica da maioria dos cursos de graduação, que transitam entre a precariedade (como bibliotecas limitadas e falta de professores etc.) e oferta de futuros professores (nessa estratégia erroneamente se acredita que não devam se aprofundar em teoria e, mais em métodos e técnicas pedagógicas).

José de Souza Martins tem produção consagrada nas ciências sociais. É cientista de renome, inclusive no exterior. No entanto, assevera-se, apesar de ter escrito obras de cunho interdisciplinar e mesmo histórico, percebe-se pouco interesse em sua obra entre os historiadores, ainda mais em programas de pós-graduação.

Trata-se, à primeira vista de um limite imposto a obra do autor a partir das generalizações de citações de sua obra, notadamente a parte mais voltada aos movimentos sociais em luta pela terra, do período mais nebuloso da história brasileira recente, a Ditadura civil-militar.

No entanto, sua obra é ampla. Mas dela se visualizam várias fases. A mais recente, provavelmente das mais frutíferas, que se estende do período de aposentadoria da Universidade de São Paulo até o tempo presente (novembro de 2021), como expõe em entrevista, demonstrando grande fôlego, em plena pandemia que assola o mundo, com mais três livros prontos a lançar.

São eles: *As Duas mortes de Francisca Júlia* (afirma que deveria ter saído esse ano pela Imprensa Oficial de São Paulo; informa que essa editora foi absorvida pela Companhia de Processamento de Dados daquele Estado e, por ora as publicações pendentes, na antiga editora, foram suspensas) e, outros dois, um sobre exclusão social e outro sobre escravidão por dívida (ambos ainda sem editor).

Nessa mesma entrevista expõe:

Vou fazer 83 anos de idade. Sou uma pessoa com acentuada consciência da finitude. Não gosto da ideia de morrer de repente e deixar um legado de reflexões inacabadas, de faltas de pistas para a compreensão do que escrevo. Acho de mau gosto morrer com uma omissão como essa. Coisa de autor presunçoso e preguiçoso.

[...]

A velhice me fez melhor do que eu achava que era. Tornei-me mais criativo porque descobri que a velhice não é uma idade de perdas e subtrações, mas uma idade de somas e multiplicações. A velhice é um capital existencial que me faz um bem enorme. Não estou ansioso por morrer nem conformado com a inevitabilidade da morte. Estou ansioso para ter direito a toda a velhice que me cabe, como justo prêmio por uma vida de trabalho. Eu não tive infância, porque as circunstâncias adversas da vida fizeram com que meu corpo de criança abrigasse, antes do tempo, o adulto do trabalho manual. Decidi reavê-la na velhice⁵.

Como exposto, o caminho trilhado depois das contribuições da banca de especialistas na qualificação desse doutoramento, foi por um recorte da obra martiniana.

Em dezembro de 2018, na época dos preparativos para a qualificação dessa tese, a produção científica e a história acadêmica e profissional do Professor Emérito (aposentado) da Universidade de São Paulo, José de Souza Martins, listava números impressionantes.

Totalizava 43 livros publicados: desse total, 34 livros próprios, com outras nove coletâneas nas quais foi o organizador.

Apenas entre outubro de 2014, quando foi lançado o seu principal “livro metodológico” (*Uma Sociologia da vida cotidiana*, Contexto), e os nossos dias, foram cinco os livros publicados – a colheita de uma fértil semente realizada ao longo de quase quarenta anos de disciplinado e profícuo trabalho como cientista social.

Adicionalmente, Martins é também autor de 67 capítulos de obras coletivas publicadas em diversos países, 96 artigos científicos publicados em

⁵ MARTINS, José de S. No limiar da noite (entrevista a Renata de Albuquerque). In: **Blog da Ateliê**, Cotia, online, s./p., 29/07/2021b, ênfase no original. Disponível em: <<https://blog.atelie.com.br/2021/07/no-limiar-da-noite/#.YRBO0Wlv8wA>>, acesso em 09/08/2021.

revistas especializadas, 29 resenhas de livros e, igualmente, escreveu o prefácio de 52 livros dedicados às Ciências Humanas.

Finalmente, como resultado de uma atividade iniciada nos últimos anos, é autor de 623 artigos sobre temas do cotidiano e da política publicados, em especial, no jornal *O Estado de São Paulo*.

Mais recentemente, o autor passou a publicar artigos semanais no jornal *Valor Econômico*.

Deixando de citar aspectos acadêmicos significativos adicionais, haveria outro cientista social brasileiro que poderia apresentar história acadêmica e produção científica com alguma similaridade quantitativa?

É improvável, em face de tal desenvoltura e a regularidade de sua produção científica.

Contudo, não obstante o fato, a influência sociológica do autor é ainda relativamente restrita e algumas razões poderiam ser especuladas, para justificar esse distanciamento entre a vasta produção acadêmica de um dos principais cientistas sociais brasileiros e sua capacidade de criar uma escola de seguidores.

A principal delas é que os ambientes empíricos majoritariamente trabalhados sociologicamente por José de Souza Martins são rurais e, por isso, equivocadamente, seus pares sempre entenderam ser ele um “sociólogo rural”.

No entanto, de acordo com Elide R. Bastos “[...] é possível perceber as vias analíticas por ele trilhadas e mostrar que, através da temática rural/agrário, Martins abre uma discussão ampla sobre a sociedade brasileira”⁶.

Não sendo uma disciplina plenamente amadurecida no Brasil, a Sociologia, em boa parte, deixou de perceber que o conjunto explicativo que Martins se valeu, ao longo dos anos, dos contextos rurais para, de fato, explicar sociologicamente a sociedade brasileira.

Pois, ainda que esse equivocado enquadramento sobre o rótulo de uma Sociologia tópica venha sendo suavizado com o passar do tempo e a impressionante envergadura (teórica e temática) de sua obra se torne mais conhecida, esse é rótulo que ainda reduz o alcance da produção do autor.

⁶ BASTOS, Elide R. Sociologia da sociedade brasileira. In: FREHSE, Fraya (Org.). **A sociologia enraizada de José de Souza Martins**. São Paulo: Com-Arte, 2018, p. 87-98; p. 87.

Ainda mais o alcance de sua obra, a recorrência de seus livros e as citações, que privilegiam essa fase dos “estudos rurais” de Martins.

Se ele estuda as áreas rurais, dela se depreende que se busca os indícios para o entendimento da sociedade inteira⁷, como o próprio Martins expõe quando estava iniciando a jornada “[...] a referência que aqui faço à ‘crise do Brasil agrário’ visa apenas a enfatizar o nódulo dessa crise fundamental da sociedade brasileira”⁸.

Além disso, Martins, tendo iniciado sua carreira de professor universitário na USP (Universidade de São Paulo) em 1965, sempre correlacionou suas leituras sobre os processos sociais com a leitura da História brasileira nesse último meio século de intensas transformações experimentadas pelo Brasil.

O conhecimento da História, portanto, é quase um pré-requisito para a compreensão da Sociologia desenvolvida por José de Souza Martins e, desta forma, sem aquelas informações históricas, é desafio ainda maior entender o desenvolvimento de suas ideias e argumentos principais.

A obra de Martins, segundo aqueles que já iniciaram o estudo de sua obra, parece ser expressivamente única, em comparação com as trajetórias científicas de outros cientistas sociais brasileiros.

Em suas pesquisas realizadas durante mais de trinta anos na Amazônia, por exemplo, o autor recolheu dez mil páginas de trabalho de campo, em uma região que antes parecia relativamente isolada, mas, nos últimos quarenta anos foi uma parte do Brasil que experimentou fortes transformações sociais, esse sendo um veio inesgotável de pesquisa que o autor explorou praticamente sozinho:

⁷ Quanto a sociedade: “[...] como e por que meios ela se constitui – o que forma sua base ou unidade fundamental? (Síntese). Por meio de quais processos e de que maneira a sociedade *muda*? Que fatores servem como ‘motores’ para a transformação? Existem regras subjacentes ao seu curso de desenvolvimento? (Dinâmica). A evolução das sociedades pode ser dirigida, controlada – ou, pelo menos, *influenciada* por atores sociais? (Praxis)”, in: ROSA, Hartmut. Society. In: BRUNKHORST, Hauke; KREIDE, Regina; LAFONT, Cristina. (Edits.) **The Habermas handbook**. New York: Columbia University Press, 2018, p. 627-631; p. 627, traduzido, itálico no original: “What is a society? That is, how and by what means does it constitute itself – what forms its basis or fundamental unity? (Synthesis). Through what processes and in what manner does society *change*? What factors serve as ‘motors’ for transformation? Are there rules underlying its course of development? (Dynamis). Can the evolution of societies be steered, controlled – or, at very least, *influenced* by social actors? (Praxis)”.

⁸ MARTINS, José de S. **A imigração e a crise do Brasil agrário**. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1973, p. 14.

Ao longo dos cerca de 20 anos em que colhi dados sobre os processos sociais envolvidos na questão amazônica, beneficiei-me da experiência singular da concepção de pesquisa científica que adotei, a de observar sociologicamente no vivencial, interagindo com os protagonistas do drama e tornando-me protagonista de conhecimento⁹.

A tese desenvolvida no Programa de Doutorado em História da Universidade Estadual de Maringá (UEM) debruça-se sobre essa excepcional produção científica.

São inúmeras as possibilidades analíticas ensejadas na vasta obra, daquelas mais abrangentes e relevantes para uma comunidade de cientistas sociais às mais específicas.

Entre as primeiras, buscou-se responder à pergunta: “existe um modelo de análise da sociedade e de desenvolvimento social que foi elaborado por José de Souza Martins para explicar as temporalidades da Modernidade brasileira? Se sim, qual é esse modelo?”.

Quanto ao modelo explicativo, é uma pergunta que há anos vem sendo apresentada por pesquisadores que admiram a produção daquele autor e pretendem se inspirar em sua Sociologia e leitura da História social brasileira, sem que tenha sido ainda apresentada uma análise circunstanciada e clara sobre os ingredientes analíticos do modelo proposto, por meio de revisão de literatura.

Já entre os temas mais específicos, também como exemplo, a discussão sobre a “renda da terra territorializada” que Martins propôs ainda nos anos 1970, como contraponto teórico a um debate que então floresceu entre autores marxistas que discutiam o desenvolvimento do capitalismo no campo (o famoso debate entre “capitalismo *versus* feudalismo” que dominou a discussão na década de 1960).

O rol de temas, subtemas e perguntas ainda não respondidas, de um lado, e as contribuições interpretativas produzidas por Martins, de outro lado, é enorme e a tese lida com uma parte do vasto mundo analítico que o Professor Emérito da USP já deixou registrado em seus livros publicados.

⁹ MARTINS, José de S. **A sociologia como aventura**: memórias. São Paulo: Editora Contexto, 2013a, p. 328.

Em se tratando disso, como é tema desafiador ao extremo, de dimensão gigantesca e de profundidade analítica de grande complexidade, o estudo proposto circunscreve-se a dois focos que, em si mesmos, já são suficientemente profundos e desafiadores.

Apresentar, ancorado na totalidade da produção científica de José de Souza Martins, o seu “modelo sociológico” (de base histórica) para interpretar a sociedade e os comportamentos sociais no que tange a desvelar as temporalidades da Modernidade brasileira, um processo de construção que aquele autor iniciou, ainda na década de 1970, e que foi sendo aperfeiçoado ao longo dos anos.

Em se tratando de pensar a profundidade que suas obras, no sentido que “[...] pensar é emitir singularidades, é lançar os dados”¹⁰, que nos lega do espaço empírico, em que pese a ausência de escritos sobre o rural por parte do autor nos últimos anos, ele alerta que

Os que lutam pelos trabalhadores rurais querem uma reforma agrária confiscatória e punitiva para o latifúndio. Esse é certamente o ponto que de modo mais claro revela uma certa anulação da concepção de história. No sentido de que os débitos do passado devem ser pagos agora¹¹.

Nesse caso, para ser justa, a história precisaria fazer justiça contra o que se considera latifúndio, mas não levando em conta as transformações recentes na agropecuária, a própria renovação do que seja a elite agrária e mesmo as estratégias dos movimentos sociais e os avanços nos direitos humanos e em legislação trabalhista.

Defende-se espécie de anacronismo, como fosse possível retroceder no tempo e reparar no *agora* o que o *ontem* fez, mais esse retorno não está prenhe no intento da transformação.

É como o exemplo dos manifestantes que recentemente atearam fogo na estátua do bandeirante Borba Gato localizada na cidade de São Paulo, denunciando esse ter sido assassino e escravista de indígenas.

¹⁰ DELEUZE, Gilles. **Foucault**. 5ª reimpr. Trad. Claudia S. Martins. São Paulo: Brasiliense, 2005, p. 125.

¹¹ MARTINS, José de S. **Reforma agrária: o impossível diálogo**. [1ª edição: 2000]. 1ª reimpressão. São Paulo: Edusp – Editora da Universidade de São Paulo, 2004 [Livro indicado para o Prêmio Jabuti de Ciências Humanas de 2002], p. 110.

Por outro lado, não se soube de iniciativa desses pelos indígenas vivos, que na pandemia viram sua situação piorar, a falta de alimentos, o cerco maior a suas terras etc. É como se o presente não contivesse motivações suficientes para mover esses revolucionários, pois para eles é no passado que deve mirar o acerto de contas com a história.

Seus escritos também nos oferecem uma interpretação e/ou pistas de que pensam os pobres, alheios e deixados de lado que são pela pesquisa universitária, normalmente, como assevera Martins: “Quem tem tudo não está preparado para entender o que pensa quem pensa o mundo e o interpreta na perspectiva da economia moral da migalha, do pouco que é muito”¹².

Martins relata a volta de sua família a roça e as consequências da estadia na cidade para uma família que era originária do campo:

Nossa origem parcialmente urbana desfigurara completamente a cultura caipira de meu padrasto e de minha mãe. Quando se volta para a roça, vimos ali, não se volta de fato para lugar nenhum, privados da valorização das regras de reciprocidade, tão fundamentais para todo caipira digno de nome. A cidade funciona como detergente de quase tudo que diz respeito à cultura da dádiva e da troca, aos rituais próprios da sociabilidade e da solidariedade camponesas. Isso não teria acontecido se meu padrasto tivesse conseguido reconstituir ali uma economia autárquica, propriamente caipira, em vez de ter orientado todos os seus esforços em direção ao mercado, que ele conhecia muito mal e com o qual não sabia lidar¹³.

A respeito da cultura caipira afirma que “Não é a cultura caipira apenas uma coleção de dados culturais, um elenco de informações folclóricas sobre um modo de ser, de viver e de pensar que discrepa do que é ‘oficialmente’ válido. É também um método de interpretação, uma chave para explicar mistérios antigos e decifrar mistérios novos”¹⁴.

Um saber visto como simples e que é, deveras, complexo, no sentido do que contém. Distante, nesse sentido, do acadêmico, onde a regra é seguir o excêntrico (e irônico) conselho de um dos maiores historiadores desse país:

¹² MARTINS, José de S. **A sociologia como aventura**, p. 25.

¹³ MARTINS, José de S. **Uma arqueologia da memória social**: autobiografia de um moleque de fábrica. Cotia: Ateliê Editorial, 2011b, p. 145.

¹⁴ MARTINS, José de S. **Uma arqueologia da memória social**, p. 183.

“[...] nunca diga de maneira simples o que pode ser dito de maneira complexa”¹⁵.

Do exposto, dos ambientes desvelados pelo autor, se suas opções metodológicas, as suas buscas e escolhas, mais adiante tratadas, talvez qualifiquem o estudo da obra do autor como justificativa dessa tese.

Em outras palavras, meramente como ilustração das possibilidades analíticas, como comparar a interpretação de José de Souza Martins com a tese do “novo padrão agrário e agrícola” defendida por Buainain e outros¹⁶, em trabalhos recentes? Tratam-se de dois modelos diversos, um fazendo sentido e, em grande parte, extasiado, pelo modelo agrícola que se impõe (mais expondo tecnologias e produção de riquezas) e o outro, em contraponto, propondo justamente expor as contradições deste nascente modelo já nos anos 1960, quando colonos sulistas começam a interiorizar o Brasil com a intensificação tecnológica e, a mais recente produção da soja sendo o carro-chefe.

A tese pretende investigar sistematicamente a produção científica do sociólogo José de Souza Martins, desde a sua entrada na Universidade de São Paulo (1965), com ênfase em dois focos principais: primeiramente, a evidenciação do seu modelo de interpretação da sociedade que foi sendo construído ao longo dos anos, que expõe as temporalidades da história brasileira, e em segundo lugar, em especial, com o foco em seu marxismo, o dito humanista.

O problema de pesquisa: será que as temporalidades da obra martiniana advindas de seu viés humanista do marxismo explicam a sociedade brasileira?

O objetivo geral desta tese é analisar a produção científica do cientista social José de Souza Martins, em particular o modo teórico-conceitual (marxismo humanista) de analisar os processos sociais e a interpretação geral sobre os comportamentos e processos sociais que elaborou (as temporalidades da Modernidade) e foi sendo consolidado ao longo de sua extensa produção científica.

¹⁵ CARVALHO, José M. de. **Pecado original da república**: debates, personagens e eventos para compreender o Brasil. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2017, p. 280.

¹⁶ BUAINAIN, Antônio M.; ALVES, Eliseu R. de A.; SILVEIRA, José M. da.; NAVARRO, Zander S. de. (Eds. técs.). **O mundo rural no Brasil do século 21. A formação de um novo padrão agrário e agrícola**. Brasília: Embrapa, 2014.

1 - Categorizar e analisar a produção sociológica de José de Souza Martins;

2 - Apresentar o modelo de interpretação sobre a história social brasileira desenvolvido pelo autor em suas diversas obras.

Ainda como exercício preliminar, a principal hipótese de trabalho da tese afirma que o modelo sociológico desenvolvido na obra teórica e empírica de José de Souza Martins apresenta resultados explicativos dos processos sociais que são lógicos, convincentes e inovadores, entre esses a possibilidade (teórica e metodológica) de analisar os processos sociais a partir das práticas operadas pelos estratos e classes sociais dominadas, intituladas de “os mais simples” na conceituação do autor.

Essa “sociabilidade dos simples” permitiria, de fato, examinar os aspectos macros da sociedade brasileira e a pesquisa pretende testar essa hipótese.

Ressalta-se que as edições de livros de autoria de José de Souza Martins citadas nessa tese (constam em “referências”) que se teve acesso, lembrando ao leitor que algumas dessas obras tiveram novas edições lançadas posteriormente às que se utiliza nessa escrita.

Há o risco de perder aspectos dessas novas edições, pois constitui espécie de tradição de Martins em reedições ampliar, rever e reformular os seus textos.

O caso exemplar nesse sentido é a obra “O poder do atraso (Ensaios de Sociologia da história lenta)” de 1994 e que teve espécie de “2ª edição” em 2011 com novo título “A política do Brasil lúmpen e místico” (nesse caso, se utilizou dos dois livros na escrita).

A leitura da obra de Martins se deu mais ao menos seguindo sua cronologia de escrita original e, às vezes, com temas que mais prendiam atenção, como no caso das obras mais recentes, menos carregadas da escrita e de termos marxistas mais característicos da fase inicial.

Noutras o acesso, em alguns casos, foi grande a dificuldade em encontrar em bibliotecas e na internet, assim, pelas circunstâncias, de certo

modo desconsiderou-se o conselho do manual de Bauer “Como educar a sua mente”, que é “[...] leia os livros na ordem cronológica em que foram escritos”¹⁷.

Nessa linha, de acordo com Souza, “*Grosso modo*, pode-se dizer que há três modalidades básicas de pesquisa: de campo, experimental e bibliográfica” e, em se tratando dessa última, caso dessa tese, que é o de “[...] perquirição de documentos bibliográficos, isto é, livros e impressos em geral”, bem como “[...] a habilidade de ler constitui, por definição, o meio para o desenvolvimento de tal modalidade”¹⁸, o autor cita três níveis de leitura possíveis: o exploratório, o analítico e o comparativo.

A respeito da pesquisa bibliográfica, informa Martins em entrevista como se *iniciou* na leitura:

Só quando tive meios pude, finalmente, adquirir os livros e lê-los com cuidado, fazendo anotações e releituras. Talvez por isso meus livros estejam completamente marcados com lápis de cor vermelha, roxa e verde, da cor quente para a cor fria, para neles destacar hierarquicamente os argumentos. Para mim, o livro é uma ferramenta de trabalho, como eram os instrumentos com os quais lidava na primeira fábrica onde trabalhei quando menino. Não tenho livros para colecioná-los e sim para lê-los, estudá-los¹⁹.

No nível exploratório, a partir dos detalhes à primeira vista, e “[...] de modo rápido e prático, ter uma ideia genérica bastante razoável acerca do conteúdo e da importância do livro em questão”²⁰ e, se vale a pena ler, quem sabe não, assim se economiza tempo.

A leitura analítica, por sua vez, tem como objetivo “[...] localizar e assinalar os argumentos-chave, a terminologia técnica empregada, bem como as relações lógicas de subordinação e coordenação entretidas pelos diversos argumentos e termos técnicos de que se constrói o texto”²¹.

Nessa técnica é preciso fazer sinalizações ao longo do texto, nos trechos ou palavras-chave a critério do leitor e seu grau de apreensão ou

¹⁷ BAUER, Susan W. **Como educar sua mente**: o guia para ler e entender grandes autores. Trad. Gabriele Gregersen. São Paulo: É Realizações, 2015, p. 29.

¹⁸ SOUZA, Roberto A. de. **Um pouco de método**: nos estudos literários em particular, com extensão às humanidades em geral. São Paulo: É Realizações, 2016, p. 80.

¹⁹ MARTINS, José de S. José: esboço de figura. Entrevista a Antonio Motta. **Política & Trabalho**, João Pessoa, n. 39, p. 23-58, out., 2013b; p. 44.

²⁰ SOUZA, Roberto A. de. **Um pouco de método**, p. 82.

²¹ SOUZA, Roberto A. de. **Um pouco de método**, p. 83.

mesmo em tentativas de síntese, para também deixar um caminho para releituras futuras e, dependendo da complexidade da obra, necessárias.

E por fim, a leitura comparativa, que é o “[...] cotejo de múltiplas fontes de informação bibliográfica, tendo em vista equacionar ou solucionar a questão formulada no processo da pesquisa”²².

Quanto a forma de escrita desta tese, adere-se ao conselho de Georg Simmel de que

[...] a história mais requintada, mais sociável, é aquela na qual o narrador esconde sua personalidade; a história perfeitamente contada se mantém no feliz ponto de equilíbrio da ética sociável, no qual tanto o individual subjetivo como o conteúdo objetivo se dissolvem totalmente em prol da forma pura de sociabilidade²³.

Transgrediu-se um pouco essa regra ideal²⁴ de escrita simmeliana. Em alguns pontos que o leitor há de observar: no sentido de ora aparecer, no intuito de tomar posição ou demarcar simpatia, ao menos, à determinado tema que exige, a despeito da isenção de neutralidade na escrita acadêmica, a todos nós tomar alguma posição. E ora com o intento de se aproximar do grande autor, José de Souza Martins, atendendo à solicitação da banca de defesa final (portanto, esse trecho da escrita corresponde a redação final pós-banca) tendo

²² SOUZA, Roberto A. de. **Um pouco de método**, p. 88.

²³ SIMMEL, Georg. **Questões fundamentais da sociologia**: indivíduo e sociedade. Trad. Pedro Caldas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006a, p. 77.

²⁴ Na linha da transgressão a essa regra ideal, Pierre Lantz afirma que “Orgulhando-se de atender aos critérios de legitimidade da Ciência em geral, as Ciências Humanas tendem a estabelecer uma hierarquia entre as publicações científicas e as consideradas secundárias, nas quais o ‘cientista’ é informado em primeira pessoa. Os critérios de validade do conhecimento científico (objetividade e universalidade do conhecimento), unidos a uma tradição jansenista (‘o eu é odioso’) e, de maneira mais geral, à ideia de que a ciência é uma vocação, um apelo à o que não é e que tem mais valor que a si mesmo, se combina para recusar que a ciência possa ser escrita na primeira pessoa; um truísmo assombra a ‘cidade científica’: quando um pesquisador escreve uma história, ela deve se limitar aos procedimentos usados para construir o protocolo experimental, os ‘humores’ do pesquisador não devem ser evocados”, in: LANTZ, Pierre. À quelle personne parler? **L’Homme et la société**, Paris, n. 116, p. 51-57, 1995; p. 51, traduzido: “En se targuant de répondre aux critères de légitimité des Sciences en général, les Sciences humaines tendent à établir une hiérarchie entre les publications scientifiques et celles, considérées comme secondaires, où le ‘savant’ se raconte à la première personne. Les critères de validité des connaissances scientifiques (objectivité et universalité de la connaissance), unis à une tradition janséniste (‘le moi est haïssable’) et, plus généralement, l’idée que la science relève de la vocation, d’un appel vers ce qu’on n’est pas et qui a plus de valeur que soi, se conjuguent pour refuser que la science puisse s’écrire à la première personne ; un truisme hante la ‘cité scientifique’ : quand un chercheur lait un récit, celui-ci doit se limiter aux procédures utilisées pour construire le protocole d’expérience, les ‘états d’âme’ du chercheur ne doivent pas être évoqués”.

como justificativa certa proximidade ou semelhança de Martins e eu, em nossas trajetórias de vida e opções de pesquisa, pelo menos.

Pode-se perceber a evolução da escrita do autor. O que se denota ao longo de toda a carreira e até pela citação e referência em seus livros da obra de Marx (conferir o subitem) é que Martins é um autor marxista, que aderiu aos pressupostos gerais da teoria formulada pelo autor alemão, mas mais próxima a ele do que a maioria que prefere se identificar como marxista, pois nosso autor afirma que segue a sociologia marxiana.

Por fim, a despeito das transformações ocorridas no *fazer histórico*, José Murilo de Carvalho afirma que “O historiador ainda mantém, como seu território próprio, a preocupação com a *temporalidade* e a indispensabilidade do *documento*”²⁵; nesse sentido, para esta tese, é o tempo de vida acadêmico de José de Souza Martins a partir de sua produção.

Essa tese busca no primeiro capítulo situar Martins e sua obra.

No segundo capítulo, os três marxismos, onde destaca-se a constituição acadêmica, as influências da obra martiniana, e explicita aquele que é o marxismo de José de Souza Martins, o marxismo humanista.

O terceiro, a busca por uma história da modernidade; os autores e a discussão em torno do tema a partir de recorte bibliográfico para chegar ao entendimento do que seja o processo de constituição e realização moderna no Brasil, nas suas diferentes temporalidades.

No quarto capítulo, a união da obra de José de Souza Martins em debate com as referências dos autores mais inclinados ao que se poderia categorizar como o marxismo humanista e o tema da Modernidade, a partir de quatro grandes temas: a modernidade, a história, as temporalidades (o tempo histórico) e o cotidiano.

²⁵ CARVALHO, José M. de. O historiador às vésperas do terceiro milênio. **Phoënix**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 1, p. 9-22, 1997; p. 20, itálicos acrescentados.

Capítulo 1: SITUANDO O AUTOR E SUA OBRA

Essa tese procurar expor a teste as ideias de José de Souza Martins, dentro da perspectiva da História Política especialmente – e refletir sobre a profundidade e possibilidade destas em dar conta de explicar o Brasil.

Para tanto, o autor é estudado em sua produção acadêmica centrada principalmente em seus livros de autoria, procurando perceber como a academia tem dialogado e percebido o potencial explicativo contido em sua obra. A construção dessa análise se dará a partir do universo *martiniano* associado a outras pesquisas e contribuições teóricas.

Em meio ao consenso em citar nomes e obras-sínteses como a de Antonio Candido (*Os parceiros do Rio Bonito*), Euclides da Cunha (*Os sertões*), Caio Prado Júnior (*Formação do Brasil contemporâneo*), Alberto Torres (*O problema nacional brasileiro*) e Gilberto Freyre (*Casa grande e senzala*), dentre outros, por parte de seu entrevistador, Martins comenta: “Os ensaístas sociais e políticos procuravam descobrir o Brasil real que se escondia por trás da ficção do país-Estado”²⁶.

Nesse sentido, pode-se entender que essa também tem sido a busca de Martins, apesar do autor não ter uma obra única (um livro) vista como de síntese a exemplo dos consagrados autores nacionais antes citados.

Mas talvez, o conjunto de sua obra traduza essa ideia de busca da *descoberta* de um país que ainda se esconde, muitas vezes – e o que denota o quanto ainda se pode avançar em pesquisas –, sobre as opções metodológicas dos pesquisadores.

No período recente a história brasileira tem sido sacudida por acontecimentos políticos que dão conta que essa é uma história de repetições, de mais do mesmo, da *história lenta* no dizer de Martins em sua obra “O poder do atraso”²⁷, nas diferentes temporalidades daqueles que a vivem, são tempos de instabilidade na política e, como essa respinga em quase todos os aspectos da vida social.

²⁶ MARTINS, José de S. **Florestan**: sociologia e consciência social no Brasil. São Paulo: Edusp - Editora da Universidade de São Paulo/Fapesp, 1998, p. 124.

²⁷ MARTINS, José de S. **O poder do atraso**: ensaios de sociologia da história lenta. São Paulo: Editora Hucitec 1994. [Reedição revista e ampliada com o título de A política do Brasil lúmpen e místico. São Paulo: Editora Contexto, 2011].

Respinga inclusive nas autoridades governamentais que comandam a vida social. Estranho seria se não fosse assim em país que se funda nesse paradigma: o da *contradição*. Nesse sentido, atesta Rodrigo Trespach quanto ao governante republicano que por mais tempo esteve à frente do país: “Vargas era uma contradição só, e poucos personagens históricos brasileiros exercitaram tão profundamente a dualidade da condição humana quanto ele”²⁸.

A todos interessa e move, nas mais diversas formas de paixão, mesmo na academia e mostra-nos “[...] as incompatibilidades entre a temporalidade do Estado e a temporalidade da sociedade, por certo; a constatação de que o desejo preside as mobilizações, mais que a mera necessidade”²⁹.

Como assinala Bucci antes, a respeito das manifestações de junho de 2013 que muitos vêm como o início da saída do Partido dos Trabalhadores (PT) do poder e que se aproxima da percepção da temporalidade da sociedade brasileira que tem sido destacada em toda a obra de José de Souza Martins, qual seja, a força persistente do autoritarismo e do paternalismo brasileiros.

Quanto ao tempo para a história, para o historiador, Jacques Le Goff assinala que

[...] o tempo histórico é composto de vários “tempos”. Essas múltiplas noções de tempo estão ligadas a uma sensação de diferentes ritmos evolutivos, à importância da memória e ao tempo como uma duração experimentada. As práticas sociais e culturais do tempo são mais importantes que a rigidez de qualquer cronologia³⁰.

Escrevendo sobre a sociedade brasileira, Martins a entende dentro do modo de produção capitalista, afirma que esse estilo tanto pode estar no senso comum quanto ao conhecimento científico, na sua forma de pensar, que nada

²⁸ TRESPACH, Rodrigo. **Histórias não (ou mal) contadas**: revoltas, golpes e revoluções no Brasil. Rio de Janeiro: Harper Collins, 2017, p. 173.

²⁹ BUCCI, Eugênio. **A forma bruta dos protestos**: das manifestações de junho de 2013 à queda de Dilma Rousseff em 2016. São Paulo: Companhia das Letras, 2016, p. 169.

³⁰ LE GOFF, Jacques. Time: the splintered continuum. **India International Centre Quarterly**, New Delhi, v. 15, n. 2, p. 1-14, summer, 1988; p. 4, traduzido: “[...] historic time is composed of multiple ‘times’. These multiple notions of time are linked to a sense of different evolutionary rhythms, to the importance of memory and to time as an experienced duration. Social and cultural practices of time are more important than the rigidities of any chronology”.

mais é do que o “[...] modo de pensar necessário à reprodução do capitalismo”³¹.

A respeito das citadas manifestações, em consonância com o que se escreveu no último parágrafo, Martins comenta a respeito da multidão e da desordem dessa: “Destituída de uma meta social de orientação, construtiva, a multidão não é política, não negocia com a sociedade, não reconhece a legitimidade do outro”, bem como “[...] não se vê na mediação das estruturas sociais e políticas nem na busca do consenso que possa abrigar suas demandas, porque no geral irracionais”³².

Mediante essa constatação, Martins acaba por ser pessimista, pois segundo ele, o indicativo da “[...] frequência de ações antissociais da multidão em nosso cotidiano, as dificuldades para que a lei se imponha e mesmo a leniência, a omissão e até a cumplicidade dos que deveriam fazê-lo são um preocupante indício de que a desordem já se transformou entre nós numa instituição”³³.

A esse respeito, Soares comenta sua atuação quando Subsecretário de Segurança e Coordenador de Segurança, Justiça e Cidadania do Estado do Rio de Janeiro, afirma que geralmente a lei é apenas um objetivo de campanha eleitoral, “No Rio, nós nos esforçávamos para que ela se tornasse política de Estado”³⁴.

Pensando a história do tempo presente – e, talvez “Não ha definitiva história de contemporaneos”³⁵ como assinalou Pedro Calmon – quanto às manifestações de rua de 2013, que afirma serem antipartidárias, as quais associa as ocorridas em novembro e dezembro de 2015, praticadas por adolescentes em São Paulo:

Estamos entrando numa nova era, a do que poderá se chamar de “qualquerismo”, isto é, a dominada pela figura do homem qualquer, o qualquer um, indiferençado, massificado e

³¹ MARTINS, José de S. **Sobre o modo capitalista de pensar**. [1a. edição: 1978], 4a. edição. São Paulo: Editora Hucitec, 1986, p. IX.

³² MARTINS, José de S. **Linchamentos**: a justiça popular no Brasil. São Paulo: Editora Contexto, 2015b, p. 127.

³³ MARTINS, José de S. **Linchamentos**, p. 127.

³⁴ SOARES, Luiz E. **Meu casaco de general**: quinhentos dias no front da segurança pública do Rio de Janeiro. São Paulo: Companhia das Letras, 2000, p. 398.

³⁵ CALMON, Pedro. **História social do Brasil 3º tomo**: a época republicana. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1939, p. XIII.

fragmentado. O homem reduzido ao empenho de viver o agora, indiferente à ideia de destino coletivo, em conflito com as mediações da ação política. Na horizontalidade de sua visão de mundo, em relação de negação com os marcos de referência da história social, empenhado em refazer a história a partir da zerificação do processo histórico³⁶.

Nas tentativas e ou intentos de reduzir o processo histórico, como se isso fosse possível e, demonstrando o grau de politização (ou a ausência desse) em nossa sociedade, Martins afirma que “[...] multidão que interpreta a política com o coração, e não com a razão, perdida nos ermos rurais e urbanos da inclusão perversa”³⁷.

Mas destaque-se, a despeito dessa visão do autor, há consenso quanto a permanência propriamente daquilo que José de Souza Martins destacou como o *poder do atraso*³⁸ no Brasil, o paternalismo e o autoritarismo na política e na vida social que, talvez, não permitem nascer o novo, a consciência social para além do *qualquerismo* ou da *zerificação* da história como alega Martins.

A respeito de importar autores, uma de suas ex-alunas comenta a respeito de aula magna³⁹ proferida por Martins na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) em março de 2012, quando defendeu, se voltasse a ser professor de Sociologia, a necessidade de primeiramente apresentar aos alunos de sociologia textos de literatura, como os de Machado de Assis e José Lins do Rego, pois “[...] a literatura brasileira⁴⁰ fala da vida social, e de suas disjunções, de outro modo, diferentemente dos textos clássicos de sociologia, voltados para o pensamento europeu”⁴¹.

José de Souza Martins vem construindo a já extensa carreira acadêmica há quase seis décadas, desde os anos 50 (século passado) quando da entrada na USP (Universidade de São Paulo), percorrendo diferentes ambientes de

³⁶ MARTINS, José de S. **Do PT das lutas sociais ao PT do poder**. São Paulo: Editora Contexto, 2016, p. 21-2.

³⁷ MARTINS, José de S. **Do PT das lutas sociais ao PT do poder**, p. 115.

³⁸ MARTINS, José de S. **O poder do atraso: ensaios de sociologia da história lenta**. São Paulo: Editora Hucitec 1994.

³⁹ Está disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=aK1_5Epp3Bw>. Acesso em 08/04/2019.

⁴⁰ A esse respeito e anteriormente escreveu Leandro Konder: “Um marxista brasileiro, desde que não seja muito preconceituoso, tem muito a aprender com Machado de Assis (1839-1908) e Lima Barreto (1881-1922), além de Graciliano Ramos (1892-1953) e Guimarães Rosa (1908-1967)”, in: KONDER, Leandro. **Em torno de Marx**. 1ª ed., 1ª reimpr. São Paulo: Boitempo, 2011, p. 118.

⁴¹ NASCIMENTO, Silvana de S. Aprender antropologia pelo olhar sociológico e subterrâneo de José de Souza Martins. **Política & Trabalho**, João Pessoa, n. 39, p. 95-100, out., 2013; p. 98.

pesquisa, nas mais diferentes regiões do Brasil, e com os diferentes grupos sociais de onde se sobressaem camponeses e indígenas.

De outra maneira, são os diferentes grupos com autodenominações que respondem às características de como se relacionam com a terra em suas localidades (os camponeses) e, os povos originários (indígenas), que aqui estavam desde a chegada dos portugueses em 1500 e, que têm sofrido toda sorte de ataques de invasores, posseiros e grandes empresários do campo e da cidade, indústrias e *estranhos* que adentram seu espaço para fazer pesquisa, a despeito disso esses povos têm manifestado incrível capacidade de resiliência e propondo a sociedade a sua pauta e o seu projeto de vida.

Nesse sentido, camponês brasileiro aqui, antes que se classifique esse texto como seguidor daquela linha que vê campesinato em tudo, o seu ressurgimento ou a sua recampesinização como desejam certos autores, como Ploeg⁴² e Wanderley^{43/44}, dentre outros, especialmente aqueles ligados aos movimentos sociais.

Nessa escrita se faz proveito da palavra camponês em assentimento ao que defende Martins, que faz uso da expressão comum “[...] na boa tradição das línguas latino-americanas, certo de que isso não confundiria as pessoas inteligentes, não lhes sugerindo que se trata do camponês europeu pré-capitalista”⁴⁵.

Portanto, camponês como o homem do campo, que trabalha na terra e com os animais, com a perspectiva atual inclusive de exportar commodities, mas se beneficiando do vínculo familiar e menos aquele que era como o saco

⁴² PLOEG, Jan D. van der. **Camponeses e impérios alimentares: lutas por autonomia e sustentabilidade na era da globalização**. Trad. Rita Pereira. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008.

⁴³ WANDERLEY, Maria de N. B. **O mundo rural como espaço de vida: reflexões sobre a propriedade da terra, agricultura familiar e ruralidade**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

⁴⁴ A respeito dessa autora, em especial sobre o capítulo “O camponês: um trabalhador para o capital”, José de Souza Martins afirma: “Ela dá um balanço ligeiro nas várias interpretações, de diferentes autores, para responder a três perguntas: ‘Pequeno produtor ou trabalhador rural? Autonomia ou subordinação? Eliminação ou reprodução?’. Em seguida, apresenta um conjunto de suposições que constituem a sua proposta de interpretação teórica, para finalmente expor a sua concepção do que é o campesinato no Brasil. A pesquisa, porém, que sustentaria suas hipóteses não é ainda conhecida”, in: MARTINS, José de S. **A reforma agrária e os limites da democracia na "Nova República"**. São Paulo: Editora Hucitec, 1986a, p. 117.

⁴⁵ MARTINS, José de S. **A militarização da questão agrária no Brasil. Terra e poder: o problema da terra na crise política**. [1a. edição: 1984], 2a. edição. Petrópolis: Editora Vozes, 1985, p. 12.

de *batatas*⁴⁶ que não para em pé (por não se organizar) ou deveria estar prenhe de concepções revolucionárias (como sugerem os movimentos sociais) como que substituto do operário idealizado na teoria marxista.

Suas principais obras talvez sejam, pelo número de citações em perfil com seu nome no site *Google Acadêmico*, em 12 de dezembro de 2018 são: “O cativo da terra”, com 1.473, “Os camponeses e a política no Brasil”, com 1.280, “Exclusão social e a nova desigualdade”, com 1.193 e “Fronteira”, com 1.121.

A maioria de suas obras e escritos (capítulos) têm tido grande percentual de referência, o que atestam as 15.892 vezes que autor foi utilizado, isso nos trabalhos que estão na rede mundial de computadores (de 1986 a 2019, conforme informa tabela que consta no referido perfil) e que o sistema vasculha (é provável que ocorram citações também em trabalhos não postados na rede).

No entanto, é significativo que uma obra do potencial de “Uma sociologia da vida cotidiana” que pode ser visto como de perfil metodológico não contenha números no perfil do Google Acadêmico (ou Google Scholar)⁴⁷, muito embora lá conste que “Nenhum e-mail foi confirmado”, o que indica que o mesmo pode não ter sido criado pelo autor.

Em seu *Lattes* aparecem pouquíssimas orientações. Um mistério, que talvez se explique nesse trecho de uma de suas ex-alunas, que informa que foi buscar sua orientação em meados dos anos 1990 quando esse retornava da Universidade de Cambridge, onde atuara como professor catedrático: “Apesar de, naquele momento, o professor não aceitar orientar formalmente estudantes, e recusar-se a se submeter aos processos burocráticos acadêmicos, posso dizer que ele foi meu primeiro orientador”⁴⁸.

Ou nessa outra tentativa, da mesma forma, “Aproximei-me de Martins buscando um orientador, ele não aceitou, mas como não aceitava ninguém mesmo, isso não foi motivo de ressentimento”⁴⁹.

⁴⁶ MARX, Karl. **O 18 de brumário de Luís Bonaparte**. Trad. Nélcio Schneider. São Paulo: Boitempo, 2011, p. 142.

⁴⁷ Disponível em <<https://scholar.google.com.br/citations?user=lzfd9T0AAAAJ&hl=pt-BR>>. Acesso em 15/12/2018.

⁴⁸ NASCIMENTO, Silvana de S. Aprender antropologia pelo olhar sociológico e subterrâneo de José de Souza Martins, p. 96.

⁴⁹ GARCIA, Loreley. A experiência de ser aluna de Martins, ou a reprodução ampliada da sociologia. **Política & Trabalho**, João Pessoa, n. 39, p. 91-93, out., 2013; p. 92.

Se poderia levantar hipóteses se tão extensa e produtiva carreira acadêmica (no sentido da quantidade de livros/obras lançadas) teria se beneficiado de alguma forma do fato de Martins praticamente não exibir orientações em seu *Lattes*, o que é incomum para um pesquisador de sua envergadura, ao menos em comparação com os considerados grandes nomes da atualidade, que os próprios órgãos de fomento à pesquisa classificam, tais como “Bolsista produtividade 1A do CNPq⁵⁰”.

Provavelmente a máxima relevância reconhecida entre os grandes pesquisadores brasileiros e oferecida por essa instituição ou como o próprio Martins exibe em seu *lattes*: “Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq - Nível SR”, possivelmente para os pesquisadores aposentados, nível sênior.

Podem ser constatadas em seu currículo disponibilizado na Plataforma *Lattes*⁵¹, apenas oito orientações de Mestrado, a primeira em 1974 e a última em 1989, foram seus orientandos, pela ordem crescente: Jessita Maria Nogueira Moutinho, José Vicente Tavares dos Santos, Carlos Correia Teixeira, Vera Lucia Michalany Chaia, Luiz Noboru Muramatsu, Lais Wendel Abramo, Suzana Sochaczwski Evelyn e Ana Cristina Arantes Nasser. Constam apenas quatro alunos como seus orientados a nível de Doutorado, sendo que a primeira orientação se deu com a defesa em 1974 e a última em 1984: Carlos Rodrigues Brandão, Luiz Eduardo Waldemarin Wanderley, Helena Lewin e Margarida Maria Moura.

Nesse sentido, é visível que José de Souza Martins praticamente não tem conseguido formar uma tradição sociológica e formar seguidores, como muitos do seu nível conseguiram em outros países.

Apesar de sua contribuição sociológica, inovadora e relevante, de estar vinculado a maior universidade brasileira, sua obra não tem conseguido penetrar no seio acadêmico para além das citações e, como se demonstrou acima, esparsas orientações. Quando comparado a outros autores, talvez sua obra tenha encontrado limites na língua portuguesa.

O próprio Martins expõe pistas a respeito de como entende a relação orientação-aluno:

⁵⁰ Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico.

⁵¹ Disponível em: <<http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4783054A6>>. Acesso em 16/03/2019.

Uma tese não é uma lição de casa. A pós depende, também, de maturidade, de competência para tomar decisões apropriadas aos dilemas que se apresentam no correr da pesquisa e da redação da tese. Muitos acham, equivocadamente, que o orientador tem a obrigação de “dar papinha na boca do nenê”. Puro engano. O orientador é um interlocutor. Se o aluno não sabe fazer e fundamentar as perguntas das sessões de orientação, não só estará perdendo tempo, como estará tomando tempo⁵².

Provavelmente Martins está a se referir também a sua própria formação, especialmente no tocante as pós-graduações que fez a nível de Mestrado e Doutorado, ambas com bastante autonomia, meio que impostas e, de pronto, pelo que se sabe, aceitas por ele, desafios que relembra em seus livros de memória ou autobiográficos, ocasiões que se desenvolveram nos tempos difíceis da Ditadura brasileira, em ambos os casos fez aquilo que não havia imaginado ou pesquisado, tampouco com a orientação que desejava.

Nesse sentido, respondendo a entrevista, comenta Martins: “[...] decidi retocar o relatório sobre Matarazzo, para publicar como artigo, e mostrá-lo ao professor Florestan [Fernandes]. Ele o leu e sugeriu que eu o desenvolvesse e transformasse na dissertação de mestrado”, quase seguindo o mesmo roteiro, entre os imprevistos da conjuntura da época e os apuros que essa impunha, “Acabei fazendo o doutorado com base no material de uma pesquisa paralela sobre o antigo núcleo colonial de São Caetano, uma pesquisa histórica”⁵³.

Seja por suas próprias opções, sejam as de sua família, mesmo a ampliada, anteriormente nos processos de migrações entre países, origens espanhola e portuguesa, sua vida seguia um rumo imprevisível, e o que poderia fazer perante esse imponderável estava em suas mãos, ou como afirma Gilmar de Carvalho: “O ir e vir é contínuo. Faria parte de nossa condição de decaídos?”⁵⁴.

⁵² MARTINS, José de S. **A sociologia como aventura: memórias**. São Paulo: Editora Contexto, 2013a, p. 31.

⁵³ MARTINS, José de S. **Florestan: sociologia e consciência social no Brasil**. São Paulo: Edusp - Editora da Universidade de São Paulo/Fapesp, 1998, p. 112-3.

⁵⁴ CARVALHO, Gilmar de. Migrações, narrativas e sertão (o caso do cordel). **Revista de Ciências Sociais**, Fortaleza, v. 38, n. 1, p. 14-18, 2007; p. 17.

E, em seu esforço, assim “Tanto no mestrado quanto no doutorado, a conclusão dos trabalhos foi possível porque desde a adolescência e desde a escola secundária as circunstâncias difíceis me tornaram um autodidata”⁵⁵.

Talvez uma outra pista poderia apontar que, por problemas com o seu Departamento, insensível ao tipo de pesquisa que fazia na Amazônica (e será por isso que Martins não aceitava as orientações?), quase foi para a UnB (Universidade de Brasília): “Considerarei seriamente a possibilidade de aceitar um excelente convite do professor Roberto Cardoso de Oliveira para deixar a USP e me tornar professor da Universidade de Brasília”⁵⁶.

Suas ideias, aos leitores mais apressados ou que estão adentrando sua obra, são vistas como a de um sociólogo rural, por seu envolvimento junto a organizações de base e movimentos sociais poderia lhe alçar ao entendimento de que se trata de intelectual distinto, com teoria e prática, no entanto, por sua participação no Governo de Fernando Henrique Cardoso (FHC), muitas vezes é visto como contrário ao PT.

Sua produção é sem margem muito definidas, isto é, sua escrita transita fácil entre as mais diversas áreas do conhecimento acadêmico sem se perder e cair no vício do ecletismo, pois “[...] a *história pura* é intrinsecamente literária, como simplicidade, precisão, clareza são literárias”⁵⁷ conforme Ivan Jablonka. Ao contrário, quanto a escrita de Martins, é profunda e desafiadora, tal como o desafio que se apresenta nesta tese, associar a Sociologia, área demarcada como a do autor e a História deste que vos escreve.

A História Política e a Sociologia se entrelaçam na escrita desta tese como espécie de contraponto tributário também de outras leituras do autor, na tentativa de senão casar o historiador e o sociólogo (seja em formação acadêmica, seja em influência de leituras) na perspectiva que asseveram o sociólogo Bourdieu em diálogo com o historiador Chartier, em pequena mas significativa obra.

Nessa, o primeiro assegura que do lado da história “[...] a distância temporal tem uma virtude de neutralização – aliás, conhecida por todo o

⁵⁵ MARTINS, José de S. **A sociologia como aventura**, p. 228.

⁵⁶ MARTINS, José de S. **A sociologia como aventura**, p. 179-80.

⁵⁷ JABLONKA, Ivan. **La historia es una literatura contemporánea**: manifiesto por las ciencias sociales. Trad. Horacio Pons. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2016, p. 267, ênfase no original, traduzido: “[...] la *historia nuda* es intrínsecamente literaria, como son literarias la simplicidad, la precisión, la limpidez”.

mundo. Mas, no caso da sociologia, estamos sempre em terrenos candentes; além disso, as coisas que debatemos estão vivas, e não mortas, nem enterradas”⁵⁸.

Para Giovanni Busino esse entrelace expõe o hibridismo desejado na busca da tese por Martins, pois para ele “A história nos fala sobre o singular, o singular, o aparente, o consciente, o que muda; a sociologia revela o latente, o plural, a constante, o inconsciente. As determinações são recíprocas e as trocas contínuas”⁵⁹.

É com esse olhar que se enxerga a leitura da obra de José de Souza Martins, pois apesar das especificidades de ambas disciplinas “[...] existem bases sólidas de consenso entre a história e a sociologia”⁶⁰, uma delas é a perspectiva da História Social, mas para além de um diálogo de surdos como foi caracterizada a fase inicial da formação moderna dessas áreas⁶¹.

Este poderia ser entendido como o desafio entre sociologizar a história ou historicizar a sociologia, aliás, desestimulado por Henri Lefebvre: “Que se ponha fim à história ‘historicizante’ mas também à sociologia, que despreza a espessura histórica, a dimensão temporal, ao querer aplanar, por assim dizer, o seu objecto”⁶².

A respeito da História Social, Susan W. Bauer afirma que ela está mais preocupada “[...] com a maneira como vivem as ‘pessoas comuns’”⁶³, que é a intenção explícita na pesquisa de Martins, o que relata em muitas de suas obras e entrevistas:

Minha ideia era verificar o quanto o povo é, de fato, omisso em relação ao processo histórico, o quanto o processo histórico é

⁵⁸ BOURDIEU, Pierre; CHARTIER, Roger. **O sociólogo e o historiador**. Trad. Guilherme J. de F. Teixeira. 1ª reimpr. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012, p. 18.

⁵⁹ BUSINO, Giovanni. Sciences sociales et histoire. **Revue européenne des sciences sociales**, Genève, t. 41, n. 127, p. 119-171, 2003; p. 145, traduzido: “L’histoire nous parle de l’unique, du singulier, de l’apparent, du conscient, de ce qui change; la sociologie nous revele le latent, le pluriel, le constant, l’inconscient. Les déterminations sont réciproques et les échanges continus”.

⁶⁰ “[...] hay bases sólidas de concordancia entre la historia y la sociología”, traduzido, in: INKELES, Alex. **¿Qué es la sociología? Introducción a la ciencia y la profesión**. Trad. Matías Cirici-Ventalló. México: Union Tipografica Editorial Hispano Americana, 1972, p. 44.

⁶¹ BURKE, Peter. **Sociologia e história**. Trad. Fátima Martins. 2ª ed. Porto: Edições Afrontamento, 1980.

⁶² LEFEBVRE, Henri. **O fim da história**. Trad. António Reis. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1971, p. 178.

⁶³ BAUER, Susan W. **Como educar sua mente: o guia para ler e entender grandes autores**. Trad. Gabriele Greggersen. São Paulo: É Realizações, 2015, p. 252.

abrangente para essa massa de população condenada ao trabalho, a viver a rotina da vida cotidiana, mas que os teóricos baniram do fazer história⁶⁴.

A perspectiva de discussão da obra de José de Souza Martins, enquanto considerar a perspectiva de entendê-lo como de obra modelar e intérprete do país, como se aproxima da História Intelectual⁶⁵.

A respeito das interpretações e os intérpretes do Brasil, Zander S. de Navarro em um balanço das ideias a quanto ao tema, afirma que “[...] ainda não existem esforços de análise consolidados no Brasil que tenham esmiuçado a *história intelectual das ideias* centradas no ‘rural’”⁶⁶.

Já a respeito das interpretações consagradas, como as já mencionadas antes e que são centradas em grandes autores, por exemplo com Sérgio Buarque de Holanda (*Raízes do Brasil*), Raymundo Faoro (*Os donos do poder*) e Celso Furtado (*Formação econômica do Brasil*), Bernardo Ricupero questiona o porquê do surgimento destas obras interpretativas da realidade brasileira foram concentradas na República e não no Império.

O qual o autor aponta uma hipótese, antes, com a Independência, a ideia era “[...] criar referências nacionais para o país recém-independente” e, após, com a crescente importância da universidade, com “[...] o maior rigor dos trabalhos [...] [assim, os ensaios vão perdendo espaço e isso contribuiu] para obliterar a compreensão de como esses temas estão inseridos num quadro mais amplo”⁶⁷, assevera Ricupero.

⁶⁴ MARTINS, José de S. **Não há terra para plantar neste verão**: o cerco das terras indígenas e das terras de trabalho no renascimento político do campo. [1a. edição: 1986], 2a. edição. Petrópolis: Editora Vozes, 1988, p. 198-9.

⁶⁵ Com o alerta de Chartier: “Às certezas lexicais das outras histórias (econômica, social, política), a história intelectual opõe uma dupla incerteza do vocabulário que a designa: cada historiografia nacional tem a sua conceituação, e em cada uma delas diferentes noções, algumas das quais dificilmente se distinguem. outros entram na competição”, traduzido: “A las certezas lexicales de las otras historias (económica, social, política) la historia intelectual opone una doble incertidumbre del vocabulario que la designa: cada historiografía nacional posee su propia conceptualización, y en cada una de ellas diferentes nociones, apenas diferenciables unas de otras, entran em competencia”. CHARTIER, Roger. **El mundo como representación**: estudios sobre historia cultural. Trad. Claudia Ferrari. Barcelona: Editorial Gedisa, 1992, p. 14.

⁶⁶ NAVARRO, Zander S. de. Meio século de interpretações sobre o rural brasileiro (1968-2018). **RESR - Revista de Economia e Sociologia Rural**, Brasília, v. 57, n. 3, p. 472-489, 2019; p. 473, ênfase no original.

⁶⁷ RICUPERO, Bernardo. **Sete lições sobre as interpretações do Brasil**. 2ª ed. São Paulo: Alameda, 2008, p. 21 e 22.

Quanto a História Intelectual, enquanto “[...] uma sociologia dos efeitos da racionalização”⁶⁸, cabe indagar quem é o intelectual da atualidade e se o objeto de estudo assim pode ser visto, já que na contemporaneidade parece se atestar uma crise em relação a essa figura produto da modernidade⁶⁹.

Como atesta Carlos Altamirano, que se assim não for visto constitui espécie de pleonasma, pois “Todas as grandes narrativas da modernidade, seja do progresso, da nação ou do povo [...] vêm das fileiras da *intelectualidade*”⁷⁰ e que, por outro lado, também possui “[...] efeitos que nada têm a ver com a liberdade, e que terminam no controle social global e na marginalização de todos aqueles que não se enquadram em seus grandes projetos”⁷¹ assinala Kevin Hetherington.

Por outro lado, “Nas universidades, às vezes é feita uma distinção entre especialistas ou profissionais, com interesses limitados, e intelectuais, com interesses mais amplos”⁷².

Nesse sentido, Martins é um intelectual, pois “Toda obra, a um só tempo, torna-se o prolongamento e a superação de uma tradição, podendo estabelecer o ponto de partida de uma nova tradição que dialoga com a anterior”⁷³, pois é visto como continuador do legado de Florestan Fernandes.

Fernandes é outro intelectual brasileiro, pois o vulto de intelectual não se deixa conhecer plenamente no domínio individual e, “[...] é mister conceituá-lo

⁶⁸ PASSERON, Jean-Claude. Quel regard sur le populaire? (Entretien par Joël Roman). **Esprit**, Paris, n. 280, v. 3/4, p. 145-161, mar./avr., 2002; p. 151, traduzido: “[...] une sociologie des affects de la rationalisation”.

⁶⁹ No entanto, Charle conceitua de outra forma, se refere a esses letrados como os intelectuais contemporâneos, mesmo que advindos da modernidade. Conferir: CHARLE, Christophe. Nascimento dos intelectuais contemporâneos (1860-1898). Trad. Maria H. C. Bastos. **História da Educação**, Pelotas, n. 14, p. 141-156, set./2003.

⁷⁰ “Todas las grandes narrativas de la modernidad, se la del progreso, la de la nación o la del pueblo [...] proceden de las filas de la intelligentsia”, in: ALTAMIRANO, Carlos. **Intelectuales, notas de investigación**. Bogotá: Grupo Editorial Norma, 2006, p. 104, traduzido.

⁷¹ HETHERINGTON, Kevin. **The badlands of modernity: heterotopia and social ordering**. London: Routledge, 1997, p. 9-10, traduzido: “[...] effects that are anything but to do with freedom, and which end in overall social control and the marginalization of all those who do not fit into its grand designs”.

⁷² “En las universidades se hace a veces una distinción entre especialistas o profesionales, con intereses limitados, e intelectuales, con intereses más amplios”, in: WILLIAMS, Raymond. **Palabras clave. Un vocabulario de la cultura y la sociedad**. Trad. Horacio Pons. 1ª ed., 1ª reimp. Buenos Aires: Nueva Visión, 2003, p. 189, traduzido.

⁷³ PASSIANI, Enio. Figuras do intelectual: gênese e devir. **Sociologias**, Porto Alegre, ano 20, nº 47, p. 16-47, jan./abr., 2018; p. 34.

também no nível coletivo e analisar seu desenvolvimento em termos históricos-comparativos”⁷⁴.

Apesar da negativa do próprio Florestan Fernandes (em entrevista, quando inquirido se teria sido no mínimo “animador” da escola) ou que tenha sido chefe da “Escola Paulista de Sociologia”, como alguns designam:

Houve uma forte concentração de pessoas trabalhando comigo na cadeira de sociologia I. Mas não tem sentido dizer que eu fui o chefe de uma escola, porque todos nós produzíamos juntos, de modo que seu conceito de animador é melhor do que o de chefe de escola⁷⁵.

Mas não estava nesta cadeira a opção pelos estudos rurais, conforme Martins expõe: “[...] tive várias dificuldades por causa dessa opção [de adentrar o mundo rural, como fez em suas primeiras pesquisas], que não estava na opção central da Sociologia I. Fui contra a maré do grupo e parece que estou nela até hoje [em entrevista publicada em 1997]”⁷⁶.

Segundo Zarur, “Após as últimas formulações da ‘Escola de São Paulo’, desapareceram as contribuições sociológicas voltadas ao Brasil como um todo”, conseqüentemente desde então, “As Ciências Sociais têm desde então participado da construção de identidades fragmentadas, de negros, índios, mulheres, trabalhadores e outros grupos. A ideia de Brasil não é mais trabalhada, a não ser por uns poucos”⁷⁷.

Escola ou o “Grupo de São Paulo”, como assim se referiu Martins em “O poder do atraso”:

[...] estou me referindo ao grupo de cientistas sociais que, especialmente nos anos cinquenta e sessenta, trabalhou na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de

⁷⁴ LAMOUNIER, Bolívar. **Tribunos, profetas e sacerdotes: intelectuais e ideologias no século XX**. São Paulo: Companhia das Letras, 2014, p. 17.

⁷⁵ FERNANDES, Florestan. Florestan Fernandes (1920-1996) entrevista a José Albertino Rodrigues. In: CARVALHO, Vera M. de; COSTA, Vera R. da. (Coords.). **Cientistas do Brasil: depoimentos**. São Paulo: SPBC, 1998, p. 65-74; p. 68.

⁷⁶ MARTINS, José de S. **Florestan: sociologia e consciência social no Brasil**. São Paulo: Edusp - Editora da Universidade de São Paulo/Fapesp, 1998, p. 152.

⁷⁷ ZARUR, George de C. L. **A utopia brasileira: povo e elite**. Brasília: Abaré; Flacso/Brasil, 2003, p. 38.

São Paulo. O núcleo desse grupo reuniu-se ao redor de Florestan Fernandes^{78/79}.

O grupo de intelectuais que esteve a volta de Florestan Fernandes, dentre eles o próprio Martins.

Nesse sentido, Bourdieu afirma que “As relações entre cada um dos agentes do sistema e os agentes ou as instituições, total ou parcialmente, exteriores ao sistema são sempre mediatizadas pelas relações que se estabelecem dentro do próprio sistema, isto é, no interior do campo intelectual”⁸⁰.

Popularmente se percebe todos aqueles que adentram as salas e laboratórios das universidades como *intelectuais* potenciais, mas se deve diferir entre aqueles que ocupam postos de destaque no serviço público e privado daqueles que não chegam a posições de proeminência na comunidade acadêmica por diversos fatores que não interessa nesse instante.

Talvez o intelectual da atualidade ainda esteja mais próximo a ideia do polímata. Conforme Burke esse último surge em “[...] reação à especialização crescente, da mesma maneira que no século XX a ideia de interdisciplinaridade apareceu no contexto de uma era de disciplinas”, entretanto, segundo o autor, essa categoria de intelectuais teve seu surgimento e declínio em um mesmo século, o XVII, com a ressalva: “[...] ainda que o seu declínio tenha sido gradual e o último capítulo dessa história nunca tenha sido escrito”⁸¹.

Nesta categoria estão aqueles pensadores que se consagram em mais de uma área, de linha excepcional, em que pese o reconhecimento possa não vir em vida. Porém, também nesta *era* o termo foi pulverizado ou diluído e passa a prevalecer em imprecisa evidência nos círculos universitários.

José de Souza Martins poderá assim ser visto no futuro, como polímata, com seus estudos e pesquisas em áreas tais como sociologia, sociologia rural, economia, educação, antropologia, política, fotografia etc., onde o autor

⁷⁸ MARTINS, José de S. **O poder do atraso**: ensaios de sociologia da história lenta. São Paulo: Editora Hucitec 1994, p. 54, nota 25.

⁷⁹ Onde cita uma série de nomes e áreas, dentre os quais, Fernando Antonio Novais (História).

⁸⁰ BOURDIEU, Pierre. Campo intelectual e projeto criador. Trad. Rosa M. R. da Silva. In: POUILLON, Jean; BARBUT, Marc; GODELIER, Maurice; MACHEREY, Pierre BOURDIEU, Pierre; GREIMAS, Algirdas J.; EHRMANN. **Problemas do estruturalismo**. Rio de Janeiro: Zahar, 1968, p. 105-145; p. 111.

⁸¹ BURKE, Peter. O polímata: a história cultural e social de um tipo intelectual. Trad. Ezequiel T. da Silva. **Leitura: Teoria & Prática**, Campinas, v. 29, n. 56, p. 4-10, 2011; p. 4.

demonstra uma característica importante da História Intelectual, que é a da interdisciplinaridade, como assinala Grafton⁸².

Nessa linha Ann Thomson vai mais longe, que a história intelectual “[...] é menos uma área de estudo do que uma abordagem do passado que é essencialmente multidisciplinar”⁸³.

O próprio Marx apesar de não ter uma obra específica a respeito dos intelectuais e, mais se referir sobre a questão da ideologia e poucas vezes se referir a palavra *intelectual*, no entanto “[...] ele fez diversas referências a diversos indivíduos que nós qualificamos como intelectuais, bem como abordou diversas produções intelectuais e a relação entre tais”⁸⁴ e fez, junto de Engels, crítica feroz a muitos destes tipos contemporaneamente entendidos como intelectuais⁸⁵, mais àqueles entendidos como os *teóricos da classe proletária*⁸⁶.

A partir do exposto, entende-se por intelectual aquele e daquele que “[...] espera-se reflexão, elaboração, desenvolvimento” e “[...] por mais profundas que sejam suas convicções, mantém uma posição aberta e flexível. É de sua natureza engajar-se, expor seu pensamento e prontificar-se a debatê-lo”⁸⁷, que é o caso de José de Souza Martins no entendimento dessa tese.

E como poderá se estudar Martins, esse autor que escreve sobre quase tudo e, ao mesmo tempo teve uma origem distinta da maior parte dos intelectuais?

Comparar trajetórias de vida, biografias, experiências e vivências poderá auxiliar nesta empreitada? Carlos Altamirano, Jean-François Sirinelli e François Dosse, dentre outros, são autores que apontam perspectivas. Antes um alerta,

⁸² GRAFTON, Anthony. La historia de las ideas: preceptos y prácticas, 1950-2000 y más allá. Trad. Leonel Livchits. **Prismas, Revista de historia intelectual**, Buenos Aires, nº 11, p. 123-148, 2007.

⁸³ THOMSON, Ann. L’histoire intellectuelle: quelles idées, quel contexte? **Revue d’histoire moderne et contemporaine**, Paris, t. 59e, n. 4 bis, p. 47-64, 2012; p. 54, traduzido: “[...] il s’agit moins d’un domaine d’étude que d’une approche du passé qui est par essence pluridisciplinaire”.

⁸⁴ VIANA, Nildo. Marx e os intelectuais. **CSONline - Revista Eletrônica de Ciências Sociais**, Juiz de Fora, ano 7, ed. 16, p. 76-95, jun./set. 2013; p. 76.

⁸⁵ MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Manifesto do partido comunista**. Trad. Álvaro Pina. 1ª ed., 4ª reimpr. São Paulo: Boitempo Editorial, 2005.

⁸⁶ MARX, Karl. **A miséria da filosofia**. Trad. José P. Netto. São Paulo: Global, 1985, p. 118, ênfase no original.

⁸⁷ LAMOUNIER, Bolívar. **Tribunos, profetas e sacerdotes**, p. 22 e 23.

experiências aqui não no sentido de *ego-documentos* como assinala Christian Jouhaud⁸⁸.

Os historiadores avançaram bastante neste debate sobre história intelectual, bem como na perspectiva autobiográfica; como ressalva, o exposto por Pierre Bourdieu quanto a pouca integração ou a ausência de diálogo entre as temáticas temas dos e entre os historiadores, por assim dizer.

Segundo ele, “Em história, integra-se diferentemente, no compromisso ou na evitação. Cada um tem seu pequeno império, seu pequeno feudo. A história medieval nunca constrange a história moderna”⁸⁹. Do que discorda Jacques Le Goff, pois para ele “[...] a história não precisa ser um monólogo. Não devo me trancar em nossa própria história ou me submeter à de outras pessoas, e a própria história deve ser um diálogo”⁹⁰, em defesa de uma cultura histórica.

Carlos Altamirano apresenta ideias para um programa de História Intelectual, dentre outras que esta perspectiva “[...] privilegia certa classe de fatos – em primeiro lugar, os fatos do discurso – porque eles dão acesso a uma decifração da história que não pode ser obtida por outros meios e porque proporcionam pontos de observação únicos sobre o passado”⁹¹.

Quanto ao discurso, afirma Luca Paltrinieri afirma certa dependência deste com o arquivo, pois “[...] se o discurso é o que realmente foi dito, o arquivo representa o outro lado do discurso, o princípio da seleção de enunciados, o espaço de transformação, circulação, restrição que garante a correlação entre grupos de enunciados”⁹².

⁸⁸ Para o autor, quanto a estes subentende “[...] uma separação entre os profissionais da escrita (os escritores) e os outros, ou seja, entre o que pertence e o que não pertence à ‘literatura’”, in: JOUHAUD, Christian. *Literatura da experiência no século XVII*. Trad. Guiomar de Grammont. **Varia Historia**, Belo Horizonte, v. 35, n. 68, p. 443-459, mai./ago., 2019; p. 446.

⁸⁹ BOURDIEU, Pierre; CHARTIER, Roger. *Gente com história, gente sem história*. Diálogo entre Pierre Bourdieu e Roger Chartier. Trad. Flávio M. Heinz. **História Unisinos**, São Leopoldo, v. 10, n. 1, p. 90-98, jan./abr., 2006; p. 93.

⁹⁰ LE GOFF, Jacques. *La culture historique. Instrument d’un avenir meilleur*. **Hommes et Migrations**, Paris, n. 1103, p. 21-32, mai., 1987; p. 32, traduzido: “[...] l’histoire ne doit pas être un monologue. On ne doit pas justement s’enfermer dans sa propre histoire ni subir celle des autres et l’histoire elle-même doit être un dialogue”.

⁹¹ ALTAMIRANO, Carlos. *Ideias para um programa de História Intelectual*. Trad. Norberto Guarinello. **Tempo Social**, São Paulo, v. 19, n. 1, p. 9-17, jun., 2007; p. 11.

⁹² PALTRINIERI, Luca. “L’archive comme objet: quel modèle d’histoire pour l’archéologie?”, **Les Études philosophiques**, Paris, n. 153, v. 3, p. 353-376, jul., 2015; p. 373, traduzido: “[...] si le discours est ce qui a été effectivement dit, l’archive représente l’autre face du discours, le principe de sélection des énoncés, l’espace de transformation, de circulation, de contrainte qui garantit la corrélation entre groupes d’énoncés”.

Por outro lado, as elites culturais para Sirinelli, não são campo exclusivo da disciplina histórica, nem mesmo domínio reservado de outra área qualquer, no entanto, “A sua situação, especialmente entre sociologia e história, longe de as tornar um objecto que, ao lusco-fusco, se furtasse progressivamente à vista, confere-lhes o estatuto invejável de campo de encontro de disciplinas”⁹³.

Nesta mesma linha, Dosse trata dos desafios biográficos e, afirma que “Essa desestabilização de certezas e fronteiras disciplinares pode dar ao gênero biográfico um lugar privilegiado que reintroduz a questão do sujeito do conhecimento no campo do conhecimento”⁹⁴.

Se o “O trabalho de Martins tem a capacidade de desconstruir os mitos, de libertar o trabalhador migrante das camadas de preconceitos e da lente das esquematizações teóricas”⁹⁵, como será possível na escrita acadêmica?

De que forma é (será? foi?) essa escrita? Ancora-se na formulação de Lahire, que aceitou o desafio em sintetizar o que entende *¿Cómo escribir lo social?* em 250 palavras:

Em cada etapa dessa fabricação do conhecimento, a escrita é, ao mesmo tempo, uma construção que compromete um ponto de vista (descrições, análises ou interpretações a partir de um ângulo singular) e uma colocação em palavras sob limitações empíricas e metodológicas. A escrita científica do real é então, ao mesmo tempo, nominalista (nenhuma descrição⁹⁶, nenhuma análise, nem qualquer interpretação é exaustiva, nem definitiva, na medida em que sempre assumem um ponto de vista do conhecimento) e realista (realidade objetiva, que existe independentemente de qualquer olhar de especialista, de qualquer percepção, de qualquer observação ou de qualquer medição de um observador, tem as suas recorrências e as suas lógicas próprias que os investigadores pretendem descobrir a partir das construções científicas). As ciências sociais desenvolvem, como toda ciência empírica, um

⁹³ SIRINELLI, Jean-François. As elites culturais. In: RIOUX, Jean-Pierre; SIRINELLI, Jean-François. (Dir.). **Por uma história cultural**. Trad. Ana Moura. Lisboa: Editorial Estampa, 1998, p. 259-279; p. 260.

⁹⁴ “Esta desestabilización de las certidumbres y de las fronteras disciplinarias puede dar al género biográfico un lugar privilegiado que reintroduce la pregunta del tema del saber en el campo del conocimiento”, in: DOSSE, François. **El arte de la biografía: entre historia y ficción**. S./Trad. México, D.F.: Universidad Iberoamericana, 2007, p. 40, traduzido.

⁹⁵ VANGELISTA, Chiara. Entre o campo e a cidade: migrações no Brasil. In: FREHSE, Fraya (Org.). **A sociologia enraizada de José de Souza Martins**. São Paulo: Com-Arte, 2018, p. 73-85; p. 80.

⁹⁶ No entanto, talvez “A principal dificuldade é separar a descrição estrita da interpretação”, in: DELENTE, Éliane; RENAULT, Richard. Outils et métrique: un tour d’horizon. **Langages**, Paris, n. 199, p. 5-22, sep., 2015; p. 18, traduzido: “La principale difficulté consiste à faire la part de la description stricte et de l’interprétation”.

“pensamento sobre o material”, suas práticas de escrita são sempre em liberdade supervisionada⁹⁷.

Outros se aventuraram a pesquisar o autor, por exemplo, Alves⁹⁸. Mais recentemente e de forma acentuada na ideia de traçar uma síntese a partir de particularidades de obras recentes do pensamento de Martins, Soto em uma série de textos⁹⁹ e Moita¹⁰⁰, dentre outros.

Também na iniciativa de homenagem ao autor na obra organizada por Fraya Frehse, *A Sociologia enraizada de José de Souza Martins* (2018), como a própria organizadora expõe na Introdução do livro, “Trata-se de uma

⁹⁷ “En cada etapa de esta fabricación de conocimiento, la escritura es, a la vez, una construcción que compromete un punto de vista (descripciones, análisis o interpretaciones bajo un ángulo singular) y una puesta en palabras bajo limitantes empíricos y metodológicos. La escritura científica de lo real es entonces, a la vez, nominalista (ninguna descripción, ningún análisis, ni ninguna interpretación es exhaustiva, ni definitiva, en tanto suponen siempre un punto de vista de conocimiento) y realista (la realidad objetiva, que existe independientemente de toda mirada experta, de toda percepción, de toda observación o de toda medida por parte de un observador, tiene sus recurrencias y sus lógicas propias que los investigadores tienen por objetivo descubrir a partir de construcciones científicas). Las ciencias sociales desarrollan, como toda ciencia empírica, un “pensamiento sobre el material”, sus prácticas de escritura están siempre en libertad vigilada”, in: ALVARO, Daniel; ARISTÍA, Tomas; BAZORET, Emanuelle; BASAURE, Mauro; BIELSA, Esperanza; BELL, Vikki; BOLANOS, Bernardo; BURTON, Sarah; BORCH, Christian; CHERNILO, Daniel; CONNELL, Raewyn; CORDERO, Rodrigo; ESPÓSITO, Elena; HEREDIA, Mariana; LAHIRE, Bernard; MODONESI, Massimo; OUTHWAITE, William; SALINAS, Francisco; TIJOUX, Maria E.; TORRES, Esteban; TURNER, Charles; VANDENBERGHE, Frédéric; WAJCMAN, Judy. ¿Cómo escribir lo social? **Cuadernos de Teoría Social**, Santiago, año 1, nº 2, p. 49-70, 2015, p. 51-2.

⁹⁸ ALVES, Juliete M. **A obra de José de Souza Martins e a reforma agrária no Brasil: uma leitura sociológica**. Porto Alegre: UFRGS, 2003 (Dissertação de Mestrado em Desenvolvimento Rural).

⁹⁹ SOTO, William H. G. **A produção de conhecimento social sobre o “mundo rural” nas obras de José de Souza Martins e José Graziano da Silva**. Porto Alegre: UFRGS, 2002. (Tese de Doutorado em Sociologia); SOTO, William H. G. A sociologia do “mundo rural” de José de Souza Martins. **Estudos Sociedade e Agricultura**, Rio de Janeiro, n. 20, p. 175-198, abr./2003; SOTO, William H. G. Subúrbio, periferia e vida cotidiana. **Estudos Sociedade e Agricultura**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 1, p. 109-131, 2008; SOTO, William H. G. Dialética e imaginação na sociologia de José de Souza Martins. **Estudos Sociedade e Agricultura**, Rio de Janeiro, v. 23, n. 1, p. 196-213, 2015; SOTO, William H. G. A sociologia enraizada de José de Souza Martins. In: RIBEIRO, Maria T. R. (Org.). **Dimensão histórica da sociologia: dilemas e complexidade**. Curitiba: Appris, 2016, p. 123-150; SOTO, William H. G. Sociologia e história na obra de José de Souza Martins. **Sociedade e Estado**, Brasília, v. 31, n. especial, p. 1051-1070, 2016a; SOTO, William H. G. De lo rural a la vida cotidiana: la sociología brasileña de José de Souza Martins. **Revista Latinoamericana de Estudios sobre Cuerpo, Emociones y Sociedad**, n. 27, año 10, p. 73-84, ago./nov., 2018; SOTO, William H. G. Entre Henri Lefebvre e Karl Marx. In: FREHSE, Fraya (Org.). **A sociologia enraizada de José de Souza Martins**. São Paulo: Com-Arte, 2018a, p. 123-139.

¹⁰⁰ MOITA, Guilherme M. **As críticas de José de Souza Martins aos mediadores de esquerda dos movimentos sociais agrários**. Rio de Janeiro: UFRRJ, 2010. (Tese de Doutorado em Ciências Sociais).

Festschrift, escrito de festa, celebração, gênero literário acadêmico forjado historicamente no mundo científico alemão do início do século XX”¹⁰¹.

Frente ao desafio, de leitor e aprendiz de José de Souza Martins e, vendo em sua escrita quase que a própria vida, em muitas de suas narrativas, especialmente aquelas que em que narra as dificuldades da própria vida em escritos autobiográficos ou das formas de percepção da vida camponesa, fica um imperioso dilema.

Situação essa expressa pela escritora Darrieussecq: “[...] para escrever, é preciso alcançar uma espécie de vazio em relação à literatura já existente. É preciso encontrar essa voz, que é necessariamente única, ou, senão, ela é morta, simples cópia”¹⁰². Para uma escrita viva, então a condição a ser buscada, passa pela “[...] conscientização dos limites e a análise das limitações são, aqui e em todos os lugares, a primeira condição de ação e liberdade”¹⁰³.

Dá-se voz a Martins, o autor em análise, que se revela mais. A respeito das escolhas de sua vida e da forma que levou o trabalho, explica Martins:

Não raro, obrigações que assumi no lugar de colegas que as recusaram, porque as consideraram inferiores ao alto conceito que tinham de si mesmos, tornaram-se marcos no meu progresso intelectual. Nunca tive medo da cultura da migalha, a cultura dos pobres, pois desde muito pequeno aprendi, como ocorreu com boa parte de meus amigos de infância e adolescência, que o que cai da mesa dos outros no nosso prato, é porque uma decisão maior destinava aquilo a nós e não a eles. Temos, por isso, que aceitar o que nos cabe desse modo moralmente instrutivo e intelectualmente edificante, para podermos recusar a sujeição que menospreza e aniquila. É nesse plano que se propõem os desafios da vida. O que não me impediu de ser criativo e ousado e de tomar iniciativas quando a oportunidade se apresentou. Era e é o meu modo de recusar a cultura pequeno-burguesa e reacionária da competição destrutiva e injusta, cheia de angústias e temores. A cada desafio respondi com a publicação de um artigo ou de um livro. Enquanto outros acumulavam frustrações, acumulei os resultados do meu trabalho e, sobretudo, o imenso prazer

¹⁰¹ FREHSE, Fraya. Uma *Festschrift* sociológica enraizada (introdução). In: FREHSE, Fraya (Org.). **A sociologia enraizada de José de Souza Martins**. São Paulo: Com-Arte, 2018, p. 13-18; p. 16, ênfase no original).

¹⁰² DARRIEUSSECQ, Marie. A mulher que virou leitoa (entrevista a Maria I. M. Barreto). In: **Folha de São Paulo**, São Paulo, s./p., 16 de março de 1997. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1997/3/16/mais/39.html>>. Acesso em 04/02/2019, s./p.

¹⁰³ NORA, Pierre. La politización de la historia y sus peligros. Trad. Analet Pons. **Pasajes: Revista de pensamiento contemporáneo**, Valencia, nº. 38, p. 59-70, 2012; p. 69, traduzido: “[...] conciencia de los límites y el análisis de las limitaciones son, aquí y en todas partes, la primera condición de la acción y de la libertad”.

de criar e descobrir, como é próprio da ciência, que é o que importa, em especial num cenário e num momento muito pouco propícios. Estamos aqui para fazer a nossa parte e não para que os outros se façam às nossas custas ou cresçam à custa de nossa humilhação. No fundo, essa minha opção tem sido divertida e instrutiva¹⁰⁴.

Portanto, esta tese busca se inserir nessa nascente tradição de estudos, de perspectiva da História Intelectual, não sem tributo a História Política que sustenta a linha de pesquisa deste Programa de Pós-Graduação.

E a própria Sociologia, “grande área” de Martins, que como informa Lefebvre, um dos seus inspiradores: “Existem pensadores de positividade e pensadores de negatividade. Os pensadores da positividade são numerosos; eles gostam de pesquisa e verificação empíricas; eles são pessoas ansiosas para construir, para criar”¹⁰⁵, como tratar enquanto objeto de pesquisa, sujeito tão positivo e ávido por criar, como Martins tem sido?

1.1 Martins enquanto objeto de pesquisa

De que forma? Sendo José de Souza Martins um consagrado sociólogo, essa tese se dedica em especial ao seu papel de historiador, de intérprete da realidade e explicador do Brasil, como já apontado por outros, pois “José de Souza Martins vê a vida com olhos de poeta, cérebro de sociólogo, espírito de historiador e inquietação de jornalista”¹⁰⁶.

Essa síntese que rememora a amplitude de sua forma de ser intelectual e escritor, a nível dos grandes nomes geradores de sínteses explicativas de nossa realidade, como Gilberto Freyre, Caio Prado Júnior, Sergio Buarque de Holanda e Darcy Ribeiro, dentre outros de renome.

¹⁰⁴ MARTINS, José de S. **Uma arqueologia da memória social**: autobiografia de um moleque de fábrica. Cotia: Ateliê Editorial, 2011b, p. 125-6.

¹⁰⁵ “Existen pensadores de la positividad y pensadores de la negatividad. Los pensadores de la positividad son numerosos; son personas aficionadas a la investigación empírica y a la verificación; son personas ávidas de construir, de crear”, in: LEFEBVRE, Henri. De la literatura y el arte modernos considerados como procesos de destrucción y autodestrucción del arte. In: BARTHES, Roland; LEFEBVRE, Henri; GOLDMANN, Lucien. (Orgs.). **Literatura y sociedad**: problemas de metodología en sociología de la literatura. Trad. R. de la Iglesia. Barcelona: Ediciones Martínez Roca, 1969a, p. 116-132; p. 116, traduzido.

¹⁰⁶ BOMFIM, Paulo. Discurso de recepção de José de Souza Martins na Academia Paulista de Letras (em 3 de setembro de 2015). In: FREHSE, Fraya (Org.). **A sociologia enraizada de José de Souza Martins**. São Paulo: Com-Arte, 2018, p. 305-306; p. 305.

Mas no fundo “[...] o papel dos intelectuais, tal como atribuído por eles mesmos, remete ao problema de qual classe representam”¹⁰⁷, ou à qual classe serve o que estão fazendo? Podem ser “aristocratas” como o russo Liev Tolstói ou da alta classe como o argentino Ernesto Rafael Guevara de la Serna (Che Guevara), porém, revolucionários no que escrevem e fazem para e com o povo, em que pese sobre este último, sobre o seu perfil pairam sombras do autoritarismo e da contradição histórica.

Quanto ao envolver-se dos intelectuais, Luiz Pereira afirma que “[...] a intelectualidade há de realizar sua prática *política*”¹⁰⁸ linha do que Antonio Gramsci espera dos intelectuais na organização da cultura¹⁰⁹.

Quanto a Modernidade e o papel dos intelectuais, se espera segundo Peter Wagner que possam se empenhar “[...] na tradução de uma interpretação da modernidade para outra”¹¹⁰, na construção de projetos coletivos de mundo. Porém, para esse mesmo autor, a despeito de novas interpretações possam trazer novos pontos de vistas, pois desde os projetos modernos periféricos por assim dizer, “[...] não há garantia de superioridade duradoura da nova resposta, pois qualquer nova resposta pode gerar novas linhas de falha”¹¹¹.

Por conseguinte, de acordo com outro autor, talvez o que se deva, em uma concepção de modernidade que é vista como heterogênea, é “[...] marcar diferenças e reposicionar os vínculos de debate”¹¹², pois não há mais, segundo Hermann Herlinghaus, um vínculo categórico e interpretativo seguro a respeito do tema.

No entanto, José de Souza Martins desgarra-se desse clube seletivo no quesito da seletividade de seus objetos de pesquisa, talvez único, interessado

¹⁰⁷ VIANA, Nildo. Marx e os intelectuais. **CSONline - Revista Eletrônica de Ciências Sociais**, Juiz de Fora, ano 7, ed. 16, p. 76-95, jun./set. 2013; p. 93.

¹⁰⁸ PEREIRA, Luiz. **Anotações sobre o capitalismo**. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1973, p. 73, ênfase no original.

¹⁰⁹ GRAMSCI, Antonio. **Os intelectuais e a organização da cultura**. Trad. Carlos N. Coutinho. 2ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

¹¹⁰ WAGNER, Peter. Interpretations of modernity and the problem of world-making. **Papers: revista de sociologia**, Barcelona, v. 100, n. 3, p. 267-279, 2015a, p. 278, traduzido: “[...] requires focusing on the issues that are at stake in the translation from one interpretation of modernity to another”.

¹¹¹ WAGNER, Peter. Multiple trajectories of modernity: why social theory needs historical sociology. **Thesis Eleven**, Thousand Oaks, n. 100, p. 53-60, feb., 2010; p. 59, traduzido: “[...] there is no guarantee for lasting superiority of the new answer, as any new response may generate new fault-lines”.

¹¹² HERLINGHAUS, Hermann. Comprender la modernidad heterogênea: recolocar la crítica dentro de la crítica. **Revista Iberoamericana**, Pittsburgh, v. LXVI, n. 193, p. 771-784, oct./dic., 2000; p. 773, traduzido: “[...] para marcar diferencias y recolocar nexos de debate”.

de fato nos *simples*, como caracteriza aqueles à margem da sociedade, tantas vezes vista e (mal?) analisada como nos citados nomes (e em outros).

Martins pode ser visto como historiador?

Se se pensar a História enquanto uma ciência que se aparta da sociedade e evita deveras os temas do presente como entende o leitor leigo, aliás, como tem sido a postura de grande parte de seus doutos nomes, pela escolha em se esconderem politicamente na periodização que adotam em seus escritos e a tudo fazem para ficar lá, não.

Não, Martins não seria um historiador. A forma como esse divulga ser a intenção de seus escritos foge à regra a caracterização de um historiador como a maioria dos colegas têm se portado, ao menos em suas estratégias metodológicas e privilégio de *objetos* de pesquisa:

[...] quero que as pessoas e grupos que possa influenciar tenham condições de debater criticamente o que escrevo, penso e digo. Espero que meu trabalho educativo crie dialeticamente o interlocutor. Se ele for capaz de pensar criticamente minhas lições, com categorias científicas, terá condições de pensar criticamente sua práxis, e é isso o que de fato importa¹¹³.

De acordo com Vandenbergue¹¹⁴, existem historiadores *historicistas* que tratam de compreender o passado nos seus próprios marcos, sem dele sair, já há os *presentistas*, que buscam o explicar nos marcos do seu tempo, o presente no sentido que estabelece François Bédarida, que “[...] a dinâmica da história do tempo presente para gerar um duplo diálogo com o passado e com o futuro”¹¹⁵, pois, para outro autor se deve “[...] aproveitar os ensinamentos da história para nos colocarmos em uma perspectiva dinâmica, [e] os projetos para o futuro estão indiscutivelmente ligados ao passado”¹¹⁶.

¹¹³ MARTINS, José de S. **A sociologia como aventura: memórias**. São Paulo: Editora Contexto, 2013a, p. 99.

¹¹⁴ VANDENBERGUE, Frédéric. Marxism and the end of the work society. **Thesis Eleven, Sydney**, n. 69, p. 171-196, may., 2002.

¹¹⁵ BÉDARIDA, François. Le temps présent et l'historiographie contemporaine. **Vingtième Siècle, revue d'histoire**, Paris, n. 69, p. 153-160, jan./mar., 2001; p. 157, traduzido: “[...] la dynamique de histoire du temps présent pour effet engendrer une double dialogique avec le passé et avec avenir”.

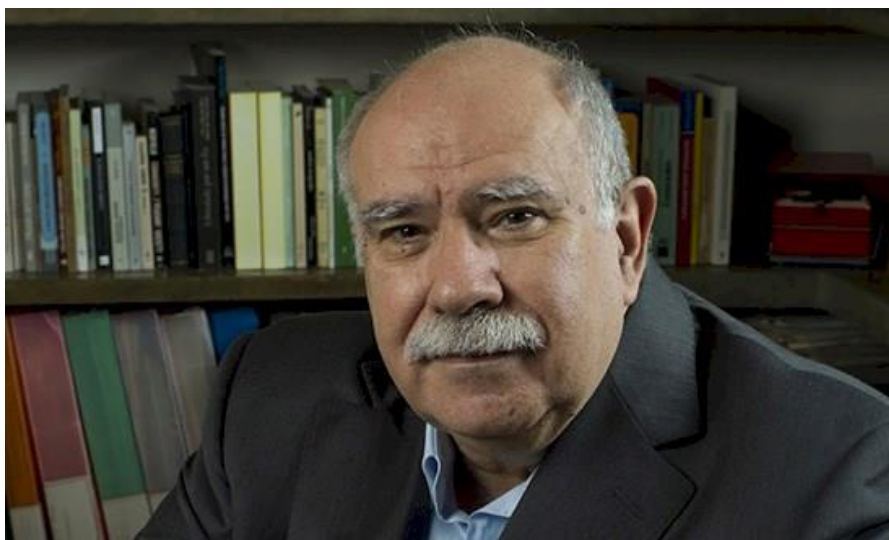
¹¹⁶ LAUWE, Paul-Henry C. de. The social sciences, urbanism and planning. **Internacional Journal of Comparative Sociology**, Leiden, v. 4, i. 1, p. 19-30, 1963; p. 29, traduzido: “[...] and with making use of the teachings of history to place ourselves in a dynamic perspective, the projects for the future being undeniably linked with the past”.

Nesse sentido, esse último profissional ao invés de voltar em exercício ao tempo passado, é o texto do autor analisado que é lançado ao presente, a procura de respostas às questões que o autor daquela escrita não formulou, talvez por não ser perceptíveis à época da escrita.

José de Souza Martins poderá ser entendido como um historiador presentista? O que se consta é que Martins consegue ser *clássico* e ao mesmo tempo constantemente *novo*, vide o amplo (e infindável) repertório de temas do autor, espreado-se para além do Oceano Atlântico: “[...] Martins é um autor clássico da sociologia brasileira e lusófona”¹¹⁷. Mas quem será Martins, em sua história de vida, por assim dizer?

1.2 Biografia breve do autor

José de Souza Martins nasceu em São Caetano do Sul, Estado de São Paulo em 24 de outubro de 1938.



Disponível em: <<http://editoraunesp.com.br/blog/jose-de-souza-martins-lanca-o-coracao-da-pauliceia-ainda-bate-no-sesc->>, acesso em 29/11/2021.

Martins soube talhar interdisciplinarmente, utilizando-se da sociologia como campo de pesquisa, mas relacionando-a com a história e a antropologia,

¹¹⁷ PAIS, José M. A interrogação sociológica: modos de olhar e desvendar. In: FREHSE, Fraya (Org.). **A sociologia enraizada de José de Souza Martins**. São Paulo: Com-Arte, 2018, p. 157-182; p. 180.

movimento que também estava fazendo a *Escola dos Annales*, do qual foi provavelmente leitor, sintonizado que está e aberto ao diálogo, da mesma forma que sempre buscou produzir teoria genuína, então, “essa tese se dedica em especial ao seu papel de historiador, de intérprete da realidade e explicador do Brasil” como antes exposto.

Nesse sentido, Pereira em duas resenhas, tenta caracterizar essa relação de nosso autor com a História e mesmo outras áreas:

É como se o jovem adventício encontrasse na sociologia respostas para os fatos que marcaram a sua difícil trajetória social, ao mesmo tempo que indicava o caminho que deveria marcar sua vida de sociólogo pesquisador de campo. Para caminhar por essa vereda, o sociólogo, sem nenhuma relutância, busca inspiração e apoio metodológico na historiografia e na antropologia. Nos estudos e reflexões de Martins, as três disciplinas andam de mãos dadas, sem constrangimentos¹¹⁸.

Seu olhar é o rigoroso olhar de um acadêmico talentoso, sem grandes preocupações com as fronteiras que separam e empobrecem as reflexões da sociologia, da antropologia, da história¹¹⁹.

A respeito do que se poderia ver como certa *interdisciplinaridade* de Martins em suas escolhas metodológicas por assim dizer, como uma forma diferencial de escrita e pesquisa e na prática cidadã enquanto cientista e professor, Souza afirma que esta tem se transformado em verdadeiro mantra, bem como a fixação quanto a ideia de que as áreas do conhecimento devem se relacionar.

No entanto, para esse autor nos dias atuais “[...] é surpreendente que a noção seja apresentada como descoberta, quando as humanidades, por definição, desde as origens clássicas do conceito sempre constituíram um campo onde vários saberes se cruzam ou convergem”¹²⁰.

Talvez a estratégia de estar multidisciplinar, se consorciar a outras áreas e autores como tem feito Martins ao longo de sua carreira universitária

¹¹⁸ PEREIRA, João B. B. Um lugar de chegada. **Revista Pesquisa Fapesp**, São Paulo, n. 218, p. 110, abr., 2014; p. 110.

¹¹⁹ PEREIRA, João B. B. Da fábrica à academia. **Revista Pesquisa Fapesp**, São Paulo, n. 191, p. 92, jan., 2012; p. 92.

¹²⁰ SOUZA, Roberto A. de. **História da literatura**: trajetória, fundamentos, problemas. São Paulo: É Realizações, 2014, p. 91.

comungue no autor aquilo que Henri Lefebvre vê como espécie de trio, interessado na verdade: “O filósofo, o moralista, o historiador, têm a mesma finalidade, o mesmo interesse: a Verdade (extrair o verdadeiro, diz ele, proclamá-lo, impô-lo)”¹²¹.

Em entrevista Martins informa que

O contato com as leituras sociológicas e antropológicas tornaram-se para mim algo fascinante. Finalmente, podia perceber que no mundo e nas suas relações sociais havia alguma coisa latente, e que tudo fazia sentido: nós não éramos simples rebotalhos da história; vivíamos num mundo onde tudo tinha explicação. Penso nos simples, na minha gente, nos que me ensinaram o que é a vida e o mundo¹²².

Adorno que foi seu aluno, afirma: “[...] pude ir deslindando sua personalidade complexa, rica, multifacetada, sempre surpreendente, como também sua identidade como pesquisador, crítico de arte, jornalista, homem público e político”¹²³.

A esse respeito, meio que se contrapondo ao que se poderia pensar como privilégio ou destino, o próprio Martins se defende:

É uma falsa pressuposição a de que uma biografia é o cumprimento de um destino inexorável, de um desenrolar inevitável. Visto do fim de uma vida, o começo é quase sempre apresentado na falsa perspectiva das certezas que todo fim assegura para o passado. Quando, na verdade, o começo e os passos da vida são um conjunto grande de incertezas e acasos no meio de um elenco não menos importante de referências sociais seguras e de propósitos mais ou menos definidos, que podem ou não se realizar¹²⁴.

As apostas erradas e precipitadas, das decisões de quem precisa e nem tempo tem de pensar antes de tomá-las, os que correm riscos todos os dias, pois impelidos que são a busca da sobrevivência, mas não sem memória e consciência desse processo, Martins informa:

¹²¹ LEFEBVRE, Henri. **O fim da história**. Trad. António Reis. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1971, p. 116.

¹²² MARTINS, José de S. José: esboço de figura. Entrevista a Antonio Motta. **Política & Trabalho**, João Pessoa, n. 39, p. 23-58, out., 2013b; p. 39.

¹²³ ADORNO, Sérgio. Lições para não esquecer. **Política & Trabalho**, João Pessoa, n. 39, p. 79-83, out., 2013; p. 79.

¹²⁴ MARTINS, José de S. **Uma arqueologia da memória social**: autobiografia de um moleque de fábrica. Cotia: Ateliê Editorial, 2011b, p. 450.

Depois do termino do primário, em 1949, voltamos a São Caetano: a roça não dera certo. Em pouco tempo, eu estava na fábrica, como aprendiz. Trabalhava de dia e estudava à noite. [...] Abandonei o emprego [...] e fui viver de bicos para poder frequentar o Curso Normal matutino no excelente Instituto de Educação Américo Brasiliense, de Santo André. [...] Lá me dividi entre a Sociologia e a História [...] Acabei optando por fazer vestibular para Ciências Sociais [...] e entrei na turma de 1961, no curso noturno¹²⁵.

Nesse sentido, como afirma a citação a respeito dos *simples*, a categoria de Martins, percebe-se que o autor foi um deles e os conheceu desde cedo.

Assim, como o próprio Martins informa em algumas de suas obras, a respeito da espécie de *sociabilidade dupla* que está presente em muitas populações, como nos linchadores e partícipes em menor escala (por exemplo, os que presenciam e inertes ficam à espreita da barbárie que caracterizam muitos desses atos, apesar de seu potencial explicativo de nossa sociedade, como expõe o autor) desse processo ou as populações camponesas, sujeitos sociais à margem, como gosta de expor:

Minha socialização caipira e minha ressocialização operária me haviam preparado para inserir-me criticamente na pequena sociedade elitista da universidade, de professores e alunos no geral bem-nascidos e suas imensas contradições e, também, para o amplo descortínio crítico da vida social que as ciências sociais abrem¹²⁶.

E se se pudesse conceituar a Sociologia de Martins? “[...] a Sociologia praticada por Martins exibia [e exhibe!] a beleza que não enxergamos no mundo vivo das populações esquecidas, discriminadas ou, quando muito, toleradas: os caipiras, os índios, os camponeses... tanta gente!”¹²⁷.

Ele mesmo assim a entende: “[...] as lições desses anos todos me ensinaram que a Sociologia é, também e principalmente, uma libertadora ciência da esperança, debruçada objetivamente sobre o real porque debruçada

¹²⁵ MARTINS, José de S. **O coração da pauliceia ainda bate**. São Paulo: Editora da UNESP e Imprensa Oficial, 2017a, p. 303.

¹²⁶ MARTINS, José de S. **A sociologia como aventura: memórias**. São Paulo: Editora Contexto, 2013a, p. 25.

¹²⁷ GARCIA, Loreley. A experiência de ser aluna de Martins, ou a reprodução ampliada da sociologia. **Política & Trabalho**, João Pessoa, n. 39, p. 91-93, out., 2013; p. 91-92.

sobre o possível”¹²⁸. E poderia se acrescer, pois não só a Sociologia, e sim todas ciências podem ser também desde que criadas, estudadas, trabalhadas cotovelo a cotovelo com os *simples*.

Por outro lado, para Peter Wagner a Sociologia construída dentro do projeto da Modernidade e, por mais que existissem perspectivas críticas “[...] o melhor da sociologia pretendia ser [era] uma contribuição para uma crítica da modernidade que ela mesma raciocinava contra o pano de fundo de um compromisso com a modernidade”¹²⁹.

Nesse sentido, no entrelace das escolhas e fazeres acadêmicos mais próximos à Sociologia e, o intento aqui de historiar sua vida (pessoal e acadêmica), nos permite trazer novamente o autor que tanto Martins buscou trazer à pesquisa brasileira, espécie de tradutor contemporâneo dos escritos de Marx, deixa o conselho que provavelmente nosso autor se apoiou:

Isso significa que a história absorve a sociologia? De maneira alguma. Simplesmente: o sociólogo deve primeiro observar e analisar, antes de explicar. Ele usa a história como uma ciência subordinada e auxiliar para o estudo do processo social como *um todo*¹³⁰.

Quanto a isso, pode-se discordar do autor para realce ainda maior, pois a ciência da História pode ser complementar e recíproca, é o que se percebe por toda obra martiniana e de outros autores, como o próprio Marx, um pilar da obra de Martins.

Mas nem sempre foi fácil e como se imagina quando se lê a obra de um autor consagrado, nem se concebe (a não ser que Martins se revela e se expõe em quase todas as suas obras, e isso é uma exceção, como que a singularidade dele) o que esse passou, o que foi sua vida, antes, em entrevista Martins explica que

¹²⁸ MARTINS, José de S. **A sociologia como aventura**, p. 247.

¹²⁹ WAGNER, Peter. The future of sociology: understanding the transformations of the social. **Dipartimento di Sociologia e Ricerca Sociale – Quaderni**, Trento, n. 43, mar., 2009; p. 34, traduzido: “[...] the best of sociology was intended as a contribution to a critique of modernity that itself reasoned against the background of a commitment to modernity”.

¹³⁰ “¿Quiere esto decir que la historia absorbe la sociología? En ninguna manera. Simplemente: el sociólogo debe primeramente observar y analizar, antes de explicar. Utiliza la historia como ciencia subordinada y auxiliar para el estudio del proceso social en *su conjunto*”, in: LEFEBVRE, Henri. **De lo rural a lo urbano**. 4 ed. Trad. Javier González-Pueyo. Barcelona: Ediciones Península, 1978, p. 69, traduzido, ênfase no original.

Quando anunciei a minha mãe que havia saído da fábrica para fazer curso normal e ser professor primário na roça, o desapontamento dela foi tanto que providenciou os papéis para que eu me aposentasse como inválido. Ao menos teria a segurança da aposentadoria. Uma lesão no tórax, adquirida na pequena fábrica de fundo de quintal onde primeiro trabalhara, era o pretexto que poderia convencer os médicos do IAPI¹³¹ a me aposentarem precocemente¹³².

O rompimento com a família, depois de muitas desavenças com o padrasto, daquela que faz parte a maioria, se não todos, os “objetos” de pesquisa de sua extensa obra, que são comuns, pois ocorrem em quase todas, mais pelos desacertos e até pelas tragédias, veem suas famílias se apartarem ou mesmo se espriar em busca de vida melhor, nem sempre encontrada:

A necessidade de sobrevivência em condições tão adversas exigiu que cada um procurasse o seu caminho, seguisse suas inclinações e, sobretudo, suas possibilidades. Libertado e longe do cotidiano da casa, fui tomando consciência de que já não queríamos as mesmas coisas. A família se transformara num fardo difícil de carregar. Eu já a havia carregado demais, meu irmão também e minha mãe mais do que ninguém¹³³.

Foi fazer Ciências Sociais, com a sociologia enraizada como muitos de seus admiradores, seguidores e analisadores de sua obra definem como “enraizada”, “No início da década de 1970, começou a ser desenvolvida uma perspectiva crítica da ‘rural sociology’ [nasceu antes da Sociologia Urbana¹³⁴], sob a orientação de José de Souza Martins”, segundo esse autor, o seu

¹³¹ Tratam-se dos Instituto de Aposentadorias e Pensões dos Industriários (IAPI) criado ainda durante o Estado Novo, a Ditadura de Vargas.

¹³² MARTINS, José de S. José: esboço de figura. Entrevista a Antonio Motta. **Política & Trabalho**, João Pessoa, n. 39, p. 23-58, out., 2013b, p. 29.

¹³³ MARTINS, José de S. **Uma arqueologia da memória social**, p. 259.

¹³⁴ Quanto a isso, informa Christian Topalov que a respeito de uma “etiquetagem científica”, quando em 1925 Robert E. Park e seus colaboradores lançam o termo Sociologia Urbana: “Observe também que o termo *sociologia urbana* nasceu como um duplete de *sociologia rural*, uma especialidade firmemente estabelecida desde o início do século: uma pesquisa de 1913 revelou que havia educação sob esse título em 64% das faculdades agrícolas, 45% das universidades estaduais e 31% das faculdades de formação de professores, as três bases institucionais da especialidade”, in: TOPALOV, Christian. *Sociologie d'un étiquetage scientifique: “Urban Sociology”* (Chicago, 1925). **L’Année sociologique**, Paris, Troisième série, v. 58, n. 1, p. 203-234, 2008; p. 227, traduzido, ênfase no original: “Relevons aussi que le terme *urban sociology* est né comme un doublet de *rural sociology*, spécialité solidement établie depuis le début du siècle : une enquête de 1913 révèle qu’il y avait un enseignement sous ce titre dans 64 % des collèges agricoles, 45 % des universités d’Etat et 31 % des écoles normales, alors les trois bases institutionnelles de la spécialité”.

orientando de Mestrado, Tavares dos Santos “Suas influências intelectuais são variadas, de Marx a Weber, de Gramsci a Lefebvre, entre outros”¹³⁵.

Já há quase 60 anos atrás o autor, como se atesta na citação, desfrutava e defendia a pluralidade que ilumina, para além de escolas teóricas, são os problemas de pesquisa que impõem ou chamam os autores, consagrados, da moda ou não, à baila, em auxílio.

A maioria dos autores que aparecem já em seus primeiros textos constituem *novidades e sinônimo de abertura intelectual* em muitas universidades.

A sua própria história, como ele mesmo atesta o auxilia a essa empreitada de dar humanidade e trazer a sensibilidade que a sua Sociologia diferenciada, enraizada traz, conforme elogiam seus admiradores e até aqueles que tiveram oportunidade de estar em suas aulas e pesquisas.

Nesse sentido, provavelmente amparou-se no desenvolvimento de sua própria humanidade ao pesquisar, viver, pois, conforme Henri-Irénée Marrou: “[...] porque toda investigação histórica [e sociológica, interdisciplinar no caso de José de Souza Martins], se é verdadeiramente fecunda, implica um progresso na própria alma do seu autor: o ‘encontro dos outros’, do espanto às descobertas, enriquece-o no transformando”¹³⁶.

Como enquanto educador popular, dos tempos que assessorava a CPT (Comissão Pastoral da Terra¹³⁷) informa: “[...] a história pessoal reconstruída na

¹³⁵ TAVARES DOS SANTOS, José V. A violência na sociologia brasileira atual. In: ALMEIDA, Cybele C. de et al (Orgs.). **Violência e poder: reflexões brasileiras e alemãs sobre o medievo e a contemporaneidade**. Porto Alegre: DM, 2017, p. 249-267; p. 253.

¹³⁶ MARROU, Henri-Irénée. **De la connaissance historique**. Paris: Éditions du Seuil, 1954, p. 232, traduzido: “[...] car toute recherche historique, si elle est vraiment féconde, implique un progrès dans l’âme même de son auteur: la ‘reencontre d’autrui’, d’étonnements en découvertes, l’enrichit en le transformant”.

¹³⁷ Fundada em 1975, Martins comenta de sua importância para a história social e contemporânea do Brasil: “A CPT nasce num dos momentos mais cruéis da história dos trabalhadores rurais deste País. [...] ela estimula a manifestação dos pequenos grupos, dos grupos locais. Estimula o aparecimento dos movimentos sociais no campo”, no entanto, segundo o autor “Os caminhos abertos pela CPT ainda não estão plenamente decifrados” MARTINS, José de S. **Exclusão social e a nova desigualdade**. [1a. edição: 1997], 6a. reimpressão. São Paulo: Editora Paulus, 2015, p. 130, 139 e 140.

perspectiva do método da história de vida constitui rico documento¹³⁸ sociológico”¹³⁹, e também é uma poderosa ferramenta metodológica pelo que pretende o marxismo humanista. Nesse sentido, ao propor métodos e técnicas singulares, é provável que Martins faça “[...] uma história em que a narrativa construída abalaria as certezas preguiçosas da cadeia impecável de causas e efeitos”¹⁴⁰, como expõe Jean-Pierre Rioux.

E quando Martins expõe sua vida, pela *história de vida* como exposto, é a vida que muitos viveram e vivem, em nosso tempo, apesar das melhorias nas condições de vidas (ao menos em acesso a consumo de bens e serviços) que gerações anteriores não tinham.

A trajetória martiniana na vida, pois percorrer 16 Km para ir à escola mais parece narrativa de notícia de escolas em regiões isoladas, como as ainda comuns em algumas regiões do país, as mais pobres, especialmente:

Lembro-me de que, quando menino, morando na roça, tinha que atravessar uma área arborizada e sombria quando ia ou voltava da escola: 16 quilômetros de caminhada através de fazendas, sítios e chácaras. Nesse local, diziam as outras crianças, havia um *corpo-seco*. Era o corpo de alguém que definhara, nem vivia nem morrera, e permanecia insepulto numa cova aberta, por conta das maldades que fizera, uma múmia viva¹⁴¹.

Comentando o que comia, a forma como era a sua alimentação com a família lá pelos idos de 1948, na roça, quando voltava da escola:

Éramos um bando de meninos e meninas que moravam para os mesmos lados. De pé no chão, nas manhãs de inverno os

¹³⁸ A respeito de documento, existem inúmeras possibilidades. A título de exemplo, ilustra-se o bilhete de troca entre Getúlio Vargas e Lourival Fontes, chefe do gabinete Civil deste governante nos anos de 1951 e 1954: “Os bilhetes transmitem as orientações diretas e imediatas do presidente, demonstrando como se dava o funcionamento do governo em uma esfera muito reservada, praticamente fechada, sendo, em geral, inacessível aos contemporâneos e aos historiadores”, in: GOMES, Angela de C. Um presidente, dois palácios, muitos dias: introdução. In: GOMES, Angela de C. (Org.). **Getúlio escreve a Lourival: os bilhetes à Casa Civil da Presidência da República (1951 e 1954)**. Aracaju: Edise, 2015, p. 19-38; p. 22.

¹³⁹ MARTINS, José de S. **Florestan: sociologia e consciência social no Brasil**. São Paulo: Edusp - Editora da Universidade de São Paulo/Fapesp, 1998, p. 87.

¹⁴⁰ RIOUX, Jean-Pierre. L’histoire est présente. **Revue Atala**, Rennes, n. 3, p. 9-15, 2000; p. 15, traduzido: “[...] une histoire où le récit construit bousculerait les certitudes paresseuses de l’enchaînement trop impeccable des causes et des effets”.

¹⁴¹ MARTINS, José de S. **Linchamentos: a justiça popular no Brasil**. São Paulo: Editora Contexto, 2015b, p. 169, ênfase no original.

pés doíam muito. No caminho da roça, já no sol quente do meio-dia, íamos ficando pelos sítios e chácaras. Eu era o último. Chegava faminto em casa, para o invariável prato morno de arroz, feijão e repolho cru, temperado com óleo e sumo de limão-vinagre. Quando li *Os parceiros do Rio Bonito*, de Antonio Candido, entendi perfeitamente a referência àquela insaciável fome de carne tão característica do mundo caipira. Era a fome que eu sentia. Meu padraço, quando tinha fome, pegava a espingarda e saía para caçar. Voltava com tatu, um filhote de veado, alguma ave. Sinal de que a coisa piorava foi no dia em que caçou um ouriço, bicho feio. Foi difícil comer aquilo, a carne dura, escura e mal cheirosa. Mas fome é fome¹⁴².

A citação corrobora o exposto antes, “das melhorias nas condições de vidas” de grande parte da população, especialmente se se atentar a dieta da família de Martins, em que pese, o alerta do escritor Fernando Jorge: “A fome zomba de todas as filosofias”¹⁴³, pois essa continua e tem se acentuado com a vigente pandemia.

Um outro aspecto se associa a trajetória de Martins, singular na Universidade, mas não da vida de muitos brasileiros, somando ao fato de ser um autodidata, este se orgulha de ter iniciado a trabalhar (e trabalho pesado) muito cedo, ainda criança, o que é incomum e até é desestimulado pela legislação brasileira:

[...] sentia muito orgulho de, apesar de menino, já trabalhar e ganhar meu próprio dinheiro. Só ao chegar à Universidade compreendi de vez que a classe média e os intelectuais não consideram isso um mérito. Para a maioria, é antes um defeito grave de alguém não tenha passado a infância e a adolescência só estudando, em ócio edificante e bem aproveitado¹⁴⁴.

Talvez seja isto o que faz a sua força, sua clareza expressiva e suas orientações teórico-práticas, daquilo que a tese procura expressar como o marxismo humanista de Martins.

Sim, Martins é um historiador, pois *historia* a vida real, a vida daqueles que como ele, poucas opções tiveram e foram, geralmente, impelidos pela vida a seguir e seguir, ao buscar valer-se da “[...] intrincada manobra de autoiludir-

¹⁴² MARTINS, José de S. **O coração da pauliceia ainda bate**, p. 299, ênfase no original.

¹⁴³ JORGE, Fernando. **Água da fonte**. 8ª ed. São Paulo: Novo Século, 2015a, p. 59.

¹⁴⁴ MARTINS, José de S. **Uma arqueologia da memória social**, p. 287.

se”¹⁴⁵, como caracteriza o homem do cotidiano, não tendo outra alternativa frente aos descalabros da história e dos desencontros dos tempos, aspecto formativo da nossa essência enquanto sociedade.

Martins é um historiador, mas não porque exerce em termos concretos o ofício de historiador e suas características principais. Sendo um marxista, ainda que “a seu jeito”, Martins recorre, sempre e permanentemente, à História e, claro, também a exerce para realizar suas atividades de pesquisa.

Nestas, pode-se visualizar pelo menos duas facetas de sua escrita histórica: nos seus primeiros trabalhos uma perspectiva de história longa e com o debruçar-se sobre um tempo estendido ao passado.

Quanto a este passado, assegura Thomas Mann que “É muito fundo o poço do passado... Quanto mais fundo sondamos, quanto mais abaixo tentemos e calcamos o mundo inferior do passado, tanto mais comprovamos que as bases mais remotas da humanidade, sua história e cultura, se revelam inescrutáveis”¹⁴⁶.

Já nos escritos posteriores, pode-se perceber a escrita da história como associada a temporalidade do presente que, aliás, na sua ótica, sempre está ligado ao passado, nas permanências desse que inviabilizam o novo, com tem sido caracterizada a sociedade brasileira, pela perspectiva de uma história lenta.

Em entrevista Martins comenta a sua atual fase:

A aposentadoria me trouxe ao tempo da solidão criativa. Liberto da trama de poderes que hoje enreda a universidade em propósitos que tendem a afastá-la da pesquisa inovadora, posso hoje dedicar-me à conclusão de trabalhos iniciados antes da aposentadoria, em vários campos temáticos. E dedicar-me, também, à minha nova sala de aula que é o jornal, onde comento sociologicamente, todas as semanas, dos fatos políticos aos fatos banais da vida cotidiana¹⁴⁷.

Deste autor que se programa e propõe dedicação mesmo aposentado que se apresenta, a seguir, enquanto problema de pesquisa.

¹⁴⁵ GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. Trad. Maria C. S. Raposo. 10ª ed. Petrópolis: Vozes, 2002, p. 79.

¹⁴⁶ MANN, Thomas. **José e seus irmãos**. Trad. Agenor S. de Moura. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1947, p. 13.

¹⁴⁷ MARTINS, José de S. José: esboço de figura. Entrevista a Antonio Motta. **Política & Trabalho**, João Pessoa, n. 39, p. 23-58, out., 2013b, p. 57.

Capítulo 2: OS TRÊS MARXISMOS (OU O CERNE TEÓRICO)

A questão se os intelectuais devem ser de esquerda ou de direita é um rótulo a que essa tese não adere. Com José de Souza Martins não tem sido diferente, pois muitos o enxergam, mesmo quando na universidade, como próximo ao grupo do PSDB (Partido da Social Democracia Brasileira).

Destarte, no governo do presidente Fernando Henrique exerceu “[...] gratuitamente, a função de membro e coordenador da comissão interministerial que preparou o Plano Nacional de Erradicação do Trabalho Infantil e do Trabalho Escravo”, conforme atesta o seu perfil na Wikipedia¹⁴⁸.

Opta-se por “[...] falar de intelectuais precisamente como aquelas figuras cujo desempenho público não pode ser previsto nem forçado a enquadrar-se num slogan, numa linha partidária ortodoxa ou num dogma rígido”¹⁴⁹. “Você se considera de esquerda?”, perguntam os entrevistadores em “Não há ciência sem neutralidade ética”. Aos quais, Martins responde:

As pessoas são isto ou aquilo, independentemente do que se consideram. Eu não só me considerava de esquerda como era e sou de esquerda, um intelectual de esquerda. Mas, seria um absurdo imaginar que só eram de esquerda e que só estavam corretos os que, no calor emocionado do grito e do improvisado, participavam das comissões paritárias e da ocupação da Faculdade de Filosofia da USP, em 1968. Ou os que optaram pela luta armada ou pela chamada clandestinidade. Há muita presunção nesses supostos, que são voluntaristas. Havia uma esquerda madura e experiente, que refletia a sério, com instrumentos teóricos adequados, a respeito do que estava acontecendo. Eu me identificava mais com as orientações assim, com a necessidade de um calculado e prudente enfrentamento da ditadura e não só dela¹⁵⁰.

O que estava colocado no final dos anos 1960 e 1970, dentro da esquerda, era um debate mais amplo, de resistência à ditadura, mas também de projeto de poder.

¹⁴⁸ Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/José_de_Souza_Martins>. Acesso em 15/12/2018.

¹⁴⁹ SAID, Edward W. **Representações do intelectual**: as Conferências Reith de 1993. Trad. Milton Hatoum. São Paulo: Companhia das Letras, 2005, p. 12.

¹⁵⁰ MARTINS, José de S. **A sociologia como aventura**: memórias. São Paulo: Editora Contexto, 2013a, p. 92.

Enquanto uma esquerda mais radicalizada, capitaneada sobretudo pelos movimentos guerrilheiros, defendiam a ação armada e violenta contra a ditadura, por outro lado havia uma esquerda, mais democrática, capitaneada pelo PCB (Partido Comunista do Brasil) que defendia um leque amplo das forças políticas no combate à ditadura e o retorno à legalidade do país.

Não se está afirmando aqui que o José de Souza Martins se perfilava com o ideário do PCB, mas se perfilava a este ideário defendido pelo partidão, como era chamado, aliás, como foi bastante evidente entre a intelectualidade e o campo artístico e cultural que, naquele momento, a adesão às ideias e não propriamente às fileiras da agremiação partidária.

Refletia, então, frente aos impasses a que se vivia no país e, de forma ponderada, consciente do tipo de enfrentamento que seria mais adequado em se tratando da decisão de um intelectual.

Para aqueles que aderiram, segundo Martins “optaram pela luta armada ou pela chamada clandestinidade”, mais expondo voluntarismo do que propriamente uma posição madura frente a realidade social, Lefebvre nos informa que “O pensamento marxista clássico falhou na análise crítica do representativo (democracia representativa e suas instituições). Ele oscilou entre a rejeição global e a aceitação resignada”¹⁵¹, até por isso esse autor foi um dos fundadores da tendência Análise Institucional.

Seguindo essa premissa, Sirinelli afirma que o estudo de intelectuais como atores políticos – mas não é o nosso caso – seria complexo, pois “[...] não existe um – ou mais de um – partido dos intelectuais”¹⁵².

Mas se ele é intelectual e isso não se está em questão, na acepção que antes afirmou, resta a dúvida quanto a que tipo de marxismo se poderia “encaixar” o cientista José de Souza Martins, já que o marxismo pode ser visto como uma ciência e “[...] as três grandes forças intelectuais do século XX, ou

¹⁵¹ LEFEBVRE, Henri. **La presencia y la ausencia**: contribución a la teoría de las representaciones. Trad. Óscar Barahona e Uxo Doyhamboure. México: Fondo de Cultura Económica, 1983, p. 172, traduzido: “El pensamiento marxista clásico fracasó en el análisis crítico de lo representativo (la democracia representativa y sus instituciones). Osciló entre el rechazo global y la aceptación resignada”.

¹⁵² SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: RÉMOND, René (Org.). **Por uma história política**. Trad. Dora Rocha. 2ª ed., 6ª reimp. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2014, p. 231-269; p. 244.

seja, a ciência, a economia de livre mercado e os meios de comunicação de massa”¹⁵³.

A respeito do marxismo, Wright afirma que há duas formas de engano quanto a expressão:

A expressão marxismo sempre foi enganosa de duas maneiras. Primeiro, sugere que o marxismo deve ser visto como a doutrina do Grande Homem, ao invés de uma teoria científica da sociedade. A mecânica clássica não é chamada de “newtonismo”, nem a teoria evolucionista de “darwinismo”. Essas teorias científicas são identificadas por seu conteúdo, não por seu fundador. A identificação do marxismo com um caráter histórico sempre levou a uma confusão entre o marxismo como ciência e o marxismo como marxologia (o estudo dos textos de Marx). Em segundo lugar, a expressão “marxismo” é singular, sugerindo uma tradição teórica unitária, construída em torno de uma doutrina comumente aceita. Na realidade, existem muitos marxismos e, em muitos casos, certas correntes da tradição marxista estão intelectualmente mais próximas de certas escolas de pensamento não marxistas do que de algumas posições que se autodenominam marxistas¹⁵⁴.

Conforme o autor, ao contrário de cientistas de outras áreas, por assim dizer, o marxismo é identificado com o seu fundador, Marx, e não pelo seu conteúdo, como uma teoria que trata da sociedade como as outras¹⁵⁵, por exemplo, o evolucionismo.

¹⁵³ WATSON, Peter. **Historia intelectual del siglo XX**. Trad. David L. Gómez. Barcelona: Editorial Critica, 2002, p. 848, traduzido: “[...] las tres grandes fuerzas intelectuales del siglo XX, es decir, la ciencia, la economía de libre mercado y los medios de comunicación de masas”.

¹⁵⁴ WRIGHT, Eric O. **Reflexiones sobre socialismo, capitalismo y marxismo**. Trad. Juan R. de la Cruz. Palma de Mallorca: CC.OO. de les Illes Balears, 1997, p. 33, traduzido: “La expresión marxismo ha sido siempre engañosa de dos formas. En primer lugar, sugiere que se debería considerar al marxismo como la doctrina del Gran Hombre, en vez de como una teoría científica de la sociedad. No se llama “newtonismo” a la mecánica clásica, ni “darwinismo” a la teoría evolucionista. Se identifica a estas teorías científicas por su contenido, no por su fundador. La identificación del marxismo con un personaje histórico ha llevado siempre a una confusión entre el marxismo como ciencia y el marxismo como marxología (el estudio de los textos de Marx). En segundo lugar, la expresión “marxismo” es singular, sugiriendo una tradición teórica unitaria, construida en torno a una doctrina comúnmente admitida. En realidad, hay muchos marxismos y, en muchos casos, ciertas corrientes de la tradición marxista están intelectualmente más próximas a ciertas escuelas no marxistas de pensamiento que a algunas posiciones autodenominadas marxistas”.

¹⁵⁵ A esse respeito, Velasco e Cruz entende que: “Ao lado do liberalismo, o marxismo é provavelmente um dos ramos mais vastos e influentes do pensamento ocidental, com iguais pretensões à universalidade”, in: VELASCO E CRUZ, André K. **Dois encontros entre o marxismo e a América Latina**. São Paulo: USP, 2010. (Dissertação de Mestrado em Ciência Política), p. 7.

Um segundo engano seria quanto ao marxismo, se se imagina um único, como se fosse coeso, e com formação a partir de elementos de aceitação conhecida, ao contrário, quanto ao marxismo não há um consenso, pois são vários.

Mas, quanto a necessidade de estudá-lo? Conforme Max Shachtman, não se pode ignorar, pois “A ignorância do marxismo, ou mesmo a indiferença a ele, é tão indesculpável nos campos das ciências sociais e da política quanto seria a ignorância de Newton e Darwin [...] nos campos da física e da biologia”¹⁵⁶.

Mas, quantos são? Dois, três ou até seis. Conforme o entendimento de Ludwig Woltmann repassado por Karl Korsch, deveriam ser considerados como componentes do “[...] marxismo como visão de mundo”¹⁵⁷ seis materialismos: o dialético, o filosófico, o biológico, o geográfico, o econômico e, o ético.

Portanto, “Não existe marxismo: existem marxismos!”¹⁵⁸, afirma Henri Lefebvre. Mas o que seria o marxismo, grosso modo, se fosse agrupado sob a concepção de um único?

E o marxismo? É apenas uma palavra, um rótulo político, uma mistura polêmica. Apenas um dogmatismo ultrapassado ainda se esforça para encontrar nas obras de Marx um corpo homogêneo de doutrina: um sistema. Entre os trabalhos da juventude, os da idade madura e os dos anos posteriores, há algo mais do que diversidade, algo muito diferente de um desenvolvimento tranquilo, semelhante ao da planta. Existem fissuras, lacunas, contradições, inconsistências¹⁵⁹.

¹⁵⁶ SHACHTMAN, Max. Introduction. In: MEHRING, Franz. **Karl Marx: the story of his life**. Trad. Edward Fitzgerald. Ann Arbor: The University of Michigan, 1962, p. VII-X; p. VII, traduzido: “Ignorance of Marxism, or even indifference to it, is as inexcusable in the fields of social science and politics as ignorance of Newton and Darwin would be [...] in the fields of physics and biology”.

¹⁵⁷ KORSCH, Karl. **Marxismo e filosofia**. Trad. José P. Netto. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2008, p. 138.

¹⁵⁸ LEFEBVRE, Henri. Le marxisme éclaté. **L’Homme et la société**, Paris, n. 41-42, p. 3-12, 1976a; p. 5, traduzido: “Il n’y a pas de Marxisme: il y a des Marxismes!”.

¹⁵⁹ LEFEBVRE, Henri. **Hegel, Marx, Nietzsche (o el reino de las sombras)**. 8 ed. Trad. Mauro Armiño. Madrid: Siglo Veintiuno Editores, 1988, p. 13-14, traduzido: “¿Y el marxismo? No es más que una palabra, una etiqueta política, una mezcla polémica. Sólo un dogmatismo caduco se esfuerza aún por encontrar en las obras de Marx un cuerpo doctrinal homogêneo: un sistema. Entre las obras de iuventud, las de ia edad madura y las de los últimos años hay algo más que diversidad, algo muy diferente de un desarrollo tranquilo, semejante al de la planta. Hay fisuras, vacíos, contradicciones, incoherencias”.

Se se concordar com Lefebvre que, ao contrário de sinônimo de unidade que o marxismo afirma em relação a obra de Marx, há fissuras, vazios, contradições e incoerências, provavelmente isso se dê, essa dissonância quanto a interpretação e seletividade da obra marxiana pela existência justamente de mais de um marxismo.

2.1 Os dois marxismos de Alwin W. Gouldner

Alvin Ward Gouldner foi um sociólogo e filósofo norte americano (1920-1980) que se definia “[...] como um teórico social e um historiador da teoria social, um ‘fora-da-lei’ ou dissidente”¹⁶⁰, pois, como alerta Robert Bonnaud “[...] os historiadores não são filósofos, eles não gostam de teoria. Eles sacam suas armas sempre que se trata de teoria”¹⁶¹ e a despeito disso, afirma em sua obra “*Los dos marxismos: contradicciones y anomalías en el desarrollo de la teoría*”, que durante toda obra de Marx existirão dois marxismos, advindos de uma espécie de contradição nuclear, de origem, que gera e reproduz.

Conforme o autor, “[...] pelo menos dois subsistemas limitados de teoria elaborada, que chamarei de marxismo científico e marxismo crítico”¹⁶², assim, “[...] os marxistas críticos concebem o marxismo como crítica e não como ciência; os marxistas científicos, como ciência”¹⁶³.

Mas é importante que se ressalte que ambos subsistemas se encaixam no que se convencionou chamar de *marxismo ocidental*.

Esse marxismo recebe contribuições tanto da Escola de Frankfurt, quanto do marxismo estruturalista francês, e ainda é uma teorização em curso, desde pelo menos o primeiro pós-guerra, onde os seus analistas pesam mais a

¹⁶⁰ HAGUETTE, André. Alvin W. Gouldner e a teoria social. **Revista de Ciências Sociais**, Fortaleza, v. 20/21, n. 1/2, p. 167-188, 1989-1990, p. 167.

¹⁶¹ BONNAUD, Robert. Robert Bonnaud, le porteur d'histoire. **Espaces Temps**, Lausanne, n. 53-54, p. 91-99, 1993; p. 97, traduzido: “[...] les historiens ne sont pas philosophes, ils n'aiment pas la théorie. Ils sortent leur revolver dès qu'il est question de théorie”.

¹⁶² GOULDNER, Alvin W. **Los dos marxismos: contradicciones y anomalías en el desarrollo de la teoría**. Trad. Néstor A. Míguez. Madrid: Alianza Editorial, 1983, p. 27, traduzido: “[...] al menos dos subsistemas limitados de teoría elaborada, a los que llamaré el marxismo científico y el marxismo crítico”.

¹⁶³ HAGUETTE, André. Alvin W. Gouldner e a teoria social, p. 183.

cultura do que os problemas econômicos frente às imposições do socialismo autoritário¹⁶⁴.

Nesta concepção, “[...] o marxismo foi um movimento profundamente europeu”¹⁶⁵, até por isso, a partir do seu pensamento-matriz, há autores que advogam que “Marx tinha pouco a dizer sobre as sociedades fora da Europa”¹⁶⁶. Para afirmar a pluralidade de marxismos, para além da ideia de que possam ser ligados apenas ao Ocidente, Henri Lefebvre afirma que:

Hoje existem múltiplos marxismos que tentamos reduzir a um único “modelo” em vão. O pensamento de Marx e Engels é enxertado nos conceitos e valores já difundidos pelos países onde penetrou. Daí o nascimento de um marxismo chinês e de um marxismo soviético (russo), de escolas marxistas na Alemanha, na Itália, na França, nos países anglo-saxões. Daí a diversidade e desigualdade do desenvolvimento teórico¹⁶⁷.

Se há uma diversidade, há também uma desigualdade no desenvolvimento teórico desses marxismos, segundo o autor, algo natural em pensar considerando o também desigual desenvolver da ciência mundo afora. Esse dessemelhante desenvolvimento teórico associado a autores e países também é mencionado por Gouldner.

Entre os diversos autores que cita nas duas tendências, dentre outros, Georg Lukács, Antonio Gramsci, Lucien Goldmann e Walter Benjamin são vistos como marxistas críticos, os *dialéticos* (inclusive são autores citados por José de Souza Martins).

Por outro lado, como marxistas científicos: Nicos Poulantzas e Maurice Godelier. Pela classificação do autor, percebe-se o primeiro grupo mais

¹⁶⁴ MERQUIOR, José G. **O marxismo ocidental**. Trad. Raul de S. Barbosa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1987.

¹⁶⁵ THERBORN, Göran. **Do marxismo ao pós-marxismo?** Trad. Rodrigo Nobile. São Paulo: Boitempo, 2012, p. 57. No entanto, mais adiante (p. 77, ênfase no original) este mesmo autor reconhece: “[...] o ‘marxismo ocidental’ é uma *Nachkonstruktion*, uma construção *post hoc*, não um grupo ou corrente reconhecida”.

¹⁶⁶ ASHCROFT, Bill; AHLUWALIA, Pal. **Edward Said**. 2nd ed. Abingdon: Routledge, 1999, p. 75, traduzido: “Marx had little to say about societies outside Europe”.

¹⁶⁷ LEFEBVRE, Henri. **Hegel, Marx, Nietzsche (o el reino de las sombras)**, p. 15, traduzido: “Hoy hay múltiples marxismos que en vano se trata de reducir a un ‘modelo’ único. El pensamiento de Marx y de Engels se injerta en los conceptos y valores ya difundidos por los países donde ha penetrado. De ahí el nacimiento de un marxismo chino y de un marxismo soviético (ruso), de escuelas marxistas en Alemania, en Italia, en Francia, en los países anglosajones. De ahí la cliversidad y la desigualdad del desarrollo teórico”.

próximo a obra de Marx e o segundo a escola de Althusser, os *estruturalistas*. Sintetizando, grosso modo, assim expõe o autor:

Os marxistas críticos defendem um historicismo que enfatiza a fluidez e a mudança sociais, um tipo de organicismo que requer interpretação contextual dos eventos; os marxistas científicos procuram estruturas sociais firmes que reaparecem e são presumivelmente inteligíveis fora de qualquer contexto¹⁶⁸.

A partir do exposto e da defesa da existência desses dois marxismos, Gouldner vai perceber duas *anomalias* na teoria marxistas, uma produzida pela investigação e outra pelos sucessos.

Assim, a primeira anomalia seria “[...] uma divergência de expectativas produzida por esforços deliberados de investigação” e “A segunda [anomalia seria], aquelas engendradas por eventos, [que] parecem ser produzidas pela ‘história’”¹⁶⁹.

Mais adiante o autor reforça a demarcação da fronteira entre essas duas visões do de Marx: crítico “[...] é mais propenso a um historicismo em que cada fase social diferente da sociedade é vista como operando de acordo com requisitos únicos e diferentes, e destaca o caráter orgânico da sociedade como uma totalidade especial” e o científico “[...] se inclina mais para um estruturalismo em que a totalidade social é vista como um conjunto de elementos permanentes que transcende seus limites no tempo e no espaço e, portanto, tem um caráter atomístico e mecanicista”¹⁷⁰.

¹⁶⁸ GOULDNER, Alvin W. **Los dos marxismos**, p. 53, traduzido: “Los marxistas críticos sustentan un historicismo que pone énfasis en la fluidez y el cambio sociales, un tipo de organicismo que exige la interpretación contextual de los acontecimientos; los marxistas científicos buscan estructuras sociales firmes que reaparecen y presumiblemente son inteligibles fuera de cualquier contexto”.

¹⁶⁹ GOULDNER, Alvin W. **Los dos marxismos**, p. 28, com acréscimo, traduzido: “[...] una divergencia de las expectativas producida por deliberados esfuerzos de indagación” e “Las segundas, las engendradas por sucesos, parecen producidas por la ‘história’”.

¹⁷⁰ GOULDNER, Alvin W. **Los dos marxismos**, p. 75, traduzido: “[...] es mas propenso a un historicismo en el cual cada fase social diferente de la sociedad es contemplada como operando de acuerdo con requisitos únicos y diferentes, y hace resaltar el carácter orgánico de la sociedad como totalidade especial” e “[...] se inclina más hacia un estructuralismo en el que la totalidad social es contemplada como una conjunción de elementos permanentes que trasciende sus límites en el tiempo y el espacio, y, por onde, tiene un carácter atomista y mecanicista”.

Dos dois marxismos expostos, o marxismo crítico, em alguns casos é o estruturalista de Louis Althusser¹⁷¹, que é esquemático e empobrecido, como que a sugerir atalhos as lutas sociais dos movimentos sociais e partidos de esquerda (que não se atualizaram). Quanto a isso, talvez seja interessante considerar o exposto por Marc Bloch, pois “Se a mente crítica tem tantos detratores, é indubitavelmente mais fácil culpá-la ou ridicularizá-la do que praticar seus duros mandamentos”¹⁷².

E, encadeando a história a partir dos modos de produção, opção essa que se esquece (de propósito?) das dinâmicas singulares, do imponderável e até do não esperado daquilo que vêm ocorrendo na nossa história, pois “A maior limitação do marxismo althusseriano é a da omissão na compreensão da singularidade histórica das sociedades particulares, no nosso caso, a sociedade brasileira”¹⁷³.

Nesse caso, diferenciando-se, por demais, em muitos casos, do caso-teste que gerou muito da teoria, mas “Obviamente, o esquecimento dispensa qualquer teoria de apoio”¹⁷⁴, pois os militantes se valem das generalizações e dos esquemas que acabam por simplificar e até ocultar a complexidade da realidade social:

O esquema marxista da luta de classes nunca foi capaz de se explicar, de se explicar para aqueles que o elaboraram, para os próprios Marx e Engels. Onde se situavam os teóricos desta luta de classes, na suposta fenda entre o proletariado e a

¹⁷¹ No sentido da vulgarização da obra de Marx e ampla disseminação, sem dúvida “Ideologia e aparelhos ideológicos de Estado” de Althusser contribuiu sobremaneira por ser espécie de cartilha: ALTHUSSER, Louis. **Ideologia e aparelhos ideológicos do Estado**. Trad. Joaquim J. de M. Ramos. Lisboa: Editorial Presença; São Paulo: Martins Fontes, 1980; junto a “tradução” que Marta Harnecker fez de sua obra, que chegou ao Brasil, a própria autora reconhece o papel de Althusser “[...] *quien ha significado tanto para mi vida intelectual y política*”, in: HARNECKER, Marta. La marca de Althusser en mi formación marxista. In: PINHEIRO, Jair. (Org.). **Ler Althusser**. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2016, p. 13-54; p. 11), obra na linha d’“O sol vermelho que ilumina os nossos corações” como cantava o hino da China, no intento de popularizar e vulgarizar o marxismo.

¹⁷² BLOCH, Marc. Critique historique et critique du témoignage. **Annales. Economies, sociétés, civilisations**, Paris, 5^e année, n. 1, p. 1-8, 1950; p. 7, traduzido: “Si l’esprit critique a tant de détracteurs, c’est sans doute qu’il est plus facile de le blâmer ou de le railler que d’en pratiquer les durs commandements”.

¹⁷³ MARTINS, José de S. **A sociologia como aventura**, p. 139.

¹⁷⁴ WANG, Youqin. Trouver une place pour les victimes: la difficile écriture de l’histoire de la Révolution culturelle. Trad. Brice Pedroletti. **Perspectives Chinoises**, Hong Kong, n. 4, p. 67-77, 2007; p. 74, traduzido: “Évidemment, l’oubli dispense de toute théorie justificative”.

classe capitalista? Quando esta pergunta é feita, apenas uma gravidez coberta pelo silêncio é observada¹⁷⁵.

Um outro crítico de Althusser foi Thompson, que viu nas elaborações do primeiro “um planetário de erros”, enfim, afirmando ser esta a “miséria da teoria”, na crítica que o historiador faz ao filósofo.

Talvez miséria por que prefere separar-se da sua “outra metade”, que é a realidade: “A explicação de Althusser também deixa de lado a força propulsora do ‘mundo real’, espontaneamente e sem nenhuma cerimônia”¹⁷⁶. Para Thompson,

[...] a rachadura central, que percorre todo o pensamento de Althusser é uma confusão entre os procedimentos empíricos, controles empíricos, e algo que ele chama de “empirismo”. Essa rachadura invalida não uma ou outra parte de seu pensamento. Mas o pensamento como um todo. Sua posição epistemológica impede que compreenda os dois “diálogos” a partir dos quais se forma nosso conhecimento: primeiro, o diálogo entre o ser social e a consciência social, que dá origem a experiência; segundo, o diálogo entre a organização teórica (em toda a sua complexidade) da evidência, de um lado, e o caráter determinado de seu objeto, do outro¹⁷⁷.

Para fazer frente a isso existe a lógica histórica, Thompson¹⁷⁸ comenta que é difícil estabelecer esta, é difícil apresentar uma coerência disciplinar, afinal são métodos diversos, técnicas variadas e temas de investigação tão díspares.

Segundo o autor trata-se de uma lógica característica, não havendo utilidade em enquadrar a História nos métodos das ciências experimentais, pois a lógica ou as pressões do processo econômico e social vem sendo infringidas

¹⁷⁵ GOULDNER, Alvin W. **El futuro de los intelectuales y el ascenso de la nueva clase**: un marco de referencia, tesis, conjeturas, argumentos y una perspectiva histórica sobre el papel de los intelectuales y la intelligentsia en la lucha de clases internacional de la Era Moderna. Trad. Néstor A. Míguez. Madrid: Alianza Editorial, 1980, p. 24, traduzido: “El esquema marxista de la lucha de clases nunca fue capaz de explicarse a sí mismo, de explicar a quienes elaboraron el esquema, a los mismos Marx y Engels. ¿Dónde estaban situados los teóricos de esta lucha de clases, en la supuesta grieta entre el proletariado y la clase capitalista? Cuando se plantea esta cuestión, sólo se observa un embarazo recubierto por el silencio”.

¹⁷⁶ THOMPSON, Edward P. **A miséria da teoria ou um planetário de erros**: uma crítica ao pensamento de Althusser. Trad. Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981, p. 17.

¹⁷⁷ THOMPSON, Edward P. **A miséria da teoria ou um planetário de erros**, p. 42.

¹⁷⁸ THOMPSON, Edward P. **A miséria da teoria ou um planetário de erros**.

pelas contingências, assim invalidando qualquer regra destas outras ciências nela.

Que o historiador não tem falta de lógica e, sim que esta é diferente, adequada aos fenômenos que estão sempre em movimento, que os historiadores rejeitam “conceitos analíticos estáticos”, de lógicas inadequadas à História.

Neste sentido, entende Gianni Vattimo que mesmo à época de Marx “O marxismo, no século XIX, é uma tentativa gigantesca não só de fazer história, mas de possuí-la, prática e teoricamente”¹⁷⁹.

Assim, Thompson entende por lógica histórica: “[...] um método lógico de investigação adequado a materiais históricos, destinado, na medida do possível, a testar hipóteses quanto à estrutura, causação etc. e a eliminar procedimentos autoconfirmadores (‘instâncias’, ‘ilustrações’)”¹⁸⁰.

Assim, o interrogador é a lógica, o conteúdo da interrogação a hipótese e o interrogado é a evidência. Mas isso fora do esquematismo althusseriano, pois

[...] a análise da transição histórica não pode ficar centrada na polarização mecânica de modos de produção, porque aí se torna impossível apreender o movimento da história, o caráter complexo e historicamente desigual do processo social”¹⁸¹.

A simplificação da realidade social ao esquematismo dos modos de produção, que de forma mecânica e teleológica enquanto força e “[...] o ponto de apoio de toda a prática política marxista e do horizonte de esperança que ela descortina”¹⁸².

Como se uma “era” fosse ou época e, devesse suceder outra e, com o corte das arestas (os indesejados na história e que nem lugar tinham, como de início os camponeses) que deveriam se proletarizar para ter espaço na

¹⁷⁹ VATTIMO, Gianni. **Las aventuras de la diferencia:** pensar después de Nietzsche y Heidegger. Trad. Juan C. Gentile. Barcelona: Ediciones Península, 1986, p. 37, traduzido: “El marxismo, en el siglo XIX, es un intento gigantesco no sólo de hacer la historia, sino de adueñarse de ella, práctica y teóricamente”.

¹⁸⁰ THOMPSON, Edward P. **A miséria da teoria ou um planetário de erros**, p. 49.

¹⁸¹ MARTINS, José de S. **O cativo da terra**. [1a. edição: 1979] 9ª. edição, revista e ampliada, 1ª reimpressão. São Paulo: Editora Contexto, 2013, p. 231.

¹⁸² DOSSE, François. **A história**. Trad. Maria E. O. Assumpção. Bauru: EDUSC, 2003, p. 254.

polarização que demoniza os burgueses e o sistema capitalista, ou a sociedade de classes.

De igual maneira polarizada, tendo no operariado a possibilidade de redenção de todos (inclusive os camponeses, se proletarizados), já que prenhes da revolução estavam pelo papel revolucionário que o esquematismo teórico estabeleceu.

É como se tudo, até mesmo “[...] as direções gerais da história, inclusive o futuro, já são conhecidas”¹⁸³, assevera Doreen Massey quanto ao progresso, o desenvolvimento e, propriamente o processo de modernização, interligados e assegurados pelo curso de subsequentes modos de produção.

Então, dos dois marxismos que Gouldner estabeleceu, entendimento também esquemático, advém e podem ser buscados outros vários, conforme a literatura comentou, segundo o país e o escritor, se esse último está mais inclinado a Marx ou a seus seguidores, inicialmente em Engels e depois os revisores alemães.

Nesse trabalho, se oculta ou se ressalta a dialética, se foi perseguido ou não pelos pretensos socialistas que impunham a condição de autorizados na questão do que é e do que não é de Marx, disso resultam outras possibilidades e até singularidades, como o marxismo brasileiro tratado a seguir.

2.2 Marxismo brasileiro paradoxalmente se fortalece com a Ditadura

No Brasil, quando despontam os primeiros intelectuais, Miceli assinala que a elite letrada do Brasil imperial era mantida em pressão de mediadores que “[...] mantinham as atividades intelectuais no cabresto, as quais alternavam picos a reboque da urgência política às conquistas palpáveis dessa inteligência”¹⁸⁴.

Desta forma, “[...] quaisquer avanços em matéria de autonomia e fôlego de invenção dependeram de recursos das entidades públicas com inserção

¹⁸³ MASSEY, Doreen. **Pelo espaço**: uma nova política da espacialidade. Trad. Hilda P. Maciel e Rogério Haesbaert. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008, p. 32.

¹⁸⁴ MICELI, Sergio. **Vanguardas em retrocesso**: ensaios de história social e intelectual do modernismo latino-americano. São Paulo: Companhia das Letras, 2012, p. 23.

estratégica no âmbito cultural – por exemplo, a universidade”¹⁸⁵ onde recebiam rendimentos que variavam conforme a “[...] posição desfrutada na hierarquia da função governamental, a qual dependia, é claro, do grau de proximidade e acesso às lideranças burocráticas e políticas”¹⁸⁶.

Eis outra implicação totalmente diferente na realidade social, o que produz outra mirada socio-histórica, outra práxis, outras alianças e outros valores.

Se for pensar numa origem do marxismo no Brasil ou sobre a entrada das ideias de Karl Marx no Brasil, deve se recorrer a Moraes Filho em sua “proto-história”, afirma ele que “[...] vai caber a Joaquim Serra – o iniciador do movimento abolicionista no Parlamento, em 1879 – a primazia de haver se referido nominalmente, em letra de forma, ao autor do *Manifesto*”.

Mas em se tratando de jornal, segundo o autor é *A Reforma*, órgão do partido Liberal que ainda em 1871 coube “[...] a primazia de imprimir em letra de forma o nome de Karl Marx no Brasil...”¹⁸⁷.

Se as atividades intelectuais no Brasil, para além se antes ou depois entrada do marxismo, como pondera Miceli¹⁸⁸ estavam desde o início ligadas ao poder, em dependência direta com a proximidade daqueles que detinham o destino da nação, imagine quando em posição de ausência de democracia como foi o caso do período da Ditadura brasileira (1964-1985), se se adotar a periodização de Reis Filho (para ele termina em 1979), pois existe discordância a respeito de até quando se prolongou a Ditadura.

Na controversa tese deste autor, o seu término da Ditadura se deu “[...] redefinindo-se, transformando-se, transitando lentamente para o regime democrático, mudando de pele como um camaleão muda de cores, numa lenta metamorfose”¹⁸⁹.

No entanto, em discordância com Reis Filho, até pode-se entender que a repressão diminuiu, não a estrutura ditatorial das instituições do Estado.

¹⁸⁵ MICELI, Sergio. **Vanguardas em retrocesso**, p. 23.

¹⁸⁶ MICELI, Sergio. **Sonhos da periferia**: inteligência argentina e mecenato privado. São Paulo: Todavia, 2018, p. 35.

¹⁸⁷ MORAES FILHO, Evaristo. A proto-história do marxismo no Brasil. In: MORAES, João Q. de; REIS FILHO, Daniel A. (Orgs.). **História do marxismo no Brasil. Vol. 1**: o impacto das revoluções. 2ª ed., 2ª reimpr. Campinas: Editora da Unicamp, 2013, p. 11-49; p. 18 e 19.

¹⁸⁸ MICELI, Sergio. **Sonhos da periferia**.

¹⁸⁹ REIS FILHO, Daniel A. **Ditadura e democracia no Brasil**: do golpe de 1964 à Constituição de 1988. Rio de Janeiro: Zahar, 2014., p. 15.

Eis o porquê Henri Lefebvre sempre indicava que para compreender a história das sociedades, os seus movimentos, devia-se sempre levar em conta o estudo das instituições (sobre tudo da militar) e do Estado.

Para Reis Filho ela finda ainda em 1979, quando se inicia com o presidente Geisel a transição para a democracia, em suas palavras: “A ditadura ficara para trás, ao menos temporariamente. A sociedade, inquieta e esperançosa, dava os primeiros passos para uma transição ainda indefinida”¹⁹⁰; transição essa que “[...] efetuou-se sem risco para as camadas proprietárias”¹⁹¹.

Mas, mesmo que em 1979 tivesse sido publicado a Lei de Anistia, o país vivia sob uma constituição extremamente autoritária, desta forma, efetivamente e, nesta tese assim se considera, de acordo com Angelo Priori e outros, que “[...] o fim da ditadura militar [ocorreu] em 1985”¹⁹².

Este foi o desafio do marxismo, sendo uma perspectiva alinhada à esquerda, mas não impedido de se aproximar do poder, aliás como já ocorreu nas tentativas do “socialismo real” com os resultados sabidos da União Soviética.

Por exemplo: “[...] de acordo com [Michel] Houellebecq, o marxismo foi morto no mesmo país onde se tornou uma religião oficial secular (Rússia)”¹⁹³, informa Leonidas Donskis.

De novo o papel do Estado, mesmo mudando parcialmente a estrutura da propriedade, não impediu nem a queda da URSS (União das Repúblicas Socialistas Soviéticas), nem os novos milionários que têm comprado clubes europeus¹⁹⁴, como o Arsenal e Chelsea (Inglaterra), Mônaco (clube monegasco que atua no futebol francês) dentre outros, nem a pobreza atual na Rússia e,

¹⁹⁰ REIS FILHO, Daniel A. **Ditadura e democracia no Brasil**, p. 124.

¹⁹¹ RODRIGUES, Leôncio M. **Pobres e ricos na luta pelo poder: novas elites na política brasileira**. Rio de Janeiro: Topbooks, 2014, p. 22.

¹⁹² PRIORI, Angelo A.; POMARI, Luciana R.; AMÂNCIO, Sílvia M.; IPÓLITO, Verônica K. **História do Paraná (séculos XIX e XX)**. Maringá: Eduem, 2012, p. 210.

¹⁹³ BAUMAN, Zygmunt; DONSKIS, Leonidas. **Cegueira moral: la pérdida de sensibilidad en la modernidad líquida**. Trad. Antonio F. R. Esteban. 3ª impr. Barcelona: Paidós, 2017, p. 247, com acréscimo, traduzido: “[...] según Houellebecq, el marxismo fue asesinado en el mismo país en el que se convirtió en una religión estatal secular (Rusia)”.

¹⁹⁴ A esse respeito, conferir: <<https://glamurama.uol.com.br/notas/dinheiro-e-pouco-conheca-4-bilionarios-russos-com-times-de-futebol-para-chamar-de-seus/>>, acesso em 13/08/2021.

nesse caso, como em outros países, “[...] a pobreza é fundamentalmente uma negação dos direitos humanos”¹⁹⁵, como assinala Salil Shetty.

Nesse sentido, expõe Martins, ao mesmo tempo em que revela muito da “história” do marxismo brasileiro, ainda por se fazer, em que pese os esforços de Moraes Filho¹⁹⁶, dentre outros:

O marxismo de Althusser é um marxismo classificatório, que permite dar nome ao que nome não tem, ordenar o desordenado e construir o que é no fundo uma visão sistêmica da sociedade. Um marxismo desvinculado da riqueza essencial do método científico de Marx, relativa à multiplicidade dinâmica dos tempos sociais, sua realização desigual e suas personificações, as persistências sociais e o historicamente possível, enfim as contradições. Um marxismo tomista que se compreende no perfil de seu autor, originário da direita católica, cuja obra, sobretudo por iniciativa de estudantes brasileiros na Universidade Católica de Louvain, na Bélgica, se difundiu no Brasil, mais entre comunistas e católicos de esquerda no Rio de Janeiro¹⁹⁷.

Um marxismo com ares cristão, vindo de Louvain, apesar dos históricos de verve mais soviética (e aqui não se intenta reduzir a história desta linha de pensamento a essas duas “vertentes”).

Nesse sentido, a respeito do que escreve Martins, do que acontecia em seu tempo e que, até pode gerar alguma surpresa àqueles que pouco adentram a história social do pensamento de esquerda no Brasil nos dias atuais, o autor revela ainda mais, como foi a adentrada ou a entrada daqueles que alimentaram, em nosso entendimento, a *favorecer o desenvolver de seu marxismo humanista*:

[...] o método e o pensamento de Marx tinham se tornado monopólio dos partidos de esquerda, para os quais só era possível utilizar Marx como ideólogo: era impensável adotar a orientação científica de Marx e não ser comunista ao mesmo tempo. Havia transgressões desafiadoras que nos chegavam lateralmente através da obra do jesuíta Jean-Yves Calvez, ou de insubmissos como Jean-Paul Sartre, Henri Lefebvre, Lucien Goldmann¹⁹⁸.

¹⁹⁵ SHETTY, Salil. Declaração e objetivos de desenvolvimento do milênio: oportunidades para os direitos humanos. Trad. Célia Korn. **Sur - Revista Internacional de Direitos Humanos**, São Paulo, v. 2, n. 2, p. 6-21, 2005; p. 12.

¹⁹⁶ MORAES FILHO, Evaristo. A proto-história do marxismo no Brasil.

¹⁹⁷ MARTINS, José de S. **A sociologia como aventura**, p. 137.

¹⁹⁸ MARTINS, José de S. **A sociologia como aventura**, p. 203-4.

Se for se pensar no tempo vivido pela Universidade brasileira, dos autores citados, quais que ainda são lidos?

Destes, da obra de Calvez, vinha a ideia do consenso que o homem tem necessidades, mas amplas, as da vida de todo o dia, corriqueiras ao homem comum, mas também precisa suprir aquelas não ligadas a materialidade das coisas e a centralidade do econômico¹⁹⁹, como impunham os ortodoxos e descolados da realidade, marxistas, que eram a ação do homem e os valores morais.

E que portanto, não se podia “[...] cair no perigo do economicismo”²⁰⁰, a igreja, logo, teria que se reinventar, e se assim percebia, pelo entendimento de Martins, essas “transgressões desafiadoras que nos chegavam lateralmente” possibilitavam as ferramentas, ao menos a partir da abertura em leitura, ao caminho para outro marxismo, pois

O que é econômico e momentaneamente lucrativo não é, necessariamente, o que melhor expressa os valores sociais relativos à constituição do humano, à humanização do homem, e à superação de suas carências e não propriamente nem primariamente carências econômicas e materiais. Temos carência de liberdade, de alegria, de esperança, de saber, de beleza, de música, de poesia, de sonho e de tantas outras possibilidades do espírito humano²⁰¹.

A respeito do marxismo de outra estirpe que Martins passa a aderir e outros da Universidade, também a esse período a igreja (especialmente a católica e a luterana) *descobrem o marxismo*, que depois reunido e sintetizado se mostrará na Teologia da Libertação, com força, vigor e proximidade junto as populações pobres, aos então nascentes movimentos sociais do campo, a esse respeito informa Löwy que

¹⁹⁹ Talvez porque “A verdadeira emancipação humana, segundo Marx, exige a transformação não apenas das leis mas do sistema social de produção e distribuição das riquezas. A liberdade política depende, em última análise, da liberdade econômica”, in: KONDER, Leandro. **Marx: vida e obra**. 7ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999, p. 29.

²⁰⁰ CALVEZ, Jean-Yves. **La enseñanza social de la iglesia: la economía, el hombre, la sociedad**. Trad. Marciano V. Salas. Barcelona: Editorial Herder, 1991, p. 83, traduzido: “[...] caer en el peligro del economicismo”.

²⁰¹ MARTINS, José de S. A modernidade do “passado” no meio rural. In: BUAINAIN, Antônio M. *et al.* (Eds. técs.). **O mundo rural no Brasil do século 21. A formação de um novo padrão agrário e agrícola**. Brasília: Embrapa, 2014c, p. 22-30; p. 23.

A descoberta do marxismo pela esquerda cristã não foi um processo puramente intelectual ou universitário. Seu ponto de partida foi um fato social evidente, uma realidade maciça e brutal no Brasil: a pobreza. O marxismo foi escolhido porque parecia oferecer a explicação mais sistemática, coerente e global das causas dessa pobreza e, ao mesmo tempo, uma proposta radical para sua supressão. Para lutar de forma eficaz contra a pobreza e superar os limites da visão caritativa tradicional da igreja, era necessário compreender suas causas²⁰².

Dentre os adeptos do marxismo crítico ou do marxismo científico como antes citados, presume-se que não era impossível deixar uma linha e aderir a outra, sendo o mais compreensível depois das denúncias de Nikita Khrushchev contra Stálin em 25 de fevereiro 1956.

Como atesta a carta do escritor e comunista Jorge Amado ao diretor do Jornal Imprensa Popular, em 11 de outubro do mesmo ano: “Sinto a lama e o sangue em torno de mim, mas por cima deles enxergo a luz do novo humanismo que desejamos acesa e que foi quase submergida pela onda dos crimes e dos erros”, publicado em sua mais recente biografia²⁰³.

Já antes e como a estabelecer o fio divisor que Gouldner²⁰⁴ expôs, Lukács foi um dos primeiros a abandonar o suposto método universal que Friedrich Engels enxergava no marxismo científico.

O pensador alemão defendera o uso dos métodos das ciências naturais nas sociais, em visão no mínimo ingênua que não considerava as diferenças das questões que se estabeleciam nas áreas diversas, assim “O fruto de seu apelo retórico àquelas foi a criação de um suposto método ‘universal’, que simplesmente não se prestava a qualquer aplicação, sendo discretamente abandonado”²⁰⁵.

²⁰² LÖWY, Michael. Cristianismo da libertação e marxismo: de 1960 a nossos dias. In: RIDENTI, Marcelo; REIS FILHO, Daniel A. (Orgs.). **História do marxismo no Brasil. Vol. 6:** partidos e momentos após os anos 1960. Campinas: Editora da Unicamp, 2007, p. 411-37; p. 413.

²⁰³ AGUIAR, Joselia. **Jorge Amado: uma biografia.** São Paulo: Todavia, 2018, p. 354.

²⁰⁴ GOULDNER, Alvin W. **Los dos marxismos.**

²⁰⁵ McGRATH, Alister E. **A ciência de Deus: uma introdução à teologia científica.** Trad. Thaís Semionato. Viçosa: Ultimato, 2016, p. 31.

Nesse sentido, afirma Martins: “O que difere não é a realidade, mas o modo de observá-la”²⁰⁶. Talvez por isso, Robert Musil tenha sugerido que “[...] a história da verdade e a história dos sentimentos dependem grandemente uma da outra, mas a do sentimento permaneceu na sombra”²⁰⁷,

Anteriormente, em outra obra o autor expõe que “[...] ainda hoje, no Brasil, se leia Marx como um evolucionista, um teórico da mudança pelo desenvolvimento das forças produtivas, e não como um teórico da revolução”²⁰⁸ e, atualizando, noutra, acredita que o marxismo contemporâneo está subjugado a um formalismo:

[...] completamente desfigurado na busca de constantes estruturais, que desdenha o que é próprio da compreensão dialética da história da vida social na perspectiva logicamente histórica, que é a multiplicidade dos possíveis e a singularidade das circunstâncias²⁰⁹ [que é uma das linhas de trabalho da Análise Institucional].

Mas se esse formalismo existe o é pela contribuição de Althusser, ainda segundo o autor, ocorreu uma inversão, pois “O marxismo althusseriano acabou se tornando antagônico ao pensamento propriamente marxiano”²¹⁰, que é o estilo preponderante, por assim dizer, nos novos movimentos sociais surgidos a partir do final dos anos 1970, como o MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra), por exemplo e, que serve de base as interpretações dessa organização por muitos autores.

Nesse sentido, causa certa curiosidade que uma autora coloque José de Souza Martins como uma das influências do Movimento:

A ideologia do MST assemelha-se a um sincretismo que mobiliza as mais diversas referências. Entre eles estão José Martí, Samora Machel, Fidel Castro, Lenin, Engels, o zapatismo, Marx, Mao, Che Guevara, os teólogos da libertação (Clodomir e Leonardo Boff, Frei Betto, dom Tomas Balduino,

²⁰⁶ MARTINS, José de S. **Uma sociologia da vida cotidiana: ensaios na perspectiva de Florestan Fernandes, de Wright Mills e de Henri Lefebvre**. São Paulo: Editora Contexto, 2014a, p. 66.

²⁰⁷ MUSIL, Robert. **O homem sem qualidades**. Trad. Lya Luft e Carlos Abbenseth. Ed. esp. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015, p. 1046.

²⁰⁸ MARTINS, José de S. **Caminhada no chão da noite: emancipação política e libertação nos movimentos sociais do campo**. São Paulo: Editora Hucitec, 1989, p. 21.

²⁰⁹ MARTINS, José de S. **O cativo da terra**, p. 13, com acréscimo.

²¹⁰ MARTINS, José de S. **O cativo da terra**, p. 22.

dom Pedro Casaldáliga), os intelectuais brasileiros (José de Souza Martins, Caio Prado Júnior), Nelson Mandela, Gandhi, Patrice Lumumba, Martin Luther King etc.²¹¹.

No entanto, se de fato ocorreu esta influência, foi na fase inicial, o que evidencia generalização por parte da autora.

Nesse sentido, a perspectiva teológica dos modos de produção possibilita o encadeamento da sociedade tirando-lhe as singularidades próprias que podem ocorrer em cada processo ao passo que também permite alargar para a luta e justificar quase tudo, como uma origem, espécie de teodiceia adotada por muitos, mesmo no senso comum.

Segundo Martins, Florestan Fernandes foi “[...] o principal responsável, entre nós, por colocar o marxismo no justo lugar que poderia ter nas ciências sociais”, como exposto no monumental e pioneiro exercício “pluriteórico”, por assim dizer, de *Fundamentos empíricos da explicação sociológica* onde demonstra que essa teoria tem o seu lugar e o é “[...] o de uma orientação interpretativa que cabe em algumas circunstâncias e em relação a algumas questões, mas não em outras”²¹².

Para ilustrar isso, Florestan Fernandes expõe que na explicação de situações histórico-sociais a partir da contribuição de Karl Marx nas ciências humanas e como estas diferem das outras na questão de não ter acesso aos meios materiais comuns nas pesquisas de laboratório.

Por exemplo “Marx entende a *capacidade de abstração* no sentido de capacidade analítica de lidar com materiais empíricos, na reconstrução de situações histórico-sociais e em sua interpretação”²¹³, para isso, segundo o autor para se chegar à constituição íntima da matéria estudada, há passos, pois o

²¹¹ RAES, Florence. Le Movimento dos trabalhadores rurais sem terra au Brésil: entre luttes paysannes et ‘nouveau mouvement social’. **Lusotopie**, Aix-en-Provence, n. 8, p. 63-90, 2001; p. 79, traduzido: “L’idéologie du MST ressemble à un syncrétisme qui mobilise les plus diverses références. Parmi celles-ci, citons José Martí, Samora Machel, Fidel Castro, Lénine, Engels, le zapatisme, Marx, Mao, Che Guevara, des théologiens de la Libération (Clodomir et Leonardo Boff, Frei Betto, dom Tomas Balduino, dom Pedro Casaldáliga), des intellectuels brésiliens (José de Souza Martins, Caio Prado Júnior), Nelson Mandela, Gandhi, Patrice Lumumba, Martin Luther King etc.”.

²¹² MARTINS, José de S. **Florestan: sociologia e consciência social no Brasil**. São Paulo: Edusp - Editora da Universidade de São Paulo/Fapesp, 1998., p. 62.

²¹³ FERNANDES, Florestan. **Fundamentos empíricos da explicação sociológica**. 2ª ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1967, p. 107, ênfase no original.

[...] procedimento investigativo envolve, portanto: a) conhecimento empírico das situações particulares, que precisam ser explicadas; b) conhecimento empírico de situações histórico-sociais que têm pontos de contactos com elas (determinação do que é comum, do que se repete ou é geral, nesses termos); c) descoberta da explicação adequada às situações histórico-sociais consideradas. É evidente que a) e b) constituem conhecimentos positivos sobre duas séries reais de fenômenos e que o confronto delas entre si oferece um critério lógico de comparação, que permite isolar, empiricamente, os fatores capazes de explicar o que Marx entendia como a “constituição íntima” do fenômeno investigado²¹⁴.

Martins dedicou um livro a Florestan Fernandes. Este foi autor que a despeito de sua militância e formar quadro no PT, se manteve sociólogo naquela essência que deve ter no entendimento martiniano, sobre o marxismo de Fernandes.

Afirma que este se manteve distante do economicismo, que é a perspectiva “[...] que marcou tão fundo, e ainda marca, o marxismo vulgar dos nossos partidos de esquerda, marxismo que, infelizmente, aproveitou-se das brechas abertas pelas cassações de professores, efetuadas pela ditadura, para insinuar-se nas universidades”²¹⁵.

Da mesma forma assim entende Ramos quem afirma que este tipo de marxismo, o institucional, tem em seu adepto, “[...] necessariamente [um] homem de fé, que substitui o racionalismo metódico por um evangelho”²¹⁶.

Do que Martins afirmou a respeito do marxismo quando das cassações de professores das universidades brasileiras pela Ditadura, quando a literatura, mesmo da área de História tende a dar forte enfoque na vivência dos exilados, ao contrário, o autor comenta que

[...] o país não ficou esperando o retorno dos exilados nem a anistia dos cassados e perseguidos. Muitos intelectuais exilados imaginaram que o país não se movia sem eles. Movia-se. Ao retornar, foram surpreendidos com o desenvolvimento da ciência e das artes. Em condições adversas, os desafios foram aceitos pelos que haviam ficado²¹⁷.

²¹⁴ FERNANDES, Florestan. **Fundamentos empíricos da explicação sociológica**, p. 107.

²¹⁵ MARTINS, José de S. **Florestan**, p. 64.

²¹⁶ RAMOS, Alberto G. **Mito e verdade da revolução brasileira**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1963, p. 102.

²¹⁷ MARTINS, José de S. **A sociologia como aventura: memórias**. São Paulo: Editora Contexto, 2013a, p. 44.

Nesse cenário [a Ditadura], o marxismo de manual e de militância, extra-acadêmico, tornou-se sociológica e politicamente pobre, até mesmo para os militantes. Marxismo de uso *ad hoc*, mais apropriado às racionalizações dedutivas e justificadoras, em que tudo está previamente “explicado”, não atende às necessidades do conhecimento propriamente científico, investigativo, que primeiro indaga para depois responder²¹⁸.

Os que ficaram não se bastaram, ao contrário, as dificuldades eram muitas, que um Estado de exceção por si só impõe, mas antes de sair encontraram estratégias outras de lutar, e estas iam para além do “Marxismo de uso *ad hoc*”, tópico, restrito e teleológico, como afirma Martins. Nesse sentido, Cesare Luporini alerta que “Um modelo científico é útil na medida em que serve para interpretar a realidade, isto é, na medida em que possa ser aplicado”²¹⁹.

E, que foi o combustível de parte daqueles que preferiram a clandestinidade e a luta armada, mas era insuficiente para responder os desafios da ciência se impunha naquele momento para explicar a própria realidade de uma sociedade que entrava num período de repressão e exigia reinvenção àqueles que ficaram.

Pois, enquanto muitos intelectuais, a classe média, os estudantes, os artistas, as entidades e o funcionalismo público tiveram uma percepção, especialmente aqueles dos grandes centros, muitos moradores das áreas mais recônditas, principalmente rurais, sequer perceberam o que estava a acontecer.

Ou como ponto de partida para outras análises para a escrita da história se poderia inquirir a respeito de como os camponeses, os operários rurais (assalariados neste caso) etc. perceberam o que estava acontecendo ou como o explicavam com suas próprias palavras, ainda, como pensavam que poderiam resolver sua situação neste período histórico.

²¹⁸ MARTINS, José de S. **A política do Brasil: lúmpen e místico**. São Paulo: Editora Contexto, 2011a. [Reedição, ampliada, revista e reformulada de O Poder do Atraso], p. 59, ênfase no original).

²¹⁹ LUPORINI, Cesare. *Marxisme et sciences humaines, une vision critique de l'homme. L'Homme et la société*, Paris, n. 1, p. 13-20, 1966; p. 14, traduzido: “Un modèle scientifique est utile dans la mesure où il sert à interpréter la réalité, c'est-à-dire dans la mesure où il peut être appliqué”.

E esta é uma lacuna que as pesquisas sobre a temática ainda pouco exploraram, ou ao menos, em dimensão bem desproporcional, é o que afirma o senso comum de muitos brasileiros. Pode se ilustrar também com trecho da biografia política de Caio Prado Júnior,

A instalação da ditadura militar traumatizaria toda uma geração. A primeira reação do autor de *URSS, um novo mundo*, logo depois do golpe, foi visitar, no dia 1º de abril, acompanhado de seu primo Elias Chaves Neto, alguns bairros operários da capital paulista. Não perceberam nenhuma mudança na rotina dos trabalhadores. “A vida da cidade prosseguia no seu curso normal como se nada tivesse acontecido”, escreveu Chaves Neto²²⁰.

Ficar no marxismo de então, “o marxismo de manual e de militância, extra-acadêmico”, conforme Martins, a pesquisa estaria condicionada, pois antes das perguntas, se é que elas sejam feitas, havia as respostas, de forma teleológica.

Tudo é explicado e encadeado ocultando as *contradições* sociais da realidade dos viventes e, “Ambiguidades como essas normalmente passam despercebidas na conversa cara a cara do cotidiano”²²¹, aliás contradição é uma palavra-mantra que, estranhamente tem sido negligenciada por esse marxismo²²², que se arroga saber a resposta de tudo, e privilegia sujeitos sociais (quando o faz) em detrimento de outros.

Mas são as organizações, os movimentos sociais, os partidos que devem prevalecer, pois portadores da revolução, como é o caso dos rurais, como o MST, mesmo que esse, em casos já conhecidos em revisão de literatura, apresente problemas sérios em relação a democracia interna; o que

²²⁰ PERICÁS, Luiz B. **Caio Prado Júnior: uma biografia política**. São Paulo: Boitempo, 2016, p. 200, ênfase no original.

²²¹ GOFFMAN, Erving. **Forms of talk**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1981, p. 245, traduzido: “Ambiguities such as these would ordinarily go unnoticed in everyday face-to-face talk”.

²²² A esse, pode-se contrapor, segundo Henri Lefebvre, com a dialética triádica, com o vivido, o percebido e o concebido, assim “Tríade: três termos e não dois. Uma relação de dois termos é reduzida a uma oposição, a um contraste, a uma contradição. É definido por efeitos significativos: eco, repercussão e efeito de reflexão”, in: LEFEBVRE, Henri. **La producción del espacio**. Trad. Emilio M. Gutiérrez. Madrid: Capitán Swing, 2013, p. 98, traduzido: “Tríada: tres términos y no dos. Una relación de dos términos se reduce a una oposición, a un contraste, a una contrariedad. Se define por efectos significativos: efecto de eco, de repercusión y de reflejo”. E com a perspectiva da Gilles Deleuze e Félix Guattari, as multiplicidades nos termos, nos processos, nas lógicas.

propõe novamente a necessidade da Análise Institucional, se não, cria-se de novo outro Estado, e outro e outro...

Além disso, pode-se afirmar que o marxismo está em crise, e não apenas no Brasil. Mas, pensar essa crise dissociada do que é ou do que pretende(u) é/ser o marxismo é um erro, pois segundo Rubim

[...] a atual crise dos(s) marxismo(s) deriva não só ou principalmente de sua condição de corrente de pensamento, mas decorre da articulação, reivindicada pelo próprio marxismo, entre teoria e prática, e, por extensão, das práticas desenvolvidas em nome do marxismo. Em suma, parece inconsequente qualquer trajetória analítica do marxismo que abstraia esta sua dimensão compósita e política²²³ [novamente a necessidade da Análise Institucional].

Da mesma forma, pensar a sociedade contemporânea em se tratando de lutas sociais e desvinculá-la do MST e do PT especialmente após a Ditadura, em nossa redemocratização, seria no mínimo fechar os olhos a história recente.

No entanto, justamente esse partido que deveria ter em seus pressupostos a ideia de democracia efetiva e com a consequente prática, segundo Martins, oscila e vacila, pois sendo:

Um partido que, pretendendo ser um partido de esquerda, não o foi. De um lado, porque recolheu como herança os muitos fragmentos de uma esquerda esfacelada desde os anos 1950 por sua própria dependência externa e por suas graves insuficiências teóricas. Uma esquerda desenraizada, que raramente compreendeu, salvo exceções como a de Caio Prado Júnior, as contradições deste país, suas singularidades, sua diversidade, seus dramas e seus atrasos²²⁴.

Nessa linha, entende-se que parte desta esquerda, que espera e confere o que os confrades fazem ou teorizam lá fora, pior, impõe os esquematismos de realidades outras, sem raízes e relação com a sociedade que a desafia,

²²³ RUBIM, Antônio A. C. *Marxismo, cultura e intelectuais no Brasil*. In: MORAES, João Q. de. (Org.). **História do marxismo no Brasil. Vol. III: teorias, interpretações**. Campinas: Editora da Unicamp, 1998, p. 305-82; p. 305-6, com acréscimo.

²²⁴ MARTINS, José de S. **Do PT das lutas sociais ao PT do poder**. São Paulo: Editora Contexto, 2016, p. 98.

mas surda permaneceu, insensível, exceção a Caio Prado Júnior, como lembra Martins e foi citado antes.

Este tem sido o maior desafio dos partidos de esquerda no Brasil?

Ainda hoje é forte, na esquerda institucional brasileira, aquela ideologicamente estruturada e organizada em partidos legais ou clandestinos, a aceitação da premissa de que a modernização econômica capitalista é condição das transformações sociais e políticas mais profundas, porque é condição da consciência política. De modo geral, a esquerda compartilha, no Brasil, a descrença liberal-oligárquica no povo, particularmente nos pobres e nos trabalhadores rurais. Ela também assume que o povo é politicamente incapaz, embora por razões completamente diversas das razões dos outros grupos políticos²²⁵.

As interpretações da realidade a partir de tipos-chave, informantes escolhidos a dedo, próximos ou detentores de posições de poder sobre outros, o privilégio que se dá a determinadas obras e o silenciamento e o ocultação de outras, por isso, a necessidade de fazer Análise Institucional.

Nesse sentido, para George Steiner “[...] a história, sem a vivacidade sem fissuras, que é a [própria] do passado escolhido, torna-nos sombras planas”²²⁶.

Por outro lado, o intento de formar militantes e menos esclarecidos a respeito de determinada causa, assim se dão a maior parte de cursos de formação em organizações que assessoram agricultores, formam alunos nas graduações de Educação do Campo ou se dá a atuação de parcela de agrônomos que fazem a extensão rural, poderia se afirmar? A respeito de uma obra cultuada, afirma Martins:

É também de 1964 [como “Os parceiros do Rio Bonito”] a publicação de *Quatro Séculos de Latifúndio*, de Alberto Passos Guimarães, um ideólogo de partido. Esse livro teve grande e compreensível repercussão numa esquerda desinformada sobre os graves problemas do campo e, claro, também entre estudantes universitários. Fez ‘escola’ entre principiantes que

²²⁵ MARTINS, José de S. **Caminhada no chão da noite**: emancipação política e libertação nos movimentos sociais do campo. São Paulo: Editora Hucitec, 1989, p. 60.

²²⁶ STEINER, George. **Después de Babel**: aspectos del lenguaje y la traducción. Trad. Adolfo Castañón. México, D.F.: Fondo de Cultura Económica, 1980, p. 47, traduzido, com acréscimo: “[...] la historia, sin esa vivacidad sin fisuras que es la del pasado elegido, nos convertimos en sombras planas”.

confundiam ideologia e ciência, voluntarismo político e seriedade científica. É um livro simplificador e a simplificação já começa pelo título. O regime de sesmarias tinha peculiaridades históricas e sociais que não podem ser reduzidas a uma definição meramente econômica e quantitativa, como é a de latifúndio. Muita gente que leu esse livro sofrível desconheceu completamente o sólido livro de Antonio Candido²²⁷.

E o próprio Marx negava com veemência que seria marxista, e “[...] irou-se várias vezes com aqueles que se declaravam seguidores de suas ideias sem as conhecer.

Em relação a estes, proferiu com ironia e presença de espírito: ‘Tudo o que sei é que não sou marxista’^{228/229}, segundo Musto tais palavras encontram-se na carta de 2-3 de novembro de 1882 de Engels a Eduard Bernstein.

Mas segundo Kolakowski “Não há dúvida de que Marx deu mais ênfase ao aspecto puramente científico, objetivo e determinista na década de 1860 do que na de 1840”²³⁰, e se há duas fases de sua obra, assim concordando com o autor, os primeiros marxistas provavelmente escolheram a produção marxiana dos anos setenta (1870), do que entenderam como marxismo, apesar da negativa do próprio Marx como lembra Musto²³¹.

Enfim, “Reduzir a interpretação sociológica aos parâmetros de uma sociedade binária composta de burguesia e proletariado é adulterar a realidade”²³².

E as outras categorias, os viventes de outras realidades? Se o marxismo brasileiro cresceu com a Ditadura, pelo aspecto positivo, mais com o

²²⁷ MARTINS, José de S. **Florestan: sociologia e consciência social no Brasil**, p. 116, ênfase no original.

²²⁸ MUSTO, Marcello. **O velho Marx: uma biografia de seus últimos anos (1881-1883)**. Trad. Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2018, p. 129.

²²⁹ Da mesma forma, informa Ramos: “Marx não era marxista. Lênin nunca foi leninista. E muito menos marxista-leninista”, ainda mais “[...] enquanto viveu Lênin, a palavra leninismo tinha sentido pejorativo. [...] foi forjada pelos menchevistas para inferiorizar e ridicularizar os membros da facção bolchevista”, in: RAMOS, Alberto G. **Mito e verdade da revolução brasileira**, p. 85 e 87.

²³⁰ KOLAKOWSKI, Leszek. **Las principales corrientes del marxismo. Su nacimiento, desarrollo y disolución. I: los fundadores**. Trad. Jorge V. Rubio. Madrid: Alianza Editorial, 1982, p. 413, traduzido: “No hay duda de que Marx hizo mayor hincapié en el aspecto puramente científico, objetivo y determinista en los años sesenta que en los años cuarenta”.

²³¹ MUSTO, Marcello. **O velho Marx**.

²³² MARTINS, José de S. **O cativo da terra**. [1a. edição: 1979] 9ª. edição, revista e ampliada, 1ª reimpressão. São Paulo: Editora Contexto, 2013, p. 23.

“Seminário de Marx”²³³ e, de viés mais ideológico, a vertente estruturalista via partidos políticos e especialmente ideólogos de movimentos sociais.

Corroborando a dualidade da sociedade brasileira percebida por Martins, Motta afirma que “O regime era convictamente anticomunista, porém, manteve relações concretas com Moscou e o bloco socialista (exceto Cuba), e, enquanto a leitura de Mao e Guevara era proibida, Marx podia circular nos bancos universitários e mesmo nas bancas de revistas”²³⁴.

O autor informa, por exemplo, nesse sentido que, a Editora Abril editou volume dedicado a Marx na coleção “Os pensadores”, em 1974.

Nesta linha, Martins comenta que “A circunstância adversa, o questionamento da Sociologia em nome de um Marx mal lido e pior compreendido, o assédio ideológico ao curso, me estimularam a abrir na pós-graduação um seminário sobre a questão do método na obra de Marx, em 1975”²³⁵, e o curso durou 12 anos.

Uma hipótese possível de ser extraída a partir do exposto das duas citações anteriores e que pode gerar alguma tentativa de explicabilidade ao que vigorava, então, no Brasil, é a da apropriação vulgar e parcial da obra de

²³³ Trata-se “Grupo de estudos interdisciplinar formado entre os anos 1958 e 1964 por docentes e discentes da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo”, de acordo com Giovanna H. Marcelino, in: MARCELINO, Giovanna H. “Seminário Marx”, um capítulo brasileiro do marxismo ocidental? **Leviathan - Cadernos de Pesquisa Política**, São Paulo, n. 15, p. 122-146, 2017; p. 124. A respeito da origem ou inspiração do grupo, descrevemos um de seus participantes, Roberto Schwarz, que: “Giannotti conta que na França, quando bolsista, freqüentou o grupo *Socialisme ou Barbárie*, onde ouviu as exposições de Claude Lefort sobre a burocratização da União Soviética. De volta ao Brasil, em 1958, propôs à sua roda de amigos, jovens assistentes de esquerda, que estudassem o assunto. Fernando Novais achou que era melhor dispensar intermediários e ler *O capital* de uma vez”, in: SCHWARZ, Roberto. Um seminário de Marx. **Novos Estudos CEBRAP**, São Paulo, n. 50, p. 99-114, mar., 1998; p. 100, itálicos no original. Conforme Lidiane S. Rodrigues, o grupo se constituiu amparado nas condições e competências de seus integrantes, por exemplo, “[...] Giannotti é mentor do método de leitura, Roberto Schwarz possui domínio da língua alemã, pré-requisito para realização deste tipo de leitura, Paul Singer, além deste domínio, é convidado por ser economista”, in: RODRIGUES, Lidiane S. *Leitores e leituras acadêmicas de Karl Marx* (São Paulo, 1958-1964). **Intelligere, Revista de História Intelectual**, São Paulo, v. 2, n. 1, p. 1-19, 2016; p. 6. A mesma autora, em sua tese, afirma que, apesar das divergências teóricas ou mesmo de ordem pessoal, até políticas, próprias de um grupo de pessoas, o Seminário ganhou ares de “[...] fraternidade”, in: RODRIGUES, Lidiane S. **A produção social do marxismo universitário em São Paulo: mestres, discípulos e “um seminário”** (1958-1978). São Paulo: USP, 2011 (Tese de Doutorado em História), p. 36.

²³⁴ MOTTA, Rodrigo P. S. A modernização autoritário-conservadora nas universidades e a influência da cultura política. In: REIS FILHO, Daniel A.; RIDENTI, Marcelo; MOTTA, Rodrigo P. S. (Orgs.). **A ditadura que mudou o Brasil: 50 anos do golpe de 1964**. Rio de Janeiro: Zahar, 2014, p. 48-65; p. 50-1.

²³⁵ MARTINS, José de S. **A sociologia como aventura: memórias**. São Paulo: Editora Contexto, 2013a, p. 47.

Marx, apenas o “Marx político”, sobretudo, aquele da ação, do “Manifesto comunista”, provavelmente o texto mais disseminado.

A hipótese deverá ser testada em estudo posterior: a crítica que Hannah Arendt faz a Nova Esquerda, que se entende e se confessa enquanto marxista, e que defende o uso da violência, se opondo às defesas de Marx, especialmente aquela do movimento de Maio de 68, pode ser associado ao que expôs-se atrás, o contexto brasileiro da ditadura militar. Arendt expõe que:

Quanto mais a violência tornou-se um instrumento dúbio e incerto nas relações internacionais, tanto mais adquiriu reputação e apelo a questões domésticas, especialmente no que se refere ao tema da revolução. A forte retórica marxista da Nova Esquerda coincide com o firme crescimento da convicção totalmente não-marxista, proclamada por Mao Tsé-Tung, de que o “poder brota do cano de uma arma”. Certamente, Marx estava ciente do papel da violência na história, mas esse papel era para ele secundário; não a violência, mas as contradições inerentes à velha sociedade, iriam conduzi-la ao seu próprio fim. O surgimento de uma nova sociedade era precedido, mas não causado, por irrupções violentas, que ele relacionou às dores que precedem – mas certamente não causam – o evento do nascimento orgânico. Na mesma via ele considerou o Estado como um instrumento da violência sob o comando da classe dominante; mas o poder real da classe dominante não consistia nem se assentava na violência. Ele era definido pelo papel desempenhado pela classe dominante na sociedade ou, mais exatamente, por seu papel no processo de produção. Tem sido frequentemente notado, e algumas vezes deplorado, que a esquerda revolucionária influenciada pelos ensinamentos de Marx exclui o uso dos meios violentos; a “ditadura do proletariado” – francamente repressiva nos escritos de Marx – vem após a revolução e destina-se, como a ditadura romana, a durar por um período estritamente limitado²³⁶.

Passerini expõe que essa crítica de Arendt é possível pela linha libertária adotada pela autora, já que “[...] consegue inverter o caráter inerte de uma cultura que aceitou, como única resposta à violência, a própria violência”²³⁷, que muitas vezes no mundo cotidiano tem “[...] grande eficácia o terror místico, a prática cotidiana no trato com a violência”²³⁸.

²³⁶ ARENDT, Hannah. **Sobre a violência**. Trad. André Duarte. 3ª ed. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001, p. 18.

²³⁷ PASSERINI, Luisa. **A memória entre política e emoção**. Trad. Ricardo Santhiago. São Paulo: Letra e Voz, 2011, p. 68.

²³⁸ CLEMENTE, Marcos E. de A. **O cangaço: poder e cultura no tempo de Lampião**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco/ Editora Massangana, 2015, p. 335.

E, provavelmente também por ser filha de uma geração que presenciou ou cresceu à sombra da bomba atômica, frutos da II Grande Guerra (a própria autora mais pelo fato de ter vivido as agruras do regime de Hitler, com o encarceramento e a perda da nacionalidade a forçaram a deixar a Alemanha nazista).

E a historiografia do marxismo, como pode ser demonstrada? Se se pensar no brasileiro, Konder afirma que:

O marxismo brasileiro, cuja gênese procuramos reconstituir, tem – para o bem ou para o mal – um vínculo (de natureza não definida) com o humor de Machado de Assis, uma ligação (mal-esclarecida) com o plebeísmo inconformista de Lima Barreto. Tem tendência à dispersão, a crises “macunaímicas”. O que vai prevalecer, afinal?²³⁹.

Essa sem dúvida é questão desafiadora, em se tratando de teoria/área tão profícua quanto polêmica.

Um outro entrave no marxismo brasileiro foi, provavelmente, na realização do já referido “Seminário” na Universidade e dela não tenha saído para a efervescência popular, a não ser em versões, como o próprio Martins reconhece, esquemáticas e empobrecidas em alguns partidos de esquerda (comunistas) no Brasil e mesmo na doutrina da linha de frente de movimentos sociais.

Essa é a linha de entendimento de Anthony J. Gregor, que corrobora: “Nas democracias industriais, o marxismo tornou-se o tema das aulas ministradas aos alunos de graduação, não mais o credo revolucionário da classe trabalhadora”²⁴⁰.

E até pelo enredo que a história mostrou em descompasso com o exposto na teoria, ficou mais como “[...] um conto sobre o advento do pensamento revolucionário”²⁴¹.

²³⁹ KONDER, Leandro. **Em torno de Marx**. 1ª ed., 1ª reimpr. São Paulo: Boitempo, 2011, p. 123.

²⁴⁰ GREGOR, Anthony J. **Marxism, fascism, and totalitarianism: chapters in the intellectual history of radicalism**. Stanford: Stanford University Press, 2009, p. 316, traduzido: “In the industrial democracies, Marxism has become the subject of classes taught to undergraduates, no longer the revolutionary creed of the working class”.

²⁴¹ GREGOR, Anthony J. **Marxism, fascism, and totalitarianism**, p. 316, traduzido: “[...] a tale about the advent of revolutionary [...] thought”.

2.3 Historiografia do marxismo?

A historiografia mesmo nos *temas de conteúdo de história*, por assim dizer, é polêmica, seletiva, faz recorte, pois prevalece no fundo as opções do escritor, neste caso o historiador e, o que pensar a respeito do marxismo se há polêmica já a respeito da obra de Marx?

Nesse sentido, a respeito do marxismo e do rumo das interpretações, do que se privilegiou ou das obras que foram silenciadas, como afirma Frederico²⁴², Engels é entendido como “[...] o primeiro revisionista e seu trabalho como uma alta vulgarização de Marx”²⁴³, da mesma forma acentuado por Jones que fez uma biografia da vida e do pensamento de Marx.

O autor afirma que o marxismo já começou a ser construído “[...] na época da morte de Marx, em 1883” e que essa invenção do que passou a ser conhecido como marxismo, foi, “[...] em grande parte, criação de Engels em seus livros e panfletos, a começar por *Anti-Dühring* em 1878”²⁴⁴.

Também em “*Dialética da natureza*” (1883), obra inacabada, onde aplica os princípios do materialismo dialético de Marx na ciência, e “[...] as implicações da posição que Engels assume nestas obras estão em contradição com a concepção central da maioria das obras de Marx”²⁴⁵, pois fez a inversão da dialética para a natureza ao invés de mantê-la centrada no sujeito e no objeto no processo histórico.

O cientista alemão Max Weber segue essa linha, citado em Jürgen Zander, faz distinção da obra de Marx da dos marxistas, em suas palavras: “O assim chamado materialismo histórico é defendido atualmente com um obscurecimento total de seu sentido verdadeiro”²⁴⁶.

²⁴² FREDERICO, Celso. **O jovem Marx: 1843-1844 as origens da ontologia do ser social**. 2ª ed. São Paulo: Expressão Popular, 2009.

²⁴³ GOULDNER, Alvin W. **Los dos marxismos**, p. 274, traduzido: “[...] el primer revisionista y de su obra como una haute vulgarisation de Marx”.

²⁴⁴ JONES, Gareth S. **Karl Marx: grandeza e ilusão**. Trad. Berilo Vargas. São Paulo: Companhia das Letras, 2017, p. 22.

²⁴⁵ GIDDENS, Anthony. Marx, Weber e o desenvolvimento do capitalismo. Trad. René E. Gertz. In: GERTZ, René E. (Org.). **Max Weber e Karl Marx**. São Paulo: Editora Hucitec, 1994, p. 120-145; p. 137.

²⁴⁶ ZANDER, Jürgen. O problema do relacionamento de Max Weber com Karl Marx. Trad. René E. Gertz. In: GERTZ, René E. (Org.). **Max Weber e Karl Marx**. São Paulo: Editora Hucitec, 1994, p. 70-96; p. 76.

Martins afirma que “O marxismo vulgar dos partidos políticos não pode levar à compreensão do presente porque não tem paciência histórica para demorar-se sobre o atual”²⁴⁷.

O autor entende que, e buscando pela memória do *marxismo de partido* se é que existe essa expressão, mais preocupava-se com a perspectiva teleológica da história, os embates a respeito do socialismo e do capitalismo, no encadear e reduzir via modos de produção, da necessidade do encaixe. No que tange a isso, Félix Guattari expõe que “[...] a história não marcha necessariamente de acordo com uma linha de superação das ‘etapas’ anteriores”²⁴⁸.

Onde a realidade é sequestrada e transfigurada para justificar a preponderância do econômico e, do político neste caso, já que se tratam de estratégias, dos programas dos partidos brasileiros, mesmo que, entende-se desconectadas com a realidade e sem a devida “paciência histórica” como refere Martins.

No entanto, a imposição de ideias-força sobre a realidade e, literalmente a força como têm sido nos locais onde se tentou o “socialismo real”, “[...] das fortunas atualmente sombrias de forças expressamente socialistas”²⁴⁹ como expõe Paul Gilroy, do encadeamento da sociedade em esquemas que são preconcebidos desde a teoria, tem tido os resultados não esperados, pois “A realidade muitas vezes rebelou-se contra estas ideias-força”²⁵⁰.

Nesse sentido, essa falta de paciência com a história a que se refere o autor, advém da forma como esse *marxismo de partido* era concebido e entendido e, se fazia pouco caso da realidade em distância dissonante da realidade, os intelectuais de partido, seus ideólogos, provavelmente estavam desconectados, também da ideia de que “O desenho formal das instituições

²⁴⁷ MARTINS, José de S. **Florestan**: sociologia e consciência social no Brasil. São Paulo: Edusp - Editora da Universidade de São Paulo/Fapesp, 1998, p. 81.

²⁴⁸ GUATTARI, Félix. **Líneas de fuga**: por otro mundo de posibles. Trad. Pablo A. Ires. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Cactus, 2013, p. 54, traduzido: “[...] la historia no marcha necesariamente según una línea de superación de las ‘etapas’ anteriores”.

²⁴⁹ GILROY, Paul. **The black Atlantic**: modernity and double consciousness. London: Verso, 1993, p. 43, traduzido: “[...] fortunes of expressly socialistic forces”.

²⁵⁰ REIS FILHO, Daniel A. O maoísmo e a trajetória dos marxistas brasileiros. In: MORAES, João Q. de; REIS FILHO, Daniel A. (Orgs.). **História do marxismo no Brasil. Vol. 1**: o impacto das revoluções. 2ª ed., 2ª reimpr. Campinas: Editora da Unicamp, 2013, p. 161-97; p. 168.

democráticas modernas tornava o ato individual de votar o nó central”²⁵¹ e restava convencer eleitores.

Talvez pela seletividade e o recorte de partes da obra de Marx²⁵², do que lhes interessava e da percepção que a eles cabia esse papel, orgânicos (Gramsci), mas sem contexto, pode se afirmar.

Para Martins esse é um marxismo vulgar, a

[...] praga do marxismo vulgar, particularmente disseminada na América Latina²⁵³.

Os marxistas vulgares, como eram chamados, reivindicavam para Marx um absolutismo interpretativo sem o menor cabimento, em aberto conflito com a própria concepção de ciência, já para não falar em aberto conflito com a própria dialética. Havia no meio acadêmico quem entendesse que era possível estudar uma tribo indígena no Centro-Oeste mediante o uso da teoria dos modos de produção...²⁵⁴.

Se se disseminou pela América Latina pode-se se entender que foi seletivo, que se fez recortes e que se usou de cartilhas, menores e de fácil apreensão, algo, de fato próprio da estratégia dos partidos políticos na sua forma de contato e de levar adiante suas ideias e plataformas.

Mas para isso acontecer alguém teve que se arrogar a autoridade em Marx, mesmo que isso se estivesse em conflito aberto com o que se convencionou entender como ciência e, mais caro com a própria concepção de dialética de Marx.

E, que se lembre que “[...] é uma ilusão do marxismo vulgar pensar poder determinar a função social, seja de um produto material, seja de um espiritual, fazendo abstração das circunstâncias e dos portadores de sua transmissão”²⁵⁵ em referência a Walter Benjamin.

²⁵¹ WAGNER, Peter; JACLIN, David. The political condition of our time. **Social Science Information**, Thousand Oaks, v. 57, i. 4, p. 525-532, 2018; p. 530, traduzido: “The formal design of modern democratic institutions made the individual act of voting the central node”.

²⁵² “As ideias de Marx foram organizadas como uma ‘doutrina’, algumas foram descontextualizadas, outras sofreram uma simplificação excessiva, justificada em nome da urgência da ação”, in: KONDER, Leandro. **Em torno de Marx**, p. 11-12, neste papel esteve, dentre outros, Karl Kaustsky.

²⁵³ MARTINS, José de S. **Caminhada no chão da noite: emancipação política e libertação nos movimentos sociais do campo**. São Paulo: Editora Hucitec, 1989, p. 102.

²⁵⁴ MARTINS, José de S. **Florestan: sociologia e consciência social no Brasil**, p. 120.

²⁵⁵ GAGNEBIN, Jeanne M. Comentário filológico e crítica materialista. **Trans/Form/Ação**, Marília, v. 34, edição especial 2, p. 137-154, 2011; p. 152.

Merquior assim sintetiza o legado de Marx ou o *marxismo de Marx*, de que forma chegou a sua colaboração:

O que *Marx fez foi, ao mesmo tempo, economicizar o comunismo e politizar o socialismo*. Marx ensinou o comunismo²⁵⁶ a falar a linguagem da economia e injetou o princípio comunista da política revolucionária na tradição produtivista do socialismo. Ao fazê-lo abandonou o costume paleossocialista de arquitetar utopias, i.e., sociedades-modelo²⁵⁷.

No estudo sobre o marxismo ocidental, Merquior traça o panorama e apresenta análises sobre as escolas e a história das ideias de seus diferentes integrantes, pelo menos desde a fundação com “O jovem Lukács e o jovem [Ernest] Bloch, fundadores do marxismo ocidental”²⁵⁸.

Até as suas conclusões, pois sua obra é escrita em 1985 como atesta o prefácio, “[...] nascido do espírito da revolução contra o determinismo do materialismo dialético, terminou por abraçar o mais negro pessimismo ou por esposar o mais vago dos reformismos”²⁵⁹.

Exceções, segundo o autor, talvez a Marcuse e a Sartre, foi malgrado a um teorismo estéril, e a Gramsci, mas esse seria um marginal dentro do “marxismo ocidental”, no entanto faz apenas duas pequenas menções a obra de Henri Lefebvre.

A nosso ver e se seguir a linha de Merquior²⁶⁰ de que Lefebvre também é uma marxista ocidental, conforme sugere a cronologia que o brasileiro estabelece ao final de seu livro com os marcos do “marxismo ocidental” (1920-1970), a publicação de obras-destaque em determinados anos.

E que assim resume o período em análise: “[...] foi apenas um episódio na longa história de uma velha patologia do pensamento ocidental cujo nome é,

²⁵⁶ No entanto, contraditoriamente, Henri Lefebvre informa que “Marx jamais disse que o comunismo possa ser o período terminal da história humana. Bem ao contrário. Apenas não temos a menor condição de dizer exatamente o que virá depois dele. Do que precede, resulta evidentemente que hoje em dia não existe ainda no mundo nenhuma sociedade comunista, no sentido preciso atribuído por Marx a esse termo”, in: LEFEBVRE, Henri. **Marxismo**: uma breve introdução. Trad. William Lagos. Reimpr. Porto Alegre: L&PM, 2017, p. 102-103, ênfase no original.

²⁵⁷ MERQUIOR, José G. **O marxismo ocidental**. Trad. Raul de S. Barbosa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1987, p. 71, ênfase no original.

²⁵⁸ MERQUIOR, José G. **O marxismo ocidental**, p. 91.

²⁵⁹ MERQUIOR, José G. **O marxismo ocidental**, p. 257.

²⁶⁰ MERQUIOR, José G. **O marxismo ocidental**.

e continua a ser, irracionalismo”²⁶¹ –, consta 1965 com a publicação de “Metafilosofia” por parte do filósofo e sociólogo rural francês.

O que terá levado Merquior a certa omissão ou não percepção da leitura de Henri Lefebvre como diferencial em meio a série de nomes elencados como sendo de marxistas ocidentais?

Nem ele e nem mesmo Kolakowski, em duas obras que buscam sintetizar o que foi a teoria nos últimos tempos, dedica capítulo específico ou análise mais demorada sobre Lefebvre. Assim escreve Kolakowski a respeito de Henri Lefebvre

Em 1947, publicou *Lógica formal e lógica dialética* e a interessante *Crítica da vida cotidiana*; ele posteriormente escreveu uma crítica ao existencialismo (algo que nenhum filósofo marxista francês dos anos 1950 e 1960 poderia deixar de fazer)²⁶².

[...] seus escritos são vivos e espirituosos, mas ele cobre muitos tópicos para se aprofundar em qualquer um deles. Ele teve uma influência considerável no marxismo francês porque, entre outras coisas, fez uso frequente das primeiras obras de Marx, que o marxismo soviético ignorou; ele estava particularmente interessado no tema do “homem total”. Foi principalmente graças a Lefebvre que “o jovem Marx” se tornou popular na filosofia francesa nos anos 1940 e no início dos anos 1950²⁶³.

Kolakowski classifica Lefebvre junto a outros como “revisionistas” do marxismo em relação as perspectivas que apontava o marxismo soviético, junto a outros intelectuais “[...] um grupo de filósofos e sociólogos em sua maioria saiu ou foi expulso do partido comunista: Kostas Axelos, Edgar Morin, Pierre Fougereyrollas, François Chatelet e Jean Duvignaud, e também Henri

²⁶¹ MERQUIOR, José G. **O marxismo ocidental**, p. 277.

²⁶² KOLAKOWSKI, Leszek. **Las principales corrientes del marxismo III: la crisis**. Trad. Jorge V. Rubio. Madrid: Alianza Editorial, 1983, p. 179, ênfase no original, traduzido: “En 1947 publicó *Logique formelle et logique dialectique* y la interesante *Critique de la vie quotidienne*; posteriormente escribió una crítica del existencialismo (algo que ningún filósofo marxista francés de los cincuenta y sesenta podía dejar de hacer)”.

²⁶³ KOLAKOWSKI, Leszek. **Las principales corrientes del marxismo III**, p. 179, traduzido: “sus escritos son vivaces e ingeniosos, pero abarca demasiados temas para profundizar en cualquiera de ellos. Tuvo una considerable influencia en el marxismo francés porque, entre otras cosas, recurrió con frecuencia a las primeras obras de Marx, que el marxismo soviético ignoraba; se interesó particularmente en el tema del “hombre total”. Fue principalmente gracias a Lefebvre como se divulgó “el joven Marx” en la filosofía francesa de los años cuarenta y principios de los cincuenta”.

Lefebvre, que foi expulso do Partido em 1958²⁶⁴, isso porque resistiram ao comando soviético que “[...] a partir de agora todos os cem por cento marxistas receberiam ordens de Moscou”²⁶⁵.

Se ocorreu revisão e assim pode ser entendida a ação dos intelectuais antes listados e dentre estes, Lefebvre, o foi revisão do arranjo seletivo que já Engels fez da obra de Marx, como demonstra Jones²⁶⁶. Nesse sentido,

A passagem da teoria de Marx para uma doutrina marxista tem sido um processo gerador de impasses teóricos e metodológicos. Sobre a base de (certos) textos de Marx, e em nome de uma leitura “correta”, emerge um sistema teórico²⁶⁷ aberto e inacabado, que é apropriado, recriado e enriquecido por diversos sujeitos e movimentos sociais em escala planetária. A grande quantidade de correntes políticas e intelectuais surgidas no século XX em prol da “doutrina marxista” é exemplo de uma diversidade flagrante²⁶⁸.

Apesar desta diversidade flagrante e das próprias diferenças das pessoas, da forma que foram educadas, do acesso, da cultura local, dentre outros aspectos que podem incidir favorável a comprovação da variedade de marxismo,

[...] além das alternativas *antinômicas* e *dialéticas* para dois marxismos conflitantes em Marx, há ainda hoje tentativas de se defender – intransigentemente – a radical *unidade* do pensamento marxiano. Aí destacaríamos Lukács e seu discípulo I. Meszaros, talvez o maior filósofo marxista vivo²⁶⁹.

²⁶⁴ KOLAKOWSKI, Leszek. **Las principales corrientes del marxismo III**, p. 463, traduzido: “[...] un grupo de filósofos y sociólogos en su mayor parte salidos o expulsados del partido comunista: Kostas Axelos, Edgar Morin, Pierre Fougereyrollas, Francois Chatelet y Jean Duvignaud, y también Henri Lefebvre, que fue expulsado del Partido en 1958”.

²⁶⁵ SÉDILLOT, René. **An outline of french history**. Trad. Gerard Hopkins. New York: Alfred A. Knopf, 1953, p. 354, traduzido: “[...] that from now on, all one-hundred-per-cent Marxists would take their orders from Moscow”.

²⁶⁶ JONES, Gareth S. **Karl Marx**.

²⁶⁷ Lefebvre discorda que seja um sistema: “Existem vários conceitos, identificados por Marx, que constituem uma ‘teoria’, mas o marxismo como sistema não existe”, in: LEFEBVRE, Henri. *Le marxisme éclaté. L’Homme et la société*, Paris, n. 41-42, p. 3-12, 1976a; p. 5, traduzido: “Il y a un certain nombre de concepts, dégagés par Marx, qui constituent une ‘théorie’, mais le Marxisme comme système n’existe pas”.

²⁶⁸ RUBBO, Deni I. A. Às voltas com o marxismo universitário paulista (resenha). **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 32, n. 92, p. 361-364, 2018; p. 361.

²⁶⁹ TOSTES, José G. Os dois marxismos de Marx. **Cadernos Cemarx**, Campinas, v. 2, n. 2, p. 102-6, 2005; p. 105, ênfase no original. István Mészáros morreu em Londres em 2017, aos 90 anos.

O que são teses de difícil defesa frente as evidências demonstradas por biógrafos e mesmo pelos escritos de Marx, era um sujeito de seu tempo, se avançado na formulação das teorias era um antiquado quanto aos costumes, podendo ser visto como um forte conservador.

Alheio a isso, segundo Hobsbawm “As histórias do marxismo têm geralmente definido seu campo de pesquisas por exclusão”, e nesse sentido “[...] o âmbito delas é delimitado por uma fronteira além da qual se situam aqueles que são considerados não marxistas”²⁷⁰.

Conforme o autor tanto os critérios políticos como os ideológicos seja pelos doutrinários seja por aqueles que autodeclaram antimarxistas “[...] tendem a ampliar ao máximo essa categoria”²⁷¹.

Nesse sentido, há eventos que tentam organizar aqueles que são deste lado, doutro fala-se contra esses primeiros, e o fazer-se da ciência assim tem sido por aproximação ou simpatia, o convite dos palestrantes da mesma forma.

E fica sob a aura da especialização da ciência ou seu afunilamento quando em verdade prevalecem as decisões políticas, de poder dentro dos espaços institucionais (as associações nacionais ou regionais de área por exemplo), da forma que Prost comenta o exemplo francês

Entre as diferentes estratégias de poder desenvolvidas sob a aparência do progresso da ciência, uma arbitragem científica reconhecida seria, apesar de tudo, útil; ora, isso é raro. As defesas de tese e os colóquios – que deveriam constituir os momentos apropriados do confronto científico – são também, para não dizer, em primeiro lugar, manifestações de sociabilidade em que a conveniência prevalece em relação ao rigor e à busca da verdade²⁷².

Retomando o autor, “Tal postura comprova perfeitamente que, neste caso, os verdadeiros desafios não são de ordem da ciência, mas da sociabilidade profissional e das estratégias de poder”²⁷³.

²⁷⁰ HOBBSAWM, Eric J. A cultura europeia e o marxismo entre o séc. XIX e o séc. XX. In: HOBBSAWM, Eric J. *et al.* **História do marxismo II: o marxismo na época da segunda Internacional**. 3ª ed. Trad. Leandro Konder e Carlos N. Coutinho. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989, p. 75-124; p. 75.

²⁷¹ HOBBSAWM, Eric J. A cultura europeia e o marxismo entre o séc. XIX e o séc. XX, p. 75.

²⁷² PROST, Antoine. **Doze lições sobre a história**. Trad. Guilherme J. de F. Teixeira. 2ª ed., 4. reimp. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017, p. 49.

²⁷³ PROST, Antoine. **Doze lições sobre a história**, p. 50.

Seja na unidade imposta, na percepção do nós e eles, os dogmáticos e os dissidentes, e aqueles que assistem a tudo, privilegiados por compartilhar espaço. Mas ainda em posição inferiorizada na escala de poder (como os cientistas em início de carreira, os bolsistas) mesmo em meio ao reconhecimento da diversidade de marxismos.

De outro modo, há aqueles que veem apenas dois marxismos, como Tostes, e que estes conferem importantes instrumentos para se entender a história do século XX.

Tostes cita dois eventos históricos para ilustrar: “[...] a Revolução de 17²⁷⁴ enfatizou mais o ‘marxismo científico’, enquanto 68²⁷⁵ mais o ‘marxismo crítico’. Ou seja, são estes dois marxismos que ora mais articulados, ora mais isolados, vão permear teórica e praticamente, ao longo de todo o séc. XX, as lutas contra o capitalismo”²⁷⁶.

Grosso modo, é o marxismo de Lenin ou aquela tendência chamada marxista iniciada desde Engels como afirmou Jones²⁷⁷, que é o marxismo que passa da crítica às ações no plano da política, e o marxismo dos revisionistas, como acentua Kolakowski²⁷⁸.

Por outro lado, para além da dualidade, que é algo caro às perspectivas dogmáticas do marxismo, principalmente aquelas que condicionam a interpretação da realidade aos esquematismos dos modos de produção.

Há aqueles que defendem um retorno a Marx, “Para situar o pensamento de Marx em perspectiva, convém retomá-lo na íntegra, considerando-o como ponto de partida e não como termo e conclusão. Em suma, tomando-o como um momento de teoria e não dogmaticamente como uma teoria definitiva”²⁷⁹, em essência, do original enquanto obra aberta e dialógica frente aos anseios da realidade deste tempo, como as questões deste momento, e até ampliá-lo, como o fez o autor francês.

²⁷⁴ Trata-se da Revolução Russa de 1917.

²⁷⁵ Nesse caso, a referência é ao movimento Maio de 1968 francês.

²⁷⁶ TOSTES, José G. Os dois marxismos de Marx, p. 106.

²⁷⁷ JONES, Gareth S. **Karl Marx**.

²⁷⁸ KOLAKOWSKI, Leszek. **Las principales corrientes del marxismo III**.

²⁷⁹ LEFEBVRE, Henri. **La producción del espacio**, p. 356, traduzido: “Para situar en perspectiva el pensamiento de Marx conviene retomarlo en su integridad, considerándolo como punto de partida más que como término y conclusión. En suma, tomándolo como un momento de la teoría y no dogmáticamente como teoría definitiva”.

Nesta perspectiva revisionista de Henri Lefebvre e outros²⁸⁰ está a perda de poder da escolha por parte dos partidos ditos comunistas, da autoridade de demonstrar aquilo que deve ir adiante como verdade, segundo Martins, “*A verdade política está no processo político*”²⁸¹ e não na disputa de narrativas.

A moldura e o moldar do que pode (e deve) ser visto como método e mesmo os livros que devem ou não ser editados e traduzidos da obra de Marx, pois a partir dos anos 1960 ocorre

[...] o crescimento de uma massa de estudantes e de outros intelectuais interessados pelo marxismo, com a formação de vários movimentos marxistas ou marxizantes fora dos partidos comunistas, a difusão dos clássicos deixou de ser uma espécie de monopólio da URSS e dos partidos comunistas²⁸².

Ecoando essa afirmativa, no Brasil quando professores da USP se reuniram para ler *O Capital* no famoso Seminário daquela universidade: “Na virada dos anos 1950 para os de 1960, deu-se, enfim, o encontro uspiano da filosofia universitária francesa com o marxismo, sem exagero, um episódio notável em nossa vida mental”²⁸³, destacando a contribuição de José Arthur Giannotti neste “episódio”.

Uma contribuição para o marxismo brasileiro, no que pode ter de singular, já que cada realidade demanda uma forma de intervenção e de interpretação.

Wright afirma que justamente “O marxismo constitui uma tradição poderosa nas ciências sociais, porque fornece explicações de longo alcance para um conjunto de fenômenos importantes” – aqui pensando no sistema

²⁸⁰ KOLAKOWSKI, Leszek. **Las principales corrientes del marxismo III.**

²⁸¹ MARTINS, José de S. A escravidão nos dias de hoje e as ciladas da interpretação (reflexões sobre riscos da interpretação subinformada). In: CPT (Org.). **Trabalho escravo no Brasil contemporâneo.** São Paulo: Edições Loyola, 1999, p. 127-163; p. 144, ênfase no original.

²⁸² HOBBSAWM, Eric J. A fortuna das edições de Marx e Engels. In: HOBBSAWM, Eric J. **História do marxismo: o marxismo no tempo de Marx.** Trad. Carlos N. Coutinho e Nemésio Salles. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980, p. 423-443; p. 440.

²⁸³ ARANTES, Paulo E. Origens do marxismo filosófico no Brasil – José Arthur Giannotti nos anos 60. In: MORAES, João Q. de. (Org.). **História do marxismo no Brasil. Vol. II: os influxos teóricos.** Campinas: Editora da Unicamp, 1995, p. 125-181; p. 126.

capitalista, por exemplo – e “[...] não porque tem um método especial que o separa do resto das correntes teóricas”²⁸⁴.

De outro lado, as outras formas de interpretação também não são excepcionais a ponto de superar o marxismo, ao contrário, é a realidade que sugere o método, a singularidade se impõe, mas em se tratando de utilizar a teoria de Marx, preservando a essência de suas ideias.

O que constitui imenso desafio mesmo nos dias atuais, pois “Mesmo os mais talentosos entre os teóricos marxistas dessa época da 2ª Internacional – como Kautski, Plekhanov, Lafargue e Mehring – não souberam salvaguardar, em muitos aspectos, a verdadeira essência da filosofia de Marx”²⁸⁵.

Desta forma, para manter o cerne do pensamento de Marx, se deve revisar seus textos e, esta ação “[...] significa achá-los mais ricos do que você jamais imaginou, também confusos e até contraditórios, mas sempre revelam novos significados”²⁸⁶.

Mas os novos sentidos, se buscados, estarão abertos, à vista, daqueles que fizerem as questões certas a sua obra, pois “[...] o que “pedimos” a Marx? o que esperamos encontrar em seus escritos?

De maneira geral, o que prevalece hoje, nas respostas a essas duas perguntas, tem a ver com nossa preocupação com a liberdade”²⁸⁷.

No entanto, as ortodoxias não tem garantido a prevalência destas, vide não estar em seus fundamentos, e implacáveis se valiam de verdadeiras linhas de produção quanto a censura, informa Konder que

[...] o saudoso Nelson Werneck Sodré (1911-1999), certa vez, criou brincalhonamente uma expressão adequada para a caracterização do procedimento instituidor de ‘ortodoxias’: havia autoridades teóricas que aplicavam aos textos um rigoroso “marxímetro”²⁸⁸ [o que reitera a necessidade da Análise Institucional].

²⁸⁴ WRIGHT, Eric O. Comprender la clase: hacia un planteamiento analítico integrado. S./trad. **New Left Review**, Londres, nº. 60, p. 98-112, 2010; p. 111, traduzido: “El marxismo constituye una poderosa tradición en las ciencias sociales, porque proporciona explicaciones de largo alcance de un conjunto de fenómenos importantes” e “[...] no porque disponga de un método especial que lo separe del resto de corrientes teóricas”.

²⁸⁵ KONDER, Leandro. **Marx: vida e obra**. 7ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999, p. 149.

²⁸⁶ LEFEBVRE, Henri. **La producción del espacio**, p. 376, traduzido: “[...] supone encontrarlos más ricos de cuanto se haya imaginado, también confusos e incluso contradictorios, pero siempre dejan ver nuevos sentidos”.

²⁸⁷ KONDER, Leandro. **Em torno de Marx**. 1ª ed., 1ª reimpr. São Paulo: Boitempo, 2011, p. 18.

²⁸⁸ KONDER, Leandro. **Em torno de Marx**, p. 64-65, com acréscimo.

E talvez a ortodoxia maior e a conseqüente seleção a contento dos ideólogos se deu de forma mais acentuada na antiga União Soviética: “A degradação do pensamento de Marx atingiu seu clímax na interpretação do marxismo-leninismo [...] Despida de sua função de guia de ação, a teoria tornou-se sua justificativa a *posteriori*”²⁸⁹.

Foi neste período que ocorreu a “corruptela da filosofia” com este marxismo-leninismo, expressão de Ramos, segundo o autor foi mais um “[...] ardil de propaganda, que [no entanto] não resiste hoje a uma arguição mesmo ligeira”²⁹⁰. Lá também as experiências de coletivização se deram, sem outro resultado que não fosse “[...] o rebaixamento e a escravidão das consciências”²⁹¹.

Para outros dois autores, “Sistemas totalizantes e heróicos de significado, como o Marxismo-leninismo, só podem ser mantidos ao custo de uma desdiferenciação massiva”²⁹².

Como os exemplos históricos afloram à percepção até dos mais militantes que se arrefeceram com o sofrimento de povos inteiros à “[...] atitude revolucionária dos vários marxismos”²⁹³ e, começam a se antepor à ideia de sucesso (e muitas vezes com o apoio da ciência) que uma teoria possa ser replicada a qualquer realidade, ao custo de vidas, de dissidentes e dominados. Nessa linha, Sylvia L. de Mello assevera que, quanto aos

[...] seres desprezados pelo mundo da riqueza, da mercadoria e do consumo: escravos modernos, crianças de rua, loucos. A

²⁸⁹ MUSTO, Marcello. Introducción. In: MUSTO, Marcello (Edit.). **De regreso a Marx: nuevas lecturas y vigencias en el mundo actual**. Trad. Francisco Sobrino. Buenos Aires: Editorial Octubre, 2015, p. 7-40; p. 10-11, ênfase no original, traduzido: “La degradación del pensamiento de Marx alcanzó su clímax en la interpretación del marxismo-leninismo [...] Al ser despojada de su función como una guía para la acción, la teoría pasó a ser su justificación a *posteriori*”.

²⁹⁰ RAMOS, Alberto G. **Mito e verdade da revolução brasileira**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1963, p. 84, com acréscimo.

²⁹¹ CHARDIN, Pierre T. de. **O fenómeno humano**. Trad. León Bourdon e José Terra. 3ª ed. Porto: Livraria Tavares Martins, 1970, p. 291.

²⁹² RAY, Larry J.; REED, Michael. Max Weber and the dilemmas of modernity. In: RAY, Larry J.; REED, Michael. (Edits.). **Organizing modernity: new weberian perspectives on work, organization and society**. London: Routledge, 1994, p. 158-197; p. 188, traduzido: “Totalizing and heroic systems of meaning, like MarxismLeninism, can be upheld only at the cost of massive de-differentiation”.

²⁹³ VATTIMO, Gianni. **A sociedade transparente**. Trad. Hossein Shooja e Isabel Santos. Lisboa: Relógio D’Água, 1992, p. 69.

ciência circunscreve a sua anormalidade, define-os, enquadrando-os na diferença. Explica como e por que não são como deveriam ser²⁹⁴.

Esse clímax se deu na e pela política, essa reduzida em suas dimensões originais, foi a justificadora de um Estado forte, para não generalizar como totalitário em todos os regimes que forçaram o *socialismo real*, o “[...] papel na práxis política, que, ainda é, evidentemente, a razão de ser do marxismo”²⁹⁵. Por outro lado, se há o *inconsciente político* conforme alega Jameson, há o *inconsciente institucional*²⁹⁶.

Por outro lado, o próprio Lênin escreveu a respeito da forma que entendia ser o marxismo. Para ele esse se formou a partir de três fontes e três partes constitutivas ou o “[...] que melhor criou a humanidade no século XIX: a filosofia alemã, a economia política inglesa e o socialismo francês” em suas palavras. Doutrina completa e harmoniosa que permite respostas aos questionamentos da humanidade.

Para Lênin então, “[...] o gênio de Marx reside precisamente em ter dado respostas às questões que o pensamento avançado da humanidade tinha já colocado”²⁹⁷.

Depois dessa historiografia e “história” do marxismo, chega-se ao de Martins, o humanista, que à primeira vista, não se preocupa tanto com a política, ao menos essa dos ortodoxos.

2.4 O marxismo humanista de José de Souza Martins

José de Souza Martins explicando do porquê segue a linha de Lefebvre, por ser “[...] a corrente dos sociólogos empenhados no retorno à dialética e

²⁹⁴ MELLO, Sylvia L. de. Apresentação. In: BAPTISTA, Luis A. dos S. **A cidade dos sábios: reflexões sobre a dinâmica social nas grandes cidades**. São Paulo: Summus Editorial, 2009, p. 9-11; p. 11.

²⁹⁵ JAMESON, Fredric. **O inconsciente político: a narrativa como ato socialmente simbólico**. Trad. Valter L. Siqueira. São Paulo: Ática, 1992, p. 308.

²⁹⁶ BAREMBLITT, Gregorio. (Dir.). **O inconsciente institucional**. 2ª ed. Belo Horizonte: Editora FGB; Instituto Félix Guattari, 2011.

²⁹⁷ LÊNINE, Vladímir I. **Obras escolhida em três tomos, 1**. S./Trad. São Paulo: Editora Alfa-Omega, 1979, p. 35.

retorno ao Marx marxiano, que não se confunde, propriamente, com o Marx do marxismo”²⁹⁸.

Há dois Marx. Ambos bastante estudados, provavelmente. No entanto, um mais divulgado e, este sem sombra de dúvidas é o Marx do marxismo. O mais conhecido, idealizado e com culto elevado a espécie de divindade, como religião fosse.

Nessa disposição sacrossanta, por assim dizer, há o “Deus” e, há os santos, os intermediários, se se pensar no catolicismo popular amplamente presente mesmo nos ambientes universitários brasileiros, então, como espécie de organização, há os incontestáveis e que a tudo que escrevem (escreveram) se eleva a condição de verdade absoluta e há os disseminadores, os que vulgarizam as ideias de Marx, aliás, desde o início, já com Engels.

Antes eram os que dotavam o proletariado (os operários em geral) de premissas de revolução, como se estivesse em suas mãos o destino da história, classe essa que foi outorgada o poder de derrotar a burguesia e se apoderar do Estado, na ditadura que muitos ainda defendem. Mas, “Tudo foi desmontado pelo choque das revoluções do século XX: a da ciência e da tecnologia”, conforme Josep Fontana, pois estas colocaram “[...] em risco o protagonismo anteriormente desempenhado pelo trabalhador manual”²⁹⁹.

Agora, depois de releituras e de vulgarizadores de verve mais rural, à lá Mao, por exemplo, veem nas organizações rurais (pois a maioria já foge a escrita que sejam movimentos sociais) as potencialidades de redenção frente a um capitalismo que continua pujante. Segundo Konder

Ao contrário dos utopistas e dos visionários, Marx tinha clara consciência de que seu método não podia fazer concorrência a qualquer *bola de cristal*. Ele sabia que uma concepção de História, por mais científica que seja, pode prever a *direção* necessária em que os homens caminharão para solucionar as grandes contradições sociais com que se defrontam em uma determinada fase, mas não pode prever as circunstâncias

²⁹⁸ MARTINS, José de S. **Uma sociologia da vida cotidiana**: ensaios na perspectiva de Florestan Fernandes, de Wright Mills e de Henri Lefebvre. São Paulo: Editora Contexto, 2014a, p. 173.

²⁹⁹ FONTANA, Josep. Eric Hobsbawm: el historiador como intérprete del presente. **Ayer - Revista de Historia Contemporánea**, Madrid, n. 93, v. 1, p. 241-250, 2014; p. 249, traduzido: “Todo lo desarticuló el choque de las revoluciones del siglo XX: la de la ciencia y la tecnología, [...] y pondría con ello en peligro el papel protagonista que anteriormente desempeñaba el obrero manual”.

particulares que não de caracterizar todos os acontecimentos do processo histórico³⁰⁰.

O Marx sem bola de cristal, apesar de ser um Marx de seu tempo, que admirava a tecnologia e as potencialidades da modernidade. A respeito deste Marx, expressa juízo Göran Therborn: “[...] a teoria crítica foi a neta de Marx que expressou de maneira mais explícita e persistente um aspecto da quintessência histórica do marxismo – sua reflexão sobre a dialética da modernidade”³⁰¹ ou uma “[...] uma crítica filosófica da modernidade capitalista escrita pontualmente e de dentro de seu espaço”³⁰² como entende Benita Parry.

E há aquele marxismo pouco conhecido.

O das leituras do próprio Marx, mas de obras estranhamente ocultadas e que constituem tabu na Universidade, nas rodas de conversa dos movimentos sociais, nas organizações da sociedade civil, entre intelectuais, e mesmo dos historiadores do pensamento. Há as de Henri Lefebvre, e “É Lefebvre quem propõe que a sociologia marxiana é uma coisa e o marxismo é outra”³⁰³.

E se Lefebvre propõe um retorno a Marx, da mesma forma que Martins assim advoga a partir das obras do primeiro, isso se deve até chegar, ou partir da leitura do jovem Marx, que se transformou em tabu, “[...] à invenção althusseriana do problema do jovem Marx”³⁰⁴.

Seus adeptos se recusam a ver potencialidade nas obras iniciais, percebendo-as como muito filosóficas, este “[...] entende como necessária a recusa do período inicial de Marx considerando-o como um período marcado

³⁰⁰ KONDER, Leandro. **Marx**: vida e obra, p. 141, ênfase no original.

³⁰¹ THERBORN, Göran. **Do marxismo ao pós-marxismo?** Trad. Rodrigo Nobile. São Paulo: Boitempo, 2012, p. 74.

³⁰² PARRY, Benita. Liberation theory: variations on themes of Marxism and modernity. In: BARTOLOVICH, Crystal; LAZARUS, Neil. (Edits.). **Marxism, modernity, and postcolonial studies**. Cambridge: Cambridge University Press, 2004, p. 125-149; p. 135, traduzido: “[...] a philosophical critique of capitalist modernity written punctually and from within its space”.

³⁰³ MARTINS, José de S. **A sociologia como aventura**: memórias. São Paulo: Editora Contexto, 2013a, p. 47.

³⁰⁴ ARANTES, Paulo E. Origens do marxismo filosófico no Brasil – José Arthur Giannotti nos anos 60, p. 149.

por um humanismo³⁰⁵ preso às categorias da filosofia tradicional que, em última análise, expressariam a concepção burguesa de mundo”³⁰⁶.

A respeito da prática de Martins, de que forma seria esse seu marxismo (e ele jamais assim se referiu, registre-se) um de seus ex-alunos o explica:

[...] ao invés de vermos como determinadas proposições foram feitas por Marx e outros para fenômenos sociais de sua época, e de tentarmos aplicá-las a uma realidade social tão distinta como a brasileira – costume perverso da época e, por que não dizer, de alguns autores até hoje –, o que se empreendia era a tentativa de fazer os alunos perceberem que uma outra realidade social exige novas proposições, que podem surgir do exercício de pensar esta nova realidade a partir do modo pelo qual Marx concebia sua interpretação de mundo, de maneira dialética, tentando reincorporar novas dimensões de pensamento na análise de uma realidade muito diferente daquela enfrentada por Marx no final do século XIX. Não significa, portanto, dizer que as propostas de Marx foram superadas pelo tempo, como faziam seus ferozes críticos, mas recuperar “a fórmula marxiana de pensar” para, diante de novos problemas, conseguir propor formas inovadoras de superação que não a repetição de velhas fórmulas e proposições analíticas de aplicação imediata, como acontece com frequência em um marxismo pouco criativo³⁰⁷.

O que Martins faz? De que forma atualiza, se é que assim possa se entender sua abordagem de Marx? Quais são os temas da realidade atual que Marx em sua obra conhecida pode explicar? E daquela parte ocultada?

Pensando na interpretação peculiar (ou mesmo seletiva?) que Martins faz da obra de Marx (e mesmo Engels) é notável que essa se dá a partir de um grande interlocutor, também espécie de tabu na Universidade brasileira e nos debates dos movimentos sociais, que é Henri Lefebvre.

Segundo Nasser “[...] seria impossível falar sobre o legado de Lefebvre sem associá-lo ao do próprio Prof. Martins, que introduziu e formou no pensamento lefebvriano toda uma geração de alunos”³⁰⁸.

³⁰⁵ Mas para outro autor, “O marxismo é um humanismo; é um humanismo radical”, in: SCHAFF, Adam. L'humanisme marxiste. **L'Homme et la société**, Paris, n. 7, p. 3-18, 1968; p. 4, traduzido: “Le marxisme est un humanisme; c'est un humanisme radical”.

³⁰⁶ ALBINATI, Ana S. C. B. O jovem Marx. **Sapere aude**, Belo Horizonte, v. 9, n. 18, p. 21-39, jul./dez., 2018; p. 22.

³⁰⁷ MENEZES, Paulo. José de Souza Martins e o pensamento diferencial. **Política & Trabalho**, João Pessoa, n. 39, p. 85-89, out., 2013; p. 87.

³⁰⁸ NASSER, Ana C. A. A sociologia da vida cotidiana e a formação de uma geração. **Política & Trabalho**, João Pessoa, n. 39, p. 127-138, out., 2013; p. 127-8.

Em entrevista Martins explica que:

A dialética, na perspectiva metodológica que dela adota Lefebvre, foi fundamental para dar dimensão de conjunto aos meus livros e artigos, até mesmo os artigos de jornais que publico semanalmente. Basicamente, busco interrogar a história e o possível que se esconde no cotidiano, no prosaico, no repetitivo e nas meras formas da aparência³⁰⁹.

Pode se afirmar que há uma linha de continuidade na obra de Martins, como o mesmo afirma na citação?

Martins ensinou aos seus alunos que não há métodos divorciados das questões sociológicas formuladas. O método não é uma escolha ao bel prazer do pesquisador, como se fosse uma preferência, um gosto pessoal. O método – esta sorte de lupa imaginária, para nós cientistas sociais, que leva do sujeito ao objeto e reconstrói o caminho de volta – é também parte da construção do objeto³¹⁰ [que pode ser entendida como a Teoria da Implicação; referência neste caso a René Lourau, discípulo de Henri Lefebvre].

Um de seus alunos, Adorno afirma que método não é uma escolha a priori do pesquisador. E por isso mesmo, tanto a escolha como o uso dos métodos vão “construindo” os “objetos” e obtendo seus “resultados”, como tratado e pesquisado por René Lourau³¹¹ na antes referida teoria. Na busca por “[...] interrogar a história e o possível que se esconde no cotidiano”³¹² com o método da dialética tríade de Lefebvre que Martins se aventura em suas pesquisas.

Entre a incerteza de interpretar aos grandes temas como o trabalho, a classe operária ou na economia política, dentre outros, “[...] a maior parte dos marxistas ficou-se pelos dogmas”³¹³. E nesse momento o autor vai mostrar dois marxismos, o *histórico* e o *dialético*. Para o autor,

³⁰⁹ MARTINS, José de S. José: esboço de figura. Entrevista a Antonio Motta. **Política & Trabalho**, João Pessoa, n. 39, p. 23-58, out., 2013b, p. 49.

³¹⁰ ADORNO, Sérgio. Lições para não esquecer. **Política & Trabalho**, João Pessoa, n. 39, p. 79-83, out., 2013; p. 82, com acréscimo.

³¹¹ LOURAU, René. **Interventions socianalytiques**: les analyseurs de l'église. Paris: Anthropos, 1996.

³¹² ADORNO, Sérgio. Lições para não esquecer, p. 82.

³¹³ LEFEBVRE, Henri. **O fim da história**. Trad. António Reis. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1971, p. 167.

As flutuações do materialismo histórico desapareceram, compensadas e mascaradas por uma cobertura filosófica. O materialismo dialético, enquanto sistema filosófico, formulava as leis do devir, erigindo-se acima do devir, numa verdadeira transcendência (a da instituição filosófica e do Estado). Não se referia nem à lógica e aos seus problemas (coerência do discurso), nem à problematização da história. O que satisfazia a toda a gente: as autoridades políticas e institucionais, os próprios filósofos. A sua autoridade dogmática reforçava-se de duas maneiras: a ilusão histórica (a história a apoiá-los) e a ilusão institucional (o poder político erigido em critério de verdade)³¹⁴.

Na união destas duas ilusões a que alega o autor, caminha-se numa “[...] *certeza angustiante de uma marcha inexorável da história em direção a fins que vão além das intenções dos homens*”³¹⁵, como alerta Emmanuel Levinas.

Como foram movidos pelo aparelhamento do Estado nas experiências que a história mostrou do socialismo, com esta *difícil liberdade* provavelmente não se chegará à emancipação, como sugere Albert Camus em *O homem revoltado*³¹⁶ ou, na pior das hipóteses, aos “[...] impulsos emancipatórios expressos pelo marxismo tradicional”³¹⁷.

A escolha do método antes da pesquisa tem se transformado em norma em muitos casos, como alertou Adorno³¹⁸.

Percebe-se isso em orientações de graduação ou em grau de iniciação à pós-graduação, como é o caso das Especializações, quando alunos tratam disso como se o fora naturalizado por seus professores nas aulas de metodologia da pesquisa e de introdução à pesquisa.

Segundo um dos seus expoentes estudiosos, “A ideia marxista tradicional do socialismo era que era necessária uma ruptura abrupta, uma

³¹⁴ LEFEBVRE, Henri. **O fim da história**, p. 167.

³¹⁵ LEVINAS, Emmanuel. **Difícil libertad**: ensayos sobre el judaísmo. Trad. Nilda Prados. Buenos Aires: Lilmod, 2004, p. 207, ênfase no original, traduzido: “[...] *certeza angustiada de una marcha inexorable de la historia hacia fines que van más allá de las intenciones de los hombres*”.

³¹⁶ CAMUS, Albert. **O homem revoltado**. Trad. Valerie Rumjanek. 9ª ed. Rio de Janeiro: Editora Record, 2011.

³¹⁷ POSTONE, Moishe. Teorizando o mundo contemporâneo: Robert Brenner, Giovanni Arrighi, David Harvey. Trad. Fernando Rugitsk. **Novos Estudos CEBRAP**, São Paulo, 81, p. 79-97, jul., 2008; p. 97.

³¹⁸ ADORNO, Sérgio. Lições para não esquecer.

revolução que toma a forma de uma descontinuidade total”, no entanto, “[...] Isso, no mundo de hoje, parece-me uma fantasia”³¹⁹.

Transformações ocorreram, mudou a dinâmica econômica do mundo, as trocas culturais estão cada vez mais intensas, a Globalização acentua o sentimento de pertença mesmo ao *parecer-ser* no mundo que se pode tudo, ao menos na venda do sonho, em ser incluído. Neste sentido, Carlos Monsiváis assegura que na americanização moderna na América Latina, importa-se de tudo um pouco, até

Ocorre o “plágio de atmosferas”. Assim, as noções de elegância, luxo, beleza, modernidade e pós-modernidade são fielmente transferidas dos Estados Unidos para os reinos da classe média alta e da burguesia, à maneira de Houston, Los Angeles, East Side de Nova York, Dallas, San Diego e os *shoppings* correspondentes (a *gentrificação* mental), o resultado é muito diferente, porque, para começar, os arredores também contam e opõem com sua mera presença a validade absoluta dos móveis, combinações de cores, arquitetura de interiores e “alegria de viver como Deus manda”³²⁰.

A internet aproxima a tudo e permite a sensação da participação, mesmo na política, por detrás do computador muitos exercem a cidadania, mesmo que essa seja relativamente mais fácil, ela maquia e oculta quem são esses *cidadãos*.

³¹⁹ WRIGHT, Eric O. **Reflexiones sobre socialismo, capitalismo y marxismo**. Trad. Juan R. de la Cruz. Palma de Mallorca: CC.OO. de les Illes Balears, 1997, p. 23-24, traduzido: “La idea marxista tradicional del socialismo era que se requería una ruptura brusca, una revolución que adopta la forma de discontinuidad completa”, no entanto, “[...] Esto, en el mundo actual, me parece una fantasía”. Ainda, p. 23-24: “Não consigo imaginar como isso poderia acontecer nos Estados Unidos ou na Europa Ocidental (sic), e mesmo em países pobres e menos desenvolvidos, não parece que seja possível atualmente. Portanto, temos que pensar sobre as alternativas”, traduzido: “No puedo imaginarme cómo podría ocurrir esto en Estados Unidos o Europa Occidental (sic), e incluso en países pobres, menos desarrollados, no parece que pueda ser posible en la época actual. Por lo tanto, tenemos que pensar en las alternativas”.

³²⁰ MONSIVÁIS, Carlos. ¿Cómo se dice OK en inglés? (De la americanización como arcaísmo y novedad). In: ECHEVERRÍA, Bolívar. (Comp.). **La americanización de la modernidad**. México, D.F.: Ediciones Era, 2008, p. 97-120; p. 110, traduzido, ênfase no original: “Se produce el ‘plagio de atmósferas’. Así, las nociones de elegancia, lujo, belleza, modernidad y posmodernidad se trasladan con fidelidad de Estados Unidos en los ámbitos de la clase media alta y la burguesía, a la manera de Houston, Los Ángeles, el East Side de Nueva York, Dallas, San Diego y los *malls* correspondientes (la *gentrification* mental), el resultado es muy distinto, porque, para empezar, los alrededores también cuentan, y se oponen con su mera presencia a la validez absoluta de muebles, combinaciones cromáticas, arquitectura de interiores, y ‘alegría de vivir como Dios manda”.

Há autores que chegam a afirmar que “Uma sociedade civil na periferia é paradoxalmente impensável sem os avanços tecnológicos da informática”³²¹, da internet (redes, aplicativos), em espécie de *cosmopolitismo dos pobres* no entender de Silvano Santiago, até porque “[...] os pobres têm os mesmos impulsos que os ricos, com apenas menos oportunidades e habilidades para efetivá-los”³²², como asseveram Will e Ariel Durant.

Em outro texto, Wright, que se diz um pós-marxista, afirma que “[...] em muitos casos, o marxismo tornou-se objeto de considerável crítica por parte da esquerda acadêmica, e muitos estudiosos radicais hoje se identificam com o que alguns denominaram ‘pós-marxismo’”³²³.

Provavelmente são poucos os que se aventuram a crítica, que apontam lacunas e até limites, próprios de uma obra de um tempo, afinal seu autor vivia intensamente esse período e, como todo ser normal, tinha suas contradições, dentre estes, Henri Lefebvre e José de Souza Martins têm apresentado contribuições relevantes.

E essa crítica deveria ser normal, como o próprio Marx sugere, a partir do entendimento de Lefebvre, pois

Para Marx, colocar a ênfase nas contradições de uma realidade significa que a crítica continua a constituir uma entidade interna dessa realidade. A crítica interna nada tem de moralizante, filantrópica ou humanística (ainda que não exclua os “homens”). Está intimamente relacionado ao conhecimento científico; ciência que quer ser “positiva” e apenas “positiva”, excluindo em benefício da verificação autêntica e constante, da coerência e da lógica, o âmbito crítico e dialético do

³²¹ SANTIAGO, Silvano. **O cosmopolitismo do pobre**: crítica literária e crítica cultural. 1ª reimpr. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008, p. 59.

³²² DURANT, Will; DURANT, Ariel. **12 lições da história**. Trad. Mario Bresighello. Barueri: Faro Editorial, 2018, p. 34.

³²³ WRIGHT, Eric O. **Clases**. Trad. Ángel M. F. García-Bermejo. Madrid: Siglo Veintiuno Editores, 1994, p. XII, traduzido: “[...] el marxismo ha pasado a ser en muchos casos objeto de una considerable crítica por parte de la izquierda académica, y muchos estudiosos radicales hoy se identifican con lo que algunos han denominado ‘postmarxismo’”.

conhecimento, disse que a ciência carrega consigo uma ideologia desconhecida como tal³²⁴.

Há aqueles termos, expressões e conceitos que muitas vezes são utilizados na escrita dos grandes nomes, no entanto, sem a devida citação explícita, como mandam as normas acadêmicas.

Talvez pela facilidade e introjeção mental destes no linguajar e na escrita dada tamanha proximidade que adquiram com os grandes expoentes do pensamento humano, como Marx.

Ideias, os contornos destas, aquilo que se encontra em evidências menores, mas ao leitor mais atento tem-se a impressão *já vi isso em algum lugar!*, que denota que se trata da obra de alguém que não foi devidamente citada, e não o é pelos recorrentes usos de determinados textos.

Assim reconhece Foucault:

Ocorre-me frequentemente citar conceitos, frases e textos de Marx, mas sem me sentir obrigado a acrescentar a isto a pequena peça autenticadora que consiste em fazer uma citação de Marx, em colocar cuidadosamente a referência de pé de página, e em acompanhar a citação de uma referência elogiosa, por meio de que se pode ser considerado como alguém que conhece Marx, que reverencia Marx e que se verá honrado pelas revistas ditas marxistas. Cito Marx sem dizê-lo, sem colocar aspas, e como eles não são capazes de reconhecer os textos de Marx, passo por ser aquele que não cita Marx. Será que um físico, quando faz física, experimenta a necessidade de citar Newton ou Einstein? Ele os utiliza, mas não tem necessidade de aspas, de nota de pé de página ou de aprovação elogiosa que prove a que ponto ele é fiel ao pensamento do Mestre. E como os demais físicos sabem o que fez Einstein, o que ele inventou e demonstrou, o reconhecem imediatamente. É impossível fazer história atualmente sem utilizar uma sequência infundável de conceitos ligados direta ou indiretamente ao pensamento de Marx e sem se colocar num horizonte descrito e definido por Marx. Em última análise poder-

³²⁴ LEFEBVRE, Henri. **Espacio y política**: el derecho a la ciudad. Trad. Janine M. de Liarás e Jaime L. García. Barcelona: Ediciones Península, 1976, p. 114, traduzido: "Para Marx, el poner el acento sobre las contradicciones de una realidad viene a significar que la crítica sigue constituyenclo un ente interno dentro de dicha realidad. La crítica interna no tiene nada de una crítica moralizadora, filantrópica o humanística (incluso si no deja de lado a los 'hombres'). Está en estrecha relación con el conocimiento científico; la ciencia que quiere ser 'positiva' y únicamente 'positiva', excluyendo en provecho de la comprobación auténtica y de lo constante, de la coherencia y de la lógica, el alcance crítico y dialéctico del saber, dicha ciencia se carga de ideología no conocida como tal".

se-ia perguntar que diferença poderia haver entre ser historiador e ser marxista³²⁵.

Em Martins, em algumas obras há a sensação de que está a falar de Marx, de Lefebvre ou de Thompson, muito provavelmente pela quantidade de leituras do autor nesta linha de influências.

Parece que o autor desenvolveu um estilo curioso de narrativa própria, pois ele raramente cita outros autores em seus textos, poucas vezes seus artigos têm bibliografia ao final e, desta forma, parece que ele está “criando” a argumentação a partir, exclusivamente, de sua cabeça, sem inspiração de outros autores etc. É como se amparasse na linha narrativa de Umberto Eco que, arrazoza que é “[...] por meio da ficção narrativa, treinamos nossa capacidade de ordenar tanto a experiência do presente quanto a do passado”³²⁶.

Também é curioso porque ele tem uma vastíssima literatura que usa em sua Sociologia, inclusive de diferentes escolas sociológicas, mas não cita explicitamente.

É preciso ser um excelente conhecedor de teoria, autores, livros, etc., para identificar mais claramente quem ele estaria se inspirando nesse ou naquele texto.

Outro leitor de Henri Lefebvre no Brasil foi o intelectual comunista Caio Prado Júnior, que também lia Marx, Lenin, Lukács, Gramsci, dentre outros, este que foi “o primeiro marxista brasileiro”³²⁷ e também um de seus intérpretes³²⁸.

A mais recente biografia política de Caio Prado Júnior, onde se estrai a crítica de seus livros feita por Paulo de Castro (em 1952 na *Tribuna da*

³²⁵ FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Trad. Roberto Machado. 13ª ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1998, p. 142-3.

³²⁶ ECO, Umberto. **Seis paseos por los bosques narrativos**. Harvard University, Norton lectures 1992-1993. Trad. Helena Lozano Miralles. Barcelona: Editorial Lumen, 1996, p. 145, traduzido: “[...] a través de la ficción narrativa, adiestramos nuestra capacidad de dar orden tanto a la experiencia del presente como a la del pasado”.

³²⁷ RICUPERO, Bernardo. Caio Prado Jr.: o primeiro marxista brasileiro. **Revista USP**, São Paulo, n. 38, p. 64-77, jun./ago., 1998.

³²⁸ RICUPERO, Bernardo. Caio Prado Jr. como intérprete do Brasil. **Sinais Sociais**, São Paulo, v. 7, n. 19, p. 14-39, mai./ago., 2012.

*Imprensa*³²⁹ da cidade do Rio de Janeiro), crítica esta citada por Luiz Bernardo Pericás, segundo Paulo de Castro “[...] o historiador teria trabalhado essas obras sem muita originalidade, fazendo ‘apenas repetições, com uma ou outra nota pessoal’”³³⁰.

Neste sentido, talvez a abertura de Caio Prado Júnior o levasse a enfrentar problemas com seu partido, pois

O dogmatismo é forte; tem a força, a do poder, a do Estado e de suas instituições. Além disso, tem suas vantagens: é simples, é facilmente ensinado; evita problemas complexos, e esse é certamente seu significado e propósito; dá aos apoiadores uma sensação de assertividade e segurança ao mesmo tempo³³¹.

E o marxismo humanista?

Retomando Gouldner³³² especialmente, onde o autor explica sobre os “dois marxismos”, o chamado “científico” (que se tornou a ortodoxia, nesse campo) e o “crítico”, que seria próximo da dialética, filosófico e inspirador, por exemplo, da Escola de Frankfurt.

Mas há um terceiro, quase nunca falado, o “humanista”, que é o seguido por José de Souza Martins, inspirado, em especial, em Henri Lefebvre. Dentre os ramos marxistas que a história legou, Martins está situado nesse terceiro campo.

O chamado “marxismo crítico” e o “humanista” estão bem próximos, inclusive porque privilegiam a cultura e são fortemente anti-economicistas. Nesse sentido, em diagnóstico de crítica ao desenvolvimento econômico do

³²⁹ Jornal que foi fundado por Carlos Lacerda, então é de se imaginar que seja contrário e ofensivo a obra do renomado historiador, que além do que o marxismo brasileiro em geral ligado aos partidos comunistas (dogmático e reduzido a esfera econômica), fazendo aberturas importantes em seu pensamento com a inclusão da obra de Lefebvre.

³³⁰ PERICÁS, Luiz B. **Caio Prado Júnior: uma biografia política**. São Paulo: Boitempo, 2016, p. 145.

³³¹ LEFEBVRE, Henri. **El materialismo dialectico**. Trad. Ruben A. N. Laporte. Buenos Aires: Editorial La Pléyade, 1969, p. 9, traduzido: “El dogmatismo es fuerte; dispone de la fuerza, la del poder, la del Estado y sus instituciones. Además, tiene sus ventajas: es simple, se enseña fácilmente; elude los problemas complejos, y tal es por cierto su sentido y finalidad; da a sus partidarios un sentimiento de afirmación vigorosa y de seguridad a la vez”.

³³² GOULDNER, Alvin W. **Los dos marxismos: contradicciones y anomalías en el desarrollo de la teoría**. Trad. Néstor A. Míguez. Madrid: Alianza Editorial, 1983.

capitalismo, o marxismo expôs que “[...] a emancipação política [estava] ficando aquém da emancipação humana”³³³.

Dentro dessa linha, o caminho de Martins a se aproximar do que se entende por “marxismo humanista” está em considerar toda a obra marxiana.

Diferentemente, do “marxismo científico” que privilegia a fase do “Marx maduro”, essa considera desde sua origem, da fase mais de filósofo ou do “jovem Marx”, passando por obras como os “Manuscritos econômicos-filosóficos”.

Mas também por aquelas ainda desconhecidas por parte dos que se dizem marxistas, como os “Grundrisse”, até as cartas de Marx, onde Martins assinala que, pela opção de editores, com o descarte da correspondência: “Eliminaram um componente da maior importância para a compreensão do estilo literário de Marx”.

De acordo com o autor, suprimindo partes iniciais ou parágrafos finais, não se atendo que foi a partir de anotações deixadas que muitas das obras do autor foram concluídas e as cartas mostram sua vida “[...] sua impotência pessoal em face da autonomia das diferentes instâncias e esferas da realidade social, das vontades e circunstâncias, do descompasso entre as gerações, do desencontro entre sentimentos e História”³³⁴.

A respeito da edição da obra de Karl Marx, Grespan informa que na atualidade está a cargo da MEGA, a Marx-Engels Gesamtausgabe, que desde o início das publicações em 1927, “[...] idealizada e coordenada por Riazanov, a MEGA propunha-se a oferecer aos pesquisadores da obra de Marx e de Engels os textos e manuscritos da forma mais próxima ao estado em que se encontravam nos arquivos de Moscou e de Berlim”³³⁵.

Mas as preocupações crítico-filológicas deste o fez indispor-se com a cúpula da União Soviética, mais preocupada em selecionar – foram responsáveis que foi por grande ideologização do pensamento dos autores – o que vai conduzir sua consequente demissão três anos depois.

³³³ WAGNER, Peter. Modernity, capitalism and critique. **Thesis Eleven**, Thousand Oaks, n. 66, p. 1-31, aug., 2001a; p. 11, traduzido: “[...] as political emancipation falling short of human emancipation”.

³³⁴ MARTINS, José de S. As cartas de Marx. In: GALVÃO, Walnice N.; GOTLIB, Nádya B. (Orgs.). **Prezado senhor, prezada senhora: estudos sobre cartas**. 1ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2000, p. 313-319; p. 313 e 319.

³³⁵ GRESPAN, Jorge. “O capital e seus escritos preparatórios”: sobre o lançamento do volume 4.3 da MEGA. **Crítica Marxista**, Campinas, n. 37, p. 155-161, 2013; p. 155-6.

Em espécie de continuação da seleção e ideologização da obra dos autores, A MEW, Marx-Engels Werke surge, sendo publicada a partir da década de 1950, mas “[...] por se subordinar à política da União Soviética e da Alemanha Oriental, deixava várias obras importantes de Marx e de Engels de lado”³³⁶.

Passado um tempo, com a crise dos regimes e talvez, com o amadurecimento de alguns seguidores de Marx, retomar a ideia da primeira MEGA passou a ser um imperativo.

O que ocorre a partir de “[...] meados da década de 1970, quando a ‘segunda MEGA’ foi lançada, seguindo a proposta crítico-textual da primeira, mas ampliando a previsão de quarenta para 165 volumes”³³⁷.

A impressão que se tem, depois de análise mais apurada e sem os freios e condicionamentos ideológicos de quem, estando partícipe de partido, enfrenta, mas que se fez praticamente *tábula rasa* com seus escritos, selecionando as partes, excluindo outras.

Entendendo Marx como um autor finito, como se não vivesse seu tempo e não tivesse contradições (até em seu seio familiar!), desta forma, “Hoje, mais do que nunca, podemos e devemos reler Marx – e especialmente as obras de sua juventude, erroneamente chamadas de ‘filosóficas’, uma vez que contêm uma crítica radical a toda filosofia sistematizada - com novos olhos”³³⁸.

Justamente aquilo que ignoram de Marx, ou seja, extraem partes de sua obra descoladas da realidade que este viveu, de sua vida, do seu tempo.

Atenta àquilo que foi preocupação importante de seus escritos, pois “Marx trabalhou com história de vida, preocupado que estava com a relação entre biografia e história – é o caso dos três estudos conhecidos, sobre os Heróis do Desterro, sobre Lord Palmerston, sobre Luís Bonaparte”³³⁹.

³³⁶ GRESPAN, Jorge. “O capital e seus escritos preparatórios”, p. 156.

³³⁷ GRESPAN, Jorge. “O capital e seus escritos preparatórios”, p. 156.

³³⁸ LEFEBVRE, Henri. **El materialismo dialectico**, p. 14-15, traduzido: “Hoy más que nunca podemos y debemos releer a Marx – y sobre todo las obras de juventud, erróneamente denominadas ‘filosóficas’, puesto que contienen una crítica radical de toda filosofía sistematizada – con nuevos ojos”.

³³⁹ MARTINS, José de S. **Uma sociologia da vida cotidiana: ensaios na perspectiva de Florestan Fernandes, de Wright Mills e de Henri Lefebvre**. São Paulo: Editora Contexto, 2014a, p. 67.

Então, para além da ideia de vê-lo apenas como político ou o escritor limitado aos aspectos econômicos, pois sua obra considerada mestra versa sobre o capital, o sistema capitalista.

Segundo José de Souza Martins, “Marx era muito mais sociólogo do que creem e gostariam os próprios marxistas. Ele se propôs a compreender e explicar a sociedade contemporânea para transformá-la politicamente”³⁴⁰. Em contraponto a essa ideia, Nancy Fraser afirma que:

O pensamento de Marx tem muito a oferecer como uma fonte de conceitos gerais. Todavia ele é incapaz de reconhecer sistematicamente gênero, ecologia e poder político como princípios estruturantes e eixos de desigualdade das sociedades capitalistas³⁴¹.

Retomando a Marx, foi um sujeito ativo, atento ao seu redor, à realidade que muitas vezes respondia de forma dissonante do que aquela idealizada na teoria, nesse sentido, segundo Lefebvre,

O gênio de Marx (e de Engels) foi o de apoderar-se de todas essas doutrinas, até então encerradas em seus próprios domínios, ver nelas as expressões, fragmentárias mas inseparáveis, da civilização industrial moderna, seus problemas e os esclarecimentos novos lançados sobre a natureza e a história pelos novos tempos³⁴².

Nessa linha, para Peter Wagner a própria “[...] estrutura das ciências sociais como disciplina é o correlativo intelectual” desta sociedade, e também “[...] baseada em um estado-nação normativamente liberal”³⁴³.

Quanto ao pensamento de Marx, justamente o contrário do que fazem com sua obra pós sua morte. E o problema já começou com seus discípulos, mesmo Engels, “[...] mesmo antes da eclosão da Primeira Guerra Mundial,

³⁴⁰ MARTINS, José de S. **A sociologia como aventura**, p. 72.

³⁴¹ FRASER, Nancy. Por trás do laboratório secreto de Marx: por uma concepção expandida do capitalismo. Trad. Mayra Cotta e Miguel Patriota. **Direito & Práxis**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 10, p. 704-728, 2015; p. 706.

³⁴² LEFEBVRE, Henri. **Marxismo**: uma breve introdução, p. 21.

³⁴³ WAGNER, Peter. Las ciencias sociales y el concepto de Estado en Europa occidental: estructuración política del discurso disciplinario. S./Trad. **Revista Internacional de Ciencias Sociales - RICS**, Paris, v. Vol. XLI, n. 122, p. 551-572, dic., 1989; p. 558, traduzido: “[...] estructura de las ciencias sociales como disciplina es el correlativo intelectual de una sociedad industrial capitalista y racionalizada que tiene como base un estado-nación normativamente liberal”.

entre os discípulos de Marx já não havia consenso sobre o verdadeiro marxismo, ou seja, sobre quem era capaz de melhor entender o pensamento do mestre”³⁴⁴.

Logo em seguida, já a partir da década de 1930 Lefebvre começa a publicar livros a respeito de Marx e do marxismo, neste caso, suas *ideias correspondem mais aos fatos* (ao contrário do que escreve Cazusa³⁴⁵) pois se negou ser revisor da obra marxiana e seguir a cartilha do partido; ao contrário, foi além, contribuiu naquilo que entendeu ser lacunas na escrita do mestre.

A esse respeito, Barreira, informa que “Lefebvre possuía luz própria; não era um repetidor de fórmulas consagradas. Permaneceu dividido entre o homem de partido e o teórico desviante e original. Em muitos aspectos, seu pensamento oferecia uma alternativa à filosofia marxista”³⁴⁶.

Nesta mesma perspectiva, Machado tem uma hipótese quanto a não leitura do autor no Brasil por parte dos partidos de esquerda, “[...] talvez, devido a sua expulsão do Partido Comunista Francês em 1957/58 e o fato de que seus livros faziam críticas profundas ao marxismo institucionalizado na URSS como também aos partidos comunistas tradicionais”³⁴⁷.

É a partir deste exposto que a seguir, traz-se a contribuição de Henri Lefebvre ao pensamento martiniano.

O *marxismo humanista* de Martins é possibilitado nas buscas teóricas que o autor fez, nos métodos mais diversos que lançou-se à pesquisa da realidade social, com as diferentes fontes ou os locais-temas que sua obra contemplou, sempre priorizando fazer questões que desvelem a história e o possível enquanto “[...] dimensão oculta da vida de todo dia”³⁴⁸ daqueles que estão à margem e, que podem ser muitas, aliás, “Milhões de histórias, sem fim,

³⁴⁴ REIS FILHO, Daniel A. Marxismo, sociedade e partidos políticos hoje. In: RIDENTI, Marcelo; REIS FILHO, Daniel A. (Orgs.). **História do marxismo no Brasil. Vol. 6:** partidos e momentos após os anos 1960. Campinas: Editora da Unicamp, 2007, p. 439-461; p. 440.

³⁴⁵ Referência a composição de Arnaldo Brandão e Cazusa, “O tempo não para”, disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=5ITetP186yQ>>. Acesso em 22/04/2019.

³⁴⁶ BARREIRA, Marcos R. A. **Henri Lefebvre:** a crítica da vida cotidiana na experiência da modernidade. Rio de Janeiro: UERJ, 2009. (Tese de Doutorado em Psicologia Social), p. 93.

³⁴⁷ MACHADO, Carlos R. da S. Momentos da obra de Henri Lefebvre: uma apresentação. **Ambiente & Educação**, Rio Grande, v. 13, n. 1, p. 83-95, 2008; p. 84.

³⁴⁸ MARTINS, José de S. A epifania dos pobres da terra. In: MAMMI, Lorenzo; SCHWARCZ, Lilia M. (Orgs.). **8 x fotografia:** ensaios. São Paulo: Companhia das Letras, 2008c, p. 133-171; p. 139.

nascidas de uma fonte: inesgotável, que é a capacidade que o homem tem de criar”³⁴⁹ como afirma Gilmar de Carvalho.

Provavelmente Martins, em suas andanças e no exercício do seu método de pesquisa, que aqui caracteriza-se como o *marxismo humanista*, como o poeta Carlos Drummond de Andrade sugere aos poemas novos, os que estão sendo gestados, nosso autor assim procede perante as inquietudes e os ocultamentos da realidade social:

[...] Penetra surdamente no reino das palavras.
Lá estão os poemas que esperam ser escritos.
Estão paralisados, mas não há desespero,
há calma e frescura na superfície intata.
Ei-los sós e mudos, em estado de dicionário.
Convive com teus poemas, antes de escrevê-los.
Tem paciência, se obscuros. Calma, se te provocam.
Espera que cada um se realize e consume
com seu poder de palavra
e seu poder de silêncio.
Não forces o poema a desprender-se do limbo.
Não colhas no chão o poema que se perdeu.
Não adules o poema. Aceita-o
como ele aceitará sua forma definitiva e concentrada
no espaço.

Chega mais perto e contempla as palavras.
Cada uma
tem mil faces secretas sob a face neutra
e te pergunta, sem interesse pela resposta,
pobre ou terrível, que lhe deres: Trouxeste a chave? [...] ³⁵⁰.

Para este marxismo se firmar, no entendimento de outros, talvez seja preciso expor que o marxismo enquanto teoria hegemônica (e aqui estão as outras duas vertentes: a economicista e a científica que se transformaram em ortodoxias) acabou.

É o que advoga Sandro Mezzadra, com uma questão que se impõe: “[...] como Marx é lido após o fim do marxismo. Que estilo de discussão devemos

³⁴⁹ CARVALHO, Gilmar de. Cordel, cordão, coração. *Revista do GELNE*, Natal, v. 4, n. 1/2, p. 285-292, 2002; p. 285.

³⁵⁰ ANDRADE, Carlos D. de. *A rosa do povo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012, “Procura da poesia” p. 12.

inventar após o fim do marxismo”³⁵¹ ou na visão de Charles Wade Mills, está “[...] moribundo na ausência de um projeto socialista atraente”³⁵².

Para outro autor, não, “[...] o marxismo não está morto” afirma Remo Bodei. Para este autor, o que deveria ser feito?

Um primeiro passo, reconhecer a diversidade de formas de vidas desse tempo e os entraves que têm levado milhões a penúria, por isso, distantes da emancipação humana. Reconhecer, nesse sentido, como sugere Hanne Veber, que “As histórias que fazem história devem, em certa medida, corresponder a experiências que seu público pode reconhecer como suas próprias”³⁵³.

Pensar na solidariedade substancial que une a todos por esta comum experiência e, refletir a respeito da “[...] ‘contrafinalidade’ pela qual um determinado projeto produz efeitos opostos aos previstos”³⁵⁴ [outra dimensão que faz parte da Análise Institucional].

Como responder a esses desafios propostos por autores diferentes? Para José de Souza Martins?

Ler o próprio Marx; reler ou começar a ler para aqueles que se detiveram apenas em comentadores, os ditos marxistas. Como uma das teorias sociais mais importantes desenvolvidas na Modernidade³⁵⁵ no entender de Lynn Hunt,

³⁵¹ MEZZADRA, Sandro. **La cocina de Marx**: el sujeto y su producción. Trad. Diego Picotto. Buenos Aires: Tinta Limón, 2014, p. 156, traduzido: “No considero que haya que despreciar a la historia larga y compleja del marxismo, pero sí creo que esa historia se acabó. Y una pregunta clave de este libro es precisamente cómo se lee a Marx después del fin del marxismo. Qué estilo de discusión debemos inventar después del fin del marxismo”.

³⁵² MILLS, Charles Wade. O contrato de dominação. Trad. William Alkmin. **Meritum**, Belo Horizonte, v. 8, n. 2, p. 15-70, jul./dez., 2013; p. 57.

³⁵³ VEBER, Hanne. Memories of the Ucayali: the Asháninka story line. In: OAKDALE, Suzanne; COURSE, Magnus. (Edits.). **Fluent selves**: autobiography, person, and history in lowland South America. Lincoln: University of Nebraska Press, 2014, p. 93-117; p. 93, traduzido: “The stories that make history must to some extent correspond to experiences that their audience may recognize as their own”.

³⁵⁴ BODEI, Remo. **A filosofia do século XX**. Trad. Modesto Florenzano. Bauru: EDUSC, 2000, p. 198, com acréscimo.

³⁵⁵ HUNT, Lynn. Modernidad: ¿son diferentes los tiempos modernos? Trad. Tomás Pisano. **Prohistoria: historia, políticas de la historia**, Santa Fe, año XXI, n. 29, p. 4-18, jun., 2018; p. 7, “[...] el concepto de modernidad recibió un impulso de las dos teorías sociales de la modernidad más importantes, el marxismo”.

“[...] mas nunca questionando a legítima majestade da modernidade ou, se necessário, defendendo-a explicitamente”³⁵⁶.

Como acredita Göran Therborn, o marxismo (revisto, o humanista) ou o que seria um novo humanismo, necessariamente “[...] não-moderno, mas tampouco pós-moderno”³⁵⁷ como defende Simon Schwartzman, ou pelo menos de “[...] elementos de continuidade modernista dentro do mundo supostamente pós-moderno”³⁵⁸ como entende Ian Welsh, contribui ao entendimento de suas diferentes temporalidades no Brasil e tem na obra martiniana um guia.

2.5 A contribuição de Henri Lefebvre

Nesse sentido, talvez, a perspectiva de Lefebvre e sua tríade (enquanto perfil da dialética) pode auxiliar, pois: “Contradições que, ainda que não compreendidas na perspectiva do teoricamente concebido, propõe-se-lhes na perspectiva do subjetivamente percebido e do socialmente interpretado”³⁵⁹.

Martins citando Henri Lefebvre que, faz divisões em “A produção do espaço”, na sua concepção triádica da dialética, expõe que: “[...] uma distinção que, para ele, está preferencialmente referida ao espaço: o espaço percebido na prática social, o espaço concebido pelos teóricos e o espaço vivido pelo usuário através das imagens e símbolos que o acompanham”³⁶⁰.

³⁵⁶ THERBORN, Göran. **Do marxismo ao pós-marxismo?** Trad. Rodrigo Nobile. São Paulo: Boitempo, 2012, p. 61. Crystal Bartolovich discorda deste entendimento; pois “Diz-se que o marxismo é indelevelmente eurocêntrico, cúmplice das narrativas-mestras dominantes da modernidade (incluindo a do próprio colonialismo) e, em sua abordagem dos textos, vulgarmente reducionista e totalizante”, o que refletem mais, no entender da autora, em “[...] posições polarizadoras e excludentes” a respeito do marxismo; in: BARTOLOVICH, Crystal. Introduction: Marxism, modernity, and postcolonial studies. In: BARTOLOVICH, Crystal; LAZARUS, Neil. (Edits.). **Marxism, modernity, and postcolonial studies**. Cambridge: Cambridge University Press, 2004, p. 1-17; p. 1, traduzido: “Marxism is said to be indelibly Eurocentric, complicit with the dominative master-narratives of modernity (including that of colonialism itself) and, in its approach to texts, vulgarly reductionistic and totalizing [...] polarizing and exclusionary positions”.

³⁵⁷ SCHWARTZMAN, Simon. **Pobreza, exclusão social e modernidade:** uma introdução ao mundo contemporâneo. São Paulo: Augurium Editora, 2004, p. 23.

³⁵⁸ WELSH, Ian. **Mobilising modernity:** the nuclear moment. London: Routledge, 2000, p. 17, traduzido: “[...] many elements of modernista continuity within the supposedly post-modern”.

³⁵⁹ MARTINS, José de S. **A sociabilidade do homem simples:** cotidiano e história na modernidade anômala. (1ª edição: Hucitec, 2000), 3ª edição. São Paulo: Editora Contexto, 2011, p. 75, ver nota 37.

³⁶⁰ MARTINS, José de S. **A sociabilidade do homem simples**, p. 81, nota 37.

A respeito da orientação que tende a encaixar a realidade social dentro da teoria na perspectiva ortodoxa do marxismo, e “Ligar o pensamento de Marx ao conhecimento oficializado e institucionalizado, ao que é *concebido* contra o que foi *vivido*, é uma operação monstruosa: um ato de autodestruição”³⁶¹.

Ao agir desta forma, poderá ocorrer a destruição do mundo daqueles que se permitiram a pesquisa, que receberam o cientista, como se o saber deste último estivesse em condições de expor falhas no dos primeiros. Segundo Lefebvre

[...] o que foi vivenciado é depreciado em benefício do concebido, submetendo-o aos critérios aparentemente rigorosos e atuantes da pura verdade conceitual. Os casos de “conhecimento ideológico” (incluindo o próprio marxismo) são esquecidos. Não se sabe como a ideologia (ou seja, as representações) se enraíza na experiência. Acaba-se desejando a morte da experiência para extirpar a ideologia. A magia do conhecimento é evitada, manipulada por quem detém o poder político³⁶².

Este saber ideologizado, como o próprio marxismo, que o autor inclui, se vale do pensamento dito científico e logo verdadeiro, pois conceitual, mas que abre mão das representações do vivido, visto em oposição ao concebido, fazendo valer a imposição do saber instituído, logo por quem detém o poder.

Nesse sentido, para Raymond Aron, “Por mais científico que seja, todo conhecimento da sociedade tem implicações sociais: fortalece ou debilita uma instituição, valoriza ou deprecia um costume, fornece argumentos a um ou a outro partido”³⁶³.

³⁶¹ LEFEBVRE, Henri. **Hegel, Marx, Nietzsche (o el reino de las sombras)**. 8 ed. Trad. Mauro Armiño. Madrid: Siglo Veintiuno Editores, 1988, p. 174, ênfase no original, traduzido: “Vincular el pensamiento de Marx al saber oficializado e institucionalizado, a lo *concebido* contra lo *vivido*, es una operación monstruosa: un acto de autodestrucción”.

³⁶² LEFEBVRE, Henri. **La presencia y la ausencia**: contribución a la teoría de las representaciones. Trad. Óscar Barahona e Uxo Doyhamboure. México: Fondo de Cultura Económica, 1983, p. 68, traduzido: [...] se deprecia lo vivido en provecho de lo concebido, sometiéndolo a los criterios aparentemente rigurosos y actuantes de la pura verdad conceptual. Se olvidan los casos de ‘saber ideologizado’ (incluido el propio marxismo). No se averigua cómo arraiga la ideología (o sea las representaciones) en la vivencia. Se acaba por desear la muerte de la vivencia para extirpar la ideología. Se elude la magia del saber, manipulado por quienes detentan el poder político”.

³⁶³ ARON, Raymond. **Estudios políticos**. Trad. Sérgio Bath. 2ª ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1985, p. 54.

Segundo Henri Lefebvre, na perspectiva da dialética tríade partindo das formulações de Marx, o espaço social possui espécie de três representações, dependendo do que vê, do que se concebe e mesmo do que se vive:

As representações do espaço, isto é, o espaço concebido, o espaço dos cientistas, planejadores, urbanistas, tecnocratas da fragmentação, engenheiros sociais e até mesmo de certos tipos de artistas próximos da cientificidade, todos os quais identificam o que é vivido e o que é percebido com o concebido (o que perpetuam as especulações arcanas sobre os Números: o número áureo, os módulos, os cânones, etc.). É o espaço dominante em qualquer sociedade (ou modo de produção). As concepções de espaço tenderiam (com algumas exceções às quais será necessário retornar) a um sistema de signos verbais – elaborado intelectualmente³⁶⁴.

No espaço concebido, Lefebvre aloca os “tecnocratas fragmentadores”, ou seja, aqueles descompromissados com a realidade social, com os coletivos que observam, a partir de suas cientificidades, mas o que os leva a especulações, quando muito.

E o vivido?

Os espaços de representação, isto é, o espaço vivido pelas imagens e símbolos que o acompanham, portanto, o espaço dos “habitantes”, dos “usuários”, mas também o de certos artistas e talvez desses romancistas e filósofos que descrevem e apenas aspiram a descrever. Trata-se de um espaço dominado, isto é, vivenciado passivamente, que a imaginação deseja modificar e tomar. Ele cobre o espaço físico usando seus objetos simbolicamente. Consequentemente, esses espaços de representação mostrariam uma tendência

³⁶⁴ LEFEBVRE, Henri. **La producción del espacio**, p. 97, ênfase no original, traduzido: “*Las representaciones del espacio*, es decir, el espacio concebido, el espacio de los científicos, planificadores, urbanistas, tecnócratas fragmentadores, ingenieros sociales y hasta el de cierto tipo de artistas próximos a la cientificidad, todos los cuales identifican lo vivido y lo percibido con lo concebido (lo que perpetúan las Arcanas especulaciones sobre los Números: el número áureo, los módulos, los cânones, etc.). Es el espacio dominante en cualquier sociedad (o modo de producción). Las concepciones del espacio tenderían (con algunas excepciones sobre las que habrá que regresar) hacia un sistema de signos verbales – intelectualmente elaborados”.

(novamente com as exceções anteriores) para sistemas mais ou menos coerentes de símbolos e signos não-verbais³⁶⁵.

Há ou não coesão social?

Os espaços de representação, vividos e não concebidos, nunca estão sujeitos às regras da coerência, nem às da coesão. Permeada pela imaginação e pelo simbolismo, a história constitui a sua fonte, a história de cada povo e de cada um dos seus integrantes. Etnólogos, antropólogos e psicanalistas, saibam ou não, estudam esses espaços de representação, mas muitas vezes se esquecem de confrontá-los com as representações do espaço com as quais convivem, concordam ou interferem; ainda mais, eles negligenciam a prática social. Esses especialistas reconhecem facilmente todos os aspectos que lhes interessam: memórias de infância, sonhos, imagens e símbolos uterinos (buracos, corredores, labirintos). O espaço de representação é vivido, é falado; tem um núcleo ou centro afetivo: o Ego, a cama, o quarto, a habitação ou a casa; ou a praça, a igreja, o cemitério. Contém os lugares da paixão e da arte, os das situações vividas e, portanto, implica imediatamente o tempo. Desta forma, é possível atribuir diferentes qualificações: pode ser direcional, situacional ou relacional na medida em que é essencialmente qualitativo, fluido e dinâmico³⁶⁶.

Nesse sentido, “[...] o lugar do espaço social como um todo foi usurpado por uma parte ilusoriamente privilegiada desse espaço, a parte relacionada à escrita e à imagem, sustentada por escritos de toda espécie (jornalismo,

³⁶⁵ LEFEBVRE, Henri. **La producción del espacio**, p. 98, ênfase no original, traduzido: “Los espacios de representación, es decir, el espacio vivido a través de las imágenes y los símbolos que lo acompañan, y de ahí, pues, el espacio de los ‘habitantes’, de los ‘usuarios’, pero también el de ciertos artistas y quizá de aquellos novelistas y filósofos que describen y sólo aspiran a describir. Se trata del espacio dominado, esto es, pasivamente experimentado, que la imaginación desea modificar y tomar. Recubre el espacio físico utilizando simbólicamente sus objetos. Por consiguiente, esos espacios de representación mostrarían una tendencia (de nuevo con las excepciones precedentes) hacia sistemas más o menos coherentes de símbolos y signos no verbales”.

³⁶⁶ LEFEBVRE, Henri. **La producción del espacio**, p. 100, traduzido: “Los espacios de representación, vividos más que concebidos, no se someten jamás a las reglas de la coherencia, ni tampoco a las de la cohesión. Penetrados por el imaginario y el simbolismo, la historia constituye su fuente, la historia de cada pueblo y la de cada individuo perteneciente a éste. Los etnólogos, antropólogos y psicoanalistas, lo sepan o no, estudian esos espacios de representación, pero olvidan muy a menudo confrontarlos con las representaciones del espacio con que coexisten, concuerdan o interfieren; aún más, desatienden la práctica social. Esos expertos reconocen con facilidad todos aquellos aspectos que les interesan: recuerdos de infancia, sueños, imágenes y símbolos uterinos (agujeros, pasillos, laberintos). El espacio de representación se vive, se habla; tiene un núcleo o centro afectivo: el Ego, el lecho, el dormitorio, la vivienda o la casa; o la plaza, la iglesia, el cementerio. Contiene los lugares de la pasión y de la arción, los de las situaciones vividas y, por consiguiente, implica inmediatamente al tiempo. De ese modo es posible asignarle diferentes calificaciones: puede ser direccional, situacional o relacional en la medida en que es esencialmente cualitativo, fluido y dinámico”.

literatura), acentuados pela mídia; em suma, a abstração dotada de um terrível poder de redução do ‘vivido’³⁶⁷.

Se o vivido está sendo reduzido pela perspectiva que apenas percebe já partindo do que esta mesma concebe, em teoria: “Isso sugere um possível critério de diferenciação entre ideologia e prática, bem como entre ideologia e saber (ou distinguir o que é vivido do que é percebido e o que é concebido, com suas relações, com suas oposições e disposições, com o que revelam e escondem)”³⁶⁸.

Sobre o retorno a Marx: deve ser “[...] um retorno crítico, isto é, retorno a Marx datado, situado no tempo e na História. O Marx de uma obra inacabada, por isso mesmo cheia de preciosos fios desatados, que era e é preciso retomar”³⁶⁹.

Mas que retorno?

Ao tempo de Marx e não o do marxismo: “[...] o tempo marxista, historicidade impulsionada pelas forças produtivas, satisfatoriamente orientada (sendo otimista) pela racionalidade industrial, proletária e revolucionária”³⁷⁰.

Uma obra cheia de preciosos fios desatados, assim é que Martins entende a obra de Marx. Uma posição por si só ousada por entender uma obra metodológica e ao mesmo tempo teórica; aberta, pela própria forma de escrita de Marx.

Por outro lado, apesar de se perceber um fio condutor na crítica ao capitalismo e na construção do socialismo, uma obra cheia de tensões.

Nesse sentido, Martins advoga um retorno a Marx; até por isso, para ser lido de novas maneiras, para lê-lo pela primeira vez, conforme o estágio do leitor. E o retorno se dá através de Lefebvre que

³⁶⁷ LEFEBVRE, Henri. **La producción del espacio**, p. 110, traduzido: “[...] el lugar del espacio social como conjunto ha sido usurpado por una parte ilusoriamente privilegiada de dicho espacio, la parte relativa a la escritura y a la imagen, sostenida por los escritos de todo tipo (periodismo, literatura), acentuada por los media; en suma, la abstracción dotada de un terrible poder de reducción de lo ‘vivido’”.

³⁶⁸ LEFEBVRE, Henri. **La producción del espacio**, p. 111, traduzido: “Esto deja entrever un posible criterio de diferenciación entre ideología y práctica, así como entre ideología y saber (o distinguir lo vivido de lo percibido y de lo concebido, con sus relaciones, con sus oposiciones y disposiciones, con lo que desvelan y ocultan)”.

³⁶⁹ MARTINS, José de S. **A sociabilidade do homem simples**, p. 97.

³⁷⁰ LEFEBVRE, Henri. **La producción del espacio**, p. 83, traduzido: “[...] el tiempo marxista, historicidad impulsada hacia delante por las fuerzas productivas, orientadas satisfactoriamente (siendo optimista) por la racionalidad industrial, proletaria y revolucionaria”.

[...] retorna ao residual desse Marx, ao irreduzível de sua pessoa e de seu tempo. A um Marx da História, personagem, pensador, homem de luta, de incertezas e não de certezas. E não a um Marx acima da História, supra-histórico. O Marx que Lefebvre encontra em sua minuciosa busca é um Marx mortal, como qualquer um de nós³⁷¹.

Outra forma de ver Marx. Sem idealizações. Como se fosse um autor último, que chegou ao leitor ao mesmo tempo como a novidade, mas também com a desconfiança e a possibilidade do erro, que pode ser contestado, de forma livre e sem a presilha do impedimento e cerceamento próprios da forma de ver daquele que idealiza a leitura, um texto, um autor. É

Esse Marx humano está no centro do retorno e no centro das indagações de Lefebvre. É um Marx inconcluso, que não se põe a tarefa de pensar sozinho as rupturas da História e a transformação do mundo no sentido do avanço da universalidade do homem, liberto dos poderes que o constroem e anulam³⁷².

Esse constrangimento alegado na citação, se expande no período de conversão dos valores da Modernidade em um modelo quase universal, mas nada que escandalize esta sociedade conforme Robert Castel que “[...] uma franja limitada de marginais ou de associas que não jogam o jogo comum”³⁷³, não possam se liberar das amarras sociais e instituídas.

Por outro lado, de acordo Gianni Vattimo foi “[...] só com a modernidade [...] [que] foram criadas as condições para elaborar e transmitir uma imagem global das questões humanas”³⁷⁴, incluindo a denúncia da exclusão que este modelo patrocina. À vista disso, “A ‘modernidade’ da sociedade moderna [‘A sociedade é aquele reino peculiar, híbrido entre o político e o privado, no qual

³⁷¹ MARTINS, José de S. **A sociabilidade do homem simples**, p. 98.

³⁷² MARTINS, José de S. **A sociabilidade do homem simples**, p. 98.

³⁷³ CASTEL, Robert. **As metamorfoses da questão social**: uma crônica do salário. Trad. Iraci D. Poletti. Petrópolis: Editora Vozes, 1998, p. 477.

³⁷⁴ VATTIMO, Gianni. **El fin de la modernidad**: nihilismo y hermenéutica en la cultura posmoderna. Trad. Alberto L. Bixio. 2ª ed. Barcelona: Editorial Gedisa, 1987, p. 17, traduzido, com acréscimo: “[...] sólo con la modernidad [...] se crearon las condiciones para elaborar y transmitir una imagen global de las cuestiones humanas”.

desde o início da modernidade as pessoas passam a maior parte de suas vidas”³⁷⁵] alguma vez foi entendida?”³⁷⁶ questiona Peter Wagner.

Segundo Martins, nessa retomada há “[...] uma certa concepção da relação entre o espacial e o temporal, entre o espaço e a História. A questão do âmbito dos processos sociais, isto é, da sua referência espacial está reiteradamente sugerida na obra de Marx e reaparece densamente na obra de Lefebvre”³⁷⁷, especialmente a partir do método regressivo-progressivo:

A complexidade horizontal da vida social pode e deve ser reconhecida na descrição do visível. Cabe ao pesquisador reconstruir, a partir de um olhar teoricamente informado, a diversidade das relações sociais, identificando e descrevendo o que vê. Esse é o momento descritivo do método. Nele, o tempo de cada relação social ainda não está identificado. O pesquisador procede mais como narrador que expõe e ordena os dados de sua pesquisa. O segundo momento é analítico-regressivo. Por meio dele mergulhamos na complexidade vertical da vida social, a da coexistência de relações sociais que tem datas desiguais. Nele, a realidade é analisada, decomposta. É quando o pesquisador deve fazer um esforço para datá-la exatamente. Cada relação social tem sua idade e sua data, cada elemento da cultura material e espiritual também tem sua data. O que no primeiro momento parecia simultâneo e contemporâneo é descoberto agora como remanescente de época específica. De modo que no vivido se faz de fato a combinação prática de coisas, relações e concepções que de fato não são contemporâneas³⁷⁸.

Por fim um terceiro momento que

O terceiro momento do método da dialética de Lefebvre é histórico-genético. Nele, deve o pesquisador procurar o reencontro do presente, “mas elucidado, compreendido e explicado”. A volta à superfície fenomênica da realidade social elucidada o percebido pelo concebido teoricamente e define as condições e possibilidades do vivido. Nesse momento regressivo-progressivo é possível descobrir que as contradições sociais são históricas e não se reduzem a confrontos de interesses entre diferentes categorias sociais³⁷⁹.

³⁷⁵ ARENDT, Hannah. **Tiempos presentes**. Trad. Rosa S. Carbó. Barcelona: Gedisa Editorial, 2002, p. 100, traduzido: “La sociedad es ese reino peculiar, híbrido entre lo político y lo privado en que desde el principio de la modernidad la gente pasa la mayor parte de su vida”.

³⁷⁶ WAGNER, Peter. *Modernity: one or many?* In: BLAU, Judith R. (Edit.). **The blackwell companion to sociology**. 1ª repr. Malden: Blackwell Publishing, 2004, p. 30-42; p. 31, traduzido: “Was the ‘modernity’ of modern society ever understood?”.

³⁷⁷ MARTINS, José de S. **A sociabilidade do homem simples**, p. 102.

³⁷⁸ MARTINS, José de S. **A sociabilidade do homem simples**, p. 105.

³⁷⁹ MARTINS, José de S. **A sociabilidade do homem simples**, p. 106.

E onde a história ocorre, então? De que formas poderá ser apreendida, se essa é a forma de se referir? Segundo Martins, referindo-se a Lefebvre: “A história real se desenrola, pois, no claro-escuro do percebido e do concebido, por meio do vivido, como sugere Henri Lefebvre”³⁸⁰; ou nas palavras do próprio:

*Como Marx prescribe metodológicamente en los Grundrisse, el pensamiento va del presente al pasado para interrogarlo, antes de ir del pasado al presente para reproducirlo (explicarlo históricamente). La marcha primera y fundamental se define regressivamente; la marcha progresiva viene después, en segundo lugar, entrecortada por interrogaciones vivificantes*³⁸¹.

A despeito deste livro, “*La teoría que Marx dejó tras sí era un conjunto de fragmentos e indicaciones*”³⁸² que, no entanto, pouco são consideradas, pois quando se pensa em marxistas, nos ideais de Marx, nos ideólogos de movimentos sociais, em muitos professores universitários, em alguns escritores, da mesma forma, em alguns políticos, o cidadão comum (será?), a mais-valia sempre é referida.

Martins na sua veia de poeta, nos mostra a “menos-valia”:

Esta é
a reprodução ampliada
do capital:
tantas vezes tanto,
tanto silêncio,
tanta ausência,
tanta história,
tantos anônimos,
tantos dispersos,
tantos sem nada.
Um tanto de pouco
para fazer
um tanto de muito
e um tanto de coisa alguma.

Está é
a acumulação do capital:
a acumulação de destinos
sem volta,
de paredes nuas,

³⁸⁰ MARTINS, José de S. **A sociabilidade do homem simples**, p. 125.

³⁸¹ LEFEBVRE, Henri. **Hegel, Marx, Nietzsche (o el reino de las sombras)**, p. 203, ênfase no original.

³⁸² LEFEBVRE, Henri. **La producción del espacio**, p. 316.

de máquinas paradas,
de traves empoeiradas,
de vidros embaçados,
de soluções invisíveis.

Este é o cenário
e a contradição
dessa conta do resto,
de somar e subtrair:
avisos inúteis nas paredes
convidam a trabalhar
onde já não há ninguém;
convidam a manter limpo
o chão vazio
sem dizer por quê.

O refeitório convida
para o almoço
quem já não tem fome
na fome definitiva.
Avisos
que não podem ser lidos
pelos olhos baços
dos ausentes.
Este é o desfazer que enriquece,
o desproduzir que acumula.
Aqui o tempo é medido
na aquarela da ferrugem,
das cores insólitas,
nos fúnebres desbotados de coisas
que já não precisam de cor.
Essa é a cor de tudo que acaba,
daquilo que não fica,
do que não se vê,
não se toca,
não se compreende.

Está é a oficina
sem telhado,
sem paredes,
sem palavras,
sem ninguém.
O vazio molda formas,
inventa cores,
cancela histórias.
Vidas consumidas,
que se esvaíram
pelas chaminés do tempo.
resíduos. Lembranças.

São os ausentes
que falam,
que testemunham
o derradeiro,
a certeza da incerteza

que nessas mortes começa.

No vazio,
as almas penadas
dos que o destino
atou para sempre
a prensas que já não prensam,
vagonetas que já não rodam,
fornos cujo braseiro
é tão somente fria escuridão.
Posso ouvir³⁸³
pelos cantos
os gemidos
que povoam essa noite.

A brisa equivocada
arrasta pelos pátios do nada
gravetos esquecidos,
folhas secas sem rumo,
flores que nunca foram,
passos retardatários
de operários teimosos
que insistem em ficar
onde já não estão.

Ervas que ficaram
por entre as pedras,
jardins que já não florescem,
risos acanhados,
interrompidos,
das mocinhas operárias,
pássaros furta-cor
esvoaçando
ao redor de coisa alguma
no calor do sol inútil.

Só na fábrica da memória
o artesão ainda molda,
no compasso do martelo,
nas entrelinhas do sorriso,
na teimosia do viver,
seus olhos azuis³⁸⁴.

A opção por privilegiar atores sociais à margem. A opção pelo “O homem situado no limiar da história”³⁸⁵.

³⁸³ Nesse sentido, Francesco P. Adorno afirma que “A história é uma questão de olhos e ouvidos”, in: ADORNO, Francesco P. Fiction et histoire. *Cités*, Paris, n. 2, p. 83-96, 2000; p. 83, traduzido: “L’histoire est une question d’yeux et d’oreilles”.

³⁸⁴ MARTINS, José de S. **Retratos do silêncio**. Coleção “Artistas da USP”. São Paulo: Edusp, 2008a, “menos-valia”, p. 153-158.

³⁸⁵ MÁRKUS, György. **Marxismo y antropología**. Trad. Manuel Sacristán. Barcelona: Grijalbo, 1974, p. 42, traduzido: “El hombre situado en el umbral de la historia”.

2.6 E o campesinato em Martins?

Há uma gama de interpretações a respeito do homem do campo no Brasil, tanto aqueles, entusiastas e idealizadores, que veem na atividade agropecuária os geradores do superávit das contas do país, como grandes contribuintes, portanto, à nação.

Quanto aqueles que mais idealizam este modo de vida, e é especialmente essa linha ligada a determinados movimentos sociais e alguns partidos de esquerda é que tem chegado à academia (ou pelo menos a parte das universidades).

Então, são como que dois mundos, às vezes, duas visões da mesma realidade. Martins dialoga com essa última, apesar da crítica exposta em seus livros, pois por anos foi espécie de assessor de movimentos sociais, como quando esteve com a Comissão Pastoral da Terra ou em pesquisas pelo interior, portanto, é conhecedor da realidade de algumas regiões.

De acordo com Martins, o que tem prevalecido é reduzir um modo de vida a apenas um aspecto da vida social, de certa forma simplificando a complexidade existente e, desta forma, “A possibilidade de o campesinato falar sua própria linguagem de classe perturba os esquemas de interpretação, as posições partidárias, a lógica férrea e enferrujada do economicismo desenvolvimentista”³⁸⁶.

O que exige aporte metodológico outro por parte do pesquisador, pois existe o camponês real: “Já não é mais, apenas, o camponês folclórico, o camponês das festividades populares, o camponês que simboliza e pratica o atraso. Agora é o camponês que ocupa terras desocupadas, que luta”³⁸⁷.

Nesse sentido, a perspectiva classista, a nosso ver, é justamente uma das que tem simplificado a questão, especialmente aqueles autores que defendem a articulação com as entidades urbanas, onde quase sempre em vantagem aos citadinos, pois o campo é visto como símbolo do atraso.

³⁸⁶ MARTINS, José de S. **Os camponeses e a política no Brasil**: as lutas sociais no campo e seu lugar no processo político. Petrópolis: Editora Vozes, 1981, p. 12.

³⁸⁷ MARTINS, José de S. **Tempo da vida e tempo da história no mundo camponês (estudos)**. São Paulo: USP, 1992a. (Tese de Livre-Docência), p. 150.

Há um descompasso de sentido e da carga de significação e mesmo representatividade que, às vezes, dentro da mesma região ou dentro do mesmo órgão governamental, o INCRA (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária), por exemplo.

Prevalecem visões dissonantes e que impedem a efetiva leitura da complexidade que tem se transformado a atividade, mas o que ambas linhas se aproximam é que, “Põe-se a ênfase *descritiva* no econômico, quando não é nele que o agente histórico põe necessariamente o peso da sua própria interpretação de senso comum dos acontecimentos que vive”³⁸⁸, é a implicação do pesquisador modelando os resultados da sua pesquisa.

Há portanto, disparidades enormes entre o que vivem as pessoas e o que escrevem os seus intérpretes, os mediadores, e a partir de casos como o do MST e a permanente questão agrária no Brasil e a violência no campo em algumas regiões, tem robustecido a ideia de enfrentamento ideológico, como se a questão não tivesse complexidade e pudesse ser vista apenas a partir classista, de um modelo fortalecendo o outro e um não vivendo sem o seu contrário.

Assim desvela-se o segredo dos nossos movimentos sociais?

Segundo Martins, sim, pois “[...] eles se robustecem no antagonismo dos que os temem”³⁸⁹ e, estes ascendem, na mudança de um tempo de significância a estes, de acordo com Angelo Priori: “A trajetória dos movimentos sociais camponeses que emergiram nas décadas de 1940 e 1950 e todos aqueles que lhes sucederam até hoje”³⁹⁰ representam esta mudança.

Ou seja, mudou-se de um “tempo da inocência” para um “tempo da política” no seu processo de emancipação política e libertação³⁹¹.

Nesta peleja ao se reconhecer protagonista e com sentido nesta luta, os trabalhadores se valem das mais diversas estratégias, dentre elas

³⁸⁸ MARTINS, José de S. **A reforma agrária e os limites da democracia na “Nova República”**. São Paulo: Editora Hucitec, 1986a, p. 98, ênfase no original.

³⁸⁹ MARTINS, José de S. **Do PT das lutas sociais ao PT do poder**. São Paulo: Editora Contexto, 2016, p. 147.

³⁹⁰ PRIORI, Angelo A. **O levante dos posseiros: a revolta camponesa de Porecatu e a ação do Partido Comunista Brasileiro no campo**. Maringá: Eduem, 2011, p. 17-8.

³⁹¹ MARTINS, José de S. **Caminhada no chão da noite: emancipação política e libertação nos movimentos sociais do campo**. São Paulo: Editora Hucitec, 1989.

A luta pela conquista da legislação social acabou revelando outras possibilidades [...] Entre elas, a utilização da Justiça do Trabalho como instituição normatizadora das relações de trabalho e com capacidade para garantir o cumprimento dos direitos trabalhistas já existentes³⁹².

Por outro lado, se existe certa fantasia na percepção da realidade e o esquematismo classista se impõe como explicador das questões históricas do campo.

Há também potencialidades neste modelo interpretativo para desvelar aquelas, pois ocorre que “[...] a dominação política somente³⁹³ se baseia na dominação econômica, notadamente nas relações de propriedade e na estruturação social de classe”³⁹⁴, vide a permanência e a renovação de práticas consideradas degradantes, como o trabalho escravo, mas também tendo na lei³⁹⁵ um instrumento de dominação política, como assinala Paulo F. Silveira, pois, geralmente “A indiferença em relação ao problema ou a incapacidade de resolvê-lo transformam mandamentos constitucionais em letra morta”³⁹⁶, expõe Maria Tereza Sadek.

Este, a partir da impossibilidade do saldo de dívidas contraídas em relação estimulada pelo patrocinador da ilegalidade, notadamente, grandes proprietários e empresários que atuam no campo, isso porque “[...] o capitalismo se difundiu entre nós em combinação com técnicas econômicas de acumulação primitiva e técnicas sociais de recuo extenso na difusão e reconhecimento de direitos sociais”³⁹⁷, adverte José de Souza Martins.

Em verdade, de muito lucro e sem custos sociais revestidos em direitos. No entanto, que se lembre que “[...] as relações econômicas não são as únicas

³⁹² PRIORI, Angelo A. **O protesto do trabalho: história das lutas sociais dos trabalhadores rurais do Paraná (1954-1964)**. Maringá: EDUEM, 1996, p. 2.

³⁹³ Do que se discorda de Jeanne M. Gagnebin, pois a dominação política pode estar atrelada a outras dimensões, para além do exposto; visto desta forma, a análise da dominação pode ficar empobrecida.

³⁹⁴ GAGNEBIN, Jeanne M. **Lembrar, escrever, esquecer**. São Paulo: Editora 34, 2006, p. 29.

³⁹⁵ SILVEIRA, Paulo F. **500 anos de servidão: a lei como instrumento de dominação política no Brasil**. Brasília: OAB Editora, 2004.

³⁹⁶ SADEK, Maria T. A. Acesso à justiça: um direito e seus obstáculos. **Revista USP**, São Paulo, n. 101, p. 55-66, mar./abri./mai., 2014; p. 65.

³⁹⁷ MARTINS, José de S. **A política do Brasil: lúmpen e místico**, p. 115.

relações; são os mais simples, aquelas que se descobre como ‘momentos’ de relações complexas”³⁹⁸.

Dentro deste entendimento, Martins demonstra o porquê da prevalência do olhar sobre o econômico por parte das tendências explicativas e a razão disso,

Isso é particularmente importante no estudo do mundo rural. É muito fácil reconstruir os elementos estritamente econômicos da vida no campo, porque eles podem adequar aos nossos esquemas prévios, já que o privilegiamento do econômico é um traço necessário da vida urbana e capitalista³⁹⁹.

Se por um lado há certo consenso, à revelia dos verdadeiros interessados na narrativa que são os camponeses, que é tratar da questão apenas pelo viés econômico, há um outro, mais velado.

Mas também importante para entender a complexidade na ação dos segmentos do campo no processo histórico e que acaba sendo despercebido ou até negligenciado, se a tendência for a marxista vulgar, que é a religiosidade:

As grandes revoltas populares no país têm estado profundamente marcadas pela mediação das crenças religiosas das populações camponesas. Mesmo nos últimos cinquenta anos, em que o país passou por grandes transformações sociais e políticas e sofreu acentuada e generalizada modernização, os milhares de conflitos sociais envolvendo comunidades camponesas só podem ser compreendidos se levarmos em conta que a motivação religiosa tem aí desempenhado uma função central⁴⁰⁰.

Ao se pensar no cotidiano e na revolta, para além da motivação religiosa destacada por Martins, pois “A bem dizer, a história não passa de uma série de episódios religiosos”⁴⁰¹ como sugere Joaquim Nabuco, no entanto, há também

³⁹⁸ LEFEBVRE, Henri. **El materialismo dialectico**. Trad. Ruben A. N. Laporte. Buenos Aires: Editorial La Pléyade, 1969, p. 90, traduzido: “[...] las relaciones económicas no son las únicas relaciones; son las más simples, las que uno descubre como ‘momentos’ de las relaciones complejas”.

³⁹⁹ MARTINS, José de S. **A reforma agrária e os limites da democracia na “Nova República”**, p. 98.

⁴⁰⁰ MARTINS, José de S. **Sociologia da fotografia e da imagem**. (1ª edição: 2008), 2ª edição (4ª reimpressão). São Paulo: Editora Contexto, 2017, p. 72.

⁴⁰¹ NABUCO, Joaquim. **A desejada fé**. Trad. Ruth S. de M. Salles. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2010, p. 89.

as situações familiares vivenciadas, da mesma forma, contam os conflitos internos devidos às diferenças religiosas e políticas, os efeitos transgeracionais das perdas (humanas e materiais) ocorridas nas lutas e deslocamentos por alguma melhoria de condição de vida e até mesmo os estímulos comerciais de consumo produzidos pela mídia, dentre outros aspectos que potencializam as revoltas populares.

Quanto às revoltas enquanto devir e potência, a realidade expõe que “[...] a história atual, por suas contestações, obriga-nos a dizer que a revolta é uma das dimensões essenciais do homem. Ela é a nossa realidade histórica. A menos que se fuja à realidade”⁴⁰², como sugere Albert Camus.

No Brasil há a permanência e a revitalização, em algumas regiões, apesar do convívio com símbolos modernos, como o maquinário que chega para facilitar a vida de quem ganha o pão com a terra. A chegada do moderno assusta, pois “[...] a máquina do mundo se entreabriu/ para quem de a romper já se esquivava/ e só de o ter pensado se carpia [...]”⁴⁰³.

Do que Martins entende como a função central que a religiosidade, ou em alguns casos, a espiritualidade, caso se deseje assim entender, desempenha na vida do homem do campo.

Como que dois tempos, um mais místico que trata do simbolismo que é retratado nas festividades e nas relações que estabelecem com a natureza e as suas significações variando de uma região a outra conforme a cultura, e um mais racional, estimulado e dependente, ao mesmo tempo, das relações de mercado e das sociabilidades que adentram e penetram o espaço agrário.

Esse olhar mais racional e até competitivo, de ver a atividade como negócio e não apenas como se fosse uma cultura, vide a pujança que tem se transformado a agricultura brasileira em algumas regiões, numa verdadeira

⁴⁰² CAMUS, Albert. **O homem revoltado**. Trad. Valerie Rumjanek. 9ª ed. Rio de Janeiro: Editora Record, 2011, p. 34.

⁴⁰³ ANDRADE, Carlos D. de. **Claro enigma**. 20ª reimpr. São Paulo: Companhias das Letras, 2020, “A máquina do mundo”, p. 105.

máquina produtora de riquezas⁴⁰⁴, sugere a alguns autores tratar-se de novo padrão agrário e agrícola⁴⁰⁵.

Este novo padrão é muito dependente de insumos, o pacote tecnológico, da racionalidade empreendedora, da capacitação e do mercado externo, quando transforma o comércio de produtos agrícolas em *commodities*⁴⁰⁶.

Por outro lado, mantém intacto ou remodela sociabilidades religiosas, pois impede a permeabilidade de suas ideias no fomento da luta de classes, o seu padrão explicativo da realidade, vista como bipolar, então, nossa modernização se mostra, segundo Martins, “[...] inconclusa e enferma”⁴⁰⁷.

Além da pretensão de ceder espaço ao econômico frente ao cultural, por exemplo, se deve aceitar que, em última instância há a convivência entre o tradicional e o moderno⁴⁰⁸, que se vale de uma lógica estrutural que “[...] ao mesmo tempo gera e mantém formas de inserção na divisão social do trabalho não tipicamente capitalistas que longe de serem um peso morto constituem partes integrantes do processo de acumulação”⁴⁰⁹.

Portanto, que não se deve “[...] separar aquilo que o capital já unificou – o rural e o urbano”⁴¹⁰, como foi posto por Raymond Williams⁴¹¹, prevalecendo interrelações entre os espaços; em que pese seja o “[...] urbano insuficiente e superficial, o urbano da nossa modernidade”⁴¹² como alerta José de Souza

⁴⁰⁴ NAVARRO, Zander S. de. O mundo rural no novo século (um ensaio de interpretação). VIEIRA FILHO, José E. R.; GASQUES, José G. (Orgs.). **Agricultura, transformação produtiva e sustentabilidade**. Brasília: Ipea, 2016, p. 25-63.

⁴⁰⁵ BUAINAIN, Antônio M.; ALVES, Eliseu R. de A.; SILVEIRA, José M. da.; NAVARRO, Zander S. de. (Eds. tecs.). **O mundo rural no Brasil do século 21. A formação de um novo padrão agrário e agrícola**. Brasília: Embrapa, 2014.

⁴⁰⁶ LONG, Norman. Commoditization: thesis and antithesis. In: LONG, Norman *et al.* **The commoditization debate: labour process, strategy and social network**. Wageningen: Agricultural University of Wageningen, 1986, p. 8-23.

⁴⁰⁷ MARTINS, José de S. **Linchamentos: a justiça popular no Brasil**. São Paulo: Editora Contexto, 2015b, p. 73.

⁴⁰⁸ MARTINS, José de S. **Capitalismo e tradicionalismo: estudos sobre as contradições da sociedade agrária no Brasil**. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1975.

⁴⁰⁹ KOWARICK, Lucio. **Capitalismo e marginalidade na América Latina**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977, p. 61.

⁴¹⁰ MARTINS, José de S. **A reforma agrária e os limites da democracia na “Nova República”**. São Paulo: Editora Hucitec, 1986a, p. 99.

⁴¹¹ WILLIAMS, Raymond. **O campo e a cidade: na história e na literatura**. Trad. Paulo H. Britto. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

⁴¹² MARTINS, José de S. **Nuto Sant’anna: a poética do desencontro**. São Paulo: Academia Paulista de Letras/ Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2021, p. 16.

Martins e, por onde andam os “[...] homens ubíquos, com um pé lá e outro cá”⁴¹³, como definiu Miguel Torga.

Ao não se considerar essa tese de Williams já reafirmada por outros⁴¹⁴, onde se constata que nossas cidades são mais imaginárias do que reais, e se mostra a contribuição do campo, que não se deve ignorar a *face rural do desenvolvimento*⁴¹⁵.

Até porque, se as regiões rurais continuarem povoadas, para desafogo das áreas urbanas, o futuro destas⁴¹⁶ depende que as considerem na agenda de políticas públicas, mas para isso se deve sopesar os atores sociais (que são ativos) do campo, nesse sentido, afirma Martins que, ao

Privilegiamos a burguesia e o proletariado de grandes cidades como São Paulo e repudiamos ou colocamos na obscuridade de um meio-esquecimento os outros personagens do mesmo processo porque não se revestem de atributos típico-ideais. E quem assim age com frequência recusa Weber em nome de Marx...⁴¹⁷.

Frente a seleção deste teórico por aquele outro, a realidade social do campo, o campesinato continua sendo visto com o mesmo olhar, qual seja, o citadino, pois mais “Abandona-se a pesquisa empírica em favor do ensaio porque supomos que inventar a realidade é fazer boa teoria”⁴¹⁸.

Aliás, desta forma poderia ser vista grande parte da produção de duas coleções à esquerda, que se preocupam em retratar o campo, mas que ignoram que a fotografia deste não é mais a mesma⁴¹⁹, é como se fossem duas, pelo menos uma até os anos 1960 e outra da atualidade. Porém, a despeito disso, cabe a interrogação de Irène Fenoglio: “O que poderia ser mais ‘objetivo’ do que uma fotografia? O que poderia ser mais ‘subjetivo’ do que a

⁴¹³ TORGA, Miguel. **Ensaio e discursos**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2000, p. 132.

⁴¹⁴ VEIGA, José E. da. **Cidades imaginárias: o Brasil é menos urbano do que se calcula**. Campinas: Autores Associados, 2002.

⁴¹⁵ VEIGA, José E. da. **A face rural do desenvolvimento: natureza, território e agricultura**. Porto Alegre: Editora da Universidade/ UFRGS, 2000.

⁴¹⁶ ABRAMOVAY, Ricardo. **O futuro das regiões rurais**. 2ª ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

⁴¹⁷ MARTINS, José de S. **A reforma agrária e os limites da democracia na “Nova República”**, p. 99.

⁴¹⁸ MARTINS, José de S. **A reforma agrária e os limites da democracia na “Nova República”**, p. 99.

⁴¹⁹ BOLLIGER, Flavio. Brasil agropecuário: duas fotografias de um tempo que passou. In: BUAINAIN, Antônio M. *et al.* (Edits. técs.). **O mundo rural no Brasil do século 21: a formação de um novo padrão agrário e agrícola**. Brasília: Embrapa, 2014, p. 1049-1080.

memória de uma fotografia?”⁴²⁰; provavelmente, a evidência empírica e o olhar arguto do pesquisador demonstrarão.

Nesse sentido, talvez seja adequado lembrar da constatação de Will Durant de que “A civilização é um parasita para o homem com a enxada”⁴²¹, pois estabeleceu-se, em algumas regiões, verdadeiros desertos de pessoas ou verdes/tecnológicos como os de monocultivos que chegam ao Brasil todo, como a soja. Também pelo êxodo rural, por falta de terra para viver, fazendo valer a asseveração da canção de Cenair Maicá: “Enxada na terra alheia nunca traz dia melhor”⁴²².

Tanto “História social do campesinato no Brasil” e “A questão agrária no Brasil” foram impulsionadas por escritores das fileiras de defensores do MST, como Horácio Martins de Carvalho e João Pedro Stedile, com trânsito acadêmico, como Bernardo Mançano Fernandes.

Da primeira cita-se os volumes: “Lutas camponesas contemporâneas: condições, dilemas e conquistas” I e II⁴²³, acrescido de grandes nomes⁴²⁴, mas

⁴²⁰ FENOGLIO, Irène. Une photo, deux textes, trois manuscrits. L'archivage linguistique d'un geste d'écriture identifiant. **Langages**, Paris, n. 147, p. 56-69, sep., 2002; p. 56, traduzido: “Quoi de plus ‘objectif’ qu'une photographie? Quoi de plus ‘subjectif’ que le souvenir d'une photographie?”.

⁴²¹ DURANT, Will. **The history of civilization part VI: the reformation**. A history of european civilization from Wyclif to Calvin: 1300-1564. New York: Simon and Schuster, 1957, p. 752, traduzido: “Civilization is a parasite on the man with the hoe”.

⁴²² “Homem rural”, de Cenair Maicá. Disponível em: <<https://youtu.be/Q2sO3p9W5No>>, acesso em 07/09/2021.

⁴²³ FERNANDES, Bernardo M.; MEDEIROS, Leonilde S. de; PAULILO, Maria I. (Orgs.). **Lutas camponesas contemporâneas: condições, dilemas e conquistas**, v. 1 - o campesinato como sujeito político nas décadas de 1950 a 1980. São Paulo: Editora UNESP; Brasília: Núcleo de Estudos Agrários e Desenvolvimento Rural, 2009; FERNANDES, Bernardo M.; MEDEIROS, Leonilde S. de; PAULILO, Maria I. (Orgs.). **Lutas camponesas contemporâneas: condições, dilemas e conquistas**, v. 2 - a diversidade das formas das lutas no campo. São Paulo: Editora UNESP; Brasília: Núcleo de Estudos Agrários e Desenvolvimento Rural, 2009a.

⁴²⁴ BRUMER, Anita. Considerações sobre uma década de lutas sociais no campo no extremo sul do Brasil (1978-88). In: FERNANDES, Bernardo M.; MEDEIROS, Leonilde S. de; PAULILO, Maria I. (Orgs.). **Lutas camponesas contemporâneas: condições, dilemas e conquistas**, v. 2 - a diversidade das formas das lutas no campo. São Paulo: Editora UNESP; Brasília: Núcleo de Estudos Agrários e Desenvolvimento Rural, 2009, p. 33-52; PALMEIRA, Moacir. Desmobilização e conflito: relações entre trabalhadores e patrões na agroindústria pernambucana. In: FERNANDES, Bernardo M.; MEDEIROS, Leonilde S. de; PAULILO, Maria I. (Orgs.). **Lutas camponesas contemporâneas: condições, dilemas e conquistas**, v. 1 - o campesinato como sujeito político nas décadas de 1950 a 1980. São Paulo: Editora UNESP; Brasília: Núcleo de Estudos Agrários e Desenvolvimento Rural, 2009, p. 171-2000.

de viés populista⁴²⁵, com contribuições relevantes, o olhar antropológico de alguns autores⁴²⁶.

Mas com a seleção de artesanatos metodológicos que privilegiam o aspecto do poder, nublando-o, pois mais vale a representatividade política das entidades, o caso do MST e outras organizações⁴²⁷, do que efetivamente os atores sociais envolvidos, como os assentados.

Outra lacuna desta percepção em relação ao mundo camponês e transparece na escrita deste marxismo vulgar é aquela que trata, aliás, não trata, da religiosidade dos grupos rurais.

Se marxistas, estes estudiosos tendem a ver na religião a razão do atraso político, principalmente, já que em ambientes de influência das igrejas a entrada de partidos políticos é dificultada. No entanto, a associação religião e poder é antiga, como lembra Ives Gandra da Silva Martins, pois “[...] a religião, desde os primeiros tempos, foi elemento conformador dos princípios estruturais do poder para domínio dos povos”⁴²⁸.

Pois estas tratam desta questão com outro enfoque, mais sensível a realidade das pessoas, e “A tarefa do historiador é expor o que se produziu. [...] Mas o que se produziu é visível no mundo sensível apenas em parte, o resto

⁴²⁵ RICCI, Rudá. A maior estrutura sindical do Brasil: papel do sindicalismo de trabalhadores rurais nos pós-64. In: FERNANDES, Bernardo M.; MEDEIROS, Leonilde S. de; PAULILO, Maria I. (Orgs.). **Lutas camponesas contemporâneas: condições, dilemas e conquistas**, v. 2 - a diversidade das formas das lutas no campo. São Paulo: Editora UNESP; Brasília: Núcleo de Estudos Agrários e Desenvolvimento Rural, 2009, p. 321-338.

⁴²⁶ COMERFORD, John. “Como uma família”: sindicatos de trabalhadores rurais na Zona da Mata de Minas Gerais, 1984-2000. In: FERNANDES, Bernardo M.; MEDEIROS, Leonilde S. de; PAULILO, Maria I. (Orgs.). **Lutas camponesas contemporâneas: condições, dilemas e conquistas**, v. 1 - o campesinato como sujeito político nas décadas de 1950 a 1980. São Paulo: Editora UNESP; Brasília: Núcleo de Estudos Agrários e Desenvolvimento Rural, 2009, p. 307-324; SIGAUD, Lygia. A engrenagem das ocupações de terra. In: FERNANDES, Bernardo M.; MEDEIROS, Leonilde S. de; PAULILO, Maria I. (Orgs.). **Lutas camponesas contemporâneas: condições, dilemas e conquistas**, v. 2 - a diversidade das formas das lutas no campo. São Paulo: Editora UNESP; Brasília: Núcleo de Estudos Agrários e Desenvolvimento Rural, 2009, p. 53-72.

⁴²⁷ ROSA, Marcelo. A “forma movimento” como modelo contemporâneo de ação coletiva rural no Brasil. In: FERNANDES, Bernardo M.; MEDEIROS, Leonilde S. de; PAULILO, Maria I. (Orgs.). **Lutas camponesas contemporâneas: condições, dilemas e conquistas**, v. 2 - a diversidade das formas das lutas no campo. São Paulo: Editora UNESP; Brasília: Núcleo de Estudos Agrários e Desenvolvimento Rural, 2009, p. 95-111.

⁴²⁸ MARTINS, Ives G. da S. **O Estado à luz da história, da filosofia e do direito**. São Paulo: Noeses, 2015, p. 13.

deve ser sentido, concluído, adivinhado para além disso⁴²⁹; diferentemente dos ideólogos de agremiações que tendem a considerar a representatividade de instituições mais importante do que os indivíduos que formam estes coletivos, o que implica a Análise Institucional e do que depreende a necessidade de “[...] uma mudança radical nos modos de decisão e nos sistemas de representação e de valores”⁴³⁰.

Ao contrário, Martins percebe o papel libertador da religião entre agricultores:

O pequeno círculo bíblico que compõe uma comunidade de base, que reúne alguns vizinhos de casa, de situação e de fé, inverte a prática religiosa tradicional ao refletir sobre a vida cotidiana à luz do Evangelho, ao examinar sua própria experiência diária, seus problemas diários, os reflexos dessa experiência e desses problemas na sua fé e na sua vida à luz da experiência evangélica⁴³¹.

Nesta renovação das igrejas, a católica e a luterana principalmente, tomam partido literalmente, via influência também da Teologia da Libertação⁴³² e, mesmo da tomada de consciência pelo social em muitas regiões por religiosos sem um vínculo assíduo com essa tendência. Mas, por outro lado, não se pode esquecer a importância progressiva dos pentecostais, em franca oposição à Teologia da Libertação, pois não é por acaso que eles se desenvolvem a partir dos anos 1960, logo depois da Revolução Cubana.

E, mais pelas razões da própria igreja, agora mais inclinada aos pobres do campo, porque os mais desassistidos, especialmente no período da Ditadura brasileira.

Segundo Martins, essa ação ia de encontro a dos partidos políticos, mas também

⁴²⁹ HUMBOLDT, Wilhelm von. **La tâche de l'historien**. Trad. André Laks et Annette Disselkamp. Lille: Presses Universitaires de Lille, 1985, p. 67, traduzido: “La tâche de l'historien est d'exposer ce qui s'est produit. [...] Mais ce qui s'est produit n'est visible dans le monde sensible que pour une part, le reste doit être ressenti, conclu, deviné de surcroît”.

⁴³⁰ LAUWE, Paul-Henry C. de. Opressão, subversão y expresión en la vida cotidiana. S./Trad. **Revista Internacional de Ciencias Sociales - RICS**, Paris, v. XXXV, n. 98, p. 383-395, dic., 1983; p. 395, traduzido: “[...] necesario un cambio radical de los modos de decisión y de los sistemas de representación y de valores”.

⁴³¹ MARTINS, José de S. **A militarização da questão agrária no Brasil. Terra e poder: o problema da terra na crise política**. [1a. edição: 1984], 2a. edição. Petrópolis: Editora Vozes, 1985, p. 105.

⁴³² IOKOI, Zilda M. G. **Igreja e camponeses: teologia da libertação e movimentos sociais do campo (Brasil e Peru, 1964-1986)**. São Paulo: Editora HUCITEC, 1996.

A ação da Igreja foi a grande responsável, embora não a única, pela redução da incidência política do clientelismo sertanejo de base patrimonial. Se houve alguma modernização política neste país, ela se deve também à Igreja, embora modernização conservadora⁴³³.

Embora não, pode-se afirmar que foi bem de propósito para impedir sua tomada de consciência e a organização de base alternativa. Mas, se por um lado, os partidos políticos foram mais afoitos ao enfrentamento voluntarista nas ações de guerrilha urbana e mesmo na região do Araguaia, as igrejas preencheram o vazio da luta em espaços que se esperava a participação da universidade e mesmo os sindicatos.

No entanto, com um limite, pois essas formas instituídas de “participação social” foram todas improdutivas, estéreis, reprodutoras dos modelos verticais anteriores, piramidais, da gestão do poder.

Quando “A Igreja, em particular, inquietou-se, muito mais do que a universidade e os próprios sindicatos. Reconheceu imediatamente que o Estado militar punha esta sociedade no limite da condição humana”⁴³⁴.

Se por um lado a igreja, especialmente a Católica, vem se afastando do Partido dos Trabalhadores e mesmo do MST nos últimos tempos, órgãos que ajudou a fundar, por outro lado, os movimentos sociais e, neste caso cita-se o Movimento, tornam-se mais e mais partidários, porquanto, novas pirâmides de poder vertical.

Pois “A redução causal de todo o processo histórico brasileiro ao latifúndio domina hoje os mais inquietos movimentos sociais, já metamorfoseados em organizações de serviços políticos partidários”⁴³⁵. Como já reiterado, essas “metamorfoses” são uma parte do estudo e das intervenções próprias da Análise Institucional.

As próprias transformações na realidade agrária e da sociedade brasileira, com o avanço do capitalismo sobre o campo, pela via tecnológica e a

⁴³³ MARTINS, José de S. **Do PT das lutas sociais ao PT do poder**, p. 111.

⁴³⁴ MARTINS, José de S. **A sociedade vista do abismo: novos estudos sobre exclusão, pobreza e classes sociais**. [1ª edição: 2002], 2ª edição. Petrópolis: Editora Vozes, 2003., p. 52.

⁴³⁵ MARTINS, José de S. **Uma sociologia da vida cotidiana**, p. 86.

produção de novas sociabilidades, o que, para outros autores, possibilita a “[...] agência, [e] que as pessoas [a seu modo] estão fazendo capitalismo”⁴³⁶.

No entanto, “[...] o clarão do avanço do capital no campo”⁴³⁷, no dizer de Paulo R. C. Queiroz, não deve obscurecer a presença forte, em distintas regiões brasileiras, de produção com base familiar, pois é provável que seja a combinação da existência/permanência/coexistência desses dois modelos que produzem essas novas sociabilidades.

Também pelas novas formas de mediação com os camponeses e aprofundamento dos estudos na temática, sugerem novas questões e até mesmo hipóteses a respeito futuro dos movimentos sociais. Nesse sentido, Martins está pessimista:

A era dos movimentos sociais parece ter acabado neste país, drenados que foram por uma concepção de política que não os reconhece como legítimo meio de expressão da vontade popular, órfã e ignorada pelos partidos. Os últimos movimentos sociais que tivemos foram o das Diretas Já, cujo grande alcance cessou com a morte de Tancredo Neves, e o movimento dos caras pintadas, que levou ao impedimento de Collor⁴³⁸.

Em seu texto mais recente sobre o universo rural – mundo ao qual muitas vezes seus críticos o situam, em limite, como fosse possível à ampla obra de Martins – discorre sobre “A modernidade do ‘passado’ no meio rural”, que foi espécie de apresentação a uma coletânea que busca demonstrar a vitalidade da agricultura recente no Brasil, sob a aposta de que vigora um novo padrão agrário e agrícola⁴³⁹.

Em que pese a defesa deste novo modelo, o que é controverso se é novo ou se apenas mais tecnificado e, aí está a grande contribuição desta obra gigantesca de 1182 páginas e, que reuniu 51 pesquisadores, especialistas da

⁴³⁶ KNAFO, Samuel; TESCHKE, Benno. The rules of reproduction of capitalism: a historicist critique. **CGPE Working Paper Series**, Sussex, n. 12, p. 1-28, jan., 2017; p. 26, traduzido, com acréscimo: “[...] agency, that people are making capitalism”.

⁴³⁷ QUEIROZ, Paulo R. C. Breve roteiro das transformações no campo sul-mato-grossense entre 1970 e 1985. **Revista Geografia - UFMS**, Campo Grande, n. 8, p. 33-40, jul./dez., 1998; p. 39.

⁴³⁸ MARTINS, José de S. **Do PT das lutas sociais ao PT do poder**, p. 90.

⁴³⁹ BUAINAIN, Antônio M.; ALVES, Eliseu R. de A.; SILVEIRA, José M. da.; NAVARRO, Zander S. de. (Eds. técs.). **O mundo rural no Brasil do século 21. A formação de um novo padrão agrário e agrícola**. Brasília: Embrapa, 2014.

questão, com a interdisciplinaridade e pontos de vista diversos, que se exige neste caso.

Nela, Martins conclama, entre as permanências e persistências do mundo rural atual, que neste “[...] mundo cada vez menos rural, sem ser necessariamente cada vez mais urbano, o que a valorização ideológica do moderno e urbano define como atraso e como passado precisa ser revisto à luz do que é próprio das ciências sociais”⁴⁴⁰. Resta saber quantos se sentirão desafiados a essa revisão que o autor propõe.

Em crítica ao marxismo humanista de José de Souza Martins, que aqui está sendo conceituado, Arantes⁴⁴¹ faz a crítica à contribuição de José Arthur Giannotti para o marxismo brasileiro, leitor que é de Marx no famoso “Seminário”, muitas vezes citado por Martins e, de certa forma, repetido anos depois, em novo grupo de estudos.

De acordo com Arantes, Giannotti “[...] que barrou o caminho do althusserianismo entre nós”, mas o limite de seus escritos está que “[...] a análise da armação conceitual acabou se sobrepondo à crítica das formas reais da mencionada ‘objetividade’ social. No que resultou um marxismo mais afiado na leitura de *O Capital* do que na crítica do capitalismo”⁴⁴².

Ou como expõe o autor em outro texto, Arantes⁴⁴³, onde defende que a missão francesa na USP nada mais foi que “Um Departamento Francês de Ultramar”, com a importação de métodos e técnicas, de uma forma, afastando-a da realidade e, ao mesmo tempo dos debates doutrinários. Uma tradição que remonta desde a constituição do país como livre de Portugal, pois segundo Roger Bastide “Se a influência francesa sucedeu à portuguesa depois da proclamação da independência, é que o Brasil sentia que sua independência

⁴⁴⁰ MARTINS, José de S. A modernidade do “passado” no meio rural. In: BUAINAIN, Antônio M. *et al.* (Eds. técs.). **O mundo rural no Brasil do século 21. A formação de um novo padrão agrário e agrícola**. Brasília: Embrapa, 2014c, p. 22-30; p. 27.

⁴⁴¹ ARANTES, Paulo E. Origens do marxismo filosófico no Brasil – José Arthur Giannotti nos anos 60. In: MORAES, João Q. de. (Org.). **História do marxismo no Brasil. Vol. II: os influxos teóricos**. Campinas: Editora da Unicamp, 1995, p. 125-181.

⁴⁴² ARANTES, Paulo E. Origens do marxismo filosófico no Brasil, p. 178, ênfase no original.

⁴⁴³ ARANTES, Paulo E. **Um departamento francês em ultramar: estudos sobre a formação da cultura filosófica uspiana (uma experiência dos anos 60)**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.

política não tinha sido seguida pela cultural”⁴⁴⁴, trocava-se, como se nota, uma dependência por outra.

Ao marxismo humanista de José de Souza Martins poderá respingar, com sentido, algo desta crítica?

Ao se pensar no entendimento de Nicos P. Mouzelis “[...] versões humanistas e voluntaristas do Marxismo tentaram superar o economismo enfatizando a autonomia relativa do político ou do ideológico”⁴⁴⁵, sim, pois se a obra martiniana tem o tom cultural como maior pilar, em ênfase, talvez oculte as dimensões econômicas dominação na sociedade brasileira.

Para este autor, é preciso encontrar um equilíbrio entre as posições eurocêntricas (da Modernidade) com as novas teorias dos externos a este processo (em que pese sejam posturas ultrarelativistas, às vezes).

Assim “[...] será necessário criar novas ferramentas conceituais para ajudar a explorar a relação mutante entre a economia e a política de uma maneira empiricamente aberta”⁴⁴⁶, neste caso a Análise Institucional (nas suas diferentes orientações), do que se aproxima ou pode ser visto como o marxismo humanista, pode ser uma dessas ferramentas.

Em Martins o cultural e o político se impõe na compreensão das vidas em risco, como entende Lucio Kowarick; mas

[...] a perda de força hegemônica do assim chamado marxismo ocidental e suas consequências na desesperança do ideário socialista⁴⁴⁷, no descrédito das rupturas e superações, violentas ou pacíficas, e nas destituições da centralidade do

⁴⁴⁴ BASTIDE, Roger. **Impressões do Brasil**. Org. Fraya Frehse e Samuel Titan Jr. Trad. Samuel Titan Jr. e Glória C. do Amaral. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2011, p. 156.

⁴⁴⁵ MOUZELIS, Nicos P. **Modern and postmodern social theorizing: bridging the divide**. Cambridge: Cambridge University Press, 2008, p. 10, traduzido: “[...] humanist and voluntaristic versions of Marxism have tried to overcome economism by stressing the relative autonomy of the political or the ideological”.

⁴⁴⁶ MOUZELIS, Nicos P. **Modern and postmodern social theorizing**, p. 264, traduzido: “But if one takes the theory of relative autonomy seriously, one will have to create new conceptual tools to help explore the changing relationship between the economy and the polity in an empirically open-ended manner”.

⁴⁴⁷ A esse respeito, Octavio Paz afirmou que “O marxismo começou como uma ‘crítica do céu’, isto é, das ideologias das classes dominantes, mas o leninismo vitorioso transformou essa crítica em uma teologia terrorista. O paraíso ideológico desceu à terra na forma do Comitê Central”, in: PAZ, Octavio. **Los hijos del limo: del romanticismo a la vanguardia**. 3ª ed. Barcelona: Editorial Seix Barral, 1990, p. 154, traduzido: “El marxismo se inició como una ‘crítica del cielo’, es decir, de las ideologías de las clases dominantes, pero el leninismo victorioso transformó esa crítica en una teología terrorista. El cielo ideológico bajó a la tierra en la forma del Comité Central”.

mundo operário-fábrica que ocorreram com o avanço da última revolução científico-tecnológica, ocasionaram profundas mudanças nos modos de equacionar a *questão social*, na aceção das interrogações que balizam os problemas básicos da nossa sociedade⁴⁴⁸.

O que fazer? um retorno a Marx, como sugere Martins. Roger Bartra oferece outras pistas: por “[...] um marxismo humanista muito influenciado pela leitura dos textos com forte sabor hegeliano do jovem Marx”⁴⁴⁹.

Henri Lefebvre vai nesta linha, afirma “O marxismo está à nossa frente”, resta reconstruí-lo depois do que fez Althusser (que teve inúmeros seguidores) pois “[...] ossos, despojados de carne por um anatomista habilidoso, foram desarticulados, desmontados e depois remontados, levando-se em consideração as articulações”⁴⁵⁰ e, apresentava “[...] o marxismo como único capaz de realizar a síntese global do saber”⁴⁵¹.

Para Francisco V. Pires o retorno a Marx deve ser de forma apolítica, talvez apartidária no sentido que o autor entende, pois na medida que se tenha “[...] restaurado a face autêntica, humanizada, da personalidade real de Marx, em todos os pontos, marxismo e antimarxismo terão perdido apoio” já que ambos fornecem “[...] o clima de meias-verdades, de imprecisão dos dados e de falseamento dos factos e textos”⁴⁵².

Isso até pode ter ocorrido, especialmente nos períodos mais nebulosos do marxismo quando esse confundia-se com as experiências autoritárias do socialismo real, mas para Lefebvre “O método marxista permite compreender os ‘segredos’, os aspectos obscuros do ‘mistério social’ e da história”⁴⁵³.

⁴⁴⁸ KOWARICK, Lucio. **Viver em risco**: sobre a vulnerabilidade socioeconômica e civil. 1ª reimpr. São Paulo: Editora 34, 2019, p. 76, ênfase no original.

⁴⁴⁹ BARTRA, Roger. **La melancolía moderna**. México, D.F.: Fondo de Cultura Económica, 2017, p. 17, traduzido: “[...] un marxismo humanista muy influido por la lectura de los textos con fuerte sabor hegeliano del joven Marx”.

⁴⁵⁰ LEFEBVRE, Henri. Sur une interprétation du marxisme. **L’Homme et la société**, Paris, n. 4, p. 3-22, 1967; p. 22, traduzido: “Le marxisme est là, devant nous. Les os, dépouillés de chair par un habile anatomiste, ont été désarticulés, démontés, et puis remontés en tenant soigneusement compte des articulations”.

⁴⁵¹ DOSSE, François. **A história**. Trad. Maria E. O. Assumpção. Bauru: EDUSC, 2003, p. 255.

⁴⁵² PIRES, Francisco V. Do marxismo à marxologia. **Revista Portuguesa de Filosofia**, Braga, t. 40, fasc. 1/2, p. 13-34, jan./jun., 1984; p. 34.

⁴⁵³ LEFEBVRE, Henri. **Critique de la vie quotidienne I**: introduction. Paris: L’arche Editeur 1958, p. 238, traduzido: “La méthode marxiste permet de comprendre les ‘secrets’, les aspects obscurs du ‘mystère social’ et de l’histoire”.

Os dois marxismos em Henri Lefebvre: “[...] existem duas versões *diferentes* do pensamento marxista: uma versão *maximalista* (subversão total da totalidade mental e social).

E uma versão *minimalista* (garantindo a coesão de uma sociedade dividida em setores, níveis, aspectos, grupos e classes com desenvolvimento desigual e em conflito). A primeira versão seria hoje chamada de ‘esquerdista’ e a segunda de ‘reformista’”⁴⁵⁴.

⁴⁵⁴ LEFEBVRE, Henri. **Manifiesto diferencialista**. Trad. Julio Moguel e Saúl Escobar. México, D.F.: Siglo Veintiuno Editores, 1972, p. 9-10, ênfase no original, traduzido: “[...] existen dos versiones *diferentes* del pensamiento marxista: una versión *maximalista* (subversión total de la totalidad mental y social) y una versión *minimalista* (asegurar la cohesión de una sociedad dividida en sectores, niveles, aspectos, grupos y clases con desarrollo desigual y en conflicto). La primera versión se llamaría hoy ‘yzquierdista’ y la segunda ‘reformista’”.

Capítulo 3: É POSSÍVEL UMA HISTÓRIA DA MODERNIDADE?

O que é a Modernidade? De que forma se deu sua constituição? Ela é um constructo eminentemente europeu? Se sim, de que período? Qual é o alicerce, o que a estrutura?

Sendo uma construção europeia, de que forma ela chega aos outros continentes, no caso, às Américas? De que maneira o tempo passa a ser compreendido na época moderna? Talvez, como pensa Úrsula em *Cem anos de solidão*? Nesta obra, a personagem “[...] estremeceu com a comprovação de que o tempo não passava, como ela acabava de admitir, mas girava em círculo”⁴⁵⁵.

E a tradição, como se relaciona com este modo de ser? Terá ela sido superada ou mantêm-se e, como que híbridas, um convívio *continuum*? Ou poderá ser aquilo que expõe Pitirim Sorokin como a “[...] *continuidade de tempo de diversos acontecimentos sociais e históricos*, ou da realização da continuidade sócio-cultural e da orientação infinita do fluxo do tempo”⁴⁵⁶? A Modernidade está em crise ou vive-se a fase que muitos entendem como pós-moderna?

Para Henri Atlan sim, pois “[...] hoje em dia constatamos [...] a crise da ciência, e até a crise do Ocidente”⁴⁵⁷, pois até porque “O mundo moderno tal como o conhecemos é produto da ciência em suas diversas formas”⁴⁵⁸; mas, para Emanuele Coccia “[...] o geocentrismo é a alma mais profunda dos saberes ocidentais”⁴⁵⁹, principalmente com a exclusão da Astrologia enquanto um saber, um contraponto, pelo menos desde o Renascimento.

⁴⁵⁵ MÁRQUEZ, Gabriel G. **Cem anos de solidão**. Trad. Eliane Zagury. 23ª ed. Rio de Janeiro: Editora Record, 1967, p. 295.

⁴⁵⁶ SOROKIN, Pitirim A. O tempo sócio-cultural: características preliminares do tempo sócio-cultural. Trad. Leôncio M. Rodrigues. In: CARDOSO, Fernando H.; IANNI, Octavio. (Orgs.). **Homem e sociedade: leituras básicas de sociologia geral**. 2ª ed. rev. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1965, p. 231-235; p. 235, ênfase no original.

⁴⁵⁷ ATLAN, Henri. **Entre o cristal e a fumaça**: ensaio sobre a organização do ser vivo. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1992, p. 231.

⁴⁵⁸ HERNES, Gudmund. Re-esclarecimento. Trad. Maurício Hoelz. **Revista Brasileira de Sociologia**, Porto Alegre, v. 09, n. 21, p. 234-247, jan./abr., 2021; p. 234.

⁴⁵⁹ COCCIA, Emanuele. **A vida das plantas: uma metafísica da mistura**. Trad. Fernando Scheibe. Florianópolis: Cultura e Barbárie, 2018, p. 88.

Estas e outras questões conduzem a escrita deste capítulo que, objetiva levantar parte do estado da arte em se tratando da temática da Modernidade, no diálogo com as diferentes e, até, às vezes, opostas tendências.

Formas de compreender a Modernidade, que a restringem a condução europeia no que se poderia entender como uma perspectiva eurocentrista, frente àquelas que percebem no seu adentrar a outros continentes.

Permanências locais, nestes casos, entendidas de maneira singular e que contradizem o olhar que entendeu estendida padronização desde Europa, então, se afirma ou se mantém a ideia de permanência, da tradição. Ou como entendem, Michael Hardt e Antonio Negri:

Trabalhando do ponto de vista dos encontros coloniais, os historiadores documentam dois fatos importantes: as civilizações pré-coloniais são, em muitos casos, muito avançadas, ricas, complexas e sofisticadas; e as contribuições dos colonizados para a chamada civilização moderna são substanciais e amplamente desconhecidas. Essa perspectiva efetivamente quebra as dicotomias comuns entre o tradicional e o moderno, o selvagem e o civilizado. Mais importante para o nosso argumento, os encontros da modernidade revelam processos constantes de transformação mútua⁴⁶⁰.

O que existia antes?

Sabe-se que a adoção do modelo europeu em dividir a história humana em períodos se disseminou e encontra pouca resistência mesmo nos ambientes ditos pós-coloniais. A não ser, quanto a existência de feudalismo ou de um período medieval em terras tupiniquins que parece ter sido superada.

Frente aos outros períodos históricos, a modernidade – para além da compreensão e restrição à chamada Idade Moderna – tende a tratá-los como muito semelhantes, quando não um contíguo de permanências que até se chegar a ela avança, quando é o caso, sem profundas rupturas, como se vigerasse um eterno tempo da tradição. Nesse sentido, alerta Edward Shils que

⁴⁶⁰ HARDT, Michael; NEGRI, Antonio. **Commonwealth**. Cambridge: The Belknap Press/Harvard University Press, 2009, p. 68, traduzido: “Working from the standpoint of colonial encounters, historians document two important facts: precolonial civilizations are in many cases very advanced, rich, complex, and sophisticated; and the contributions of the colonized to so-called modern civilization are substantial and largely unacknowledged. This perspective effectively breaks down the common dichotomies between the traditional and the modern, the savage and the civilized. More important for our argument, the encounters of modernity reveal constant processes of mutual transformation”.

“A busca pela tradição tem uma tendência marcante de ser ideológica”⁴⁶¹, pois demanda um cerco, uma totalidade, aquilo que se enquadra em tal tradição, é preciso impor uma referência, um padrão.

Então, antes da tradição, existia o mito?

Entendido por Claude Lévi-Strauss, enquanto “[...] uma história do tempo em que os homens e os animais ainda não eram diferentes”⁴⁶², pode-se afirmar que a ideia de modernidade e a ascensão de padrões ditos modernos põe em evidência o descrédito do mito.

Esse, enquanto explicação da realidade histórica que se amparava nesta forma de conhecimento, nas sociedades tradicionais dos tempos e/ou temporalidades diversos a que estavam expostas, dentro da perspectiva da integração do mundo em um sistema, que ampara ou se estrutura pela Modernidade, o capitalismo⁴⁶³.

Assim sendo, findo o mito, para René Girard os sentimentos modernos passam a prevalecer em um mundo que, “[...] aos poucos, se apagam, as diferenças entre homens”⁴⁶⁴, inclusive de explicações que conviviam no mesmo espaço-tempo histórico, agora, a Modernidade.

Mas quando esta erige?

⁴⁶¹ SHILS, Edward. Tradition. **Comparative Studies in Society and History**, Cambridge, v. 13, n. 2, p. 122-159, apr., 1971; p. 140, traduzido: “Tradition-searching has a marked tendency towards being ideological”.

⁴⁶² LÉVI-STRAUSS, Claude; ERIBON, Didier. **De perto e de longe**: relatos e reflexões do mais importante antropólogo de nosso século. Trad. Léa Mello e Julieta Leite. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990, p. 178.

⁴⁶³ “Capitalismo é modernidade, e capitalismo da modernidade”, in: SAYER, Derek. **Capitalism and modernity**: an excursus on Marx and Weber. London: Routledge, 1991, p. 7, traduzido: “Capitalism is modernity, and modernity capitalism”.

⁴⁶⁴ GIRARD, René. **Mentira romântica y verdad novelesca**. Trad. Joaquín Jordá. Barcelona: Editorial Anagrama, 1985, p 20, traduzido: “[...] la mediación interna triunfa en un universo en el que, poco a poco, se borran, las diferencias entre los hombres”.

Com a “[...] a ascensão de Francesco Petrarca ao Monte Ventoux em 26 de abril de 1336”⁴⁶⁵, teria o nascimento desta entidade, então, que transcende⁴⁶⁶ as eras históricas.

E neste caminho, o desenvolver desta Modernidade ocorre entre “[...] uma sequência particular de grandes revoluções: a revolução científica, a revolução industrial e a revolução democrática”⁴⁶⁷.

Nesta trilha que a desenvolve e, em alguns casos, incorpora elementos da tradição ou que se desenvolveram em outros períodos históricos, alguns critérios se estabelecem como *conditio sine qua non* ao enquadramento do que seja o moderno: “[...] autonomia do indivíduo, desencanto com o vínculo social e inserção em um progresso histórico do qual a democracia é uma etapa e uma condição”⁴⁶⁸. Por outro lado, para outro autor, a negação de sua constituição de sujeito no período anterior, pois para adentrar ao período moderno era como se “[...] precisasse eliminar todos os traços de cultura ligados à tradição”⁴⁶⁹.

Ao se impor condições outra se destaca, a *produção de necessidades*, legado de Agnes Heller, pois conviver neste mundo dito moderno e, até por isso, de transformações constantes, requer ao indivíduo, então sentindo-se já fora de sua comunidade⁴⁷⁰ quando na tradição, “[...] reconsiderar atitudes

⁴⁶⁵ ARGULLOL, Rafael. 666 años después del día que se inició la modernidad. **Babelia**, Madrid, n. 567, p. 24, 04 oct., 2002; p. 24, traduzido: “[...] la escalada de Francesco Petrarca al Mont Ventoux el 26 de abril de 1336”.

⁴⁶⁶ Para outro autor, há outra data: “[...] 1492 será o momento do ‘nascimento’ da Modernidade como conceito, a ‘origem’ de um ‘mito’ muito particular da violência sacrificial e, ao mesmo tempo, um processo de ‘encobrimento’ do não europeu”, in: DUSSEL, Enrique. **El encubrimiento del otro**: Hacia el origen del mito de la modernidad. 3ª ed. Quito: Ediciones Abya-Yala, 1994, p. 10, traduzido: “[...] el 1492 será el momento del ‘nacimiento’ de la Modernidad como concepto, el ‘origen’ de un ‘mito’ de violencia sacrificial muy particular, y, al mismo tiempo un proceso de ‘en-cubrimiento’ de lo no europeo”.

⁴⁶⁷ WAGNER, Peter. **Modernity as experience and interpretation**: a new sociology of modernity. Cambridge: Polity Press, 2008, p. 3, traduzido: “[...] a particular sequence of great revolutions: the scientific revolution, the industrial revolution, and the democratic revolution”.

⁴⁶⁸ AUGÉ, Marc. **La guerra de los sueños**: ejercicios de etno-ficción. 2ª ed. Trad. Alberto L. Bixio. Barcelona: Editorial Gedisa, 1998a, p. 106, traduzido: “[...] autonomía del individuo, desencanto del vínculo social e inserción en un progreso histórico del cual la democracia es una etapa y una condición”.

⁴⁶⁹ VILELA, Ivan. **Cantando a própria história**. São Paulo: USP, 2011 (Tese de Doutorado em Psicologia Social), p. 45.

⁴⁷⁰ Por outro lado, outro autor afirma que “O projeto da modernidade, em certo sentido, é o projeto dessa reconciliação entre a liberdade negativa e a liberdade comunitária”, in: WELLMER, Albrecht. Modelos de libertad en el mundo moderno. Trad. Joaquín R. Feo. In: THIEBAUT, Carlos. (Edit.). **La herencia ética de la ilustración**. Barcelona: Editorial Crítica, 1991, p. 104-135; p. 134, traduzido: “El proyecto de modernidad, en cierto sentido, es el proyecto de tal reconciliación entre la libertad negativa y la libertad comunitaria”.

passadas e examinar novas possibilidades de pensamento e ação”⁴⁷¹ ou pelo menos ter “[...] a consciência da conexão com a herança tradicional ‘real’ ou ‘imaginada’”⁴⁷². Nesse sentido, na linha de Michel Authier, Rémi Hess clama a necessidade da busca pela “[...] fenda no tecido institucional em relação às necessidades sociais”⁴⁷³.

Justamente porque, “[...] a modernidade se constitui como ditaduras sobre as necessidades, cujos objetivos são assumir o controle da interpretação das necessidades e, assim, desdiferenciar ou singularizar a modernidade”⁴⁷⁴.

Para outro autor a origem da Modernidade deve ser vista como um fenômeno de ordem global e com particularidades conjunturais como uma série de eventos e processos que colocam em contato povos e lugares diversos antes isolados. Como em um encadeamento “[...] o sonho mongol de conquista do mundo, viagens europeias de exploração, atividades de comerciantes têxteis indianos na diáspora, a ‘globalização dos micróbios’”⁴⁷⁵.

E desta forma, como escrever a história da Modernidade ou da própria história humana?

⁴⁷¹ GIMPEL, Denise. **Lost voices of modernity**: a chinese popular fiction magazine in context. Honolulu: University of Hawai'i Press, 2002, p. 18, traduzido: “Modern and modernity, [...] refer to the sense of living in a changing world, of reconsidering past attitudes and examining new possibilities of thought and action”.

⁴⁷² ALIDOU, Ousseina D. **Engaging modernity**: muslim women and the politics of agency in postcolonial Niger. Madison: The University of Wisconsin Press, 2005, p. 196, traduzido: “[...] demonstrate awareness of the connection with ‘real’ or ‘imagined’ traditional heritage”.

⁴⁷³ HESS, Rémi. Do efeito Mühlmann ao princípio de falsificação: instituinte, instituído, institucionalização. Trad. Paulo Schneider. **Mnemosine**, Rio de Janeiro, v. 3, nº 2, p. 148-163, 2007; p. 158.

⁴⁷⁴ RUNDELL, John. Agnes Heller – modernity, aesthetics, and the human condition: an interpretative essay. In: HELLER, Agnes. **Aesthetics and modernity**: essays (Edit. John Rundell). Maryland: Lexington Books, 2011, p. 1-28; p. 7, traduzido: “[...] modernity is constituted as dictatorships over needs, the aims of which are to take control of need interpretation and in so doing de-differentiate or singularize modernity”.

⁴⁷⁵ SUBRAHMANYAM, Sanjay. Hearing voices: vignettes of early modernity in South Asia, 1400-1750. **Daedalus**, Cambridge, v. 127, n. 3, p. 75-104, summer, 1998; p. 100, traduzido: “[...] the Mongol dream of world conquest, European voyages of exploration, activities of Indian textile traders in the diaspora, the ‘globalization of microbes’”.

Quase impossível esta segunda tarefa “[...] sem o conceito de modernidade”⁴⁷⁶. Por outro lado, para outro autor, a história da Modernidade, “[...] é uma história e um fracasso”⁴⁷⁷; e sendo ou não, para outro autor,

A história sempre teve problemas com a modernidade. A modernidade nasce como uma rejeição do passado e da história. Para continuar a ser moderna, a modernidade deve destruir-se incessantemente, reinventar-se incessantemente como aquilo que resiste à sedimentação em um clichê reproduzível”⁴⁷⁸.

Tendo esta que reinventar, seus símbolos se mantêm? De acordo com Jacques Revel: “[...] a chegada pelo caminho-de-ferro, símbolo novo e duplo da modernidade e da coesão territorial”⁴⁷⁹, enquanto um projeto adotado na efetivação da modernidade; mas “A locomotiva, esse gigante que avassala o deserto e vence as distâncias, será um insignificante invento ante o pássaro colossal que, qual condor dos Andes, percorrerá o espaço, conduzindo em suas asas os homens de vários continentes”⁴⁸⁰, efetivamente então, o avião pelos ares, como meio de transporte, é que levará à efetiva ligação de todos os espaços do planeta.

Paulo R. C. Queiroz em estudo sobre a ferrovia E. F. Noroeste afirma que esse projeto, não diferente no Brasil “[...] buscava integrar o país à modernidade, incorporando os símbolos usuais do progresso”, desde o Barão do Rio Branco e a “República dos Conselheiros”, pois “[...] visava a manter inalterados os padrões de dominação das classes subalternas, além de

⁴⁷⁶ HUNT, Lynn. Modernidad: ¿son diferentes los tiempos modernos? Trad. Tomás Pisano. **Prohistoria: historia, políticas de la historia**, Santa Fe, año XXI, n. 29, p. 4-18, jun., 2018; p. 6, traduzido: “Escribir historia sin el concepto de modernidad se vuelve una tarea casi imposible”.

⁴⁷⁷ CASULLO, Nicolás. La modernidad como destierro: la iluminación de los bordes. In: CALDERÓN, Fernando. (Comp.). **Imágenes desconocidas: la modernidad en la encrucijada postmoderna**. Buenos Aires: CLACSO, 2017, p. 59-71; p. 71, traduzido: “[...] la modernidad es una historia y un fracaso”.

⁴⁷⁸ SHARMAN, Adam. **Tradition and modernity in spanish american literature: from Darío to Carpentier**. New York: Palgrave Macmillan, 2006, p. 69, traduzido: “History has always had a problem with modernity. Modernity is born as a rejection of the past and of history. In order to continue being modern, modernity must ceaselessly destroy itself, ceaselessly reinvent itself as that which resists sedimentation into a reproducible cliché”.

⁴⁷⁹ REVEL, Jacques. **A invenção da sociedade**. Trad. Vanda Anastácio. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989, p. 112.

⁴⁸⁰ JORGE, Fernando. **As lutas, a glória e o martírio de Santos Dumont**. Ed. atual. Rio de Janeiro: Harper Collins, 2018, p. 25-26.

salvaguardar e ampliar o controle sobre o território, preservando a *soberania*, a *honra* e a *dignidade nacionais*”⁴⁸¹.

Mas também “[...] há a afirmação de um esquema temporal diferente: outro regime”⁴⁸², que, em perspectiva crítica, afrocentrista, com este novo tempo e estes símbolos, especialmente para aqueles grupos que não foram incorporados, a ela não incluídos, ocorre “[...] a ligação entre a modernidade e o terror”⁴⁸³.

A despeito desta história não tão nobre, “Tanto como termo quanto como conceito, a modernidade tem uma história longa e muito complexa”⁴⁸⁴, em que pese, quase sempre em suas narrativas, enquanto tentativa de apagar a história anterior, “[...] o ponto de vista apresentado era sempre o do homem europeu, culto, cristão, superior na civilização de que se fazia representante”⁴⁸⁵; domínio este que se espraiava mundo afora.⁴⁸⁶

Por outro lado, em espécie de visão invertida e provocativa do que seja o moderno, Flora Tristan assevera que “O grau de civilização a que chega um povo reflete-se em tudo. Em Arequipa [Peru], no carnaval, os divertimentos não são mais decentes do que as farsas e palhaçadas da Semana Santa”⁴⁸⁷.

⁴⁸¹ QUEIROZ, Paulo R. C. **Uma ferrovia entre dois mundos**: a E.F. Noroeste do Brasil na primeira metade do século 20. Bauru: EDUSC/ Campo Grande: Editora UFMS, 2004, p. 113, itálicos no original.

⁴⁸² BENJAMIN, Andrew E. Time, question, fold. **AA Files**, London, n. 26, p. 7-10, autumn, 1993; p. 9, traduzido: “[...] modern, there is the affirmation of a different temporal scheme: another regime”.

⁴⁸³ MBEMBE, Achille. **Necropolítica**: biopoder, soberania, estado de exceção e política da morte. Trad. Renata Santini. São Paulo: N-1 Edições, 2018, p. 21. Ainda de acordo com este autor, especialmente, porque “[...] buscavam erradicar a pluralidade da condição humana. Com efeito, a superação das divisões de classe, definhamento do Estado e o florescimento de uma verdadeira vontade geral pressupõem uma visão da pluralidade humana como principal obstáculo para a eventual realização de um *telos* da História predeterminado. Em outras palavras, o sujeito da modernidade marxiano é, fundamentalmente, aquele que tenta provar sua soberania pela encenação de uma luta até a morte”, p. 26, ênfase no original.

⁴⁸⁴ CALINESCU, Matei. **Five faces of modernity**: modernism, avant-garde, decadence, kitsch, postmodernism. Durham: Duke University Press, 1987, p. 9, traduzido: “Both as term and concept, modernity has a long and very intricate history”.

⁴⁸⁵ CHAVES, Rita. O passado presente na literatura africana. **Via Atlântica**, São Paulo, n. 7, p. 147-161, 2004; p. 149.

⁴⁸⁶ Pois, “Mesmo nas regiões onde jamais se verificara a dominação europeia, os conhecimentos europeus, inclusive os aspectos da historiografia eurocêntrica, impõem-se por sua modernidade”, in: CURTIN, Philip D. Tendências recentes das pesquisas históricas africanas e contribuição à história em geral. In: KI-ZERBO, Joseph. (Edit.). **História geral da África I**: metodologia e pré-história da África. S./trad. 2 ed. rev. Brasília: UNESCO/ Ministério da Educação; São Carlos: UFSCar, 2010, p. 37-58; p. 38.

⁴⁸⁷ TRISTAN, Flora. **Peregrinações de uma pária**. Trad. Maria N. Pessoa e Paula Berinson. Florianópolis: Editora Mulheres/ Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2000, p. 261-262, com acréscimo.

A despeito disso, Teilhard de Chardin afirma que “[...] a Terra Moderna nasceu de um movimento anti-religioso. O Homem que se basta a si mesmo. A Razão que se substitui à Crença”⁴⁸⁸.

A partir deste momento histórico, “Modernizar era ocidentalizar”⁴⁸⁹, já que a sociedade ocidental passa a ser vista em contraste com as demais, com a perspectiva europeia preponderando, transformando-se em sinônimo, europeu = moderno. Na atualidade, para Peter Wagner que observava à época as transformações que ocorriam no Brasil da Era Lula, modernizar se constituía como uma possibilidade de “[...] corrigir injustiças históricas”⁴⁹⁰.

Em outro texto o autor assegura que “[...] no Brasil [...] a exclusão da cidadania política gradualmente deixou de existir, mas a exclusão da cidadania social continua forte”⁴⁹¹, naquilo que Luiz Werneck Vianna caracteriza como *A modernização sem o moderno*, pois foi comprometido pelas práticas políticas deste governante, quando “Comprometeu-se, em nome de um pragmatismo que não apresenta suas razões, o moderno à modernização”⁴⁹².

Em consequência, a escrita da história, pelo viés da Modernidade, apresenta problemas a teoria social, notadamente crítica, já que a própria Modernidade “[...] torna-se subsumida ou sob modernização ou modernismo e desaparece completamente como um objeto de investigação”.⁴⁹³

Até por isso, sendo a cidade um outro símbolo da Modernidade, o desenvolvimento desta servirá para atestar o padrão, o nível de modernidade, a partir de “[...] pares de fotos do ‘então’ e do ‘agora’ de locais importantes

⁴⁸⁸ CHARDIN, Pierre T. de. **O fenômeno humano**. Trad. León Bourdon e José Terra. 3ª ed. Porto: Livraria Tavares Martins, 1970, p. 313.

⁴⁸⁹ KUMAR, Krishan. Modernity. In: OUTHWAITE, William. (Edit.). **The Blackwell dictionary of modern social thought**. 2ª ed. Malden: Blackwell Publishing, 2006a, p. 404-405; p. 404, traduzido: “To modernize was to Westernize”.

⁴⁹⁰ WAGNER, Peter. The modernities of new societies: South Africa, Brazil and the prospect of a world-sociology. ROSATI, Massimo; STOECKL, Kristina. (Edits.). **Multiple modernities and postsecular societies: global connections**. London: Routledge, 2012, p. 163-180; p. 167, traduzido: “[...] correcting historical injustice”.

⁴⁹¹ WAGNER, Peter. From interpretation to civilization – and back: analyzing the trajectories of non-european modernities. **European Journal of Social Theory**, Thousand Oaks, v. 14, i. 1, p. 89-10, feb., 2011; p. 102, traduzido: “[...] in Brazil [...] the exclusion from political citizenship gradually ceased to exist, but exclusion from social citizenship remains stron”.

⁴⁹² VIANNA, Luiz W. **A modernização sem o moderno**: análises de conjuntura na era Lula. Brasília: Fundação Astrojildo Pereira/ Rio de Janeiro: Contraponto, 2011, p. 21.

⁴⁹³ FRISBY, David. **Fragments of modernity**: theories of modernity in the work of Simmel, Kracauer and Benjamin. Cambridge: The MIT Press, 1986, p. 12, traduzido: “The problem faced by a social theory of modernity in this context is that modernity itself becomes subsumed either under modernization or modernism or it disappears altogether as an object of investigation”.

tiradas exatamente dos mesmos ângulos”⁴⁹⁴, estabelecendo a distância do que antes era, tradicional, atrasado a partir deste enfoque.

Ou as cidades pelo olhar do poeta, quanto ao Brasil: “Lá é a cidade nascida à margem de uma siderúrgica, onde a riqueza convizinha com a pobreza, e vão as duas de braço dado, compondo a balada do Brasil novo e grande – tão grande, tão carente, tão desarrumado”⁴⁹⁵.

Também as cidades passam ser vistas como locais de “[...] consumo e do individualismo”⁴⁹⁶, logo, de modernidade, dos que possam acessar *o mundo como supermercado*⁴⁹⁷, também por buscar constituir “[...] os indivíduos como sujeitos, não através, mas em oposição à socialidade real que os define e os diferencia concretamente”⁴⁹⁸; mas também podem ser “[...] um estado de espírito e um reservatório de histórias, próprias por terem sido vividas ou que possam ser adquiridas”⁴⁹⁹, assegura Leonardo Padura.

Nesse sentido, afirma Roberto Esposito que “[...] a despolitização, como aquela que há algumas décadas – mas também se poderia dizer: há algum século – a modernização produziu na forma de imunização de todas as formas de comunidade”⁵⁰⁰.

Mas, de outro modo, isso “[...] não significa que o silêncio ou o não dito estejam necessariamente associados a uma situação de despolitização. A

⁴⁹⁴ WAHRMAN, Dror. **The making of the modern self: identity and culture in eighteenth-century England**. London: Yale University Press, 2006, p. 157, traduzido: “[...] pairs of ‘then’ and ‘now’ shots of key sites taken from exactly the same angles”.

⁴⁹⁵ ANDRADE, Carlos D. de. **O poder ultrajovem e mais 79 textos em prosa e verso**. 4ª reimpr. São Paulo: Companhia das Letras, 2020a, “Inventário da miséria”, p. 110.

⁴⁹⁶ CASTRO, Vanessa R. Representaciones sociales de las TIC’s en la juventud rural de Paine. In: ARACENA, Roberto H; ORELLANA, Luis P. (Edits.). **La ruralidad chilena actual: aproximaciones desde la antropología**. Santiago: CoLibris, 2010, p. 233-252; p. 233, traduzido: “La ciudad se convierte en el albergue del consumo y del individualismo, es decir de la modernidad”.

⁴⁹⁷ HOUELLEBECQ, Michel. **El mundo como supermercado**. 2ª ed. Trad. Encarna Castejón. Barcelona: Editorial Anagrama, 2005.

⁴⁹⁸ SAYER, Derek. **Capitalism and modernity: an excursus on Marx and Weber**. London: Routledge, 1991, p. 46, traduzido: “[...] individuals as subjects not through but in opposition to the real sociality which concretely defines and differentiates them”.

⁴⁹⁹ PADURA, Leonardo. **Agua por todas partes: vivir y escribir en Cuba**. Sel. Lucía L. Coll. Barcelona: Tusquets Editores, 2019, p. 25, traduzido: “[...] un estado de espírito y un reservorio de historias, propias por vividas o por haber sido adquiridas”.

⁵⁰⁰ ESPOSITO, Roberto. **Categorías de lo impolítico**. Trad. Roberto Raschella. Buenos Aires: Katz Editores, 2006, p. 13, traduzido: “[...] la despolitización, como es la que desde hace algún decenio – pero podría decirse también: desde hace algún siglo – la modernización produce en la modalidad de la inmunización de toda forma de comunidad”.

politização pode ser expressa em outras expressões além da fala⁵⁰¹, contrapõe Anne Muxel. No entanto, quanto à interpretação, para Vincent Capranzano “De modo geral, não lemos em função do silêncio e do não dito”⁵⁰².

Por outro lado, de acordo com Octavio Ianni:

Ocorre que a realidade sociocultural característica da grande cidade é sempre complexa, múltipla, intrincada, contraditória, reiterativa e em transformação. Essa é a realidade que contém as condições e as possibilidades de múltiplos estilos de vida e visões do mundo, simultânea e continuamente. O mundo urbano é sempre plural, atravessado por múltiplas diversidades e desigualdades, contemporaneidades e não-contemporaneidades. Aí estão presentes o passado mais remoto e o recente, o “era uma vez” e o “faz-de-conta”, ao mesmo tempo que estão evidentes a trama das relações sociais⁵⁰³, o jogo das forças sociais, as condições da alienação e as possibilidades da emancipação⁵⁰⁴.

Mas talvez, pelas permanências da tradição⁵⁰⁵, de acordo com Richard M. Morse, nem por isso “Nenhuma cidade poderia ser a sede de todos os ingredientes que forjaram a têmpera moderna”⁵⁰⁶, a despeito de ser inegável,

⁵⁰¹ MUXEL, Anne. La politisation par l'intime. Parler politique avec ses proches. **Revue française de science politique**, Paris, v. 65, n. 4, p. 541-562, 2015; p. 561, traduzido: “[...] ne signifie pas que le silence ou le non-dit soient obligatoirement associés à une situation de dépolitisation. La politisation peut s'exprimer par d'autres expressions que la parole”.

⁵⁰² CRAPANZANO, Vincent. Horizontes imaginativos e o aquém e além. Trad. André P. Pacheco. **Revista de Antropologia**, São Paulo, v. 48, n. 1, p. 363-384, 2005; p. 372.

⁵⁰³ Pois a “[...] a história humana profunda também é pontuada [...] graus de conectividade””, in: STINER, Mary C., EARLE, Timothy; LORD SMAIL, Daniel; SHRYOCK, Andrew. Scale. In: SHRYOCK, Andrew; LORD SMAIL, Daniel *et al.* **Deep history: the architecture of past and present**. Berkeley: University of California Press, 2011, p. 242-272; p. 247, traduzido: “[...] deep human history, too, is punctuated by [...] and degrees of connectivity”

⁵⁰⁴ IANNI, Octavio. **Enigmas da modernidade-mundo**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003, p. 135.

⁵⁰⁵ “[...] que se mantém e resiste, e se reproduz, redefinida, é a plasticidade dos processos de modernização, como conseguem se adaptar, assimilar, trocar, incorporar, evidenciando notável capacidade de fagocitar tendências diversas, alimentando-se de sua seiva, entranhando-se nela, transformando as pessoas, as condições de vida, a natureza e as relações sociais, transformando-se no contexto de caminhos complexos, tortuosos, gerando-se, em consequência, manifestações e feições, aspectos e características extremamente diversos”, in: REIS FILHO, Daniel A. Os processos de modernização e as modernidades alternativas. In: AZEVEDO, Cecília da S. (Coord.). **Outras modernidades: nuestra América e EUA: textos e propostas**, v. 1. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009, p. 6-11; p. 6-7.

⁵⁰⁶ MORSE, Richard M. As cidades “periféricas” como nas culturais: Rússia, Áustria, América Latina. Trad. Francisco de C. Azevedo. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 16, p. 205-225, 1995; p. 207.

para outro autor, a transferência de modernidade às cidades, a partir da *cultura da civilização urbana*⁵⁰⁷.

Em se tratando das cidades como condutoras da Modernidade, que se desenvolvem e outras nascem literalmente neste momento, “[...] livres para se entregar à livre exploração e depredação do Capital”⁵⁰⁸, pois este “[...] nasce escorrendo por todos os poros sangue e sujeira da cabeça aos pés”⁵⁰⁹, é o Estado como produtor da necropolítica, que pode avançar e chegar n “[...] o desaparecimento do próximo, perdido em um corpo político fusionado e sem órgãos, é o acontecimento chave na dissolução final da política na modernidade”⁵¹⁰, é como adverte Kenneth Reinhard acudido no entendimento de Hannah Arendt; um Estado de abandono, que abandona institucionalmente.

Neste sentido, a longa citação a seguir de Oskar Lafontaine⁵¹¹ corrobora esta ideia de moderno que está presente em discursos do que seja a Modernidade:

⁵⁰⁷ LADURIE, Emmanuel Le R. Los valores campesinos y la modernidad (entrevista). **El Correo de la Unesco**, París, año XXXVI, p. 21-24, jun., 1983; p. 21: “[...] la civilización urbana la cultura de la ciudad ha introducido la modernidad en nuestros pueblos y aldeas”.

⁵⁰⁸ REIS FILHO, Daniel A. Os processos de modernização e as modernidades alternativas, p. 7.

⁵⁰⁹ MARX, Karl. **O capital: crítica da economia política**. livro primeiro: o processo de produção do capital. Tomo 2 (capítulos XIII a XXV). Trad. Regis Barbosa e Flávio R. Kothe. São Paulo: Nova Cultural, 1996, p. 379.

⁵¹⁰ REINHARD, Kenneth. Hacia una teología política del prójimo. In: ŽIŽEK, Slavoj; SANTNER, Eric L.; REINHARD, Kenneth. **El prójimo. Tres indagaciones en teología política**. Trad. Cristina Piña. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 2010, p. 21-103; p. 41, traducido: “[...] la desaparición del prójimo, perdido en un cuerpo político fusionado sin órganos, es el acontecimiento clave en la disolución final de lo político en la modernidad”.

⁵¹¹ LAFONTAINE, Oskar. **Das herz schlägt links**. Munich: Econ, 1999, citado em JAMESON, Fredric. **Una modernidad singular: ensayo sobre la ontología del presente**. Trad. Horacio Pons. Barcelona: Gedisa Editorial, 2004, p. 19, traducido: “Las palabras ‘modernización’ y ‘modernidad’ han sido degradadas hasta convertirlas en conceptos de moda con los cuales es posible pensar cualquier cosa. Si uno trata de imaginar qué entienden con el término ‘modernidad’ las personas hoy llamadas ‘modernizadoras’, comprobará que es poco más que la adaptación económica y social a las supuestas coacciones del mercado global. El concepto de modernidad queda limitado a categorías puramente económicas y técnicas. Así, los anglosajones no tienen protecciones jurídicas contra los despidos, de modo que si queremos ser modernos debemos desprendernos de nuestras protecciones también en ese ámbito. En muchos países la red de seguridad social ha sido seriamente reducida, de modo que si queremos ser modernos también debemos reducirla drásticamente. En muchos países los impuestos a las empresas han disminuido, para que los empresarios no dejen el país y se vayan a otra parte, de modo que debemos ser modernos y rebajar también nuestros impuestos. La modernidad se ha transformado simplemente en una palabra para expresar la aceptación de esas coacciones económicas. La cuestión de cómo queremos vivir juntos y qué tipo de sociedad deseamos es hoy completamente antimoderna y ya no se plantea en absoluto”.

As palavras “modernização” e “modernidade” foram degradadas em conceitos da moda com os quais é possível pensar em qualquer coisa. Se alguém tentar imaginar o que as pessoas hoje chamam de ‘modernizadores’ querem dizer com o termo ‘modernidade’, verá que é pouco mais do que adaptação econômica e social às supostas restrições do mercado global. O conceito de modernidade se limita a categorias puramente econômicas e técnicas. Assim, os anglo-saxões não têm proteção legal contra demissão, então, se quisermos ser modernos, devemos abrir mão de nossas proteções também nessa área. Em muitos países, a rede de segurança social foi drasticamente reduzida, por isso, se queremos ser modernos, também devemos reduzi-la drasticamente. Em muitos países, os impostos sobre as empresas foram reduzidos, para que os empresários não saiam do país e se dirijam a outro lugar, por isso temos de ser modernos e também baixar os nossos impostos. Modernidade se tornou simplesmente uma palavra para expressar a aceitação dessas restrições econômicas. A questão de como queremos viver juntos e que tipo de sociedade queremos hoje é completamente antimoderna e não se coloca mais.

Em se tratando das cidades como símbolo de modernidade, outro autor denota o peso do açúcar como alimento como constituinte deste status, já que “Se optarmos por não comer açúcar, é necessária vigilância e esforço, pois as sociedades modernas estão transbordando dele”⁵¹², colaborando para construir um verdadeiro corolário que a identifica, com o açúcar processado de forma industrial e as gorduras como “[...] mais representativos do que vegetais, frutas ou carne”.

As cidades, então, como disseminadoras das *modernidades* e das novas necessidades que contribuem para uma série de problemas à saúde pública especialmente para as populações com menor poder aquisitivo quanto às escolhas consideradas adequadas no padrão nutricional que, neste caso destoa da modernidade, quando menos açúcar = mais saúde.

No entanto, de acordo com outro autor, deve ser considerada como um projeto mais amplo e variado, inclusive com origem diversa, para além do que se acostumou a pensar.

⁵¹² MINTZ, Sidney W. **Sweetness and power**: the place of sugar in modern history. New York: Elisabeth Sifton Books; Viking Penguin, 1984, p. 74, traduzido: “If we choose not to eat sugar, it takes both vigilance and effort, for modern societies are overflowing with it”; idem, p. 146, “[...] more representative than vegetables, fruit, or meat”.

Pois esta “[...] é uma invenção da Idade Média cristã”⁵¹³ já que instituiu primeiramente naquele período histórico, uma incompatibilidade patente ao considerar que, “O mundo antigo era pagão, o moderno, cristão”⁵¹⁴.

Não sem discordâncias, como de Hans Blumenberg que “[...] a própria compreensão que a Idade Moderna tem de si mesma como mundanização deve ser considerada algo superficial e aparente”⁵¹⁵, da mesma forma que, ao interpretá-la, e mesmo a respeito da posterior Modernidade, existem “[...] alguns marxistas que não compreenderam a necessidade de olhar para as relações sociais reais que estão sob as aparências superficiais”⁵¹⁶.

Ainda, a despeito dos embates tradição *versus* modernidade, Agnes Heller e Ferenc Fehér expõem a figura do pêndulo para explicá-la e, neste enfrentamento o velho e o novo disputam “[...] um jogo por ter certas regras, embora não rígidas”⁵¹⁷.

Quanto a estas, foram inventadas, pois “A modernidade não tem fundamento, pois surgiu na e através da destruição e desconstrução de todos os fundamentos”⁵¹⁸ e estes desenvolvem uma cultura individualista, que até chega forjar “[...] ‘o espírito comunitário’ a fim de sobreviver”⁵¹⁹ expõem Agnes Heller e Ferenc Fehér, ao contrário do que pensa Majid Rahnema, pois para o autor

Uma guerra impiedosa foi travada contra as antigas tradições de solidariedade comunitária. As virtudes da simplicidade e do convívio, das formas nobres de pobreza, da sabedoria de confiar uns nos outros e das artes do sofrimento foram

⁵¹³ KUMAR, Krishan. **Da sociedade pós-industrial à pós-moderna**: novas teorias sobre o mundo contemporâneo. Trad. Ruy Jungmann e Carlos A. Medeiros. 2.ed. ampl. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006, p. 106.

⁵¹⁴ KUMAR, Krishan. **Da sociedade pós-industrial à pós-moderna**, p. 106.

⁵¹⁵ BLUMENBERG, Hans. **La legitimación de la Edad Moderna**. Ed. cor. y aum. Trad. Pedro Madrigal. Valencia: Pre-Textos, 2008, p. 25, traduzido: “[...] la propia comprensión que la Edad Moderna tiene de sí misma como mundanización ha de ser considerada algo superficial y aparente”.

⁵¹⁶ HARMAN, Chris. **Zombie capitalism**: global crisis and the relevance of Marx. Chicago: Haymarket Books, 2010, p. 119, traduzido: “[...] some Marxists who have not understood the need to look at the real social relations which lie beneath surface appearances”.

⁵¹⁷ HELLER, Ágnes; FEHÉR, Ferenc. O pêndulo da modernidade. **Tempo Social**, São Paulo, v. 6, n. 1-2, p. 47-82, 1994; p. 54.

⁵¹⁸ HELLER, Agnes. **Aesthetics and modernity**: essays (Edit. John Rundell). Maryland: Lexington Books, 2011, p. 141, traduzido: “Modernity has no foundation, since it emerged in and through the destruction and deconstruction of all foundations”.

⁵¹⁹ HELLER, Ágnes; FEHÉR, Ferenc. O pêndulo da modernidade, p. 71.

ridicularizadas como sinais de “subdesenvolvimento”⁵²⁰. Uma cultura de sucesso “individual” e de “necessidades” socialmente imputadas [se impôs]⁵²¹.

Assim sendo, o que é ser moderno? Alain Finkielkraut responde: “[...] é separar, é superar, progredir, avançar, superar, transcender: movimento ativo, conquistador, voluntário. Sobreviver é ser abandonado. O Moderno vai em frente, o sobrevivente olha para trás. Um é um projeto; o outro lamento”⁵²².

Pode-se associar ao lamento, o medo, pois o que é a Modernidade para muitos de fora de seu epicentro? Como que um “Congresso internacional do medo”⁵²³ que se erige a partir da Europa e depois dos Estados Unidos para o mundo periférico levando à “[...] liquidação das tradições ocidentais pelo rolo compressor da cultura tecnocrática americana”⁵²⁴.

Quanto a isso, Roberto Esposito afirma que “O Estado moderno não só não elimina o medo do qual foi originalmente gerado, mas se baseia justamente nele, tornando-o motor e garantia de seu próprio funcionamento”⁵²⁵.

Nessa linha, para Philippe Ariès, o indivíduo dito moderno deve se reger em um “[...] mesmo código, [e] o medo da morte indica o espírito de previsão, de organização, uma concepção racional e voluntária do mundo: [logo] a

⁵²⁰ Que significa, “[...] a saber, que um certo estágio da modernidade ainda não foi alcançado (filogeneticamente ou ontogeneticamente)”, in: SKIRBEKK, Gunnar. **Rationality and modernity: essays in philosophical pragmatics**. Oslo: Scandinavian University Press, 1993, p. 131, traduzido: “[...] underdevelopment, viz. that a certain stage of modernity has not yet been reached (phylogenetically or ontogenetically)”.

⁵²¹ RAHNEMA, Majid. Introduction. In: RAHNEMA, Majid; BAWTREE, Victoria. (Edits.). **The post-development reader**. London: Zed Books, 1997, p. IX-XIX; p. X, traduzido, com acréscimo: “A merciless war was waged against the age-old traditions of communal solidarity. The virtues of simplicity and conviviality, of noble forms of poverty, of the wisdom of relying on each other, and of the arts of suffering were derided as signs of ‘underdevelopment’. A culture of ‘individual’ success and of socially imputed ‘needs’”.

⁵²² FINKIELKRAUT, Alain. **Nosotros, los modernos: cuatro lecciones**. Trad. Miguel Montes. Madrid: Ediciones Encuentro, 2006, p. 37, traduzido: “[...] separarse, es superar, progresar, avanzar, rebasar, transcender: movimiento activo, conquistador, voluntario. Sobrevivir es ser abandonado. El Moderno va hacia delante, el superviviente mira hacia atrás. Uno es proyecto; el otro, lamento”.

⁵²³ ANDRADE, Carlos D. de. **Sentimento do mundo**. São Paulo: Folha de São Paulo, 2008, “Congresso internacional do medo”, p. 27.

⁵²⁴ WOLFE, Charles. Buster Keaton: comic invention and the art of moving pictures. In: PETRO, Patrice. (Edit.). **Idols of modernity: movie stars of the 1920s**. New Brunswick: Rutgers University Press, 2010, p. 41-64; p. 45, traduzido: “[...] liquidation of western traditions by the juggernaut of American technocratic culture”.

⁵²⁵ ESPOSITO, Roberto. **Communitas: origen y destino de la comunidad**. Trad. Carlo R. M. Marotto. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 2003, p. 61, traduzido: “El Estado moderno no sólo no elimina el miedo a partir del cual originariamente se genera, sino que se funda precisamente en él, haciéndolo motor y garantía de su propio funcionamiento”.

modernidade”⁵²⁶. Mas por outro lado, este é o período que “[...] o ser humano não aceita fiadores externos, isto é, fiadores que eles próprios não defendem, da certeza do seu conhecimento, da viabilidade das suas ordens políticas ou da sua continuidade”⁵²⁷.

Ao voltar-se para o início da Modernidade ou do período considerado moderno, em alguns casos, os autores expõem proximidades no entendimento.

Para um, o começo “[...] carece, quase por definição, das características claras de seu antecessor e sucessor, os mundos medieval e moderno”⁵²⁸, por outro lado, Karl Marx, afirma que neste mundo, “[...] as relações pessoais emergem como simples emanção das relações de produção e de troca”⁵²⁹.

Para Henri Lefebvre, “[...] entre 1840 e 1845, o pensamento de Marx produz um conceito de modernidade”; e esse conceito é “[...] principalmente, mas não exclusivamente, político” por que expõe uma forma do que seja o Estado, “[...] mas também a relação que esta forma tem com a vida quotidiana e com a prática social em geral”⁵³⁰.

Na ideia de se amparar em autores como artífices do mundo moderno, Peter F. Drucker expõe que geralmente se associa isso a Charles Darwin, a Marx e a Sigmund Freud como uma espécie de Santíssima Trindade, mas para ele, “Marx poderia ser retirado da lista e substituído por Taylor se houvesse justiça neste mundo”⁵³¹.

⁵²⁶ ARIÈS, Philippe. **El hombre ante la muerte**. Trad. Mauro Armiño. 1ª reimpr. Madrid: Taurus Ediciones, 1984, p. 27, traduzido, com acréscimo: “[...] el mismo código el miedo de la muerte señala el espíritu de previsión, de organización, una concepción razonable y voluntaria del mundo: la modernidad”.

⁵²⁷ WAGNER, Peter. **A history and theory of social sciences**: not all that is solid melts into air. London: SAGE Publications, 2001b; p. 168, traduzido: “[...] human beings do not accept any external guarantors, i. e. guarantors that they do not themselves posit, of the certainty of their knowlwdge, of the viability of their political orders or of the continuity of their selves”.

⁵²⁸ CASEY, James. **Early modern Spain**: a social history. London: Routledge, 2002, p. 1, traduzido: “The early modern period lacks, almost by definition, the clear features of its predecessor and successor, the medieval and modern worlds” (CASEY, 2002, p. 1).

⁵²⁹ MARX, Karl. **Grundrisse**: manuscritos econômicos de 1857-1858: esboços da crítica da economia política. Trad. Mario Duayer e Nélio Schneider. 3ª reimpr. São Paulo: Boitempo; Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2016, p. 122.

⁵³⁰ LEFEBVRE, Henri. **Introduction to modernity**: twelve preludes, september 1959-may 1961. Trad. John Moore. London: Verso, 1995, p. 170, traduzido: “So between 1840 and 1845, Marx’s thought produces a concept of modernity. This concept is primarily but not exclusively a political one. It designates a form of the state, the state elevated above society, but also the relation this form has with everyday life and with social practice in general”.

⁵³¹ DRUCKER, Peter F. **La sociedad postcapitalista**. Trad. Jorge C. Nannetti. Bogotá: Grupo Editorial Norma, 1994, p. 44, traduzido: “A Marx se le podría sacar de la lista y reemplazarlo por Taylor si hubiera justicia en este mundo”.

Ressalte-se que Drucker é um gestor capitalista e promotor da formação gerencial das grandes companhias multinacionais nos anos 1960-1970; admirador de Taylor, igual que Lênin.

O que ganha correspondência no entender de Francisco Favieri, pois “Uma das características da organização moderna é o monitoramento e avaliação permanente das atividades desenvolvidas no ambiente de trabalho”⁵³², técnicas⁵³³ que tiveram em Frederick W. Taylor um dos pioneiros nos Estados Unidos, sociedade esta que, por vários aspectos se configura “[...] como o paradigma da modernidade capitalista triunfante”⁵³⁴.

Quanto a esta condição dos Estados Unidos, há discordâncias quanto a constituir-se em especificidade, pois, “[...] a tentativa de imposição do projeto da modernidade nas Américas não pode ser visto senão como a construção de uma *modernidade alternativa*”⁵³⁵. Nesta perspectiva, para Peter Wagner há duas linhas interpretativas, para ele ocorreu isso ou “[...] a especificidade se perdeu porque as formas ocidentais de vida social e os modos de organização social se espalharam pelo mundo”⁵³⁶.

No entanto, para Francisco Doratioto este processo de modernização foi mais pragmático, por assim dizer, pois “[...] o combate à pobreza era a melhor forma de se combater ideologias antidemocráticas e assim foi apresentada aos EUA, do qual se esperava o aporte de capital necessário para a modernização das economias do continente”⁵³⁷, assim foi no Brasil, segundo o autor quando da chegada de Juscelino Kubitschek de Oliveira ao poder.

⁵³² FAVIERI, Francisco. **Lidiar com la precaridad**: experiencias y estrategias alternativas. El caso de jóvenes trabajadores del comercio minorista del Gran San Juan. Buenos Aires: Estudios Sociológicos Editora, 2021, p. 81, traduzido: “Una de las características de la organización moderna es el monitoreo y evaluación permanente de las actividades desplegadas en el ámbito laboral”.

⁵³³ TAYLOR, Frederick W. **Princípios da administração científica**. Trad. Arlindo V. Ramos. 8ª ed. São Paulo: Atlas, 1990.

⁵³⁴ AZEVEDO, Cecília da S.; SOUSA, Rodrigo F.; NEIVA, Gabriel C. Modernidades alternativas: o confronto de culturas políticas e a tradição de dissenso nos EUA. In: AZEVEDO, Cecília da S. (Coord.). **Outras modernidades**: nuestra América e EUA: textos e propostas, v. 1. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009, p. 12-23; p. 12.

⁵³⁵ FERRERAS, Norberto O.; BRUCE, Mariana. América Latina – modernidades alternativas. In: AZEVEDO, Cecília da S. (Coord.). **Outras modernidades**: nuestra América e EUA: textos e propostas, v. 1. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009, p. 133-141; p. 133, ênfase no original.

⁵³⁶ WAGNER, Peter. **Theorizing modernity**: inescapability and attainability in social theory. London: SAGE Publications, 2001, p. 6, traduzido: “Either the specificity got lost because Western forms of social life and modes of social organization have spread across the world”.

⁵³⁷ DORATIOTO, Francisco. **O Brasil no Rio da Prata (1822-1994)**. 2ª ed. Brasília: FUNAG, 2014, p. 135.

Onde neste projeto se demandou adequações as condições locais. Quanto a isso, nesta empreitada, pode-se afirmar que foi considerando dois movimentos constituintes da Modernidade:

[...] por um lado, o *devoir-capital do mundo*, ou seja, a apropriação, pelo capital, do conjunto das condições da práxis social, sua penetração até as entranhas da vida individual e coletiva, para submetê-las às exigências e efeitos da reprodução do capital ; e, por outra parte, o *devoir-mundo do capital*, a extensão das relações capitalistas de produção a toda a superfície do planeta, unificando a humanidade sob a dominação das exigências capitalistas.⁵³⁸

Não sem divergências. Pois, de acordo com Philippe Lacoue-Labarthe: “[...] não subscrevo a tese da identidade europeia ou da homogeneidade do Ocidente, ou mesmo da unicidade-singularidade da História do Ser”⁵³⁹.

No entanto, para outro autor, “O advento da modernidade, entendida como uma interrupção, consistirá em mais do que a Europa se preocupar com sua própria identidade”, porém em sintonia com o primeiro, não uma identidade fechada em si, pois “[...] o que está em jogo na questão permanece uma concepção de modernidade pensada como um deslocamento que exige ação”⁵⁴⁰.

Há autores que percebem restrições e problemas ao se validar apenas este constructo moderno a partir do solo europeu, como José J. Brunner e Timothy Mitchell. Para o primeiro

A modernidade não é alcançada apenas pelas luzes. [...] na América Latina ainda existem setores da população que estão fora desses circuitos de produção e consumo simbólicos, ou que herdaram matrizes culturais que não foram elaboradas

⁵³⁸ BIHR, Alain. A problemática da reprodução do capital em *O Capital*. Trad. Lúcio F. de Almeida e Renata Gonçalves. **Lutas Sociais**, São Paulo, n. 9/10, p. 1-11, 2003; p. 10, ênfase no original.

⁵³⁹ LACOUÉ-LABARTHE, Philippe. **La fiction du politique**: Heidegger, l'art et la politique. 2ª ed. Paris: Christian Bourgois Éditeur, 1998, p. 144, traduzido: “[...] je ne souscris pas à la thèse de l'identité européenne ou de l'homogénéité de l'Occident, voire de l'unicité-singularité de l'Histoire de l'être”.

⁵⁴⁰ BENJAMIN, Andrew E. **Style and time**: essays on the politics of appearance. Evanston: Northwestern University Press, 2006, p. 40, traduzido: “The advent of modernity, understood as an interruption, will consist of more than Europe becoming troubled as to its own identity. [...] as has been intimated, what is at stake in the question remains a conception of modernity that is thought as a dislocation demanding action”.

durante a implantação da Modernidade, nada diz sobre o modelo cultural predominantemente moderno que se impôs definitivamente às sociedades latino-americanas.⁵⁴¹

No entanto, nesta linha de entendimento, se instaura um outro problema, para o segundo,

Ver a modernidade como um produto não do Ocidente, mas de sua interação com o não-Ocidente ainda deixa um problema. Ele pressupõe a existência do Ocidente e de seu exterior, muito antes de as identidades do mundo terem sido divididas neste dualismo centrado na Europa.⁵⁴²

Em caso de aceitação da ideia de dualidade exposta, e assim sendo entre modernos e não-modernos, de europeus e não-europeus, a guerra que separa estes dois mundos dentro do entendimento da Modernidade, “[...] é uma guerra cultural”⁵⁴³, que instaura o poder constituinte. Mas, contrapõe Jorge Galindo na linha de Niklas Luhmann: “[...] na modernidade, existe apenas uma sociedade, a *sociedade mundo*”⁵⁴⁴. Nesta linha, Peter Wagner afirma que “Hoje somos todos modernos” sobretudo com o renascimento moderno nas décadas de 1980 e 1990, constituindo essa sociedade mundo, a tal aldeia global, que

⁵⁴¹ BRUNNER, José J. ¿Existe o no la modernidad en América Latina? In: CALDERÓN, Fernando. (Comp.). **Imágenes desconocidas: la modernidad en la encrucijada postmoderna**. Buenos Aires: CLACSO, 2017, p. 193-203; p. 199, traduzido: “A la modernidad no se llega sólo por las luces. [...] en América Latina subsistan sectores de la población que se hallan fuera de esos circuitos de producción y consumo simbólico, o que poseen matrices culturales heredadas que no fueron elaboradas durante el despliegue de la modernidad, nada dice respecto del modelo cultural predominantemente moderno que se ha impuesto definitivamente en las sociedades latinoamericanas”.

⁵⁴² MITCHELL, Timothy. The stage of modernity. In: MITCHELL, Timothy. (Edit.). **Questions of modernity**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2000, p. 1-34; p. 3, traduzido: “To see modernity as a product not of the West but of its interaction with the non-West still leaves a problem. It assumes the existence of the West and its exterior, long before the world's identities had been divided into this neat, European-centered dualism”.

⁵⁴³ HELLER, Agnes. 11/9 ou Modernidade e terror. Trad. Marco Aydos. **Boletim Científico ESMPU**, Brasília, ano 4, n. 17, p. 11-30, out./dez., 2005; p. 14.

⁵⁴⁴ GALINDO, Jorge. La teoría sistémica de la sociedad de Niklas Luhmann: alcances y límites. In: LUHMANN, Niklas. **La sociedad de la sociedad**. Trad. Javier T. Nafarrate. México, D.F.: Editorial Herder/ Universidad Iberoamericana, 2006, p. XXIII-XLV; p. XXXV, traduzido, ênfase no original: “[...] la modernidad, existe una sola sociedad: *la sociedad mundo*”.

cobre “[...] agora o mundo inteiro e alcançando gradualmente cada indivíduo, como sugerem os teoremas da globalização e da individualização”⁵⁴⁵.

Para outro autor, mas este poder exerce espécie de castração do coletivo, pois ocorre “[...] a negação de qualquer possibilidade de que a multidão possa se expressar como subjetividade”⁵⁴⁶. Eis outra dimensão fundamental no marxismo humanista, na Análise Institucional, a autogestão das subjetividades dos grupos, das comunidades.

Por outro lado, há discordâncias deste entendimento, que “É errado dizer que a modernidade nega a história, pois o contraste com o passado – uma entidade em constante mudança – continua sendo um ponto de referência necessário”⁵⁴⁷, é como se permanecem fissuras neste tecido que se diz uniforme. E, destas, as permanências, pois pode-se afirmar que a Modernidade “[...] inventou a ‘tradição do novo’”⁵⁴⁸.

Nesse entender, do *novo* e do que seja a Modernidade, ela também significa para Marcio L. Carreri “[...] a chegada da multidão trabalhadora, que se acotovelava nos bondes da paulicéia nas linhas norte-sul e leste-oeste”⁵⁴⁹, da cidade de São Paulo sob o monopólio do transporte coletivo nas mãos da empresa *Light*.

No entanto, este *novo* erigido a partir de conservações da tradição, era suspeito, já que a Modernidade “[...] equiparava itens de segunda mão a itens

⁵⁴⁵ WAGNER, Peter. **Modernity as experience and interpretation**: a new sociology of modernity. Cambridge: Polity Press, 2008, p. 1, traduzido: “We are all modern today. The idea that modernity could come to an end, strongly proposed for several years from the 1970s onwards and [...] has not been found convincing. Rather, we may have witnessed a grand revival of modernity during the 1980s and 1990s, covering now the entire globe and gradually reaching towards each and every individual, as the theorems of globalization and individualization suggest”.

⁵⁴⁶ NEGRI, Antonio. **El poder constituyente. Ensayo sobre las alternativas de la modernidad**. Trad. Simona Frabotta e Raúl S. Cedillo. Quito: SENESCYT, 2015, p. 409, traduzido: “[...] la modernidad es la negación de cualquier posibilidad de que la multitud pueda expresarse como subjetividad”.

⁵⁴⁷ KUMAR, Krishan. Modernity. In: OUTHWAITE, William. (Edit.). **The Blackwell dictionary of modern social thought**. 2ª ed. Malden: Blackwell Publishing, 2006a, p. 404-405; p. 404, traduzido: “It is wrong to say that modernity denies history, as the contrast with the past – a constantly changing entity – remains a necessary point of reference”.

⁵⁴⁸ KUMAR, Krishan. Modernity, p. 405, traduzido: “[...] invented the ‘tradition of the new’”.

⁵⁴⁹ CARRERI, Marcio L. **O socialismo de Oswald de Andrade**: cultura, política e tensões na modernidade de São Paulo na década de 1930. São Paulo: PUC-SP, 2015 (Tese de Doutorado em História), p. 40.

indesejados. No entanto, também promoveu o consumo de segunda mão⁵⁵⁰, tais como os bondes do parágrafo anterior, pois a elite desfrutava dos recém-criados automóveis.

Nesta linha, a do consumo, ao se pensar a Modernidade “[...] uma cultura do tempo”, Peter Osborne concorda com os anteriores quanto a ideia de negação, pois “A modernidade é uma forma de tempo histórico que valoriza o novo como produto de uma dinâmica temporal em constante autonegação”⁵⁵¹.

Esta autonegação dos produtos mostra, além de produção da “obsolescência programada”, da “antiprodução”, como referem Gilles Deleuze e Félix Guattari⁵⁵², que o capitalismo mundial integrado é um sistema suicidário(!) e que deve ser deslegitimado “[...] perante a opinião pública”⁵⁵³, no entender de Fábio K. Comparato.

No entanto, ao se instaurar tratativas de negação a partir da lei, do enquadramento jurídico que os Estados ditos modernos estabeleceram sobre os territórios coloniais, gerou-se quase que o contraponto, “[...] cuja característica definidora era, na maioria das vezes, sua ambivalência”,⁵⁵⁴ para outro autor, estas práticas transformaram-se num peso, “[...] seu fardo insuportável de ambivalência e incerteza”⁵⁵⁵.

Ao instaurar e intentar produzir o novo, enquanto uma epistemologia da ruptura, projetado sempre como puro, e “[...] miticamente atraente em girar os

⁵⁵⁰ EDWARDS, Clive; PONSONBY, Margaret. The polarization of the second-hand market for furniture in the nineteenth century. In: STOBART, Jon; DAMME, Ijja van. (Edits.). **Modernity and the second-hand trade: european consumption cultures and practices, 1700-1900**. New York: Palgrave Macmillan, 2010, p. 93-110; p. 93, traduzido: “[...] it equated second-hand with unwanted items. Yet it also promoted second-hand”.

⁵⁵¹ OSBORNE, Peter. **The politics of time: modernity and avant-garde**. London: Verso, 1995, p. X, traduzido: “[...] a culture of time” e, p. XII, traduzido: “Modernity is a form of historical time which valorizes the new as the product of a constantly self-negating temporal dynamic”.

⁵⁵² DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia**. Trad. Luiz B. L. Orlandi. São Paulo: Editora 34, 2010.

⁵⁵³ COMPARATO, Fábio K. **A civilização capitalista: para compreender o mundo em que vivemos**. 2ª ed. rev. e aum. São Paulo: Editora Saraiva, 2014, p. 298.

⁵⁵⁴ İSLAMOĞLU, Huri. Politics of administering property: law and statistics in the nineteenth-century Ottoman Empire. In: İSLAMOĞLU, Huri. (Edit.). **Constituting modernity: private property in the East and West**. London: I.B. Tauris, 2004, p. 276-319; p. 279, traduzido: “The outcome was a modernity whose defining feature was, more often than not, its ambivalence”.

⁵⁵⁵ DONSKIS, Leonidas. **Modernity in crisis: a dialogue on the culture of belonging**. New York: Palgrave Macmillan, 2011, p. 15, traduzido: “[...] against modernity and its unbearable burden of ambivalence and uncertainty”.

vários cenários do fazer-novo do modernismo”⁵⁵⁶, nesta Modernidade, “O novo [...] tornou-se lugar-comum” enquanto consumo, mas por outro lado,

Esvaziou-se de seu valor revolucionário de ruptura com a tradição, de sua originalidade, de seu avanço no tempo. Esvaziou-se de sua modernidade. A produção do novo é rápida para acompanhar a sociedade de consumo e torna obsoleta a novidade que não cessa de substituir. O oposto do novo não é o velho, mas o novo de ontem que saiu de moda. É uma novidade efêmera.⁵⁵⁷

De outro modo, este moderno, que se orgulha de suas técnicas e suas ciências, em produção de novas necessidades, exacerba-se ao se considerar “[...] ‘dono e senhor da natureza’... e de outros homens” e cria o “[...] contraponto individualista que se proclama e se exhibe em nossos existencialismos”⁵⁵⁸. Quanto às novidades, Walter Benjamin afirma que:

Todas as manhãs somos informados sobre as novidades do planeta. No entanto, somos pobres em histórias singulares. Do que se trata? É porque nenhum pequeno evento está chegando até nós sem dados explicativos. Ou seja: quase nada do que acontece é em benefício da narrativa, quase tudo em benefício da informação⁵⁵⁹.

Quanto ao predomínio e domínio a partir e com as ciências com matizes europeias, de acordo com Agnes Heller, “As ciências, e entre elas as ciências sociais, são inventadas e comprometidas com o papel com os mitos da

⁵⁵⁶ PRENDERGAST, Christopher. Codeword modernity. **New Left Review**, London, v. 24, p. 95-111, nov./dec., 2003; p. 102, traduzido: “[...] the epistemology of the break is held within the ideology of modernity itself, in its repeated association with the New, its casting as pure break – mythically attractive in spinning the various making-it-new scenarios of modernism but”.

⁵⁵⁷ WASSEF, Aya. El imperio de lo nuevo. **El Correo de la Unesco**, París, año XLVI, p. 13-14, jul./ago., 1993; p. 13, traduzido: “Se vació de su valor revolucionario de ruptura con la tradición, de su originalidad, de su adelanto sobre su tiempo. Se vació de su modernidad. La producción de lo nuevo es rápida para seguir el ritmo de la sociedad de consumo y torna obsoleta la novedad que no cesa de reemplazar. Lo contrario de lo nuevo no es lo antiguo, sino lo nuevo de ayer que ha pasado de moda. Es una novedad efímera”.

⁵⁵⁸ DURAND, Gilbert. **Ciencia del hombre y tradición: el nuevo espíritu antropológico**. Trad. Agustín López e María Tabuyo. Barcelona: Ediciones Paidós, 1999, p. 82, traduzido: “[...] ‘dueño y señor de la naturaleza’... y de los otros hombres [...] proclama y se exhibe en nuestros existencialismos”.

⁵⁵⁹ BENJAMIN, Walter. **Cuadros de un pensamiento**. Trad. Susana Mayer. Buenos Aires: Ediciones Imago Mundi, 1992, p. 151, traduzido: “Cada mañana se nos informa sobre las novedades del planeta. Y, sin embargo, somos pobres en historias singulares. ¿A qué se debe esto? Se debe a que ya nos llega ningún acontecimiento que este libre de datos explicativos. En otras palabras: ya casi nada de lo que sucede redunde en provecho de la narración, casi todo en provecho de la información”.

modernidade”⁵⁶⁰. Nessa linha, Roberto Esposito comenta que “[...] as próprias categorias políticas modernas, ora questionadas, nascem marcadas pela contaminação com conceitos teológicos secularizados”⁵⁶¹, o que por si só, demonstra limites no *nascer político* da Modernidade. Mas no Brasil, para outro autor, é especialmente com os franceses quando da experiência da França Antártica que ocorre a secularização da religião, que é como condição e, legitimação da modernidade⁵⁶².

Nesta linha, León Pomer afirma que o pensamento ocidental vai mais longe, ao considerar que “[...] a história nasceu com os gregos, diferenciando-se dos bárbaros por lhes faltar história”⁵⁶³ e, neste sentido, com consequências maiores aos outros, os não-modernos, pois de acordo com o autor, casa-se a noção de história com a de civilização, e até mais, conforme Anthony Giddens: “[...] a equivalência entre ‘civilização’ e modernidade, [s]e olharmos para seu período inicial de desenvolvimento”⁵⁶⁴.

Uma outra forma de compreender as associações que a Modernidade faz e, até mesmo a terra arrasada sobre a tradição como é compreendida por alguns autores, a noção de Ilustração também se impõe, pois “A modernidade europeia desenvolveu-se, cultural e filosoficamente, do Iluminismo e, politicamente, da Revolução Francesa”⁵⁶⁵.

Para outro autor, mesmo com o reconhecimento do predomínio europeu na edificação desta modernidade, há a ressalva, e até como condição de

⁵⁶⁰ HELLER, Agnes. From hermeneutics in social science toward a hermeneutics of social science. **Theory and Society**, Amsterdam, v. 18, n. 3, p. 291-322, may., 1989; p. 319, traduzido: “The sciences, and among them the social sciences, are invented and committed to paper as the myths of modernity”.

⁵⁶¹ ESPOSITO, Roberto. **Tercera persona. Política de la vida y filosofía de lo impersonal**. Trad. Cario R. M. Marotto. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 2009, p. 35, traduzido: “[...] las propias categorías políticas modernas, ahora cuestionadas, nacen signadas por la contaminación con conceptos teológicos secularizados”.

⁵⁶² ALMEIDA JUNIOR, Jair de. **A conquista do mundo: igreja, Estado, Reforma e colonização do Brasil**. São Paulo: Fonte Editorial, 2019.

⁵⁶³ POMER, León. **La construcción de los héroes: imaginario y nación**. Buenos Aires: Editorial Leviatan, 2005, p. 84, traduzido: “El saber occidental consideró que la historia nace con los griegos, diferenciados de los bárbaros porque éstos carecen de historia. La idea de historia va encadenada con la de civilización”.

⁵⁶⁴ GIDDENS, Anthony. **Modernidade e identidade**. Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002, p. 144, com acréscimo.

⁵⁶⁵ THERBORN, Göran. **Do marxismo ao pós-marxismo?** Trad. Rodrigo Nobile. São Paulo: Boitempo, 2012, p. 31.

escolha variada ao não-europeu, “[...] havia muitos conceitos europeus e versões vividas de modernidade”⁵⁶⁶.

Apesar desta variedade disponível à adesão a esta ideia de modernidade, que não foi sem violência, há autores que sugerem o recrudescimento das ciências ao se arrogar o fim da dúvida.

Deve-se a “[...] uma combinação da filosofia iluminista e do desenvolvimento da modernidade capitalista que deu origem às certezas e imperativos estruturais”⁵⁶⁷, que caracterizam, em muitos casos, as ciências sociais até hoje. Por outro lado, alerta Eugene Webb que também neste período se gestou uma fase maníaca que explica a ansiedade e o desespero na sociedade atual, pois foi catapultada “[...] no otimismo e progressismo que surgiu do notável sucesso das ciências físicas no início da era moderna e que encontrou sua expressão ideológica mais influente entre os filósofos do Iluminismo”⁵⁶⁸.

Esta forma de fazer ciência, vista como moderna, “[...] começou a desenvolver seu método na Europa do século XVII”⁵⁶⁹ e, até, de forma mais institucional e, provavelmente vigorosa no rigor e vigília quanto às perspectivas concorrentes, enquanto “[...] a política moderna”⁵⁷⁰ [passa a ser] entendida como ‘ciência’”⁵⁷¹.

⁵⁶⁶ SHARMAN, Adam. **Tradition and modernity in spanish american literature**: from Darío to Carpentier. New York: Palgrave Macmillan, 2006, p. XI, traduzido: “[...] there were many European concepts and lived versions of modernity”.

⁵⁶⁷ BUTLER, Tim; WATT, Paul. **Understanding social inequality**. London: SAGE Publications, 2007, p. 11, traduzido: “We suggest that it was a combination of Enlightenment philosophy and the development of capitalist modernity that gave rise to the particular certainties and structural imperatives that characterized sociological thinking for much of the twentieth century”.

⁵⁶⁸ WEBB, Eugene. The spiritual crisis of modernity: Keynes, Beckett, Baudelaire. **Soundings: An Interdisciplinary Journal**, University Park, v. 62, n. 2, p. 130-143, summer 1979; p. 131, traduzido: “[...] the optimism and progressivism that grew out of the striking success of the physical sciences in the early modern era and that found its most influential ideological expression among the philosophes of the Enlightenment”.

⁵⁶⁹ ARSUAGA, Juan L. **Vida, la gran historia**: un viaje por el laberinto de la evolución. Barcelona: Ediciones Destino, 2019, p. 168, traduzido: “La ciencia moderna empezó a desarrollar su método en la Europa del siglo XVII”.

⁵⁷⁰ Nesse sentido, “[...] o Ocidente do século XX torna-se a personificação única da política moderna e o resto do mundo torna-se simplesmente um composto de civilizações reagindo ao Ocidente como resultado do contato”, in: GRAN, Peter. **The rise of the rich**: a new view of modern world history. Syracuse: Syracuse University Press, 2009, p. 16, traduzido: “[...] the West of the twentieth century becomes the unique embodiment of modern politics and the rest of world becomes simply a composite of civilizations reacting to the West as a result of contact”.

⁵⁷¹ CASCARDI, Anthony J. **Cervantes, la literatura y el discurso de la política**. Trad. Cristina A. de M. Mercado. Granada: Editorial Universidad de Granada, 2018, p. 15, com acréscimo, traduzido: “[...] la política moderna entendida como ‘ciencia’”.

A este desenvolvimento da política e ciência modernas, este mesmo autor, em outro texto, afirma a estrutura edificante da razão nos dois casos, que até é citada e entendida como uma perspectiva de desencanto do mundo, mas, por outro lado, e ao tornar-se mais do mesmo, como sendo “[...] um processo inacabado, que subjaz silencioso em nossa história do presente”⁵⁷², como adverte José de Souza Martins.

Talvez apenas diverso, pois esta ciência dita moderna se transforma em “[...] fonte de uma nova gama de deuses e demônios associados a valores, desejos, e a vontade”⁵⁷³, como sugere Anthony J. Cascardi.

Neste sentido, em concordância, esta modernidade até trouxe enriquecimento científico sem precedentes na história do ser humano, “[...] mas também o desinstalou no seu próprio mundo”⁵⁷⁴, como entende Sérgio R. G. Dusilek, porque se constitui um modelo suicidário.

Em que pese a preponderância da desestruturação do mundo tradicional nas ações do que se convencionou ver/ser moderno como é percebido por muitos autores, Didier Fassin enxerga aspectos positivos, pois “A identidade moderna é indissociável da conjunção de afetos e valores que regulam as condutas e emoções para com os outros e definem o respeito pela vida e dignidade humanas”⁵⁷⁵.

Em uma visão, talvez, menos otimista e, que acresce ao entendimento literalmente *espichado* do que seja a Modernidade, de acordo com Penelope J. Corfield, há uma longa narrativa da história da Modernidade, e há aqueles autores que buscam “[...] uma tentativa de mudar o registro conceitual ou

⁵⁷² MARTINS, José de S. **Reforma agrária: o impossível diálogo**. [1ª edição: 2000]. 1ª reimpressão. São Paulo: Edusp – Editora da Universidade de São Paulo, 2004, p. 12.

⁵⁷³ CASCARDI, Anthony J. **The subject of modernity**. Cambridge: Cambridge University Press, 2000, p. 39, traduzido: “[...] but is in turn the source of a new range of gods and demons associated with values, desires, and the will”.

⁵⁷⁴ DUSILEK, Sérgio R. G. **A contribuição de Erich Auerbach para a recepção bíblica na modernidade**. Juiz de Fora: UFJF, 2015. (Dissertação de Mestrado em Ciência da Religião), p. 20.

⁵⁷⁵ FASSIN, Didier. **Humanitarian reason: a moral history of the present**. Trad. Rachel Gomme. Berkeley: University of California Press, 2012, p. 4, traduzido: “Modern identity is indissociable from the conjunction of affects and values that regulate conducts and emotions toward others and define a respect for human life and dignity”.

alterar o quadro narrativo no qual tal relato da modernidade pode ser recolocado”⁵⁷⁶.

Para Penelope J. Corfield, muitos autores passam a se “[...] referir também a um período prolongado de ‘pré-modernidade’ antes dela, e um estado altamente contencioso de ‘pós-modernidade’ depois”⁵⁷⁷, mesmo que estas duas definições e recortes permaneçam instáveis e, conforme Robert Wohl

E então, como se as águas já não estivessem turvas o suficiente, qual é a relação entre essa tríade de conceitos, modernização, modernidade e modernismo, à qual agora foi adicionado (como se para nos confundir ainda mais) o pós-modernismo? O modernismo representa a cultura da modernidade, uma condição provocada pela modernização, e o pós-modernismo é uma reação contra o modernismo – sua negação dialética – ou sua continuação por outros meios? Estas são apenas algumas das questões alucinantes que a maioria dos historiadores intelectuais e culturais, compreensivelmente, evitam⁵⁷⁸.

Apesar da noção de ciência moderna preponderar e lançar tentáculos determinantes sobre o entendimento da sociedade ao instituir o paradigma da objetividade, mas provavelmente devido as permanências da tradição, “[...] não

⁵⁷⁶ SCOTT, David. Colonial governmentality. In: INDA, Jonathan X. (Edit.). **Anthropologies of modernity: Foucault, governmentality, and life politics**. Malden: Blackwell Publishing, 2005, p. 23-49; p. 36, traduzido: “[...] an attempt to shift the conceptual register or alter the narrative frame in which such an account of modernity might be resituated”.

⁵⁷⁷ CORFIELD, Penelope J. **Time and the shape of history**. New Haven: Yale University Press, 2007, p. 124, traduzido: “Recently, ‘modernity’ has become further embroidered to refer also to a prolonged period of ‘premodernity’ before it, and a highly contentious state of ‘postmodernity’ thereafter. But none of these categories remains historically stable”.

⁵⁷⁸ WOHL, Robert. Heart of darkness: modernism and its historians. **The Journal of Modern History**, Chicago, v. 74, n. 3, p. 573-621, sep., 2002; p. 574, traduzido: “And then, as if the waters weren’t muddy enough already, what is the relationship among that triad of concepts, modernization, modernity, and modernism, to which has now been added (as if to confuse us yet further) postmodernism? Does modernism represent the culture of modernity, a condition brought about by modernization, and is postmodernism a reaction against modernism – its dialectical negation – or its continuation by other means? These are just some of the mind-bending questions that most intellectual and cultural historians understandably avoid”.

nas almas”⁵⁷⁹, até por que se atesta que, para Gilbert Durand, “[...] as famosas ‘acelerações da história’, mas que não são típicas da nossa modernidade”⁵⁸⁰.

De acordo com Durand, nas três modas artísticas desenvolvidas durante o século XX, a *belle époque*, a *art déco* e o construtivismo, a modernidade perde a “[...] apologia prometeica e romântica do ‘moderno’”, aquilo que Manuel Cruz define como a “[...] *promessa constituinte*”⁵⁸¹ da Modernidade que, para outro autor, estende-se até “Este surgimento pós-moderno dos sintomas da modernidade [que] foi, em última análise, baseado em uma transformação estrutural do estado-nação”⁵⁸², provavelmente de seu *maior apequenamento*.

Mais provável, então, que viveu no autoengano⁵⁸³, como denota Zygmunt Bauman. Ainda assim, enquanto capacidade de enganar, para outro autor, “[...] uma universalização da heresia, da capacidade de escolha”⁵⁸⁴, levando ao extremo o exercício da imediação da presença, “[...] o ‘agora’ da história”⁵⁸⁵ como escreve Timothy Mitchell.

Por outro lado, este agora na história da Modernidade,

⁵⁷⁹ MONOD, Jacques. **El azar y la necesidad (ensayo sobre la filosofía natural de la biología moderna)**. Trad. Francisco F. Lerín. Barcelona: Ediciones Orbis, S.A., 1986, p. 86, traduzido: “[...] no en las almas”.

⁵⁸⁰ DURAND, Gilbert. **Mitos y sociedades**: introducción a la mitología. Trad. Sylvie Nante. Buenos Aires: Editorial Biblos, 2003, p. 35, traduzido: “[...] las famosas ‘aceleraciones de la historia’, pero que no son propias de nuestra modernidad”; e, p. 131, traduzido: “[...] nuestra ‘modernidad’ de la apología prometeica y romántica de lo ‘moderno’”.

⁵⁸¹ CRUZ, Manuel. **Las malas pasadas del pasado**: identidad, responsabilidad, historia. Barcelona: Editorial Anagrama, 2005, p. 51, ênfase no original, traduzido: “[...] *promesa constituyente*”.

⁵⁸² BUNZL, Matti. **Symptoms of modernity**: jews and queers in late-twentieth-century Vienna. Berkeley: University of California Press, 2004, p. 216, traduzido: “This postmodern emergence of modernity’s symptoms was ultimately predicated on a structural transformation of the nation-state”.

⁵⁸³ Para o autor, “O cerne desse autoengano era esconder seu próprio paroquialismo, a convicção de que o que não é universal em sua particularidade é, mas o que ainda não é universal, que o projeto de universalidade pode estar inacabado”, in: BAUMAN, Zygmunt. *Modernidad, ambivalencia y fluidez social*. Trad. Maya Aguiluz e Enrique Aguiluz. In: BERIAIN, Josetxo; AGUILUZ, Maya. (Edits.). **Las contradicciones culturales de la modernidad**. Barcelona: Anthropos Editorial, 2007, p. 404-451; p. 405, traduzido: “El núcleo de ese autoengaño era esconder su propio parroquianismo, la convicción de que lo que no es universal en su particularidad no es sino lo aún nouniversal, de que el proyecto de universalidad puede estar inconcluso, pero permanece estando definido”.

⁵⁸⁴ BERIAIN, Josetxo. *Las formas complejas del tiempo en la modernidad*. **Acta Sociológica**, Los Angeles, n. 49, p. 71-99, may./ago., 2009; p. 93, traduzido: “[...] una universalización de la herejía, de la capacidad de elegir”.

⁵⁸⁵ MITCHELL, Timothy. *The stage of modernity*. In: MITCHELL, Timothy. (Edit.). **Questions of modernity**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2000, p. 1-34; p. 23, traduzido: “[...] the ‘now’ of history”.

[...] desempenha um papel duplo peculiar como uma categoria de periodização histórica: ela designa a contemporaneidade de uma época para o tempo de sua classificação, mas ela registra esta contemporaneidade em termos de uma temporalidade qualitativamente nova e autotranscendente, que tem o efeito simultâneo de distanciar o presente até mesmo do passado mais recente com o qual é assim identificado⁵⁸⁶.

Para tanto, este distanciamento entre o antes e o depois, faz “[...] uma *tabula rasa* das referências da tradição sagrada”⁵⁸⁷, o que, paradoxalmente para alguns, revigora a sociedade e capacita para “[...] dominar a obstinação do mundo natural e os obstáculos sociais, morais e políticos a uma organização racional da sociedade”⁵⁸⁸.

Nesse sentido, para Peter Wagner a Modernidade passa uma ideia de ser *organizada*, pois “[...] as práticas sociais eram organizadas de modo a manter uma razoável coesão no plano da sociedade nacional e formavam conjuntos articulados de regras institucionais”⁵⁸⁹.

O que não leva a máxima, segundo Sanjay Subrahmanyam, ao menos para a sociedade da Índia colonial, de “[...] distinguir entre a ‘modernidade colonial’ e a modernidade que existia antes e noutros lugares, mas não podemos assumir que o que existia antes não era, por si só, uma forma de modernidade”⁵⁹⁰.

⁵⁸⁶ OSBORNE, Peter. Modernity Is a qualitative, not a chronological, category. **New Left Review**, London, v. 192, p. 65-82, mar./apr., 1992; p. 73, traduzido: “‘Modernity’, then, plays a peculiar dual role as a category of historical periodization: it designates the contemporaneity of an epoch to the time of its classification, but it registers this contemporaneity in terms of a qualitatively new, self-transcending temporality, which has the simultaneous effect of distancing the present from even that most recent past with which it is thus identified”

⁵⁸⁷ BERIÁIN, Josetxo. El triunfo del tiempo (representaciones culturales de temporalidades sociales). **Política y Sociedad**, Madrid, v. 25, p. 101-118, 1997; p. 109, ênfase no original, traduzido: “[...] se hace *tabula rasa* de las referencias de la tradición sagrada” (BERIÁIN, 1997, p. 109, ênfase no original).

⁵⁸⁸ SANTNER, Eric L. Los milagros ocurren: Benjamín, Rosenzweig, Freud y la materia del prójimo. In: ŽIŽEK, Slavoj; SANTNER, Eric L.; REINHARD, Kenneth. **El prójimo. Tres indagaciones en teología política**. Trad. Cristina Piña. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 2010, p. 105-180; p. 109, traduzido: “[...] dominar la obstinación del mundo natural y los obstáculos sociales, morales y políticos a una organización racional de la sociedad”.

⁵⁸⁹ WAGNER, Peter. Crises da modernidade: a sociologia política no contexto histórico. Trad. Vera Pereira. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 11, n. 31, s./p., jun., 1996. Disponível em: <http://www.anpocs.com/images/stories/RBCS/rbcs31_02.pdf>, acesso em 30/03/2021, s./p.

⁵⁹⁰ SUBRAHMANYAM, Sanjay. **Impérios em concorrência: histórias conectadas nos séculos XVI e XVII**. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2012, p. 18.

O que pode levar ao que, John Roberts definiu como “[...] a escuridão e as divisões da modernidade”⁵⁹¹, no sentido do que virá a ser considerado moderno ou não.

Corroborando a isso, Fredric Jameson afirma que “[...] a experiência concreta da simultaneidade do todo e de suas partes não é mais possível nos tempos modernos”⁵⁹².

Por outro lado, sendo “[...] o reino da produção”⁵⁹³, a Modernidade se lançou às mais variadas formas institucionais que a burocracia do Estado moderno entendeu como tal, como foi o caso do regime stalinista⁵⁹⁴ que teve impulsos de “modernidade”.

Outros entendem o projeto da Modernidade como meramente difusionista, com o intento de “[...] a interpelar os outros a partir de um centro. Uma das suas principais tarefas era dar sentido às interações da Europa com o resto do mundo e dar-lhes uma orientação específica”⁵⁹⁵.

Mas que ao final, de acordo com Richard Kearney, esta Modernidade traiu a sua melhor imagem e intento, pois reduziu “[...] a imaginação poética dos seres individuais ao imaginário coletivista das comunicações de massa pré-programadas”⁵⁹⁶.

⁵⁹¹ ROBERTS, John. Arnold Hauser, Adorno, Lukács and the ideal spectator. In: HEMINGWAY, Andrew. (Edit.). **Marxism and the history of art: from William Morris to the New Left**. London: Pluto Press, 2006, p. 161-174; p. 170, traduzido: “[...] the darkness and divisions of modernity” (ROBERTS, 2006, p. 170).

⁵⁹² JAMESON, Fredric. **Marxism and form: twentieth-century dialectical theories of literature**. Princeton: Princeton University Press, 1974, p. 3-59; p. 37, traduzido: “[...] the concrete experience of the simultaneity of the whole and its parts is no longer possible in modern times”.

⁵⁹³ WAYNE, Mike. **Marxism and media studies: key concepts and contemporary trends**. London: Pluto Press, 2003, p. 241, traduzido: “[...] the realm of production”.

⁵⁹⁴ “O impulso de coletivização incorporou todos os motivos e características essenciais do programa stalinista: guerra de classes, pressa, arbitrariedade, coerção, gigantomania, ambição ideológica, centralização e tecnologia como a pedra de toque da modernidade, progresso e socialismo”, in: SANDLE, Mark. **A short history of soviet socialism**. London: UCL Press, 1999, p. 178, traduzido: “The collectivization drive embodied all the motifs and essential features of the Stalinist programme: class war, haste, arbitrariness, coercion, gigantomania, ideological ambitiousness, centralization, and technology as the touchstone of modernity, progress and socialism”.

⁵⁹⁵ PRATT Mary L. Modernity and periphery: toward a global and relational analysis. In: MUDIMBE-BOYI, Elisabeth. (Edit.). **Beyond dichotomies: histories, identities, cultures, and the challenge of globalization**. Albany: State University of New York Press, 2002, p. 21-47; p. 27, traduzido: “[...] to interpellate others from a center. One of its prime tasks was to make particular kinds of sense of, and give particular kinds of direction to, Europe’s interactions with the rest of the world”.

⁵⁹⁶ KEARNEY, Richard. **Poetics of modernity: toward a hermeneutic imagination**. New York: Humanity Books, 1999, p. 190, traduzido: “[...] reducing the poetic imagination of individual beings to the collectivist imaginary of pre-programmed mass communications”.

Existe uma origem da Modernidade nas cidades? De acordo com Marc Augé sim, pois “A espessura histórica da cidade está muitas vezes ligada a um ideal de modernidade”⁵⁹⁷, como verdadeiros “[...] protótipos⁵⁹⁸ da modernidade” como afirmou Fernand Braudel⁵⁹⁹.

Que esses, originando-se “[...] nas cidades europeias medievais, livres, centros de enorme criatividade”⁶⁰⁰, especialmente nos grandes centros da “[...] Itália, França, Holanda e culmina na Inglaterra e na Alemanha” no entender de Serge Gruzinski⁶⁰¹, onde é possível “[...] localizar o surgimento da modernidade como longa duração”⁶⁰² conforme outro autor. Quanto a Holanda, uma pista é apontada por Antonio Damasio: o advento da burguesia, pois “Os holandeses introduziram os ingredientes da justiça contemporânea e do capitalismo moderno. [...] O governo criou leis para permitir que os cidadãos comprem e vendam livremente e com o maior lucro”⁶⁰³.

E sendo europeia, esta jornada se iniciará, para outro autor “[...] na Europa continental da segunda metade do século XIX”⁶⁰⁴; para outro, mesmo

⁵⁹⁷ AUGÉ, Marc. **El viaje imposible**: el turismo y sus imágenes. 2ª ed. Trad. Alberto L. Bixio. Barcelona: Editorial Gedisa, 1998, p. 115, traduzido: “El espesor histórico de la ciudad se vincula a menudo con un ideal de modernidad”.

⁵⁹⁸ Nesta linha, “Os aspectos da experiência humana antes atribuídos à cidade *em si*, são mais bem-conceituados como elementos da experiência da modernidade”, in: SAVAGE, Mike; WARDE, Alan. **Urban sociology, capitalism and modernity**. Basingstoke: The Macmillan Press, 1993, p. 189, ênfase no original, traduzido: “The aspects of human experience once attributed to the city *per se*, are better conceptualised as elements of the experience of modernity”.

⁵⁹⁹ BRAUDEL, Fernand. **Civilización material, economía y capitalismo, siglos XV-XVIII, tomo 1 - Las estructuras de lo cotidiano**: lo posible y lo imposible. Trad. Isabel P. Tovar. Madrid: Alianza Editorial, 1984, p. 404, traduzido: “[...] prototipos de la modernidad”.

⁶⁰⁰ DUSSEL, Enrique. **El encubrimiento del outro**: Hacia el origen del mito de la modernidad. 3ª ed. Quito: Ediciones Abya-Yala, 1994, p. 10, traduzido: “[...] en las ciudades europeas medievales, libres, centros de enorme creatividad”.

⁶⁰¹ GRUZINSKI, Serge. Mundialización, globalización y mestizajes en la monarquía católica. S./trad. In: CHARTIER, Roger; FEROS, Antonio. (Dir.). **Europa, América y el mundo**: tiempos históricos. Madrid: Marcial Pons, 2006a, p. 217-237, p. 223, traduzido: “[...] la modernidad europea clásica pasa por Italia, Francia, Holanda para culminar en Inglaterra y Alemania”.

⁶⁰² MACKAY, John. **Inscription and modernity**: from wordsworth to mandelstam. Bloomington: Indiana University Press, 2006, p. 9, traduzido: “[...] to locate the emergence of modernity as longue durée”.

⁶⁰³ DAMASIO, Antonio. **En busca de Spinoza**: neurobiología de la emoción y los sentimientos. Trad. Joandomenec Ros. 6ª impr. Barcelona: Crítica, 2009, p. 216, traduzido: “Los holandeses introdujeron los ingredientes de la justicia contemporánea y del capitalismo moderno. [...] El gobierno creaba leyes para permitir que los ciudadanos compraran y vendieran libremente y con las mayores ganancias”.

⁶⁰⁴ WAGNER, Peter. Liberty and discipline: making sense of postmodernity, or, once again, toward a sociohistorical understanding of modernity. **Theory and Society**, Amsterdam, v. 21, n. 4, p. 467-492, aug., 1992; p. 470, traduzido: “The journey through modernity will start in the continental Europe of the second half of the nineteenth century”.

sendo “[...] um estágio evolutivo para o qual evoluem todas as sociedades”, esta se transforma em um complexo sistema global, de fato, pela Europa ocidental⁶⁰⁵, pois “Nascido ‘nos poros da sociedade medieval’”⁶⁰⁶.

No entanto, para Jack Goody esta origem associada a Europa medieval e, em especial, ao Renascimento, sugere “[...] uma afirmação de europeus com tendências teleológicas”. Para o autor,

[...] as origens da modernidade e do capitalismo são mais amplas e encontram-se não apenas no conhecimento árabe, mas também nos influentes empréstimos da Índia e da China. O que chamamos de capitalismo tem suas raízes numa cultura letrada eurásiana mais ampla, que se desenvolveu rapidamente desde a Idade do Bronze, com troca de produtos e informações. O conhecimento da leitura e da escrita foi importante porque permitiu o crescimento tanto do conhecimento quanto da economia, que depois proporcionaria a troca de produtos⁶⁰⁷.

Para outros, esta modernidade, partindo das cidades, se insurge contra a tradição, pois é “[...] um tipo qualitativamente novo de sociedade antitradicional que surgiu no Ocidente”⁶⁰⁸, em que pese, ser de difícil localização conforme Hugh Grady, mas há quase um consenso de que “[...] a modernidade suspende o direito natural e não dispõe já de outro mundo ou referência”⁶⁰⁹, como entende Michel Serres. Por outro lado, é como se tudo se “[...] cristaliza e se solidifica de uma história complexa, até mesmo tortuosa e

⁶⁰⁵ POSTONE, Moishe. **Tempo, trabalho e dominação social**: uma reinterpretação da teoria crítica de Marx. Trad. Amilton Reis e Paulo C. Castanheira. São Paulo: Boitempo, 2014, p. 18.

⁶⁰⁶ SCHILLING, Voltaire. O pós-capitalismo? **Indicadores Econômicos**, Porto Alegre, v. 17, n. 3, p. 114-116, 1989; p. 114.

⁶⁰⁷ GOODY, Jack. **Renascimentos**: um ou muitos? Trad. Magda Lopes. São Paulo: Editora Unesp, 2011, p. 11-12. Em outra obra o mesmo autor afirma que o conceito de modernidade é “[...] escorregadio, sem qualquer fundamento firme no tempo ou espaço e sem características claramente definidas”, in: GOODY, Jack. **La família europea**: ensayo histórico-antropológico. Trad. Antonio Desmonts. Barcelona: Editorial Crítica, 2001, p. 23, traduzido: “[...] La modernidad es un concepto escurridizo, sin ningún fundamento firme en el tiempo ni en el espacio y sin características claramente definidas”.

⁶⁰⁸ GRADY, Hugh. Introduction: Shakespeare and modernity. In: GRADY, Hugh. (Edit.). **Shakespeare and modernity**: early modern to millennium. London: Routledge, 2010, p. 1-19; p. 2, traduzido: “The term modernity thus denotes a qualitatively new kind of anti-traditional society which arose in the West”.

⁶⁰⁹ SERRES, Michel. **O contrato social**. Trad. Serafim Ferreira. Lisboa: Instituto Piaget, 1994, p. 132.

que, uma vez formada, adquire o status de um fato quase natural”⁶¹⁰, como sendo uma crença, adverte William T. Murphy.

Já Max Weber enxerga na aliança entre juristas e soberanos o espaço para a consolidação do direito racional, que constitui de fato o Estado enquanto corpo de leis, racional, no qual “[...] pode florescer o capitalismo moderno”⁶¹¹, e deve-se incluir nessa aliança duas instituições fundamentais e fundadoras: a religiosa e a militar.

Sobretudo, depois do fracasso da política mercantilista inglesa na política monopolizadora dos Stuarts no século XVIII.

Foi nesse momento, conforme o autor, que ocorreu o último embate entre os dois tipos de capitalismo que prevaleciam até então: “[...] o capitalismo orientado para oportunidades fiscais e coloniais e para monopólios estatais e o capitalismo orientado para oportunidades de mercado que, resultaram, automaticamente, sem medidas impostas de fora, das próprias transações comerciais”⁶¹².

Com a vitória do último tipo, constitui-se o cenário para o início da era moderna, propriamente, a Modernidade.

Para outro autor é a Portugal que se deve o desenvolvimento do mundo moderno, pois enquanto livre da Espanha e, com a constituição de seu Estado-nação, de mobilidade característica, “Nasce Portugal e o mundo moderno”⁶¹³.

Na linha de Martin Page, que afirma que o papel luso foi de “[...] um povo pivô, uma espécie de conduta através da qual as ideias, o conhecimento e as tecnologias se transmitiram à Europa e ao mundo”⁶¹⁴.

Nesta linha, aos brasileiros, pois em contato direto com os portugueses desde o século XVI, estava reservado um papel neste cenário moderno, que tem predomínio inicial na ação da Escola de Sagres.

⁶¹⁰ MURPHY, William T. **The oldest social science? Configurations of law and modernity**. Oxford: Clarendon Press, 1997, p. 8 traduzido: “[...] crystallizes, and congeals out of a complex, even tortuous, history and which, once formed, acquires the Status of an almost natural fact”.

⁶¹¹ WEBER, Max. **Economia e sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva**. V. 2. Trad. Regis Barbosa e Karen E. Barbosa. 4ª ed., 3ª reimpr. Brasília: Editora da UNB, 2012, p. 518.

⁶¹² WEBER, Max. **Economia e sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva**. V. 2, p. 525.

⁶¹³ ALMEIDA JUNIOR, Jair de. **A trans-formação do Brasil: as mobilidades que construíram a interculturalidade brasileira**. Goiânia: Editora Cruz, 2017, p. 240.

⁶¹⁴ PAGE, Martin. **A primeira aldeia global: como Portugal mudou o mundo**. Trad. Gustavo A. Palma. 15ª ed. Alfragide: Casa das Letras, 2015, p. 33.

Por outro lado, parece haver consenso que a “[...] modernidade intelectual começa com os movimentos em direção ao método científico e filosófico inaugurados por Galileu, Bacon e Descartes”⁶¹⁵.

E, que, com ação destes em uma ciência experimental, que arrasta outros à empreitada que desemboca no “[...] primeiro avanço irreversível da cientificidade moderna [que] está no início da dominação da produção capitalista”⁶¹⁶ como quer Lukács, daquilo que se pode ver como a consolidação dos “[...] paradigmas dominantes da modernidade”⁶¹⁷ da afirmativa de Yves Barel.

Para Henri Lefebvre este é período de “[...] grande criatividade”, em que pese este mundo que se diz moderno ter nascido “[...] com a destruição do mundo moderno, trazendo em seu coração o princípio de sua destruição e autodestruição” [novamente o princípio suicidário do capitalismo], pois este “[...] modernismo continha as sementes de sua própria crise”⁶¹⁸.

E especialmente, em sua segunda fase, para Remo Bodei, quando até ocorre a aclimação do sujeito pela experiência, mas também precisa compartilhar o “[...] terreno acidentado da história coletiva”⁶¹⁹.

Neste processo de adaptação do sujeito a experiência coletiva, o cogito cartesiano se desenvolve e potencializa dicotomias que são fundantes do moderno, como “[...] espírito e matéria, mente e corpo, profundidade e superfície, significado e significante”⁶²⁰.

⁶¹⁵ ENGLE, Lars. Measure for measure and modernity: The problem of the sceptic's authority. In: GRADY, Hugh. (Edit.). **Shakespeare and modernity: early modern to millennium**. London: Routledge, 2010, p. 85-104; p. 85, traduzido: “If intellectual modernity begins with the movements toward scientific and philosophical method inaugurated by Galileo, Bacon, and Descartes”.

⁶¹⁶ LUKÁCS, György. **Prolegômenos para uma ontologia do ser social: questões de princípios para uma ontologia hoje tornada possível**. Trad. Lya Luft e Rodnei Nascimento. São Paulo: Boitempo, 2010, p. 59.

⁶¹⁷ BAREL, Yves. Modernité, code, territoire. **Les Annales de la recherche urbaine**, Paris, n. 10-11, p. 3-21, 1981; p. 10, traduzido: “[...] des paradigmes dominants de la modernité”.

⁶¹⁸ LEFEBVRE, Henri. **Introduction to modernity: twelve preludes, september 1959-may 1961**. Trad. John Moore. London: Verso, 1995, p. 105, traduzido: “The birth of ‘modernity’ – over here, at any rate – coincided with the beginnings of doubt and questioning; the world we call modern was born with the shattering of the modern world, carrying within its heart the principle of its destruction and self-destruction. Modernism contained the seeds of its own crisis. Aspect number one, therefore: a period of great creativity”.

⁶¹⁹ BODEI, Remo. **Destinos personales: la era de la colonización de las conciencias**. Trad. Sergio Sánchez. Buenos Aires: El cuenco de plata, 2006, p. 22, traduzido: “[...] al terreno accidentado de la historia colectiva”.

⁶²⁰ GUMBRECHT, Hans U. **Produção de presença: o que o sentido não consegue transmitir**. Trad. Ana I. Soares. Rio de Janeiro: Contraponto/ Editora PUC-Rio, 2010, p. 8.

Que, notadamente se acentuam quando europeus imbuídos deste espírito moderno se lançam ao novo, que é visto como arcaico e, nisso, de acordo com Serge Gruzinski, os outros continentes se transformam em laboratórios, que gera o “[...] caos prodigioso de duplos e de ‘replicantes’ culturais, gigantesco ‘entreposto de resíduos’ onde se amontoam as imagens e as memórias mutiladas”⁶²¹, isto faz parte de tudo aquilo que retorna no tempo e no espaço social como “sobras” reprimidas, esquecidas e que dá fôlego à autodestruição, talvez por isso “O homem marginal é um ‘híbrido cultural’, uma pessoa que vive e compartilha a vida cultural de dois grupos, sem se sentir à vontade em nenhum deles”⁶²².

Quanto ao desenvolver pela Europa e avançar da Modernidade pelos outros continentes, foi decisivo o papel da “[...] nova civilização industrial e urbana”⁶²³ impulsionada pelas transformações industriais, até porque é desta forma que também ocorreu em grande parte do mundo tradicional, a partir de produção de novidades para o consumo.

E assim foi que, uma série de regiões que levavam a vida na forma tradicional tiveram suas vidas *modernizadas* com a chegada do “[...] super-Estado, o capitalismo, [que] transformou-lhes as várzeas de cultivo em albufeiras – ponto final das suas possibilidades de vida”⁶²⁴, como Miguel Torga descreve a aldeia de Vilarinho das Furnas em Portugal antes de ser alagada.

Para isso, contribui também aquilo que se entende como a *modernidade cultural*, que atuou em conexão próxima com esta industrialização, o que contribuiu de forma decisiva para a “[...] ruptura das percepções tradicionais de espaço-tempo na ciência, arte, literatura e filosofia”⁶²⁵.

⁶²¹ GRUZINSKI, Serge. **A guerra das imagens: de Cristóvão Colombo a Blade Runner (1492-2019)**. Trad. Rosa F. d’Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras, 2006, p. 303.

⁶²² KOENIG, Samuel. **Elementos de sociologia**. Trad. Vera Borda. 2ª ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1970, p. 323.

⁶²³ WITTRÖCK, Björn. Las ciencias sociales y el desarrollo del Estado: transformaciones del discurso de la modernidad. S. trad. **Revista Internacional de Ciencias Sociales – RICS**, Paris, v. Vol. XLI, n. 122, p. 539-549, dic., 1989; p. 542, traduzido: “[...] la nueva civilización industrial y urbana”.

⁶²⁴ TORGA, Miguel. **Diário XI**. 2.ª ed. Coimbra: Edição do autor, 1991a, p. 11.

⁶²⁵ RABINBACH, Anson. **The human motor: energy, fatigue, and the origins of modernity**. Berkeley: University of California Press, 1992, p. 84, traduzido: “Cultural modernity has generally been understood in terms of the intimate connection between the rapid industrialization of the second half of the nineteenth century and the corresponding disruption of traditional time-space perceptions in science, art, literature, and philosophy”.

Essas rupturas culturais engendraram lutos gigantescos que ficaram sepultados por séculos, mas não desapareceram. E voltam e voltam. E provocam crises e novas rupturas. Compreender esses processos, eis outra das tarefas da Análise Institucional, do marxismo humanista.

Nesta linha, Jean Tibe entende que as colônias foram como que “[...] laboratórios da modernidade tanto quanto as metrópoles”⁶²⁶, até por isso, para o autor, não faria sentido opor a Modernidade à Tradição.

Fazendo ou não sentido, para outros autores, é uma transição que ocorre de uma à outra:

A transição do estado natural para uma ordem de acesso aberto é a segunda revolução social, o surgimento da modernidade. Embora elementos da segunda revolução tenham se espalhado por toda parte, especialmente a tecnologia, a maioria das sociedades contemporâneas permanece como um estado natural. A transição envolve um conjunto de mudanças na política que garante maior participação dos cidadãos e assegura direitos políticos impessoais, instituições mais transparentes que estruturam processos de tomada de decisão e suporte legal para uma ampla gama de formas organizacionais, incluindo partidos políticos e organizações econômicas. A transição envolve um conjunto de mudanças na economia que garantem a entrada aberta e a concorrência em muitos mercados, a livre circulação de bens e indivíduos no espaço e no tempo, a capacidade de criar organizações para buscar oportunidades econômicas, proteção de direitos de propriedade e proibições de uso da violência para obter recursos e bens ou para coagir terceiros. Embora as evidências das últimas décadas sejam confusas, nos últimos dois séculos, o desenvolvimento político e econômico parece ter caminhado de mãos dadas⁶²⁷.

⁶²⁶ TIBE, Jean. Marx e os outros. **Lua Nova**, São Paulo, n. 91, p. 199-228, 2014; p. 223.

⁶²⁷ NORTH, Douglass C.; WALLIS, John J.; WEINGAST, Barry R. **Violence and social orders: a conceptual framework for interpreting recorded human history**. New York: Cambridge University Press, 2009, p. 2, traduzido: “The transition from the natural state to an open access order is the second social revolution, the rise of modernity. Although elements of the second revolution have spread everywhere, especially technology, most contemporary societies remain natural states. The transition entails a set of changes in the polity that ensures greater participation by citizens and secures impersonal political rights, more transparent institutions structuring decisionmaking processes, and legal support for a wide range of organizational forms, including political parties and economic organizations. The transition entails a set of changes in the economy that ensure open entry and competition in many markets, free movement of goods and individuals over space and time, the ability to create organizations to pursue economic opportunities, protection of property rights, and prohibitions on the use of violence to obtain resources and goods or to coerce others. Although evidence from the past few decades is mixed, over the past two centuries, political and economic development appear to have gone hand in hand”.

A isso concorda Henri Lefebvre quando afirma que “[...] mundo moderno começa em meados do século 19, ou seja, a industrialização e a consolidação de um novo tipo de Estado”⁶²⁸.

Estas duas ações que levam à Modernidade, no entender de René Girard e que se alimentam de crises profundas, mas nem por isso “[...] passíveis de serem resolvidas pelo mecanismo do bode expiatório”⁶²⁹ como ocorria com a tradição. A bode-expiatorização coletiva, nesse sentido, faz parte de todos os processos genocídios, coloniais, imperialistas e num segundo tempo, do suicídio coletivo. Neste sentido, de acordo com Carmen Bernard “A primeira forma moderna de imperialismo ocidental foi obra da Espanha e de Portugal”⁶³⁰.

Quanto ao constructo do que seja a Modernidade, de acordo com Stuart Hall, pesou sobremaneira o Iluminismo e, a crença desse “[...] ser uma ‘ciência do homem’. Foi a matriz da ciência social moderna. Forneceu a linguagem em que a ‘modernidade’ veio a ser definida pela primeira vez”⁶³¹ tendo o Ocidente (leia-se a Europa e depois os Estados Unidos e o Japão) como modelo, onde “[...] a América [leia-se os Estados Unidos] passou a ser vista como um modelo de modernidade – a Rússia servindo como a alternativa” [a modernidade do socialismo real, então]⁶³², na associação da tríade: progresso, civilização e racionalidade.

No entanto, de acordo com Peter Wagner, ao se colocara escrita a partir do ponto de vista ou a partir das “[...] das experiências que os habitantes da modernidade fazem e das interpretações que eles dão a essas experiências,

⁶²⁸ LEFEBVRE, Henri. Le marxisme éclaté. **L’Homme et la société**, Paris, n. 41-42, p. 3-12, 1976a; p. 5-6, traduzido: “En fait, je crois que la transformation du monde moderne commence vers le milieu du XIXème siècle, c’est-à-dire l’industrialisation et la consolidation d’un type nouveau d’Etat”.

⁶²⁹ GIRARD, René. **Los orígenes de la cultura**: conversaciones con Pierpaolo Antonello y João Cezar de Castro Rocha. Trad. José L. S. M. de Pablos. Madrid: Editorial Trotta, 2006, p. 81, traduzido: “[...] no susceptibles de resolución mediante el mecanismo del chivo expiatorio”.

⁶³⁰ BERNAND, Carmen. Imperialismos ibéricos. In: FERRO, Marc. (Dir.). **El libro negro del colonialismo. Siglos XVI a XXI**: del exterminio al arrepentimiento. Trad. Carlo Caranci. Madrid: La Esfera de los Libros, 2005, p. 165-213; p. 165, traduzido: “La primera forma moderna del imperialismo occidental fue obra de España y de Portugal”.

⁶³¹ HALL, Stuart. The west and the rest: discourse and power. In: HALL, Stuart; GIEBEN, Bram. (Edits.). **Formations of modernity**. Milton Keynes: The Open University, 1992, p. 275-332; p. 313, traduzido: “The Enlightenment aspired to being a ‘science of man’”.

⁶³² NOLAN, Mary. **Visions of modernity**: american business and the modernization of Germany. Oxford: Oxford University Press, 1994, p. 25, traduzido: “[...] America came to be seen as a model of modernity – Russia serving as the alternative”.

então a noção de que o progresso autopropulsado é necessariamente constitutivo da modernidade também desaparece”⁶³³.

Nessa linha, há autores que enxergam outro ponto de vista para a atualidade, pois as “[...] ideologias progressistas e otimistas estão perdendo credibilidade e, com ela, seu lugar de dominância. Estamos testemunhando os últimos raios do Iluminismo?”⁶³⁴. Por outro lado, Emilio L. de Espinosa alerta que “[...] hoje a pior e mais prejudicial ideologia é sempre feita em nome da crítica das ideologias”⁶³⁵.

A noção de progresso da Modernidade entranhou-se na própria noção do que seja a história que, desde então praticamente “[...] não há história sem progresso nem progresso sem história”⁶³⁶, mas a fundo essa ideologia ocultava a dominação do Ocidente sobre as sociedades consideradas não modernas. Miguel Torga assim define as regiões consideradas não modernas:

Piódão, 24 de Outubro de 1965 – Olho do alto da serra as aldeias cavernícolas que nos boqueirões esperam em vão pelo sol natural e social, ponho-me a pensar no que vai pelo mundo, e em vez da revolta antiga invade-me uma espécie de confuso contentamento instintivo.

Qualquer coisa dentro de mim sente-se nelas preservado, defendido das mil agressões do momento. É como se as raízes mais profundas do meu ser se vissem de repente em segurança no desterro de cada um destes redís primitivos, transformados milagrosamente pelo próprio abandono em promissoras ilhas de reserva humana⁶³⁷.

⁶³³ WAGNER, Peter. Singularity: A new key for the sociological diagnosis of the present time? - Andreas Reckwitz, *Die Gesellschaft der Singularitäten. Zum Strukturwandel der Moderne* (Berlin, Suhrkamp Verlag, 2017). **European Journal of Sociology**, Cambridge, v. 59, i. 3, p. 524-532, 2018; p. 531, traduzido: “[...] the experiences the inhabitants of modernity make and the interpretations they give to these experiences, then the notion that self-propelled progress is necessarily constitutive of modernity also disappears”.

⁶³⁴ POMIAN, Krzysztof. Las ideologías: un legado ambivalente de la ilustración. S./trad. In: CHARTIER, Roger; FEROS, Antonio. (Dir.). **Europa, América y el mundo: tiempos históricos**. Madrid: Marcial Pons, 2006, p. 191-210; p. 210, traduzido: “[...] las ideologías progresistas y optimistas están perdiendo credibilidad y, con ello, su lugar dominante. ¿Estamos siendo testigos de los últimos rayos de la Ilustración?”.

⁶³⁵ ESPINOSA, Emilio L. de. El “momento” analítico. Poniendo bridas al pensamiento desbocado. **Revista Internacional de Sociología - RIS**, Córdoba, v. 67, n. 2, p. 476-479, may./ago., 476-479, 2009; p. 478, traduzido: “[...] hoy la peor y más dañina ideología se hace siempre en nombre de la crítica de las ideologías”.

⁶³⁶ BROSE, Jacques. **As plantas e sua magia**. Trad. Pina Bastos. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1993, p. 115.

⁶³⁷ TORGA, Miguel. **Diário X**. 2.^a ed. rev. Coimbra: Edição do autor, 1991, p. 68.

E se instaurou outras, como assinala Daniel Veloso Hirata, pois “[...] o horizonte do progresso orientou quase todas as diferentes tradições de pesquisas urbanas”⁶³⁸, ao contrário de como se enxergava o campo, como de atraso, porque desprovido de progresso, por isso seria necessário leva-lo a esse espaço, lugar até então, de *meio de vida* tradicional.

Essas eram vistas como se vivessem em “[...] um tempo histórico diferente: o ‘ainda não’ que é sempre adiado”⁶³⁹ que, porém, permanece enquanto uma promessa, pois mais “[...] classificou e confinou na polarização classificatória, dualista e mecanicista, de ricos e pobres”⁶⁴⁰, como sugere Martins.

Ao se pensar nessa promessa especialmente quanto às facetas dessa, em similares ou nos souvenirs que as mercadorias podem oferecer, Paul Claval afirma que “A transição à modernidade não teria tido a mesma face se não tivesse sido acompanhada pela Revolução Industrial”⁶⁴¹.

Aspecto que também se destaca na imagem do que seja o moderno é a propagação de fábricas e indústrias e, especialmente a partir de 1870-80, de acordo com Paolo S. Labini “[...] os novos meios de transporte (principalmente trens e navios a vapor) alcançam tal desenvolvimento que permite a unificação dos mercados não só a nível nacional, mas também a nível continental e até global”⁶⁴² e associação que a presença dessas transpareça modernidade ou em estranheza maior, que as pessoas se orgulhassem, de acordo com Ernst Jünger, “[...] de trabalhar mais, melhor e mais barato”⁶⁴³, mas que se afirme:

⁶³⁸ HIRATA, Daniel V. **Sobreviver na adversidade**: mercados e formas de vida. São Carlos: EdUFSCar, 2018, p. 28.

⁶³⁹ WAGNER, Peter. Progreso y modernidad: el problema con la autonomía. Trad. Ernesto Rubio. **Sociología Histórica**, Murcia, n. 7, p. 95-120, 2017; p. 96, traduzido: “[...] las sociedades ‘no modernas’ en un tiempo histórico diferente: el ‘aún no’ que siempre queda postergado”.

⁶⁴⁰ MARTINS, José de S. A diferença contra a desigualdade: as identidades sociais dinâmicas. In: CAVALCANTI, Josefa S. B.; WEBER, Silke; DWYER, Tom. (Orgs.). **Desigualdade, diferença e reconhecimento**. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2009a, p. 49-65; p 51.

⁶⁴¹ CLAVAL, Paul. **A geografia cultural**. Trad. Luíz F. Pimenta e Margareth de C. A. Pimenta. 3ª ed. Florianópolis: Editora da UFSC, 2007, p. 345.

⁶⁴² LABINI, Paolo S. **Oligopólio y progreso técnico**. Trad. Enrique Irazoqui. Barcelona: Oikos-Tau, 1966, p. 17, traduzido: “[...] los nuevos medios de transporte (principalmente trenes y barcos de vapor) alcanzan un desarrollo tal que consiente la unificación de los mercados no sólo en el plano nacional, sino también en el plano continental e incluso mundial”.

⁶⁴³ JÜNGER, Ernst. **El trabajador**: dominio y figura. 2ª ed. Trad. Andrés S. Pascua. Barcelona: Tusquets Editores, 1993, p. 235, traduzido: “El extraño resultado a que llegan las revoluciones modernas es que se multiplica el número de las fábricas y que la gente se ufana de trabajar más, mejor y más barato”.

produzem mais e mais *mais-valia* recoletada, salvaguardada e concentrada pelo Estado. Por outro lado, como lembra José Júlio Senna, “[...] a sociedade tradicional já conhecia a agricultura e a indústria artesanal”⁶⁴⁴, da qual se beneficia o desenvolvimento da moderna, o que denota difusão e não que a indústria aos moldes modernos tenha surgido de forma repentina.

Uma outra imagem forte da Modernidade é de “Marx e Engels [que] viram o capitalismo como uma espécie de trem em fuga ou bola de demolição, demolindo a sociedade e a cultura tradicionais”⁶⁴⁵.

Há autores que avistam no edificar da Modernidade forte correspondência com a consolidação do Estado no período moderno. De acordo com Paul Claval, se aprendeu a viver da forma que o Estado-nação exige, dentro de um território e as associações que buscam homogeneizar as populações sob símbolos, língua. É o Estado, o grande uno, o *big brother* como aponta George Orwell⁶⁴⁶.

Pois “As construções políticas modernas, os Estados, nasceram da fusão de diversas populações. Elas precisaram renunciar, unindo-se [...] e precisaram aprender a viver com territorialidades polarizadas que permitem justaposições ou encaixes”⁶⁴⁷.

Georg Lukács vê nesta junção, na linha do entendimento de Max Weber, “[...] uma forte semelhança entre o Estado moderno e o empreendimento capitalista”⁶⁴⁸, portanto esta outra forma de viver que auxilia na formatação que a Modernidade impõe a tradição, que exigirá, quando não extinta, adaptações. Nessa linha, Giuseppe Vacca afirma que “A base do Estado-nação é a moderna ‘divisão do trabalho’ entre cidade e campo”⁶⁴⁹.

Esta ação da Modernidade perante as populações, os Estados que mantêm permanências tradicionais em meio a este clima de mudança que

⁶⁴⁴ SENNA, José J. **Os parceiros do rei: herança cultural e desenvolvimento econômico no Brasil**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Topbooks, 1995, p. 19.

⁶⁴⁵ ANTONIO, Robert J. (Edit.). **Marx and modernity: key readings and commentary**. Malden: Blackwell Publishing, 2003, p. 75, traduzido, com acréscimo: “Marx and Engels saw capitalism as a kind of runaway train or wrecker’s ball demolishing traditional society and culture”.

⁶⁴⁶ ORWELL, George. **1984**. Trad. Alexandre Hubner e Heloisa Jahn. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

⁶⁴⁷ CLAVAL, Paul. O território na transição da pós-modernidade. Trad. Inah V. Lontra, Márcio de Oliveira e Rogério Haesbaer. **GEOgraphia**, Niterói, ano 1, n. 2, p. 7-26, 1999; p. 17.

⁶⁴⁸ LUKÁCS, Georg. **A destruição da razão**. Trad. Bernard H. Hess, Rainer Patriota e Ronaldo V. Fortes. São Paulo: Instituto Lukács, 2020, p. 526.

⁶⁴⁹ VACCA, Giuseppe. **Modernidades alternativas. O século XX de Antonio Gramsci**. Trad. Luiz S. Henriques. Brasília: Fundação Astrojildo Pereira, 2016, p. 277.

varre a Europa, inicialmente, distingue, de acordo com outro autor, não só a formação do Estado moderno, mas também “[...] uma compreensão moderna do eu, capitalismo moderno, ciência moderna, mas em nossa própria necessidade de definir a época moderna”⁶⁵⁰.

Esta luta por autodefinir-se na Modernidade, no entendimento de Ailton Krenak, torna os indivíduos ditos modernos como que viciados, e é um artifício moderno, pois nesta “[...] tentativa de nós, humanos, nos projetarmos em matéria para além de nossos corpos. Isso nos dá sensação de poder, de permanência, a ilusão de que vamos continuar existindo”⁶⁵¹, como no ato fotográfico, que projeta uma imagem para além do tempo que se vive, criando uma ilusão fantástica de poder.

Uma confusão que se estabelece quanto a Modernidade é se sua faceta mais visível (e talvez, confusa) e se dela é maior tributaria ou mesmo condição fundante, é o processo de modernização.

De acordo com Alain Touraine “[...] para entender que este conceito deve ser completamente separado daquele de modernização”⁶⁵², também outra ideia que deve ser desfeita, conforme o autor em outro texto é a de que “[...] a modernização da sociedade moderna é inteiramente endógena”⁶⁵³.

Há os autores que ressaltam uma Modernidade positiva, ou pelo menos incluyente, já que se deveria agradecer⁶⁵⁴ pelo que, no campo do acesso a bens e melhoria em condições de saúde-longevidade, o mundo moderno proporcionou à grande levas da população que antes viviam em condições de pobreza extrema até pelas configurações políticas do antigo regime.

No entanto, para Bronislaw Geremek “A pobreza não foi uma ‘invenção’, não tem certidão de nascimento. Todas as sociedades chamadas históricas evidenciam uma diferenciação das condições materiais e de força física dos

⁶⁵⁰ TURNER, Charles. **Modernity and politics in the work of Max Weber**. London: Routledge, 2005, p. 6, traduzido: “[...] a modern understanding of self, modern capitalism, modern science, but in our very need to define the modern epoch”.

⁶⁵¹ KRENAK, Ailton. **A vida não é útil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020, p. 10.

⁶⁵² TOURAINE, Alain. Modernidad y especificidades culturales. **Revista Internacional de Ciencias Sociales – RICS**, Paris, v. XL, n. 118, p. 469-483, dic., 1988; p. 479, traduzido: “[...] para comprender que este concepto debe separarse por completo del de modernización”.

⁶⁵³ TOURAINE, Alain. Actores sociales y modernidad. In: CALDERÓN, Fernando. (Comp.). **Imágenes desconocidas: la modernidad en la encrucijada postmoderna**. Buenos Aires: CLACSO, 2017, p. 357-365; p. 357, traduzido: “[...] la modernización de la sociedad moderna es enteramente endógena”.

⁶⁵⁴ BREGMAN, Rutger. **Humanidade: uma história otimista do homem**. Trad. Claudio Carina. São Paulo: Planeta, 2021.

homens”⁶⁵⁵, apesar da “[...] dispersão significativa nas pesquisas sobre o tema da pobreza”^{656/657} é provável que, mesmo na Modernidade está tenha se acentuado, a despeito das melhorias antes alegadas, pois para esse sistema a “Exclusão é necessária”⁶⁵⁸ alerta Daniel Dorling.

Por outro lado, a pobreza ou o que sejam, como são vistos os pobres, também pode variar; conforme Gabriel de S. Feltran “[...] a representação moral de um *continuum* entre os pobres, que tem, num polo, o ‘bandido’ a encarcerar e, no outro, o ‘consumidor’ ou o ‘empreendedor’ a inserir via mercado”⁶⁵⁹.

Por outro lado, a condição de pobreza impede a emancipação e faz valer o exposto por Will Durant que “[...] o único sermão da ciência é que toda vida come outra vida e que toda a vida morre. As massas nunca aceitarão a ciência até que lhes dê um paraíso terrestre. Enquanto houver pobreza, haverá deuses”⁶⁶⁰.

Mas, a despeito de tanto progresso quanto ao tratamento da dor na medicina até o século passado, por exemplo, questiona Roselyne Rey “[...] como explicar que os homens continuem sofrendo e que algumas dores rebeldes se choquem com a impotência?”⁶⁶¹.

É por este sentido que, talvez, “O conceito de ‘humanidade’ é uma invenção da modernidade”⁶⁶², mas nem por isso, isenta de permanente culpa o

⁶⁵⁵ GEREMEK, Bronislaw. **Os filhos de Caim**: vagabundos e miseráveis na literatura europeia 1400-1700. Trad. Henryk Siewierski. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p. 20.

⁶⁵⁶ CIMADAMORE, Alberto D. Ciências sociais e pobreza: a busca de um enfoque integrado. In: NOLETO, Marlova J.; WERTHEIN Jorge. (Orgs.). **Pobreza e desigualdade no Brasil**: traçando caminhos para a inclusão social. Brasília: UNESCO, 2003, p. 231-239; p. 234.

⁶⁵⁷ De acordo com Andrés D. Romo “[...] foi somente no final do século XIX e início do XX que a modernidade latino-americana descobriu a existência da pobreza como um problema e a transformou em um motivo incontornável de preocupação”, in: ROMO, Andrés D. **Educación y nación al sur de la frontera**: organizaciones mapuche en el umbral de nuestra contemporaneidad, 1880-1930. Santiago: Pehuén Editores, 2008, p. 70, traduzido: “[...] sólo a fines del siglo XIX y comienzos del XX la modernidad latinoamericana descubre la existencia de la pobreza como un problema y la transforma en un motivo de preocupación ineludible”.

⁶⁵⁸ DORLING, Daniel. **Injustice**: why social inequality persists. Bristol: The Policy Press, 2010, p. 91, traduzido: “Exclusion is necessary”.

⁶⁵⁹ FELTRAN, Gabriel de S. O valor dos pobres: a aposta no dinheiro como mediação para o conflito social contemporâneo. **Caderno CRH**, Salvador, v. 27, n. 72, p. 495-512, set./dez., 2014; p. 498, ênfase no original.

⁶⁶⁰ DURANT, Will. **The mansions of philosophy**: a survey of human life and destiny. Garden City, New York: Garden City Publishing Co., 1929, p. 568, traduzido: “[...] the one sermon of science is that all life eats other life, and that all life will die. The masses will never accept science until it gives them an earthly paradise. As long as there is poverty there will be gods”.

⁶⁶¹ REY, Roselyne. **História da dor**. Trad. Célia Gambini. São Paulo: Editora Escuta, 2012, p. 392.

⁶⁶² DOUZINAS, Costas. As muitas faces do humanitarismo. Trad. Carolina A. Vestena e Helena F. Matos. **Direito & Práxis**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 11, p. 375-424, 2015; p. 376.

ocidental, seu inventor, de “[...] carregar o fardo do homem branco, a obrigação de espalhar civilização, razão, religião e lei à parte bárbara do mundo”, o que resultou em ações, em muitos casos, nada humanitárias⁶⁶³.

Para outros a origem da Modernidade a partir das cidades parece os aproximar, em espécie de consenso, pois é nestas que mais claramente se distingue e se estabelece e se impõe pela violência “[...] uma ordem societária dividindo a população em estratos estritamente separados e hierarquizados”⁶⁶⁴, onde a “A vida de cidadão foi o grande acontecimento” deste momento histórico, de acordo com Emmanuel Levinas⁶⁶⁵.

Neste sentido, ao se associar a urbanização à democracia, que foi o grande “[...] sonho criado pelas grandes revoluções da modernidade, mas não realizado até o presente”⁶⁶⁶, pois se esta nasceu na polis ateniense tanto quanto a Europa é associada a Modernidade.

E, tanto não se realizou, concorda Murray Bookchin que “A era moderna caracteriza-se pela urbanização, degradação do conceito de cidade (*civitas*, corpo político de cidadãos livres) em urbe (conjunto de edifícios, praças, isto é, o fato físico da cidade)”⁶⁶⁷, como trouxe uma série de consequências às camadas pobres da sociedade, principalmente, para Roger Bastide, ao “[...] romper as solidariedades comunitárias”⁶⁶⁸.

Retomando, estas duas entidades, conforme Michael Hardt e Antonio Negri, longe disso, “[...] não são construções unitárias nem pacíficas, mas, ao contrário, desde o início se caracterizam pela luta, pelo conflito, pela crise”⁶⁶⁹.

⁶⁶³ DOUZINAS, Costas. As muitas faces do humanitarismo, p. 417; também informa o autor que “Se os protótipos coloniais eram o administrador missionário e colonial, o pós-colonial é o promotor de campanhas de direitos humanos e o operador de ONGs. **Humanidade substituiu civilização**”, ênfase acrescida.

⁶⁶⁴ SCHMIDT, Volker H. Modernidade e diversidade: reflexões sobre a controvérsia entre teoria da modernização e a teoria das múltiplas modernidades. Trad. Taís Machado e Marcos Amaral. **Revista Sociedade e Estado**, Brasília, v. 26, n. 2, p. 155-183, mai./ago., 2011; p. 168.

⁶⁶⁵ LEVINAS, Emmanuel. **Difícil libertad**: ensayos sobre el judaísmo. Trad. Nilda Prados. Buenos Aires: Lilmod, 2004, p. 237, traduzido: “La vida de ciudadano fue el gran acontecimiento”.

⁶⁶⁶ HARDT, Michael; NEGRI, Antonio. **Multitud**: guerra y democracia en la era del imperio. Trad. Juan A. Bravo. Barcelona: Random House Mondadori, 2004, p. 94, traduzido: “[...] democracia es el sueño creado por las grandes revoluciones de la modernidad, pero no realizado hasta el presente”.

⁶⁶⁷ BOOKCHIN, Murray. **Ecologia social e outros ensaios**. Trad. Antônio C. Franco *et al.* Rio de Janeiro: Achiamé, 2010, p. 45.

⁶⁶⁸ BASTIDE, Roger. **O sagrado selvagem e outros ensaios**. Trad. Dorothee de Bruchard. São Paulo: Companhia das Letras, 2006, p. 265.

⁶⁶⁹ HARDT, Michael; NEGRI, Antonio. **Império**. Trad. Berilo Vargas. 3ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2001, p. 88.

Então, muito mais “[...] pela negociação”⁶⁷⁰, como entende Murilo Sebe Bom Meihy, pois “Onde há fumaça, nem sempre há fogo”.

Nesta linha, outro autor afirma que, como condição inerente ao que se associa de positivo à ideia de modernidade também estão outra série, como “[...] dominação e submissão, opressão e liberdade, ordem e caos, conexão e separação”⁶⁷¹, não obstante, “O acúmulo de conexões na vida cotidiana pode ocorrer em ambientes altamente inesperados”⁶⁷², sugere Mario L. Small, até por isso, acresce Aaron V. Cicourel, se necessita d’ “[...] as características negociadoras e construídas das trocas interpessoais da vida cotidiana”⁶⁷³.

Para outro, este processo levado ao extremo na Europa o faz no mesmo sentido de uma religião ao devotar culto a razão e suas decorrentes fés: “[...] fé no desenvolvimento econômico, no sistema de mercado e no sistema político-jurídico; em sua fé na racionalização da lei e da ordem”⁶⁷⁴. Nesse sentido, na linha do entendimento de Michel Foucault, Jurandir F. Costa assinala que

[...] o século XIX assistiu à invasão progressiva do espaço da lei pela tecnologia da norma. O Estado moderno procurou implantar seus interesses servindo-se, predominantemente, dos equipamentos de normalização, que são sempre inventados para solucionar urgências política⁶⁷⁵.

Portanto, instituíam-se esta fé na racionalidade, que ao negar a fé na tradição e em seus dogmas, para se afirmar não permitia “[...] que nenhuma

⁶⁷⁰ MEIHY, Murilo S. B. **Leão, o africano: a África e o Renascimento vistos por um árabe**. Cotia: Ateliê Editorial, 2017, p. 54.

⁶⁷¹ SALERNO, Roger A. **Landscapes of abandonment: capitalism, modernity, and estrangement**. Albany: State University of New York Press, 2003, p. 35, traduzido: “[...] domination and submission, oppression and freedom, order and chaos, connection and separation”.

⁶⁷² SMALL, Mario L. **Unanticipated gains: origins of network inequality in everyday life**. New York: Oxford University Press, 2009, p. 181, traduzido: “The accumulation of connections in everyday life may occur in highly unexpected settings”.

⁶⁷³ CICOUREL, Aaron V. Procedimientos interpretativos y reglas normativas en la negociación del “status” y rol. Trad. Emilio L. de Espinosa e B. Saravia. **Revista Española de Investigaciones Sociológicas: Reis**, Madrid, n. 19, p. 73-104, jul./sep., 1982a, p. 77, traduzido: “[...] las características negociadoras y construidas de los intercambios interpersonales de la vida cotidiana”.

⁶⁷⁴ HUI, Wang. **The end of the revolution: China and the Limits of modernity**. S./trad. London: Verso, 2009, p. 75, traduzido: “[...] in its faith in economic development, the market system and the legal-political system; in its faith in the rationalization of law and order”.

⁶⁷⁵ COSTA, Jurandir F. **Ordem médica e ordem familiar**. 2ª ed. Rio de Janeiro, Graal, 1983, p. 50-51.

outra cidadela de valor final fosse trabalhada na mentalidade da modernidade”⁶⁷⁶.

A esta nova forma de perceber as coisas positivadas pela amplitude ação racional humana, que se pode associar a “[...] uma ‘racionalização do mundo da vida’”⁶⁷⁷, onde a organização racional do trabalho desempenha decisivo papel. Com a “racionalidade” de concentrar a *mais-valia*. Negando a outra racionalidade possível: a socialização e o compartilhar trabalho, produção e resultados entre todos os humanos.

De acordo com Bryan S. Turner, colocando a ideia que, praticamente toda a vida do ser social esteja sujeita, desde então, a um cálculo racional; a partir de então “A história universal da modernidade é a subordinação de todas as esferas da vida ao domínio abrangente da calculabilidade racional”⁶⁷⁸.

Este cálculo, para outro autor, faz com que “O indivíduo nasce em torno do sangue de sua comunidade”, pois de acordo com Luis Tapia na aventura de autotransformação da Modernidade gera desacertos nas unidades orgânicas, com a “[...] destruição das formas de vida comunais, que produzem ou induzem os processos de individuação e atomização social”⁶⁷⁹.

Mas nem por isso, discorda outro autor, este processo esconde as tensões sociais existentes na adaptação da tradição à modernidade, como se mostra sob o domínio francês na Argélia, o que faz com que as “[...] categorias

⁶⁷⁶ CLEGG, Stewart R. Max Weber and contemporary sociology of organizations. In: RAY, Larry J.; REED, Michael. (Edits.). **Organizing modernity: new weberian perspectives on work, organization and society**. London: Routledge, 1994, p. 46-80; p. 53, traduzido: “Such rationality, when working properly, would allow no other citadels of ultimate value to be crafted in modernity’s mentality”.

⁶⁷⁷ FLEMING, Marie. **Emancipation and illusion: rationality and gender in Habermas’s theory of modernity**. University Park: The Pennsylvania State University Press, 1997, p. 156, traduzido: “[...] a ‘rationalization of the lifeworld’”.

⁶⁷⁸ TURNER, Bryan S. **Max Weber from history to modernity**. London: Routledge, 2002, p. 238, traduzido: “The universal history of modernity is the subordination of all spheres of life to the overarching dominance of rational calculability”

⁶⁷⁹ TAPIA, Luis. **La condición multisocietal: multiculturalidad, pluralismo, modernidad**. La Paz: CIDES-UMSA/ Muela del Diablo Editores, 2002, p. 27, traduzido: “La modernidad es la aventura de la autotransformación social macro histórica a partir de la desintegración de las grandes unidades orgánicas. Es una agregación de los resultados de las nuevas libertades, de las separaciones de las dimensiones de la vida social a la vez que de los encuentros que resultan de la destrucción de las barreras de las sociedades estamentales. El mundo moderno no sólo surge de la destrucción de las barreras estamentales (que resulta de la expansión de la igualdad) sino también de la destrucción de las formas comunitarias de vida, lo que produce o induce los procesos de individuación y atomización social. El individuo nace alrededor de la sangre de su comunidad”.

analíticas monolíticas de ‘colonizador’ e ‘colonizado’⁶⁸⁰ possam ser vistas como não estáticas, como já sugeriu Frantz Fanon⁶⁸¹.

Quanto aos aspectos positivos ou negativos desta transformação que positiva ou mina a ação do indivíduo em sua vida social na comunidade que faz parte, Harvie Ferguson entende que “A tarefa-vital da modernidade é libertar a individualidade única que está dentro de nós”⁶⁸², por outro lado, em oposição, Piotr Kropotkin afirma que este “[...] individualismo desenfreado é um produto moderno, e não uma característica da humanidade primitiva”⁶⁸³; uma grande verdade esquecida, negada, mas sempre presente e querendo voltar. Com esta verdade concorda Murray Bookchin, quando afirma que “A identificação moderna da individualidade com o egoísmo e da personalidade com a neurose foi exagerada”⁶⁸⁴ e, observa-se, levada a extremos.

Por outro lado, para Cornelius Castoriadis não existe individualismo puro, pois este “[...] é, vazio. Os indivíduos supostamente ‘livres para fazer o que querem’ não fazem nada”⁶⁸⁵.

Na linha negativa desta integração à Modernidade, Serge Gruzinski entende que o processo exigiu dos grupos sociais já estabelecidos naquilo que depois se transformará, ao menos na narrativa, na América espanhola, a adaptação à “[...] universos fragmentados e fraturados, a viverem situações precárias, instáveis e imprevisíveis, a se contentarem com intercâmbios quase sempre rudimentares”⁶⁸⁶.

⁶⁸⁰ ABI-MERSHED, Osama W. **Apostles of modernity: saint-simonians and the civilizing mission in Algeria**. Stanford: Stanford University Press, 2010, p. 10, traduzido: “[...] from the monolithic analytical categories of ‘colonizer’ and ‘colonized’”.

⁶⁸¹ FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Trad. Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

⁶⁸² FERGUSON, Harvie. **Melancholy and the critique of modernity: Søren Kierkegaard’s religious psychology**. London: Routledge, 1995, p. 24, traduzido: “The life-task of modernity is to liberate the unique individuality which lies within us”.

⁶⁸³ KROPOTKIN, Piotr. **Ajuda mútua: um fator de evolução**. Trad. Waldyr Azevedo Jr. São Sebastião: A Senhora Editora, 2009, p. 79.

⁶⁸⁴ BOOKCHIN, Murray. **Urbanization without cities: the rise and decline of citizenship**. Montréal/ New York: Black Rose Books, 1992, p. 79, traduzido: “The modern identification of individuality with egotism and personality with neurosis has been overindulged”.

⁶⁸⁵ CASTORIADIS, Cornelius. Le délabrement de l’Occident (propos recueillis par Olivier Mongin, Joël Roman and Ramin Jahanbegloo). **Esprit**, Paris, n. 177, v. 12, p. 36-54, déc., 1991; p. 40, traduzido: “Car il ne peut pas y avoir d’individualisme pur, c’est-à-dire vide. Les individus prétendent ‘libres de faire ce qu’ils veulent’ ne font pas rien”.

⁶⁸⁶ GRUZINSKI, Serge. **O pensamento mestiço**. Trad. Rosa F. d’Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras, 2001, p. 92.

Onde sofrem prejuízos significativos em relação aos espanhóis que chegam ao continente americano, pois conforme Nicos P. Mouzelis “[...] a inclusão/integração das partes diferenciadas pode assumir uma variedade de formas institucionais”⁶⁸⁷.

Estas formas que se institucionalizaram via metrópoles sobre as colônias fez consolidar ficções como a do mérito individual conforme critica Jessé Souza, pois é desta forma que “[...] a desigualdade social permanente que vemos é [vista como] ‘justa’, posto que decorrente do esforço e inteligência de indivíduos mais capazes”⁶⁸⁸, o que mantém e legitima, por parte da sociedade, uma série de desigualdades.

Uma outra forma de ver a Modernidade é associá-la a ideia de progresso, sem em amplitude e, notadamente em direção contrária àquelas sociedades que não possuem as tais características modernas.

Neste sentido, para Robert Nisbet esta ideia de progresso se refere a humanidade como um todo “[...] não tanto a um povo ou nação”⁶⁸⁹. No entanto essa doutrina, por assim dizer, gerou consequências, como a finitude de recursos ambientais que até foram suficientes para *modernizar* alguns países, mas não para “[...] sustentar o consumo do grande número de países que estão atualmente tentando”⁶⁹⁰ adentrar a este padrão.

Quanto ao consumo e a esta forma como a Modernidade estimula os indivíduos a adentrar este mundo, através do estímulo e “[...] aceitação do

⁶⁸⁷ MOUZELIS, Nicos P. **Modern and postmodern social theorizing: bridging the divide**. Cambridge: Cambridge University Press, 2008, p. 156, traduzido: “In fact, the inclusion/integration of the differentiated parts can take a variety of institutional forms”.

⁶⁸⁸ SOUZA, Jessé. As classes sociais e o mistério da desigualdade brasileira. In: Fundação Perseu Abramo e Fundação Friedrich Ebert. (Orgs.). **Classes? Que classes? Ciclo de debates sobre classes sociais**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo e Fundação Friedrich Ebert, 2013, p. 53-64; p. 53, com acréscimo.

⁶⁸⁹ NISBET, Robert. **Historia de la idea de progreso**. Trad. Enrique Hegewicz. 3ª reimpr. Barcelona: Editorial Gedisa, 1998, p. 94, traduzido: “[...] la idea de progreso se refiere en el mundo moderno no tanto a un pueblo o a una nación sino al conjunto de lo que nosotros entendemos por humanidad”.

⁶⁹⁰ NISBET, Robert. **Historia de la idea de progreso**, p. 468, traduzido: “[...] no lo son para sostener el consumo del gran número de países que actualmente tratan febrilmente de ‘modernizarse’”.

consumo como um constituinte do projeto individual”⁶⁹¹ mesmo que o mercado não vá trilhar o mesmo caminho ou o mesmo tempo deste desenvolvimento.

Aliás, para outro autor, se se pensar em ideia de crise da Modernidade, deve-se, ao menos em parte, pensar que foi pela “[...] necessidade insaciável do mundo moderno por um progresso econômico impulsionado pela tecnologia”⁶⁹² que se revela insustentável, porque baseada “[...] na linearidade (extração – consumo – descarte)”⁶⁹³, os suicídios sociais, como ainda é a essência do consumo, advoga Jutta Gutberlet.

Este arremate da ideia de progresso (que arremata e mata) que avança sobre a sociedade tem na ciência uma aliada, “[...] a história da ciência é geralmente uma história do progresso”⁶⁹⁴ e nesta caminhada, tendo-a como uma produtora e disseminadora, Modernidade e progresso galgam etapas com um mesmo propósito, qual seja, “[...] o objetivo de atingir um certo nível de ‘civilização’”⁶⁹⁵ ou como sugere Oscar del Barco: “Os ‘marxistas’ sustentavam que as máquinas e a ciência iam salvar a humanidade, eles acreditavam que a história está avançando em direção a um paraíso terrestre”⁶⁹⁶.

Para outros autores capitalismo e ciência, dita moderna, caminham lado a lado, “[...] em paralelo”⁶⁹⁷ em ações que favorecem o alvorecer de espécie de fábrica do mundo, como “[...] a expressão *fabrica mundi* no título do *Atlas* de

⁶⁹¹ WOTTLE, Martin. What’s new? Legal discourse on second-hand goods in early nineteenth-century Stockholm. In: STOBART, Jon; DAMME, Ilja van. (Edits.). **Modernity and the second-hand trade: european consumption cultures and practices, 1700-1900**. New York: Palgrave Macmillan, 2010, p. 19-36; p. 22, traduzido: “[...] the recognition of the individual and thus an acceptance of consumption as a constituent of the individual project”.

⁶⁹² SIM, Stuart. **The end of modernity: what the financial and environmental crisis is really telling us**. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2010, p. IX, traduzido: “Modernity, [...] insatiable need for technologically driven economic progress has finally been revealed as unsustainable”.

⁶⁹³ GUTBERLET, Jutta. Prefácio. In: GONÇALVES-DIAS, Sylmara L. F.; SAKURAI, Tatiana; ZIGLIO, Luciana. (Orgs.). **Catadores e espaços de (in)visibilidades**. São Paulo: Blucher, 2020, p. 11-14; p. 13.

⁶⁹⁴ POPPER, Karl R. **El mito del marco común: en defensa de la ciencia y la racionalidad**. Trad. Marco A. Galmarini. Barcelona: Paidós Ibérica, 1997, p. 31, traduzido: “[...] la historia de la ciencia es en general una historia de progreso”.

⁶⁹⁵ BRYANT, Rebecca. On the condition of postcoloniality in Cyprus. In: PAPADAKIS, Yiannis; PERISTIANIS, Nicos; WELZ, Gisela. (Edits.). **Divided cyprus: modernity, history, and an island in conflict**. Bloomington: Indiana University Press, 2006, p. 47-65; p. 61, traduzido: “[...] the goal of achieving a certain level of ‘civilization’”.

⁶⁹⁶ DEL BARCO, Oscar. **El otro Marx**. Culiacán: Universidad Autónoma de Sinaloa, 1983, p. 195, traduzido: “Los ‘marxistas’ sostuvieron que las maquinas y la Ciencia iban a salvar la humanidad, creyeron que la historia avanza hacia un paraíso terrenal”.

⁶⁹⁷ SOHN-RETHEL, Alfred. **Intellectual and manual labour: a critique of epistemology**. New Jersey: Humanities Press, 1978, p. 74, traduzido: “The rise of modern science ran parallel with the rise of modern capitalism”.

Mercator”⁶⁹⁸ que colocam o mundo moderno “[...] em favor de uma lógica produtiva estendida à escala planetária”⁶⁹⁹.

De forma acelerada, pois conhece-se, de acordo com Reinhart Koselleck, “[...] a aceleração como um conceito empírico da modernidade”⁷⁰⁰.

Enxergando desta forma, como se constitui a Modernidade, o sociólogo Hartmut Rosa avulta que a “[...] individualização, diferenciação, racionalização, domesticação e aceleração”⁷⁰¹ são as principais forças deste movimento⁷⁰².

Outro autor reconhece esta característica da aceleração no estágio atual, que prolonga e acelera, da mesma forma que torna complexo “[...] os efeitos da modernidade tal como foi concebida nos séculos XVIII e XIX”⁷⁰³.

Muitos argumentam a respeito da terra arrasada da Modernidade sobre a tradição. Para o sociólogo Anthony Giddens “A idéia de que a tradição é impermeável à mudança é um mito”⁷⁰⁴; antes dele, Michael Kaye expôs quanto à tradição que tanto “[...] para o velho, como para o novo, precisamos seguir a atitude de experimentar; sempre temos que manter a mente aberta”⁷⁰⁵, tendo portanto, que a tradição sempre possui abertura.

⁶⁹⁸ MEZZADRA, Sandro; NEILSON, Brett. **La frontera como método**: o la multiplicación del trabajo. Trad. Verónica Hendel. Madrid: Traficantes de Sueños, 2017, p. 51, traduzido: “[...] la expresión *fabrica mundi* en el título del *Atlas* de Mercator”.

⁶⁹⁹ ESPOSITO, Roberto. **Confines de lo político**: nueve pensamientos sobre política. Trad. Pedro L. L. de Guevara. Madrid: Editorial Trotta, 1996, p. 90, traduzido: “[...] la Modernidad marca el incipiente final en favor de una lógica productiva extendida a escala planetaria”.

⁷⁰⁰ KOSELLECK, Reinhart. ¿Existe una aceleración de la historia? Trad. Peter Storandt. In: BERIAIN, Josetxo; AGUILUZ, Maya. (Edits.). **Las contradicciones culturales de la modernidad**. Barcelona: Anthropos Editorial, 2007, p. 319-345; p. 336, traduzido: “[...] hemos conocido la aceleración como concepto empírico de la modernidad”.

⁷⁰¹ ROSA, Hartmut. Social acceleration: ethical and political consequences of a desynchronized high-speed society. In: ROSA, Hartmut; SCHEUERMAN, William E. (Edits.) **High-speed society: social acceleration, power, and modernity**. University Park: y The Pennsylvania State University Press, 2009, p. 77-112; p. 97, traduzido: “[...] the defining forces of modernity (individualization, differentiation, rationalization, domestication, and acceleration)”.

⁷⁰² No entanto, para outros autores, esta tríade seria diversa e, provavelmente com outros efeitos: “Perplexidade, incerteza e insegurança - a tremenda trindade da modernidade”, in: BAUMAN, Zygmunt; DONSKIS, Leonidas. **Ceguera moral**: la pérdida de sensibilidad en la modernidad líquida. Trad. Antonio F. R. Esteban. 3ª impr. Barcelona: Paidós, 2017, p. 220-221, traduzido: “La perplejidad, la incertidumbre y la inseguridad – la tremenda trinidad de la modernidad”.

⁷⁰³ AUGÉ, Marc. **El tiempo en ruinas**. Trad. Tomás F. Aúz y Beatriz Eguibar. Barcelona: Editorial Gedisa, 2003, p. 59, traduzido: “[...] que prolongaba, aceleraba y complicaba los efectos de lamodernidad tal como fue concebida en los siglos XVIII y XIX”.

⁷⁰⁴ GIDDENS, Anthony. **Mundo em descontrol**. Trad. Maria L. X. de A. Borges. 6ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2007, p. 51.

⁷⁰⁵ KAYE, Michael. Tradition. **Philosophy**, Cambridge, v. 7, n. 25, p. 68-75, jan., 1932; p. 75, traduzido: “[...] to the old, as to the new, we need to go in the attitude of experiment; always we have to retain an open mind to rise”.

Pois elas também podem se transformar ou mesmo alteradas, podem evoluir ao longo do tempo, até mesmo porque a Modernidade, mantém “[...] o resto de uma visão teológica”⁷⁰⁶.

Por outro lado, em alguns aspectos, ela mitiga “[...] as oposições entre o antigo e o contemporâneo e entre o distante e o próximo”⁷⁰⁷ em que pese as permanências.

Conforme Arno J. Mayer, a transformação das mentalidades europeias se desenvolve de forma lenta e, o que é mais visível é o “[...] enraizamento contínuo e aliança com o antigo regime”⁷⁰⁸ prevalecendo a *força da tradição*.

Para outros autores, é a noção de tempo diverso que também institui a Modernidade, como “[...] um panóptico cuja torre é o olho onisciente do tempo; é um mecanismo”⁷⁰⁹, onde uns são os motores e outros são as vítimas deste tempo, pois os segundos vivem “[...] forma primária de *diferenciação* [que] é a *diferenciação funcional*, em contraste com a *diferenciação estratificatória* do mundo tradicional”⁷¹⁰, conforme o entendimento de Armin Nassehi; ou ainda mais perdidos no tempo atual, pois conforme Hannah Arendt, devido a “[...] perda de nossas ferramentas de entendimento”⁷¹¹, que antes, possivelmente, estavam associadas à tradição.

Uma das formas de estratificar esta sociedade se dá pela cultura, em amplitude antes não vista, o padrão europeu se impõe, em “[...] seu insaciável

⁷⁰⁶ LUPTON, Julia R. Creature Caliban. **Shakespeare Quarterly**, Washington, v. 51, n. 1, p. 1-23, spring, 2000; p. 21, traduzido: “[...] the remainder of a theological visio”.

⁷⁰⁷ PAZ, Octavio. **Los hijos del limo**: del romanticismo a la vanguardia. 3ª ed. Barcelona: Editorial Seix Barral, 1990, p. 21, traduzido: “[...] borra las oposiciones entre lo antiguo y lo contemporáneo y entre lo distante y lo próximo”.

⁷⁰⁸ MAYER, Arno J. **A força da tradição**: a persistência do Antigo Regime (1848-1914). Trad. Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 1987, p. 24.

⁷⁰⁹ MENDIETA, Eduardo. La geografía de la utopía: regímenes espacio-temporales de la modernidad. **Cuadernos Americanos**, México, D.F., nueva época, año XII, v. 1, n. 67, p., ene./feb., de 1998; p. 248, traduzido: “[...] un panóptico cuya torre es el ojo omnisciente del tiempo; es un mecanismo”.

⁷¹⁰ NASSEHI, Armin. **Differenzierungsfolgen**: beiträge zur soziologie der moderne. Wiesbaden: Springer Fachmedien, 1996, p. 14, ênfase no original, com acréscimo, traduzido: “Im Falle der modernen Gese llschaft liegt die primare *Differenzierungsform* der *funktionalen Differenzierung* vor, im Unterschied zur *stratifikatorischen Differenzierung* der traditionellen Welt”.

⁷¹¹ ARENDT, Hannah. **De la historia a la acción**. Trad. Fina Birulés. Barcelona: Ediciones Paidós Ibérica, 1995, p. 35, traduzido: “[...] pérdida de nuestras herramientas de comprensión”.

imperialismo cultural”⁷¹², até por isso, a Modernidade pode ser vista como “[...] uma cultura do risco”⁷¹³, de acordo com Anthony Giddens.

Mas nem por isso que a vida em sociedade seja mais arriscada do que antes, até porque “A vida mudou, até o último motivo, e continua mudando de novo, a cada dia, inquieta e instável”⁷¹⁴, sugere Hermann Bahr. Por isso, a percepção, o viver nesta sociedade, com riscos, constitui-se em aventura “[...] *profunda e intrinsecamente sociológica*”⁷¹⁵.

Por outro lado, para Erving Goffman “Na vida cotidiana, riscos e oportunidades normalmente ocorrem juntos, e em todas as combinações”⁷¹⁶. E, conforme expõem outros autores: “Não devemos esquecer que existe na vida cotidiana uma fragilidade e uma ansiedade que podem levá-lo a qualquer momento à confusão, até ao horror”⁷¹⁷. Nesse sentido, afirma Pedro Demo que “Como não damos conta da vida, pois somos seres descartáveis e frágeis, o ser humano recorre aos artifícios possíveis para se tranquilizar”⁷¹⁸, como os simulacros da vida moderna.

Para aqueles que interpretam o ataque decisivo da Modernidade à tradição como Talcott Parsons, o enxergam em uma série de condições, como o enfraquecimento do “[...] esquema atributivo da monarquia, da aristocracia, das igrejas oficiais; na economia, limitou o domínio familiar e o localismo, a tal ponto que já deixaram de exercer influência”⁷¹⁹, a ponto de enfraquecer o papel do indivíduo com o estímulo ao individualismo “[...] e a regressão e ênfase no

⁷¹² MÁRKUS, György. **Culture, science, society**: the constitution of cultural modernity. Leiden: Brill, 2011, p. 66, traduzido: “[...] incredible openness of modernity or of its insatiable cultural imperialism”.

⁷¹³ GIDDENS, Anthony. **Modernidade e identidade**. Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002, p. 11.

⁷¹⁴ BAHR, Hermann. **Kritische schriften II. Die überwindung des naturalismus**. Weimar: VDG, 2004, p. 12, traduzido: “Das Leben hat sich gewandelt, bis in den letzten Grund, und wandelt sich immer noch aufs neue, alle Tage, rastlos und unstät”.

⁷¹⁵ GIDDENS, Anthony. **The consequences of modernity**. 6ª repr. Cambridge: Polity Press, 1996, p. 43, ênfase no original, traduzido: “*Modernity is itself deeply and intrinsically sociological*”.

⁷¹⁶ GOFFMAN, Erving. **Ritual de interação**: ensaios sobre o comportamento face a face. Trad. Fábio R. R. da Silva. Petrópolis: Vozes, 2011, p. 145.

⁷¹⁷ SHERINGHAM, Michael; BLANC, Guillaume le; BÉGOU, Bruce. Le quotidien: une expérience impensable? **Esprit**, Paris, n. 367 (8/9), p. 78-98, août./sep., 2010; p. 91, traduzido: “Il ne faut pas oublier qu’il y a dans le quotidien une fragilité et une inquiétude qui peuvent le faire basculer à tout instant dans le trouble, voire l’horreur”.

⁷¹⁸ DEMO, Pedro. **Pós-sociologia - para desconstruir e reconstruir a sociologia**. Brasília: Universa, 2009, p. 37.

⁷¹⁹ PARSONS, Talcott. **O sistema das sociedades modernas**. Trad. Dante M. Leite. São Paulo: Pioneira, 1974, p. 107.

'hic et nunc' ('aqui e agora')⁷²⁰, mas a partir de "[...] arranjos institucionais complexos", como afirma Armin Nassehi⁷²¹, a partir do domínio do método que "[...] estará sempre envolvido no pensamento moderno"⁷²².

O advento da Modernidade possui as mais diversas percepções. Através da *Revista Moderna* no México os modernistas daquele país percebiam a entrada no processo "[...] como se olha no alargamento de um rio, entre a esperança e o medo que desperta o que nunca se ouviu"⁷²³.

Para outro autor o que ocorre é "[...] o holocausto extático da racionalidade indígena, embora o que a substitua seja uma imitação vulgar da angústia inatingível do ocidental industrial"⁷²⁴, passando então "[...] do Um ao Outro⁷²⁵, estabelecendo uma dialética da opressão e da diferença"⁷²⁶ fazendo uso da geopolítica da referência.

Nesta lógica, David T. Goldberg afirma que "[...] a razão moral da modernidade foi colonizada pelo discurso racializado, suas diferenciações e determinações assumindo ao mesmo tempo a força de discriminação"⁷²⁷,

⁷²⁰ KIM, Kwang-Ki. **Order and agency in modernity**: Talcott Parsons, Erving Goffman, and Harold Garfinkel. Albany: State University of New York Press, 2003, p. 1, traduzido: "[...] and the regression into, and emphasis upon, the 'hic et nunc' ('here and now')".

⁷²¹ NASSEHI, Armin. **Soziologie**: zehn einführende vorlesungen. Wiesbaden: Verlag, 2008, p. 96, traduzido: "[...] der Entstehung von komplexen Organisationsarrangements verbunden".

⁷²² BLUMENBERG, Hans. **La legitimación de la Edad Moderna**. Ed. cor. y aum. Trad. Pedro Madrigal. Valencia: Pre-Textos, 2008, p. 494, traduzido: "[...] la caza como ese perseguir el conocimiento que, bajo el dominio del concepto de método, irá implicada siempre en el pensamiento moderno".

⁷²³ SABORIT, Antonio. El club modernista. Relatos de una pasión americana. S./trad. In: CHARTIER, Roger; FEROS, Antonio. (Dirs.). **Europa, América y el mundo**: tiempos históricos. Madrid: Marcial Pons, 2006, p. 281-309; p. 309, traduzido: "[...] como se mira aumentar el ensanche de un río, entre la esperanza y el pavor que concita lo inaudito".

⁷²⁴ LINERA, Álvaro G. **La potencia plebeya**: acción colectiva e identidades indígenas, obreras y populares en Bolivia. 2ª ed. Bogotá: Siglo del Hombre; Buenos Aires: Editores y Clacso, 2009, p. 251, traduzido: "[...] la modernidad es el extático holocausto de la racionalidad indígena, aunque lo que la sustituya sea un vulgar remedo de las inalcanzables angustias del occidental industrial".

⁷²⁵ Para outro autor, "O dualismo moderno e sua divisão ontológica não operam em contexto ameríndio. Em vez da distinção rígida entre natureza e cultura – que se desdobra frequentemente na separação entre bárbaros e civilizados, nós e eles – tais abordagens privilegiam o conceito de naturezas-culturas. As cosmologias ameríndias trazem o questionamento das divisões entre, de um lado, política e religião e, de outro, entre política e natureza", in: TIBE, Jean. **Marx selvagem**. São Paulo: Annablume, 2013, p. 121.

⁷²⁶ PÉREZ-AGOTE, Jose M. Redescrpción del concepto clásico de modernidad. **Sociología Histórica**, Murcia, n. 7, p. 11-40, 2017; p. 13, traduzido: "[...] la modernidad pasa de ser lo Uno a ser lo Otro estableciendo dialécticas de opresión y diferencia".

⁷²⁷ GOLDBERG, David T. Modernity, race, and morality. **Cultural Critique**, Minneapolis, n. 24, p. 193-227, spring, 1993; p. 224, traduzido: "[...] the moral reason of modernity has been colonized by racialized discourse, its differentiations and determinations assuming at once the force of discrimination".

quando ocorre, para Muniz Sodré, “[...] a universalização racionalista do conceito de homem que inaugura, no século XIX, o racismo doutrinário”⁷²⁸.

Para aqueles que entendem esta transformação que se estabelece com a Modernidade, se desenvolve uma necessidade radical “[...] que não pode ser integrada ao capitalismo”⁷²⁹ porque amparada e fomentada por contradições, mas mesmo assim montada na promessa que foi “[...] *última das meta-histórias que o Ocidente deixou*”⁷³⁰ que as mudanças de mobilidade, por exemplo, estariam acessíveis a todos.

Por outro lado, para Peter Wagner a própria modernidade vem se transformando e, em algum sentido positivo conforme ele, principalmente nos acessos à cidadania fora do círculo da fase inicial moderna, e “[...] essas transformações emergem da articulação da crítica e da crise ao lidar com desenvolvimentos problemáticos dentro da modernidade”⁷³¹.

Há autores que questionam o olhar que vê na Modernidade e suas conquistas como um processo eminentemente europeu, isso mais “[...] revela estreiteza de pensamento e etnocentrismo”⁷³² e, de forma mais acentuada, para Aníbal Quijano, mais aparece o “[...] espelho borrado da dominação”⁷³³.

Para outro autor, este predomínio é mais escancarado, sem rodeios:

⁷²⁸ SODRÉ, Muniz. **A verdade seduzida**: por um conceito de cultura no Brasil. 3. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005, p. 27.

⁷²⁹ ROVATTI, Pier A. Prólogo. In: HELLER, Agnes. **Teoría de las necesidades en Marx**. Trad. José F. Yvars. 2ª ed. Barcelona: Ediciones Península, 1986, p. 5-18; p. 12, traduzido: “La necesidad radical es esa necesidad no integrable en el capitalismo que se desarrolla contradictoriamente durante el desarrollo mismo del capitalismo”.

⁷³⁰ ROBLES, Fernando. Epistemologías de la modernidad: entre el etnocentrismo, el racionalismo universalista y las alternativas latino-americanas. **Cinta de Moebio**, Santiago, n. 45, p. 169-203, dic., 2012; p. 170, ênfase no original, traduzido: “*La modernidad es el último de los metarelatos que a Occidente le va quedando*”.

⁷³¹ WAGNER, Peter. Successive Modernities and the Idea of progress: a first attempt. **Distinktion: Scandinavian Journal of Social Theory**, Abingdon, v. 11, n. 2, p. 9-24, 2010a; p. 21, traduzido: “[...] those transformations emerge from the articulation of critique and crisis in dealing with problematic developments within modernity”.

⁷³² SONNTAG, Heinz R.; ARENAS, Nelly. Lo global, lo Local, lo híbrido: aproximaciones a una discusión que comienza. **Gestión de las Transformaciones Sociales MOST – UNESCO**, París, d. 6, p. 1-25, 1995; p. 17, traduzido: “El pensar la modernidad como proceso endógeno de Europa revela estrechez de pensamiento y etnocentrismo”.

⁷³³ QUIJANO, Aníbal. Modernidad, identidad y utopía en América Latina. In: CALDERÓN, Fernando. (Comp.). **Imágenes desconocidas**: la modernidad en la encrucijada postmoderna. Buenos Aires: CLACSO, 2017, p. 29-45; p. 34-35, traduzido: “La modernidad sería, en adelante, vista casi exclusivamente a través del enturbiado espejo de la dominación. Había comenzado la era de la ‘modernización’. Esto es, la transformación del mundo, de la sociedad, según las necesidades de la dominación”.

Embora tenha se projetado a si próprio como trans-histórico e transnacional, como a força transcendente e universalizadora da modernização e da modernidade, o capitalismo global é, na verdade, um processo de ocidentalização – a exportação das mercadorias, dos valores, das prioridades, das formas de vida ocidentais. Em um processo de desencontro cultural desigual, as populações “estrangeiras” têm sido compelidas a ser os sujeitos e os subalternos do império ocidental, ao mesmo tempo em que, de forma não menos importante, o Ocidente vê-se face a face com a cultura “alienígena” e “exótica” de seu “Outro”. A globalização, à medida que dissolve as barreiras da distância, torna o encontro entre o centro colonial e a periferia colonizada imediato e intenso⁷³⁴.

Em discordância, para além da ideia de ser um projeto eminentemente europeu a partir de valores da Ilustração, do Renascimento e que geraram progresso sem medida calcado na razão, este projeto seria, em verdade, “[...] não um, mas muitos’, não (apenas) ocidental, mas também se manifesta em formações sincréticas distintas em diversos locais não ocidentais de encontros coloniais e pós-coloniais”⁷³⁵.

Shmuel N. Eisenstadt segue linha aproximada a este entendimento ao propor que foi justamente a “A confluência da consciência da existência de diferentes ideologias e possibilidades institucionais com as tensões e contradições inerentes ao programa cultural e político da modernidade

⁷³⁴ ROBINS, Kevin. Tradition and translation: national culture in its global context. In: COMER, John; HARVEY, Sylvia. (Edits.). **Enterprise and heritage: crosscurrents of national culture**. London: Routledge, 1991, p. 21-43; p. 25, traduzido: “For all that it has projected itself as transhistorical and transnational, as the transcendent and universalizing force of modernization and modernity, global capitalism has in reality been about westernization – the export of western commodities, values, priorities, ways of life. In a process of unequal cultural encounter, ‘foreign’ populations have been compelled to be the subjects and subalterns of western empire, while, no less significantly, the west has come face to face with the ‘alien’ and ‘exotic’ culture of its ‘Other’. Globalization, as it dissolves the barriers of distance, makes the encounter of colonial centre and colonized periphery immediate and intense”.

⁷³⁵ MARTIN, Fran; HEINRICH, Larissa. Introduction to part I. In: MARTIN, Fran; HEINRICH, Larissa. (Edits.). **Embodied modernities: corporeality, representation, and chinese cultures**. Honolulu: University of Hawai‘i Press, 2006, p. 3-20; p. 9, traduzido: “[...] is in practice ‘not one but many’, not (only) western but also manifest in distinct syncretic formations across the diverse non-western sites of colonial and postcolonial encounters”.

constituíram o [seu] núcleo”, da mesma forma que fomentou a “[...] cristalização de diferentes padrões da modernidade, de múltiplas modernidades”⁷³⁶.

Esta ideia de que sejam múltiplas as modernidades existentes e/ou efetivadas ganham razão de sentido ao se observar o seu início, quando a noção de fronteira ganha estabilidade⁷³⁷ de acordo com Sandro Mezzadra, mas, ao mesmo tempo favorece “[...] infinitas tensões e contradições”⁷³⁸ no início da Modernidade.

Contradições que, segundo outros autores, permaneceram e tensionaram em diversas direções, o que permite se pensar na ideia de crise, de fim do projeto da Modernidade. Nesse sentido, assegura Niklas Luhmann

Pertencente às peculiaridades da autodescrição da sociedade moderna está o fato de que também ela ainda precisa de “modernização”. Assim como tenta sugerir aos indivíduos que eles não são apenas reais, mas também precisam se realizar, da mesma forma que a teoria da sociedade moderna parece partir da ideia de que a sociedade moderna ainda não é moderna e que – por assim dizer – ela deve se esforçar para finalmente se tornar moderna⁷³⁹.

Mas um aspecto, ao se discutir Modernidade, que precisa ser pensada, é a disparidade abissal que existe entre o Norte (moderno) e Sul (pouco desenvolvido, explorado, empobrecido etc.). É essa lógica abissal que muitos veem e sentem agora na pele, durante a pandemia, que pode expor “A

⁷³⁶ EISENSTADT, Shmuel N. La dimensión civilizadora de la modernidad. La modernidad como una forma concreta de civilización. Trad. Antonio Elena. In: BERIAIN, Josetxo; AGUILUZ, Maya. (Edits.). **Las contradicciones culturales de la modernidad**. Barcelona: Anthropos Editorial, 2007, p. 260-286; p. 269, traduzido: “La confluencia de la conciencia de la existencia de diferentes ideologías y posibilidades institucionales con las tensiones y contradicciones inherentes al programa cultural y político de la modernidad constituyó el núcleo [...] la cristalización de diferentes patrones de modernidad, de modernidades múltiples”.

⁷³⁷ MEZZADRA, Sandro. Multiplicação das fronteiras e práticas de mobilidade. Trad. Equipe CSEM. **REMHU – Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana**, Brasília, ano XXIII, n. 44, p. 11-30, jan./jun., 2015; p. 22.

⁷³⁸ MEZZADRA, Sandro. **La cocina de Marx**: el sujeto y su producción. Trad. Diego Picotto. Buenos Aires: Tinta Limón, 2014, p. 24, traduzido: “[...] el origen en la modernidad de infinitas tensiones y contradicciones”.

⁷³⁹ LUHMANN, Niklas. **La sociedad de la sociedad**. Trad. Javier T. Nafarrate. México, D.F.: Editorial Herder/ Universidad Iberoamericana, 2006, p. 857, traduzido: “Pertenece a las peculiaridades de la autodescripción de la sociedad moderna el hecho de que también ella todavía necesita ‘modernización’. Así como se intenta sugerir a los individuos que no sólo son reales sino que además necesitan autorrealizarse, del mismo modo la teoría de la sociedad moderna parece partir de la idea de que la sociedad moderna todavía no es moderna y que – por decirlo así – debe esforzarse a sí misma para llegar finalmente a ser moderna”.

unificação microbiana do mundo”⁷⁴⁰. Nesse sentido, lembra Martine Droulers que a fronteira em José de Souza Martins é vista como “[...] a zona que separa a civilização da ‘barbárie’ onde dois mundos colidem e onde as diferenças e desigualdades resultantes da alteridade geram conflitos”⁷⁴¹. E caso for na Modernidade, esta barbárie poderá ser “[...] mais nefasta do que qualquer outra”⁷⁴², atesta Enrico Berlinguer.

Enquanto os países do Norte já vacinaram toda a sua população, até com a terceira dose, os países do Sul (leia-se América Latina, África e parte da Ásia e do Oriente Médio) nem sequer vacinas para a primeira dose têm. Esse é o grande abismo da modernidade, é *a cruel pedagogia do vírus*, como alerta Boaventura de Sousa Santos⁷⁴³.

⁷⁴⁰ BERLINGUER, Giovanni. **Bioética cotidiana**. Trad. Omar A. Salas. México, D.F.: Siglo XXI Editores, 2002, p. 177, traduzido: “La unificación microbiana del mundo”.

⁷⁴¹ DROULERS, Martine. Frontières au Brésil, changement de sens (Frontiers in Brazil, new orientations). **Bulletin de l'Association de géographes français**, Paris, 76e année, n. 3, p. 250-259, sep., 1999; p. 252, traduzido: “[...] la zone qui sépare la civilisation de la ‘barbarie’ où se heurtent deux mondes et où différences et inégalités issues de l’altérité génèrent des conflits”.

⁷⁴² BERLINGUER, Enrico. **Democracia, valor universal**. Trad. Marco Mondaini. Brasília: Fundação Astrojildo Pereira, Rio de Janeiro: Contraponto, 2009, p. 119.

⁷⁴³ SANTOS, Boaventura de S. **A cruel pedagogia do vírus**. Coimbra: Edições Almedina, 2020.

Capítulo 4: MODERNIDADE, HISTÓRIA, TEMPO E COTIDIANO

4.1 Modernidade

4.1.1 Uma certa ideia de Modernidade

Ao pensar o Brasil atual, suas transformações e suas permanências, as temporalidades (os diferentes tempos históricos que convivem) que expõem o perfil da Modernidade brasileira, a história enquanto um constructo intelectual e até mesmo moral, se beneficia sobremaneira, pois “Conhecer o passado ajuda às vezes a entender o presente”⁷⁴⁴.

Em relação a modernidade brasileira, mencionam-se mais os aspectos considerados positivos; nesse sentido, Renato Ortiz afirma que “Os indícios de modernidade são atualmente indiscutíveis: satélites, indústria cultural, mercado de massa, computadores, aviões, estradas de rodagem, portos, agronegócios, fibras óticas, poluição etc.”⁷⁴⁵.

Em meio ao mar de positividade, a poluição. Que na modernidade pode ser sonora ou visual, quando a publicidade e a propaganda dominam a produção de signos, do que os indivíduos desejam ser e muito menos do aspecto mais formativo do moderno associado a industrialização, a poluição industrial.

Quanto a essa forma de modernidade e seu projeto, sem saber se este possui entre seus aspectos elementos para uma sociedade incluyente ou se é mais de exclusão, Peter Wagner comenta que é preciso “[...] investigar se a pluralidade verificável de formas modernas de organização sociopolítica foi criada por processos históricos específicos”⁷⁴⁶ e como tais formas alternativas

⁷⁴⁴ TORGA, Miguel. **Vindima**. 6.^a ed. Lisboa: Publicações Dom Quixote Lda., 1999, p. 13.

⁷⁴⁵ ORTIZ, Renato. **Universalismo e diversidade**: contradições da modernidade-mundo. São Paulo: Boitempo, 2015, p. 149.

⁷⁴⁶ WAGNER, Peter. Modernidad: comprender nuestro presente. Trad. Alberto Fragio. **Lychnos: Cuadernos de la Fundación General CSIC**, Madrid, n. 5, p. 90-95., jun., 2011a; p. 95, traduzido: “[...] a investigar si la constatable pluralidad de las formas modernas de organización sociopolítica fue creada por procesos históricos específicos”.

persistem no que se pode conceituar como pluralidade de projetos modernos vigentes na globalização.

Quanto a globalização, assinala Milton Santos que

[...] devemos considerar a existência de pelo menos três mundos num só. O primeiro seria o mundo tal como nos fazem vê-lo: a globalização como fábula; o segundo seria o mundo tal como ele é: a globalização como perversidade; e o terceiro, o mundo como ele pode ser: uma outra globalização⁷⁴⁷.

Mas o que é o Brasil? De que forma pode ser caracterizado? Como José de Souza Martins afirma, pode ser que seja “[...] uma tensa combinação de moderno e tradicional”⁷⁴⁸.

E o que é o cotidiano? Ao se pensar que é nesse, especialmente para os *simples*, categoria central na obra de Martins, que se expressa a potencialidade histórica entre os conflitos e a repetição àqueles que ainda não adentraram a Modernidade? Para Henri Lefebvre: “O cotidiano não é apenas um conceito, mas aquele que pode ser usado como um guia para uma compreensão da ‘sociedade’”⁷⁴⁹.

A aparente situação de anomia em que vivem muitas pessoas sob a superficial modernidade no Brasil os faz viver sob privação, mas nem por isso atônitos com os problemas de um Estado cada vez menos comprometido com a classe popular e os seus dilemas, e que tem se erodido em confiança pela “[...] incapacidade do governo de funcionar adequadamente”⁷⁵⁰.

Nesse sentido, pode-se afirmar que o Estado sim funciona para as elites, pois é a ferramenta instituída por ela para controlar o resto da sociedade e garantir a concentração da *mais-valia* econômica e do poder.

Mesmo que por cá, não se pense em ilegitimidade deste poder, esta *crise da República* como percebe a filósofa Hannah Arendt e que não se concretize efetivamente na situação revolucionária como entende a tradição

⁷⁴⁷ SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização**. 6ª ed. Rio de Janeiro: Editora Record, 2001, p. 18.

⁷⁴⁸ MARTINS, José de S. **A política do Brasil: lúmpen e místico**. São Paulo: Contexto, 2011, p. 8.

⁷⁴⁹ LEFEBVRE, Henri. **Everyday life in the modern world**. Trad. Sacha Rabinovitch. New York: Harper Torchbooks, 1971a, p. 28, traduzido: “The quotidian is not only a concept but one that may be used as a guide-line for an understanding of ‘society’”.

⁷⁵⁰ ARENDT, Hannah. **Crisis de la república**. Trad. Guillermo S. Alonso. Madrid: Editorial Trotta, 2015, p. 55, “[...] incapacidad del Gobierno para funcionar adecuadamente”, traduzido.

marxista, é inegável que no senso comum e até mesmo nas falas de parlamentares, é recorrente a alegação de crise dos valores republicanos.

A história tem sido marcada pela sensação do mais do mesmo, dos dias que se repetem com as mesmas agruras de não se saber o que será o amanhã, é como se “[...] nesta terra, a história não se repete apenas como farsa, mas especialmente como destino”⁷⁵¹; é assim que parece aos olhares externos ao cotidiano.

Por outro lado, para outro autor, se “A história é a luz dos tempos clareando as estradas do amanhã”⁷⁵², do que se depreende quanto ao cotidiano, a repetição naquele espaço-tempo de vida, que a experiência que por vezes os martiriza, de alguma forma inspire, pelo menos a seguir; como o é, depreende-se em tudo que se possa ter mais de uma versão, que “A nossa história é como aquelas máscaras do teatro grego que dependem da forma de as segurarmos: de um lado, temos a tragédia e o choro; do outro, uma face sorridente”⁷⁵³.

Até parece que seja uma vida pacata. Se esquece ou se escamoteia o papel da violência. De acordo com Hannah Arendt, talvez se esqueça “[...] do enorme papel que a violência sempre desempenhou nos assuntos humanos”⁷⁵⁴.

Nesse sentido, ao se pensar nos noticiários, nas diferentes plataformas disponíveis, a violência é opção contundente em mídia e sensacionalismo na imprensa em todas as partes do mundo (até em entretenimentos, como nos *reality shows*), esse é tema que é fundante da humanidade desde os primeiros tempos, também que a desumaniza.

Logo, ao se pensar no que se revela desumana a Modernidade, essa não é uma, ao contrário, é múltipla. Ela pode ser vista, sentida e conceituada das mais diferentes formas, pois são “[...] modernidades diferenciais”⁷⁵⁵ como

⁷⁵¹ GUEDES, Octavio; SOUSA, Daniel. **Essa república vale uma nota**: histórias do Brasil na visão de um impagável colunista de jornal. Rio de Janeiro: Máquina de Livros, 2019, p. 10.

⁷⁵² MARTINS, Ives G. da S. Discurso de posse. In: FRANÇA, Eduardo D. **A época do renascimento**: aulas no curso de História na USP, 1953. (Org. Carlos A. M. de Souza). São Paulo: Pax & Spes, 2019, p. 23-33; p. 33.

⁷⁵³ TAVARES, Rui. **A ironia do projeto europeu**. Lisboa: Tinta-da-China, 2012, p. 12.

⁷⁵⁴ ARENDT, Hannah. **Crisis de la república**. Trad. Guillermo S. Alonso. Madrid: Editorial Trotta, 2015, p. 85, traduzido: “[...] del enorme papel que la violencia ha desempeñado siempre en los asuntos humanos”.

⁷⁵⁵ BASTIDE, Roger. **O sagrado selvagem e outros ensaios**. Trad. Dorothée de Bruchard. São Paulo: Companhia das Letras, 2006, p. 202.

definiu Roger Bastide; depende do olhar que se tem, da relação que se estabelece e, da forma de escrita, até “[...] porque [mesmo] a modernidade ocidental é feita de muitas modernidades, uma das quais dominou todas as outras”⁷⁵⁶, conforme alerta Boaventura de Sousa Santos.

Por outro lado, em crítica habermasiana a esse autor, Juan D. Agudelo expõe que “Abandonar a Modernidade porque ela não cumpriu perfeitamente os ideais não faz o menor sentido. [...] [pois] é negar todos os avanços e avanços do projeto moderno na realização de seus objetivos”⁷⁵⁷. Ou de forma mais propositiva, até como brecha, contrapõe Miguel Abensour, que existem outros projetos: “[...] seja como projeto inacabado, seja como projeto ambíguo em que a invenção, o surgimento do novo, enfrenta a repetição”⁷⁵⁸.

Ao se arrazoar a modernidade como múltipla, passa-se a entendê-la como diferente nas mais diversas áreas do planeta? Se assim for, ela poderá estar em estágios diversos?

Poderá ela ser detectada, por todos, pelo menos nos acessos ao consumo que, sendo desenfreado e estimulado tornou-a consumista, pois “[...] floresce sob o olhar de oligarquias repressoras”⁷⁵⁹ como a mídia que domina a propaganda – que “[...] sem serem puros simulacros, são em grande parte produto de decisões externas que podemos chamar, em um sentido amplo, *publicitárias*”⁷⁶⁰ como expõe Michel Houellebecq – impõe a cultura do ser (e para quem não pode, a cultura do *parecer-ser*) e, desejada como sinônimo de cidadania? E isso tudo sem ter a pretensão da perspectiva evolucionista e sim que a história, no seu curso, não é etapista.

⁷⁵⁶ SANTOS, Boaventura de S. **Renovar a teoria crítica e reinventar a emancipação social**. Trad. Mouzar Bedito. São Paulo: Boitempo, 2007, p. 84.

⁷⁵⁷ AGUDELO, Juan D. La modernidad incompleta. Una defensa de la modernidad desde un paradigma cosmopolita frente a la alternativa posmoderna. **Saga - Revista de Estudiantes de Filosofía**, Bogotá, n. 32, p. 27-39, 2016; p. 38, traduzido: “Abandonar la Modernidad porque no realizó los ideales a la perfección no tiene ningún sentido. [...] es negar todos los progresos y avances del proyecto moderno en la consecución de sus objetivos”.

⁷⁵⁸ ABENSOUR, Miguel. **Para una filosofía política crítica**: ensayos. Trad. Scheherezade P. Cañadas e Jordi Riba. Barcelona: Anthropos Editorial; Iztapalapa: Universidad Autónoma Metropolitana Iztapalapa, 2007, p. 8, traduzido: “[...] sea como proyecto inacabado, sea como proyecto ambiguo donde la invención, el surgimiento de lo nuevo, se enfrenta a la repetición”.

⁷⁵⁹ EIRE, Carlos. **Uma breve história da eternidade**. Trad. Rogério Bettoni. São Paulo: Três Estrelas, 2013, p. 235.

⁷⁶⁰ HOUELLEBECQ, Michel. **El mundo como supermercado**. 2ª ed. Trad. Encarna Castejón. Barcelona: Editorial Anagrama, 2005, p. 65, traduzido: “[...] son en gran parte un producto de decisiones externas que podemos llamar, en sentido amplio, publicitarias”.

Para o pobre, o desprovido de meios de vida, básicos e necessários à vida que se considera decente, adentrar a modernidade pode estar associada a ideia de se possuir ou não chuveiro elétrico especialmente nas regiões mais frias ao Sul do Brasil.

A sensação de bem-estar que um banho com água aquecida propicia ao usuário do chuveiro (aliás, foi inventado por um brasileiro, Francisco Canhos Navarro, no início do século passado), especialmente se este vivenciou o tempo de não o ter (quando vigorava o improviso, pelos pobres, água aquecida em tonel, por exemplo) é indescritível, e nada saudosa do passado da ausência.

Nesse sentido, a modernidade é estranha, mas “Essas tradições locais têm sempre algum fundamento”⁷⁶¹; que até são incorporados ao instituído como o caso da invenção. Essa é uma forma de manutenção da Modernidade?

Talvez e, até explique as suas diferentes temporalidades, que coabitam espaços comuns. Nesses, a tradição, em alguns aspectos e sentidos, ainda se mantém.

Ao se constituírem em fundamento de vida inclusive, as *tradições enquanto costume*, porque imemoriais, no entender de Henri Lefebvre,

[...] essa noção para nós tão difícil de compreender sob a simplicidade aparente: o *costume*, não inconsciente, mas muito consciente e, entretanto, não formulado conceitualmente – fundamento objetivo da comunidade, transmitido com a vida por um entusiasmo direto de geração em geração – mas objeto de todas as conversas, apoio irrefletido de todo pensamento e de toda palavra, em um quadro da comunidade – e, enfim, dando lugar a uma expressão refletida, plenamente consciente, desde que ameaçada”⁷⁶².

Nesse sentido, o costume (a tradição) sob ameaça com o ocaso da Modernidade fora da Europa e dos Estados Unidos, no avançar com cadência de interesse destes, poderia incorporar elementos invasores e se transmutar para ser o mesmo, sendo já outro? Para Lefebvre, sim. Pois,

⁷⁶¹ LEFEBVRE, Henri. **O Vale de Campan**: estudo de sociologia rural. Trad. Ana C. M. Silva e Anselmo Alfredo. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2011, p. 164.

⁷⁶² LEFEBVRE, Henri. **O Vale de Campan**, p. 169, ênfase no original.

A cada ameaça, a cada mudança, o costume se reflete para se modificar e, transformando-se, toma consciência de si. A cada ruptura de equilíbrio, a cada relação nova com o exterior, um texto, mesmo e sobretudo quando esse texto se reclama da tradição – de um costume “imemorial” – marca uma mudança; e se esforça em fixar para sempre a mudança, de torná-la costumeira; aí, talvez, se é bem-sucedido. Então, o texto, diante da eficácia, e porque ele é eficaz, se esquece; ele desaparece da memória, enquanto texto, incorporando-se à grande memória *prática* da comunidade: à tradição...⁷⁶³.

Ao se pensar nas incorporações à Modernidade por parte desta tradição e, ao olhar central desde fora, talvez nem seja necessário como o fazem muitos escritos que mais parecem ser adestrados ao pensamento mágico, desde que europeu, estabelecer comparativos de inferioridade desse ou daquele ângulo (nesse caso, em franca desvantagem dos aderentes).

O que talvez, se aproxime ao entendimento proposto por Sólon sobre a riqueza dos ricos: “[...] não são maiores do que as nossas, pois possuímos estômago, pulmões e pés que nos dão alegria e não desgosto; não são maiores do que os viçosos encantos de um rapaz ou de uma donzela, nem do que uma existência sempre em harmonia com as mutantes estações da vida”⁷⁶⁴.

Como se vê, não se perde ou não se ganha, significativamente, nessa ideia de Modernidade, a não ser que se viva em precariedade, pelas margens, como a vida daqueles que foram “[...] relegados às margens da história pelo desenvolvimento histórico do capitalismo”⁷⁶⁵; mas talvez demande adentrar mais ao conceito em Martins.

4.1.2 A modernidade e o Brasil

A respeito dos escândalos de corrupção na política e da moralidade relutante em nossa sociedade, como a cassação do deputado federal Roberto Jefferson, em 14 de setembro de 2005, escreve Martins que esses episódios

⁷⁶³ LEFEBVRE, Henri. **O Vale de Campan**, p. 170, ênfase no original.

⁷⁶⁴ DURANT, Will. **Heróis da história**: uma breve história da civilização da Antiguidade ao alvorecer da Era Moderna. Trad. Laura Alves e Aurélio B. Rebello. Porto Alegre: L&PM, 2012, p. 81.

⁷⁶⁵ LAI, Ming-Yan. **Nativism and modernity**: cultural contestations in China and Taiwan under global capitalism. Albany: State University of New York Press, 2008, p. 3, traduzido: “[...] relegated to the margins of history by the historical development of capitalism”.

[...] nos falamos de outro Brasil, que agoniza, mas insiste. O embate é entre o arcaico e o moderno. Nos costumes antigos, o Brasil arcaico tem insistido em ficar. Também na vida política e na vida social. E ainda é forte entre nós a cultura da permanência, o arcaico sobrevivendo, demorando-se além de seu tempo⁷⁶⁶.

Como que *dois brasis*, como no clássico de Jacques Lambert⁷⁶⁷, se há uma cultura da permanência, como desenvolve Martins, há os usos dessa cultura para a dominação política. Neste sentido, comenta dos usos da cultura da arquitetura para o poder, como das formas possíveis e que se valem aqueles que estão em posição de domínio sobre a maioria:

Poucas sociedades, ao longo da história, não recorreram à cultura para registrar uma conquista física ou qualquer tipo de dominação. Com atitudes radicais que vão desde a destruição absoluta dos símbolos anteriores e a substituição pelos próprios; a soluções mais moderadas que inserem no tecido urbano elementos que relembram os cidadãos da nova situação⁷⁶⁸.

Partindo do que expõe o autor a respeito da arquitetura da dominação, por assim dizer, mesmo que nesta ocorra renovação, espaço para a transgressão, as tais brechas que o sistema, em se pensando no capitalismo pode propiciar.

Os espaços cedidos àqueles de baixo, em trazendo a questão da representatividade política, por exemplo, essa concessão pode custar caro a sociedade, pois segundo Martins “O Brasil arcaico se protege nos formalismos da lei e dos ritos do Brasil moderno. Necessitam-se reciprocamente”⁷⁶⁹.

⁷⁶⁶ MARTINS, José de S. **Do PT das lutas sociais ao PT do poder**, p. 101.

⁷⁶⁷ Em um exemplos fornecidos pelo autor para demonstrar a tese, ainda existentes: “A rotação de culturas e a seleção de sementes são práticas desconhecidas e, enquanto no Brasil moderno se utiliza o avião para espalhar inseticidas sobre as plantações, em todo o interior do Brasil o caboclo ainda emprega as técnicas herdadas dos autóctones ou, mais freqüentemente, dos escravos africanos”, in: LAMBERT, Jacques. **Os dois brasis**. 2ª ed. Trad. Clotilde da S. Costa. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1967, p. 130.

⁷⁶⁸ RICO, Juan C. **La cultura y el arte como herramienta social**. Madrid: JCR21 Office Editions, 2015, p. 9, traduzido: “Pocas sociedades, a lo largo de la historia, no han recurrido a la cultura para dejar constancia de una conquista física o de cualquier tipo de dominación. Con actitudes radicales que van de la destrucción absoluta de los símbolos anteriores y la sustitución por los suyos; a soluciones más moderadas que insertan dentro de la trama urbana elementos que vayan recordando al ciudadano la nueva situación”.

⁷⁶⁹ MARTINS, José de S. **Do PT das lutas sociais ao PT do poder**, p. 103.

Nesse sentido, entre o que é o que não é, entre as permanências do velho e do formal das leis modernas, o Brasil moderno ou integrado ao mundo na visão de Caio Prado Júnior “É apenas a parte de um todo, incompleto sem a visão deste todo”⁷⁷⁰ ou que se considere como sugere Roger Bastide, que “As migrações internas jogam os homens do Brasil mais arcaico no Brasil mais moderno”, onde, portanto, arcaico e moderno se misturam na “[...] existência de um dualismo brasileiro (Brasil arcaico e Brasil moderno)”⁷⁷¹.

Assim, Darcy Ribeiro expôs que “A passagem do padrão tradicional, tornado arcaico, ao padrão moderno opera a diferentes ritmos em todas as regiões”, no entanto, até mesmo as mais progressistas “[...] se vêem tolhidas e reduzidas a uma modernização reflexiva”⁷⁷².

Um tema contemporâneo e que até recentemente estava na boca do povo, quando o presidente Luiz Inácio Lula da Silva, no poder se valia dele, o bordão de Lula, o “Nunca antes na história deste país”, Martins afirma que “Esse ‘nunca antes’ não é só desconhecimento da história. É, também e sobretudo, negação da história e da historicidade da política, do poder como missão delegada do outro que é o povo e o cidadão”⁷⁷³.

Talvez demonstre os descompassos daqueles que estão no poder e desconhecem as profundezas das permanências, então entranhadas nos próprios, como que a nos dominar, sedentos pela vingança na história e pelo controle do protagonismo, via populismo; dos que, como adverte Thompson, buscam “[...] retalhar a história para ajustar um modelo a uma vingança”⁷⁷⁴, o que revela incompatibilidade com o fazer ciência, pois “[...] a complexidade da história recente não se resolve com a beligerância ideológica”⁷⁷⁵, alerta Emilio M. Gil. Da mesma forma que “[...] a ridicularização do precedente, a retratação

⁷⁷⁰ PRADO JÚNIOR, Caio. **Formação do Brasil contemporâneo - Colônia**. 6ª ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1961, p. 14.

⁷⁷¹ BASTIDE, Roger. **As religiões africanas no Brasil**: contribuição a uma sociologia das interpretações de civilizações. Segundo volume. Trad. Maria E. Capellato e Olívia Krähenbühl. São Paulo: Livraria Pioneira Editôra/ Editôra da Universidade de São Paulo, 1971, p. 301 e 417.

⁷⁷² RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro**: a formação e o sentido do Brasil. 2ª ed., 22ª reimpr. São Paulo: Companhia das Letras, 2003, p. 248.

⁷⁷³ MARTINS, José de S. **Do PT das lutas sociais ao PT do poder**, p. 151.

⁷⁷⁴ THOMPSON, Edward P. **As particularidades dos ingleses e outros artigos**. Org. de Antonio L. Negro e Sergio Silva. Trad. Alexandre Fortes *et al.* 2ª ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2012, p. 137.

⁷⁷⁵ GIL, Emilio M. El historiador ante el pasado vasco (no tan) reciente. **Segle XX: Revista catalana d'història**, Barcelona, n. 13, p. 283-296, 2020; p. 295, traduzido: “Pero la complejidad de la historia reciente no se resuelve con la beligerancia ideológica”.

da história ou uma indiferença menosprezadora em relação a ela são uma recusa do passado”⁷⁷⁶.

Especialmente se valendo do imaginário popular e da cultura do esquecimento que, no Brasil impera quase como uma necessidade existencial⁷⁷⁷ ou mesmo com a proeza, salutar, de “[...] conciliar mesmo o inevitável dever de memória com o alívio psíquico produzido pelo esquecimento”⁷⁷⁸. Nesse sentido, a poesia procura uma resposta:

[...] a grave questão dos desmemoriados: nem sempre é misericordioso restituir-lhes a memória. E haverá quem goste de perdê-la, para inaugurar um novo homem, liberto do fardo sufocante. E em mundo de gente que escreve ou fala memórias, valendo-se com frequência da fantasia, os desmemoriados conservam uma sutil dignidade, que leva a discrição ao extremo da anulação. E projetam-se no futuro, pela inexistência prévia⁷⁷⁹.

Em uma sociedade que hesita, que fica entre o arcaísmo e o moderno, ou que tem no arcaísmo um projeto⁷⁸⁰ entre práticas e fazeres nos dois tempos ao mesmo tempo em descompasso, os praticantes de linchamentos enquanto

[...] membros dispersos e anônimos dos grupos sociais de linchamento descobrem-se membros da sociedade no ato de linchar. É pouco provável que haja na sociedade moderna momentos de sociabilidade tão densa quanto no da prática da violência coletiva, sobretudo quando se estende ao preenchimento ritual dos vazios decorrentes da supressão da eficácia de valores e normas de conduta⁷⁸¹.

Assim sendo, “Nesse cenário de contradições mal compreendidas, a nossa modernidade já é a própria pós-modernidade no que ela tem de colagem

⁷⁷⁶ STEINER, George. **Extraterritorial: a literatura e a revolução da linguagem**. Trad. Júlio C. Guimarães. São Paulo: Companhia das Letras, 1990, p. 100.

⁷⁷⁷ Segundo Nietzsche “[...] em meio à menor como em meio à maior felicidade é sempre uma coisa que toma a felicidade o que ela é: o poder-esquecer ou, dito de maneira mais erudita, a faculdade de sentir a-historicamente durante a sua duração”, in: NIETZSCHE, Friedrich. **Segunda consideração intempestiva: da utilidade e desvantagem da história para a vida**. Trad. Marco A. Casanova. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003, p. 9.

⁷⁷⁸ LÜBBE, Hermann. **Esquecimento e historicização da memória**. Trad. Sérgio da Mata. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 29, n. 57, p. 285-300, jan./abr., 2016; p. 287.

⁷⁷⁹ ANDRADE, Carlos D. de. **O poder ultrajovem e mais 79 textos em prosa e verso**. 4ª reimpr. São Paulo: Companhia das Letras, 2020a, “Sem memória”, p. 75.

⁷⁸⁰ FRAGOSO, João; FLORENTINO, Manolo. **O arcaísmo como projeto: mercado atlântico, sociedade agrária e elite mercantil em uma economia colonial tardia: Rio de Janeiro, c.1790-c.1840**. 4ª ed., rev. e ampl. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

⁷⁸¹ MARTINS, José de S. **Linchamentos**, p. 65.

de tempos sociais, de sociabilidades desencontradas e de falta de esperança”⁷⁸² ou de outra forma, “Sendo a sociedade pós-moderna o contrário de uma sociedade holista, ela não dispõe, ainda em mais alto grau do que as anteriores, de valores comuns partilhados”⁷⁸³, tal como compreende António M. Hespanha.

Nesse sentido Martins concorda com o argentino Néstor G. Canclini⁷⁸⁴, em suas palavras, “[...] de que somos pós-modernos desde sempre”⁷⁸⁵. Talvez, Martins sem ter efetuado propriamente um diálogo com José M. Domingues, outro estudioso brasileiro, tenha levado adiante o seu chamamento, em especial quando afirma que:

[...] se queremos nos mover para além do provincianismo da Europa e dos Estados Unidos, precisamos, em primeiro lugar, buscar o mesmo em relação a nossas próprias tradições intelectuais, confinadas como estão a formações sociais e questões nacionais estreitas e limitadas, ou a questões “derivadas”, ainda que haja um brutal desequilíbrio de poder na produção, circulação e reconhecimento do conhecimento no mundo, ao qual não é fácil contrapor-se⁷⁸⁶.

Quanto ao tornar-se moderno para as populações latino-americanas e, nesse sentido se aproxima do que entende Martins, Domingues afirma que prevaleceu o mote de Domingo Sarmiento – “civilização ou barbárie” – em especial se tratando de negros e indígenas, pois gerou neles a dupla consciência “[...] uma vez que ser parte da modernidade combinava com um pertencimento muito limitado, ou nulo, às novas nações”⁷⁸⁷.

Entre o pertencer mesmo que limitado e as efetivas possibilidades que são restritas ao clube seletivo das nações desenvolvidas, exemplo disso, a respeito da modernidade, escreve Martins, que ela institui “[...] a necessidade social de fingir, de representar, de simular, de viver a vida como um

⁷⁸² MARTINS, José de S. **Linchamentos**, p. 69.

⁷⁸³ HESPANHA, António M. ideias sobre a interpretação. In: RAPOSO, João A.; ALVES, João L.; MENDES, Paulo de S.; DIAS, Augusto S.; ALMEIDA, Luís D. de. (Orgs.). **Liber amicorum de José Inácio de Sousa Brito em comemoração do 70.º aniversário - Estudos de Direito e Filosofia**. Coimbra: Edições Almedina, 2009, p. 15-40; p. 20.

⁷⁸⁴ CANCLINI, Néstor G. **Culturas híbridas: estratégias para entrar y salir de la modernidad**. México, D.F.: Editorial Grijalbo, 1990.

⁷⁸⁵ MARTINS, José de S. **Linchamentos**, p. 70.

⁷⁸⁶ DOMINGUES, José M. **Modernidade global e civilização contemporânea: para uma renovação da teoria crítica**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013, p. 17.

⁷⁸⁷ DOMINGUES, José M. **Modernidade global e civilização contemporânea**, p. 273.

desempenho teatral, que no entanto tem suas ocultações, seus espaços de autenticidade escondida”⁷⁸⁸.

Mas a vida dos viventes, como quer Georg Simmel, é “[...] precisamente aquela cuja essência é subsistir em e através de uma multiplicidade de partes, órgãos e funções integrais”⁷⁸⁹, a despeito da predisposição moderna de impor um padrão de vida ideal ao qual todos devem seguir, se adequar e, aos não exitosos, resta viver à margem, resistir de algum modo.

Ao pensar na modernização da sociedade brasileira, a começar pelo espaço agrário, Martins entende que “A Sociologia rural foi cúmplice de mudanças que modernizaram economicamente, mas lançaram na miséria, no desamparo e na anomia milhões de brasileiros”⁷⁹⁰, quando o Estado e seus extensionistas, os agrônomos e técnicos agrícolas especialmente, a comunidade científica e os detentores do saber técnico e codificado associado àquela prática milenar, enfim, dentre outros condicionantes, contribuíram sobremaneira para essa ideia de levar o “desenvolvimento” ao campo.

Alheio ao intento de se desvendar os verdadeiros interesses desta investida sobre o rural neste texto, traz-se nova citação de Martins, quando expõe que há uma tensão permanente na

[...] sociedade, especialmente a sociedade em que vivemos, é constituída por uma diversificada tensão permanente, expressão das contradições que lhe dão vida. Isso pode levar à ilusão de que a sociedade existe para mudar, para ser revolucionada. Sim e não. Se a observarmos sociologicamente, veremos que os ímpetus de transformação são cotidianamente contidos pelos ímpetus de permanência das relações sociais e da reiteração das formas sociais. A sociedade contemporânea é mais conservadora do que revolucionária e todos, mesmo os revolucionários, são agentes involuntários da repetição e da

⁷⁸⁸ MARTINS, José de S. **A aparição do demônio na fábrica**: origens sociais do eu dividido no subúrbio operário. São Paulo: Editora 34, 2008, p. 42.

⁷⁸⁹ SIMMEL, Georg. **Problemas fundamentais de la filosofía**. Trad. Susana Molinari e Eduardo Schulzen. Sevilla: Ediciones Espuela de Plata, 2006, p. 123, traduzido: “[...] y precisamente una cuya esencia es subsistir en y por medio de una multiplicidad de partes integrantes, organos y funciones”.

⁷⁹⁰ MARTINS, José de S. **Uma sociologia da vida cotidiana**: ensaios na perspectiva de Florestan Fernandes, de Wright Mills e de Henri Lefebvre. São Paulo: Editora Contexto, 2014a, p. 41.

permanência. *O revolucionário Karl Marx nos costumes era um conservador*⁷⁹¹.

Entre os intentos de quem desejava desenvolver, daqueles que sedentos aderiam aos pacotes, outros que sem opção ou condições de fazer frente às investidas da formação do capitalismo no campo, conforme Martins há entre as idas e vindas, entre os interesses explícitos e os implícitos, se acresce, a permanência e a reiteração, que saltam sobre os preceitos ditos revolucionários, em que pese (e louva-se!) os ganhos com a modernização.

No entanto, com o preço pago (ainda em aberto, acrescido com juros, em muitos casos), mas é inegável que trouxe maior dinamicidade ao setor agropecuário, saldo positivo a balança comercial, uma verdadeira invasão de bem-estar e acesso a bens de consumo duráveis, lazer e serviços à regiões do país que antes eram restritas aos cidadãos.

Nesse sentido, assinala Boris Fausto que nossa democracia apenas se transformará em valor universal na sociedade brasileira como um todo “[...] quando estiver associado a um maior bem-estar dos cidadãos e à perspectiva de um futuro melhor”⁷⁹², pois de acordo com outro historiador, Oliveira Vianna “[...] espírito público nunca existiu no Brasil. Entre nós, a vida política foi sempre preocupação e obra de uma minoria diminuta, de volume pequeníssimo em relação à massa da população”⁷⁹³, o que, em consequência gerou apenas uma “[...] minoria modernizada”⁷⁹⁴.

Quanto a isso, nosso autor afirma:

A máquina, mais do que o adubo, o inseticida, o espaçamento racional, a semente selecionada, é o símbolo da modernidade como a vê o homem rural que não raciocina em termos do capital investido, mas sim em termos de aspirações urbanas de conforto e de consumo ostensivo⁷⁹⁵.

⁷⁹¹ MARTINS, José de S. **Uma sociologia da vida cotidiana**, p. 74, ênfase acrescida. Quanto a questão do conservadorismo de Marx, Martins aborda em: MARTINS, José de S. **As cartas de Marx**. In: GALVÃO, Walnice N.; GOTLIB, Nádya B. (Orgs.). **Prezado senhor, prezada senhora: estudos sobre cartas**. 1ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2000, p. 313-319.

⁷⁹² FAUSTO, Boris. **História concisa do Brasil** (com a colab. De Sérgio Fausto). 3. ed. atual. e ampl., 1. reimpr. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2018, p. 310.

⁷⁹³ VIANNA, Francisco J. de O. **O ocaso do Império**. 3. ed. Rio de Janeiro: ABL, 2006, p. 20.

⁷⁹⁴ FURTADO, Celso. **O mito do desenvolvimento econômico**. São Paulo: Círculo do Livro, s./d., p. 94.

⁷⁹⁵ MARTINS, José de S. **Capitalismo e tradicionalismo**, p. 31.

Mas, “[...] a migração não cria necessariamente o operário e, menos ainda, o revolucionário”⁷⁹⁶ que tanto aquece os manuais teóricos daqueles que pouco se aventuram pelas contradições da realidade social, receosos que estão em encontrar descompassos e mesmo enigmas que seus escritos não revelam. Mas antes de operário – este alheio se assim o veem – deseja acessar as benesses que o “sistema” propicia a alguns.

Segundo Martins, se confunde o tema da modernidade, que é europeu, na América Latina “[...] ainda é confundido, por alguns, com o tema do moderno em oposição ao tradicional”⁷⁹⁷ provavelmente ainda reféns da ideia de que “A modernidade anuncia o possível, embora não o realize”⁷⁹⁸.

Todavia, quanto à efetivação deste projeto, Bolívar Echeverría entende que “[...] não existe uma modernidade única na América Latina”⁷⁹⁹, ela pode ser singular em cada parte do continente. Nesse sentido, para ele talvez seja mais importante buscar distinguir nos estudos entre “A essência da modernidade e a modernidade ‘realmente existente’”⁸⁰⁰.

No entanto, entre “O inacabado e o inconcluso, a modernidade que não se completa, produziu no Brasil uma consciência social dupla, o diverso segmentado e distribuído nos compartimentos da cultura e da vida”⁸⁰¹.

Nesta consciência dupla, sugere Martins, entre o segmentado e os distribuído, entre os pobres e os ricos, entre os detentores do saber formal e aqueles ainda presos aos tradicionais ou mesclados, e que deles se aproveitam os candidatos a cargo eleitoral a cada dois anos na *nossa inovação democrática*.

Mas, apesar das brechas, mais tem acentuado “Nossas desigualdades sociais são também o nosso descompasso histórico em relação ao que já é real e outras partes, que nos chega fragmentariamente, incompletamente”⁸⁰²,

⁷⁹⁶ MARTINS, José de S. **Exclusão social e a nova desigualdade**. [1a. edição: 1997], 6a. reimpressão. São Paulo: Editora Paulus, 2015, p. 47,

⁷⁹⁷ MARTINS, José de S. **A sociabilidade do homem simples**, p. 17.

⁷⁹⁸ MARTINS, José de S. **A sociabilidade do homem simples**, p. 19.

⁷⁹⁹ ECHEVERRÍA, Bolívar. **Crítica de la modernidad capitalista**. Trad. Mariela Padilla. La Paz: Vicepresidencia del Estado Plurinacional de Bolívia, 2011, p. 251, traduzido: “No hay entonces una sola modernidad en la América Latina”.

⁸⁰⁰ ECHEVERRÍA, Bolívar. **¿Qué es la modernidad?** México, D.F.: Universidad Nacional Autónoma de México, 2009, p. 28, traduzido: “La esencia de la modernidad y la modernidad ‘realmente existente’”.

⁸⁰¹ MARTINS, José de S. **A sociabilidade do homem simples**, p. 22.

⁸⁰² MARTINS, José de S. **A sociabilidade do homem simples**, p. 25.

assinala Martins; até porque “[...] esta mesma formação social em que estamos imersos é permeada por incoerências e incompletudes, acossada por uma falha”⁸⁰³ da formação desta Modernidade que penetra, assevera Eric L. Santner, até por isso, de acordo com René Mayorga “A maioria das sociedades latino-americanas tem experimentado um processo de modernização política híbrida e incompleta”⁸⁰⁴.

No exposto da política brasileira, em âmbito nacional, talvez de longe não mais exista a presidência plebiscitária a que alega Bolívar Lamounier. Conforme o autor, desde a ascensão ao poder de Getúlio Vargas quando prepondera “[...] não mais uma delegação oligárquica, mas sim o ápice personalizado do arcabouço estatal”⁸⁰⁵, pois o povo parece descartado das instâncias de decisão, que cada vez mais são mais formais e pouco conteudistas em se tratando de soberania popular, próprio que é das democracias representativas. *É como se o povo existisse a cada dois anos com as eleições.*

Mas, de acordo com José de Souza Martins, ao contrário do que ocorreu na Inglaterra, no relato de Edward P. Thompson: “Aqui o tradicionalismo foi sem dúvida referência mais de uma consciência nacional do que de uma consciência social”⁸⁰⁶ como aquela associada aos tempos de Copa do Mundo, quando a sociabilidade do brasileiro se dispersa entre a paixão pela pátria de chuteiras⁸⁰⁷ e a dura realidade de muitos, pois por cá “[...] parecer moderno, [vale] mais do que ser moderno.

⁸⁰³ SANTNER, Eric L. Los milagros ocurren: Benjamín, Rosenzweig, Freud y la materia del prójimo. In: ŽIŽEK, Slavoj; SANTNER, Eric L.; REINHARD, Kenneth. **El prójimo. Tres indagaciones en teología política**. Trad. Cristina Piña. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 2010, p. 105-180; p. 118-119, traduzido: “[...] esta misma formación social en la que nos hallamos inmersos está penetrada por la inconsistencia y la incompletud, acosada por una falta”.

⁸⁰⁴ MAYORGA, René. Las paradojas e insuficiencias de la modernidad y el proceso de la democracia en América Latina. In: CALDERÓN, Fernando. (Comp.). **Imágenes desconocidas: la modernidad en la encrucijada postmoderna**. Buenos Aires: CLACSO, 2017, p. 279-290; p. 284, traduzido: “La mayor parte de las sociedades latinoamericanas han experimentado un proceso de modernización política híbrida e incompleta”.

⁸⁰⁵ LAMOUNIER, Bolívar. **Da independência a Lula: dois séculos de política brasileira**. São Paulo: Augurium Editora, 2005, p. 112.

⁸⁰⁶ MARTINS, José de S. **A sociabilidade do homem simples: cotidiano e história na modernidade anômala**. (1ª edição: Hucitec, 2000), 3ª edição. São Paulo: Editora Contexto, 2011, p. 28.

⁸⁰⁷ DOMINGUES, José M. **Modernidade global e civilização contemporânea**.

A modernidade se apresenta, assim, como a máscara para ser vista⁸⁰⁸, onde prevalece um “[...] dualismo ontológico que hierarquiza, separando de um lado o mundo do ser e, de outro, o mundo da aparência”⁸⁰⁹.

Provavelmente com esse intento, pois “Aqui os tempos históricos estão mesclados e confundidos no dia a dia, como estão confundidos e invertidos os estilos cognitivos dos diferentes mundos que demarcam a nossa vida social”⁸¹⁰ desta forma, “O moderno é, no fundo, apenas tênue carapaça que recobre precariamente as seguranças mais profundas de relações sociais arcaicas”⁸¹¹.

Caso assim for, pode-se questionar até que ponto se vive o mesmo tempo? Para Octavio Ianni: “[...] na fábrica da vida social, na cultura, no contraponto presente-passado-futuro, no emaranhado dos espaços e tempos” - conforme entende a presente tese - “[...] ou em tudo isso junto que faz com que o indivíduo e a coletividade estejam sempre se deslocando para o desconhecido, ou rebuscando o que supõem conhecido”⁸¹².

Neste sentido, um dos pilares artístico nacional, o Modernismo, segundo Martins “[...] se constituiu num movimento em que o sujeito era proposto para ser o mesmo sendo o outro”⁸¹³.

4.1.3 A respeito da escravidão

Um dos fatores históricos que talvez mais pesa no desenvolver da modernidade no Brasil é a escravidão. Em se tratando da escravidão de negros africanos, verdadeira instituição nacional que se inicia no século XVI até o 13 de maio de 1888, oficialmente.

Depois se mascara em uma série de práticas precárias de trabalho que tem na *condição análoga a de escravo* a permanência na realidade brasileira em pleno século XXI, passados mais de 100 anos após o “fim” da escravidão.

⁸⁰⁸ MARTINS, José de S. **A sociabilidade do homem simples**, p. 33.

⁸⁰⁹ LAFER, Celso. **A reconstrução dos direitos humanos**: um diálogo com o pensamento de Hannah Arendt. 4ª reimpr. São Paulo: Companhia das Letras, 2001, p. 252.

⁸¹⁰ MARTINS, José de S. **A sociabilidade do homem simples**, p. 41.

⁸¹¹ MARTINS, José de S. **A sociabilidade do homem simples**, p. 65.

⁸¹² IANNI, Octavio. **Enigmas da modernidade-mundo**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003, p. 28.

⁸¹³ MARTINS, José de S. **São Paulo no século XX**: primeira metade. São Paulo: Poiesis/Imprensa Oficial, 2011c, p. 18.

No entanto, como demonstra Martins em várias obras, a escravidão indígena antecedeu o martírio negro. Quanto a primeira, Thales Guaracy afirma que

Embora na tradição historiográfica brasileira se achesse apressadamente o capítulo da escravização indígena, aceitando a premissa de que este não se aprestava ao trabalho, sobretudo no engenho, ele continuava sendo caçado nos sertões. E foi a principal fonte de trabalho escravo – e alvo de um novo e violento período de extermínio – em todo o século XVII⁸¹⁴.

Nesse sentido, o tema da escravidão na obra de Martins torna-se importante para a percepção das temporalidades brasileiras.

Portanto, tema contemporâneo e de indefinição até pelos seus reflexos no dia a dia de parte da população, pela miscigenação ou pela condição econômica e social adversa, em decorrência da não opção dos governantes por numérico setor da população, no entanto quando se trata da análise histórica, segundo Martins “A história das nossas escravidões está mutilada por sua redução à violência da exploração econômica, desatenta à sua complexidade social e religiosa”⁸¹⁵.

Frente a essa espécie de padronização na forma de perceber os flagelos e malefícios do grande período de escravização no Brasil ou do centrar-se em demasia no fim do período da escravatura e não no após (como foi o mundo dos libertos, por exemplo), como expõe Angela Davis para os Estados Unidos: “A escravidão foi expulsa da história, mas embora os negros sem dúvida sentiram suas correntes cair, eles logo perceberam que não haviam alcançado de forma alguma seu objetivo coletivo de libertação”⁸¹⁶, por cá, José de Souza Martins traz outra perspectiva que desmistifica o olhar de alento que parte da literatura histórica se permite sobre o pioneiro, em especial o imigrante de origem italiana; no fundo, “O que diferenciava o colono e o escravo, é que o

⁸¹⁴ GUARACY, Thales. **A criação do Brasil 1600-1700**: como uma geração de desbravadores desafiou coroas, religiões e fronteiras, dando ao país 5 dos seus 8,5 milhões de Km² e ilimitadas ambições de grandeza. São Paulo: Planeta do Brasil, 2018, p. 11.

⁸¹⁵ MARTINS, José de S. **O coração da pauliceia ainda bate**. São Paulo: Editora da UNESP e Imprensa Oficial, 2017a, p. 117.

⁸¹⁶ DAVIS, Angela. **Una historia de la conciencia**: ensayos escogidos. Trad. Inga Pellisa. Madrid: Ediciones del Oriente y el Mediterráneo, 2016, p. 69, traduzido: “La esclavitud fue expulsada de la historia, pero aunque los negros sintieron sin duda cómo caían sus cadenas, pronto se dieron cuenta de que no habían alcanzado en modo alguno su meta colectiva de liberación”.

colono podia sonhar o próprio modo de sua inserção na sociedade que com ele nascia”⁸¹⁷.

Em se tratando do imaginário, como era o de escravo?

[...] negros libertos chegaram, excepcionalmente, a se tornar senhores de escravos, especialmente dos chamados escravos de ganho ou de aluguel. Brancos e negros compartilhavam o imaginário branco a respeito dos graus de humanidade que tinham como modelo o branco puro de sangue e puro de fé, imaginário que presidira a formação da sociedade brasileira e que se enraizou em suas estruturas profundas⁸¹⁸.

Desta forma como entende Martins, se era o imaginário branco que prevalecia, com a conseqüente incorporação da cultura da escravatura, como exposto no filme “Quanto vale ou é por quilo” (lançado em 2005) de Sérgio Bianchi⁸¹⁹, não é de estranhar que “O nascimento da categoria de negro genérico [...] ‘Negro’ foi uma categoria inventada pelos brancos, que também definiram, como negro, o índio capturado e escravizado nos primeiros tempos da Conquista”⁸²⁰.

Da mesma forma que o fim do regime, segundo Martins, se deu por uma cultura capitalista dos senhores: “[...] entre os próprios senhores de escravos, já havia uma cultura capitalista⁸²¹ que, em boa parte, respondeu pela motivação econômica da Abolição da Escravatura”⁸²².

Em se tratando dessa cultura capitalista a que alega Martins, com a Lei de Terras de 1850 se institui o que o autor caracterizou como o “cativeiro da terra”⁸²³, e nessa linha, de substituição do trabalho escravo pelo do imigrante, em várias formas de trabalho, o papel da classe operária na história brasileira,

⁸¹⁷ MARTINS, José de S. **O imaginário na imigração italiana**. São Caetano do Sul: Fundação Pró-Memória, 2003a, p. 103.

⁸¹⁸ MARTINS, José de S. **São Paulo no século XX**, p. 27.

⁸¹⁹ Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=40eu1hy-WwA>>. Acesso em 28/04/2019.

⁸²⁰ MARTINS, José de S. **São Paulo no século XX**, p. 45-46.

⁸²¹ Outro autor afirma, nesta linha que, “[...] no primeiro ano em que a primeira linha comercial começou na Inglaterra, em 1830, já teve proposta no Parlamento do Império para dar concessão para a estrada de ferro. Ou seja, a elite brasileira era bastante acordada ao que estava acontecendo no mundo”, in: SCHULZ, John H. Mercado só funciona quando instituições funcionam. In: LOURES, Rodrigo C. da R.; SCHLEMM, Marcos M.; CASTOR, Belmiro V. J. (Orgs.). **Para o Brasil voltar a crescer: evidências, reflexões e caminhos**. Curitiba: Ibpex, 2007, p. 27-42; p. 34.

⁸²² MARTINS, José de S. **São Paulo no século XX**, p. 65.

⁸²³ MARTINS, José de S. **O cativeiro da terra**. [1a. edição: 1979] 9ª. edição, revista e ampliada, 1ª reimpressão. São Paulo: Editora Contexto, 2013.

sob a interpretação martiniana pode auxiliar a desvelar as temporalidades da história brasileira, na tensão entre o poder do atraso, a cooptação, a crise do sindicalismo e o papel dos mediadores.

4.1.4 A classe operária teórica e a brasileira

A classe operária constitui categoria central e analítica na tradição intelectual da esquerda (sobretudo do Marxismo). Uns autores, dentre eles o próprio Marx, a enxergam com características revolucionárias, notadamente naqueles estudos que pensam o operário da indústria, e desta forma, designada como mais homogênea.

No entanto, a partir de suas pesquisas, Martins vai nos apresentar uma outra ideia a respeito. Então, como é a classe operária? De acordo com ele, “[...] confusamente dividida, na verdade, entre esquerda e direita, entre socialismo e fascismo, entre ateísmo e catolicismo, entre o urbano e o rural”⁸²⁴, nesse sentido, para Roger Bastide “[...] foi a classe operária, arrancada ao campo e obrigada a se adaptar a outra temporalidade e outros valores”⁸²⁵.

De acordo com seu pensamento, ela está nesta quadra de “ismos” de influência mútua, fora os graus de autonomia entre aquilo que a teoria dos ideólogos dispõe e realmente o que fazem os operários.

Como forma até de resistência ou de viver a vida real, pois “A história do século XX foi a história de sucessivas gerações de pessoas, cada vez maiores em número, resistindo à lógica da sujeição ao mundo da acumulação competitiva de capital”⁸²⁶, pois os “[...] vínculos os mais estreitos uniam os ameaçados”⁸²⁷, mesmo com as suas contradições e a dinamicidade percebida só por aqueles que a vivenciam, para além de se padronizar em afinidade única, conforme José de Souza Martins, “O proletariado não lutou por uma

⁸²⁴ MARTINS, José de S. **A sociabilidade do homem simples**, p. 115.

⁸²⁵ BASTIDE, Roger. **O sagrado selvagem e outros ensaios**. Trad. Dorothee de Bruchard. São Paulo: Companhia das Letras, 2006, p. 215.

⁸²⁶ HARMAN, Chris. **A people's history of the world**. 1ª reprim. London: Bookmarks Publications, 2002, p. 619, traduzido: “The history of the 20th century was the history of successive generations of people, ever larger in number, resisting the logic of subjection to the world of competitive capital accumulation”.

⁸²⁷ CANETTI, Elias. **O jogo dos olhos: história de uma vida 1931-1937**. Trad. Sergio Tellaroli. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p. 10.

identidade operária. Foram os intelectuais que o fizeram por seus próprios motivos e seus próprios interesses”⁸²⁸.

Como que “[...] o meio intelectual não é um simples camaleão que toma espontaneamente as cores ideológicas do seu tempo. Concorre, pelo contrário, para colorir o seu ambiente”⁸²⁹, que pode passar de um microclima para uma zona de alta pressão⁸³⁰.

Pela ocorrência desses descompassos assinalados por Martins, a classe operária fez o que se profetizou como sua função na história?

[...] é muito fácil mostrar que a classe trabalhadora não cumpriu a missão prodigiosa designada por Marx. Em nenhum lugar ele alcançou a autonomia e autodeterminação implícitas na herança filosófica, sua integração e sua superação. Em todos os lugares ele caiu no hetero (determinação, gestão). O estado? Em vez de decair e desaparecer, invadiu o mundo dominando as sociedades “civis” (sociedade apolítica). Quanto à filosofia, nem realizada nem superada, vegeta⁸³¹.

Henri Lefebvre analisou a criação, o funcionamento do Estado e o papel dos intelectuais na sua reprodução, ofereceu também uma base para o desenvolvimento da autogestão. Martins, por sua vez afirma que, no Brasil “O que temos, de fato, é uma classe operária de origem relativamente recente, sem uma forte e duradoura tradição de classe”⁸³².

Mas o que realmente ela é?

[...] o fato, também, de que a verdadeira classe operária de carne, osso, sentimentos e inteligência, nunca esteja plenamente presente na maior parte das doutrinas, teorias e

⁸²⁸ MARTINS, José de S. **Uma sociologia da vida cotidiana**, p. 171.

⁸²⁹ SIRINELLI, Jean-François. As elites culturais. In: RIOUX, Jean-Pierre; SIRINELLI, Jean-François. (Dir.). **Por uma história cultural**. Trad. Ana Moura. Lisboa: Editorial Estampa, 1998, p. 259-279, p. 265.

⁸³⁰ O autor deixa esta questão: “[...] como é que um microclima intelectual, num dado momento, consegue transformar-se em zona de altas pressões intelectuais? O que remete para a questão determinante do poder de influência, que vimos estar no centro da definição das elites culturais”, in: SIRINELLI, Jean-François. As elites culturais, p. 272.

⁸³¹ LEFEBVRE, Henri. **La presencia y la ausencia**: contribución a la teoría de las representaciones. Trad. Óscar Barahona e Uxo Doyhamboure. México: Fondo de Cultura Económica, 1983, p. 107, traduzido: “[...] resulta demasiado fácil mostrar que la clase obrera no realizó la prodigiosa misión asignada por Marx. En ninguna parte ha alcanzado la autonomía y la autodeterminación que implicaba la herencia filosófica, su integración y su superación. En todas partes cayó en lo hetero (determinación, gestión). ¿El Estado? En vez de decaer y desaparecer, ha invadido al mundo dominando las sociedades ‘civiles’ (la sociedad no política). En cuanto a la filosofía, ni realizada, ni superada, vegeta”.

⁸³² MARTINS, José de S. **O cativo da terra**, p. 194.

análises sobre o mundo operário. É quase sempre a elitista classe média, distante desses atributos, que pensa por ela e fala por ela. A fenomenologia da condição operária, que há na obra de Marx, é propositalmente ignorada pelos fazedores profissionais de história. Os autores do indevidamente chamado de conhecimento militante⁸³³.

O chamado conhecimento militante, como assevera Martins, tem ignorado a fenomenologia da condição operária em Marx, o que resulta, segundo o autor, da ausência da classe operária verdadeira na história.

Para o autor, “Os esforços dos historiadores do trabalho, de explicar a existência de uma classe operária no Brasil, orientada, desde o começo, por posições de esquerda, em particular anarquistas ou socialistas, são esforços vãos”⁸³⁴.

Quanto aos *historiadores do trabalho*, esse é um campo de pesquisa muito bem construído no Brasil, um dos mais fortes da ANPUH (Associação Nacional de História), inclusive possui ramificações internacionais.

A historiografia dos “Mundos do trabalho” expressa, além do trabalho, obviamente, o mundo dos trabalhadores, no local de trabalho (e daqueles que não tem trabalho, que estão excluídos – os desempregados, os desassistidos), nos bairros pobres, nas periferias, no cotidiano da vida dos simples.

Cotidiano esse, traduzido em suas horas de lazer (uma dose de cachaça depois do trabalho em um boteco qualquer), das relações familiares e de amizade, dos conflitos cotidianos, da ida à igreja, do jogo de futebol e outros jogos, do dinheiro que falta para o supermercado no final do mês e assim por diante. E o dinheiro, como grande encanto da Modernidade, pois “[...] o dinheiro dá a impressão de ser uma coisa que cria outras coisas, a saber, mais dinheiro, fonte de trabalho, desenvolvimento, satisfação, liberdade”⁸³⁵.

⁸³³ MARTINS, José de S. **Uma arqueologia da memória social**, p. 433.

⁸³⁴ MARTINS, José de S. **O poder do atraso**, p. 31.

⁸³⁵ CONDE, Gustavo G. El fetiche de la mercancía y la semiosis capitalista. In: MENDOZA, Carlos O.; GAXIOLA, Andrea T. (Comp.). **El Capital: ensayos críticos**. México, D.F.: Universidad Nacional Autónoma de México/ Editorial Itaca, 2019, p. 81-103; p. 85, traduzido: “[...] el dinero da la apariencia de ser una cosa que crea otras cosas, a saber, más dinero, fuente de trabajo, desarrollo, satisfacción, libertad: en suma, el gran encanto de la modernidad capitalista”.

Nesse sentido, não se constitui em visão restritiva. Trata-se daquilo que o historiador inglês Edward P. Thompson conceituou como “Experiência”⁸³⁶. Aliás, é uma historiografia que bebe densamente nos escritos desse autor, de Carlo Ginzburg⁸³⁷ dentre outros⁸³⁸, numa historiografia que vai para muito além da perspectiva marxista, da qual José de Souza Martins comunga.

Porém, insiste Martins que na história operária brasileira até existiram minorias esclarecidas, provindas de imigrantes, principalmente, “Mas a verdade nua e crua é que a única grande expressão política e ideológica da classe operária brasileira foi o populismo, que teve seu melhor momento no populismo de Vargas”⁸³⁹.

Se os nossos teóricos não percebem que a nossa classe operária talvez tenha existido apenas sobre o populismo, o que se esperar do conceito marxista?

Engels, aliás, contrabandeava as informações de Mary Burns para Karl Marx, em Londres, cujo desconhecimento da realidade empírica da classe operária, que ele pretendia explicar, atrasara em muitos anos o desenvolvimento de sua explicação científica sobre a formação e a dinâmica das classes sociais. Ele intuía filosoficamente, mas não conhecia sociologicamente. Aliás, essa é uma das razões pelas quais a classe operária do sedentário Karl Marx, não obstante Mary Burns, é uma classe operária filosófica, puramente teórica, como mostrou Agnes Heller, que foi assistente de Georg Lukács⁸⁴⁰.

Nesse sentido, propõem-se questões: Marx alguma vez trabalhou de algo com as suas próprias mãos ou em alguma fábrica? sujou-se os pés no campo? Um conceito, portanto, teórico puramente, pois Marx mais intuía do que conhecia?

⁸³⁶ THOMPSON, Edward P. **A formação da classe operária inglesa I: a árvore da liberdade**. Trad. Denise Bottmann. 4ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2004.

⁸³⁷ GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela inquisição**. Trad. Maria B. Amoroso e José P. Paes. 2ª reimpr. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

⁸³⁸ A respeito da aproximação desses dois autores, conferir: COSTA, Ives L. S. A história da cultura popular em Ginzburg e Thompson: uma análise das obras *O queijo e os vermes* e *Costumes em comum*. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 2, n. 1, p. 9-25, 2020.

⁸³⁹ MARTINS, José de S. **O poder do atraso: ensaios de sociologia da história lenta**. São Paulo: Editora Hucitec 1994, p. 31.

⁸⁴⁰ MARTINS, José de S. **Uma sociologia da vida cotidiana**, p. 60.

Provavelmente, a realidade do chão de fábrica não conhecia. Da mesma forma, no Brasil, segundo Martins “[...] a forma politicamente deficitária como se constituiu entre nós a classe operária, longe do padrão clássico e da classe operária teórica”⁸⁴¹; talvez, do que a teoria não previu?

[...] Marx se esqueceu de que o operário não é unicamente o ser humano no processo produtivo, no interior da fábrica, a extensão da máquina, da produção fragmentada e setorizada. Os operários não são apenas uma classe social, uma categoria abstrata que junta num destino os que trabalham. Fora da situação de trabalho e fora da fábrica, na sua vida cotidiana, os operários dos diferentes setores de uma mesma fábrica conversam entre si. São vizinhos, viajam no mesmo trem ou no mesmo ônibus. Muitas vezes em conversas de botequim a inteireza do processo de trabalho se torna evidente e consciente. O trabalho e o que acontece dentro da fábrica é frequentemente tema da conversação casual fora da fábrica. Às vezes, os poetas veem isso melhor, como o fez Vinicius de Moraes: “um operário dizia e outro operário escutava”⁸⁴². Mesmo os mudos trocam ideias⁸⁴³.

Nesse sentido, a poesia marca os futuros. Mas, um outro dilema que se apresenta a Martins, de operário ter a condição ou a consciência de operário apenas quando com emprego ou uma vez operário, sempre operário?

Na fábrica não existe de fato a linearidade de uma classe social revolucionária. Existe a classe e aquilo que a nega nos duplos e nas duplicidades próprias de uma situação social bifronte, cotidianamente dividida entre o afirmar-se e o negar-se, entre o conhecer-se e o desconhecer-se. A condição operária é uma luta de cada dia, um fazer-se no dia a dia, um risco permanente de perda de identidade. Isso acontece quando o trabalhador é demitido, perde seu emprego e tem dificuldade para encontrar outro. Descobre-se, então, anulado, desidentificado. A classe social torna-se uma ficção dolorosa. Tornou-se o operário inútil, sem trabalho, em busca de emprego por meio do qual será reconhecido e poderá reconhecer-se como trabalhador.

⁸⁴¹ MARTINS, José de S. **O cativo da terra**, p. 14.

⁸⁴² Trata-se do poema “Operário em construção”, onde destaca-se mais esse trecho: “[...] E um fato novo se viu/ Que a todos admirava:/ O que o operário dizia/ Outro operário escutava./ E foi assim que o operário/ Do edifício em construção,/ Que sempre dizia sim,/ Começou a dizer não./ E aprendeu a notar coisas/ A que não dava atenção:/ Notou que sua marmita/ Era o prato do patrão,/ Que sua cerveja preta/ Era o uísque do patrão,/ Que seu macacão de zuarite/ Era o terno do patrão,/ Que o casebre onde morava/ Era a mansão do patrão,/ Que seus dois pés andarilhos/ Eram as rodas do patrão,/ Que a dureza do seu dia/ Era a noite do patrão,/ Que sua imensa fadiga/ Era a amiga do patrão. [...]”, in: MORAES, Vinicius de. **Novos poemas II**: 1949-1956. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1959, p. 45-51.

⁸⁴³ MARTINS, José de S. **Uma arqueologia da memória social**, p. 351.

Descobrirá que é na trama do mercado de trabalho que sua vida tem sentido⁸⁴⁴.

Quando o trabalhador perde o emprego ainda acresce o risco da perda da identidade operária, segundo o autor “A condição operaria é uma luta de cada dia, um fazer-se no dia a dia, um risco permanente de perda de identidade”, pois os ritos diários “[...] são também formas violentas de denúncia, por meio das quais os atores se julgam”⁸⁴⁵, sem a pretensão que a teoria autoriza, a luta diária se apresenta com desafios e dilemas. Da mesma forma, a concepção estereotipada do operário (e grevista):

O operário de carne e osso regula sua rebeldia por sua sobrevivência. Mais do que personificar a certeza da revolta, ele personifica a incerteza da ambivalência. Ele não só produz as condições da transformação social, como não pode deixar de produzir, ao mesmo tempo, as condições da permanência, da repetição e da reprodução das relações sociais. E, portanto, de anular-se ao longo do dia todos os dias⁸⁴⁶.

Entre a permanência, a repetição e a reprodução das relações sociais de todo dia há um oceano na vida do operário, que hesita, que flerta com a luta por direitos sociais mais ampliados e para o coletivo; neste sentido “O eu é constituído por elementos das forças sociais e, juntos, pela percepção individual dessas forças”⁸⁴⁷, ao mesmo tempo que não fica indiferente a proposta de melhoria salarial que o beneficie, pois deve pensar antes da “luta” na própria sobrevivência, na de sua família, pois “Repetição e ritualização, continuidade e duração, portanto, parecem ser dimensões essenciais da ação conjunta em humanos”⁸⁴⁸, conforme expõe François Flahault.

⁸⁴⁴ MARTINS, José de S. **Uma arqueologia da memória social**, p. 390-1.

⁸⁴⁵ KECK, Frédéric. Goffman, Durkheim et les rites de la vie quotidienne. **Archives de Philosophie**, Paris, v. 75, n. 3, p. 471-492, jui./sep., 2012; p. 486, traduzido: “[...] ce sont aussi des formes violentes d'accusation, à travers lesquelles les acteurs se jugent les uns les autres quotidiennement”.

⁸⁴⁶ MARTINS, José de S. **Uma arqueologia da memória social**, p. 410.

⁸⁴⁷ TORRE, Angelo. Il discorso popolare: metafora o linguaggio? **Quaderni storici**, Bologna, v. 22, n. 64 (1), p. 233-244, apri., 1987; p. 233, traduzido: “Il sé è costituito da elementi delle forze sociali e, insieme, dall'apparato indivi duale di percezione di queste forze”.

⁸⁴⁸ FLAHAULT, François. De la vie en société à la vie dans la culture. Le rôle de l'attention conjointe et l'émergence de réalités autoréférentielles. **L'Homme: Revue française d'anthropologie**, Paris, n. 214, p. 107-124, 2015; p. 111, traduzido: “Répétition et ritualisation, continuité et durée apparaissent ainsi comme des dimensions essentielles de l'action conjointe chez les humains”.

Nesse sentido, em adversidades que só quem vive sabe, o *vivido*, afirma Christopher Lasch: “A nossa percepção não apenas do passado e do futuro, como do presente, coloriu-se com uma nova consciência dos extremos. Pensamos em nós mesmos, simultaneamente, como sobreviventes e como vítimas, ou vítimas em potencial”⁸⁴⁹, por “[...] se marcar pela e na subjetividade, e especialmente, ser uma história de nós mesmos”⁸⁵⁰ como sugere outro autor, decorre daí, de acordo com Lasch, a necessidade de adquirir a “mentalidade da sobrevivência”.

Portanto, ser operário é estar em condição ambígua constantemente. Segundo Martins, “A realidade operária era assim, mistura de ideias políticas, de concepções sociais, de convicções religiosas ‘inimisturáveis’ para ideólogos, sociólogos e analistas políticos”⁸⁵¹.

O que os ideólogos e os escritores da vida operária ignoram é justamente que o seu operário teórico se distancia, sobremaneira, do real, de carne e osso, aliás, como já assinalou Martins.

Da mesma forma que a sua consciência, pois “A verdadeira consciência operária era um conflito de visões de mundo, uma alternância de percepções e vontades, um elenco de dilemas, uma disputa entre certezas cotidianas e incertezas históricas”⁸⁵².

Da teleologia que dispunha um caminho, o roteiro e os papéis predispostos sem a possibilidade de revisão, a isso, a história ironicamente desdenhou e, o que se observa, de acordo com Leandro Konder, é que

[...] no século XX, mudou a burguesia e mudou o proletariado. As relações de produção se revelaram mais elásticas do que Marx imaginara. A consciência de classe não se desenvolveu no sentido da preparação do “salto qualitativo” revolucionário que Marx previra⁸⁵³.

Entre a previsão de Marx e as hesitações do cotidiano dentro do contexto da Modernidade, reais e imprevisíveis para aqueles que precisam

⁸⁴⁹ LASCH, Christopher. **O mínimo eu**: sobrevivência psíquica em tempos difíceis. Trad. João R. M. Filho. São Paulo: Brasiliense, 1986, p. 57.

⁸⁵⁰ MARANHÃO FILHO, Eduardo M. de A. Para uma História do Tempo Presente: o ensaio de nós mesmos. **Fronteiras: Revista Catarinense de História**, Florianópolis, n. 17, p. 137-151, 2009; p. 139.

⁸⁵¹ MARTINS, José de S. **Uma arqueologia da memória social**, p. 413.

⁸⁵² MARTINS, José de S. **Uma arqueologia da memória social**, p. 417.

⁸⁵³ KONDER, Leandro. **Em torno de Marx**. 1ª ed., 1ª reimpr. São Paulo: Boitempo, 2011, p. 60.

fazer a luta diária pela sobrevivência antes da consciência coletiva, há grande distância e “[...] é uma incrível ingenuidade de intelectuais, partidos e sindicatos imaginar que o trabalhador não consegue pensar seu trabalho e sua limitação de trabalho senão com a ajuda da cabeça, não raro fantasiosa, daqueles que pensam ter o monopólio do pensar crítico e do fazer político”⁸⁵⁴, mas que a fundo, conforme expõe Anselm Jappe com a “[...] teoria [de Marx] como guia, os partidos e os sindicatos têm [mais] contribuído para a integração da classe trabalhadora na sociedade capitalista”⁸⁵⁵.

A esse respeito, Bernardo Secchi assinala certa temporalidade na classe operária devido as transformações tecnológicas e, em consequência destas, no mundo do trabalho, no mínimo a perda de espaço, pois

A obsolescência e desativação embaralhou as cartas, desagregando o corpo compacto da classe operária e, de certa maneira, também o dos segmentos médios: privando-os de referências espaciais e temporais tradicionais, essa obsolescência e desativação os dispersou entre um vasto número de atividades, de iniciativas e de lugares⁸⁵⁶.

Do que esperavam dele o operário, de certa forma, desdenhou, mas não sem priorizar o que interessa à vida imediata e real, do que precisa para viver, mesmo que lhe deixem a pecha de imediatista e sem consciência de classe, pois no fundo “Os trabalhadores não apenas trabalham, mas vivem, vivenciam as consequências e possibilidades sociais do trabalho”, e conforme José de Souza Martins “A grande luta dos trabalhadores do subúrbio no último meio século foi muito mais por cultura e educação do que por salário”⁸⁵⁷.

Nesta linha de lutas reais e ausências da escrita das aparências, por assim dizer comum em muitas escritas sobre a classe operária, Annie Fourcaut abaliza que “A classe operária, desaparecida do debate público, foi substituída pela crise dos subúrbios, depois a questão dos bairros difíceis ou sensíveis,

⁸⁵⁴ MARTINS, José de S. **Uma arqueologia da memória social**, p. 351.

⁸⁵⁵ JAPPE, Anselm. **Las aventuras de la mercancía**. Trad. Diego L. Sanromán. Logroño: Pepitas de Calabaza ed., 2016, p. 17, traduzido, com acréscimo: “[...] teoría como guía, los partidos y los sindicatos obreros han contribuido a la integración de la clase obrera en la sociedad capitalista”.

⁸⁵⁶ SECCHI, Bernardo. **Primeira lição de urbanismo**. Trad. Marisa Barda e Pedro M. R. Sales. São Paulo: Perspectiva, 2006, p. 107.

⁸⁵⁷ MARTINS, José de S. **A aparição do demônio na fábrica**, p. 54.

que mascara a do imigrante”⁸⁵⁸, outros temas introduzem e imiscuem-se na escrita da história de viés operário?

Nesse sentido, em concordância ao que entende Martins, um marxista americano afirma que “O curso histórico dos últimos cem anos convenceu muitos marxistas de que essa imagem de uma tendência geral nas sociedades capitalistas para a polarização radical das relações de classe é incorreta”⁸⁵⁹.

Frente a questionamentos diversos até aqui apresentados, um outro se impõe, qual seja, a da área de/e a origem da industrialização e da consequente formação da classe operária brasileira.

Para Martins, ela é paulista, de início, portanto, já que o autor se refere a industrialização em São Paulo: “Na verdade, somente a partir de 1911 é que a industrialização se tornaria mais intensa, ganhando plena força nos anos vinte. Uma inteira geração de trabalhadores viveu a condição operária num ambiente rural”⁸⁶⁰.

As primeiras fábricas, segundo ele, foram levantadas em áreas rurais, em vilarejos, pequenas cidades e, com empregados oriundos do campo e destas localidades, naquelas que hoje constituem, em alguns casos, a região metropolitana da cidade de São Paulo, assim, conforme Martins, “[...] a indústria nasceu disseminada por um espaço amplo, urbano e rural”⁸⁶¹.

Outra polêmica levantada por Martins está na questão da condição política da classe operária, conforme este “Não é na greve que está a gênese da condição operária. [...] Na greve está a gênese política da classe operária”.⁸⁶²

Se o autor expressa essa ideia em perspectiva histórica, o que pode pensar sobre os revolucionários de agora?

⁸⁵⁸ FOURCAUT, Annie. De la classe au territoire ou du social à l'urbain. **Le Mouvement social**, Paris, n. 200, p. 170-176, jui./sep., 2002; p. 154, traduzido: “La classe ouvrière, disparue du débat public, a été remplacée par la crise des banlieues, puis la question des quartiers difficiles ou sensibles, qui masque celle de l'immigra”.

⁸⁵⁹ WRIGHT, Eric O. **Clases**. Trad. Ángel M. F. García-Bermejo. Madrid: Siglo Veintiuno Editores, 1994, p. 4, traduzido: “El decurso histórico de los últimos cien años ha persuadido a muchos marxistas de que esta imagen de una tendencia generalizada en las sociedades capitalistas hacia la polarización radical de las relaciones de clase es incorrecta”.

⁸⁶⁰ MARTINS, José de S. **Subúrbio. Vida cotidiana e história no subúrbio da cidade de São Paulo**, p. 118.

⁸⁶¹ MARTINS, José de S. **Subúrbio. Vida cotidiana e história no subúrbio da cidade de São Paulo**, p. 176.

⁸⁶² MARTINS, José de S. **Subúrbio. Vida cotidiana e história no subúrbio da cidade de São Paulo**, p. 178.

Nada falta aos revolucionários pós-modernos que volta e meia acampam no meio de avenidas da Cidade Universitária em apoio a greves de professores e de funcionários da USP. Coloridas barracas de acampamento garantem-lhes conforto de férias fora do tempo. Até que, vencidos pelo tédio e pela saudade da cama e da mesa da casa paterna, retornam ao lar e, enfim, à sala de aula. Já não se faz mais revolucionários como os de antigamente, os que morriam por uma causa, como os oito ou nove que, em maio de 1842, morreram ali mesmo. Foi na Revolução Liberal⁸⁶³.

Martins tem razão, afinal ocorreram transformações, e muito da forma como eram conduzidas as lutas de organização do operariado, hoje nos parece que a opção é mais teatral, do ser visto mais e menos do efetivo, do alarde e do panfleto há pouco de efetivo exercício de greve, como o era tempos atrás, talvez por isso a sociedade não a aprecie como outrora e os simpatizantes diminuíram sobremaneira.

O capitalismo avançou, se metamorfoseia conforme deseja, precariza o trabalho e têm em governos impopulares e que flertam com o autoritarismo ou neoliberais sem base estrutural para suas propostas – que deveriam entender que ter “[...] base é tanto mais fácil quanto mais forte for a herança ‘burguesa’ de cada país envolvido”⁸⁶⁴ advoga José Guilherme Merquior – parceiros nas reformas trabalhistas que retiram direitos, conquistas históricas⁸⁶⁵.

É como se a versão neoliberal da Modernidade buscasse “[...] se sacralizar”⁸⁶⁶, pois “A partir da década de 1980 [...] também observamos a difusão global do capitalismo, à qual supostamente ‘não há alternativa’ e que,

⁸⁶³ MARTINS, José de S. **O coração da pauliceia ainda bate**, p. 85.

⁸⁶⁴ MERQUIOR, José G. Thoughts on liberalisation. In: HALL, John A.; JARVIE, Ian C. (Edits.). **Transition to modernity: essays on power, wealth and belief**. Cambridge: Cambridge University Press, 1992, p. 317-342; p. 340, traduzido: “[...] and the grounding is the easier the stronger the ‘bourgeois’ heritage of each country involved”.

⁸⁶⁵ Para o caso brasileiro, ver ANTUNES, Ricardo. Construção e desconstrução da legislação social no Brasil. In: ANTUNES, Ricardo. (Org.). **Riqueza e miséria do trabalho no Brasil**. São Paulo: Boitempo, 2006, p. 499-508.

⁸⁶⁶ BRADLEY, Arthur; FLETCHER, Paul. Introduction: the politics to come: a history of futurity. In: BRADLEY, Arthur; FLETCHER, Paul. (Edits.). **The politics to come: power, modernity and the messianic**. New York: Continuum, 2010, p. 1-11; p. 3, traduzido: “[...] of neo-liberal modernity’s presumption to sacralize itself”.

em sua versão neoliberal⁸⁶⁷ passa a se expandir, vide casos do Chile e da Inglaterra como mais expoentes.

Quanto a esse modelo, escreve Pedro Demo, é o capitalismo relançado, que “[...] apresenta a virtude de debelar processos inflacionários e desfazer o intervencionismo estatal, mas, nem de longe, gera os empregos necessários, além de diminuir sistematicamente as remunerações”⁸⁶⁸.

No Brasil, quanto as formas de mobilização e o poder dos sindicatos, que antes mobilizavam milhões e podiam paralisar o país, provavelmente o baque maior se deve ao fim da obrigatoriedade da contribuição sindical por parte dos trabalhadores.

Nesse sentido, os sindicatos teatralizam a greve. A custa disso, talvez a citação de Michel Wieviorka tenha sentido: “O discurso dos atores não é suficiente para definir o movimento social quando é abordado por outros que não são os grevistas”⁸⁶⁹.

Bloqueiam determinada rua nas suas manifestações, com as bandeiras e as cores de partidos e tendências políticas.

Mas também, dado que os espaços virtuais se transformaram também em arena de disputa política, muitas vezes a greve é “postada”, isto é, alguém marca um encontro na rede social popular (as atuais Facebook e Instagram), e assim a maioria que adere, “curtindo” (dando *like*) e, mais o faz em apoio a postagem (para quem a fez) e menos efetivamente que pretende participar de tal evento, se fosse real.

Novos desafios, a todo instante, portanto, se impõem ao sindicalismo, e a própria esquerda⁸⁷⁰, pois ocorrem metamorfoses no mundo do trabalho⁸⁷¹.

Nesse sentido, a compreensão do evento, da razão da mobilização, ainda é insuficiente. Ainda mais em se tratando de consciência política poderá

⁸⁶⁷ WAGNER, Peter. The democratic crisis of capitalism: reflections on political and economic modernity in Europe. **LEQS Paper**, London, n. 44, dec., 2011b; p. 5, traduzido: “From the 1980s onwards [...] we also observe the global diffusion of capitalism, to which allegedly 'there is no alternative' and which in its neo-liberal version”.

⁸⁶⁸ DEMO, Pedro. **Pobreza da pobreza**. Petrópolis: Vozes, 2003, p. 289.

⁸⁶⁹ WIEVIORKA, Michel. Le sociologue et le citoyen. **Espaces Temps**, Lausanne, n. 64-65, p. 26-32, 1997; p. 31, traduzido: “Le discours des acteurs ne suffit pas à définir le mouvement social quand il est plaqué par d'autres qui ne sont pas les grévistes”.

⁸⁷⁰ MÉSZÁROS, István. Desemprego e precarização: um grande desafio para a esquerda. Trad. Claudete Pagotto. In: ANTUNES, Ricardo. (Org.). **Riqueza e miséria do trabalho no Brasil**. São Paulo: Boitempo, 2006, p. 27-44.

⁸⁷¹ ANTUNES, Ricardo. **Adeus ao trabalho?:** ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho. 15ª ed., 3ª reimpr. São Paulo: Cortez Editora, 2014.

apostar o analista externo, pois, as pessoas, de carne e osso, presentes a greve serão poucas.

Em outros casos, se informa que determinada entidade está em greve ou em “estado de greve”, mas boa parte de seus funcionários está a trabalhar, então, mais se teatraliza, diferentemente da forma clássica, quando todos paralisavam suas atividades.

Nessa estratégia, prevalece mais o “teatro dos acontecimentos”, mediatizados e postados por apoiadores do que a efetiva e, ameaçadora, de outrora, paralização.

É o que constata José de Souza Martins em São Paulo: “Ali onde é hoje um dos lugares em que a revolução é assunto de bate-papos amenos, a revolução de verdade já vai longe”⁸⁷²

Nessa reformulação da própria luta por parte dos trabalhadores, dos dirigentes sindicais, por assim dizer, das novas estratégias, a reconfiguração constante das relações de trabalho, a peleja com o capitalismo, como fica a história do trabalhador?

A história real do trabalhador não é somente a história de suas ações coerentes com o rumo da História. Mas, é também a história de suas ações incoerentes e equivocadas, das barreiras que ele próprio ergue, sem o saber, ou pensando saber, a que aquilo que faz seja fazer História. No equívoco ele também faz História, ainda que a faça através de quem o nega⁸⁷³.

Mas, a perspectiva geralmente exposta, pelo menos nas organizações classistas, é a triunfalista.

Deve prevalecer a ideia do constante enfrentamento ao capital, ao sistema que a todos oprime, e menos as fraquezas, aquilo que segundo a militância é assunto interno, para não expor o flanco ao inimigo comum.

Conquanto, pelo entendimento de Martins, “[...] só indiretamente as grandes transformações históricas do país se refletiam em acontecimentos prosaicos, aparentemente sem qualquer ligação com eles”⁸⁷⁴.

⁸⁷² MARTINS, José de S. **O coração da pauliceia ainda bate**, p. 86.

⁸⁷³ MARTINS, José de S. **Subúrbio. Vida cotidiana e história no subúrbio da cidade de São Paulo**, p. 178.

⁸⁷⁴ MARTINS, José de S. **Subúrbio. Vida cotidiana e história no subúrbio da cidade de São Paulo**, p. 210.

Se se discute tanto a condição operária, a sua formação, a origem, as condições e, afinal este é o papel da universidade, dos intelectuais, há diferenças entre fábrica e a universidade e que os intelectuais imaginam idênticas, assevera Martins?

Os acadêmicos, e os estudantes em particular, não raro confundem a funcionalidade da divisão social do trabalho com as contradições da divisão da sociedade em classes. A fábrica é um corpo coletivo porque assim é, cada vez mais, o processo de trabalho. Não há na fábrica lugar para êxitos pessoais, voluntarismos e vaidades individualistas, o que na universidade é comum não só entre professores, mas também entre alunos. Nem para competição: o trabalho de um operário é complementar do trabalho de outro operário. Além do que, um operário não manda nem quer mandar no outro. É o processo coletivo de trabalho que manda em todos. Um operário com mentalidade acadêmica arruinaria, na fábrica, o processo de trabalho⁸⁷⁵.

Diferenças significativas, mas não raro, professores pensam estar em uma fábrica, ao menos aquela idealizada e que a democracia deve existir, mesmo que essa passe ao longe de sua sala de aula. nesse sentido, Martins expressa o seu olhar de partícipe, porém severo, a respeito da organização docente na universidade.

Do que é o coletivo, então, para Martins, na universidade?

Na universidade, o coletivo só se impõe como coação de quem tem poder, ou presume tê-lo, de quem manipula, como resultado da política de lealdades interesseiras, completa caricatura do propriamente político e do que é próprio da produção do conhecimento. Na universidade, o coletivo é um recurso de direita para impor dominação e, não raro, para cercear os que, por seu trabalho, representam uma ameaça ao mando sem legitimidade. O coletivo é aí amplamente postigo e se põe muito além das formas próprias de cooperação que podem e devem existir no trabalho intelectual, específicas, aliás, de cada campo do conhecimento⁸⁷⁶.

Se o coletivo na universidade é postigo, na fábrica dependendo do caso também o é, afinal o operário é um ser contraditório, refém que está de sua condição, ainda mais, em se pensar sobre o operariado paulista.

⁸⁷⁵ MARTINS, José de S. **Uma arqueologia da memória social**, p. 389.

⁸⁷⁶ MARTINS, José de S. **Uma arqueologia da memória social**, p. 389.

De acordo com Martins, que tem um pé na roça: “[...] a industrialização do subúrbio de São Paulo criou uma alternativa de emprego que interrompeu a reprodução camponesa da família sem interromper o familismo do camponês de origem vêneta, como se vê em São Caetano até os dias atuais”⁸⁷⁷.

O modo camponês avançou sobre a formação da condição operária, forma de se relacionar, no caso do imigrante, que já o acompanhara desde a pátria de origem, talvez o que restava a se agarrar.

Pois “Ao chegar ao porto, o emigrante caía numa teia de interesses e negócios de que não tinha a menor consciência e da qual era a principal mercadoria. Era nessa nau de sonhos e, ao mesmo tempo de incertezas, que embarcava o emigrante para a longa, dura e arriscada travessia”⁸⁷⁸.

Segundo Martins, um outro mito foi imposto pela historiografia da área, pois

[...] na ideologia da imigração definiu-se, equivocadamente, a concepção de que a superioridade histórica do trabalho livre era, na verdade, a superioridade cultural e até racial do imigrante em relação aos nativos, escravos ou não. E não poucos imigrantes assumiram como verdadeiro esse pressuposto puramente ideológico⁸⁷⁹.

Desta forma, “A concepção de uma *história que começava* com os imigrantes que estavam chegando esbarrava na realidade de uma *história que continuava* a partir da inflexão de curso representada pela imigração” e, no fundo, conforme Martins, “[...] Esta era a História, a obra do trabalho, da relação do Homem com a Natureza; aquela era a fantasia, a obra simbólica do imaginário”⁸⁸⁰.

4.2 Um conceito de História em José de Souza Martins

O Império durou 67 anos, durante o qual a sociedade e a economia se consolidaram em torno da escravidão para serem transformadas com a crise justamente da escravidão. A República Velha durou 41 anos para ruir pelo esgotamento do

⁸⁷⁷ MARTINS, José de S. *O imaginário na imigração italiana*, p. 37.

⁸⁷⁸ MARTINS, José de S. *O imaginário na imigração italiana*, p. 43.

⁸⁷⁹ MARTINS, José de S. *O imaginário na imigração italiana*, p. 57.

⁸⁸⁰ MARTINS, José de S. *O imaginário na imigração italiana*, p. 65, ênfase no original.

sistema de poder que a firmou e pelo esgotamento do modelo econômico centrado na economia de exportação e no latifúndio. A República do nacional-desenvolvimentismo, com os altos e baixos de suas crises, durou 34 anos, politicamente alicerçada no populismo. Foi nossa primeira forma de reconhecimento do povo como protagonista político⁸⁸¹, não pela mediação de ideologias partidárias, mas por meio da tutela e da concepção messiânica de um pai da pátria. A economia voltada para dentro sucumbiu à força da economia voltada para fora e globalizada e o populismo também entrou em crise enquanto forma de dominação política. A nova ordem econômica e política da Ditadura de 1964 durou pouco mais do que 20 anos e gerou uma nova ordem que se estende até nós, com prevalência do mercado na definição de orientações de conduta, de prioridades e de aspirações, as da sociedade de consumo. No plano político, tivemos o advento de ideologias partidárias, que nos fizeram, finalmente, modernos. O modelo de uma modernidade superficial e postiça, porém, vem se esgotando rapidamente. As corrosões alcançaram também as crenças religiosas, fragmentando-as, diversificando-as e multiplicando-as⁸⁸².

A síntese da história brasileira em períodos reconhecidos pelos historiadores, dão a dimensão do conhecimento histórico e da importância da História na obra de José de Souza Martins.

Uma história que mais macro no exemplo, talvez não dê a dimensão real do que escreve o autor quando trata da incorporação dos excluídos à história, pois esquecidos pela grande narrativa.

Talvez por ter ficado entre a História e a Sociologia como revela em suas memórias, quem sabe pelas aulas recebidas na Educação Básica ainda na forma catedrática ou pela própria vida, a de sua família, na busca de entender sua jornada, sendo filho de imigrantes de duas pátrias (Espanha e Portugal) e ter trabalhado desde cedo, passa “[...] a valorizar a dimensão da historicidade em seus textos”⁸⁸³.

⁸⁸¹ Antes assinalado por Aberto Guerreiro Ramos: “Por felicidade, podemos, hoje, ressaltar em vivas notas a novidade substancial da presente etapa do Brasil, concretizada na emergência do povo, como protagonista eminente do processo político”, in: RAMOS, Alberto G. **A crise do poder no Brasil: problemas da revolução nacional brasileira**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1961, p. 42.

⁸⁸² MARTINS, José de S. **Uma sociologia da vida cotidiana: ensaios na perspectiva de Florestan Fernandes, de Wright Mills e de Henri Lefebvre**. São Paulo: Editora Contexto, 2014a, p. 110.

⁸⁸³ MEDEIROS, Leonilde S. de. Singularidades do capitalismo brasileiro no mundo rural. In: FREHSE, Fraya (Org.). **A sociologia enraizada de José de Souza Martins**. São Paulo: Com-Arte, 2018, p. 21-45, a citação está na p. 36.

Justamente por viver as contradições da vida real, mesmo depois de adentrar a acadêmica, Martins dê a importância que dá a História, pois segundo Henri Lefebvre, um dos autores que alicerça seu pensamento,

[...] a história mostra, na maioria das grandes civilizações, uma contradição dolorosa entre a suntuosidade das justificativas ideológicas, costumes e palavras, e a monotonia dos gestos cotidianos. Só o futuro será capaz de resolver esta forma de contradição entre consciência e realidade⁸⁸⁴.

Entre as justificativas ideológicas que constam nos livros e as contradições do cotidiano, da vida real, há significativa distância; quanto a isso, alerta Anthony Giddens amparado em Thompson, que “O historiador não pode ignorar que os eventos cotidianos são importantes por si próprios. O estudo do cotidiano faz parte tanto da história”⁸⁸⁵ quanto dos eventos, inclusive dos mais dramáticos. E Martins tem esta percepção, seja ao se aproximar do referencial teórico de Lefebvre, seja do próprio Marx, como aqui exposto nas palavras do primeiro:

Marx não queria certamente dizer apenas que há sempre possibilidade de marcação, de classificação, de encadeamento dos factos declarados históricos pelo historiador, constituindo um conhecimento denominado “história”. Quer dizer que há uma realidade, a história, obra de uma política, a revolução; esta realidade produzida pela acção produz por sua vez um conhecimento. Não há história sem historicidade. Esta não consiste numa sequência ou série de factos, de eventos, de actos, mas numa criação racional de obras (instituições, ideias). A história assim concebida é activa⁸⁸⁶.

Se a história é ativa, como acima informa o autor, ela em definitivo não é teleológica, pois “Os ‘povos sem história’ têm ocupado [nos escritos e no

⁸⁸⁴ LEFEBVRE, Henri. **El materialismo dialectico**. Trad. Ruben A. N. Laporte. Buenos Aires: Editorial La Pléyade, 1969, p. 170, traduzido: “La historia muestra sin embargo, en la mayoría de las grandes civilizaciones, una penosa contradicción entre la suntuosidad de las justificaciones ideológicas, de las costumbres y de las palabras, y la monotonía de los gestos cotidianos. Sólo el porvenir podrá resolver esta forma de contradicción entre la conciencia y la realidad”.

⁸⁸⁵ GIDDENS, Anthony. Fuera del mecanicismo: E. P. Thompson sobre conciencia e historia. Trad. José Carazo. **Historia Social**, Valencia, n. 18, p. 153-170, inv., 1994a; p. 164, traduzido: “El historiador no puede ignorar que los acontecimientos cotidianos tienen importancia en y por sí mismos. El estudio de lo cotidiano forma parte de la historia tanto como el de los acontecimientos y sucesos mas dramaticos”.

⁸⁸⁶ LEFEBVRE, Henri. **O fim da história**. Trad. António Reis. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1971, p. 58.

período recente] o centro da cena a ponto de destruir a própria noção de uma historicidade teleológica”⁸⁸⁷; da mesma forma que é diligente, que todos possam dela participar, convidados ou não, mesmo com a imperiosidade de só estar, só ser descrito, só ser personagem (não mero coadjuvante), para isso precisa do comprometimento de quem a faz, que é aquele que a escreve, se se pensar em nossos tempos de pouca ação (ao olhar o passado, antes fazer a História era ser partícipe, fazer a revolução).

Isso vale se pensar a história brasileira? E como ela nasce, como nasce o Brasil? A obra de José de Souza Martins mostra isso?

4.2.1 Teses polêmicas a respeito da história brasileira

O Brasil é uma nação independente desde 1822, no entanto, “[...] essa independência sempre se caracterizou por ser antes formal que real”⁸⁸⁸, no sentido que o país esforça-se em reconhecer esta dependência no plano da política exterior na forma como conduz sua diplomacia, ao imitar tecnologias e ao importar instituições, neste caso, adaptando-as, da mesma maneira quando se trata da educação, com a adesão aos modismos pedagógicos e, por outro lado, a desqualificação dos intelectuais e teóricos locais.

A esse respeito, em concordância com o entendimento de Anne-Maire Thiesse, é provável que nas terras brasileiras também não tenha ocorrido a invenção da identidade nacional, muito menos que os brasileiros tenham incorporado a concretude dos ideais da cidadania.

Pois, conforme Thiesse “O sentimento nacional é espontâneo apenas quando foi perfeitamente internalizado”⁸⁸⁹, efeito disso, são os descompassos históricos e a permanência das distintas temporalidades até mesmo no dia-a-dia dos mais empobrecidos, que são “[...] temporalidades vivas (biorritmos),

⁸⁸⁷ LACLAU, Ernesto. **La razón populista**. Trad. Soledad Laclau. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2005, p. 186, traduzido, com acréscimo: “Los ‘pueblos sin historia’ han ocupado el centro de la escena hasta el punto de destrozarse la noción misma de una historicidad teleológica”.

⁸⁸⁸ BRESSER-PEREIRA, Luiz C. **Macroeconomia da estagnação: crítica da ortodoxia convencional no Brasil pós-1994**. São Paulo: Editora 34, 2007, p. 80.

⁸⁸⁹ THIESSE, Anne-Maire. **La création des indentités nationales – Europe XVIII^{ème} – XX^{ème} siècle**. Paris: Seuil, 1999, p. 11, traduzido: “Le sentiment national n’est spontané que lorsqu’il a été parfaitement intériorisé”.

físicas, metafísicas, cósmicas e pessoais⁸⁹⁰ no entender de Gaston Pineau, portanto, que podem ser singulares, da mesma forma a crise de legitimidade do Estado Nacional perante estes.

Essa falta de sintonia, por assim dizer, é sinônimo de crise entre entes e Estado, já que sua positiva avaliação depende da eficácia em políticas públicas, quanto ao “[...] atendimento das necessidades e aspirações”⁸⁹¹ dessa maioria excluída, conforme destaca Celso Lafer.

Sendo um país que se imagina como uma nação ocidental desde a sua fundação, segundo Feres Júnior, mas que em verdade acabou sendo barrado “[...] no baile do grande Ocidente”⁸⁹², vide que, apesar de se enxergar como um país “[...] herdeiro de valores, religião e cultura europeus” – a imagem do Brasil é essa ou é a que tentamos passar a diante.

Mas não é dessa forma que tem sido visto por europeus e mesmo norte-americanos e, isso não só entre acadêmicos, apesar da profissionalização e da ampla divulgação de periódicos na atualidade, mesmo o intercâmbio entre as universidades, impera no senso comum a ideia do país como paraíso natural, sexual... mais recentemente, da corrupção ou ao menos esta está sendo mais publicizada e investigada do que outrora.

E quanto a alegada herança europeia?

Parece que ela foi incorporada ao cabedal do que se constitui a cultura nacional, tributária que é de muitas etnias, dentre essas, destacando-se indígenas (e suas várias nações e línguas, dialetos) e os negros, que vindo como escravos, transnacionalizados na condição negra enquanto “[...] um momento constitutivo da modernidade, sendo o Atlântico o seu lugar de incubação”⁸⁹³ como os índios ainda lutam por um lugar ao Sol, mesma luta,

⁸⁹⁰ PINEAU, Gaston. **Temporalités en formation: vers de nouveaux synchroniseurs**. Paris: Anthropos, 2000, p. 2, traduzido: “[...] des temporalités vivantes (les biorhythmes), physiques, métaphysiques, cosmiques et personnelles”.

⁸⁹¹ LAFER, Celso. **A identidade internacional do Brasil e a política externa brasileira: passado, presente e futuro**. São Paulo: Perspectiva, 2014, p. 18.

⁸⁹² FERES JÚNIOR, João. Para uma história conceitual crítica do Brasil: recebendo a Begriffsgeschichte. In: FERES JÚNIOR, João; JASMIN, Marcelo. (Orgs.). **História dos conceitos: diálogos transatlânticos**. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio/ IUPERJ, São Paulo: Edições Loyola, 2007, p. 109-117, a citação está na p. 115.

⁸⁹³ MBEMBE, Achille. **Crítica da razão negra**. Trad. Marta Lança. Lisboa: Antígona, 2014, p. 34.

diária e cotidiana dos brancos pobres e mestiços e que compõem a *psicologia do brasileiro*, como conceitua Emmanuel F. S. Câmara⁸⁹⁴.

Essa *psicologia* ocorre a partir do espelho índio⁸⁹⁵, onde da união do português com a índia, em constituição do que é a miscigenação nacional “Do pai não obtinha o reconhecimento nem a plena admissão à sua cultura. A mãe acolhia o filho, mas essa criança mestiça também não possuía legitimidade para ser inserida integralmente na cultura indígena”⁸⁹⁶.

E da alegada herança europeia se dissipa, já de início, com a conversão empreendida pelos jesuítas, comprovando que os indígenas “[...] tiveram que suportar o sofrimento de uma cruz europeia”⁸⁹⁷.

Mas permanece no imaginário, na autoafirmação, mesmo que alienada e construída, como constata Martins, da invenção do italiano pelo imigrante que cá adentrou e incorpora essa ideia na sociedade que o adota, pois “[...] essas características distintivas do imigrante foram concretamente engendradas pela sociedade de adoção”⁸⁹⁸.

Da transformação do colono em italiano, mas com consciência ambígua?

O desabrochar entre os colonos de uma utopia comunitária confundindo comunidade e identidade nacional de origem, apesar da ambiguidade que a marcou devido à persistência da categorização racial, ainda que nuançada, significou a redefinição desta em termos negadores do seu sentido original, significou que a ideologia que separava metamorfoseava-se na utopia que unia⁸⁹⁹.

O espelho cultural foi sempre o mesmo, ou quase, o intento de imitação se dava “[...] no Império e na República inicial: [pe]os países mais avançados

⁸⁹⁴ CÂMARA, Emmanuel F. S. **Dom Pedro II e a psicologia da identidade brasileira**. Brasília: Editora Centro-Hinterlândia, 2013.

⁸⁹⁵ GAMBINI, Roberto. **O espelho índio: os jesuítas e a destruição da alma indígena**. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, 1988.

⁸⁹⁶ CÂMARA, Emmanuel F. S. **Dom Pedro II e a psicologia da identidade brasileira**. Brasília: Editora Centro-Hinterlândia, 2013, p. 16.

⁸⁹⁷ GAMBINI, Roberto. **O espelho índio**, p. 75.

⁸⁹⁸ MARTINS, José de S. **A imigração e a crise do Brasil agrário**. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1973, p. 18, ênfase no original.

⁸⁹⁹ MARTINS, José de S. **A imigração e a crise do Brasil agrário**, p. 203.

do sistema capitalista em que o Brasil se inseria e nos quais se mirava”⁹⁰⁰, segundo o autor, isso só se quebra, de forma mais significativa, com o modernismo da Semana de 1922, em que pese um próprio partícipe afirmar que

[...] o movimento modernista era nitidamente aristocrático. Pelo seu carácter de jogo arriscado, pelo seu espírito aventureiro ao extremo, pelo seu internacionalismo modernista, pelo seu nacionalismo embrabecido, pela sua gratuidade antipopular, pelo seu dogmatismo prepotente, era uma aristocracia do espírito⁹⁰¹.

Aliás, esse é ano chave para compreender a fundação do Brasil, enquanto Estado Nacional. Nesse mesmo 22 foi fundado o Partido Comunista do Brasil, foi lançado o Movimento Tenentista e, também da criação do Centro Dom Vital, como reação da igreja, por intelectuais católicos e “[...] oposto às ideias dos participantes da Semana de Arte Moderna”⁹⁰².

Se o modernismo foi um voltar-se para dentro, apesar das influências externas, Caio Prado Júnior afirma que foi a busca de terras apropriadas para determinados cultivos ou atividades econômicas, Brasil adentro, como a cana-de-açúcar, as minas, o algodão e o café (se acresceria a soja na atualidade adentrando a região chamada Matopiba⁹⁰³?), num processo de desordem, e “[...] num vaivém contínuo, formou-se esta coletividade caótica que é o nosso país”⁹⁰⁴.

⁹⁰⁰ CASTANHO, Sérgio. O Império e as correntes do mar histórico. In: LOMBARDI, José C.; SAVIANI, Demerval. (Orgs.). **Navegando pela história da educação brasileira: 20 anos de HISTEDBR**. Campinas: Autores Associados, 2009, p.113-142; p. 122, com acréscimo.

⁹⁰¹ ANDRADE, Mário de. **O movimento modernista**: conferência lida no Salão de Conferências da Biblioteca do Ministério das Relações Exteriores do Brasil, no dia 30 de abril de 1942. Rio de Janeiro: Casa do Estudante do Brasil, 1942, p. 28-29.

⁹⁰² JORGE, Fernando. **Se não fosse o Brasil, jamais Barack Obama teria nascido**. 6ª reimpr. Osasco: Novo Século Editora, 2010, p. 78.

⁹⁰³ Trata-se de região de franca expansão agrícola com intento de commodities, a partir dos anos 1980, com a soja o carro chefe, que compreende área dos Estados do Maranhão, de Tocantins, do Piauí e da Bahia e “[...] tem uma extensão de 73 milhões de hectares, sendo 66 milhões no bioma cerrado, incluindo 337 municípios”, in: BUAINAIN, Antônio M.; GARCIA, Junior R.; VIEIRA FILHO, José E. R. A economia agropecuária do Matopiba. **Estudos, Sociedade e Agricultura**, Rio de Janeiro, v. 26, n. 2, p. 376-401, jun./set., 2018; p. 380.

⁹⁰⁴ PRADO JÚNIOR, Caio. **Evolução política do Brasil e outros estudos**. 9ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1975, p. 210.

Talvez nas temporalidades a que alega Martins, o convívio dos diferentes tempos e espaços em um só capitalismo que se configura a partir da mutação, das diferentes estratégias, como alega o autor acima.

Exemplo de temporalidade semelhante é exposta por Muniz Sodré para a cidade de Salvador, pois

Muita coisa mudou na vida real, o que é evidente em toda a cidade, em todo o Recôncavo pós-exploração petrolífera, mas na Bahia os tempos diversos costumam recompor-se sincronicamente na vivência das festas, nas celebrações litúrgicas do candomblé, na mitologia do povo de rua, nas narrativas⁹⁰⁵.

Portanto, temporalidades que, em descompasso, podem se unir na festa na cidade contemporânea que expõe tempos, temporalidades diversas.

Deste caos coletivo, da interiorização, “A expansão rumo ao interior, em busca de escravos nativos para fins rurais e mais tarde a corrida pelo ouro e pelas pedras preciosas, já deveu-se aos descendentes de europeus nascidos neste país, muitos dos quais eram fruto da mistura com sangue indígena”⁹⁰⁶.

E assim esse encontro dos que já estavam, os povos originários, com os que chegavam para exploração, onde “No Brasil, todo mundo é índio, exceto quem não é”⁹⁰⁷, é desta forma vai se conformando também, posteriormente, a narrativa desta história.

Onde se imagina que “A história é construída, reconstruída, reconhecida, destruída, bem entendida ou mal entendida (interpretada) por diversos agentes que podem manipular ou instrumentalizar planos que tornem certos conceitos discutíveis ou não”⁹⁰⁸, como afirmam Luiz A. Alves e Sandra M. S. Alves. Mas quem os problematiza?

Quem pensa ser importante discutir a *intenção metodológica da História*, por assim dizer? Se não se faz esta discussão, quem dirá outras, que mais

⁹⁰⁵ SODRÉ, Muniz. **Mestre Bimba**: corpo de mandinga. Rio de Janeiro: Manati, 2002, p. 29.

⁹⁰⁶ HOLANDA, Sérgio B. de. Linhas gerais da história brasileira. Trad. Luiz Feldman e Pedro M. Monteiro. **Insight Inteligência**, Rio de Janeiro, ano XXI, n. 83, p. 20-23, out./dez., 2018; p. 22.

⁹⁰⁷ VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. No Brasil, todo mundo é índio, exceto quem não é (entrevista). In: RICARDO, Beto; RICARDO, Fany. (Edits. gerais). **Povos indígenas no Brasil 2001/2005**. São Paulo: Instituto Socioambiental, 2006, p. 41-49; p. 45.

⁹⁰⁸ ALVES, Luiz A.; ALVES, Sandra M. S. **Cidades tropeiras**: região sul do Brasil. Porto Alegre: Evangraf/ Criação Humana, 2018, p. 69.

interessam ao leitor que foi partícipe, fez a história, leitor, ou mesmo foi “fonte”, de que forma poderá contestar⁹⁰⁹ essa escrita?

Para responder aos questionamentos, recorre-se mais uma vez aos autores, mas em frase de Luiz A. Alves, no verso da última folha do livro conjunto: “Omitindo-se parte da História nega-se a cidadania”⁹¹⁰ e, assim se instaura “[...] a politização da vida nua como tal constitui o evento decisivo da modernidade”⁹¹¹ que, é “A vida humana que perde as condições de cidadania é [...] como *vida nua*, desprovida de direitos e de garantias”⁹¹².

Pode-se omitir parte da história em tempos de pouco protagonismo? O sentido de protagonismo aqui é associado às brechas, as possibilidades que o sistema permite e daquilo que os governantes entendem como possível nesta troca representativa de outorga que tem caracterizado a democracia brasileira? Talvez seja válido o exposto por Anselm Jappe que, em verdade

[...] a democracia, entendida como igualdade formal e liberdade, já se concretizou e coincide com a sociedade de homens sem qualidades. Como os bens, todos os cidadãos são medidos pelo mesmo padrão; são porções quantitativas da mesma abstração⁹¹³.

Uma democracia de baixa efetividade quanto à serviços ao cidadão, então, mais de fachada, porque indireta e enxerga a todos como desprovidos de *qualidade*, no limite da teoria representativa exposto por Jappe. E os

⁹⁰⁹ Conforme Altamirano, há também o outro lado, pois há os intelectuais contestados pelos próprios integrantes deste seletto grupo: “Outro problema é seus colegas acharem que você fala sobre algo que não conhece – se você fala, por exemplo, sobre os pobres, podem contestá-lo dizendo que você não tem ideia de como é a pobreza. Enfim, os saberes estão cada vez mais diferenciados e especializados, e os intelectuais devem falar de modo que também mostrem seus sentimentos, seus pontos de vista teóricos, mas não é uma tarefa fácil”, in: ALTAMIRANO, Carlos. *Conversa com Carlos Altamirano: cenas da vida intelectual argentina* (entrevista a Maria C. M. Tresoldi e Flávia X. M. Paniz). **Tempo Social**, São Paulo, v. 29, n. 3, p. 333-348, 2017; p. 346.

⁹¹⁰ ALVES, Luiz A.; ALVES, Sandra M. S. **Cidades tropeiras**, s./p.

⁹¹¹ AGAMBEN, Giorgio. **Homo sacer: o poder soberano e a vida nua**. Trad. Henrique Burigo. 2ª reimpr. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007, p. 12.

⁹¹² KEHL, Maria R. **Ressentimento**. 4ª ed., 2ª reimpr. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2015, p. 19, ênfase no original.

⁹¹³ JAPPE, Anselm. El absurdo mercado de los hombres sin cualidades. In: JAPPE, Anselm; KURZ, Robert; ORTLIEB, Claus P. **El absurdo mercado de los hombres sin cualidades: ensayos sobre el fetichismo de la mercancía**. Trad. Luis A. Bredlow e Emma Izaola. 2ª ed. Logroño: Pepitas de Calabaza ed., 2014, p. 31-40; p. 36, traduzido: “[...] la democracia, entendida como igualdad y libertad formales, ya está realizada y coincide con la sociedad de los hombres sin cualidades. Al igual que las mercancías, todos los ciudadanos son medidos por el mismo rasero; son porciones quantitativas de la misma abstracción”.

grandes teóricos o que legaram a questão? “Que diz Marx? Fazer ou não fazer história, eis o dilema. A atividade histórica define o ser humano”⁹¹⁴.

4.2.3 Questões de método na história?

Se o povo apenas existe na exceção e não na regra da história brasileira, quando prevalece a norma, ao menos aquela desejável e implícita de a escrita da história se aperceber disso?

A mais antiga dentre as chamadas ciências sociais, a História é, sobretudo, uma disciplina argumentativa – aspecto em que se sobressai dentre a chamada área de humanidades –, mas fundada na correta escolha e utilização de fontes de tipos diversos. Mais que isso, sua abrangência é enorme, seu objeto é, ao fim e ao cabo, indelimitável, o que por certo lhe imprime um caráter altamente artesanal e subjetivo. Mais claramente: argumentação aplicada ao tempo, à mudança, a partir do manejo de corpos documentais cujo escopo vem aumentando nas últimas décadas em função da imensa diversidade temática que cada vez mais caracteriza o ofício de historiador⁹¹⁵.

Se por um lado aumentam os corpos documentais acessíveis ao historiador, por outro, ele tem essa sensibilidade, “caráter altamente artesanal e subjetivo” tem prevalecido? De acordo com Ivan Jablonka: “[...] os desafios historiográficos que estão inseparavelmente ligados às questões de método e de escrita” e a “[...] investigação histórica depende da maneira como operamos com a nossa filiação, o nosso parentesco, a nossa emoção”⁹¹⁶.

Qual será a sua tarefa? “A tarefa do historiador, então, mais do que narrar, é tornar explícita a forma da sua explicação, ou seja, ‘destacar o processo explicativo da trama da narrativa’ e fazer dele uma ‘problemática distinta’ da própria trama, tema da discussão com os seus pares”⁹¹⁷.

⁹¹⁴ LEFEBVRE, Henri. **O fim da história**. Trad. António Reis. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1971., p. 90.

⁹¹⁵ FLORENTINO, Manolo. História, sentido e totalidade. **Novos Estudos CEBRAP**, São Paulo, n. 91, p. 195-198, nov. 2011; p. 195.

⁹¹⁶ JABLONKA, Ivan. Quando o historiador é pai e filho. Trad. Naiara Damas e Eduardo W. Cardoso. **Topoi**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 44, p. 532-552, mai./ago., 2020; p. 534.

⁹¹⁷ GRESPAN, Jorge. O lugar da história em tempos de crise. **Revista de História**, São Paulo, n. 151, p. 9-27, 2º sem., 2004; p. 24.

Outra possibilidade, seguindo esta linha, entre a seleção de certo trecho de um livro, impor aquilo que quem escreve pensa ser mais importante, dar o tom do que deve ser visto, o que pode ocorrer na pesquisa e na redação da escrita, no relatório, quem deverá ser entrevistado, quanto tempo dará, o modo como far-se-á as perguntas, enfim, do teatro da pesquisa, dos rituais que se levará em conta (ou não), do que ficará em evidência (ou não) na apresentação, por exemplo, onde se percebe o prejuízo de quem foi “fonte”.

Mas há também, por parte do historiador a omissão da fonte, a prova que pode permitir o leitor da atualidade que tem mais acesso a questionar a escrita, ou a indução de interpretação de algo, dando a dizer que foi daquela forma ou desta.

Neste sentido, Jacques Rancière traz como exemplo Jules Michelet, o historiador francês, quando este menciona cartas de amor à pátria, à França, mas não cita um trecho sequer delas:

O historiador atesta que praticou um ato singular, abriu o armário, leu as cartas. Em seguida vai nos dizer o que são – não o que contêm, e sim o que são: cartas de amor. “Visivelmente, nos diz, o coração fala”. Essa visibilidade, porém, só existe para ele. o que ele nos mostra é apenas aquilo que faz com que ele as veja como cartas de amor; não seu conteúdo, mas sua apresentação⁹¹⁸.

Quantos se valem deste método? “Michelet inventa aqui uma solução nova para o excesso revolucionário de palavras. Inventa a arte de fazê-las falar fazendo-as silenciar. Na demonstração do historiador segurando as cartas e na substituição da exposição do conteúdo delas pelo relato”⁹¹⁹.

Neste sentido, a história vira como que a ciência do escondido, que esconde aquilo que não interessa ao historiador.

Mas há os que expõe, e até mais do que se fazia em seu tempo, se não a respeito do método que se valeu, em denúncia da situação social de sua época.

Mesmo um historiador considerado conservador e quase não citado mais, como Capistrano de Abreu, comenta a respeito da vida no meio rural, ou

⁹¹⁸ RANCIÈRE, Jacques. **Políticas da escrita**. Trad. Raquel Ramalhete et al. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995, p. 213.

⁹¹⁹ RANCIÈRE, Jacques. **Políticas da escrita**, p. 214.

no “sertão” conforme sua grafia, em miserabilidade frente ao deleite das elites: “A vida do povo comum dizia mal com estes esplendores: a canjica, alimento da maioria da população, dispensava sal, porque este ingrediente não chegava para todos”⁹²⁰.

4.2.4 O interesse pela História em José de Souza Martins

José de Souza Martins possui obra em diálogo frutífero com diferentes áreas do conhecimento, especialmente com a História. Não possui formação específica enquanto historiador; no entanto, sua escrita, em vários livros, dos quais cita-se “Subúrbio”⁹²¹ expõe sua maestria no ofício.

Em entrevista Martins explica que já aos 15 anos fazia “[...] leitura direta de documentos históricos” ao fazer pesquisas, aos sábados, no Arquivo do Estado na Biblioteca Municipal de São Paulo, logo depois que sua família tinha abandonado a roça e tinha arranjado emprego na Cerâmica São Caetano; apesar do trabalho árduo, aponta a razão do interesse:

Em casa nunca deixei de ler, mesmo que os livros fossem escassos. Foi na época da fábrica que começou a despertar meu interesse pela história. Lia muito, devorava livros. Eu não sei explicar exatamente o porquê, mas foi por essa época que me interessei pela história local. De núcleo colonial agrícola a subúrbio industrial, em menos de meio século, essa história parecia mutilada e desconexa⁹²².

O interesse pela história prevaleceu em tempos e difícil acesso e, de grande dificuldade para manter a leitura já que precisava dividir o tempo com as tarefas que desempenhava desde criança. Sua autobiografia, especialmente a do “moleque de fábrica”, “[...] tendo o ‘eu’ como fonte de experiência a transmitir”⁹²³, revelam muito mesmo dos tempos que não esteve como operário, mostram os tempos não menos difíceis da roça.

⁹²⁰ ABREU, João C. H. de. **Capítulos de história colonial**. Brasília: Senado Federal, 2006, p. 116.

⁹²¹ MARTINS, José de S. **Subúrbio. Vida cotidiana e história no subúrbio da cidade de São Paulo**: São Caetano, do fim do Império ao fim da República Velha. São Caetano do Sul: Prefeitura de São Caetano do Sul; São Paulo: Editora Hucitec, 1992.

⁹²² MARTINS, José de S. José: esboço de figura. Entrevista a Antonio Motta. **Política & Trabalho**, João Pessoa, n. 39, p. 23-58, out., 2013b, p. 28.

⁹²³ GUTIÉRREZ, Rafael. **Formas híbridas**. Rio de Janeiro: Editora Circuito, 2017, p. 64.

Talvez, pela percepção das contradições que sua família vivia em relação as possibilidades da vida em sociedade, das mazelas e dos interstícios nas estratégias de reprodução social. Talvez por isso, tenha afirmado que “[...] uma característica básica de meus trabalhos que é a referência à dimensão propriamente histórica dos processos sociais, sua historicidade”⁹²⁴.

Isso já desde o seu primeiro livro, “São Caetano do Sul em quatro séculos de história”⁹²⁵, como informa em entrevista

Eu tinha dezesseis anos quando o escrevi. Já não era uma simples narrativa escolar. No curso normal, quando comecei a ter aulas com Dona Margarida Amyr Silva, professora de História formada pela Universidade de São Paulo, compreendi que meu interesse pela história ia além da sucessão cronológica de fatos. A História era um processo, um encadeamento de conexões de sentido entre fatos, ações. Ela pouco escrevia na lousa, fazia conferências eruditas, com interpretações sociológicas nas quais, muito frequentemente, nós, os alunos, nos reconhecíamos. E foi assim que comecei a entender que a história local, que havia escrito aos dezesseis anos, continha uma trama de significados⁹²⁶.

Talvez o fato de uma formação certa, o autodidatismo, tempos de maior valorização da educação, apego às oportunidades pelo histórico de vida de sua família,

Venho de uma classe social praticamente sem histórias pessoais, a classe trabalhadora. Não ter história faz parte do conformismo que tem sido próprio da cultura obreira, que recobre e não raro trava, no dia a dia, inquietações e contradições. Individualizações biográficas são coisas das elites, dos importantes, da burguesia e da classe média, dos demiurgos, dos que decidem e mandam, dos que vivem, à margem do processo de reprodução social, a vida das exceções⁹²⁷.

Por isso mesmo ao fazer seus escritos autobiográficos, José de Souza Martins nunca o foi como protagonista solitário, rodeado que estava de

⁹²⁴ MARTINS, José de S. **A sociabilidade do homem simples: cotidiano e história na modernidade anômala**. (1ª edição: Hucitec, 2000), 3ª edição. São Paulo: Editora Contexto, 2011, p. 135.

⁹²⁵ MARTINS, José de S. **São Caetano do Sul em quatro séculos de história**. São Caetano do Sul: Rotary Clube/Saraiva, 1957.

⁹²⁶ MARTINS, José de S. José: esboço de figura. Entrevista a Antonio Motta, p. 28-9.

⁹²⁷ MARTINS, José de S. **Uma arqueologia da memória social**, p. 448.

peças na reconstrução dos trajetos, a partir da memória de outros de que se vale, pois “[...] com o advento da história do tempo presente, o historiador é constantemente confrontado com uma memória *viva*”⁹²⁸, como alerta François Bédarida.

E se se apartou da família e abraçou a condição de estudos que lhe legaria a de intelectual, aponta elementos a respeito do que representa ser acadêmico ou ser o que é, enquanto uma opção

[...] existencial. Mas, opção existencial que pretende e espera trazer para as ciências sociais a realidade de um mundo ocultado pelas grandes categorias explicativas e pelas grandes abstrações, aquilo que nem sempre tem tido visibilidade no trabalho científico, o drama e a trama da sociabilidade dos simples. Há nisso uma proposta metodológica e teórica: observar a sociedade a partir da margem, do mundo cinzento daqueles aos quais as contradições da vida social deram a aparência de insignificantes e que como insignificantes são tratados pela ciência⁹²⁹.

A opção por trazer as ciências sociais o mundo oculto, do “[...] drama vivido conscientemente”⁹³⁰, o mundo que não aparece na escrita que parte da ideia de classes, onde se vislumbra apenas proletariados *versus* burgueses, num apequenamento da realidade social.

A partir de estratégias metodológicas múltiplas, com o privilégio da observação da margem, para o “mundo cinzento daqueles aos quais as contradições da vida social deram a aparência de insignificantes” e, desta forma costumam ser tratados pela História.

4.2.5 Sobre a memória

No fechamento do último parágrafo se expõe uma fortuna da obra de José de Souza Martins que tem se revelado nos seus livros autobiográficos,

⁹²⁸ BÉDARIDA, François. Le temps présent et l'historiographie contemporaine. **Vingtième Siècle, revue d'histoire**, Paris, n. 69, p. 153-160, jan./mar., 2001; p. 158, traduzido, ênfase no original: “[...] avec avènement de histoire du temps présent historien se trouve constamment confronté une mémoire *vive*”.

⁹²⁹ MARTINS, José de S. **A sociabilidade do homem simples**, p. 119-20.

⁹³⁰ BASTIDE, Roger. **Sociología y psicoanálisis**. Trad. Herman M. Cueva e Susana de Aldecoa. Buenos Aires: Compañía General Fabril Editora, 1961, p. 49, traduzido: “[...] en la historia, todo es drama conscientemente vivido”.

lançados há pouco tempo, qual seja o trato da memória que o autor se permite enquanto artefato metodológico, com “[...] olhos do historiador e do observador historicamente sensível”⁹³¹, mais um, do amplo repertório que se vale em sua escrita, quase como “[...] uma história feita das lembranças dos tipos humanos que, de tão próximos no afeto, tornam-se elementos-chaves”⁹³² para a narrativa, como assevera Luiz Antonio de Assis Brasil. Nesse sentido, esta memória atua como se fosse “[...] a função social da testemunha carregando autenticidade, identidade, verdade e, portanto, história”⁹³³.

Com o alerta que se leve em conta que “A reconstituição histórica que incorpore os dados da memória implica em reformular a concepção de História, mediante a incorporação de outras temporalidades, diversas daquelas que marcam o tempo reconhecido da História”⁹³⁴, na linha do entendimento de Gaston Pineau, que entende que “[...] o tempo é um dessincronizador. É melhor falar sobre as temporalidades. O tempo, no singular, de fato, esconde múltiplas temporalidades que rompem nesta bela e aparentemente simples unidade”⁹³⁵.

De que forma se dá a percepção das temporalidades, dos tempos diversos pelo mesmo (o próprio) indivíduo? A linha exposta por Roger Brunet oferece pistas. Para ele, “[...] não existe uma percepção: existem percepções. Ao mesmo tempo, várias percepções, variando no tempo, e às vezes simultâneas, para o mesmo indivíduo; e os tipos de percepções, frente a um mesmo objeto ou evento”⁹³⁶.

Neste reformular da concepção de história, conforme advoga Martins, está, conseqüentemente, em buscar ampliar a concepção da memória, já que

⁹³¹ GUMBRECHT, Hans U. **Produção de presença**: o que o sentido não consegue transmitir. Trad. Ana I. Soares. Rio de Janeiro: Contraponto/ Editora PUC-Rio, 2010, p. 154.

⁹³² BRASIL, Luiz A. de A. A terra da permissão. **Veredas - Revista da Associação Internacional de Lusitanistas**, Porto Alegre, n. 5, p. 145-150, 2002; p. 147.

⁹³³ RIOUX, Jean-Pierre. Devoir de mémoire, devoir d'intelligence. **Vingtième Siècle. Revue d'histoire**, Paris, n. 73, p. 157-167, jan./mar., 2002; p. 164, traduzido: “[...] la fonction sociale du témoin porteur d'authenticité, d'identité, de vérité et donc d'histoire”.

⁹³⁴ MARTINS, José de S. **A sociabilidade do homem simples**, p. 127.

⁹³⁵ PINEAU, Gaston. Conquistar seu tempo através da formação dos ritmos da própria vida (entrevista a Hervé Breton). Trad. Camila A. Alves. **Educar em Revista**, Curitiba, v. 37, p. 1-18, 2021; p. 7.

⁹³⁶ BRUNET, Roger. Espace, perception et comportement. **Espace géographique**, Paris, t. 3, n. 3, p. 189-204, 1974; p. 191, traduzido: “Il n'y a donc pas une perception: il y a des perceptions. A la fois plusieurs perceptions, variant dans le temps, et parfois simultanées, pour le même individu; et des types de perceptions, face à un même objet ou événement”.

Se entendermos que a memória não é apenas recordação verbalizada, então há muito mais a considerar. A memória do passado, isto é, das experiências sociais passadas e dos antepassados, se inscreve nos gestos, nos gostos, na audição, nos sotaques, no paladar, no olfato, nos cheiros⁹³⁷.

Sendo a memória resultado das experiências sociais passadas e, “As experiências humanas são infinitamente diversas”⁹³⁸ como escreveu Tzvetan Todorov, e pode estar dispersa na relação exposta por Martins, mas sem “[...] um abandono do dever social e político do crítico de envolver o presente com todo o peso da experiência passada”⁹³⁹, o que não se duvida, mas acredita-se que poucos a busquem nestes “locais” como ele a fez, poder-se-ia, então, pensar em tipos de memória?

A memória é um fenômeno social complexo. Quase sempre se crê, em interpretações de senso comum, que a memória se resume à prosaica lembrança. Mas, o que se quer lembrar e o que não se quer lembrar estão igualmente na memória. Há memória obrigatória, memória do que tem que ser lembrado porque é roteiro do viver. Há memória do que pode ser lembrado. Há memória do que se quer lembrar. Mas, há também memória do que se quer esquecer. Por isso mesmo é preciso estar atento às circunstâncias da memória, nas quais nossas histórias pessoais se inscrevem, transformando a biografia das pessoas comuns, aquela que elas próprias podem narrar, em registros indiretos, fontes secundárias da memória⁹⁴⁰.

Muito para além de lembrar, ficar atento as circunstâncias da memória, pois ela pode ser desejada e não, como esquecer os pontos trágicos da biografia do dia a dia, pois “A história não é regida pelas leis de conservação da matéria, mas por aquelas de seleção onde a maioria das perdas são irreversíveis”⁹⁴¹, justamente para ter forças no enfrentamento das dificuldades,

⁹³⁷ MARTINS, José de S. **A sociabilidade do homem simples**, p. 129.

⁹³⁸ TODOROV, Tzvetan. **Las morales de la historia**. Trad. Marta B. Alcázar. Barcelona: Ediciones Paidós Ibérica, 1993, p. 40, traduzido: “Las experiencias humanas son infinitamente diversas”.

⁹³⁹ VIDLER, Anthony. **Histories of the immediate present: inventing architectural modernism**. Cambridge: The MIT Press, 2008, p. 3, traduzido: “[...] a dereliction of the social and political duty of the critic to engage the present with the full weight of past experience”.

⁹⁴⁰ MARTINS, José de S. **Uma arqueologia da memória social**, p. 456.

⁹⁴¹ MILO, Daniel S. La rencontre insolite mais édifiante du culturel et du quantitatif. **Histoire & Measure**, Paris, v. 2, n. 2, p. 7-37, 1987; p. 12, traduzido: “L’histoire n’est pas régie par les lois de la conservation de la matière, mais par celles de la sélection où la plupart des pertes sont irréversibles”.

por isso, seletiva, podendo ser mais técnica, para os afazeres da jornada, mas também aquela positiva, que dá forças.

Isso exposto, que se leve em consideração que “[...] a chave explicativa que dá sentido ao curso da História está na contradição entre o homem e sua obra, na relação alienada entre aquilo que ele quer e aquilo que ele faz”⁹⁴², que se busca, em pesquisa, naquilo que “É o pequeno mundo que se introduz por todos os poros que o silêncio dos homens deixou abertos”⁹⁴³, conforme expõe Carmen Pardo em sua chave centrada no *silêncio da cultura*.

Mas se a contradição está instaurada entre a obra do homem, refém e condicionado entre aquilo que deseja concretizar e as verdadeiras possibilidades de lograr êxito nisso, pode-se afirmar que a história local pode imitar a história?

Infelizmente, assim como a história local de modo algum imita imediatamente a História, assim também, contraditoriamente, a pesquisa e o estudo dos grandes processos históricos não reconhecem na escala dos grupos locais e dos sujeitos e suas pequenas contradições os protagonistas ocultos ou embaraçados da História. Todos estão procurando o sujeito típico ideal e o protagonista mítico, que, no fundo, é irreal⁹⁴⁴.

Entre a busca do mítico, daquilo que é irreal, mas serve aos propósitos de que pesquisa, pela imposição da relação de poder que privilegia determinado enfoque sobre outros, que elege quem deve ser protagonista, que direciona o sentido da narrativa e que espera (e até que imagina!) o resultado final, as suas “considerações finais”.

Quanto à condição de refém, Florestan Fernandes afirma que há uma minoria que se arroga controlar a sociedade, que detêm o poder sobre as alternativas possíveis e, de acordo com o autor urge “[...] que se prepare o homem comum brasileiro para atender, desejar e praticar essas opções, de modo que o Povo deixe de ser uma vítima passiva”⁹⁴⁵, até para além, que não

⁹⁴² MARTINS, José de S. **A sociabilidade do homem simples**, p. 131.

⁹⁴³ PARDO, Carmen. **En el silencio de la cultura**. México D.F.: Editorial Sexto Piso, 2016, p. 232, traduzido: “Es el pequeño mundo que se introduce por todos los poros que el silencio de los hombres ha dejado abiertos”.

⁹⁴⁴ MARTINS, José de S. **A sociabilidade do homem simples**, p. 132.

⁹⁴⁵ FERNANDES, Florestan. A sociologia como afirmação. **Revista Brasileira de Sociologia**, Porto Alegre, v. 09, n. 21, p. 262-290, jan./abr., 2021; p. 293.

necessite de tutela, mesmo a de intelectuais à esquerda, pois sempre será tutela.

Quanto às alternativas, à esquerda ou à direita, escreve Arturo A. Roig que “[...] constituem para nós a expressão das exigências inesgotáveis da vida humana na sua evolução mutante e por vezes imprevista”⁹⁴⁶, para aquilo que se descortina ou se apresenta na prática do ser social.

No entanto, mesmo nas metodologias mais plurais, qualitativas e vistas como de inclusão, pode-se “espremer” a fonte, tanto quanto nas quantitativas que se predem a ilusão da “precisão” dos números e as estatísticas. É o modelo tradicional de fazer ciência, que em sua busca “[...] pela objetividade e pelo aspecto quantitativo do real” leva-a “[...] a negligenciar a subjetividade e a face qualitativa do real”⁹⁴⁷.

Em verdade, quando se seleciona a parte da fruta, separa-se a semente e, em alguns casos, cresce-se o doce, assim, o suco da narrativa sai a contento de quem escreve, quem banca a pesquisa.

Frente a esse arsenal, hoje já se usa mais do liquidificador ou o processador de frutas para a fabricação do suco, efetivamente, em se tratando de pesquisa e de seus artefatos metodológicos, impõe-se a questão de Martins: “E, hoje, quem quer lembrar?”⁹⁴⁸.

Responde José de Souza Martins: “Quem carece de memória histórica – o desenraizado, o migrante, o sem história. Aquele cuja vida foi privada do sentido da duração do tempo, da permanência além da morte. Aquele que vive a falta de História, como carência e privação”⁹⁴⁹.

Entre a carência de sentido, da privação da história, e flertando com os tipos de memória observados por Martins, as populações marginais, não em sua obra, ficam como que herdeiras “[...] que são de uma memória histórica

⁹⁴⁶ ROIG, Arturo A. À manera de prólogo. Hacia una acotación teórico-crítica del pensamiento alternativo como esperanza. In: BIAGINI, Hugo E.; ROIG, Arturo A. (Dirs.). **El pensamiento alternativo en la Argentina del siglo XX. Tomo II: obrerismo, vanguardia y justicia social.** Buenos Aires: Biblos, 2006, p. 11-17; p. 11, traduzido: “[...] constituyen para nosotros expresión de las inagotables exigencias de la vida humana en su cambiante y a veces imprevisto devenir”.

⁹⁴⁷ BERRY, Thomas. **O sonho da terra.** Trad. Ephraim F. Alves. Petrópolis: Vozes, 1991, p. 141.

⁹⁴⁸ MARTINS, José de S. **Subúrbio. Vida cotidiana e história no subúrbio da cidade de São Paulo,** p. 17.

⁹⁴⁹ MARTINS, José de S. **Subúrbio. Vida cotidiana e história no subúrbio da cidade de São Paulo,** p. 17.

confusa e fantasiosa, conservadora e autoritária, corporativa e etnocêntrica”⁹⁵⁰ pois o seletor conteúdo que aparece nos livros de história não percebe que ela escapa.

Escapa, pois preterida, ela é a “Memória do que se esvai na linha do horizonte. Palavra sem rima, soluçada, de fins e começos. Vozerio visual dos resíduos, do que perdeu forma e sentido. Cores desbotadas da sociedade dos avessos”⁹⁵¹. Nesse sentido, poder-se-ia pensar a memória como experiência no testemunho e na escrita do historiador? Logo, Marc de Launay assevera que

[...] a experiência histórica não é simplesmente o que nos acontece e que vivemos em maior ou menor proximidade aos eventos, é um trabalho sobre o que nos aconteceu por meio de um método. O campo da experiência é, portanto, imediatamente um conceito que inclui uma parte da atividade, que não trata de tudo que afeta nossa passividade, sem interpor uma maneira de tematizar eventos⁹⁵².

Do desbotado cenário da narrativa histórica, árida que está dos sem sentidos, os residuais, de que forma se poderia pensar esta problemática na história, enquanto uma ideia de conceito?

4.2.6 Florestan Fernandes para pensar um conceito de História

Neste sentido, uma das maiores influências na obra de Martins é a de Florestan Fernandes (1920-1995), sociólogo brasileiro, patrono da Sociologia brasileira por força da Lei 11.325, de 24 de julho de 2006, a qual agrega a interpretação do país e como contributo e recorrência nas pesquisas de ciências sociais que tenham esta pretensão: “Sem referência à sua obra é

⁹⁵⁰ MARTINS, José de S. **Subúrbio. Vida cotidiana e história no subúrbio da cidade de São Paulo**, p. 43.

⁹⁵¹ MARTINS, José de S. **José de Souza Martins**, p. 10.

⁹⁵² LAUNAY, Marc de. Les temps de l'histoire. **Cités**, Paris, n. 33, p. 43-52, 2008; p. 47, traduzido: “[...] l’expérience historique n’est pas simplement ce qui nous arrive et que nous avons vécu dans une plus ou moins grande proximité avec les événements, c’est un travail sur ce qui nous est arrivé par le biais d’une méthode. Le champ d’expérience est ainsi d’emblée une notion qui intègre une part d’activité, laquelle n’aborde pas tout ce qui affecte notre passivité sans y interposer une manière de thématiser les événements”.

impossível entender o Brasil contemporâneo com a mesma agudeza e precisão”⁹⁵³.

Não percebe mero ecletismo em Fernandes, ao contrário, “A incorporação das interpretações de Weber e, pioneiramente, das de Marx, numa perspectiva propriamente acadêmica, enriqueceu o seu quadro de referência”⁹⁵⁴.

Mas essencialmente centrado na realidade empírica nacional, já que o sociólogo “[...] tinha justificado horror aos modismos interpretativos, que aliás se difundiram já nos anos 60: num momento domina Sartre, noutro Goldman, noutro Althusser, noutro Foucault. E a legitimidade do conhecimento passa a depender de um único autor e seu endeusamento”⁹⁵⁵.

Não para formar o perigo da concordância teórica, nem mesmo do *consenso compulsório*⁹⁵⁶ a que alega Martins, mas também não o ecletismo e, sim pelo aprofundamento e, neste caso, para fazer uso de uma teoria, a defesa de seu conhecimento integral e sem as amarras do dogmatismo e os condicionantes que passavam a imperar no Brasil em se tratando da obra marxiana. Nesse sentido, Maria Rosaria Manieri alerta que, ao voltar a refletir sobre a teoria de Marx, se deve ficar “[...] fora da dogmatização e da utilização política que de seu pensamento foi feita pelos movimentos que o tiveram como referência”⁹⁵⁷.

Nesse intento, os alunos de Florestan Fernandes organizam o seminário a respeito do método em “O Capital” de Marx “[...] sobre o método dialético que influenciou poderosamente em suas pesquisas e interpretações, muito antes do modismo, desastroso aliás, que fez de Althusser, e do althusserianismo, uma referência que dispensava a leitura do próprio Marx”⁹⁵⁸. Como expõe Leandro Konder:

⁹⁵³ MARTINS, José de S. **Florestan**, p. 23.

⁹⁵⁴ MARTINS, José de S. **Florestan**, p. 25.

⁹⁵⁵ MARTINS, José de S. **Florestan**, p. 29.

⁹⁵⁶ MARTINS, José de S. Introdução. In: FORACCHI, Marialice M.; MARTINS, José de S. (Orgs.). **Sociologia e sociedade: leituras de introdução à sociologia**. 25ª tir. Rio de Janeiro: LTC, 2008b, p. 1-6.

⁹⁵⁷ MANIERI, Maria R. **Fraternidade: releitura civil de uma ideia que pode mudar o mundo**. Trad. Luiz S. Henriques. Brasília: Fundação Astrojildo Pereira, 2017, p. 113.

⁹⁵⁸ MARTINS, José de S. **Florestan**, p. 38.

Aquilo que a doutrina oficial do marxismo-leninismo chama de materialismo dialético (*diamat*) não passa de um feixe de conceitos petrificados, com uma função apologética: cabe-lhe tentar fortalecer o controle burocrático institucionalizado nos países que, na época, eram apresentados como representante do “socialismo real”⁹⁵⁹.

Assim, para fazer frente ao controle burocrático, a patrulha ideológica que passava a vigorar, é de Florestan, segundo Martins “[...] a ideia de que, na impossibilidade da experimentação nas ciências sociais, a verificação da validade do conhecimento sociológico se dá na prática. É a sociedade que verifica a verdade do sociólogo”⁹⁶⁰. Nesse sentido, contribuiu a isso “[...] um processo que significou o abandono da maioria das propostas mais ambiciosas de uma ciência social abrangente”⁹⁶¹, pois a cada especificidade de sociedade exige-se uma ciência social sintonizada com essa. Quanto às ciências sociais, suas disputas e querelas, expõe Alain Bihl que

É impossível alcançar e definir a totalidade social (práxis) de qualquer uma das ciências sociais ou de seu todo: elas oscilam entre o particularismo (paroquialismo) e o babelismo (a incomunicabilidade), por um lado, dogmatismo e imperialismo, por outro; entre fragmentação (separação e divisão intransponíveis) e homogeneização (unificação forçada). E, no entanto, impossível se perder, impossível ignorar ou negligenciar sua contribuição ao conhecimento da práxis⁹⁶².

Na escrita de Martins, eram tempos de clamor por desvelar o Brasil e tirá-lo do atraso, especialmente econômico, trabalho acadêmico que foi mais dificultado com a efetivação da Ditadura logo em seguida.

⁹⁵⁹ KONDER, Leandro. **Em torno de Marx**, p. 58, ênfase no original.

⁹⁶⁰ MARTINS, José de S. **Florestan**, p. 42.

⁹⁶¹ WAGNER, Peter; WITTRÖCK, Bjorn. States, institutions, and discourses: a comparative perspective on the structuration of the social sciences. In: WAGNER, Peter; WHITLEY, Richard. (Edits.). **Discourses on society: the shaping of the social science disciplines**. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers, 1991, p. 331-357; p. 350, traduzido: “[...] is a process which meant the abandonment of most of the more ambitious proposals for a comprehensive social Science”.

⁹⁶² BIHR, Alain. Essai sur le concept de théorie sociale. **L’Homme et la société**, Paris, n. 45-46, p. 191-212, 1977; p. 206, traduzido: “Impossible donc d’atteindre et de définir la totalité sociale (la praxis) à partir de l’une quelconque des sciences sociales ou à partir de leur ensemble : elles oscillent entre le particularisme (l’esprit de clocher) et le babélisme (l’incommunicabilité) d’une part, le dogmatisme et l’impérialisme de l’autre ; entre la fragmentation (la séparation et la division insurmontables) et l’homogénéisation (l’unification contrainte). Et pourtant impossible de s’en passer, impossible d’ignorer ou de négliger leur apport à la connaissance de la praxis”.

Em tempos de continuidade de adesão dos teóricos estrangeiros, o que expõe certa antipatia da intelectualidade brasileira por conhecer a obra dos nacionais, “[...] com frequência caracterizada como superficial e presa a um cosmopolitismo de aparência”⁹⁶³, que acabam por cair em esquecimento daqueles que deveriam ser os divulgadores na universidade, e conseqüentemente o desconhecimento por parte dos novos estudantes.

Informa-se, a partir de Martins, que Florestan Fernandes antecipou em duas décadas a Anthony Giddens: “[...] quase vinte anos antes de Giddens trabalhar conjuntamente as grandes influências teóricas dos três autores fundamentais da sociologia, Durkheim, Weber e Marx, Florestan Fernandes já o havia feito com grande vigor”⁹⁶⁴.

Talvez um estudo comparativo entre esses dois nomes dê a devida importância a obra de Florestan Fernandes e a sua contribuição à ciência brasileira e, se conheça mais das influências de José de Souza Martins, que afirma a partir do primeiro, que “[...] a sociologia é ciência que possibilita ao homem contemporâneo enfrentar criticamente a alienação que o tolhe”⁹⁶⁵. Para Gerhard Krüger “O homem contemporâneo analisa ansiosamente o futuro como um viajante perdido que de repente se torna consciente da gravidade de sua situação”⁹⁶⁶.

Nesse sentido, os desafios póstumos da obra de Florestan continuam abertos e a desafiar pesquisadores a desvelar o avançar da modernidade brasileira nos descompassos e temporalidades, como expõe a pandemia que assola o mundo atualmente e, que questiona a Modernidade, pois a “COVID-19 sacode o prédio e impõe uma reflexão sobre nossos pressupostos sobre conhecimento, ação e tempo”⁹⁶⁷; do que questiona José M. Rasia “O tempo na

⁹⁶³ LIMA, Nísia T. Euclides da Cunha: o Brasil como sertão. In: BOTELHO, André; SCHWARCZ, Lília M. (Orgs.). **Um enigma chamado Brasil: 29 intérpretes e um país**. 3ª reimpr. São Paulo: Companhia das Letras, 2016, p. 104-117; p. 115.

⁹⁶⁴ MARTINS, José de S. **Florestan**, p. 51.

⁹⁶⁵ MARTINS, José de S. Desafios póstumos da sociologia de Florestan Fernandes. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 34, n. 100, p. 223-242, 2020; p. 226.

⁹⁶⁶ KRÜGER, Gerhard. L'histoire dans la pensée contemporaine. Traduit par Fabrice P. Béland. **Archives de Philosophie**, Paris, v. 74, n. 1, p. 23-52, jan./mar., 2011; p. 24, traduzido: “L'homme contemporain scrute anxieusement le futur à la manière d'un voyageur perdu qui aurait soudainement pris conscience de la gravité de sa situation”.

⁹⁶⁷ WAGNER, Peter. Knowing how to act well in time. **Bioethical Inquiry**, London, v. 17, p. 507-513, 2020; p. 508, traduzido: “COVID-19 shakes the building and imposes a reflection on our assumptions about knowledge, action, and time”.

modernidade atual tem dado conta de nos ajudar a entender essa possibilidade de estarmos aqui e ao mesmo tempo em outro lugar?”⁹⁶⁸.

Para Peter Wagner há duas tensões em disputa na Modernidade atual, a configuração temporal do presente *versus* a configuração espacial do presente. Para o autor,

[...] a tensão entre aqueles que defendem que as fronteiras limitam a expressão da autonomia, tanto política como econômica, com consequências normativas e funcionais negativas [a temporal], por um lado, e aqueles que defendem que as fronteiras são uma condição prévia para o exercício da autonomia coletiva, que em por sua vez é uma necessidade para a criação de espaços de liberdade pessoal, por outro [a espacial]⁹⁶⁹.

Resta saber para que sentido as articulações em busca de projetos comuns de mundo avançam.

4.2.7 Sobre história

Se José de Souza Martins ficou entre a História e as Ciências Sociais, quando de sua graduação e, optando em sua longa trajetória como cientista pela Sociologia, sua obra escrita não pretere uma em favor da outra, ao contrário, percebe-se um historiador das minúcias, como neste trecho, comentando a respeito do Pátio do Colégio, em São Paulo:

Ali no Pátio existiu a Casa da Ópera, onde, na noite de 7 de setembro de 1822, diante da tribuna em que D. Pedro se encontrava, o padre Ildefonso Xavier Ferreira saudou o rei do Brasil gritando “Independência ou morte!”, frase que foi depois colocada na boca do jovem príncipe como se tivesse sido dita no Ipiranga, na tarde daquele dia⁹⁷⁰.

⁹⁶⁸ RASIA, José M. Crise no tempo acelerado e o mundo em descompasso: apresentação da seção especial sobre a Covid-19. **Revista Brasileira de Sociologia**, Porto Alegre, v. 09, n. 21, p. 10-24, jan./abr., 2021; p. 22.

⁹⁶⁹ WAGNER, Peter. From domination to autonomy: two eras of progress in world-sociological perspective. **Historická Sociologie**, Prague, v. 7, n. 2, p. 27-44, 2015; p. 43, traduzido: “[...] the tension between those who hold that boundaries limit the expression of autonomy, both political and economic, with negative normative and functional consequences, on the one side, and those who hold that boundaries are a precondition for the exercise of collective autonomy, which in turn is a necessity for the creation of spaces of personal freedom, on the other”.

⁹⁷⁰ MARTINS, José de S. **O coração da pauliceia ainda bate**, p. 25.

Explanando o relato do bibliotecário da Real Biblioteca do Rio de Janeiro, Luís Joaquim dos Santos Marrocos, em carta de 1813 sobre a criminalidade já àquela época na cidade e nos seus subúrbios, afirma: “Um Brasil independente e com poder próprio já existia no submundo da delinquência. O Brasil da Independência de 1822 terá que conviver com ele e com a realidade *sui generis* dos dois Brasis num só. É o nosso carma”⁹⁷¹.

Noutro momento, escreve a respeito da ideia prevalecente de revanche da história no discurso de mediadores e dos próprios movimentos sociais:

[...] aparece, também, na ideia de 500 anos de resistência, em moda nesses dias, como se não houvesse nenhuma diferença entre os momentos históricos, como se os camponeses de hoje estivessem há quinhentos anos esperando por justiça. E os índios também. Os injustiçados morreram e seus descendentes já não tem condições nem de perdoar nem de receber a justa compensação moral e material pelas injustiças sofridas, das quais resulta a situação em que se encontram. Mudou, também, a própria concepção de justiça, sem contar que era outra a ideia que eles próprios tinham dela. Em nenhum momento se leva em conta que os camponeses que hoje majoritariamente lideram o MST são originários do Sul, descendentes de imigrantes, não raro no passado envolvidos no massacre das populações indígenas na disputa pela terra, como aconteceu em Santa Catarina nas lutas de colonos contra os xokleng⁹⁷².

O uso da teleologia na história, amplamente no discurso dos mediadores dos movimentos sociais, que padronizam o passado, e podam os desejos de justiça, quando foi o caso, de todos os “movimentos” de populações pela história brasileira, pois são vistos como um *continuum*, segundo Martins.

Nesses casos, esquece-se até da própria história, especialmente quando um descendente de imigrante milita pela terra, no MST e, se esquece que algum antepassado ajudou no massacre às populações indígenas anos atrás (o que pode constituir-se na *implicação* de muitos, inclusive dos que pesquisam a temática).

Como se fora, em parte, uma sociedade que, em nome da reivindicação, do direito (como o é, em alguns casos), o fosse aquela apenas preocupada

⁹⁷¹ MARTINS, José de S. **O coração da pauliceia ainda bate**, p. 68, ênfase no original.

⁹⁷² MARTINS, José de S. **Reforma agrária**, p. 111.

com o presente (apesar da defesa de um projeto de futuro no discurso destes agentes, é o que sustenta seu poder).

Pois mais preocupado em exhibir a tapume do que pode cessar o flagelo, do que expor as próprias feridas da história, em alguns casos copartícipes da tragédia, como observado pelo autor em relação ao povo Xokleng. Neste sentido, outro autor afirma que:

Temos uma sociedade perdulária e exibicionista, o que é muito ruim do ponto de vista social. É uma sociedade que quer gastar antes de investir, quer gastar antes de ganhar. Falta-nos aquele espírito protestante descrito por Max Weber e que não somente aparece na Europa e nos Estados Unidos, mas também na China e no Japão, com raízes diferentes. Trata-se da ideia de trabalhar duro e de poupar⁹⁷³.

No entanto, para Martins:

O pobre ostensivo, mal vestido ou esfarrapado, estereotipado, que havia há algumas décadas, foi substituído pelo pobre para o qual a aparência e o aparente e, portanto, o disfarce, tornaram-se essenciais. Os pobres descobriram uma característica fundante da sociedade contemporânea e da Modernidade, a da realidade social como máscara, a incorporam e por meio dela realizam sua plena e impotente integração social. Negam no imaginário e na vivência a propalada “exclusão social” de que falam os militantes da classe média incomodada⁹⁷⁴.

Os pobres, frente à perspectiva reducionista e centrada em pretensa ética moral do primeiro autor, e mesmo dos formuladores de políticas públicas, se se pensar a ótica sugerida por Martins, a qual pendemos nesta escrita, servem-se dos propósitos e dos recursos da modernidade, da história, para grosso modo, a incorporarem, que seja apenas e tão somente na aparência.

E como se aperceber desta aparente luta pela aparência em tempos de, talvez, enxugamento das utopias de transformação profunda de outrora? Nesse sentido, Alana Moraes e Jean Tibe ressaltam que “A dimensão da ‘política

⁹⁷³ MOURA CASTRO, Claudio de. Os três grandes pilares do desenvolvimento. In: LOURES, Rodrigo C. da R.; SCHLEMM, Marcos M.; CASTOR, Belmiro V. J. (Orgs.). **Para o Brasil voltar a crescer: evidências, reflexões e caminhos**. Curitiba: Ibpex, 2007, p. 65-100, 2007; p. 72.

⁹⁷⁴ MARTINS, José de S. **A sociedade vista do abismo**, p. 37.

vivida' e da necessidade de criar possibilidades no tempo presente [se impõem] ao invés de apostar em um projeto que se realizará no futuro"⁹⁷⁵.

Martins faz a defesa das etnociências, pois essas "[...] representam um esforço crescente de libertação do conhecimento dos constrangimentos e limitações que foram impostos às ciências pelos códigos da sociedade moderna"⁹⁷⁶.

Nesse sentido, a respeito dos conhecimentos populares, das populações do campo, defende "A urgência de uma etnoagricultura constitui meio de salvar um amplo capital social e cultural, representado por saberes que os preconceitos dos cientistas e dos técnicos condenaram à perda e ao desaparecimento"⁹⁷⁷.

Alerta o autor que "Seu sistema de noções populares vem perdendo a solidez, disputado ideologicamente, questionado pela ciência"⁹⁷⁸; nesse caso, a ciência a serviço da tecnologia e sua ideologia, que tem poupado trabalho e propiciado melhorias a uns, mas também retirado outros do teatro da vida na agropecuária.

Trata-se, conforme Martins, "[...] do conhecimento que transcende o conhecimento de senso comum, o mero conhecimento prático de todos os dias"⁹⁷⁹.

Esse tipo de conhecimento, de senso comum, que frente a outros como o mito, a fé, a técnica e a ciência instrumentalizaram a humanidade a interrogação de seus dilemas e desafios na aventura do viver, como o projeto moderno "[...] de hegemonia sobre outro"⁹⁸⁰.

É notável que, no período recente há predomínio, pode-se afirmar, hegemônico, da técnica e da ciência, mas não sem as permanências que asseguram a continuidade da vida, da reprodução social daqueles que, em

⁹⁷⁵ MORAES, Alana; TIBE, Jean. Quando novos personagens entram em cena? In: MORAES, Alana; TARIN, Bruno; TIBE, Jean. (Orgs.). **Cartografias da emergência: novas lutas no Brasil**. São Paulo: Fundação Friedrich Ebert, 2015, p. 14-39; p. 22, com acréscimo.

⁹⁷⁶ MARTINS, José de S. **Uma sociologia da vida cotidiana**, p. 130.

⁹⁷⁷ MARTINS, José de S. **Uma sociologia da vida cotidiana**, p. 131.

⁹⁷⁸ MARTINS, José de S. **Uma sociologia da vida cotidiana**, p. 131.

⁹⁷⁹ MARTINS, José de S. Um olhar entre a luz e a sombra. In: FIGUEIREDO, Luciano. (Org.). **Imagens de uma nação**. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional/ Sabin, 2009, p. 79-85; p. 84.

⁹⁸⁰ İSLAMOĞLU, Huri. Politics of administering property: law and statistics in the nineteenth-century Ottoman Empire. In: İSLAMOĞLU, Huri. (Edit.). **Constituting modernity: private property in the East and West**. London: I.B. Tauris, 2004, p. 276-319; p. 279, traduzido: "[...] hegemony over another".

temporalidades outras do ser moderno, se valem do híbrido ou da estratégia da tradição e seguem, como que a teimar, pisando no “[...] chão duro da vida”⁹⁸¹.

Quanto aos grupos sociais que se mantêm de saberes não hegemônicos para a sua sobrevivência, afirma Luiz E. Soares, eles “[...] não são idiotas”⁹⁸², em referência aos pequenos produtores rurais da Fazenda Bom Jesus, no Maranhão.

Da mesma forma alerta Edward P. Thompson a respeito da disseminação da ideia de que os camponeses eram idiotas à época da ascensão do industrialismo inglês:

[...] a Revolução Industrial, que removeu do campo algumas das suas atividades típicas, destruindo o equilíbrio entre a vida urbana e a rural, criou também uma falsa imagem de isolamento e “idiotismo” rural. Na realidade, a cultura urbana na Inglaterra, durante o século 18, era mais ‘rural’ (na sua conotação usual), e a cultura rural, mais rica do que frequentemente se supõe. “É um grande equívoco imaginar”, insistia Cobbett, “que o povo se torna estúpido por viver sempre no mesmo lugar”. A maioria das novas cidades industriais não deslocou o campo, mas cresceu *sobre* ele⁹⁸³.

Eles “Têm ampla capacidade de julgamento e avaliação crítica da própria experiência”⁹⁸⁴, embora ocorra a ilusão, por vezes, de sua ignorância, por isso, urge levar em consideração a defesa de Martins, pois “[...] o desenrolar da História, o *fazer-se*, representam para os cientistas sociais desafios teóricos e metodológicos”, os quais “[...] não podem ser enfrentados com esquematismos e menos ainda com os esquematismos estruturalistas que baniram a concepção de contradição e a de processo”⁹⁸⁵.

A esse respeito, o autor afirma:

[...] penso que o marxismo estruturalista não pode reconhecer nos processos sociais a diversidade e contemporaneidade dos

⁹⁸¹ MARTINS, José de S. **No limiar da noite**: crônicas suburbanas. Cotia: Ateliê Editorial, 2021a, p. 42.

⁹⁸² Como escrito em SOARES, Luiz E. **Campesinato**: ideologia e política. Rio de Janeiro: Zahar, 1981, p. 62.

⁹⁸³ THOMPSON, Edward P. **A formação da classe operária inglesa II**: a maldição de Adão. Trad. Renato B. Beto e Cláudia R. de Almeida. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987, p. 296.

⁹⁸⁴ Segundo SOARES, Luiz E. **Campesinato**, p. 62.

⁹⁸⁵ MARTINS, José de S. **A militarização da questão agrária no Brasil. Terra e poder**: o problema da terra na crise política. [1a. edição: 1984], 2a. edição. Petrópolis: Editora Vozes, 1985, p. 13, ênfase no original.

tempos históricos, porque os separa em agregados referidos à lógica do espaço. Assim, o modo capitalista de produção, em sua perspectiva, é estritamente constituído por um jogo de categorias que, embora contraditórias, tem uma mesma e única data, a do tempo da burguesia e do proletariado. Quase sempre essa data única está subjacente à ideia do capitalismo como sistema (e como conceito) que, por isso, reduz todas as relações, por mais diversificadas que sejam, a uma única, definida como capitalista^{986/987}.

Na verdade e na realidade, o “marxismo” não atua no mundo moderno como um sistema que está sempre aí, presente como uma rocha. Ele atua como um germe, como um fermento. Este vivente se transforma: espalha germes e fermentos que se diversificam, que morrem ou degeneram aqui ou ali, que prosperam em outro lugar⁹⁸⁸.

Desta forma, se impõe um tempo e uma narrativa, outros porquê de fora, exteriores até em seus propósitos que, apenas aparentemente afirmam pensar neles, na efetiva transformação social.

É como se a sociedade fosse única, padronizada e, assim se aceitando, estereotipada, pois apenas na aparência e naquilo que alguns enxergam, pois um recorte, que será generalizado.

Uma concepção de História assim reduzida, segundo Martins, é “[...] uma concepção totalitária. Reduz o destino de todos ao destino da burguesia na sua contrafação histórica: a classe média. E não toma como referência, obviamente, o destino do gênero humano na sua diversidade”⁹⁸⁹.

Ao contrário, se tomar como referência a diversidade do gênero humano, como afirma o autor, será “A história de um corpo social em constituição, inacabado, formado por realidades sociais distintas e em transição. Diferentes

⁹⁸⁶ Ou o capitalismo, como queiram, ou ainda como Marx muitas vezes viu, “[...] *esa sociedad, económicamente llamada ‘capitalismo’ y sociopolíticamente ‘burguesa’*”, in: LEFEBVRE, Henri. **La presencia y la ausencia**, p. 36.

⁹⁸⁷ MARTINS, José de S. **Fronteira: a degradação do outro nos confins do humano**. [1ª edição: 1997] 2ª edição revista e atualizada (2ª reimpressão). São Paulo: Editora Contexto, 2014, p. 140.

⁹⁸⁸ LEFEBVRE, Henri. **Hegel, Marx, Nietzsche (o el reino de las sombras)**. 8 ed. Trad. Mauro Armiño. Madrid: Siglo Veintiuno Editores, 1988, p. 141, traduzido: “De hecho y en realidad, el ‘marxismo’ no actúa en el mundo moderno como un sistema que esté siempre allí, presente como una roca. Actúa como germen, como fermento. Este ser vivo se transforma: difunde gérmenes y fermentos que se diversifican, que mueren o degeneran aquí o allá, que prosperan en otras partes”.

⁹⁸⁹ MARTINS, José de S. **Fronteira**, p. 141.

histórias que tem em comum unicamente o espaço em que se desenrolaram”⁹⁹⁰ nos diferentes espaços e temporalidades, muitos ressaltados, aliás, em várias obras dele; assim sendo,

A história deixa de história ser se for apenas história de alguns e não história de todos, mesmo dos anônimos e silenciosos, aqueles cuja voz se perdeu, mas ficou nos atos que materializaram sua condição humana. Ruas, ruínas, cenários, traçados – são o testemunho dos que passaram e ficaram⁹⁹¹.

A partir deste entendimento, o Brasil necessitaria de uma teoria genuína para ser interpretado, desabrochar enquanto nação?

[...] a História não acabou nem a esperança morreu. Somos outro modo de ser, outro jeito, outra espera, outra vereda na universalidade do mesmo gênero humano e nas diferenças próprias da dinâmica histórica. O que sobrou do que nos tiraram é o que fecunda a nossa espera. Nossas privações são a nossa riqueza e o nosso desafio. Mas, com as ferramentas da cópia nada construiremos e nada compreenderemos⁹⁹².

Se “Nossas privações são a nossa riqueza e o nosso desafio” e, se “[...] a esperança se torna práxis na adversidade das mediações que tornam inautêntico o nosso viver e o nosso sonhar”⁹⁹³, assim expondo o objetivo de seu livro “A sociabilidade do homem simples: cotidiano e história na modernidade anômala”:

[...] me proponho a desenvolver aqui uma breve reflexão sociológica que me permita encontrar na divergência de orientações teóricas de marxistas e fenomenologistas a possibilidade de um encontro justamente naquilo que, sob diversos nomes, é na verdade o lugar do conhecimento de senso comum na vida cotidiana e, também, na História⁹⁹⁴.

Se o senso comum só será possível neste entremeio de uma linha teórica a outra, que é o caminho para adentrar academicamente a reflexão que possa considerá-los enquanto fonte, porque “[...] mais do que uma coleção de

⁹⁹⁰ MARTINS, José de S. **Diário de uma terra lontana**: os “faits divers” na história do Núcleo Colonial de São Caetano. São Caetano do Sul: Fundação Pró-Memória, 2015a, p. 16.

⁹⁹¹ MARTINS, José de S. **Diário de uma terra lontana**, p. 29.

⁹⁹² MARTINS, José de S. **A sociabilidade do homem simples**, p. 11.

⁹⁹³ MARTINS, José de S. **A sociabilidade do homem simples**, p. 11.

⁹⁹⁴ MARTINS, José de S. **A sociabilidade do homem simples**, p. 53.

significados compartilhados, o senso comum decorre da partilha, entre atores, de um mesmo *método de produção de significados*⁹⁹⁵.

Essa produção compartilhada de significados, de caminhos no dia a dia, pois “[...] o real não está na saída nem na chegada: ele se dispõe para a gente é no meio da travessia”⁹⁹⁶ como afirma Riobaldo em *Grande Sertão: veredas*, é o vivido em Lefebvre, que “[...] é a fonte das contradições que invadem a cotidianidade de tempos em tempos, nos momentos de criação”⁹⁹⁷ que, no entanto, muitas vezes são ignoradas.

Neste sentido, até por isso, talvez se deva tudo aceitar, como em *Os Maias*, “[...] o que vem e o que foge, com a tranquilidade com que se acolhem as naturais mudanças de dias agrestes e de dias suaves”⁹⁹⁸.

No que Lefebvre, novamente, lembra: “Marx não denunciou o ascetismo e a aridez de um materialismo mais abstrato do que o idealismo, que atravessa a vida ignorando os vivos?”⁹⁹⁹.

Segundo Martins, se deve buscar fazer frente a esse idealismo que ignora a vida, o sentido que serve de combustível aqueles à margem, em diferentes propostas metodológicas, para além do mantra de “includentes”, pois “Já não se trata de remendar as fraturas do mundo da vida, para recriá-lo. Mas de dar voz ao silêncio, de dar vida à História”¹⁰⁰⁰.

E a vida na história, como refere o autor, estaria onde? Em que locais o pesquisador de história e/ou de ciências sociais poderá lançar sua “rede de coleta” de dados? Conforme ele: “É no âmbito local que a História é vivida e é onde, pois, tem sentido para o sujeito da História”¹⁰⁰¹.

Assim sendo, quem é o sujeito da história? Existe algum privilegiado? Conforme Martins, não mais, pois “Hoje a práxis não está necessariamente alocada a um grupo social particular; o proletariado já não tem o monopólio da História”¹⁰⁰²; assim, para Fernando C. Gil,

⁹⁹⁵ MARTINS, José de S. **A sociabilidade do homem simples**, p. 54, ênfase no original.

⁹⁹⁶ ROSA, João G. **Grande Sertão: veredas**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006, p. 64.

⁹⁹⁷ MARTINS, José de S. **A sociabilidade do homem simples**, p. 56.

⁹⁹⁸ QUEIRÓS, Eça de. **Os Maias: episódios da vida romântica**. Cotia: Ateliê Editorial, 2001, p. 485.

⁹⁹⁹ LEFEBVRE, Henri. **La presencia y la ausencia**, p. 8, traduzido: “Marx, ¿no denunció acaso el ascetismo y la sequedad de un materialismo más abstracto que el idealismo, que discurre sobre la vida ignorando lo vivo?”.

¹⁰⁰⁰ MARTINS, José de S. **A sociabilidade do homem simples**, p. 57.

¹⁰⁰¹ MARTINS, José de S. **A sociabilidade do homem simples**, p. 117.

¹⁰⁰² MARTINS, José de S. **A sociabilidade do homem simples**, p. 146.

A primeira questão que se coloca, para os nossos escritores do XIX, é: como enunciar um espaço social que não é propriamente o seu? Como dar voz impressa/ letrada a um universo que tem na oralidade, e não na escrita, a principal forma de relação dos indivíduos uns com os outros e com o mundo? Não estamos sugerindo que Alencar, Taunay e outros se faziam essa pergunta com tal clareza e objetividade. Ao contrário, diria que objetivamente eles não se faziam essa pergunta; simplesmente acreditavam no poder da sua linguagem em dizer, em enunciar este outro mundo, que é o do sertanejo, o do gaúcho, o do matuto. É a isso que chamo de implicação subjetiva: a apreensão a captação do mundo do outro pela palavra culta e a crença nessa possibilidade literária e cultural¹⁰⁰³.

Partindo do pressuposto por Martins no parágrafo anterior e em associação a citação em destaque, não sendo mais o proletariado o sujeito social ideal¹⁰⁰⁴, aquele que representa a *prenhez* da revolução como esperam os ideólogos, mas como faziam os escritores de nosso regionalismo?

O que consideravam se já partiam, da “captação do mundo do outro pela palavra culta e a crença nessa possibilidade literária e cultural”¹⁰⁰⁵? O que fizeram representou um método de apreensão da história que considerou o seu modo de vida? Segundo Lefebvre, que se leve

A considerar portanto: o escrito como anotação do notável (os actos notáveis). O escrito, o inscrito, o poder, caminham a par. Não esquecer o lado enganador do escrito, a sua inteligibilidade ilusória, a sua transparência falsa, a magia da evocação do escrito. A partir do escrito vê-se (vê o leitor) o passado como um quadro já feito, com a impressão ridícula mas cativante de estar a fazê-lo¹⁰⁰⁶.

Isso posto, leva-se a considerar ou ao menos ter a enganação do escrito como possibilidade de contraponto nestas narrativas? As lacunas deixadas são

¹⁰⁰³ GIL, Fernando C. A duplicidade do romance rural do século XIX. In: SALES, Germana; SOUZA, Roberto A. de. (Orgs.). **Literatura brasileira: região, nação, globalização**. Campinas: Pontes Editores, 2013, p. 87-105; p. 88.

¹⁰⁰⁴ Quanto ao sujeito social ideal é aquele que possui projeto de mundo, de vida coletiva. Na definição de Luiz Eduardo Soares, é “O sujeito coletivo filtra a multiplicidade dispersa e contraditória de interesses e retém o que, sob sua diversidade, mantém-se comum”, in: SOARES, Luiz E. **A invenção do sujeito universal: Hobbes e a política como experiência dramática do sentido**. Campinas: Editora da Unicamp, 1995, p. 280.

¹⁰⁰⁵ GIL, Fernando C. A duplicidade do romance rural do século XIX.

¹⁰⁰⁶ LEFEBVRE, Henri. **O fim da história**, p. 174.

evidentes, pois “O escrito só conserva do cotidiano o inscrito e o prescrito. A palavra foge; só o estipulado subexiste”¹⁰⁰⁷.

Se apenas o estipulado subexiste, como tratar da história local, em relação direta com a geral? “A história local não é necessariamente o espelho da História de um país e de uma sociedade. A história local não é nem pode ser uma história-reflexo”¹⁰⁰⁸.

Pois “A história local não é uma história de protagonistas, mas de coadjuvantes”¹⁰⁰⁹; mas, coadjuvantes circunstanciais?

A isso responde José de Souza Martins sobre “O poder do atraso”:

Ao escrever esse trabalho defrontei-me com alguns problemas de forma e estilo. Este é um texto do que alguns autores chamam de pequena história e que classifico como de história circunstancial. Nela, o tempo e o espaço não podem ser separados. Por isso é uma história local. A história do cotidiano não tem sentido quando separada do cenário em que se desenrola. Por isso, é quase uma história intimista, de vizinhanças e pequenos grupos. É nesse âmbito que a fábrica é real para o operário e o são também as suas relações de classe e os seus conflitos. Essa dimensão da vida social e sua história implica em lidar com o tempo numa escala muito fragmentária, o que impõe ao pesquisador a preocupação com o detalhe e a minúcia¹⁰¹⁰.

Como a pretensão de pesquisa e de escrita de uma história com interesse no “tempo numa escala muito fragmentária”, pode não incorrer nos erros que cometem os “[...] vulgarizadores da história local”¹⁰¹¹?

Segundo o autor, com a preocupação com o detalhe e a minúcia. Para além disso, tratar de perceber, para além do mero discurso de gênero que impera em muitas pesquisas, que “Nessa complementariedade de opostos, a mulher aparece como *testemunha* e o homem como *personagem*.”

¹⁰⁰⁷ LEFEBVRE, Henri. **A vida cotidiana no mundo moderno**, p. 13.

¹⁰⁰⁸ MARTINS, José de S. **Subúrbio. Vida cotidiana e história no subúrbio da cidade de São Paulo**, p. 12.

¹⁰⁰⁹ MARTINS, José de S. **Subúrbio. Vida cotidiana e história no subúrbio da cidade de São Paulo**, p. 13.

¹⁰¹⁰ MARTINS, José de S. **Subúrbio. Vida cotidiana e história no subúrbio da cidade de São Paulo**, p. 19.

¹⁰¹¹ MARTINS, José de S. **Subúrbio. Vida cotidiana e história no subúrbio da cidade de São Paulo**, p. 61, nota 57.

Consequentemente, a História e o fazer história, nessa concepção são masculinos”¹⁰¹².

E saindo dos esquematismos que privilegiam um sexo frente ao outro, antes de tudo que, à margem, aqueles sujeitos sociais, têm a percepção que “Em nenhum momento serão reconhecidos como agentes ativos da História, mas apenas como figuras de ficção de uma história que, subjetivamente, não era a história que estavam vivendo”¹⁰¹³.

Se há esta percepção, que os métodos do historiador (ou a ausência destes, ao menos sofisticados), por que prevalece a lógica da página em branco, como o constatado por Martins no estudo do então bairro de São Caetano? Em que essa congruência sugere?

Ela implica numa leitura seletiva da documentação e das referências históricas reativas ao bairro e sua população. O que parece empírico-indutivo é de fato dedutivo: o que cada documento menciona do passado, do tempo e da realidade anteriores à chegada do imigrante, ganha sentido ou não a partir do destaque da *concepção do herói fundador*, representado pelo imigrante, a partir do privilegiamento das ideias de *começo e coragem*¹⁰¹⁴.

Partindo-se do exposto pelo autor, pode-se ter que a história não e nem deve ser tratada de forma retrospectiva?

[...] essa interpretação da história decorre da ideia de que a história é uma história retrospectiva, que ganha sentido do futuro para o passado, da frente para trás. É uma espécie de história inevitável, ao invés de ser uma história construída pelo conjunto das circunstâncias, fatores, vontades, alienações e desencontros próprios do processo histórico. Como de fato foi¹⁰¹⁵.

Se se partir da concepção do herói fundador que, neste sentido lembra a perspectiva criacionista da história, que tipo de história e que atores sociais irão prevalecer nesta narrativa?

¹⁰¹² MARTINS, José de S. **Subúrbio. Vida cotidiana e história no subúrbio da cidade de São Paulo**, p. 95, nota 70, ênfase no original.

¹⁰¹³ MARTINS, José de S. **Subúrbio. Vida cotidiana e história no subúrbio da cidade de São Paulo**, p. 131.

¹⁰¹⁴ MARTINS, José de S. **O imaginário na imigração italiana**, p. 72, ênfase no original.

¹⁰¹⁵ MARTINS, José de S. **O imaginário na imigração italiana**, p. 72-73.

Segundo o autor: “Por meio de um jogo de palavras e de ênfases negativas e positivas o sentido da história se revela como atributo de pessoas: *as que padecem a história e as que fazem a história*”¹⁰¹⁶.

Tendo os que padecem e os que condicionam este padecimento, por assim dizer, *os donos do poder*¹⁰¹⁷ deles e, “Daí surgiram diferentes textos destinados a revigorar os estereótipos, o negativo e o positivo da história. Isto é, trata-se de ideias matrizes”¹⁰¹⁸, que definem um modelo de escrita da história.

Em se tratando do imigrante, como o fizeram alguns, anos depois, de uma história retrospectiva e com o mito do herói fundador, como no bairro de São Caetano, nesta escrita se esquecia que “O emigrante mudava de país, mas levava nas costas o peso de sua condição social para a incógnita da terra longínqua, em direção à mesma sina. A emigração não o libertava do peso da vida”¹⁰¹⁹ que, a despeito disso, era idealizada, o foi, pelos seus escritores da história da imigração. Por outro lado, conforme Umberto Eco “[...] as migrações são controláveis politicamente, as migrações não”¹⁰²⁰.

Por fim, Martins afirma que “[...] ciência é ciência e ideologia é ideologia. A ciência vê mais, porque vê o visível e o invisível, enquanto a ideologia vê necessariamente menos, porque limitado ao efetivamente viável”¹⁰²¹, mas e de que forma sair desta condição que determina porque justamente parte de uma ideia-chave, preconcebida e estereotipada, além de interesseira da História?

Mas onde ficam as marcas do visível? De acordo com Fredric Jameson, nos grupos considerados tradicionais, como os camponeses, o capitalismo fez a ação de “[...] dissolvê-los, fragmentá-los e atomizá-los em aglomerações (*Gesellschaften*) de indivíduos privados isolados e equivalentes, por meio da corrosiva ação da mercantilização universal e o sistema de mercado”¹⁰²², até mesmo da *mercantilização do tempo*, de acordo com Anthony Giddens, pois

¹⁰¹⁶ MARTINS, José de S. **O imaginário na imigração italiana**, p. 73-74, ênfase no original.

¹⁰¹⁷ FAORO, Raymundo. **Os donos do poder: formação do patronato político brasileiro**. 3ª ed. rev. São Paulo: Editora Globo, 2001.

¹⁰¹⁸ MARTINS, José de S. **O imaginário na imigração italiana**, p. 74.

¹⁰¹⁹ MARTINS, José de S. **O coração da pauliceia ainda bate**, p. 191.

¹⁰²⁰ ECO, Umberto. **Cinco escritos morais**. Trad. Eliana Aguiar. 6ª ed. Rio de Janeiro: Editora Record, 2002, p. 109.

¹⁰²¹ MARTINS, José de S. **Uma sociologia da vida cotidiana**, p. 80.

¹⁰²² JAMESON, Fredric. **Marcas do visível**. Trad. Ana L. de A. Gazolla et al. Rio de Janeiro: Graal, 1995, p. 15, ênfase no original.

essa e “[...] sua diferenciação de processos posteriores de mercantilização do espaço contêm a chave para as transformações mais profundas da vida social cotidiana que são provocadas pelo surgimento do capitalismo”¹⁰²³.

Conforme Lefebvre: “Na sociedade moderna, a produtividade destruiu a criatividade. O trabalho desaparece na frente do produto”¹⁰²⁴. E nesse sentido, a humanidade tendo no trabalho, pelo menos desde o sistema capitalista a venda de sua força de trabalho como forma de manter a vida, pode-se afirmar, existe sem emancipação, dentro das temporalidades inquietantes e entrecruzadas que a história revela.

4.3 Temporalidades no fazer histórico

O Brasil, segundo José de Souza Martins, está e vive em temporalidades diversas, dependendo da região e mesmo da localidade, entre o moderno e o tradicional, mas também daquilo que se mantém sob a aparência do novo.

Nesse sentido, trata-se de nosso “[...] *ethos* barroco, [que] como os outros *ethe* modernos, consiste em uma estratégia para fazer ‘visível’ algo que basicamente não o é: a atualização capitalista das possibilidades abertas pela modernidade”¹⁰²⁵ como entende Bolívar Echeverría, ao incorporar algo, uma parte do todo, na formação do capitalismo ao campo e, na urbanização, muitas vezes precária, de muitas regiões, e até por isso, mantendo traços rurais.

Até mesmo no imaginário e na prática política, tanto dos dirigentes quanto do próprio povo, o transitar entre os diferentes tempos políticos, especialmente para esses últimos constitui-se em estratégia de vida.

¹⁰²³ GIDDENS, Anthony. **A contemporary critique of historical materialism. Vol. 1: power, property and the state.** Berkeley: University of California Press, 1981, p. 131, traduzido: “The commodification of time, and its differentiation from further processes of the commodification of space, hold the key to the deepest transformations of day-to-day social life that are brought about by the emergence of capitalism”.

¹⁰²⁴ LEFEBVRE, Henri. **Manifiesto diferencialista.** Trad. Julio Moguel e Saúl Escobar. México, D.F.: Siglo Veintiuno Editores, 1972, p. 38, traduzido: “En la sociedad moderna, la productividad ha destruido la creatividad. La obra desaparece frente al producto”.

¹⁰²⁵ ECHEVERRÍA, Bolívar. **La modernidad de lo barroco.** 2ª ed. México, D.F.: Ediciones Era, 2000, p. 15, traduzido, ênfase no original: “El *ethos* barroco, como los otros *ethe* modernos, consiste en una estrategia para hacer ‘vivable’ algo que básicamente no lo es: la actualización capitalista de las posibilidades abiertas por la modernidad”.

Não que o passado deve ser associado ao rural, nesse sentido, mas há a persistência deste passado enquanto *poder do atraso*, de acordo com Martins: “O passado que se esconde, e às vezes se esconde mal, por trás das aparências do moderno, fazendo da sociedade brasileira uma sociedade em que essa peculiaridade pesa mais do que à primeira vista se vê”¹⁰²⁶.

Para Quentin Deluermoz “[...] o termo ‘temporalidade’ é entendido aqui como um dos ritmos temporais que funcionam sobre o fenômeno estudado – o que nos permite dizer que isso está escrito em diferentes temporalidades, sejam curtas, longas etc.”¹⁰²⁷.

Já para Jean-Philippe Uzel:

Nos últimos quinze anos, a obsolescência de modelos de evolução linear da arte levou os historiadores de arte ocidentais a dar uma “*virada temporal*” [...] concedendo muito espaço à mistura de temporalidades, pensadas essencialmente sob o modo de anacronismo. O anacronismo, entendido como um erro histórico factual, há muito tempo é criticado por historiadores que o viam como um pecado absoluto. Hoje, o anacronismo mental (ou subjetivo), que consiste para o historiador de reunir elementos temporais heterogêneos, é pelo contrário valorizado por seu escopo heurístico¹⁰²⁸.

Segundo Wang Hui: “Em primeiro lugar, o conceito de modernidade teve origem na Europa e foi inicialmente utilizado para significar uma espécie de temporalidade, que progrediu de forma linear e representa uma consciência

¹⁰²⁶ MARTINS, José de S. **O poder do atraso**, p. 11.

¹⁰²⁷ DELUERMOZ, Quentin. Les formes incertaines du temps: Une histoire des historicités est-elle possible? **Vingtième Siècle. Revue d'histoire**, Paris, n. 117, p. 3-11, jan./mar., 2013; p. 3, traduzido: “[...] le terme ‘temporalité’ est compris ici comme l’un des rythmes temporels qui travaille le phénomène étudié - ce qui permet de dire que tel s’inscrit dans des temporalités différentes, qu’elles soient courtes, longues etc.”.

¹⁰²⁸ UZEL, Jean-Philippe. Déni et ignorance de l’historicité autochtone dans l’histoire de l’art occidentale. **RACAR: Revue d’art canadienne Canadian Art Review**, Ontario, v. 42, n. 2, p. 34-41, 2017; p. 39, traduzido: “Depuis une quinzaine d’années, la désuétude des modèles d’évolution linéaire de l’art a amené les historiens de l’art occidentaux à prendre un ‘temporal turn’ [...] accordant une très grande place au mélange des temporalités, pensé essentiellement sous le mode de l’anachronisme. L’anachronisme, entendu comme une erreur historique factuelle, a longtemps été décrié par les historiens qui y voyaient un péché absolu. Aujourd’hui, l’anachronisme mental (ou subjectif), qui consiste pour l’historien à rapprocher des éléments temporels hétérogènes, est au contraire valorisé pour sa portée heuristique”.

não circular do tempo histórico”¹⁰²⁹, que até pode um tempo misto “[...] de pré-modernidade, modernidade e pós-modernidade”¹⁰³⁰.

Conforme Josetxo Beriain:

Não existe nas sociedades modernas um único ritmo social que marque, ao estilo das sociedades tradicionais, o pulso social, o batimento cardíaco da sociedade, como uma unidade funcionalmente estruturada, mas dentro da sociedade as temporalidades de aceleração convergem com outras que suportam lentidão, temporalidades de progresso com outras de declínio, temporalidades sagradas e profanas, etc. Como dissemos na introdução deste trabalho: o tempo fala, mas com diferentes sotaques¹⁰³¹.

Nessa linha, dos descompassos e das diferentes temporalidades a que a escrita de Martins expõe, o próprio ilustra com sua biografia:

Fiz os dois anos finais da escola primária quando morava na roça. Tinha que caminhar 16 quilômetros, de ida e volta, entre nossa casa de pau a pique e o Grupo Escolar Pedro Taques, na estação de Guaianases. Era o povoado em que havia morado por um tempo a poetisa Francisca Júlia da Silva, em cuja capela se casou com um telegrafista da Central do Brasil, sendo padrinho Vicente de Carvalho, que foi membro da Academia. Numa manhã de 1948, o diretor da escola entrou na sala de aula para dizer-nos, consternado, que Monteiro Lobato havia falecido. Ficamos chocados, porque não tínhamos a mínima ideia de quem era ele¹⁰³².

¹⁰²⁹ HUI, Wang. **The end of the revolution**: China and the Limits of modernity. S./trad. London: Verso, 2009, p. 69, traduzido: “First of all, the concept of modernity originated in Europe and was initially used to signify a kind of temporality, one that progressed in a linear fashion and represents a non-circular consciousness of historical time”.

¹⁰³⁰ CALDERÓN, Fernando. Identidad y tiempos mixtos o cómo pensar la modernidad sin dejar de ser boliviano. In: CALDERÓN, Fernando. (Comp.). **Imágenes desconocidas**: la modernidad en la encrucijada postmoderna. Buenos Aires: CLACSO, 2017, p. 465-475; p. 465, traduzido: “[...] mixtos de premodernidad, modernidad y postmodernidad”.

¹⁰³¹ BERIAIN, Josetxo. Desaceleración social y elogio de la lentitud. **PH Cuadernos**, Sevilla, n. 29, p. 32-37, 2012; p. 37, traduzido: “No existe en las sociedades modernas un único ritmo social que marca, al estilo de las sociedades tradicionales, el pulso social, el latido de la sociedad, como una unidad funcionalmente estructurada, sino que dentro de la sociedad confluyen temporalidades de aceleración con otras que se apoyan en la lentitud, temporalidades de progreso con otras de declive, temporalidades sagradas y profanas, etc. Como decíamos en la introducción a este trabajo: el tiempo habla, pero con distintos acentos”.

¹⁰³² MARTINS, José de S. **Nuto Sant’anna**: a poética do desencontro. São Paulo: Academia Paulista de Letras/ Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2021, p. 89.

É como se a história seguisse seu curso sem se dar conta da forma como cada indivíduo, em seu tempo, se apercebe e mesmo incorpora o seu legado.

Cada qual vivendo a sua dimensão de temporalidade e, que notadamente o diretor da escola não compreendia esse descompasso no estranhamento dos estudantes que sequer tinham noção de quem era a personalidade famosa morta.

O exemplo ilustrado por José de Souza Martins permite pensar que podem ocorrer múltiplas percepções e ter diferentes vivências da realidade e até mesmo concepções a respeito desta, conforme sugere a tríade interpretativa proposta por Henri Lefebvre¹⁰³³.

Nesse sentido, uma crítica de Achille Mbembe, para aqueles que só enxergam a temporalidade moderna como única: “[...] a partir do século XV, não há mais uma ‘historicidade distinta’ dessas sociedades, uma que não esteja incorporada em tempos e ritmos altamente condicionados pela dominação Europeia”¹⁰³⁴.

Bem antes disso questiona Marx: “Onde e quando se deu essa transição *histórica* do estado semisselvagem para o moderno?”¹⁰³⁵.

Ao pensar a sociedade brasileira provavelmente não exista resposta precisa, conforme dispõe o pensamento martiniano, no país convivem, não sem conflitos, diferentes temporalidades do arcaico, “[...] base do capitalismo arcaico”¹⁰³⁶, do moderno e até mesmo do pós-moderno, poder-se-ia, nesse sentido, pensar em temporalidades do capitalismo¹⁰³⁷. Nesse sentido, para Gaston Pineau é preciso estabelecer um marco preciso nessa tripolaridade para “[...] abordar dialeticamente qualquer temporalidade que é a realidade

¹⁰³³ LEFEBVRE, Henri. **La producción del espacio**. Trad. Emilio M. Gutiérrez. Madrid: Capitán Swing, 2013.

¹⁰³⁴ MBEMBE, Achille. O tempo em movimento. S./trad. **Contracampo**, Niterói, v. 36, n. 3, p. 21-41, 2017; p. 32.

¹⁰³⁵ MARX, Karl. **Grundrisse**: manuscritos econômicos de 1857-1858: esboços da crítica da economia política. Trad. Mario Duayer e Nélio Schneider. 3ª reimpr. São Paulo: Boitempo; Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2016, p. 34, ênfase no original.

¹⁰³⁶ BASTIDE, Roger. **Sociología y psicoanálisis**. Trad. Herman M. Cueva e Susana de Aldecoa. Buenos Aires: Compañía General Fabril Editora, 1961, p. 120, traduzido, “[...] base del capitalismo arcaico”.

¹⁰³⁷ SEWELL JR., William H. The temporalities of capitalism. **Socio-Economic Review**, Oxford, v. 6, p. 517-537, 2008.

dialética por excelência, sendo movimento de opostos entre outros na nossa escala, entre passado, presente e futuro”¹⁰³⁸.

O que têm mais gerado a incompreensão propriamente, pois conceitua-se o impreciso, como se fosse possível aprisionar a realidade na noção.

Da imprecisão das conceituações do que seja a Modernidade, do que ela representou enquanto promessa, do que se mantém como esperança, que “[...] ao edificar, tenta realizar seus sonhos. E sob os sonhos, alenta sempre a esperança. A esperança motora da história”¹⁰³⁹ como sugere María Zambrano, escapa ao analista social a precisão desse fenômeno histórico que transcende as temporalidades da história.

Para Peter Wagner, ela “[...] não é mais atemporal e retirada da história, como sugere implicitamente a visão modernista da ruptura. Mas também não está fortemente ligado ao passado por meio de uma dependência da tradição ou das ‘origens’, como alguns dos críticos da modernidade sustentam”¹⁰⁴⁰.

O que se sugere é que estão postas as falhas interpretativas ao que seja a Modernidade ou as múltiplas, até pelos diferentes processos constitutivos dessas e mesmo as permanências do período anterior, as temporalidades no entender da escrita martiniana.

Aquilo que a ciência que se desenvolve com a perspectiva moderna (e se pretende hegemônica sobre as outras formas de saber) não consegue medir, pois se valeu de “[...] metros, balanças, termômetros, barômetros, velocímetros, dinamômetros, relógios, cronômetros”¹⁰⁴¹ que verdadeiramente substituíram os sentidos da realidade no entender de Rubem Alves, ao propor a quantidade, a precisão.

De acordo com Jose M. Arcaya, na explicação fenomenológica: “Em vez de uma linha, ela concebe a temporalidade como uma estrutura em evolução,

¹⁰³⁸ PINEAU, Gaston. **Temporalités en formation: vers de nouveaux synchroniseurs**. Paris: Anthropos, 2000, p. 190, traduzido: “[...] pour approcher dialectiquement toute temporalité qui est la réalité dialectique par excellence, étant mouvement de contraires entre autres à notre échelle, entre passé, présent et futur”.

¹⁰³⁹ ZAMBRANO, María. Uma metáfora da esperança: as ruínas. Trad. Rodrigo L. de B. Oliveira. **Sopro**, Desterro, n. 37, p. 1-4, out., 2010; p. 3.

¹⁰⁴⁰ WAGNER, Peter. **Theorizing modernity: inescapability and attainability in social theory**. London: SAGE Publications, 2001, p. 88, traduzido: “Modernity is no longer timeless and taken out of history, as the modernist view of the rupture implicitly suggests. But neither is it in any strong sense tied to the past via a dependence on tradition or on ‘origins’, as some of the critics of modernity hold”.

¹⁰⁴¹ ALVES, Rubem. **A geração do futuro**. Trad. João-Francisco D. Júnior. Juiz de Fora: Editora Siano, 2020a, p. 34.

com profundidade e amplitude, totalmente enraizada no momento”, assim sendo, “[...] postula que o passado, o presente e o futuro coexistem como polos de uma única variedade temporal”¹⁰⁴².

Para Anne Buttimer, é patente que nos últimos tempos têm se renovado a “[...] consciência dos vínculos inextricáveis de tempo e espaço em todas as fases”, e isso pelas diferentes áreas do conhecimento humano a respeito da temporalidade vista de forma não tradicional, destarte, que esse olhar é “[...] nas diferentes escalas temporais envolvidas nas experiências cotidianas do ambiente”¹⁰⁴³ e, estas nos mostram “[...] como sujeitos psicofísicos, [onde] cada fluxo de experiências do eu corresponde a um fluxo de experiências suas”¹⁰⁴⁴.

Nessa linha, Sandro Mezzadra afirma que “[...] os processos de formação da subjetividade, [são] caracterizados por uma diferente temporalidade, um problema que é particularmente importante no caso dos movimentos e das lutas dos migrantes”¹⁰⁴⁵.

Para Isabelle Stengers “O indivíduo agora aparece como um feixe de temporalidades interligadas”¹⁰⁴⁶; provavelmente pelos encaixes e deslocação do próprio sistema, pois, conforme afirma Hartmut Rosa: “[...] compreendi que

¹⁰⁴² ARCAYA, Jose M. Memory and temporality: a phenomenological alternative. **Philosophical Psychology**, London, v. 2, n. 1, p. 101-110, 1989; p. 104, traduzido: “Rather than a line, it conceives of temporality as an evolving structure, with depth and breadth, rooted wholly in the moment. As such, it postulates that the past, present, and future co-exist as poles of a single temporal manifold”.

¹⁰⁴³ BUTTIMER, Anne. Geography, humanism, and global concern. **Annals of the Association of American Geographers**, London, n. 80, v. 1, p. 1-33, 1990; p. 24, traduzido: “Temporality: awareness of the inextricable bonds of time and space in all phases of geographical curiosity. Quite distinct from the historical geographer's traditional insistence on the ‘contingency’ surrounding human events, there has been a renewal of interest in the different temporal scales involved in everyday experiences of environment”.

¹⁰⁴⁴ SCHÜTZ, Alfred. **El problema de la realidad social. Escritos I**. Trad. Néstor Míguez. 2ª ed., 1ª reimpr. Buenos Aires: Arnorrortu, 2003, p. 131, traduzido, com acréscimo: “[...] sino psicofísicos, corresponde a cada corriente de vivencias del yo una corriente de vivencias del tú”.

¹⁰⁴⁵ MEZZADRA, Sandro. Multiplicação das fronteiras e práticas de mobilidade. Trad. Equipe CSEM. **REMHU – Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana**, Brasília, ano XXIII, n. 44, p. 11-30, jan./jun., 2015; p. 26.

¹⁰⁴⁶ STENGERS, Isabelle. Complexity: a fad? In: STENGERS, Isabelle. (Edit.). **Power and invention: situating science**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1997, p. 3-19; p. 16, traduzido: “The individual now appears as a sheaf of linked temporalities”.

as sociedades modernas e capitalistas, que nos parecem tão livres e liberais à primeira vista, são de fato fortemente reguladas pela temporalidade”¹⁰⁴⁷.

Conforme a escrita de Michael Hanchard, talvez se possa associar a outros lugares, pois “[...] lugares não são mais um suporte claro de nossa identidade”¹⁰⁴⁸, *outras temporalidades*, dado os descompassos a que estão expostos na Modernidade:

[...] os encontros entre os afrodescendentes e o Ocidente abrangem questões de espaço, temporalidade e modernidade, além de questões de escravidão e cultura. Esses encontros nos lembram, creio eu, que *existem muitos pontos de vista a partir dos quais se pode ver e experimentar essa coisa conhecida como modernidade*: como pesadelo ou utopia; como passado horrível ou futuro presente. Essas visões contrastantes nos alertam contra a reificação da modernidade e nos imploram para ver a modernidade como um processo de experiência vivida, com vencedores e perdedores, bem como esforços por redenção, recuperação, retribuição e revolução, cada experiência caindo em outra e se tornando – ousar dizer – história¹⁰⁴⁹.

Nesse sentido, conforme o destaque na citação, percebe-se relação de Hanchard com o *perspectivismo* do antropólogo brasileiro Eduardo Viveiros de Castro a partir das cosmologias ameríndias que sugere, neste caso, “[...] uma unidade do espírito e uma diversidade dos corpos. A cultura ou o sujeito seriam aqui a forma do universal; a natureza ou o objeto, a forma do particular”¹⁰⁵⁰.

¹⁰⁴⁷ ROSA, Hartmut; BIALAKOWSKY, Alejandro. Alienación, aceleración, resonancia y buena vida. Entrevista a Hartmut Rosa. **Revista Colombiana de Sociología**, Bogotá, v. 41, n. 2, p. 249-259, jul./dic., 2018; p. 251, traduzido: “[...] comprendí que las sociedades modernas y capitalistas, que se nos aparecen como tan libres y liberales a primera vista, están de hecho fuertemente reguladas por la temporalidad”.

¹⁰⁴⁸ MORLEY, David; ROBINS, Kevin. **Spaces of identity**: global media, electronic landscapes and cultural boundaries. New York: Routledge, 1995, p. 87, traduzido: “[...] places are no longer clear support of our identity”.

¹⁰⁴⁹ HANCHARD, Michael. Afro-modernity: temporality, politics, and the african diaspora. **Public Culture**, Durham, v. 11, i. 1, p. 245-268, 1999; p. 258, destaque em itálico acrescido, traduzido: “[...] the encounters between people of African descent and the West encompass questions of space, temporality, and modernity in addition to questions of slavery and culture. These encounters remind us, I believe, that there are many vantage points from which one can view and experience this thing known as modernity: as nightmare or utopia; as horrible past or future present. These contrasting views caution us against modernity’s reification and implore us to view modernity as a process of lived experience, with winners and losers, as well as strivings for redemption, recovery, retribution, and revolution, each experience tumbling into another and becoming – dare I say – history”.

¹⁰⁵⁰ VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. **A inconstância da alma selvagem e outros ensaios de antropologia**. 5ª ed. São Paulo: Cosac Naify, 2013, p. 349.

Assim sendo, é a história viva, a acontecer; o percorrer dos indivíduos sejam eles de destaque, do vulto político e econômico (nesse mundo que a tudo mercantiliza), sejam eles os *simples* a que refere Martins.

O caminhar desses últimos se dá, sem exceção, pelo acesso ou não ao trabalho como forma de se prover, na configuração da vida.

E isso em temporalidades diversas que se impõem na vida de cada um ou de muitos, impelindo-os a adentrar a modernidade do que seja estabelecido como ser moderno; depende, em última instância, do acesso, da oportunidade que, notadamente não é característica (e nem intento!) do sistema capitalista ser inclusivo.

Com isso, *ser moderno* é “[...] não desistir da tentativa de usar os recursos que temos para enfrentar as questões, buscando entendê-las e mudar a realidade para melhor. Nesse sentido, todos somos ou deveríamos ser modernos”¹⁰⁵¹ advoga Simon Schwartzman.

Em linha semelhante, argumenta Jürgen Habermas que “[...] em vez de abandonar a modernidade e seu projeto como causa perdida, devemos aprender com os erros daqueles programas extravagantes que tentaram negar a modernidade”¹⁰⁵² ou como expõe Ignacio Izuzquiza em defesa da convicção de Niklas Luhmann: “[...] a modernidade não deve ser pensada com saudade, mas com a convicção de que só um novo pensamento pode pensar novas situações”¹⁰⁵³.

¹⁰⁵¹ SCHWARTZMAN, Simon. **Pobreza, exclusão social e modernidade**: uma introdução ao mundo contemporâneo. São Paulo: Augurium Editora, 2004, p. 216.

¹⁰⁵² HABERMAS, Jürgen. La modernidad, un proyecto incompleto. In: FOSTER, Hal. (Edit.). **La postmodernidad**. Trad. Jordi Fibla. 4ª ed. Barcelona: Editorial Kairós, Barcelona, 1998, p. 19-36; p. 32, traduzido: “[...] en vez de abandonar la modernidad y su proyecto como una causa perdida, deberíamos aprender de los errores de esos programas extravagantes que han tratado de negar la modernidad”.

¹⁰⁵³ IZUZQUIZA, Ignacio. **La sociedad sin hombres**: Niklas Luhmann o la teoría como escándalo. 2ª ed. Barcelona: Anthropos Editorial, 2008, p. 315, traduzido: “[...] la modernidad no debe ser pensada con añoranzas, sino con la convicción de que sólo un nuevo pensamiento puede pensar situaciones nuevas”.

4.3.1 Temporalidades latentes

Aponta Marx nos *Grundrisse*: “O trabalho é o fogo vivo, conformador; a transitoriedade das coisas, sua temporalidade, como sua conformação pelo tempo vivo”¹⁰⁵⁴.

Assim, se os sujeitos sociais vivem as diferentes temporalidades com os acessos possibilitados pelas ocupações que têm, e na atualidade avança a precarização do mundo do trabalho.

Por exemplo, um trabalhador precisa comprar uma geladeira para melhor viver o calor do Norte ou instalar chuveiro elétrico no frio do Sul do Brasil; assim, acessam então as benesses prometidas pela Modernidade.

Há os trabalhadores que sequer dispõem de água encanada e convivem com esgoto a céu aberto, muitas vezes em habitações precárias. Sobrevivem na condição arcaica (sequer com o apoio de tipo comunitário da tradição, como a entreatjada, por que agora se encontram jogados às cartas marcadas do capital).

Nesse meio tempo, há muitos integrantes da classe média tradicional ou aqueles que chegam a essa via ingresso no serviço público (os das camadas populares, por exemplo) pelas brechas educacionais e de ascensão social que a democratização da sociedade possibilita, planejam uma pós-graduação *stricto sensu* no exterior.

Esses, por isso, em algum sentido, se encontram na pós-modernidade, apesar de manterem-se na condição de trabalhadores, para o capital (e com os acessos e as benesses do capital, apesar de o *discurso de classe* negar esse imperativo), pois estão em condição imensamente superior à da vasta gama de precarizados em condições de labor e de vida dos que constituem a maioria da sociedade brasileira.

Nesse sentido, talvez a crítica de Murray Bookchin tenha sentido, já que “[...] o relativismo moderno ‘descentralizou’ essas questões cruciais [como um projeto de sociedade capitaneado pela classe média] e as transformou em

¹⁰⁵⁴ MARX, Karl. **Grundrisse**: manuscritos econômicos de 1857-1858: esboços da crítica da economia política. Trad. Mario Duayer e Nélio Schneider. 3ª reimpr. São Paulo: Boitempo; Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2016, p. 288.

expressões fracas de fé pessoal em uma atmosfera geral de ceticismo”¹⁰⁵⁵ e, visível, de consumo franco para ostentar e, se incluir, entre os mais pobres, vigora, então, “[...] a transição de uma economia de satisfação de necessidades para uma de satisfação de apetites”¹⁰⁵⁶.

Nesse sentido, pode-se considerar que “Os tempos formadores deixam de ser só os atribuídos às formações instituídas para serem aqueles que o sujeito se dá a si próprio fazendo desse modo brotar uma temporalidade pessoal, uma história”¹⁰⁵⁷, é a conquista do *tempo pessoal*, como entende Maria do Loreto Pinto de Paiva Couceiro. Nesta concepção tripartite (como exposto nos exemplos atrás) os diferentes tempos dos sujeitos sociais atravessam a concepção mais visível, aquela instituída ou que é percebida por determinada sociedade.

É a temporalidade do trabalho que possibilita, ainda que de forma cada vez mais difícil, porque restrita e seletiva, alguma ascensão social aos diferentes tipos de trabalhadores.

A temporalidade do trabalho possibilita a transição, como alega Marx; é o trabalho enquanto condição fundante da vida digna.

A respeito das temporalidades, enquanto alicerce da desigualdade dos processos de desenvolvimento, Agnes Heller expõe que:

O tempo é a irreversibilidade dos acontecimentos. O *tempo histórico* é a irreversibilidade dos acontecimentos sociais. Todo acontecimento é irreversível *do mesmo modo*; por isso, é absurdo dizer que, nas várias épocas históricas, o tempo decorre em alguns casos ‘lentamente’ e em outros ‘com maior rapidez’. O que se altera não é o tempo, mas o *ritmo* da alteração das estruturas sociais. Mas esse ritmo é *diferente* nas esferas heterogêneas. É esse o fundamento da desigualdade

¹⁰⁵⁵ BOOKCHIN, Murray. **Historia, civilización y progreso (esbozo para una crítica del relativismo moderno)**. Trad. Antonia R. Cabezas. Madrid: Nossa y Jara Editores, 1997, p. 25, traduzido: “[...] el relativismo moderno ha ‘descentrado’ estos temas cruciales y los ha convertido en débiles expresiones de fe personal en una atmósfera general de escepticismo”.

¹⁰⁵⁶ STREECK, Wolfgang. **¿Cómo terminará el capitalismo? Ensayos sobre un sistema en decadencia**. Trad. Jose Amoroto *et al.* Madrid: Traficantes de sueños, 2017, p. 122, traduzido: “[...] la transición de una economía de satisfacción de necesidades a otra de satisfacción de apetitos”.

¹⁰⁵⁷ COUCEIRO, Maria do L. P. de P. **Processos de autoformação: uma produção singular de si-próprio**. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa, 1992 (Dissertação de Mestrado em Ciências de Educação), p. 50.

do desenvolvimento, que constitui uma categoria central da concepção marxista da história¹⁰⁵⁸.

Nessa linha, em uma “Sociedad de presentes”, em que convivem diferentes temporalidades, de acordo com o Armin Nassehi “[...] na sociedade moderna e funcionalmente diferenciada, diferentes contextos funcionais funcionam simultaneamente [...] e, assim, subtraem tanto a capacidade de controle mútuo quanto a coordenação de futuros compartilhados”¹⁰⁵⁹, pois se encontram “[...] num mundo e numa modernidade que se sufocam”¹⁰⁶⁰, conforme entende Gaston Pineau.

Neste mundo, onde o indivíduo social, sem controle da própria história e ao relente dos imprevistos possíveis acaba por ser “[...] levado por um presente fugitivo, escapa para sempre da companhia do homem, mas pesa em seu destino”¹⁰⁶¹, como advoga Emmanuel Levinas. Para outros autores,

O adensamento do presente, em que se amontoa o passado recuperado e reinterpretado, às vezes até tematizado, e em que se pressiona a antecipação e a organização do futuro imediato, faz-nos dizer que estamos fartos do tempo, pois parecemos incapazes viver o nosso próprio¹⁰⁶².

Na sociedade capitalista essencialmente são as oportunidades que não são compartilhadas. Aliás, prevalece em muitas políticas públicas e mesmo no imaginário do senso comum a ideia que seja *meritória* a meritocracia.

¹⁰⁵⁸ HELLER, Agnes. **O cotidiano e a história**. Trad. Carlos N. Coutinho. 6ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000, p. 3, ênfase no original.

¹⁰⁵⁹ NASSEHI, Armin. La teoría de la diferenciación funcional en el horizonte de sus críticas. Trad. Hugo Cadenas. **Revista Mad**, Santiago, n. 24, p. 1-29, may., 2011; p. 8, traduzido: “[...] en la sociedad moderna, funcionalmente diferenciada, diferentes contextos funcionales corren simultáneamente [...] y se sustrae con ello, tanto la capacidad de control mutuo, como la coordinación de futuros compartidos”.

¹⁰⁶⁰ PINEAU, Gaston. Emergência de um paradigma antropofomador de pesquisa-ação-formação transdisciplinar. Trad. Américo Sommerman. **Saúde e Sociedade**, São Paulo, v. 14, n. 3, p. 102-110, set./dez., 2005; p. 109.

¹⁰⁶¹ LEVINAS, Emmanuel. **Los imprevistos de la historia**. Trad. Tania Checchi. Salamanca: Ediciones Sígueme, 2006, p. 26, traduzido: “[...] arrastrado por un presente que huye, escapa para siempre a la empresa del hombre, pero pesa sobre su destino”.

¹⁰⁶² HOYOS, Carmen G. de; HUMANES, Mariano P.; MARTÍN, Carlos T. Temporalidades contemporáneas: incluido el pasado en el presente. **PH Cuadernos**, Sevilla, n. 29, p. 22-29, 2012; p. 23, traduzido: “La densificación del presente, en el que se amontona el pasado recobrado y reinterpretado, incluso tematizado en ocasiones, y en el que apremia la previsión y la organización del futuro inmediato, hace que podamos decir que estamos enfermos de tiempo, puesto que parecemos incapaces de vivir el nuestro propio”.

Essa é percepção (ou concepção se seguir a linha de Lefebvre) que não dá conta do vivido. Aliás, uma das formas de se enxergar o cotidiano é que seja um espaço desintegrado, que as pessoas que vivem nesta temporalidade estão desunidas, que a anomia social predomina.

Se assim for, de acordo com Armin Nassehi isso se explica “[...] porque as pessoas são móveis, têm uma grande variedade de contatos sociais diariamente e, portanto, são mais propensas a interagir brevemente com muitos do que com alguns”¹⁰⁶³; e essa é a lógica interativa da sociedade moderna.

José de Souza Martins enxerga nas temporalidades desencontradas da Modernidade ou naquilo que ela intenta ser, o espaço para a diferenciação social explícito, como que a determinar os estamentos sociais.

Para o autor, onde “[...] as pessoas não eram apenas diferentes – pardo, negro, mulher –, [elas] viviam em tempos sociais diferentes, simultâneos e contemporâneos”¹⁰⁶⁴. Tempos que são e estão sendo vividos e que estão prenhes de instituintes da desigualdade, pois legitimadores, se não alicerces do sistema capitalista.

Nesse caso, ser ou não cidadão está associado a fazer parte, compartilhar da igualdade de direitos ou do tratamento desigual para os diferentes¹⁰⁶⁵, viver a cidadania global para os emigrantes ou refugiados que fazem parte do cotidiano, na atualidade, mesmo nas cidades menores do interior do Brasil (como o caso de haitianos, senegaleses e venezuelanos). Nesse sentido, provavelmente valem-se da estratégia, como entende Gilmar de Carvalho de “Migrar como idéia de mover-se diante de uma realidade hostil ou em busca de um sonho, elemento propulsor das culturas. Migrar como fuga, destino, castigo ou busca”¹⁰⁶⁶.

¹⁰⁶³ NASSEHI, Armin. **Soziologie: zehn einführende vorlesungen**. Wiesbaden: Verlag, 2008, p. 71, traduzido: “[...] weil Personen mobil sind, alltäglich unterschiedlichste Sozialkontakte haben und deswegen eher mit Vielen kurz als mit Wenigen kontinuierlich in Interaktion stehen”.

¹⁰⁶⁴ MARTINS, José de S. **Nuto Sant’anna: a poética do desencontro**. São Paulo: Academia Paulista de Letras/ Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2021, p. 21.

¹⁰⁶⁵ BARBOSA, Rui. **Oração aos moços**. 5. ed. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1999.

¹⁰⁶⁶ CARVALHO, Gilmar de. Migrações, narrativas e sertão (o caso do cordel). **Revista de Ciências Sociais**, Fortaleza, v. 38, n. 1, p. 14-18, 2007; p. 14.

Na concepção de Hannah Arendt do que seja cidadania está o “[...] direito de ter direitos”¹⁰⁶⁷ que se fazia necessário no contexto do pós-II Grande Guerra, mas no descompasso das diferentes temporalidades que coexistem na realidade social atual das populações que vivem de forma precária, nas franjas, talvez prevaleça literalmente, *a desvantagem de estar em desvantagem*¹⁰⁶⁸ como sugere Gertrude Ezorsky ou assinala Juan C. Garavaglia

[...] compartilhamos com quase todos os países “modernos” do terceiro mundo a dupla ameaça de “usufruir” não só das vantagens do atraso, mas também do lixo e da poluição decorrentes da industrialização selvagem, diante de uma sociedade que não parece estar ciente de suas obrigações para com as gerações futuras¹⁰⁶⁹.

Já que a modernidade enquanto uma promessa que se realiza a poucos, por suas contradições sociais e econômicas, por suas temporalidades e sua difusão espacial desigual e suas disfuncionalidades, por outro lado também pode ser considerada integradora, porquanto “[...] a modernidade transformou os pobres em trabalhadores”¹⁰⁷⁰.

Estes são incluídos em suas mais variadas formas de ocupação, mas também de precarização ao se pensar o mundo do trabalho atual, afinal faz parte do encadeamento e funcionamento do sistema capitalista a disseminação da esperança que o Sol nasce para todos (alegada pelos arautos da chamada meritocracia), mas a realidade distancia-se desse ideário, pois mais assemelha-se à *humilhação sem esperança*¹⁰⁷¹.

Nesta linha, no entender de Jules Townshend, quanto às mulheres, mesmo com a entrada destas no mercado de trabalho formal, as históricas diferenças permanecem, pois mesmo quando saíam para trabalhar, estas

¹⁰⁶⁷ ARENDT, Hannah. **Origens do totalitarismo**. Trad. Roberto Raposo. 3ª reimpr. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 330 e 332.

¹⁰⁶⁸ EZORSKY, Gertrude. **Racism and justice: the case for affirmative action**. Ithaca: Cornell University Press, 1991.

¹⁰⁶⁹ GARAVAGLIA, Juan C. Las relaciones entre el medio y las sociedades humanas en su perspectiva histórica. **Anuario del IEHS**, Tandil, n. VII, p. 411-57, 1992; p. 47, traduzido: “[...] compartimos con casi todos los países ‘modernos’ del tercer mundo, la doble amenaza de ‘gozar’ no solo de las ventajas del atraso sino también de las basuras y la polución resultado de la industrialización salvaje, frente una sociedad que no parece ser consciente de sus obligaciones para con las generaciones futuras”.

¹⁰⁷⁰ HIMMELFARB, Gertrude. **The idea of poverty: England in the early industrial age**. New York: Vintage Books, 1985, p. 206, traduzido: “[...] modernity transformed the poor into workers”.

¹⁰⁷¹ TORGA, Miguel. **Bichos**. 19ª ed. Coimbra: Gráfica de Coimbra, 1995, p. 35.

realizavam tarefas que reproduziam os papéis que reforçavam a dependência em relação aos homens.

Já que ao assumirem “[...] as tarefas de cozinhar, limpar e cuidar. E o diferencial de salários perpetuou a família patriarcal ao forçar a dependência financeira da mulher em relação ao homem”¹⁰⁷².

Como se percebe, as temporalidades diversas, as percepções e o vivido do tempo histórico da Modernidade, daquilo que as políticas públicas advogam ou do que os manuais de sociologia expõe como de direito de cidadania, como sendo de todos de direito (da temporalidade de referência), não se reproduzem no cotidiano, pois conformam situações de desigualdades já dentro das famílias, dentro de casa.

Esta é a desigualdade que segura a transformação da sociedade, pois “[...] tende a chegar à consciência social e individual como diferença”¹⁰⁷³, o que escamoteia as desigualdades substanciais, que impedem muitos ao acesso às benesses do capitalismo e às promessas que a Modernidade fez para o seu próprio sustento e que passou da hora a cobrança.

Esse escamotear expõe temporalidades, das que coexistem as que vigoram na realidade agrária brasileira provavelmente melhor ilustram o todo da sociedade geral no Brasil.

Aliás, José de Souza Martins pode ser visto desta forma, como um autor que pesquisa o campo e alicerça a partir desta realidade condições para interpretar o Brasil; ao menos em sua fase inicial tem esse local como maior interlocução.

Quanto a esta fase de modernidade no país, contribui o viés de Susan Buck-Morss que acena que “[...] uma interpretação das configurações mais recentes da história”¹⁰⁷⁴ pode se dar a partir deste tipo de fenômeno moderno, como a modernização tecnológica evidente do chamado agronegócio brasileiro.

¹⁰⁷² TOWNSHEND, Jules. **The politics of marxism: the critical debates**. London: Leicester University Press, 1996, p. 216, traduzido: “[...] this division of labour often replicated itself in the job market, with women undertaking tasks of cooking, cleaning and caring. And the wage differential perpetuated the patriarchal family by compelling the woman's financial dependence on the man”.

¹⁰⁷³ MARTINS, José de S. A diferença contra a desigualdade: as identidades sociais dinâmicas. In: CAVALCANTI, Josefa S. B.; WEBER, Silke; DWYER, Tom. (Orgs.). **Desigualdade, diferença e reconhecimento**. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2009a, p. 49-65; p. 56.

¹⁰⁷⁴ BUCK-MORSS, Susan. **The dialectics of seeing: Walter Benjamin and the arcades project**. Cambridge: The MIT Press, 1989, p. 3, traduzido: “[...] an interpretation of history's most recente configurations”.

É a partir do campo, da agropecuária brasileira, em algumas propriedades e empresas, que se expõe no tempo contemporâneo uma das facetas mais desumanas do capitalismo, qual seja, a manutenção de relações de trabalho em condição análoga a de escravo. O espaço agrário ainda é, em muitas regiões, território sem lei, onde impera o poder do atraso.

4.3.2 E quanto a uma história camponesa?

Pensando desta forma, com essa linha de entendimento, parte da população brasileira estaria em condição desumana, no sentido da ausência do palco, da participação diminuída ou não positivada e mesmo dimensionada como se deveria, ao se pensar nas condições de vida e mesmo na escrita da história?

Segundo Martins

A história brasileira, mesmo aquela cultivada por alguns de esquerda, é uma história urbana – uma história dos que mandam e, particularmente, uma história dos que participam do pacto político. A mesma exclusão, aliás, afeta também o índio, esse parente próximo do camponês brasileiro¹⁰⁷⁵.

Sendo uma história urbana, com aquele intento populista de retratar o homem do campo, parte silenciada, parte excluída, parte selecionada, parte positivada, entre tantas partes que se pode fazer.

E essa parte não é o todo, como que quebra-cabeças da realidade social e talvez nem todos os métodos darão conta, se se for fazer uma efetiva história do campesinato se deverá levar em conta a tutela, o jugo a essa prática de escrita e entendimento da história?

Segundo Martins, sim: “A história política do campesinato brasileiro não pode ser reconstituída separadamente da história das lutas pela tutela política do campesinato”¹⁰⁷⁶, ou seja, “o camponês nos projetos dos outros”, os outros, neste caso, são aqueles que de alguma forma se interessam por ele, pelo seu destino, alheios, em alguns casos, mesmo a sua vontade?

¹⁰⁷⁵ MARTINS, José de S. **Os camponeses e a política no Brasil**: as lutas sociais no campo e seu lugar no processo político. Petrópolis: Editora Vozes, 1981, p. 26.

¹⁰⁷⁶ MARTINS, José de S. **Os camponeses e a política no Brasil**, p. 81.

No capítulo III de seu livro “Os camponeses e a política no Brasil”, que se chama “Terra e liberdade: a luta dos posseiros na Amazônia Legal”, que foi originalmente uma exposição feita no Instituto Agronômico de Campinas, em 11 de outubro de 1978, Martins assim explica:

A apresentação que vou fazer aqui é bastante esquemática e não deve ser entendida como a expressão de uma certa pobreza de entendimento, de conceituação das coisas. Em grande parte vou expor resultados ainda muito provisórios de uma pesquisa que venho desenvolvendo, há cerca de um ano e meio, na Amazônia Legal sobre conflitos em torno do problema da terra¹⁰⁷⁷.

Ao longo de sua escrita Martins teve (e tem, afinal está em plena atividade) textos dos mais diversos, uns aprofundados, outros recém constituídos, para público geral, para acadêmicos e, os textos sinceros como o que se expôs na citação acima.

Mas a sinceridade do autor está presa a algo sólido, o problema da terra e não a generalidade, que poderia ser uma aposta para o escritor: “É improvável que alguém se atreva hoje a escrever ou falar sobre as características ou os acontecimentos do mundo rural brasileiro sem atribuí-los à *expansão do capitalismo no campo*. Esse tem sido uma espécie de conceito mágico que explicaria tudo”¹⁰⁷⁸.

Não cair na tentação dos conceitos mágicos que a tudo explicam, da tentação econômica que a tudo aclara ou que se tenta, reage Martins demonstrando que, nos cafezais, na relação dos fazendeiros com os colonos, os imigrantes: “Não era o fazendeiro quem pagava ao trabalhador pela formação do cafezal. Era o trabalhador quem pagava com cafezal ao fazendeiro pelo direito de usar as mesmas terras na produção de alimentos durante a fase dessa formação”¹⁰⁷⁹.

Quando se sabia do contrário, da ação dos fazendeiros que, benfeitores da situação que favoreceu a muitos, ao país, assim a perspectiva tradicional da história tende a perceber a questão.

¹⁰⁷⁷ MARTINS, José de S. **Os camponeses e a política no Brasil**, p. 125.

¹⁰⁷⁸ MARTINS, José de S. **Os camponeses e a política no Brasil**, p. 151, ênfase no original.

¹⁰⁷⁹ MARTINS, José de S. **O cativo da terra**. [1a. edição: 1979] 9ª. edição, revista e ampliada, 1ª reimpressão. São Paulo: Editora Contexto, 2013, p. 66.

A esse respeito dos vínculos possíveis entre o colono e o fazendeiro de café, que podiam ser: “[...] conserto de estrada da fazenda à estação ferroviária; limpeza do pasto da fazenda e reparos periódicos na cerca do pasto”, assim

Esse elenco de vínculos monetários, não monetários e gratuitos e o caráter familiar do trabalho do colono não permitem que se defina as relações de produção do regime de colonato como relações especificamente capitalistas de produção ou mesmo como relações capitalistas de produção, na diferenciação dessas relações propostas por Marx¹⁰⁸⁰.

A complexidade das relações entre colonos imigrantes e fazendeiros do café demonstrada na descrição de Martins o coloca em um conceito de história aberto, pois se recusa a pensar que eram relações capitalistas que se estabeleciam nesta afinidade.

Existem mitos e generalizações que sequestram os participantes da história, especialmente nesta temática onde se prefere a perspectiva teleológica, como se o fosse a *história oficial*, conforme Martins, pois

[...] uma certa concepção oficialista de história, que nada tem a ver com a História. Essa história de epônimos, que tem origens coloniais e monarquistas, frequentemente na boca e na cabeça de tanta gente neste país, desde governantes até tenras crianças do jardim de infância, é mera contrafação da História. Não é correta nem justa, pois se baseia num elitismo atroz e reacionário, que acaba fazendo do herói mera caricatura de herói. A História não é patrimônio do Estado – é patrimônio do povo. É processo, é movimento que retém, num desenrolar tenso, a ação de todos e não só de alguns. A História não se faz nem se explica pela vontade ou pela onipotência da classe que domina ou dos burocratas que a representam. Por maior que seja a sua força, a sua capacidade de coagir e até de convencer¹⁰⁸¹.

Nestes casos, onde o imperioso da aparência se sobrepõe a evidência, em que pese o alerta de Marx que “[...] na aparência as coisas se apresentam

¹⁰⁸⁰ MARTINS, José de S. **O cativo da terra**, p. 75.

¹⁰⁸¹ MARTINS, José de S. **Expropriação e violência**: a questão política no campo. [1a. edição: 1980], 2a. ed. São Paulo: Editora Hucitec, 1982, p. 134.

frequentemente invertidas, é conhecido em quase todas as ciências”¹⁰⁸², pois precisam capitalizar aliados, mesmo entre os críticos e se impõe o mito da classe média, como se apenas desta forma poder-se-á ver a história.

Então, mesmo que se alardeie, a história não se faz apenas no sentido e se feita pelo viés de classe (não dá conta da diversidade de atores sociais) como se caracteriza a perspectiva dos movimentos sociais, ao contrário, segundo o autor, para além daqueles que representam a história ela se faz, se realiza com todos.

Um outro mito da historiografia nacional que se faz a partir da cidade, pois urbana que é a escrita da história, como o próprio Martins denuncia, é o centrado nas transformações dos governos de Getúlio Dornelles Vargas, a “era Vargas”, que travou “[...] luta para formar a modernidade urbana emergente da sociedade brasileira”¹⁰⁸³ conforme James Holston e modernizou relações de trabalho, com benefícios a classe trabalhadora¹⁰⁸⁴, apesar e sobre a base da contestação e cooptação da classe operária, urbana, pois a “A ‘Modernidade’ é, [...] um conceito de luta”¹⁰⁸⁵.

No entanto, “[...] Vargas estabeleceu com as oligarquias foi no sentido de modernizar as relações de trabalho na cidade sem mexer nas relações de trabalho no campo, o que fez com que relações arcaicas persistissem durante um tempo larguíssimo”¹⁰⁸⁶.

A despeito desta modernização nas cidades brasileiras levadas a cabo por Vargas, de acordo com Marcio L. Carreri, elas foram palco, desde esta era, de “[...] um período de disputas políticas, de antagonismos evidentes. O

¹⁰⁸² MARX, Karl. **O Capital**: crítica da economia política. Livro primeiro: o processo de produção do capital, tomo 2 (capítulos XIII a XXV). Trad. Regis Barbosa e Flávio R. Kothe. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1996, p. 167.

¹⁰⁸³ HOLSTON, James. **Cidadania insurgente**: disjunções da democracia e da modernidade no Brasil. Trad. Claudio Carina. São Paulo: Companhia das Letras, 2013, s./p.

¹⁰⁸⁴ D’ARAUJO, Maria C. **Getúlio Vargas**: ensaio biográfico e perfil parlamentar. 2ª ed. Brasília: Câmara dos Deputados; Edições Câmara, 2017, p. 28, informa a autora que: “Ao longo dos oito anos de Estado Novo, Vargas deu continuidade à reestruturação do Estado brasileiro, orientando-se cada vez mais para a intervenção estatal na vida nacional e para o nacionalismo econômico. Manteve-se igualmente atento às classes trabalhadoras, anunciando novas leis, de preferência nas comemorações do 1º de Maio”.

¹⁰⁸⁵ KNÖBL, Wolfgang. Observaciones sobre el concepto de modernidad. Trad. Celso S. Capdequí. **Sociología Histórica**, Murcia, n. 7, p. 167-185, 2017; p. 183, traduzido: “La ‘modernidad’ es, [...] antes un concepto de lucha”.

¹⁰⁸⁶ MARTINS, José de S. **Florestan**: sociologia e consciência social no Brasil. São Paulo: Edusp - Editora da Universidade de São Paulo/Fapesp, 1998, p. 173.

catolicismo, nacionalismo, fascismo e comunismo dividem opiniões de líderes, governos e populares”¹⁰⁸⁷.

Apesar da contestação dessa tese de José de Souza Martins¹⁰⁸⁸ por Clifford A. Welch¹⁰⁸⁹ no entanto este se limitou a referir-se a outros dois autores (Fernando Ferrari e Segadas Vianna¹⁰⁹⁰), que demonstrariam o equívoco da tese de José de Souza Martins e outros, pois “[...] são livros que questionam profundamente a velha tese do ‘pacto oligárquico e agrário’”¹⁰⁹¹.

Welch, uma espécie de brasilianista dos estudos rurais, é identificado e próximo aos intelectuais dirigentes do MST, inclusive sendo responsável pela “[...] organização do acervo documental”¹⁰⁹² como consta em seu *Lattes*, o que não tem nada de anormal, porém, suas teses vão ao encontro com as da organização, pois ambos enxergam um *continuum* na luta no campo e, por isso, o norte-americano se contrapõe as observações de pesquisa de Martins.

Em outro texto, Welch expôs com maior profundidade a questão a partir de suas teses, que no entanto, se aproximam da ideia de Martins: “Ao buscar organizar a ‘vida rural’, o governo Vargas não procurou fazer uma revolução

¹⁰⁸⁷ CARRERI, Marcio L. Oswald de Andrade e as experiências de modernidade em São Paulo: identidade, sociabilidade e política. **Vozes, Pretérito & Devir**, Teresina, ano II, v. III, n. 1, p. 150-171, 2014; p. 160.

¹⁰⁸⁸ Outro autor, é crítico, nestes dois estudos: SANTOS, Raimundo. O agrarismo de José de Souza Martins. **Estudos Sociedade e Agricultura**, Rio de Janeiro, v. 23, n. 1, p. 214-231, 2015; e, SANTOS, Raimundo. Camponeses e democratização no segundo debate agrarista. In: SILVA, Francisco C. T. da; SANTOS, Raimundo; COSTA, Luiz F. de C. (Orgs.). **Mundo rural e política: ensaios interdisciplinares**. Rio de Janeiro: Editora Campus, 1998, p. 35-58.

¹⁰⁸⁹ WELCH, Clifford A. Movimentos sociais no campo até o golpe militar de 1964: a literatura sobre as lutas e resistências dos trabalhadores rurais do século XX. **Lutas & Resistências**, Londrina, v. 1, p. 60-75, set., 2006.

¹⁰⁹⁰ Segundo este autor, “Há dois livros essenciais para resgatar a história parlamentar: *Escravos da terra* do deputado federal Fernando Ferrari (1963) e *O Estatuto do Trabalhador Rural* e sua aplicação, de Segadas Vianna (1965). Um político populista de Rio Grande do Sul, Ferrari documentou com indignação a resistência da oligarquia rural. O livro de Segadas Vianna, um advogado que foi Ministro de Trabalho na última gestão do Vargas, revela bem a evolução legislativa das leis trabalhistas para o campo”, in: WELCH, Clifford A. Movimentos sociais no campo até o golpe militar de 1964: a literatura sobre as lutas e resistências dos trabalhadores rurais do século XX. **Lutas & Resistências**, p. 63, ênfase no original.

¹⁰⁹¹ WELCH, Clifford A. Movimentos sociais no campo até o golpe militar de 1964: a literatura sobre as lutas e resistências dos trabalhadores rurais do século XX. **Lutas & Resistências**, p. 63).

¹⁰⁹² Disponível em: <<http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4775479U0>>. Acesso em 20/03/2019.

para emancipar os camponeses¹⁰⁹³ de uma espécie de sistema feudal de latifúndios e minifúndios, mas para ajustar a economia política e assim fortalecer o capitalismo agrário”¹⁰⁹⁴.

Quanto ao capitalismo agrário, enquanto expressão de temporalidades várias, a terra e a sua renda, explicam a história brasileira?

4.3.3 A terra e a renda na história brasileira

Possivelmente trazem elementos que ajudam a explicar, tanto que José de Souza Martins possui obra que trata disso, a respeito do livro “O poder do atraso”, explica o autor: “Os quatro ensaios deste volume tratam de problemas distintos, articulados entre si por temas comuns relativos ao fazer História: a dimensão política da propriedade da terra e a dimensão política da atuação dos que se envolvem na luta pela terra”¹⁰⁹⁵.

Conforme Martins, “No Brasil, o atraso é um instrumento de poder”¹⁰⁹⁶ é desta forma que o autor anuncia e mostra a importância que concede em sua obra escrita à dimensão do que não é visível, na pesquisa convencional, das permanências e das novas roupagens do *mais do mesmo*, com ares de novidade; ou como entende David F. L. Gomes, de que “[...] o Brasil seria histórica e cronologicamente moderno, mas, socialmente, continuaria atrasado quando comparado com as outras sociedades que também são histórica e cronologicamente modernas”¹⁰⁹⁷ pelo menos desde os intentos da Constituição imperial de 1824.

¹⁰⁹³ Conforme Martins e em *proximidade* ao que escreve Welch: “A Revolução de 1930 reconheceu e proclamou os direitos trabalhistas dos operários das fábricas, mas não os estendeu expressamente aos trabalhadores rurais. Impediu, assim, que a força renovadora da classe operária em expansão, com suas conquistas, acelerasse a demolição das velhas estruturas sociais agrárias e oligárquicas. Mas, não o fez para garantir o poder das oligarquias e sim para domesticá-lo, colocá-lo a serviço da centralização política e do Estado autoritário” in: MARTINS, José de S. **Não há terra para plantar neste verão**, p. 82.

¹⁰⁹⁴ WELCH, Clifford A. Vargas e a reorganização da vida rural no Brasil (1930-1945). Trad. Venceslau A. de Souza. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 36, nº 71, p. 81-105, 2016; p. 101.

¹⁰⁹⁵ MARTINS, José de S. **O poder do atraso**, p. 11-12.

¹⁰⁹⁶ MARTINS, José de S. **O poder do atraso**, p. 13.

¹⁰⁹⁷ GOMES, David F. L. **A Constituição de 1824 e o problema da modernidade: o conceito moderno de constituição, a história constitucional brasileira e a teoria da constituição no Brasil**. Belo Horizonte: UFMG, 2016 (Tese de Doutorado em Direito), p. 189.

Nesta ideia que o atraso condiciona nossa história, Martins traz uma tese aceita, que “É lugar-comum, hoje, em trabalhos de historiadores, sociólogos, economistas e cientistas políticos que estudam as transformações da sociedade brasileira em face da crise do trabalho escravo, a afirmação de que a servidão negra foi substituída pelo trabalho assalariado”¹⁰⁹⁸ como espécie de adentrar ao moderno no Brasil, pois surgia como “[...] uma condição central para o capitalismo”¹⁰⁹⁹, como entende Luiz Carlos Bresser-Pereira.

No entanto, para essa se concretizar, aquilo que se vê como algo progressista, para José de Souza Martins, em verdade mais foi uma manobra da elite, pois

[...] a questão abolicionista foi conduzida em termos da substituição do trabalhador escravo pelo trabalhador livre, isto é, no caso das fazendas paulistas, em termos da substituição física do negro pelo imigrante. Mais do que a emancipação do negro cativo para reintegrá-lo como homem livre na economia de exportação, a abolição o descartou e minimizou, reintegrando-o residual e marginalmente na nova economia capitalista que resultou do fim da escravidão¹¹⁰⁰.

A partir disso, pode-se pensar que a imigração foi perversa?

Não para os imigrantes, que aproveitaram, alguns, a oportunidade; por outro lado, se se imaginar a forma como a questão foi resolvida nos bastidores da história, talvez sim, pois “[...] todo o debate parlamentar sobre a abolição da escravatura foi, ao mesmo tempo, um debate sobre a propriedade fundiária e sobre a colonização”¹¹⁰¹.

Nesse sentido, do que se mantinha o país, pensando na grande agricultura, de acordo com Martins, “A economia do café teve justamente a característica de incorporar, produzir e reproduzir *relações sociais* e *relações raciais*, combinando-as contraditoriamente no processo do capital”¹¹⁰².

Quando saem os negros dos cafezais e entram os brancos, os primeiros eram escravos, já os segundos, pauperizados e camponeses, quando ao final,

¹⁰⁹⁸ MARTINS, José de S. **O cativo da terra**, p. 27.

¹⁰⁹⁹ BRESSER-PEREIRA, Luiz C. **A construção política do Brasil: sociedade, economia e Estado desde a independência**. 3ª ed. rev. e atual. São Paulo: Editora 34, 2016, p. 107.

¹¹⁰⁰ MARTINS, José de S. **O cativo da terra**, p. 35.

¹¹⁰¹ MARTINS, José de S. **O cativo da terra**, p. 58.

¹¹⁰² MARTINS, José de S. **O cativo da terra**, p. 128, ênfase no original.

com aqueles que se utilizou o sistema de parceira muito do que viviam os escravos foi reproduzido com os imigrantes.

A história quase se repetindo, mudou a cor e o status de condição social, mas as práticas permaneceram quase as mesmas, ou apenas foram revisitadas, com a mesma roupagem.

Isso vai ao encontro do que pensa Martins: “Minha hipótese é a de que o capitalismo, na sua expansão, não só redefine antigas relações, subordinando-as à reprodução do capital, mas também engendra relações não capitalistas, igual e contraditoriamente necessárias a essa reprodução”¹¹⁰³, desta forma

A renda, até então capitalizada no escravo, tornara-se renda territorial capitalizada. *Se no regime sesmarial, o da terra livre, o trabalho tivera que ser cativo; num regime de trabalho livre a terra tinha que ser cativa.* No Brasil, a renda territorial capitalizada não é essencialmente uma transfigurada herança feudal. Ela é engendrada no bojo da crise do trabalho escravo, como meio para garantir a sujeição do trabalho ao capital, como substituto da expropriação territorial do camponês, que, no advento do capitalismo, criou a massa de deserdados apta a entrar no mercado de trabalho da nova sociedade¹¹⁰⁴.

Desta forma, “No caso brasileiro, o capitalismo não é exatamente o mesmo do modelo europeu e americano. Aqui ele se torna um capitalismo rentista”¹¹⁰⁵ o que acaba sendo desconsiderado pela teoria, nas tentativas de transplante do modelo de uma realidade a outra, de acordo com Lefebvre, não se leva em consideração que

[...] as tentativas teóricas de Marx permaneceram incompletas e inacabadas. As obras classificadas como filosóficas não contêm uma filosofia ou outro “modelo” de elaboração teórica, mas sim um projeto, o da filosofia de superação. As pesquisas econômicas sobre acumulação, limitadas à Inglaterra, não fornecem uma compreensão completa do processo cumulativo (embora extraíam o conceito, discernindo claramente entre a

¹¹⁰³ MARTINS, José de S. **O cativo da terra**, p. 36.

¹¹⁰⁴ MARTINS, José de S. **O cativo da terra**, p. 47-8, ênfase no original.

¹¹⁰⁵ MARTINS, José de S. **A sociologia como aventura**, p. 219.

acumulação de capital e a acumulação hegeliana de conhecimento)¹¹⁰⁶.

Muito ao contrário, a obra de Karl Marx é vista como acabada, como exposto na ideia de que se deve trazer o modelo de fora para cá, o condenado e exposto por Henri Lefebvre. Sobre a renda da terra, uma das ex-orientandas de José de Souza Martins afirma: “[...] o autor aproximou cada vez mais seus questionamentos da teoria em que a *renda da terra* passou a ocupar o lugar central. [...] que, ao lado de relações de produção especificamente capitalistas, subsistem relações submetidas formalmente à lógica do capital”¹¹⁰⁷.

Ao fazer coro a afirmativa de Lefebvre, Margarida M. Moura afirma a respeito do que defende Martins: “Nesse sentido, está a crítica mais densa de Martins à noção da penetração do capitalismo no campo. Noção pobre, além de abusivamente utilizada pelas mais variadas orientações teóricas” e assim, expõe o cerne da teoria de José de Souza Martins a respeito da *formação do capitalismo no campo brasileiro*: “[...] A lógica do capital suscita a formação da renda territorial capitalizada. Trata-se de formação não de penetração”¹¹⁰⁸.

Se Martins afirma que o capitalismo no campo brasileiro é diferente e que não “penetrou” e sim se “formou”, por outro lado, o autor traz informações a respeito do que pensa sobre o capitalismo de forma geral, em sua forma perversa aos pobres ou os que foram privados pelo sistema:

Na melhor das hipóteses, o capitalismo globalizado trouxe enormes benefícios às elites, à classe média e à elite da classe trabalhadora. Mas, abandonou na beira da estrada do progresso multidões de deserdados e sem destino, mergulhados em formas perversas de sobrevivência. São os indevidamente chamados de excluídos, porque incluídos foram nas funções residuais e subalternas da cloaca de um sistema

¹¹⁰⁶ “[...] las tentativas teóricas de Marx quedaron incompletas e inacabadas. Las obras calificadas de filosóficas no contienen una filosofía ni otro “modelo” de elaboración teórico, sino un proyecto, el de la superación de la filosofía. Las investigaciones económicas sobre la acumulación, limitadas a Inglaterra, no proporcionan una comprensión completa del proceso acumulativo (aunque extraen el concepto, discerniendo claramente entre la acumulación del capital y la acumulación hegeliana del saber)”, in: LEFEBVRE, Henri. **Hegel, Marx, Nietzsche (o el reino de las sombras)**. 8 ed. Trad. Mauro Armijo. Madrid: Siglo Veintiuno Editores, 1988, p. 129, traduzido.

¹¹⁰⁷ MOURA, Margarida M. Martins: pessoa de pensar. **Política & Trabalho**, João Pessoa, n. 39, p. 63-77, out., 2013; p. 76, ênfase no original.

¹¹⁰⁸ MOURA, Margarida M. Martins: pessoa de pensar, p. 76.

econômico que não parece ter como funcionar e sobreviver sem iniquidades e injustiças¹¹⁰⁹.

Uma característica do capitalismo tem sido essa forma de moldar-se e se adaptar as diferentes realidades, conforme as necessidades requeridas em determinado tempo histórico.

Nesse sentido, segundo Martins “[...] não parece ter como funcionar e sobreviver sem iniquidades e injustiças”, e desta forma vale-se de muitas estratégias, pois “*Tem-se, pois, uma sociedade capitalista que formula soluções anticapitalistas para o seu setor agrário*”¹¹¹⁰ e, que de longe se note que “O mundo e o sistema econômico em que vivemos são altamente imperfeitos”¹¹¹¹.

Assim sendo, “No processo de transformação da terra em propriedade privada e do capital em renda capitalizada, a seu modo, o grileiro substituiu o antigo traficante de escravos”¹¹¹², quase tudo segue da mesma forma, apenas com traços diversos, mas não tão implícitos, e a forma de apropriação da terra segue sendo à margem da lei, em prejuízo dos que não conseguem adentrar ao jogo de interesses que beneficia apenas parte desta sociedade.

Ao contrário do que ocorreu com o capitalismo inglês, no Brasil, de acordo com Martins, “[...] a contradição histórica entre a terra e o capital nunca tomou corpo e visibilidade num conflito de interesses entre os grandes proprietários e os industriais”¹¹¹³, a conciliação das elites em proveito próprio.

É a linha de entendimento de Agnes Heller e Ferenc Fehér, que a Modernidade se projeta e se afinca justamente nas contradições, justamente por essa só “[...] pode manter sua identidade somente se várias coisas mudarem constantemente e se pelo menos algumas coisas forem continuamente substituídas por outras”¹¹¹⁴.

¹¹⁰⁹ MARTINS, José de S. **Reforma agrária**, p. 16.

¹¹¹⁰ MARTINS, José de S. **Capitalismo e tradicionalismo**, p. 7, ênfase no original.

¹¹¹¹ FISCHER, Stanley. Globalization and its challenges. **The American Economic Review**, Nashville, v. 93, n. 2, p. 1-30, may., 2003; p. 26, traduzido: “The world and the economic system we live in are highly imperfect”.

¹¹¹² Martins, José de S. **O cativo da terra**, p. 62.

¹¹¹³ MARTINS, José de S. **Exclusão social e a nova desigualdade**. [1a. edição: 1997], 6a. reimpressão. São Paulo: Editora Paulus, 2015, p. 70.

¹¹¹⁴ HELLER, Ágnes; FEHÉR, Ferenc. O pêndulo da modernidade. **Tempo Social**, São Paulo, v. 6, n. 1-2, p. 47-82, 1994; p. 53.

Essa modernidade se alimenta, portanto, nos conflitos internos, dos que estão integrados, conforme o pêndulo pesa a favor dos favorecidos pelo movimento *versus* os que para ela ainda não foram convidados.

Por fim, a da dimensão do capital em poesia de Martins sobre a fábrica, com a sensibilidade do autor, de quem viveu esta e percebe nela as contradições deste sistema: “[...] Viver era improdutivo/ na retidão/ da linha de produção”¹¹¹⁵.

Se historicamente os direitos trabalhistas, os de cidadania se iniciam pela cidade, especialmente ao se considerar as transformações da Era Vargas¹¹¹⁶, as temporalidades históricas da democracia brasileira podem indicar caminhos.

4.3.4 História e democracia brasileira

Grande parte da produção da historiografia brasileira centra-se no período da República¹¹¹⁷ pelo menos até a década de 1980, quando esta veio e deixou o povo bestializado¹¹¹⁸ ou na forma como outra autora definiu: “A República não pode mais esperar a morte do velho imperador”¹¹¹⁹.

Desta forma, meio que sem saber, a fizeram os militares – antes que o povo se desse conta da situação – que logo em seguida dariam mostras de como tratariam os sujeitos da terra, como em Canudos. Segundo Martins:

Mal percebemos que a República foi concebida entre nós para dificultar clareza do processo político, para viabilizar a dominação pelo desconhecimento, para induzir ao erro que sempre que o eleitor não redobre a atenção quando vota. A própria publicidade eleitoral é no mais das vezes extensa mistificação¹¹²⁰.

¹¹¹⁵ MARTINS, José de S. **Retratos do silêncio**. Coleção “Artistas da USP”. São Paulo: Edusp, 2008a, “tempo perdido”, p. 116.

¹¹¹⁶ KORNIS, George; EARP, Fábio S. Transformações sociais e legislação trabalhista sob Getúlio Vargas. In: SILVA, Raul M.; CACHAPUZ, Paulo B.; LAMARÃO, Sérgio. (Orgs.). **Getúlio Vargas e seu tempo**. Rio de Janeiro: BNDES, 2004, p. 37-44.

¹¹¹⁷ FICO, Carlos; POLITO, Ronald. **A história do Brasil (1980-1989)**: elementos para uma avaliação historiográfica. Ouro Preto: UFOP, 1992.

¹¹¹⁸ CARVALHO, José M. de. **Os bestializados**: o Rio de Janeiro e a República que não foi. 3ª ed., 13ª reimp. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

¹¹¹⁹ como Schwarcz (2015)

¹¹²⁰ MARTINS, José de S. **Do PT das lutas sociais ao PT do poder**. São Paulo: Editora Contexto, 2016, p. 235.

O que pode ser entendido como violência formadora, inicial, como que a serviço do Estado. E se pensar em todas as épocas da nação (desde 1822), ou seja, o Estado como ferramenta organizada para que a sociedade sirva às elites e, por conseguinte, como aponta Fernando Jorge, “[...] a República era um processo histórico em marcha”¹¹²¹, como uma temporalidade política que se impunha frente a monarquia.

A este respeito, José Vicente Tavares dos Santos afirma que um dos grandes temas condutores da Sociologia brasileira pós-Ditadura “[...] tem sido a explicação de como é possível superar os paradoxos de um país democrático conviver com elevadas taxas de crimes violentos?”¹¹²².

Se não a responder o autor, mas a instigar outras questões, escreve Martins a respeito de como a população, a seu modo vê a violência e, em certo sentido se vale dela ou de suas formas, como a percepção da vingança na política; nesse sentido “O historiador não pode [...] basear sua explicação exclusivamente nas principais tendências ou nas intervenções dos atores”¹¹²³, alerta Antoine Prost. Neste caso,

No Brasil, a emergência das multidões enfurecidas vem se dando de maneira particularmente mais intensa desde o fim do regime autoritário, como uma espécie de explosão libertaria de tensões reprimidas durante a longa duração da ditadura. Não quer isso dizer nostalgia pela ordem que o regime de exceção, na verdade, alardeou e não teve. Mas exprime a não menos autoritária concepção de liberdade que se difundiu na sequência da ditadura. Aberta ao arbítrio das interpretações, em nome do princípio de que a liberalidade da lei é melhor do que o seu contrário, estimula e secunda essas violências. Sobretudo porque nossa compreensão popular de democracia e de liberdade ainda se enraíza em tradições autoritárias que remontam ao beco sem saída da lógica da escravidão. A liberdade acabou sendo interpretada como direito de vingança¹¹²⁴.

¹¹²¹ JORGE, Fernando. **Vida e poesia de Olavo Bilac**. 6ª ed. rev. e atual. Osasco: Novo Século Editora, 2015, p. 158.

¹¹²² TAVARES DOS SANTOS, José V. A violência na sociologia brasileira atual. In: ALMEIDA, Cybele C. de et al (Orgs.). **Violência e poder: reflexões brasileiras e alemãs sobre o medievo e a contemporaneidade**. Porto Alegre: DM, 2017, p. 249-267; p. 251.

¹¹²³ PROST, Antoine. Comment l'histoire fait-elle l'historien? **Vingtième Siècle. Revue d'histoire**, Paris, n. 65, p. 3-12, jan./mar., 2000; p. 8, traduzido: “L'historien ne peut [...] fonder son explication exclusivement sur les tendances lourdes ou sur les interventions des acteurs”.

¹¹²⁴ MARTINS, José de S. **Linchamentos: a justiça popular no Brasil**. São Paulo: Editora Contexto, 2015b, p. 126.

Segundo Martins, principalmente reflexo dos anos de Ditadura, difundiu-se entre os brasileiros uma concepção de liberdade estranha aos passos democráticos, e ainda em espelho aos anos de escravatura, com isso, se escancara a ideia de liberdade associada a vingança, como que uma temporalidade estendida que, entranhada, permanece, pois

No Brasil, o processo de crise e transformação política do Estado se confundiu com a transição do regime militar para o regime civil. E o crescimento da sociedade civil se confundiu com a oposição do povo à ditadura. Essa confusão não viabilizou a clareza das mudanças que ocorriam na sociedade civil e no Estado. Em consequência, superado o regime militar, não ficou claro que a sociedade civil tinha outras tarefas, que o Estado já era outra coisa, que as unanimidades acima das classes e das categorias particulares já eram relativamente ineficazes, pois haviam chegado ao fim¹¹²⁵.

Da mesma forma que a sociedade chegou à democratização via processo lento e gradual, e se antes era exposto o conflito desta sociedade, “a oposição do povo à ditadura”, e certa ideia de enfrentamento ao Estado, já que fora sequestrado pelos militares, nesta transição, na passagem de um período ao outro, não ficou claro o papel que a coletividade deveria desempenhar, que o símbolo do poder já era outro, apesar das permanências.

A lentidão da história ou a história lenta como concebe Martins pode ser associada às noções de espaços de lentidão e espaços de rapidez de Milton Santos e María L. Silveira:

Do ponto de vista social, os espaços da rapidez serão aqueles onde é maior a vida de relações, fruto de sua atividade econômica ou sociocultural, ou então zonas de passagem, respondendo a necessidades de uma circulação mais longínqua. [...] A ideia de espaços da rapidez e espaços da lentidão também pode ser cotejada com a noção de espaços de mandar e do fazer e de espaços do mandar e do obedecer, admitindo-se que o fazer sem mandar e o obedecer podem produzir a necessidade da existência de vias sem, obrigatoriamente, ostentar a mesma presença que nos espaços do mandar¹¹²⁶.

¹¹²⁵ MARTINS, José de S. **O poder do atraso**: ensaios de sociologia da história lenta. São Paulo: Editora Hucitec 1994, p. 161-2.

¹¹²⁶ SANTOS, Milton; SILVEIRA, María L. **O Brasil**: território e sociedade no início do século XXI. 11ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2008, p. 263.

Nesse sentido, como se comportam aqueles que escrevem a História desse processo? Para Leo Bersani essa espécie de *cultura da redenção* (para Martins, seria o recurso ao uso da vingança histórica na escrita e na prática?) que se “[...] expressa por esforços para definir descontinuidades entre o presente e o passado, talvez seja sempre motivada por uma necessidade de celebração histórica ou luto histórico”¹¹²⁷, tal como vêm ocorrendo em muitas sociedades, como a brasileira. Mais favorável às continuidades, na linha de Giovanni Levi, Maurizio Gribaudi expõe que “[...] a continuidade dos processos históricos é exercida no presente de cada contexto”¹¹²⁸.

Ao contrário deste exposto, argumenta Arlette Farge que “[...] a história é [ou deveria ser], a cada época, o relato ponderado dos acontecimentos, aquele que evita sua falsificação e a vergonha das derrapagens flagrantes ou das denegações mortíferas”¹¹²⁹.

Não necessariamente se referindo a sociedade brasileira, Antoine Prost, comenta a respeito da crítica da interpretação: “Neste aspecto, a atenção fica ligada ao sentido dos termos, ao seu uso distorcido ou irônico, às afirmações ditadas pela situação”¹¹³⁰.

Quem faz uso o faz a partir de algum lugar, um sentido, desta forma, conforme escreve Prost, quem narra a história o faz em condições predeterminadas, as regras da ciência, deste *fazer* está associado aos pares, aqueles que fazem parte. No entanto, na recente virada historiográfica, de acordo com François Dosse “[...] reexaminar a escrita do historiador como um fazer, [...] contribui para naturalizar uma atividade principalmente social e política”¹¹³¹.

¹¹²⁷ BERSANI, Leo. **The culture of redemption**. Cambridge: Harvard University Press, 1990, p. 47, traduzido: “[...] expressed by efforts to define discontinuities between the present and the past, is perhaps always motivated by a need for historical celebration or historical mourning”.

¹¹²⁸ GRIBAUDI, Maurizio. Échelle, pertinence, configuration. S./Trad. **Trace. Travaux et Recherches dans les Amériques du Centre**, México, D.F., n. 49, p. 11-29, jun., 2006; p. 17, traduzido: “[...] la continuité des processus historiques se joue dans le présent de chaque contexte”.

¹¹²⁹ FARGE, Arlette. **Lugares para a história**. Trad. Fernando Scheibe. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011, p. 68.

¹¹³⁰ PROST, Antoine. **Doze lições sobre a história**. Trad. Guilherme J. de F. Teixeira. 2ª ed., 4. reimp. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017, p. 60.

¹¹³¹ DOSSE, François. De l’usage raisonné de l’anachronisme. **Espaces Temps**, Lausanne, n. 87-88, p. 156-171, 2005; p. 160, traduzido: “[...] ré-interroger l’écriture historique comme un faire, [...] contribue à dé-naturaliser une activité avant tout sociale et politique”.

Mas estão atentos ao que dita a situação?

Não se referindo a uma possível crise de legitimação da ciência histórica, onde isenta-se o autor, mas a aludir a uma questão mais geral, a da sociedade, José M. Resende afirma que

[...] a relativa corrosão das bases de legitimação, acompanhando ou não o declínio das instituições, estão cada vez mais na mira dos seres que povoam os mundos, objectivadas não só no modo como operam criticamente sobre as coisas, mas também no modo como se envolvem em movimentos, organizados, informais, incessantes e transitórios¹¹³².

Se a corrosão da legitimação atinge a sociedade e, nesta o modo como se envolvem inclusive os movimentos sociais, como sugere-se acima, isso levará a desigualdade, alguma forma desta.

De acordo com Martins, em se tratando do Brasil, ao pensar na democracia, pois foi a que menos predominou, “[...] sabe-se que a desigualdade é um dos princípios organizadores da sociedade brasileira, oriundo da sociedade tradicional dos tempos coloniais que, entranhado na estrutura social, organiza, com frequência, as relações nas instituições”¹¹³³.

Essa desigualdade tem refletido na forma como a democracia brasileira se organiza.

Imaginando que a desigualdade seja um princípio organizador da sociedade, Fabio R. Mota comenta que assim “[...] os direitos da cidadania estão relacionados a uma concepção hierárquica em que os diferentes direitos estão disponibilizados de acordo com a categoria ou status dos indivíduos ou grupos”¹¹³⁴. Em discordância, entre as oligarquias e os militares podem haver diferenças e até conflitos, mas são sempre aliados e se necessitam reciprocamente.

¹¹³² RESENDE, José M. Os insondáveis caminhos (in) transitáveis na modernidade e os modos de ordenar os mundos plurais: o intrigante no centro do questionamento sociológico (prefácio). In: RESENDE, José M. et al (Orgs.). **As artes de (re)fazer o mundo**: habitar, compor e ordenar a vida em sociedade. Portalegre: Instituto Politécnico de Portalegre, 2016, p. 9-12; p. 11.

¹¹³³ KANT DE LIMA, Roberto. Transição judiciária inquisitorial, desigualdade jurídica e contraditório em uma perspectiva comparada. In: RESENDE, José M. et al (Orgs.). **As artes de (re)fazer o mundo**: habitar, compor e ordenar a vida em sociedade. Portalegre: Instituto Politécnico de Portalegre, 2016, p. 337-350; p. 339.

¹¹³⁴ MOTA, Fabio R. **Cidadãos em toda parte ou cidadãos à parte?**: demandas de direitos e reconhecimento no Brasil e na França. Rio de Janeiro: Consequência, 2014, p. 171.

Na relação pendular do Brasil republicano, conforme José de Souza Martins, que têm ficado entre a centralização política e o fortalecimento do Estado frente a descentralização política e o fortalecimento de oligarquias, com militares *versus* oligarcas, por outro lado, também do conflito entre ordem pública e ordem privada, do absolutismo ao liberalismo. Quanto à penúltima dicotomia, de acordo com Fábio Konder Comparato, ela praticamente nos constitui, pois o Brasil nasce como sociedade (país) “[...] associando os potentados econômicos privados aos principais agentes do Estado”¹¹³⁵.

Estes sistemas com características genuinamente brasileiras, a questão da cidadania entre esse pêndulo, com a consequente desigualdade:

[...] o Estado, centralizado ou descentralizado, tem procurado *conceder* direitos por meio de reformas sociais que estão sempre muito aquém daquelas que poderiam resultar de revoluções vitoriosas. De um modo muito caracteristicamente absolutista, os direitos não surgem como *conquistas*, mas como dádivas e *privilégios*. Isso resulta numa característica brasileira desumanizadora [...] com frequência, as demandas sociais são propostas como *pedidos* e não como *direitos*; e frequentemente, também, tem um caráter corporativo, o de um privilégio para determinado grupo ou categoria. Daí que do *clientelismo* se vá ao *populismo*¹¹³⁶.

Quando os direitos são vistos como dádivas¹¹³⁷, como troca de favor, como marca da *instituição da sociedade*¹¹³⁸ como sugere Cornelius Castoriadis e da democracia entre nós, o que faz pensar que se vive em uma confusão dos tempos, que o exemplo a seguir ilustra, um passado presente, a respeito das mudanças sociais em Arraial do Cabo:

[...] não se trata de um ciclo de retorno constante ao igual, pois o passado que está presente nos fragmentos de memória individual, quando reunido, compõe a história do grupo [...] O

¹¹³⁵ COMPARATO, Fábio K. **A oligarquia brasileira: visão histórica**. 1ª reimpr. São Paulo: Contracorrente, 2018, p. 18.

¹¹³⁶ MARTINS, José de S. **Não há terra para plantar neste verão: o cerco das terras indígenas e das terras de trabalho no renascimento político do campo**. [1a. edição: 1986], 2a. edição. Petrópolis: Editora Vozes, 1988, p. 75, ênfase no original.

¹¹³⁷ Para a dádiva como a entende a antropologia da tradição filiada a Marcel Mauss, sugere-se a coletânea organizada por Teixeira: MARTINS, Paulo H. (Org.). **A dádiva entre os modernos: discussão sobre os fundamentos e as regras do social**. Trad. Guilherme J. de F. Teixeira. Petrópolis: Vozes, 2002.

¹¹³⁸ CASTORIADIS, Cornelius. **A instituição imaginária da sociedade**. Trad. Guy Reynaud. 5ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001.

passado, naturalmente, já passou, é fato que o devir do presente é fazer passar, ao mesmo tempo em que ao passar deixa de ser presente para se tornar passado¹¹³⁹.

A esse respeito, sobre a força do passado a ditar as regras da vida pública, as permanências, quanto ao sentido a que isso se dá e como se percebe em relação as temporalidades, no sentido de ações do Estado com a sociedade civil e no comportamento dos cidadãos, que devem se pautar na continuação da ideologia moral, por isso pautar-se postura de “[...] honestidade, gratidão, justiça, generosidade”¹¹⁴⁰, Martins comenta que “[...] o passado que nos trava está mais presente entre nós do que qualquer um de nós possa imaginar”¹¹⁴¹. Nesse sentido, pode-se afirmar que não é o passado que nos trava, é o Estado, o grande travador social.

A partir da memória?

Nesta potencialidade da imaginação, presente em cada um de nós, “[...] a memória verdadeira é em grande parte a memória da incerteza. Tampouco é uma memória só de ganhos e êxitos”¹¹⁴², defende Martins; entende-se assim que, “[...] de forma alguma é uma história de certezas”¹¹⁴³. Por outro lado, “Neste campo de interpretação altamente competitivo que é o presente, [não] deveria o papel social do historiador da atualidade reduzir-se a produzir uma ‘perícia sobre as memórias’”¹¹⁴⁴, em discordância ao que sugerem Emmanuel Droit e Franz Reichherzer.

Ganhos e êxitos não só na vida de cada um, do coletivo, da categoria, da classe social, como se desejar, mas em relação a sociedade também.

¹¹³⁹ PRADO, Simone M. **Da anchova ao salário mínimo**: uma etnografia sobre injunções de mudança social em Arraial do Cabo/RJ. Niterói: EdUFF, 2002, p. 130-1.

¹¹⁴⁰ GOFFMAN, Erving. **Relaciones en público**: microestudios del orden público. Trad. Fernando S. Fontenla. Madrid: Alianza Editorial, 1979, p. 190, traduzido: “[...] honradez, gratitud, justicia, generosidad”.

¹¹⁴¹ MARTINS, José de S. **A política do Brasil**: lúmpen e místico. [Reedição, ampliada, revista e reformulada de O Poder do Atraso]. São Paulo: Editora Contexto, 2011a, p. 208.

¹¹⁴² MARTINS, José de S. **Uma arqueologia da memória social**: autobiografia de um moleque de fábrica. Cotia: Ateliê Editorial, 2011b, p. 450.

¹¹⁴³ FRANCK, Robert. Une histoire problématique, une histoire du temps présent. **Vingtième Siècle, revue d’histoire**, Paris, n. 71, p. 79-90, jui./sep., 2001; p. 89, traduzido: “[...] n’e est en aucune fa on une histoire de certitudes”.

¹¹⁴⁴ DROIT, Emmanuel; REICHHERZER, Franz. La fin de l’histoire du temps présent telle que nous l’avons connue: plaidoyer franco-allemand pour l’abandon d’une singularité historiographique. **Vingtième Siècle. Revue d’histoire**, Paris, n. 118, v. 2, p. 121-145, 2013; p. 141, traduzido: “Dans ce champ interprétatif hautement concurrentiel qu’est le présent, le rôle social de l’historien du temps présent doit-il se réduire à produire une ‘expertise sur les mémoires’?”.

Por exemplo, em relação a passagem da Ditadura a redemocratização, conforme Rodrigo G. de Azevedo,

A desorganização das instituições responsáveis pela ordem pública no momento do retorno à democracia deveu-se à continuidade entre o antigo regime autoritário e o regime democrático nascente no plano da segurança pública, no quadro de uma transição longa e difícil¹¹⁴⁵.

Se a transição foi longa e difícil como assevera Azevedo acima, essa é uma questão que diz respeito também a forma como os governantes se relacionam com seus outorgantes, pois o Brasil constituiu-se como democracia representativa.

Que apesar dos impasses e das contestações das tendências autoritárias, está entre aquelas consideradas consolidadas¹¹⁴⁶ onde eleitores, cidadão neste caso, passam o bastão do poder àqueles que, via de regra em trâmites legais, conseguem ser eleitos, neste caso (e em outros) impõe-se “[...] a questão da elite e da sua relação com o povo. Este é o maior problema na construção da democracia no Brasil”¹¹⁴⁷, como assinala Simon Schwartzman em prefácio à quarta edição de sua obra, pois o *moderno* “[...] da política brasileira teve folego curto, e a política antiga está demonstrando ter uma enorme e inesperada capacidade de sobrevivência e metamorfose”¹¹⁴⁸.

E assim tem sido no mundo todo. As aparências podem mudar, mas o fundo do problema é o mesmo e impõem-se questões: como despiramidalizar as sociedades? como socializar os lucros com justiça? como preservar a vida do planeta e da humanidade? Na linha de socializar os lucros, Cristovam Buarque sugere que se possa criar estratégias para “[...] ampliar o conceito de crimes contra a humanidade para incluir os crimes do desenvolvimento econômico perverso”¹¹⁴⁹.

¹¹⁴⁵ AZEVEDO, Rodrigo G. de. **Tendências do controle penal na modernidade periférica: as reformas penais no Brasil e na Argentina nos anos 1990**. Rio de Janeiro: Autografia, 2018, p. 165.

¹¹⁴⁶ AVRITZER, Leonardo. **Impasses da democracia no Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

¹¹⁴⁷ ZARUR, George de C. L. **A utopia brasileira: povo e elite**. Brasília: Abaré; Flacso/Brasil, 2003, p. 15.

¹¹⁴⁸ SCHWARTZMAN, Simon. **Bases do autoritarismo brasileiro**. 5. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2015, p. 12.

¹¹⁴⁹ BUARQUE, Cristovam. **Desafios à humanidade em perguntas**. 2ª ed. Brasília: Senado Federal; Gabinete do Senador Cristovam Buarque, 2017, p. 165.

Se há esta desconexão a que se refere Zarur acima, pois sua relação se constitui geralmente em bases clientelísticas, de troca de favor, sob imposição de quem tem mais força sobre outros inferiores, sem condições de fazer frente, apenas ao se aproveitar das brechas, que como migalhas, vez ou outra aparecem, quase sempre propiciadas pelas próprias contradições do sistema político brasileiro, segundo Marco A. G. Ferreira,

No Brasil a ideia de liberdades públicas está desconectada da ideia de pertencimento a um Estado e de respeito às liberdades dos seus cidadãos. Por isso, a norma constitucional não é absorvida na cultura cívica nacional. Com efeito, os direitos individuais e as garantias processuais são indisponíveis aos cidadãos¹¹⁵⁰.

O autor menciona *cultura cívica*, e a ausência dos direitos aos cidadãos comuns, mas ela existe e é estimulada pelos governantes?

Prova de que não é o descaso na recorrência das tragédias já anunciadas, como o caso recente da barragem de rejeitos que estourou em Brumadinho, Minas Gerais, quando qualquer laudo sério atestaria risco iminente, mas o jogo e os interesses privados prevalecem sobre o público, mesmo as investigações e a prevenção se arrastam¹¹⁵¹. Aliás, como no resto das questões sociais e econômicas. O rei da França Luís XIV (1638-1715) dizia “O Estado sou eu”, agora as elites dizem “O Estado somos nós”.

É como se “A *pedagogia da catástrofe* funciona[sse] para alguns, mas o povo e os governos, aparentemente, não aprendem, seguem de olhos fechados e mesmo diante dos desastres continuam resistindo às necessárias políticas de correção de rumo”¹¹⁵² aponta Cristovam Buarque, que é assim que os *mediterrâneos invisíveis* prevalecem.

Com o que concorda Raphaël Draï, quando afirma “[...] a existência de outros muros, aqueles menos tangíveis, mas às vezes muito mais herméticos

¹¹⁵⁰ FERREIRA, Marco A. G. **A presunção da inocência e a construção da verdade: contrastes e confrontos em perspectiva comparada (Brasil e Canadá)**. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2013, p. 225.

¹¹⁵¹ Quanto a esta questão, ver: <<https://g1.globo.com/politica/noticia/2019/04/25/tres-meses-apos-rompimento-camara-instala-cpi-para-investigar-tragedia-em-brumadinho.ghtml>>. Acesso em 27/04/2019.

¹¹⁵² BUARQUE, Cristovam. **Mediterrâneos invisíveis: os muros que excluem pobres e aprisionam ricos**. São Paulo: Paz e Terra, 2016, p. 158.

entre os países do Norte e os países do Sul, e às vezes até entre os ‘países irmãos’¹¹⁵³, como os muros mentais e os muros políticos.

Da mesma forma como também entende Slavoj Žižek que “Esta é a verdade da globalização: construir novos muros para salvaguardar a próspera Europa do influxo de imigrantes”¹¹⁵⁴. Também, de acordo com Peter Wagner, essa visão homogeneizadora pode “[...] impor um retorno à visão da modernidade como uma forma única e única de organização social e política sem alternativas duradouras”¹¹⁵⁵.

E assim os *náufragos sociais* a que se refere Buarque, continuam a se avolumar, indefesos e como cobaias dos experimentos de empresas que apenas visam ao lucro, como foi o caso da Vale, no episódio trágico acima.

Neste sentido, de que é feito o povo, ele serve para que sentido na política partidária – que é “[...] política-meio-de-vida”¹¹⁵⁶ como asseverou Sylvio Romero – para a elite brasileira na política que domina a vida das pessoas? Conforme Martins,

O povo brasileiro é um povo residual da história e das artimanhas do poder. Ainda é um povo descartável, que se incorpora como sujeito do processo político basicamente nos dias de eleição. Ou então, como mero sujeito da nacionalidade, nos tempos de Carnaval ou de Copa do Mundo, a identidade bonita, mas inócua e passiva, de quem não tem alternativa senão viver para ser visto ou para ver. Somos um povo que se propõe nas exceções do de vez em quando e não no dia a dia do sempre¹¹⁵⁷.

¹¹⁵³ DRAÏ, Raphaël. Murs politiques, murs mentaux. *Cités*, Paris, n. 31, p. 21-33, 2007; p. 32, traduzido: “[...] l’existence d’autres murs, moins tangibles ceux-là, mais parfois bien plus hermétiques entre pays du Nord et pays du Sud, et parfois même entre ‘pays frères’”.

¹¹⁵⁴ ŽIŽEK, Slavoj. *Bienvenidos al desierto de lo real*. Trad. Cristina V. Solis. Madrid: Ediciones Akal, 2005, p. 116, traduzido, ênfase no original: “Ésta es la verdad de la globalización: la construcción de nuevos muros que salvaguarden la próspera Europa del flujo de inmigrantes”.

¹¹⁵⁵ WAGNER, Peter. Modernity. In: RITZER, George. (Edit.). *The Wiley-Blackwell encyclopedia of globalization*. Malden: Blackwell Publishing, 2012a, p. 1-4; p. 4, traduzido: “[...] may impose a return to the view of modernity as a single and unique form of social and political organization that is without lasting alternatives”.

¹¹⁵⁶ ROMERO, Sylvio. *Provocações e debates (contribuições para o estudo do Brasil social)*. Porto: Livraria Chardron, 1910, p. 405.

¹¹⁵⁷ MARTINS, José de S. *A política do Brasil*, p. 211.

Sendo um povo percebido dessa forma, residual porque vivendo em tempos históricos diversos, mesmo que “Aos trancos e barrancos”¹¹⁵⁸ como assevera Darcy Ribeiro, até porque “O homem é um animal histórico”¹¹⁵⁹ e não é de se estranhar que a percepção do tempo da democracia também seja distinta.

Nesse sentido, devido as condições de reestruturação do mundo do trabalho e da própria informalidade que, às vezes, é o único caminho a seguir para muitas pessoas, há um risco ainda maior a ser considerado, conforme o sociólogo Luiz Antonio Machado da Silva “[...] o caráter estruturante de um novo quadro de vida que podem ter práticas que, vistas do ângulo da organização social ainda dominante, são claramente disruptivas”¹¹⁶⁰, aliás como tem sido a entrada da criminalidade no cotidiano das pessoas mesmo nas regiões mais rurais.

A modernidade brasileira se reproduz, assim, nos entremeios desses vários tempos, prometendo a uns, concedendo a outros, mas quando há a chance da sintonia temporal para alguns, o Estado que é capitaneado por governantes que não estão comprometidos com a soberania do povo, dá passos para trás.

Para Rubens Ricupero, seguindo o pensamento de Celso Furtado, nossa adentrada ocorre desde a implementação de “[...] unidades de produção com mão de obra escrava, especializadas em produzir *commodities* tropicais para os mercados europeus. A história do Brasil é indissociável dessa precoce inserção no mundo”¹¹⁶¹.

Quanto ao que seja ou como se constitui a Modernidade brasileira, Luiz Bernardo Pericás oferece exemplo da desta modernidade na experiência do cangaço, pois nele “[...] os tempos históricos se cruzam, se sobrepõem. Nesse

¹¹⁵⁸ RIBEIRO, Darcy. **Aos trancos e barrancos**: como o Brasil deu no que deu. 3ª ed., 5ª impr. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1986.

¹¹⁵⁹ HAMA, Boubou; KI-ZERBO, Joseph. Lugar da história na sociedade africana. In: KI-ZERBO, Joseph. (Edit.). **História geral da África I: metodologia e pré-história da África**. S./trad. 2 ed. rev. Brasília: UNESCO/ Ministério da Educação; São Carlos: UFSCar, 2010, p. 23-35; p. 23.

¹¹⁶⁰ SILVA, Luiz A. M. da. **O mundo popular**: trabalho e condições de vida. Org. Mariana Cavalcanti, Eugênia Motta e Marcella Araujo. Rio de Janeiro: Papéis Selvagens, 2018, p. 304.

¹¹⁶¹ RICUPERO, Rubens. Celso Furtado, pensador global. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, São Paulo, n. 78, p. 25-34, abr., 2021; p. 26, ênfase no original.

sentido, ‘arcaísmo’ e ‘modernidade’ andavam juntos”¹¹⁶², seja nas estratégias de luta contra o próprio projeto moderno, a resistência ao novo, portanto, tornava-o moderno; mas, por outro lado, ao buscar manter valores e códigos de uma realidade tradicional que tendia a desaparecer, mostrava-se arcaico.

De acordo com Marco Aurélio Nogueira, no Brasil e em outros países periféricos,

[...] a modernidade radicalizou-se em sentido perverso, combinando-se com “restos coloniais” e zonas históricas de exclusão social, o que comprimiu as possibilidades de autodeterminação, já complicadas pelo fato de que tais países não evoluíram com projetos nacionais que incluíssem, organizassem e solidarizassem a população. Suas classes dominantes foram regra geral predatórias e não se dedicaram a moldar a sociedade segundo sua visão de mundo¹¹⁶³.

E o mais do mesmo transforma-se na ordem estabelecida, quando “Combinando o incombinável, a sociedade brasileira demonstra sua extraordinária capacidade de resistência e sua esclerose política”¹¹⁶⁴, tal como “[...] na bagunça política, na miséria daquele povo, na enfadonha sanha dos políticos, num certo ranço que anda no ar – então me vem um certo horror de voltar”¹¹⁶⁵ como escreveu sobre sua terra o gaúcho Erico Verissimo quando este morava nos Estados Unidos, pois é “[...] no estrangeiro e de preferência em Portugal é que acabavam por descobrir o Brasil”¹¹⁶⁶, tal como escreveu Viana Moog a respeito das elites que descobrem o próprio país quando não mais estão nele ou como definiu o crítico Antonio Candido: “Estamos fadados, pois, a depender da experiência de outras letras, o que pode levar no desinteresse e até menoscabo das nossas”¹¹⁶⁷.

¹¹⁶² PERICÁS, Luiz B. **Os cangaceiros**: ensaio de interpretação histórica. 2ª reimpr. São Paulo: Boitempo, 2015, p. 172.

¹¹⁶³ NOGUEIRA, Marco A. **As ruas e a democracia**: ensaios sobre o Brasil contemporâneo. Brasília: Fundação Astrojildo Pereira/ Rio de Janeiro: Contraponto, 2013, p. 187.

¹¹⁶⁴ MARTINS, José de S. Cidadania, movimentos sociais e entidades de mediação. **Coleção Seminários**, Rio de Janeiro, n. 17, p. 6-17, out., 1992b; p. 17.

¹¹⁶⁵ VERISSIMO, Erico. **Erico Verissimo**: cartas da União Pan-Americana 1953-1958. Org. Maria da G. Bordini. Rio de Janeiro: Makunaima, 2021, p. 166.

¹¹⁶⁶ MOOG, Clodomir V. Integração psico-social do povo brasileiro. **Revista da Escola Superior de Guerra**, Rio de Janeiro, n. 41, p. 347-364, 2002; p. 352.

¹¹⁶⁷ CANDIDO, Antonio. **Formação da literatura brasileira**: momentos decisivos. 6. ed. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 2000, p. 9.

Por outro lado, há implicações com o antes deste *mais do mesmo*, pois “Entre o antes e o depois, o antes determina o advento, em contraste com a história política moderna promulga o depois, projeta a sociedade para o futuro e define a história política como prospectiva e futuroológica”¹¹⁶⁸.

Assim, o convívio social e político, prenhe de tensões, prossegue a marcha das temporalidades da história brasileira, excluindo uns, incluindo outros; por vezes mais parece interessar a história a narrativa desse processo, desse tempo.

4.4 A vida cotidiana e a História

A respeito da temporalidade na vida cotidiana, Henri Lefebvre afirma que “Na vida cotidiana popular (‘abaixo’, por convenção), tempos e ritmos cíclicos predominam completamente, mas são quebrados, fragmentados e, por assim dizer, estripados (de forma desigual dependendo do grupo social)”, e como que a estabelecer dicotomias que são estruturais na sociedade já que assim se configura, “‘No topo’ (por convenção) predominam tempos lineares, orientados em uma direção, particularizados, mas desvinculados uns dos outros”¹¹⁶⁹.

O que é ou pode ser mais cotidiano do que o fervor pelas festas populares, os feriados nacionais que adentram o imaginário de todos, que comemoram um dia longe do trabalho, porque “ninguém é de ferro”, por outro lado, também há uma cultura do esquecimento (ou da esperança?) no brasileiro:

Entre o Natal e o Ano-Novo, abre-se entre nós um tempo intermediário e ritual, que é o tempo do esquecimento. Isso é próprio da sociedade brasileira e de sua cultura popular. De repente, o pessimismo cotidiano é colocado entre parênteses. Momentaneamente esquecidos, afundamos em otimistas

¹¹⁶⁸ BARRET-KRIEDEL, Blandine. Histoire et politique, ou l’histoire science des effets. **Annales. Economies, sociétés, civilisations**, Paris, 28^e année, n. 6, p. 1437-1462, 1973; p. 1457, traduzido: “Entre l’avant et l’après, l’avant détermine l’avènement, en revanche l’histoire politique moderne promulgue l’après, projette la société dans l’avenir et définit l’histoire politique comme prospective et futurologie”.

¹¹⁶⁹ LEFEBVRE, Henri. **Critique de la vie quotidienne II**, p. 58, traduzido: “Dans la quotidienneté populaire (‘en bas’, par convention) prédominent complètement les temps et rythmes cycliques, mais brisés, fragmentés, et pour ainsi dire éventrés (inégalement suivant les groupes sociaux). ‘En haut’ (par convention) prédominent les temps linéaires, orientés dans un sens, particularisés, mais déliés les uns des autres”.

prognósticos sempre que um ano novo se aproxima. Esquecemos que 2008 teve pouco a ver com o feliz 2008 vislumbrado na última semana de 2007. Nosso conformismo ritual nos faz aguentar os altos e baixos da história, o doloroso percurso de uma sociedade construída em cima dos alicerces da escravidão, da injustiça e da vítima, da desigualdade profunda, da miséria e até da fome, recompensados ilusoriamente com o espetáculo da prosperidade de proporcionalmente poucos como se fosse ela a promessa de superação da pobreza de muitos¹¹⁷⁰.

Para Martins, visto que “Momentaneamente esquecidos, afundamos em otimistas prognósticos sempre que um ano novo se aproxima” no renovar de votos do ano que adentra, mesmo com as dívidas que geralmente se “herda”, “Nossa concepção de esperança é a da espera”¹¹⁷¹, a espera por dias melhores.

É a esperança que se renova, mesmo entre os ateus, já que o imaginário cristão, nesse sentido, foi incorporado pelo comércio e pelo calendário oficial, ao qual ninguém escapa. Nesse sentido, a ideia de *história lenta* do autor corrobora essa espera, que sem ela, fica uma redundância sedutora, do mestre que é nas palavras José de Souza Martins.

Essa cultura da esperança, que espera dias portentosos e que adere aos ditos, às simpatias quando do anúncio do ano vindouro, do eterno recomeço, nos oferece indícios a respeito do que é ou pode ser a cultura popular em Martins:

O conhecimento de que são portadoras as classes subalternas é mais do que ideologia, é mais do que interpretação necessariamente deformada e incompleta da realidade do subalterno. É nesse sentido, também, que a cultura popular deve ser pensada como cultura, como conhecimento acumulado, sistematizado, interpretativo e explicativo, e não como cultura barbarizada, forma decaída da cultura hegemônica, mera e pobre expressão do particular¹¹⁷².

Neste sentido, reafirmando a partir de Lefebvre: “O conhecimento racional sempre incidiu sobre as condições existentes, mas nem por isso as aceitou ou ratificou, concedendo-lhes um atestado de *cientificidade*! A atitude

¹¹⁷⁰ MARTINS, José de S. **Do PT das lutas sociais ao PT do poder**, p. 175.

¹¹⁷¹ MARTINS, José de S. **Do PT das lutas sociais ao PT do poder**, p. 175.

¹¹⁷² MARTINS, José de S. **Caminhada no chão da noite: emancipação política e libertação nos movimentos sociais do campo**. São Paulo: Editora Hucitec, 1989, p. 111.

que valoriza as opressões contém de fato uma ideologia disfarçada de racionalidade e de ciência”¹¹⁷³, que mais escapa do que explica. Nesse sentido, alerta Roberto Mangabeira Unger que

Nas humanidades, o escapismo está na ordem do dia: a consciência vai passear numa montanha-russa de aventuras, desconectada da reconstrução da vida prática. Somos ensinados a cantar acorrentados. A cumplicidade silenciosa dessas tendências racionalizantes, humanizadoras e escapistas, na cultura universitária, deixa o campo aberto a formas de pensamento político prático que são tão pobres em visão quanta carentes de esperança¹¹⁷⁴.

Quanto ao conhecimento popular, com outro tempo, óbvio:

A temporalidade da prática popular do conhecimento popular não pode ser reduzida à temporalidade cronológica do tempo quantitativo, lógico, porque aí se desfigura, perde sua qualidade, seu alcance e sua força transformadora. É uma desfiguração a que procedem os que procuram entendê-la em termos de uma sequência temporal, linear e cronológica, que concebe o tempo em termos de uma sucessão ordenada de passado, presente e futuro. Por esse meio, não se pode apreender o tempo concreto da contradição, do movimento, da revolução. O desencontro entre o tempo interior e o tempo cronológico, entre o tempo do fazer e o tempo do conceber, entre o tempo da contestação e o tempo da dominação. Há fatos, acontecimentos, episódios, rupturas, que aparecem como exteriores à vida corrente, que invertem os significados contidos na cultura popular. *Há uma contracultura do possível no interior da cultura popular*, que não é transparente ao próprio subalterno. Só por aí pode-se resgatar o caráter contracultural da cultura popular, sua antilógica, seu código invertido. Não por acaso, é nos movimentos milenaristas e nos movimentos messiânicos, na profundidade da paixão, que essa possibilidade religiosa e politicamente herética se manifesta com maior intensidade¹¹⁷⁵.

Uma contracultura?

Onde “pode-se resgatar o caráter contracultural da cultura popular, sua antilógica, seu código invertido” e suas “[...] invenções alternativas e atuais dos

¹¹⁷³ LEFEBVRE, Henri. **A vida cotidiana no mundo moderno**. Trad. Alcides J. de Barros. São Paulo: Editora Ática, 1991a, p. 30, ênfase no original.

¹¹⁷⁴ UNGER, Roberto M. **O que a esquerda deve propor**. Trad. Antônio R. L. Filho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008, p. 11-12.

¹¹⁷⁵ MARTINS, José de S. **Caminhada no chão da noite**, p. 123, ênfase no original.

modos humanos de estar no mundo”¹¹⁷⁶? mas a quem interessa se até os movimentos sociais que dizem organizar as pessoas, a comunidade, em verdade ao imiscuir-se deles os mantém, quase sempre, à margem da emancipação?

[...] nossa concepção de tempo social e histórico tende a ser diversa da que preside a reação das sociedades prósperas às adversidades econômicas e às questões sociais. Lá, o tempo das decisões políticas está muito colado no cotidiano e seu ritmo peculiar. Aqui, o tempo histórico que preside nossas decisões individuais e coletivas ainda é predominantemente o tempo do nosso milenarismo. Nele o futuro é concebido na perspectiva de um passado místico, que torna as nossas mais renovadoras esperanças meras revisões nostálgicas e conservadoras do presente. Por isso, nossa esperança é uma espera¹¹⁷⁷.

Mas é uma espera passiva¹¹⁷⁸ e improdutiva, um caldo de submissão às hierarquias institucionais que amarram o cotidiano dos simples. Mas, pode-se ter esperanças em outros processos, como nas lutas solidárias, levadas no cotovelo a cotovelo, horizontalmente, despiramidalizantes e autogestivas. No aqui e no agora.

A espera, que é um tempo de milenarismo para Martins, no fundo é o que dita as mesmas esperanças daquele brasileiro que se esquece das promessas na passagem do “ano velho” para o “ano novo”, as mesmas que fez no ano anterior (e não cumpriu!), mas se renova a partir do místico.

Renovar e recomeçar, então. Tudo novamente. Que é, segundo o poeta, “[...] repetir aquela velha brincadeira de começar tudo de novo, isto é, de fingir que, sem conscientizar (eta palavrinha antipática) que está fingindo que. Não importa. Esse faz de conta de começar outra vez (desta vez, melhor) é uma das astúcias do homem [...]”¹¹⁷⁹.

¹¹⁷⁶ GONÇALVES, José R. S. Culturas populares: patrimônio e autenticidade. In: BOTELHO, André; SCHWARCZ, Lilia M. (Orgs.). **Agenda brasileira: temas de uma sociedade em mudança**. 2ª reimpr. São Paulo: Companhia das Letras, 2019, p. 134-141; p. 141.

¹¹⁷⁷ MARTINS, José de S. **Do PT das lutas sociais ao PT do poder**, p. 177.

¹¹⁷⁸ Até por isso, talvez indique que “[...] nós, brasileiros, precisamos ter uma certa ideia de como nos vemos como país; de nosso passado, nosso presente e nosso futuro. Ideia precária que seja, sempre aberta a diálogo com ideias outras que possa haver entre nós sobre nossos problemas fundamentais”, in: MALAN, Pedro. **Uma certa ideia de Brasil: entre passado e futuro (2003-2018)**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2018, p. 17.

¹¹⁷⁹ ANDRADE, Carlos D. de. **Caminhos de João Brandão**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016, “Tudo de novo”, p. 49.

E renova-se a partir da espécie de carga do passado que se sobressalta em alguns momentos história do brasileiro, mesmo que a fundo as esperanças deste povo mais pareçam “meras revisões nostálgicas e conservadoras do presente”, mas quem se importa, se as têm?!

Em relação as permanências que insistem em azucrinar a vida do povo e condicionam suas decisões, se é que se tem controle sobre elas, Martins afirma que

As inovações políticas do Brasil republicano parecem mais governadas pelas rupturas inesperadas ou pelas inevitáveis do que por decisões efetivamente políticas e democráticas. Fora disso, é a prevalência do repetitivo e das permanências. É sob as quietas cinzas que as brasas do imaginário político mantêm acesa a trama do poder e demarcam diretrizes e orientações inconscientes, que se traduzirão em votos ou em movimentos sociais e políticos. As inovações já estão inventadas no que *permanece e dura*¹¹⁸⁰.

É nesse estado de sentido do que busca permanecer e que dura que está o *inconsciente institucional*, o Estado inconsciente¹¹⁸¹, como escreveu René Lourau, discípulo de Henri Lefebvre. Partindo deste pressuposto, seríamos uma cultura sem invenção e inovação social?

Sobre aquilo que se pensa estar apagado (como “as quietas cinzas que as brasas do imaginário político”) e que muitos se iludem nas ondas do *novo*, o cidadão que o é preso ao título eleitoral (sem ele e o CPF não consegue ter vida financeira, por exemplo, para o crediário), *presos ao Estado*, por fim, as nossas inovações são a permanência do mesmo, daquilo que apenas vez ou outra troca de pele, como a serpente o faz.

Presos também à modernidade do Estado ou daquilo que esse ente, por seus governantes, acredita ser o moderno ideal, mormente para suas elites, pois “[...] os estados modernos nada mais são do que os braços executivos de suas próprias classes dominantes”¹¹⁸². Assim, é uma modernidade que prende, pois mantém o seu mundo-objeto preso a atenção do indivíduo, “[...] o tempo

¹¹⁸⁰ MARTINS, José de S. **Do PT das lutas sociais ao PT do poder**, p. 182, itálico acrescido.

¹¹⁸¹ LOURAU, René. **El Estado y el inconsciente**: ensayo de sociología política. Trad. David Rosenbaum. Barcelona: Editorial Kairós, 1980.

¹¹⁸² SKINNER, Quentin. **El nacimiento del estado**. Trad. Mariana Gainza. Buenos Aires: Editorial Gorla, 2003, p. 70, traduzido: “[...] los estados modernos no son en realidad más que los brazos ejecutivos de sus propias clases dirigentes”.

todo dentro do alcance de nossa atenção”, de acordo com Paul Connerton, pois

Repetidamente encontramos os objetos manufaturados da modernidade: facas, garfos, máquinas de lavar, automóveis, anúncios, shopping centers, fornos de microondas, máquinas de fax, discos musicais populares e clássicos, listas de livros de editoras, jornais, aparelhos de televisão, câmeras de cinejornais, computadores¹¹⁸³.

Mas, no cotidiano o homem é protagonista de seu próprio destino?

Na história em Florestan Fernandes e Henri Lefebvre, ambos autores que influenciam José de Souza Martins: “Em ambos, o homem comum é concebido como protagonista de seu próprio destino, um protagonista em dificuldade para compreender o que é e o que pode ser”¹¹⁸⁴.

E se esse homem comum é do subúrbio, espaço que Martins conceitua como diverso de periferia, de que é feita a história do espaço?

A história do subúrbio é a história dos que ficaram à margem da História, confinados nos espaços residuais do trabalho e do local do trabalho. É a crônica do fragmentário, do que sobrou de um penoso dia de trabalho. A história no subúrbio é a explosão ocasional no cenário suburbano de episódios da grande História¹¹⁸⁵.

Mas as concepções, os métodos, as estratégias que se valem aqueles que pesquisam o subúrbio levam em conta essa diferença significativa de *do* para *no*?

Difícilmente, pois “O lugar da história reconhecível é a cidade e nela o centro. Além dos mais, no subúrbio a história não ganha visibilidade como história e sim como crônica, como sucessão de episódios desconectados, como circunstância da História”¹¹⁸⁶.

¹¹⁸³ CONNERTON, Paul. **How modernity forgets**. Cambridge: Cambridge University Press, 2009, p. 88, traduzido: “Again and again we have encountered the manufactured objects of modernity: knives, forks, washing machines, automobiles, advertisements, shopping centres, microwave ovens, fax machines, popular and classical musical records, publishers’ booklists, newspapers, television sets, newsreel cameras, computers. Implicitly the whole object-world of modernity has been all the time within the range of our attention”.

¹¹⁸⁴ MARTINS, José de S. **Florestan**, p. 100.

¹¹⁸⁵ MARTINS, José de S. **A aparição do demônio na fábrica**: origens sociais do eu dividido no subúrbio operário. São Paulo: Editora 34, 2008, p. 55-6, ênfase no original.

¹¹⁸⁶ MARTINS, José de S. **A aparição do demônio na fábrica**, p. 57.

4.4.1 Definição de cotidiano?

Se está desconectado da história, este homem do subúrbio, porque longe do centro da cidade, o local por excelência do teatro político, da representação, mas também da idealização, já que faz parte levar o imaginário urbano até o campo para civilizá-lo. E quando não é possível e via êxodo rural, esse adentra às cidades?

Esse camponês não consegue se *civilizar*, como exposto por Pierre Bourdieu e Abdelmalek Sayad quanto aos camponeses argelinos, retirados de suas terras e nas cidades, receberam apartamentos, mas “[...] não podem modernizar seu modo de vida, pois não dispõem dos recursos necessários e não são capazes de adotar o sistema de condutas e atitudes que a habitação moderna exige”¹¹⁸⁷, o que levou-os ao processo de favelização, comum em várias partes do mundo; então, de que forma se poderia relacionar o homem comum e a história?

Um imenso e, não raro, dramático abismo separa o homem comum de sua história, no mundo contemporâneo, a história de que ele é artífice, o abismo que o separa de si mesmo, ser dividido em face da sociedade que o mobiliza, ao mesmo tempo, como agente e ator, o processo histórico se desenrolando como vida e teatro, como ação e fingimento, como práxis autêntica e mistificação. Esse é o homem desta contemporaneidade demorada e inconclusa, de diferentes modos e com diferentes intensidades, ao mesmo tempo ativo e impotente nas muitas caras que deve ter para que a sociedade flua segundo suas próprias determinações profundas e ocultas¹¹⁸⁸.

Esta alienação é produzida pelo Estado. O homem comum, que fica entre a ação e a impotência, se apercebe destas “determinações profundas e ocultas” que ele próprio ajuda a manter na sociedade em que vive? Especialmente se ele se nutre “[...] do vai e vem pelo mundo, fonte da

¹¹⁸⁷ BOURDIEU, Pierre; SAYAD, Abdelmalek. A dominação colonial e o saber cultural. Trad. Helena de F. M. Pinto, José M. Pinto e Virgílio B. Pereira. **Revista de Sociologia e Política**, Curitiba, 26, p. 41-60, jun., 2006; p. 55.

¹¹⁸⁸ MARTINS, José de S. **A aparição do demônio na fábrica**, p. 9.

sobrevivência da família”¹¹⁸⁹? Não há percepção. Ou muito pouco. Eis que ali está o inconsciente institucional funcionando à pleno.

Nesse sentido, cabe o alerta de Aaron V. Cicourel, de que “As realidades que transcendem a vida cotidiana, como ciência, arte, fantasia e poesia, não podem ser compreendidas sem referência à vida diária”¹¹⁹⁰, isto é, como essas realidades, tal como a institucional atravessam e enviesam suas percepções e, quem sabe, as condicionam.

Mas de que forma? Em se tratando de sobreviver, buscar condições de reprodução social e mesmo alguma forma de mobilidade social, anseio de muitos, Martins comenta a respeito da forma de se conseguir empregos:

Desde o início da industrialização, no final do século XIX, os empregos do proletariado que nascia eram conseguidos por ouvir dizer, frequentemente através da intermediação de parentes e conhecidos. As empresas preferiam dar emprego a alguém já ligado a algum de seus empregados, não raro de uma mesma família. O mercado de trabalho era, assim, atravessado pelas regras da moral de família¹¹⁹¹.

As regras da moral e da família que atravessavam o mercado de trabalho foram substituídas pela lógica do capital na vida real, que a tudo mercantiliza e transforma e, pelas determinações da escrita.

Sugere-se assim que o pesquisador amplie o seu leque metodológico, para dar conta dos “mundos do trabalho”, justamente como sugere essa consagrada historiografia que tem em Edward Palmer Thompson uma de suas influências, e que buscou romper com os estudos restritos aos operários dentro das fábricas e suas organizações sindicais, portanto, pelo estudo também das suas formas de sociabilidade, do cotidiano e de seus conflitos, das suas práticas de lazer etc.

Mas e a alienação, conceito tão disseminado em tantas análises?

[...] a *alienação* não é mera manifestação de falsa consciência e de incapacidade política de superar contradições. [...] a

¹¹⁸⁹ MARTINS, José de S. **Uma arqueologia da memória social**, p. 83.

¹¹⁹⁰ CICOUREL, Aaron V. **El metodo y la medida en sociología**. Trad. Eloy F. Herrero. Madrid: Editora Nacional, 1982, p. 281, traduzido: “Las realidades que trascienden de la vida cotidiana, como la ciencia, el arte, la fantasía y la poesía, no pueden entenderse sin referencia a la vida diaria”.

¹¹⁹¹ MARTINS, José de S. **O coração da pauliceia ainda bate**, p. 351.

alienação é uma modalidade de consciência social que engana para revelar e para guiar. É nessa falsa consciência que as necessidades sociais se propõem e nesse âmbito se propõem como busca no marco do real e do imaginário que ele contém e de que depende. É através de sua alienação que o homem erra procurando acertar. É na alienação que se furta ao risco de ser objeto de engenharia social e política. É nela que propõe o desafio da desalienação, ainda que para alienar-se novamente, nesse *motu perpetuo* de objetivar-se e de sujeitar-se. É nela que se propõe como sujeito vivo e não como objeto morto¹¹⁹².

Como expõe o sublinhado na citação, se “eliminar” trabalhando para sobreviver, se sujeitar, se escravizar, se objetivar, se alienar, se submeter voluntariamente para tentar sobreviver e terminar se suicidando em contagotas para sobreviver. É esta a vida dos *simples*? A alienação traz esse pacote?

Alienação, neste sentido, que fica entre o se enganar e o revelar, como que guia daquela esperança que o brasileiro alimenta quando da virada para o próximo no fim de todos os anos, pois “É na alienação que se furta ao risco de ser objeto de engenharia social e política”, é onde vive a vida real, a sua, a dele, a nossa.

Por outro sentido, talvez aquele de peso mais negativo, seria a alienação próxima do politicamente correto?

[...] diria que o politicamente correto, muito provavelmente, é histórica e moralmente incorreto, porque autoritário, intolerante e potencialmente fascista¹¹⁹³. Numa sociedade de crescentes incoerências, numa sociedade estruturalmente alienada, impor ou cobrar coerência ideológica no pressuposto de que consciência e ação devem ser expressões do não alienado e do não anômico, é prepotência, imposição do primado do poder sobre o ser e suas buscas¹¹⁹⁴.

Se não há como impor o politicamente correto a não ser enquanto imposição de poder de um sobre outros, manter-se ligado a identidade local,

¹¹⁹² MARTINS, José de S. **Uma sociologia da vida cotidiana**, p. 17, ênfase no original; sublinhado acrescido.

¹¹⁹³ Nesse sentido, ver o trabalho de Foucault sobre a vida não-fascista, a apresentação da obra de Deleuze e Guattari nos Estados Unidos: FOUCAULT, Michel. Preface. In: DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **The Anti-Oedipus. Capitalism and schizophrenia**. Trad. Robert Hurley, Mark Seem e Helen R. Lane. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1983, p. XI-XIII.

¹¹⁹⁴ MARTINS, José de S. **Uma sociologia da vida cotidiana**, p. 17.

mesmo que conservadora, como é a cultura camponesa historicamente, pode ser revolucionária?

Já que “[...] identidade é uma tentativa de ser em meio às incertezas do não ser”¹¹⁹⁵?

Por outro lado, nas ações que constroem em uns, mais do que outros, e em alguns um meio, de alpinismo social até legitimado nos meios partidários já que a corrupção é inerente a alguns partidos, nos parece e, nesse sentido, a inviabilidade da democracia plena no Brasil, pois como afirmou Roger Bastide “Não há democracia sem virtude. Sem virtude cívica [...] sem a preocupação permanente com a coisa pública”¹¹⁹⁶; mas e aquela nossa de cada dia?

A sociedade inteira está minada por incríveis e variadas formas de corrupção cotidiana, que nos envolve a todos. Esta foi e continua de certo modo sendo uma sociedade baseada na dominação patrimonial, na troca de favores políticos, com base no patrimônio e no poder político que dele decorre, no privilégio como direito, por benefícios econômicos. Vários estudiosos já demonstraram que, no Brasil do atraso, quem tem poder, mas não tem dinheiro, corre o sério risco de se envolver no recebimento de dinheiro de quem tem dinheiro e não tem poder, mas dele precisa. O Brasil complicado favorece essa troca e dela necessita¹¹⁹⁷.

Se “no Brasil do atraso, quem tem poder, mas não tem dinheiro, corre o sério risco de se envolver no recebimento de dinheiro de quem tem dinheiro e não tem poder, mas dele precisa”, e o que dizer do que não tem dinheiro e nem poder? servirá para arrebanhe ou massa de manobra, como dizem?

Nesse sentido, Martins afirma que “O interesse pela vida cotidiana se difunde como um dos componentes mais nítidos do ceticismo decorrente das desilusões que tem acompanhado a notável capacidade de autoregeneração da sociedade capitalista”¹¹⁹⁸; esse assunto, por si só, demandaria outra tese.

Mas o que é a vida cotidiana?

Como definir a vida cotidiana? Ele nos rodeia e nos rodeia; No mesmo tempo e espaço, ela está em nós e nós estamos nela e

¹¹⁹⁵ MARTINS, José de S. **Uma sociologia da vida cotidiana**, p. 18

¹¹⁹⁶ BASTIDE, Roger. **O sagrado selvagem e outros ensaios**. Trad. Dorothee de Bruchard. São Paulo: Companhia das Letras, 2006, p. 52.

¹¹⁹⁷ MARTINS, José de S. **Do PT das lutas sociais ao PT do poder**, p. 86.

¹¹⁹⁸ MARTINS, José de S. **A sociabilidade do homem simples**, p. 51.

estamos fora dela, tentando sem deixar de proibi-la lançar-nos na ficção e no imaginário, sem nunca ter a certeza de sair dele, mesmo no delírio dos sonhos. Todos nós a conhecemos (e só a conhecemos) e cada um de nós a ignora¹¹⁹⁹.

E o que pode estar contido nela, se “Todos nós a conhecemos (e só ela sabe) e cada um de nós a ignora”? E os desejos integrados nas necessidades?

Na vida cotidiana, setor privilegiado da prática, as necessidades se transformam em desejos. Prontas tomam forma nele, e nele vão de biológicas (isto é, animais e órgãos vitais) para humanas. Essa metamorfose ocorre por meio de testes severos; o autocontrole e o adiamento às vezes ilimitado das satisfações mais legítimas, as da escolha e as escolhas inevitáveis entre os possíveis objetos de desejo. A necessidade passa pelos filtros da linguagem, por meio de proibições e permissões externas, por meio de inibições e excitações, por meio de esforço e realização. As necessidades estão presentes no lote geral de humanos: necessidade sexual, necessidade nutricional, necessidade de habitat e roupas, necessidade de brincar e atividade, etc. Os desejos são individualizados, dependendo do próprio grupo. A socialização e a humanização da necessidade andam de mãos dadas com a individualização do desejo, mas não sem conflito, não sem danos, às vezes irreparáveis. Cada homem e cada mulher cultiva uma árvore com galhos retorcidos, mortos e quebrados, e outros galhos teimosamente cheios de seiva¹²⁰⁰.

Se em um ramo estará a seiva viva, um rizoma como sugere a Análise Institucional “O novo herói da vida é o homem comum imerso no cotidiano”¹²⁰¹?

¹¹⁹⁹ LEFEBVRE, Henri. **De lo rural a lo urbano**. 4 ed. Trad. Javier González-Pueyo. Barcelona: Ediciones Península, 1978, p. 85, traduzido: “¿Cómo definir la vida cotidiana? Nos rodea y nos cerca; en el mismo tiempo y el mismo espacio, está en nosotros y nosotros en ella y estamos fuera de ella, tratando sin cesar de proscribirla para lanzarnos en la ficción y lo imaginario, nunca seguros de salirnos de ella, aun en el delirio del sueño. Todos la conocemos (y sólo a ella conocemos) y cada uno de nosotros la ignora”.

¹²⁰⁰ LEFEBVRE, Henri. **De lo rural a lo urbano**, p. 86, traduzido: “En la vida cotidiana, sector privilegiado de la práctica, las necesidades se convierten en deseos. Listos toman forma en ella, y en ella pasan de biológico (es decir animales y vitales) a humanos. Esta metamorfosis se opera a través de duras pruebas; el autocontrol y la posposición, a veces ilimitada, de las más legítimas satisfacciones, las de la elección y las opciones inevitables entre los objetos posibles del deseo. La necesidad pasa a través de los filtros del lenguaje, de las prohibiciones y las permisiones exteriores, de las inhibiciones y las excitaciones, del esfuerzo y el logro. Las necesidades están presentes en el lote general de los humanos: necesidad sexual, necesidad alimenticia, necesidad de habitat y vestido, necesidad de juego y actividad, etc. Los deseos se individualizan, en función del grupo propio. La socialización y humanización de la necesidad van parejas con la individualización del deseo, pero no sin conflictos, no sin daños, a veces irreparables. Cada hombre y cada mujer semejan un árbol, con ramas torcidas, muertas, desgajadas, y otras ramas obstinadamente llenas de savia”.

¹²⁰¹ MARTINS, José de S. **A sociabilidade do homem simples: cotidiano e história na modernidade anômala**. (1ª ed.: Hucitec, 2000), 3ª ed. São Paulo: Editora Contexto, 2011, p. 52.

Poderá ser, conforme Martins, pois ao refletir sobre os sonhos dos homens do cotidiano, afirma:

A coragem da nossa noite põe diante dos nossos olhos e da nossa consciência a coragem que nos falta durante o dia em face do que nos conforma e nos obriga. A loucura da noite e do sonho denuncia a insanidade do dia e da vigília: *a insanidade de um agir conduzido e demarcado por um querer alheio, não interrogado nem questionado*¹²⁰².

Eis o conceito de demanda social incluído naquele da produção de subjetividade e o Estado é o grande produtor dessas subjetividades ajoelhadas, submetidas, escravizadas, dependentes.

Da mesma forma que adentrou o campo dos sonhos na pesquisa, Martins trava polêmica com historiador, a respeito da suposição de Ronaldo Vainfas¹²⁰³: “[...] ao supor enfim que o lugar e o modo da vida cotidiana dizem respeito ao rotineiro e ao repetitivo”¹²⁰⁴, segundo ele, esse historiador confunde vida cotidiana com vida privada. Nesse sentido, tributário que é de um de seus mestres, Martins transforma “[...] a ‘matéria-prima humana’ residual em seu objeto privilegiado. [portanto] A noção de Lefebvre [e de Martins!] de matéria humana tem pouco a ver com a ‘vida cotidiana’ dos historiadores”¹²⁰⁵, conforme Derek Schilling aponta.

Para Martins “A vida privada que não temos surge, portanto, na Europa”¹²⁰⁶, da mesma forma que “Vainfas não discute o vivido, que é o que dá vida ao conceito, sobretudo quando se fala em vida cotidiana. É nas tensões do vivido que tem lugar o encontro/desencontro da vida cotidiana com a vida privada, e da vida cotidiana com a História”¹²⁰⁷; é provável que essas tensões se devam ao que advoga Humberto Maturana, de que “[...] na vida cotidiana, estamos imersos na experiência de nos movermos com sistemas determinados

¹²⁰² MARTINS, José de S. **A sociabilidade do homem simples**, p. 60, itálico acrescentado.

¹²⁰³ VAINFAS, Ronaldo. História da vida privada: dilemas, paradigmas, escalas. **Anais do Museu Paulista**, São Paulo, v. 4, nova série, p. 9-27, jan./dez., 1996; e, VAINFAS, Ronaldo. Respostas aos comentários. **Anais do Museu Paulista**, São Paulo, v. 4, nova série, p. 105-122, jan./dez., 1996a.

¹²⁰⁴ MARTINS, José de S. **A sociabilidade do homem simples**, p. 83.

¹²⁰⁵ SCHILLING, Derek. Everyday life and the challenge to history in Postwar France: Braudel, Lefebvre, Certeau. **Diacritics**, New York, v. 33, n. 1, p. 23-40, spring, 2003; p. 31, traduzido, com acréscimo: “[...] by turning residual ‘human raw material’ into his privileged object. Lefebvre’s notion of *matiere humaine* has little to do with the ‘everyday life’ of historians”.

¹²⁰⁶ MARTINS, José de S. **A sociabilidade do homem simples**, p. 86.

¹²⁰⁷ MARTINS, José de S. **A sociabilidade do homem simples**, p. 95.

estruturalmente”¹²⁰⁸ e, até por isso se deve “[...] sublinhar que o significado da estrutura comum, na sustentabilidade da vida cotidiana não deve ser subestimada”¹²⁰⁹.

Essencialmente a vida cotidiana está no subúrbio?

O que é este, para Martins? “[...] é o lugar do trabalho, em oposição à cidade, que é o lugar do poder e do saber. Ele é também o lugar em que a alienação se apresenta sob a forma do viver como incógnita”¹²¹⁰. Mas se é como que enigma, é justamente n’“Os lugares comuns [que] se transformam em transparências”¹²¹¹, onde por fim, revela-se o comum, mas prenhe de sentidos.

4.4.2 Das diferentes formas espaciais do cotidiano

Em uma sociedade que está cada vez mais se urbanizando, apesar das permanências, “Em termos atuais se poderia dizer que o subúrbio é o lugar em que o passado rural de algum modo sobrevive no urbano”¹²¹².

Por outro lado, em termos políticos, quando um partido pensa adentrar os bairros, as comunidades à beira de cidades, muitos pensam (e até se tornou moda) que se trata da periferia, quando, segundo Martins é o contrário, pois “O subúrbio é a negação da periferia. É, aliás, por excelência, o espaço da ascensão social, diferente da periferia, que é o espaço do confinamento nos estreitos limites da falta de alternativas de vida”¹²¹³, onde se expõe ainda mais “A maldição da modernidade [que] está na sua busca excessiva de poder e auto-gratificação”¹²¹⁴.

¹²⁰⁸ MATURANA, Humberto. **Cognição, ciência e vida cotidiana**. Trad. Cristina Magro e Víctor Paredes. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2001, 74.

¹²⁰⁹ MEI, Xiao. La banalité des chants rouges. Tactiques de la vie quotidienne dans la campagne pour la culture rouge à Chongqing. Trad. Mathieu Bordes. **Perspectives Chinoises**, Hong Kong, n. 4, p. 65-72, 2013; p. 72, traduzido: “[...] souligner que la signification de la structure ordinaire mais durable de la vie quotidienne ne devrait pas être sous-estimée”.

¹²¹⁰ MARTINS, José de S. **A sociabilidade do homem simples**, p. 119.

¹²¹¹ ALVES, Rubem. **Lições de feitiçaria**: meditações sobre a poesia. Juiz de Fora: Editora Siano, 2020, p. 47.

¹²¹² MARTINS, José de S. **A aparição do demônio na fábrica**, p. 49.

¹²¹³ MARTINS, José de S. **A aparição do demônio na fábrica**, p. 51.

¹²¹⁴ TEHRANIAN, Majid. La maldición de la modernidad: dialéctica de la modernización y la comunicación. S./Trad. **Revista Internacional de Ciencias Sociales - RICS**, París, v. XXXII, n. 2, p. 267-285, 1980; p. 283, traduzido, com acréscimo: “La maldición de la modernidad estriba en su excesiva persecución del poder y la auto-gratificación”.

Uma diferença entre subúrbio e periferia pode ser vista na descrição de um dos hábitos do avô, de criação, por assim dizer, de Martins: “Morando num lugar rodeado de fábricas, no subúrbio, fazia questão todos os anos de produzir em casa seu próprio vinho, bebida indispensável no seu jantar simples”¹²¹⁵.

Conforme o autor “O uso indiscriminado da concepção de periferia é mais produto de ignorância do que de conhecimento”¹²¹⁶, pois parece a ele que “A noção de periferia foi capturada e fetichizada pelas esquerdas, em particular pelo PT”¹²¹⁷. Se o autor estiver certo, poderá ser mais outra operação de mistificação dos que nunca viveram nessas periferias, nunca trabalharam com suas próprias mãos, nem a terra. nem nada.

A esse respeito contrapõe-se uma definição de periferia que Martins vê como sendo de esquerda:

Entendemos periferia não como espaço geográfico localizado às margens das cidades, mas como espaço invisível aos olhos da sociedade que, muitas vezes, despreza-o, na tentativa de apagamento dos sujeitos e de suas produções culturais marginalizadas, não porque encontradas à margem geográfica do sistema, mas porque colocadas de lado pela produção calcada no dinheiro, que volta sua atenção e seus olhos para os sujeitos e as produções da alta sociedade, sendo, esses, colocados em local central de visibilidade e importância sociais¹²¹⁸.

Quanto a essa noção, em crítica a Martins, periferia é termo consagrado pela escrita de centenas de autores, desde pelo menos os anos 1970, a partir do estímulo de diversas teorias sobre a dependência, no desenvolver da antinomia centro-periferia.

Já subúrbio não conseguiu ecoar entre os cientistas sociais brasileiros, como afirma Domingues “O subúrbio não é [...] um anel homogêneo na periferia das grandes aglomerações”¹²¹⁹, em verdade, as

¹²¹⁵ MARTINS, José de S. **Uma arqueologia da memória social**, p. 25.

¹²¹⁶ MARTINS, José de S. **A aparição do demônio na fábrica**, p. 51.

¹²¹⁷ MARTINS, José de S. **A aparição do demônio na fábrica**, p. 52.

¹²¹⁸ PAULA, Luciane de; PAULA, Sandra L. de. No centro da periferia, a periferia no centro. **Ipotesi**, Juiz de Fora, v.15, n.2 - esp., p. 107-121, jul./dez. 2011; p. 110.

¹²¹⁹ DOMINGUES, Álvaro. (Sub)úrbios e (sub)urbanos – o mal estar da periferia ou a mistificação dos conceitos? **Revista da Faculdade de Letras - Geografia**, Porto, I série, v. X/XI, p. 5-18, 1994/1995; p. 15.

[...] percepções sobre as formas de moradia na cidade, entre o *regular* e o *irregular*, o *legal* e o *ilegal*, o *central* e o *periférico*, não são meras descrições de espaços físicos ou de localização na cidade. Constituem e são constituídas de disputas simbólicas que formam as percepções sobre morro, favela, subúrbio, periferia...¹²²⁰.

Ainda, de acordo com Simone Pallone “[...] o termo periferia carrega consigo um sentido político, econômico e social que o subúrbio em princípio, não tem”¹²²¹, pois a ele está associado a discussão do poder, periferia *versus* centro, fruto dos ânimos acirrados da Guerra Fria. Mas, como alerta Luiz R. P. Targa a

[...] estrutura espacial que terminou por prevalecer, a de regiões central e periféricas, não elimina as histórias vividas pelas regiões, nem **retira delas** ou **anula nelas** os fatos e os processos que foram realmente decisivos para a história do todo em construção¹²²².

Portanto, a despeito da potencialidade da noção de subúrbio defendida por José de Souza Martins, a de periferia se aloca mais ao debate dessa tese – como sendo “[...] locais geograficamente isolados e distantes dos centros urbanos, marcados por escassez econômica e infraestrutura precária”¹²²³ – quanto aos embates acadêmicos e reais (para os indivíduos que as vivenciam) e as temporalidades diversas, em conflito, na Modernidade.

Mas, por outro lado, talvez meio a que se contradizer, essa fisga também poderia ser prisioneira do Estado inconsciente, já que muitos dos atuais políticos um dia advieram do subúrbio, são suas crias.

Como o foram o ex-presidente Lula e o ex-senador José Serra, que foram adversários nas eleições de 2002, com a vitória do primeiro (Serra também saiu derrotado no pleito de 2010, dessa feita para Dilma Rousseff).

¹²²⁰ GONÇALVES, Rafael S.; AMOROSO, Mauro; BRUM, Mario. Serviço Social, habitação e direito à cidade: favelas, periferias, subúrbios e assentamentos informais. **Revista Libertas**, Juiz de Fora, v. 15, n. 2, p. 1-4, ago./dez., 2015; p. 1, ênfase no original.

¹²²¹ PALLONE, Simone. Diferenciando subúrbio de periferia. **Ciência e Cultura**, São Paulo, v. 57, n. 2, p. 11, abr./jun., 2005; p. 11.

¹²²² TARGA, Luiz R. P. Prefácio. In: TARGA, Luiz R. P. (Org.). **Gaúchos e paulistas: dez escritos de história regional comparada**. Porto Alegre: Fundação de Economia e Estatística Siegfried Emanuel Heuser, 1996, p. 6-15; p. 11, ênfase no original.

¹²²³ KOPPER, Moisés; RICHMOND, Matthew A. Apresentação: situando o sujeito das periferias urbanas. **Novos Estudos CEBRAP**, São Paulo, v. 39, n. 1, p. 9-17, jan./abr., 2020; p. 10.

Segundo Martins, “‘Equivocado’ ou não, o imaginário reveste de sentido o que o sentido tem e o que não tem, e é o que permite a cada um de nós viver e sobreviver socialmente”¹²²⁴.

Finalizando, já que de acordo com Martins “[...] é necessário pressupor que a história *do* subúrbio é diversa da História *no* subúrbio”, e que “[...] o imaginário representa o contrário do vivido”¹²²⁵, “aquela velha opinião formada sobre tudo”¹²²⁶ vale em relação ao subúrbio.

Por outro lado, Erving Goffman expõe que

Ao observar as periferias de ações reais e cotidianas, que envolvem indivíduos de carne e osso em um tratamento mútuo face a face, é tentador e fácil estabelecer um contraste claro com as cópias que são apresentadas nos reinos fictícios do ser¹²²⁷.

Não se deve cair em tentação do populismo de escrita. Retomando, no sentido do pressupor, o Estado é o produtor desse sentido social, que reveste, esconde, dissimula sobre os sentidos da sociedade, da história, das pessoas, das ações. É o produtor das *notícias falsas* (fake news) o tempo todo, mesmo muito antes da informática, é de mentir o tempo todo. Por outro lado, também “[...] geralmente o rústico utilizava a fuga, a dissimulação, a reserva mental, a mentira como meios para escapar dos mecanismos da justiça oficial”¹²²⁸, adverte António M. Hespanha.

Para estes, os *rústicos* a que alega esse autor, os *simples* para Martins, outro autor comenta quanto ao acesso à essa justiça oficial: “[...] a justiça entre nós, no sentido de garantia de direitos, existe apenas para a pequena minoria

¹²²⁴ MARTINS, José de S. **Sociologia da fotografia e da imagem**. (1ª edição: 2008), 2ª edição (4ª reimpressão). São Paulo: Editora Contexto, 2017, p. 19.

¹²²⁵ MARTINS, José de S. **Subúrbio. Vida cotidiana e história no subúrbio da cidade de São Paulo**: São Caetano, do fim do Império ao fim da República Velha. São Caetano do Sul: Prefeitura de São Caetano do Sul; São Paulo: Editora Hucitec, 1992, p. 11, ênfase no original e, p. 44.

¹²²⁶ Trata-se de referência a famosa canção imortalizada na voz de Raul Seixas “Metamorfose ambulante”, disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=7VE6PNwmr9g>>. Acesso em 28/04/2019.

¹²²⁷ GOFFMAN, Erving. **Los marcos de la experiencia**. Trad. José L. Rodríguez. Madrid: Centro de Investigaciones Sociológicas/ Siglo XXI de España Editores, 2006, p. 584, traduzido: “Al observar las franjas de haceres reales, cotidianos, que implican a individuos de carne y hueso en el trato mutuo cara a cara, resulta tentador y fácil establecer un claro contraste con las copias que se presentan en los ámbitos ficticios del ser”.

¹²²⁸ HESPANHA, António M. As fronteiras do poder. O mundo dos rústicos. **Revista Sequência - Estudos Jurídicos e Políticos**, Florianópolis, v. 26, n 51, p. 47-105, dez. 2005; p. 99.

de doutores. Ela é inacessível à multidão dos crentes e macumbeiros, isto é, à grande maioria dos brasileiros”¹²²⁹.

A história que se escreve, que se mostra é diversa daquela que vivem as pessoas lá.

4.4.3 Temporalidade e cotidiano

Pode-se pensar em temporalidades na linguagem propriamente no cotidiano? Ou essas, já que podem ser mais de uma empregada pelos indivíduos sociais, constituem-se mais em estratégias? Sendo assim, a ciência tem se apercebido desse duplo? Nesse sentido, alerta Mauricio T. Trillo: “A linguagem também é o limite do historiador, mas filtrada pelo tipo de evidência, ou pela falta dela”¹²³⁰.

Para Alfred Schütz, o homem do cotidiano “[...] utiliza a forma de linguagem que melhor lhe permite enfrentar a situação dada na tentativa de se realizar e, em particular, de expressar o que deseja expressar no momento”¹²³¹; também a respeito desta, expõe o autor que, vista como “[...] um esquema de interpretação e expressão não consiste meramente de símbolos linguísticos catalogados no dicionário e regras sintáticas enumeradas em uma gramática ideal”¹²³², como o é, aliás, a linguagem do povo que escapa ao formalismo do dicionário e só posteriormente adentra a ele por via de aceitação dos linguistas.

Uma forma de firmar o entendimento a respeito das temporalidades é a percepção de que existem realidades diversas no cotidiano, onde, conforme Hilda Mundy “As realidades superpostas, ‘encontradas’ e novas são – mais ou

¹²²⁹ CARVALHO, José M. de. **Pontos e bordados**: escritos de história e de política. 2ª reimpr. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005, p. 286.

¹²³⁰ TRILLO, Mauricio T. **Culturas y memoria**: manual para ser historiador. Una invitación teórica y práctica para reescribir el pasado y reinventar el presente. México, D.F.: Tusquets Editores, 2012, p. 176, traduzido: El lenguaje también es el límite del historiador, pero filtrado por el tipo de evidencia, o la falta de ella”.

¹²³¹ SCHÜTZ, Alfred. **La construcción significativa del mundo social**: introducción a la sociología comprensiva. Trad. Eduardo J. Prieto. 1ª reimpr. Barcelona: Ediciones Paidós, 1993, p. 244, traduzido: “[...] emplea la forma de lenguaje que mejor le permite hacer frente a la situación dada en el intento de realizarse y en particular de expresar lo que desea expresar en el momento”.

¹²³² SCHÜTZ, Alfred. O estrangeiro – um ensaio de psicologia social. Trad. Márcio Duarte e Michael Hanke. **Revista Espaço Acadêmico**, Maringá, n. 113, p. 117-129, out., 2010; p. 125.

menos – simpáticas...”¹²³³. De acordo com Schültz pode-se afirmar que seja “[...] a vida cotidiana e suas realidades”¹²³⁴. Assim, sendo, pode-se entender que são tempos diversos, que se traduzem em realidades diferentes, seja nos acessos, e até mesmo nos sonhos (estão à venda), pois até mesmo do imaginário o capitalismo soube se apropriar.

Mas, o conhecimento disponível do homem do cotidiano, que mais é tributário dos sistemas anteriores como a tradição, oferece condições?

Um traço marcante na vida de um homem no mundo moderno é a sua convicção de que o seu mundo da vida como um todo não é inteiramente compreendido por ele mesmo nem é inteiramente compreendido por nenhum de seus semelhantes. Existe um estoque de conhecimento teoricamente acessível a qualquer um, construído pela experiência prática, pela ciência e pela tecnologia como se fosse um conhecimento garantido. Mas esse estoque de conhecimento não é integrado. Consiste numa mera justaposição de sistemas de conhecimento mais ou menos coerentes e nem sequer compatíveis uns com os outros¹²³⁵.

A respeito da história do presente, do que se vive, escreve Martins: “[...] a nossa história social desde a dissolução da sociedade escravista tem sido essencialmente uma história de desincorporação daqueles que o trabalho livre descartou ou tornou descartáveis”¹²³⁶, desta forma, nesse trajeto de exclusão e de marginalização de muitos, da maioria, se expõem e se confirma que “O desenvolvimento capitalista no Brasil não seguiu o modelo consagrado na literatura especializada”¹²³⁷. Assim

Perdemos o sentido das heranças inevitáveis e da história no contemporâneo porque a dialética foi formalizada num estruturalismo místico e formalista que propõe o homem como mero juguete dos conceitos. No entanto, muito mais do que antes, quando estávamos no notório limiar de possibilidades

¹²³³ MUNDY, Hilda. **Pirotecnia**: ensayo miedoso de literatura ultraista. La Paz: Imprenta artística, 1936, s./p., traduzido: “Son – más o menos – simpática las realidades superpuestas, ‘encontradas’ y nuevas...”.

¹²³⁴ SCHÜTZ, Alfred. **La construcción significativa del mundo social**, p. 308, traduzido: “[...] la vida cotidiana y sus realidades”.

¹²³⁵ SCHÜTZ, Alfred. **Fenomenologia e relações sociais**. Trad. Ângela Melin. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979, p. 231.

¹²³⁶ MARTINS, José de S. **Reforma agrária: o impossível diálogo**. [1ª edição: 2000]. 1ª reimpressão. São Paulo: Edusp – Editora da Universidade de São Paulo, 2004, p. 14.

¹²³⁷ MARTINS, José de S. **O cativo da terra**, p. 9.

históricas e políticas, estamos hoje afundados em certezas que baniram de nosso horizonte a história¹²³⁸.

Nesse sentido, pode-se entender que esses descartes prefiguram a sociedade capitalista suicidária, que descarta as mulheres, os inválidos, as pessoas idosas, os descendentes de africanos (que uns referem como negros, outros como pretos), os indígenas (povos originários), os analfabetos (que na atualidade não apenas ignoram a cartilha de alfabetização e também os saberes exigidos pelas novas tecnologias e a revolução da internet), os pobres, as periferias, a natureza.

Dessarte, com o uso desta perspectiva denunciada por Martins, o homem se transforma em mero joguete dos conceitos, pois tudo está previamente determinado, na presunção da confiança de onde se chegará, mas sem sequer saber de onde se parte, pois a ligação dos ideólogos costuma não adentrar e se aproximar em demasia da base.

Por conseguinte, alheio ao que a teoria impõe, “Somos um país numa espécie de transição permanente entre certezas antigas e novas. O que traz de fato muitos problemas e muitos desacertos à vida de todos nós”¹²³⁹.

O país das inversões conceituais?

Desde o século XIX, suas elites oligárquicas vestem a máscara do liberalismo e das concepções políticas modernas sem abrir mão de seus compromissos com a tradição e o latifúndio antiempresarial, entorpecedor do progresso, e sem abrir mão de suas teias de clientelismo político que nos mantêm muito aquém da política e até da civilização¹²⁴⁰.

E desta forma corre a história, escorrendo pelos dedos a possibilidade do salto, daquilo que mesmo em devaneio a teoria sonhara, mas no fundo o que resta, ao imigrante, que se tornará operário, agarrar-se ao mundo tradicional, o que auxiliará o “sistema”, “É, pois, o estabelecimento tradicional que se constitui num dos pontos de apoio da efetivação do mundo capitalista e urbano no país”¹²⁴¹.

¹²³⁸ MARTINS, José de S. **O cativo da terra**, p. 15-16.

¹²³⁹ MARTINS, José de S. **Linchamentos**, p. 135.

¹²⁴⁰ MARTINS, José de S. **A política do Brasil**, p. 7.

¹²⁴¹ MARTINS, José de S. **Capitalismo e tradicionalismo: estudos sobre as contradições da sociedade agrária no Brasil**. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1975, p. 13.

À vista disso, informa Martins que “[...] a viabilidade da economia nacional está na dependência direta não apenas da expropriação do proletário urbano, mas fundamentalmente da expropriação do homem rural por ele mesmo”, pois em sua estratégia de reprodução social, que mais parece uma armadilha, fica “[...] confinado no agrarismo extensivo, produzindo excedentes, produzindo-se como caipira”¹²⁴².

No sentido da afirmação ou permanência do tradicionalismo, seja no imigrante que se transforma em operário, mas mantém as suas bases culturais de camponês do Velho Mundo, seja no caipira que se reproduz produzindo excedentes, enquanto estratégias o que parecem manter traços de uma cultura, que talvez esteja entranhada no brasileiro, desde *a ação dos jesuítas*.

É a instituição religiosa que, junto com a instituição militar, são os pilares do Estado e da elite capitalista financeira internacional, inclusive essa dupla prevalece mesmo nos ditos países “socialistas”.

A ação destes missionários possivelmente auxiliou a moldar o que será a cultura brasileira, segundo o autor estes estimularam “Uma cultura que, em vez de branquear o nativo, indianizava culturalmente o branco e o mameluco, com uma indianidade branqueada por dentro e subjugada por medos brancos e católicos. Desde o começo somos uma coisa pensando que somos outra”¹²⁴³.

Nesse sentido, concorda-se em parte, pois os povos originários foram e seguem sendo branqueados na sua educação, no seu cotidiano, nos seus meios de vida (na forma como conduzem e entendem o trabalho), nas suas terras invadidas, na sua cultura destruída (cercada que é pela cultura de massa e de consumo; outras sociabilidades) e seus povos dizimados pelas pandemias e pelas “balas” dos jagunços. Assim, esse “pensar que somos outra coisa” pode ser uma mentira instituída no nosso inconsciente institucional, a qual faz parte fundamental do Estado inconsciente.

Por outro lado, se há as permanências como antes exposto, há a renovação e, essa se dá mais entre os jovens impacientes que são, assim “Os brasileiros já não estão dispostos a esperar três ou quatro gerações para passar lentamente da enxada alheia ao carro próprio”¹²⁴⁴.

¹²⁴² MARTINS, José de S. **Capitalismo e tradicionalismo**, p. 14.

¹²⁴³ MARTINS, José de S. **A política do Brasil**, p. 41-2.

¹²⁴⁴ MARTINS, José de S. **Uma sociologia da vida cotidiana**, p. 111.

Isso principalmente nas áreas que em formação do capitalismo se deu forma mais acentuada, com a entrada de sociabilidade urbana, que leva além da imposição cultural, a ideia do alcance, do acesso a bens de serviços e consumo como possíveis dentro de um mundo que antes de via de forma isolada.

Na afirmação de que “Uma nova sociedade está surgindo no Brasil e nós não sabemos que sociedade é essa”¹²⁴⁵ principalmente pelas transformações que se avolumam e as decorrências dessa fase, sem referência específica ao mundo rural por parte de Martins, percebe-se a atenção dispensada às transformações do capitalismo no campo brasileiro.

No entanto, se nova sociedade está a surgir, a velha classe média, como se comporta? Não é mais revolucionária? Entre as suas defesas, do paliativo que pode, nestes tempos, está a bandeira em favor do outro, pois para Martins “Inclusão não nos fala do possível; fala apenas do real e atual. É um ‘conceito’ ideologicamente útil à classe média e seu afã conformista de mudar para manter”¹²⁴⁶.

Porém, de acordo com o autor, “[...] rigorosamente falando, *não existe exclusão: existe contradição, existem vítimas de processos sociais, políticos e econômicos excludentes*”¹²⁴⁷, ainda mais, existem os efeitos nocivos da teoria que faz tábula rasa da realidade social.

Isso também impede que os militantes da classe média se apercebam disso, como os populistas que aderiram ao discurso da inclusão, assim “A nova desigualdade separa materialmente, mas unifica ideologicamente”¹²⁴⁸:

Basicamente, exclusão é uma concepção que nega a História, que nega a práxis e que nega à vítima a possibilidade de construir historicamente seu próprio destino, a partir de sua própria vivência e não a partir da vivência privilegiada de outrem. Estamos em face da elaboração de um novo populismo, já não o populismo do poder nem o poder popular, mas o poder do populismo das elites e da classe média. Uma

¹²⁴⁵ MARTINS, José de S. **Uma sociologia da vida cotidiana**, p. 114.

¹²⁴⁶ MARTINS, José de S. **A sociologia como aventura: memórias**. São Paulo: Editora Contexto, 2013a, p. 196.

¹²⁴⁷ MARTINS, José de S. **Exclusão social e a nova desigualdade**. [1a. edição: 1997], 6a. reimpressão. São Paulo: Editora Paulus, 2015, p. 14, ênfase no original.

¹²⁴⁸ MARTINS, José de S. **Exclusão social e a nova desigualdade**, p. 21.

interdição da competência criativa dos pobres e, sobretudo, uma negação articulada de sua efetiva libertação¹²⁴⁹.

E quantos estudos partiram desta concepção, ao menos aqueles de órgãos governamentais? Por outro lado, se há este descompasso e, a percepção de quem faz e mantém as políticas públicas tem sido pautada na ideia de inclusão criticada por Martins, há um outro aspecto que se pode considerar em se tratando das diferenças destes, trata-se das percepções de certeza e de esperança:

Se entre os mais ricos há mais certezas, entre os mais pobres há mais esperança. Os mais pobres parecem mais abertos a uma multiplicidade de alternativas de inserção social do que os mais ricos, que são mais seletivos, mais exigentes e menos adaptáveis a mudanças e adversidades. *Os ricos, no fundo, sofrem mais porque perdem relativamente mais neste mundo cambiante*¹²⁵⁰.

Há que se discordar de Martins, pelo menos quanto as riquezas materiais, o capital, pois mesmo na presente pandemia, os ricos do 1% ainda tiveram mais ganhos que antes. E principalmente para os ricos que detém propriedade no meio virtual, nos negócios advindos ou fortalecidos via internet.

De acordo com Eugênio Bucci, que cita o jornal *The New York Times*, apenas nos “[...] nos sete primeiros meses de 2020, as cinco maiores *big techs*, ou seja, a Apple, a Amazon, a Alphgabet (Google), a Microsoft e o Facebook, tiveram uma valorização de 37%”, ainda mais, conforme o autor, pois ao final deste ano “[...] quando as baixas da pandemia ultrapassavam 1,8 milhão no mundo (195,7 mil no Brasil), o preço da Apple alcançaria os 2,369 trilhões de dólares”¹²⁵¹. Bem antes disso Zygmunt Bauman expôs que “[...] os 20% mais ricos da população mundial consomem 90% dos bens produzidos, enquanto os 20% mais pobres consomem 1%”¹²⁵².

¹²⁴⁹ MARTINS, José de S. **A sociedade vista do abismo**: novos estudos sobre exclusão, pobreza e classes sociais. [1ª edição: 2002], 2ª edição. Petrópolis: Editora Vozes, 2003, p. 45-6.

¹²⁵⁰ MARTINS, José de S. **Uma arqueologia da memória social**, p. 454, itálico acrescido.

¹²⁵¹ BUCCI, Eugênio. **A superindústria do imaginário**: como o capital transformou o olhar em trabalho e se apropriou de tudo que é visível. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2021, p. 17, itálico no original.

¹²⁵² BAUMAN, Zygmunt. **A riqueza de poucos beneficia todos nós?** Trad. Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Zahar, 2015, p. 17.

Quanto a essa concentração, afirma Thomas Piketty que “A história da distribuição da riqueza jamais deixou de ser profundamente política, o que impede sua restrição aos mecanismos puramente econômicos”¹²⁵³.

Sobre a sociedade brasileira: “Uma sociedade dividida de muitos modos, marcada pela diversidade de tempos que se adiantam e que se atrasam, negando-se”¹²⁵⁴ como os sujeitos que convivem nestes diferentes espaços e temporalidades, uns com certeza, outros com esperança, alguns com poder exercido sobre muitos, estes na percepção de alguma brecha.

Neste sentido, para Martins “[...] o herói desse enredo é o homem comum, fragmentado, divorciado de si mesmo e de sua obra, mas obstinado no seu propósito de mudar de vida, de fazer História, ainda que pelos tortuosos caminhos de sua alienação e de seus desencontros, os difíceis caminhos do cotidiano da vida”¹²⁵⁵, e por isso “[...] a vida cotidiana é tão preciosa porque é tão frágil”¹²⁵⁶. Esse herói é invisível, para Luis A. dos S. Baptista, pois é como se

[...] nossos personagens da mídia política que solicitam parceiros para a construção da modernidade; nossos personagens do capital, que representam o texto do déspota invisível, olham com desprezo para os becos, as ruas e as encruzilhadas. Lugar em que muita coisa acontece e ainda pode acontecer. Lugar, do tédio, da vida repetida, das contaminações, do déspota visível e invisível, do risco e de muito mais coisas. Lugar em que não existem janelas; se existem, apodrecem com o tempo. Nas ruas e encruzilhadas nada é interminável, mas a vida pulsa e se faz ininterruptamente. Lá, os suicídios e preconceitos são assassinatos¹²⁵⁷.

Nos tortuosos caminhos da vida cotidiana, de todos que estão sob a aura da modernidade e suas promessas, dos que gozam e daqueles que sonham mesmo o inacessível, e é provável que “Este mundo é precisamente a

¹²⁵³ PIKETTY, Thomas. **O capital no século XXI**. Trad. Monica Baumgarten. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2014, p. 27.

¹²⁵⁴ MARTINS, José de S. **A sociabilidade do homem simples**, p. 9.

¹²⁵⁵ MARTINS, José de S. **A sociabilidade do homem simples**, p. 10.

¹²⁵⁶ MERRIFIELD, Andy. **Henri Lefebvre: a critical introduction**. New York: Routledge, 2006, p. 2, traduzido: “[...] everyday life is so precious because it is so fragile”.

¹²⁵⁷ BAPTISTA, Luis A. dos S. **A cidade dos sábios: reflexões sobre a dinâmica social nas grandes cidades**. São Paulo: Summus Editorial, 2009, p. 43-44.

ontologia da vida cotidiana”¹²⁵⁸ como aponta Marco Fasciolo, com “[...] uma multiplicidade de formas temporais”¹²⁵⁹ como define Eduardo Sterzi, pode-se perceber diferenças dos tempos e dos modos de vida entre cidade e campo? Nestes espaços e tempos de que forma os sujeitos sociais percebem o exposto?

Na cidade, o invisível é o anômalo, credence, ignorância, incultura, perturbação do saber racional e prático. Mas, lá na roça, a metade invisível é integrante e constitutiva da metade visível. Muitas vezes, a metade visível é regulada e dirigida pela metade invisível. Sobretudo porque é na metade invisível que está o tempo, que se poderia chamar de tempo social. Um tempo constituído pela convergência de temporalidades de datas diversas e orientações opostas. O encontro do desencontro. É no invisível que está o passado e é no invisível que está o futuro. O passado “não era”: o passado se manifesta no presente, vale-se de coisas e fatos do presente para anunciar-se, para dizer que foi e não obstante ainda é. O tempo flui de outro modo¹²⁶⁰.

Se no invisível está a potencialidade do tudo, e que “o passado se manifesta no presente, vale-se de coisas e fatos do presente para anunciar-se, para dizer que foi e não obstante ainda é”, os desencontros destas temporalidades, sendo presente mas passado que o é, comprometendo-se o futuro, pois tributário deste passado.

O invisível aqui pode estar associado ao que está fechado, porque em pesquisa desinteressada na temática do cotidiano não vê; nesse sentido, François Dosse ressalta a contribuição de Michel de Certeau ao propor “[...] a abertura de mundos fechados para prestar atenção à singularidade das situações”¹²⁶¹.

Esse é um tempo que se intromete, conseqüentemente, o desenvolver-se desta coletividade pode ocorrer de forma diversa, do campo a cidade, pois, como assevera Martins “[...] somos uma sociedade marcada por processos de

¹²⁵⁸ FASCIOLO, Marco. Des métaphores de la vie quotidienne à l'ontologie de la vie quotidienne. **Langue Française**, Paris, n. 189, p. 49-65, mar., 2016; p. 55, traduzido: “Ce monde est justement l'ontologie de la vie quotidienne”.

¹²⁵⁹ STERZI, Eduardo. **Por que ler Dante**. São Paulo: Globo, 2008, p. 122.

¹²⁶⁰ MARTINS, José de S. **Uma arqueologia da memória social**, p. 183.

¹²⁶¹ DOSSE, François. L'art du détournement. Michel de Certeau entre stratégies et tactiques. **Esprit**, Paris, n. 283 (3/4), p. 206-222, mar./-avri., 2002; p. 222, traduzido: “[...] l'ouverture des mondes clos pour une attention à la singularité des situations, aux jeux qui déplacent les code”.

desenvolvimento desigual: tempos e ritmos desiguais da mudança social e coexistência de temporalidades históricas desencontradas”¹²⁶².

Nesse sentido, o próprio Florestan Fernandes, influência de Martins, comentando a respeito da “chegada” da Ditadura, admite a temporalidade diversa na sociedade brasileira:

Os atrasos de vários grupos dominantes na sociedade brasileira se abatem sobre as instituições, sobre os movimentos operários, intelectuais, estudantis, e determinam um tempo histórico que não é o tempo histórico do futuro nem do presente, é o tempo histórico dos interesses reacionários desses setores e da imobilidade que os países dominantes querem que exista nas estruturas da sociedade brasileira¹²⁶³.

É o tempo presente contínuo da *mais-valia* universal instituída nos Estados do capitalismo mundial integrado. Um tempo histórico, de certa forma, sequestrado por aqueles que dominam a sociedade brasileira, ao menos aquele das possibilidades, o da utopia.

Assim sendo, de acordo com José de Souza Martins, com estes condicionantes, “[...] o tempo social é constituído por uma pluralidade de tempos históricos, substantivamente personificados por indivíduos e categorias sociais, o que multiplica as dificuldades da transformação social induzida e fragiliza os sujeitos sociais”¹²⁶⁴. Mas, por outro lado, é justamente esta “[...] pluralidade dos tempos concretos e da vibração multiforme, [que acabam] escancarando horizontes à inventiva”¹²⁶⁵ da vida social, contrapõe Rodrigo Sobral Cunha.

Se assim for, conforme os autores antes citados, qual tempo vivemos?

A sociedade atual não é constituída de uma temporalidade única. O contemporâneo é a contemporaneidade dos tempos históricos, das vivências desencontradas no percurso da História. A sociedade contemporânea se desenvolve em ritmos desiguais: a agricultura caminha mais devagar do que a indústria, o proletariado mais devagar do que os intelectuais: os

¹²⁶² MARTINS, José de S. **Uma sociologia da vida cotidiana**, p. 81.

¹²⁶³ FERNANDES, Florestan. Florestan Fernandes (1920-1996) entrevista a José Albertino Rodrigues. In: CARVALHO, Vera M. de; COSTA, Vera R. da. (Coords.). **Cientistas do Brasil: depoimentos**. São Paulo: SPBC, 1998, p. 65-74; p. 70.

¹²⁶⁴ MARTINS, José de S. **Uma sociologia da vida cotidiana**, p. 170-1.

¹²⁶⁵ CUNHA, Rodrigo S. **O essencial sobre ritmanálise**. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2010, p. 19, com acréscimo.

acadêmicos debatem a pós-modernidade enquanto os operários da periferia disputam, no sacrifício pesado dos juros altos e das prestações mensais, modestos signos do moderno e da modernidade, como a televisão, a geladeira, o liquidificador. Muitos nem mesmo chegaram ainda ao mundo da escrita e do livro, enquanto em outros pontos da sociedade dizem que o livro já é obsoleto e está sendo superado pela tela do computador¹²⁶⁶.

Tudo se encontra e converge para o tempo contemporâneo, o nosso tempo, as algumas de suas rotas estão mais distantes, outras próximas dos objetivos e dos sonhos da coletividade, as utopias, pois estas são, como assinala Norbert Lechner “[...] uma resposta às nossas necessidades”¹²⁶⁷.

Desde que se leve em conta que “A regra da igualdade não consiste senão em quinhão desigualmente aos desiguais, na medida em que se desiguam. Nesta desigualdade social, proporcionada à desigualdade natural, é que se acha a verdadeira lei da igualdade”¹²⁶⁸ mas essa o é, em nossas temporalidades que os acadêmicos tratam da pós-modernidade¹²⁶⁹ ou o não-trabalho¹²⁷⁰ enquanto o grosso da sociedade ainda busca saldar as prestações da geladeira que representa a estes o adentrar a modernidade?

A temporalidade da Modernidade busca ser hegemônica, esforça-se por se entender como um tempo único, conforme Doreen Massey. Mas, há outros, de diferentes espaço-tempos que, reprimidos na “[...] possibilidade de outras temporalidades”¹²⁷¹, ficam à margem, na seletiva fila que impede a entrada no processo modernizador.

Temporalidades, múltiplas temporalidades, perceptíveis.

¹²⁶⁶ MARTINS, José de S. **A sociabilidade do homem simples**, p. 149.

¹²⁶⁷ LECHNER, Norbert. **La conflictiva y nunca acabada construcción del orden desejado**. Santiago: FLACSO, 1984, p. 17, traduzido: “Nuestras utopías son una respuesta a nuestras necesidades”.

¹²⁶⁸ BARBOSA, Rui. **Oração aos moços**. 5. ed. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1999, p. 26.

¹²⁶⁹ Dentre outros, NICOLACI-DA-COSTA, Ana M. A passagem interna da Modernidade para a Pós-modernidade. **Psicologia: Ciência e Profissão**, Brasília, v. 24, n. 1, p. 82-93, mar., 2004; SHINN, Terry. Desencantamento da modernidade e da pós-modernidade: diferenciação, fragmentação e a matriz de entrelaçamento. **Scientiae Studia**, São Paulo, v. 6, n. 1, p. 43-81, 2008; e, ADELMAN, Miriam. Visões da Pós-modernidade: discursos e perspectivas teóricas. **Sociologias**, Porto Alegre, ano 11, nº 21, p. 184-217, jan./jun. 2009.

¹²⁷⁰ A esse respeito, sugere-se CARDOSO, Ana C. M. **Tempos de trabalho, tempos de não trabalho**: vivências cotidianas de trabalhadores. São Paulo: USP, 2007. (Tese de Doutorado em Sociologia).

¹²⁷¹ MASSEY, Doreen. **Pelo espaço**: uma nova política da espacialidade. Trad. Hilda P. Maciel e Rogério Haesbaert. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008, p. 109.

Por outro lado, no entender de outro autor, “Do ponto de vista do uso cotidiano, os termos não fazem muito sentido, uma vez que moderno, como contemporâneo, é um alvo móvel e não pode representar uma periodização ou um estilo, exceto em um sentido fugaz e ambíguo”¹²⁷².

4.4.4 Os excluídos e as temporalidades da História

Quem são os excluídos? Nas diferentes temporalidades como entende a ótica martiniana, se nas cidades “As pessoas passam e passam sempre tão iguais/ O ritmo da vida parece mal”¹²⁷³ a ponto de causar comoção em uns num mundo de indiferença, mas noutros não, pois a “Indiferença é o peso morto da história”¹²⁷⁴, como referiu Antonio Gramsci.

Mas a despeito disso, permanece a pendenga diária da sobrevivência, como escreve José E. Agualusa: “Estou na vida como numa varanda. Vejo na rua passarem as pessoas com as suas tragédias íntimas. Vejo-as nascer e morrer”¹²⁷⁵, pois são vidas que, indiferentemente do espaço geográfico, são *precárias*, no entender de Didier Fassin.

Conforme o autor, por menos valoradas neste sistema capitalista que a tudo quantifica e estabelece preço; entre as com menor apreço, para ele estão “[...] as vidas dos pobres, dos desempregados, dos delinquentes, dos imigrantes, dos refugiados, de todos aqueles supostamente protegidos pela bandeira humanitária”¹²⁷⁶.

A exclusão, nesse sentido “[...] está relacionada à insatisfação ou mal-estar sentido por indivíduos que se deparam com situações em que não

¹²⁷² GOODY, Jack. **Capitalism and modernity: the great debate**. Cambridge: Polity Press, 2004, p. 13, traduzido: “Modernity, pre-modernity and post-modernity are current work-horses in the humanities. From the standpoint of everyday usage, the terms do not make much sense, since modern, like contemporary, is a moving target and cannot represent a periodization or a style, except in a fleeting and ambiguous sense”.

¹²⁷³ Como canta o cantor mexicano Marco Antonio Solís em *Si no te hubieras ido*, traduzido: “La gente pasa y pasa siempre tan igual/ El ritmo de la vida me parece mal”. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=tOVHj4zuRTU>>, acesso em 06/07/2021.

¹²⁷⁴ GRAMSCI, Antonio. **Odio a los indiferentes**. Trad. Cristina Marés. Barcelona: Editorial Ariel, 2017, p. 19, traduzido: “La indiferencia es el peso muerto de la historia”.

¹²⁷⁵ AGUALUSA, José E. **Nação crioula**. 2ª ed., 4ª reimpr. Rio de Janeiro: Gryphus, 2001, p. 159.

¹²⁷⁶ FASSIN, Didier. Uma ciência social crítica para pensar o mundo – entrevista. In: **Didier Fassin**: entrevistado por Debora Diniz. Trad. Debora Diniz. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2016, p. 31-64; p. 34.

conseguem atingir seus objetivos para si ou para seus entes queridos”, portanto, “Nessa perspectiva, a exclusão tende a ter certo conteúdo subjetivo baseado em fatos materiais”¹²⁷⁷ para aqueles que vivem, então, em condições materiais precárias.

Para Fassin, são os sujeitos sociais precários que dia-a-dia têm “[...] a sensação de viver uma existência sem sentido, de não ter valor para o mundo social”¹²⁷⁸, pois é “[...] a lógica do valor, dos valores, que polarizam a vida social”¹²⁷⁹, o que estabelece o paradoxo desta Globalização que permite a circulação de bens e mercadorias, mas não das pessoas, pois com ela “[...] a cultura se torna decididamente econômica”¹²⁸⁰, conforme expõe Jameson, que para outros autores é “A cultura-mundo [que] designa a era da formidável ampliação do universo da comunicação, da informação, da midiaticização”¹²⁸¹.

O único movimento aceito, neste sentido, é o de turistas e as invenções que esta ação humana permite sobre os diferentes espaços e territórios do mundo cada vez mais globalizado (“[...] quando a universalidade do homem, [...] sai finalmente dos tacanhos limites do planeta”¹²⁸², como definiu Miguel Torga), pois rende.

Porque permite o acesso às novidades e o conseqüente estímulo e disseminação de novas necessidades que a publicidade injeta nos sonhos e a *cultura do parecer-ser* favorece, portanto, de novas mercadorias ancorados por uma *teologia do mercado*¹²⁸³.

Sim, o *Deus mercado* precisa dessa teologia e também do *mercado da teologia*, que o digam (jamais confessarão?), os neopentecostais e outros

¹²⁷⁷ ESTIVILL, Jordi. **Concepts and strategies for combating social exclusion: an overview.** Geneva: International Labour Organization, 2003, p. 13, traduzido: “[...] is related to the dissatisfaction or unease felt by individuals who are faced with situations in which they cannot achieve their objectives for themselves or their loved ones. From this perspective, exclusion tends to have a certain subjective content based on material facts”.

¹²⁷⁸ FASSIN, Didier. El hombre sin derechos. Una figura antropológica de la globalización. **Maguaré**, Bogotá, v. 14, p. 179-190, 1999; p. 185, traduzido: “[...] el sentimiento de vivir una existencia sin sentido, de no tener valor para el mundo social”.

¹²⁷⁹ CASAL, Adolfo Y. O valor dos homens e das coisas. **Caderno de Estudos Africanos**, Lisboa, v. 1, p. 1-22, dez., 2001; p. 2.

¹²⁸⁰ JAMESON, Fredric. **A cultura do dinheiro: ensaios sobre a globalização.** Trad. Maria E. Cevasco e Marcos C. de P. Soares. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 2001, p. 24.

¹²⁸¹ LIPOVETSKY, Gilles; SERROY, Jean. **A cultura-mundo: resposta a uma sociedade desorientada.** 1ª reimpr. Trad. Maria L. Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2012, p. 10.

¹²⁸² TORGA, Miguel. **Contos da montanha.** 7.ª ed. Coimbra: Edição do autor, 1987, p. 10.

¹²⁸³ MOREIRA, Adriano. **Teoria das relações internacionais.** Rio de Janeiro: UniverCidade Editora, 2007, p. XLIX.

evangélicos ou os ditos carismáticos católicos, nas verdadeiras franquias de igrejas que surgem a cada instante, por hora¹²⁸⁴. Em vista disso, “O capitalismo pode ser visto [...] como uma nova forma de lidar socialmente com as necessidades”¹²⁸⁵, assevera Peter Wagner.

Neste sentido, a *órbita da humanidade* para Luciano Oliveira, repele e expulsa de si o que se poderia entender como os *excluídos*, ao imprimir sobre estes estigma que, notadamente contra “[...] os outros, diferentes, subalternos, ameaçadores, perigosos”¹²⁸⁶ os impede de acessar as condições do que seja a humanidade: os requisitos para uma vida decente, e lhes apodera os “[...] sentimentos de (in)adequação social”¹²⁸⁷, o que os tolhe condições de discernir entre a temporalidade de cada um e o próprio tempo histórico em que estão inseridos, no entender de Maria da Conceição Passeggi.

Como os dias se repetem e a cada novo amanhã um outro desafio se impõe à sobrevivência, por outro lado, escreve Ignácio de Loyola Brandão: “Aguardávamos os instantes que fariam o dia seguinte repleto-vazio”¹²⁸⁸, no entanto, a despeito disso, que se considere que “Todos os dias têm a sua história”¹²⁸⁹. Pois, neles, os excluídos, os *personagens em trânsito*¹²⁹⁰, pois “[...] levam muitas vezes uma vida considerada subumana em relação aos padrões normais de sociabilidade”¹²⁹¹; é como os *homens ocos*, ou sem a perspectiva fundante para a emancipação, conforme entende T.S. Eliot:

[...] Os olhos não estão aqui
Aqui os olhos não brilham
Neste vale de estrelas túbias
Neste vale desvalido
Esta mandíbula em ruínas de nossos reinos perdidos

¹²⁸⁴ A esse respeito, conferir matéria do *O Globo*: <<https://oglobo.globo.com/politica/desde-2010-uma-nova-organizacao-religiosa-surge-por-hora-21114799>> acesso em 23/09/2021.

¹²⁸⁵ WAGNER, Peter. Modernidade, capitalismo e crítica. Trad. Hugo Mendes. **Fórum Sociológico**, Lisboa, nºs 5-6, 2ª série, p. 41-70, 2002; p. 49.

¹²⁸⁶ OLIVEIRA, Luciano. Os excluídos “existem”? Notas sobre a elaboração de um novo conceito. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, ano 12, n. 33, p. 49-61, fev., 1997; p. 51.

¹²⁸⁷ PASSEGGI, Maria da C. A experiência em formação. **Educação**, Porto Alegre, v. 34, n. 2, p. 147-156, mai./ago., 2011; p. 151.

¹²⁸⁸ BRANDÃO, Ignácio de L. **Não verás país nenhum**. 23ª ed. rev. e atual. São Paulo: Global, 2000, p. 15.

¹²⁸⁹ SARAMAGO, José. **Levantado do chão**. Lisboa: Caminho, 1999, p. 59.

¹²⁹⁰ SANTIAGO, Silviano. **O cosmopolitismo do pobre**: crítica literária e crítica cultural. 1ª reimpr. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008, p. 45.

¹²⁹¹ OLIVEIRA, Luciano. Os excluídos “existem”? Notas sobre a elaboração de um novo conceito, p. 51.

Neste último sítio de encontros
 Juntos tateamos
 Todos à fala esquivos
 Reunidos na praia do túrgido rio [...] ¹²⁹².

O capitalismo como produtor de produtos e *necessidades* pode ser considerado um *sistema democrático perverso* quando se pensa na oferta de destes. Perverso porque impõe a necessidade social de consumir os produtos fabricados em função das necessidades da *mais-valia* das elites e não das necessidades reais da maioria da sociedade, isto é, dos “[...] dos homens reais, mas que não mantêm entre si relações também reais e determinadas, sujeitas a regularidades verificáveis” ¹²⁹³.

Por isso, como uma de suas estratégias de reprodução, mente para produzir, para vender, para tudo, para manter a sua “[...] produção inflacionária de significado” ¹²⁹⁴, até porque esse viver, também típico da Modernidade, é viver “[...] naquilo que ela tem de mais característico: sua abertura e sua insaturabilidade, tanto quanto sua urgência e sua inadiabilidade” ¹²⁹⁵, da mesma forma que, incisivamente triunfalista, pois a partir de então a história passava a ser “[...] encenada de acordo com uma dramaturgia em que *a tragédia era posta ao serviço de um final feliz*” ¹²⁹⁶, afirma Fernando Catroga.

Às camadas que vivem em situação precária e, que apenas gravitam em torno da condição do que seja uma ideia de humanidade adequada ou ideal, chegam os similares, os genéricos, os seminovos, os acessíveis, de qualidade inferior, a pirataria, enfim os simulacros da mercadoria que, sob garantia e lisura do *mercado dos incluídos* está distante nos que enxergam a vida sob o

¹²⁹² ELIOT, Thomas S. **Poesia**. Trad. Ivan Junqueira. 2ª ed. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1981, “Os homens ocios”, p. 119.

¹²⁹³ CARDOSO, Fernando H.; IANNI, Octavio. Introdução. In: CARDOSO, Fernando H.; IANNI, Octavio. (Orgs.). **Homem e sociedade: leituras básicas de sociologia geral**. 2ª ed. rev. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1965, p. 1-22; p. 12.

¹²⁹⁴ NASSEHI, Armin; WEBER, Georg. **Tod, modernitat ond gesellschaft: entwurf einer theorie der todesverdrangung**. Opladen: Westdeutscher Verlag, 1989, p. 196, traduzido: “[...] inflationare Produktion von Sinn aus”.

¹²⁹⁵ GOMES, David F. L. **“Houve não mais poderosa”?: a independência do Brasil como momento de passagem à modernidade**. Belo Horizonte: UFMG, 2011 (Dissertação de Mestrado em Direito), p. 113.

¹²⁹⁶ CATROGA, Fernando. **Os passos do homem como restolho do tempo: memória e fim da história**. Coimbra: Edições Almedina, 2009, p. 246, ênfase no original.

horizonte de acessar o consumo pelas bordas. Logo, interroga o poeta: “[...] Viver-não, viver-sem, como viver/ sem conviver, na praça de convites? [...]”¹²⁹⁷.

Por esse ângulo, ao se entender o capitalismo “[...] como ‘portador’ de relações”¹²⁹⁸, que leva o produto original e a cópia enquanto possibilidades de mercadoria que possam ser acessíveis aos diferentes níveis sociais, se desnudam ao olhar incrédulo do *incluído* as diferentes temporalidades de acesso a que estão submetidos os, vistos por eles, como *excluídos*.

Até por isso, como forma de acessar as ofertas (as migalhas) que este sistema à primeira vista democrático e includente – mas que em verdade também se sustenta e se reproduz nestas contradições – o excluído precisa se valer de *estratégias de metamorfose*.

Como as percebidas por Maria R. C. Almeida quanto aos indígenas no Rio de Janeiro do período colonial brasileiro, que até pelas adversidades “[...] se estabeleciam, se dissolviam e se recriavam numa sequência de conjunturas diferentes”¹²⁹⁹.

4.4.5 Temporalidades, morte e História

A morte da história com a pandemia escancara a finitude da vida e como esta pode estar ainda mais fragilizada, porque institucionalmente desligada dos liames da promessa da Modernidade, especialmente nos espaços precários, portanto, periféricos da Modernidade, deste Brasil de temporalidades distintas e que é visto, grosso modo, pelas elites como uno.

Este é o caso das aldeias indígenas, que enfrentam a ocorrência de mortes e desassistência, como exposto na lírica percepção de uma moradora do povo Karipuna, no Estado do Pará, quanto às perdas de vidas:

[...] quando morre um parente, parte da gente morre junto, é um pedaço que vai embora e não volta nunca mais. É triste ver

¹²⁹⁷ ANDRADE, Carlos D. de. **Lição de coisas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012a, “Mineração do outro”, p. 44.

¹²⁹⁸ ROSE, Nikolas. **Governing the soul: the shaping of the private self**. 2ª ed. London: Free Association Books, 1999, p. XVII, traduzido: “[...] his notion of the capitalist as ‘bearer’ of social relations”.

¹²⁹⁹ ALMEIDA, Maria R. C. de. **Metamorfoses indígenas: identidade e cultura nas aldeias coloniais do Rio de Janeiro**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2013, p. 17.

as lideranças e os idosos indo embora, vejo que quem mais morre de covid-19 são os antigos e com eles morrem muitas histórias¹³⁰⁰.

É a vida escorrendo em meio ao lamaçal das ineficiências do Estado brasileiro e da não-adoção de políticas públicas humanitárias necessárias nestes tempos pandêmicos.

Nesta linha, para Christian Geffray sendo o padrão do Estado moderno distribuir a sociedade partir do que arrecada desta; tal-qualmente esta última pode “[...] autorizar-se da mesma forma legal da lei para reclamar a sua parte na partilha: a atribuição da sua parte de direito”¹³⁰¹. Do que se pode pensar ser uma mentira, uma ficção o entendimento do autor, pois o padrão do Estado é privatizar os ganhos, socializar as perdas, controlar a todos, “eliminar” o mais possível, que não dê lucros, provavelmente é por essa razão que “A soberania exclusiva sobre espaços políticos territorialmente demarcados constitui a estrutura da modernidade capitalista”¹³⁰².

Na prática, seria fazer valer as propostas que elegeram o governante e o que estabelece a carta de regras constitucionais do país.

A modernidade amparou-se, desde o início em dicotomias estabelecidas pelo viés europeu, portanto, se ergueu a partir de contradições.

As tentativas de superar estas moveu intelectuais, mas de acordo com Anson Rabinbach ao invés de se resolverem, estas tornaram-se enigmas “[...] inescapáveis através dos quais a modernidade se estabelece, descreve e se mantém”¹³⁰³. Assim sendo, a Modernidade – assim interpreta-se no escrito do

¹³⁰⁰ SANTOS, Suzana P. dos. Quando morre um parente, parte da gente morre junto. In: BARROS, Elisandra. (Org.). **Fala parente! A covid-19 chegou entre nós**. Oiapoque: Iepé/UNIFAP, 2021, p. 147.

¹³⁰¹ GEFFRAY, Christian. État, richesse et criminels. In: GUILLAUD, Yann; LÉTANG, Frédéric. (Dir.). **Du social hors la loi: l'anthropologie analytique de Christian Geffray**. Marseille: IRD, 2009, p. 243-270; p. 262, traduzido: “[...] s'autoriser de la même loi légale pour revendiquer leur quote-part dans le partage: l'attribution de leur part de droit”

¹³⁰² TESCHKE, Benno; LACHER, Hannes. The changing “logics” of capitalist competition. **Cambridge Review of International Affairs**, Cambridge, v. 20, n. 4, p. 565-580, dec., 2007; p. 574, traduzido: “Exclusive sovereignty over territorially demarcated political spaces constitutes the structure of capitalist modernity not because it is in the nature of capitalism”.

¹³⁰³ RABINBACH, Anson. **The human motor: energy, fatigue, and the origins of modernity**. Berkeley: University of California Press, 1992, p. 85, traduzido: “[...] the inescapable intellectual conundrums through which modernity establishes, describes, and maintains itself”.

poeta – “[...] e o absurdo original e seus enigmas,/ suas verdades altas mais que todos/ monumentos erguidos à verdade [...]”¹³⁰⁴.

Mas se ao olhar de Rabinbach pode-se entender um limite, pode-se ter outro, pois os atores sociais podem desenvolver novas perspectivas inclusive de narrarem a si próprios e a partir dos contextos locais dos que não estão inseridos a fundo na Modernidade, pois nos enigmas estão também “[...] presentes as descontinuidades, não-contemporaneidades, anacronismos, exotismos ou originalidades”¹³⁰⁵, como alerta Octavio Ianni.

Dos que demonstram possuírem condições específicas de emergência histórica, se expõem mais “[...] o valor crítico do descontínuo e do fragmentário”¹³⁰⁶ que, de acordo com Charles Rice, permite a estes contextos e contornos externos da Modernidade em sua fase plena – europeia ou norte-americana – colocar questões essenciais ao entendimento da própria Modernidade.

Quanto aos locais plenos, de acordo com Timothy Mitchell, não basta questionar sua localização, deve-se ir além, para o tempo histórico, discutir, portanto, suas temporalidades.

De acordo com esse entendimento, a definição possível da essência da Modernidade nem sempre se especializou em uma região; ao contrário, continuamente as forças externas que seguiam este lema se “[...] redirecionam, desviam, mudam e multiplicam a modernidade que ajudam a constituir, privando-a de qualquer princípio essencial, dinâmica única ou história singular”¹³⁰⁷.

Qual tempo será? De acordo com John Holloway

¹³⁰⁴ ANDRADE, Carlos D. de. **Claro enigma**. 20ª reimpr. São Paulo: Companhia das Letras, 2020, “A máquina do mundo”, p. 107.

¹³⁰⁵ IANNI, Octavio. **Enigmas da modernidade-mundo**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003, p. 43.

¹³⁰⁶ RICE, Charles. **The emergence of the interior: architecture, modernity, domesticity**. New York: Routledge, 2007, p. 30, traduzido: “Rather than the interior being the exclusive object of its own history, where the tendency towards the timeless and the eternal is amplified, the specific conditions of the interior’s historical emergence provide a way of structuring a thinking that recognizes the critical value of the discontinuous and the fragmentary. The interior thus emerges as a particular way of construing crucial questions of modernity”.

¹³⁰⁷ MITCHELL, Timothy. The stage of modernity. In: MITCHELL, Timothy. (Edit.). **Questions of modernity**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2000, p. 1-34; p. 7 e 12, traduzido: “[...] continually redirect, divert, mutate, and multiply the modernity they help constitute, depriving it of any essential principle, unique dynamic, or singular history”.

É o tempo fora de nós. É um tempo histórico, mas o tempo de uma história fora de nós, a história de um mundo que nos é estranho. Esta é a história real, a história real de um mundo que realmente não controlamos: uma história medida em anos, uma história de estruturas sucessivas, uma história dividida em períodos que têm um começo e um fim, uma história com uma divisão clara entre o passado, presente e futuro. Este é o tempo do Progresso, um tempo que avança ao longo de trilhas predeterminadas. Este é o tempo real, esta é a história real, mas não é o nosso tempo e não é a nossa história¹³⁰⁸.

Será? Para Emmanuel Durand, “A história real, ou seja, a malha espaço-temporal infinita de circunstâncias, condições, modas, mentalidades, crenças, contingências e ações, é irreduzível a sequências abstratas de simples consequência”¹³⁰⁹.

Se se associar o entendimento de Hannah Arendt ao exposto pelo autor acima se entende que se esse tempo que se vive não seja reconhecido como o real na percepção da maioria das pessoas justamente pelo que determina o que seja o mundo moderno, que é a perda de critérios.

E isso constitui a sua “[...] facticidade”¹³¹⁰; em efeito direto, faz com que os maiores dilemas enfrentados pela humanidade não se constituam em problemas propriamente modernos, “[...] mas antigos”¹³¹¹.

É o que explica as permanências das desigualdades em visível contraste com as riquezas imorais do tempo presente, pois as “[...] desigualdades são diferenças hierárquicas, evitáveis e moralmente injustificadas”¹³¹² como explica

¹³⁰⁸ HOLLOWAY, John. **Crack capitalism**. London: Pluto Press, 2010, p. 139-140, traduzido: “It is time-outside-us. It is historical time, but the time of a history-outside-us, the history of a world that is alien to us. This is real history, the real history of a world we really do not control: a history measured in years, a history of successive structures, a history divided into periods that have a beginning and an end, a history with a clear division between past, present and future. This is the time of Progress, a time that runs forward along predetermined tracks. This is real time, this is real history, but it is not our time and it is not our history”.

¹³⁰⁹ DURAND, Emmanuel. Note sur la théologie de l’histoire. **Revue des Sciences philosophiques et théologiques**, Paris, v. 98, n. 2, p. 353-379, avr./juil., 2014; p. 358-359, traduzido: “L’histoire réelle, c’est-à-dire le maillage spatio-temporel infini des circonstances, des conditions, des modes, des mentalités, des croyances, des contingences et des actions, est irréductible à des enchaînements abstraits de simple conséquence”.

¹³¹⁰ ARENDT, Hannah. **¿Qué es la política? Comprensión y política**. S./Trad. México, D. F.: Partido de la Revolución Democrática, 2018, p. 17, traduzido: “La pérdida de los criterios, que de hecho determina al mundo moderno en su facticidad”.

¹³¹¹ ARENDT, Hannah. **Más allá de la filosofía. Escritos sobre cultura, arte y literatura**. Trad. Ernesto Rubio. Madrid: Editorial Trotta, 2014, p. 153, traduzido: “[...] todos los problemas de verdad importantes de nuestro tiempo, que de un modo tan horrible y cruento se dirimen, no son modernos sino antiguos”.

¹³¹² THERBORN, Göran. Os campos de extermínio da desigualdade. Trad. Fernando Rugitsky. **Novos Estudos CEBRAP**, São Paulo, 87, p. 145-156, jun., 2010; p. 146.

Göran Therborn, ainda mais acentuadas essas temporalidades dispare (mas que compõem a sociedade capitalista, moderna) com a pandemia em vigor.

Esta pandemia também, de acordo com Pedro R. Jacobi sugere “[...] que a sociedade precisa repensar e modificar os valores culturais adotados durante a modernidade e a lógica capitalista”¹³¹³.

É assim, a imposição constante, da “[...] necessidade de se deslocar entre o passado e o futuro”¹³¹⁴ para viver a precária existência – “[...] apesar do fato de a existência ser insuportável e estarrecedora”¹³¹⁵ como caracteriza o escritor Thomas Bernhard – nessa Modernidade descompassada, onde cada indivíduo está em um tempo.

Vista assim, a “A história é então uma execução”¹³¹⁶, uma performance, mas pode estar no mesmo espaço, o que impede a solidariedade do convívio do destino comum, não se encontram os “outros fugitivos” como refere Marie L. Knott, na busca por comunicação para sair ou enfrentar esses descompassos de sentido no período moderno.

Esse deslocar do passado ao presente, ou até mesmo a *dilatação do presente*¹³¹⁷ nos problemas que não são modernos, mas que permanecem e impedem os que estão na condição de oprimidos (que padecem “[...] violência injusta e injustiças econômicas, sociais, políticas e psicológicas sofridas por uma ampla variedade de grupos sociais”¹³¹⁸) à emancipação humana.

Essa situação faz lembrar passagem que Marx e Engels referem como uma história que se vive enquanto condição ilusória, “[...] uma história de espíritos e fantasmas, enquanto a história real, empírica, que constitui o

¹³¹³ JACOBI, Pedro R. Uma nova ética pós COVID-19. In: RIBEIRO, Wagner C. (Org.). **COVID-19: passado, presente e futuro**. São Paulo: FFLCH/USP, 2020, p. 208-223; p. 213.

¹³¹⁴ KNOTT, Marie L. Epílogo. In: ARENDT, Hannah. **Tiempos presentes**. Trad. Rosa S. Carbó. Barcelona: Gedisa Editorial, 2002, p. 171-177; p. 173, traduzido: “La necesidad de reubicarse entre lo pasado y lo futuro caracteriza la precaria existencia moderna. Por eso es necesario comunicarse con otros escapados, que son los únicos que pueden crear presente en el pensamiento, en el habla y en la acción”.

¹³¹⁵ BERNHARD, Thomas. **Andar**. Trad. Marcelo C. Correia. Santos: Editora Brasileira de Arte e Cultura, 2017, p. 15.

¹³¹⁶ BLUMENBERG, Hans. **Descripción del ser humano**. Trad. Griselda Mársico. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2011, p. 307, traduzido: “La historia es entonces una ejecución”.

¹³¹⁷ “La dilatación del presente”, conforme entende Boaventura de Sousa Santos, in: SANTOS, Boaventura de S. **El milenio huérfano: ensayos para una nueva cultura política**. Trad. Antonio Barreto *et al.* Madrid: Editorial Trotta; Bogotá: ILSA, 2005, p. 159, traduzido.

¹³¹⁸ CUDD, Ann E. **Analyzing oppression**. Oxford: Oxford University Press, 2006, p. 20, traduzido: “[...] unjust violence, and economic, social, political, and psychological injustices suffered by a wide variety of social groups”.

fundamento dessa história de fantasmas, só é explorada a fim de produzir os corpos para esses fantasmas”¹³¹⁹. É assim a produção da subjetividade, do inconsciente institucional, do Estado inconsciente e, até desejante, em alguns casos em se tratando do *tipo* de Estado, pois “”¹³²⁰.

De acordo com os autores, nessa história o capital dela extrai “[...] de empréstimo os nomes necessários para vestir os fantasmas com a aparência da realidade”¹³²¹, o que mantém a aparente imobilidade dos que não estão em condições de reagir.

E, ao mesmo tempo abre espaço para as permanências, o mais do mesmo, toda vez que assurge um *messias* da política partidária com o discurso do tempo histórico da salvação, já que “[...] entre os homens existem duas categorias, particularmente bem definidas: a dos que se salvam e a dos que afundam”¹³²² como alerta Primo Levi.

Estes estão, porém em descompasso com as potencialidades que não são despertas nos que vivem (simulacros históricos) um tempo presente de anseios e espera para adentrar, finalmente, a promessa da Modernidade, pois mais se mostrou foi o “[...] ‘lado negro da modernidade’ que foi mostrado no colonialismo”¹³²³, como adverte Frederick Cooper.

Este outro lado do ser ou estar no projeto moderno como tem sido demonstrado pelas práticas colonialistas da modernidade provavelmente está mais associado à dependência da tríade catalítica que expôs Karl Polanyi, que é “[...] comércio, dinheiro e mercados”¹³²⁴.

Outra autora afirma que até se entendia desenvolvimentos diferentes dos estágios de modernidade, como um discurso interno, mas se assim for “[...] algumas [sociedades] estão claramente se movendo mais lentamente do que

¹³¹⁹ MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã**: crítica da mais recente filosofia alemã em seus representantes Feuerbach, B. Bauer e Stirner, e do socialismo alemão em seus diferentes profetas (1845-1846). Trad. Rubens Enderle, Nélio Schneider e Luciano C. Martorano. 1ª ed. rev., 6ª reimpr. São Paulo: Boitempo, 2017, p. 134.

¹³²⁰ QUIJANO, Aníbal. Un fantasma recorre el mundo. **Estudios Avanzados**, São Paulo, v. 12, n. 34, p. 77-82, 1998; p. 82, traduzido: “[...] en el momento mayor de triunfo del capitalismo en el mundo, el fantasma del comunismo vuelve a ser visible”.

¹³²¹ MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã**, p. 134.

¹³²² LEVI, Primo. **É isto um homem?** Trad. Luigi del Re. Rio de Janeiro: Rocco, 1988, p. 89.

¹³²³ COOPER, Frederick. ¿Qué tienen de moderno los imperios modernos? S./trad. In: CHARTIER, Roger; FEROS, Antonio. (Dirs.). **Europa, América y el mundo**: tiempos históricos. Madrid: Marcial Pons, 2006, p. 311-342; p. 337, traduzido: “[...] ‘lado oscuro de la modernidad’ que se mostraba en el colonialismo”.

¹³²⁴ POLANYI, Karl. **A subsistência do homem e ensaios correlatos**. Org. Kari P. Levitt. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012, p. 127.

outras e as sociedades avançadas, iluminadas e civilizadas têm o dever de conduzir outras de suas trevas”¹³²⁵, o imperativo se justificava.

Para Marx, em qualquer tempo histórico ou tipo de sociedade “O homem é o *mundo do homem*, o Estado, a sociedade”¹³²⁶, que a humanidade não se constitui de forma abstrata, como que descolada do mundo real em que vive, como alegam os ideólogos muitas vezes.

Quanto ao Estado, deve-se ter cuidado com a afirmação generalizante de Marx, pois o Estado é uma construção humana relativamente recente e incorporada pelos povos e civilizações mais integrados ao sistema-mundo e ainda ignorada em vários povos (indígenas, ciganos etc.), portanto, não é para nada “natural” e, há ainda as sociedades contra o Estado, como legou Pierre Clastres¹³²⁷. Por outro lado, em alívio ao generalista, Rémi Hess afirma que “Lefebvre vê essencialmente em Marx, e isso desde o início de sua jornada, um teórico que defende a abolição do Estado, seja ele capitalista ou socialista”¹³²⁸.

Na hipótese da não ocorrência de comunicação com alega a autora acima, o que podem os que habitam mundos cada vez mais precários, os que têm, no dia-a-dia de sempre, a sua dignidade assaltada pela impositiva do capital que a tudo mercantiliza? Talvez apenas os poetas tenham respostas: “[...] ao homem, na luta contra o fado, cabe tentar, cabe vencer, perder, e nisto se resume a irresumível humana condição [...]”¹³²⁹.

Justamente nessa sociedade que se esforça “[...] de modo a manter uma razoável coesão”¹³³⁰ de uma ideia de *modernidade organizada*, como sugere Peter Wagner?

¹³²⁵ SAUNDERS, Rebecca. **Lamentation and modernity in literature, philosophy, and culture**. New York: Palgrave Macmillan, 2007, p. 9, traduzido: “[...] some are clearly moving more sluggishly than others and advanced, Enlightened, civilized societies bear the duty to lead others from their darkness”.

¹³²⁶ MARX, Karl. **Crítica da filosofia do direito de Hegel**. Trad. Rubens Enderle e Leonardo de Jesus. 2ª ed. rev. São Paulo: Boitempo, 2010, p. 145, ênfase no original.

¹³²⁷ CLASTRES, Pierre. **A sociedade contra o Estado**: pesquisas de antropologia política. Trad. Theo Santiago. 2ª reimpr. São Paulo: Cosac Naify, 2008.

¹³²⁸ HESS, Rémi. Henri Lefebvre, Le temps des méprises, Paris, Stock, 1975. **L’Homme et la société**, Paris, n. 39-40, p. 281-282, 1976; p. 281, traduzido: “Lefebvre voit essentiellement dans Marx, et ce dès le début de son cheminement, un théoricien qui prône l’abolition de l’Etat, qu’il soit capitaliste ou socialiste”.

¹³²⁹ ANDRADE, Carlos D. de. **A paixão medida**. São Paulo: Companhia das Letras, 2014, “História, coração, linguagem”, p. 72.

¹³³⁰ WAGNER, Peter. Crises da modernidade: a sociologia política no contexto histórico. Trad. Vera Pereira. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 11, n. 31, s./p., jun., 1996; s./p. Disponível em: <http://www.anpocs.com/images/stories/RBCS/rbcs31_02.pdf>, acesso em 30/03/2021.

O mesmo Wagner possui a resposta, por “[...] uma crítica da modernidade que incluía uma crítica do capitalismo como um de seus principais temas”¹³³¹, já que este último se constitui a partir dela e vice-versa, e “O surgimento do capitalismo e o surgimento da modernidade constituem duas facetas de uma mesma realidade”¹³³² de acordo com Samir Amin.

Da mesma forma que, como defendem os estudos pós-coloniais¹³³³, o próprio capitalismo responde apenas parte do que seja a Modernidade. Se essa não tem respondido aos desafios da sociedade, dos que estão à margem desse processo, e tem contribuído para a financeirização do capitalismo¹³³⁴ (fase mais atual, que “[...] está claramente fora de controle”¹³³⁵) será preciso fazer uma crítica a ambos.

Quanto ao capitalismo atual, Giorgio Agamben assim o conceitua:

O capitalismo que se consolida em escala planetária não é o capitalismo na forma que havia assumido no Ocidente: é, antes, o capitalismo em sua variante comunista, que combinava um desenvolvimento extremamente rápido da produção com um regime político totalitário¹³³⁶.

¹³³¹ WAGNER, Peter. **A sociology of modernity: liberty and discipline**. London: Routledge, 1994, p. 23, traduzido: “What is needed is a critique of modernity that comprises a critique of capitalism as one of its major themes”.

¹³³² AMIN, Samir. **Eurocentrism: modernity, religion, and democracy - a critique of eurocentrism and culturalism**. Trad. Russell Moore e James Membrez. New York: Monthly Review Press, 1989, p. 14, traduzido: “The emergence of capitalism and the emergence of modernity constitute two facets of one and the same reality”.

¹³³³ Nessa perspectiva, a “[...] colonialidade é uma espécie de marafunda e carrego colonial [...], ela opera como um sopro de má sorte que mantém o assombro e a vigência de um projeto de dominação nas dimensões do ser/saber/poder”, o que justifica, segundo Luiz Rufino Rodrigues Junior os estudos pós-coloniais, in: RUFINO RODRIGUES JUNIOR, Luiz. Pedagogia das encruzilhadas. **Revista Periferia**, Duque de Caxias, v. 10, n. 1, p. 71-88, jan./jun., 2018; p. 72.

¹³³⁴ Que é a fase também considerada vampiresca, pois “[...] o capitalismo vampírico ameaça minar não apenas a vida social, mas também a própria sobrevivência do capitalismo”, in: KENNEDY, Paul. **Vampire capitalism: fractured societies and alternative futures**. London: Palgrave Macmillan, 2017, p. 57, traduzido: “[...] vampire capitalism threatens to undermine not just social life but the very survival of capitalism itself”.

¹³³⁵ CASASSAS, David; WAGNER, Peter. Modernity and capitalism: conceptual retrieval and comparative-historical analyses. **European Journal of Social Theory**, Thousand Oaks, v. 19, i. 2, p. 159-171, may, 2016; p. 169, traduzido: “[...] but is clearly out of control”.

¹³³⁶ AGAMBEN, Giorgio. Capitalismo comunista. **Quodlibet**, Macerata, 15/12/2000, s./p. Disponível em: <<https://www.quodlibet.it/giorgio-agamben-capitalismo-comunista>>, acesso em 05/01/2021, s./p., traduzido: “Il capitalismo che si sta consolidando su scala planetaria non è il capitalismo nella forma che aveva assunto in occidente: è, piuttosto, il capitalismo nella sua variante comunista, che univa uno sviluppo estremamente rapido della produzione con un regime politico totalitario”.

As evidências que expõe a precarização das vidas das pessoas na maior parte do mundo parecem não conseguir negar esta conceituação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

José de Souza Martins é um dos maiores cientistas sociais brasileiros. Sua produção, vigorosa e disciplinada, mantém-se até a atualidade, com artigos semanais e no período recente, neste ano (2021) o autor já lançou três livros, quando já completou 83 anos (aniversário em 24 de outubro).

Sua obra abre leques variados, dada a formação consolidada em teoria e prática de anos de afincamento em pesquisas nas mais diversas regiões brasileiras, em agenda de pesquisa que vem cumprindo há quase seis décadas.

Essa tese apresentou a hipótese se o seu modelo explicativo, a partir da noção de temporalidade, pela ação dos *simples*, nos espaços conflituosos do viver no/do cotidiano, consegue propor explicabilidade aos aspectos macro da história brasileira, alicerçadas na persistência do poder do atraso e na história lenta, principalmente.

A esse respeito, a Modernidade enquanto uma construção configura-se no Brasil como uma relação de tensão, entre dois tempos, o passado e presente. Nessa tensão, o cotidiano pode ser visto como espaço frutífero a esse propósito e, constitui-se em potencialidade para a compreensão desta intrincada realidade social.

Antes, alerta-se que a Modernidade é mais de uma. Nesse sentido, Martins adere a teses de outros autores, no já quase consenso de que a grande arrancada que se conforma a partir da Europa e depois pelos Estados Unidos, do processo moderno, tem singularidades e realidades distintas, percepções e vivências que configuram temporalidades desta Modernidade, e que se amparam, também, n'“*A simultaneidade das diferentes trajetórias do capital*”¹³³⁷, pelas diferentes regiões, como expôs Marx.

As permanências, sendo o novo, já com nova caracterização, constituem-se no pilar do ser e estar moderno, ou em muitos casos, parecer moderno. Nesse caso, para a sociedade brasileira, em especial, é um arcaico que passou da hora de ir, mas que insiste em permanecer, nas suas mais variadas facetas e insinuando-se na vida social. Não necessariamente, nesse

¹³³⁷ MARX, Karl. **Grundrisse**: manuscritos econômicos de 1857-1858: esboços da crítica da economia política. Trad. Mario Duayer e Nélio Schneider. 3ª reimpr. São Paulo: Boitempo; Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2016, p. 535, ênfase no original.

sentido, o arcaico seja sinônimo de atraso, do que seja visto como ruim pelo saber popular; para isso, há autores que defendem uma *sociologia do arcaico*¹³³⁸, como Dirceu Lindoso, quanto às permanências no atual daquilo que não se considera moderno, que é tradicional.

Para José de Souza Martins, o arcaico, que é o *poder do atraso*, permanece e se retroalimenta nos formalismos e ritos do moderno, nos espaços de poder, na lei. Essa, por exemplo, avança em descompasso com a realidade, pois quando zelosa da cidadania e dos direitos do povo como consta na Constituição, o é mais em letra morta e distancia-se de acesso e pouco vale, no cotidiano, de quem vem do lado do lado que a história insiste em obscurecer, dos *simples*.

Ao demorar se realizar ou que sua realização segue os descompassos e a passos largos e lentos, nossa modernidade apresenta característica de pós-modernidade, especialmente na falta de perspectivas, de esperanças. Ilusória que é. Para isso, para se manter, há a necessidade de simulacros, mesmo no povo, nos debaixo; para esses, é preciso aprender a fingir, a aderir ao postigo, ao provisório. Estar não estando.

Nesse sentido, de acordo com Martins, também propriamente na ciência há esse descompasso, já que a própria Sociologia esteve comprometida com o modernizar. Portanto, cúmplice que foi do projeto de Estado que buscou modernizar o país a partir do campo, especialmente pelas transformações que se avolumam nesse espaço a partir dos anos 1960.

Essa é, depois dessa fase, se pensar a atualidade ou a atualização desse projeto que beneficiou poucos em detrimento do peso sobre a maioria, especialmente aquela que deixa o campo e incha as cidades favorecendo as interpretações de determinados modelos teóricos (como a busca do operário ideal, no embate imaginário e nos modos de produção da história para superar o capitalismo; sic), uma Modernidade não mais utópica, enquanto promessa, pois não realiza o possível.

Assim, resta, como estratégia, aos *simples*, parecer moderno.

Visualiza-se na obra de Martins, entre as permanências do projeto arcaico da Modernidade no Brasil, aliás, desde a assunção de nossa

¹³³⁸ LINDOSO, Dirceu. **Tapui-retama. Viagem ao Brasil profundo**: Minas Gerais e Grande Sertão. Brasília: Fundação Astojildo Pereira, 2016.

sociedade, do projeto de Estado Nacional: a escravidão enquanto trabalho análogo à condição de escravo, e a condução das ideias e perspectiva de vingança nos projetos ditos emancipatórios dos partidos políticos de esquerda e nos movimentos sociais em atuação no campo, principalmente, na utopia e reinterpretação da História.

Outro, para Martins, dos limites do moderno, do que seja, enquanto promessa, projeto ou efetividade na realidade social, um dos baluartes do projeto moderno (que poderia estar na classe média) enquanto liame e até alicerce da revolução burguesa, da potencialidade da transformação. A classe média no Brasil é teórica distancia-se da real.

Para o autor é uma classe média que lutou pela vida real, enquanto a imaginária, foi construção dos intelectuais. Aqui, nesse sentido e interpretação, está um limite propriamente da obra martiniana e, talvez não da classe média, por não ter interlocução vigorosa com a historiografia dos mundos do trabalho, seu diálogo, quando ocorreu, centrou-se mais na obra de determinados autores (Thompson, por exemplo) dissociado do movimento de ideias que ocorria dentro da historiografia no seu próprio país, o Brasil.

Por outro lado, Martins contribui ao expor que a estratégia do operário real de desejar direitos pelo coletivo e não deixa de abrir mão da mudança individual, como o aumento do próprio salário, a chance de mobilidade social e desligar-se do movimento político do sindicato, expõe brechas não aproveitadas e lacunas nesta historiografia, pelo menos nos seus estudos iniciais.

Porque, para Martins, é um operário que une política, o social e a religião. Essa tríade constitui o operário brasileiro, muito para além do monopólio de pensamento, da cabeça de operário, como advoga a teoria, o operário teórico, pois de acordo com o autor, em verdade, a luta dos trabalhadores foi mais por melhorias em suas condições de vida, por cultura, por educação e, menos por revolução, pelo ajustamento ao modelo teórico e sua teleologia.

Em consequência disso, percebe-se na obra martiniana que, descola-se do processo histórico a narrativa, há implicações na escrita e na forma de fazer história (porque mais imaginária, diferente da real), porque ao centrar-se nos

protagonistas esquece-se que os *simples*, são coadjuvantes de um destino que, se protagonizam, são as agruras que acercam o cotidiano.

O reinventar constante para o mais do mesmo, a repetição e o buscar se aproximar, quando muito próximo ter que dar passos para trás, no paradoxal movimento pendular que tem caracterizado a história política brasileira, pelo menos no período republicano.

Depreende-se que vivemos, então, uma Modernidade postiça. Temos, de acordo com a ótica martiniana, um Estado mais formal do que real, desde a nossa independência.

E assim têm permanecido nos diferentes projetos de poder que, em verdade, se assemelham, pois não mudam a essência do projeto, não alteram o cerne do poder, é mais do mesmo, e até pior, pois consentido e, como alerta Claude Lévi-Strauss: “O consentimento é, ao mesmo tempo; a origem e o limite do poder”¹³³⁹.

Nesse sentido, há um conceito de história desde o início em seu formar. Martins beneficiou-se do modelo catedrático quando acessa a universidade e, desde antes, do seu vigoroso e disciplinado autodidatismo, da formação de sua concepção de História, a realidade não se divorciou em nenhum momento, seja nos tempos da roça ou quando como operário, professor, pesquisador, assessor e palestrante, nas diferentes esferas, portanto, que transitou.

Fez a opção pelas ciências sociais, na Universidade de São Paulo, para estudar o mundo oculto das mediações e da escrita da história, como o de sua família que migra do campo a cidade, dos desenraizados, de um país a outro e dentro do próprio, dos sem história, mas que fazem viagens – escreve Maria J. Dias a partir do que entende Miguel Torga – como “[...] roteiros que eram sempre perspetivados como enriquecimento humano e exercício comparativo de geografias físicas, sociais e humanas”¹³⁴⁰, assim “A Geografia prefigura a História”¹³⁴¹, para aqueles que estão na condição de residuais dos espaços constituídos pelo capital.

¹³³⁹ LÉVI-STRAUSS, Claude. **Tristes trópicos**. Trad. Wilson Martins. São Paulo: Editora Anhembi, 1957, p. 335.

¹³⁴⁰ DIAS, Maria J. Uma geografia do rosto humano. **CEM - Cultura, Espaço & Memória**, Porto, n. 11, p. 183-198, 2020; p. 187.

¹³⁴¹ CUNHA, Euclides da. **À margem da história**. Rio de Janeiro: ABL, 2005, p. 171.

Para Martins, então, a História é a aparência até mesmo nos pobres, que descobrem essa opção, mas deve manter “[...] a discrepância entre o ponto de vista científico do historiador e o ponto de vista moral do profeta”¹³⁴² como adverte Edmund Wilson.

Nesse sentido, a busca pela realidade empírica nacional tem em Florestan Fernandes inspirador e, padrinho/tutor nos meandros ao adentrar a universidade como docente. Na obra desse e tendo no “Seminário” de Marx, provavelmente a maior iniciativa nesse sentido de estudo sistemático de um autor (depois Martins levaria adiante empreitada semelhante com a obra de Lefebvre), o alicerce para a constituição de sua Sociologia que dialoga, que escreve História.

Nesta linha, a teoria de Martins, é alicerçada na inspiração de autor nacional que, no mesmo nível de estrangeiros, produzia teoria genuinamente a partir da realidade brasileira. o autor comenta da antecipação de Florestan, ao sugerir de forma pioneira, a possibilidade de trabalhar, de diferentes formas e *usos*, com os três grandes nomes da Sociologia nascente, Karl Marx, Émile Durkheim e Max Weber.

Ao se referir a uma teoria de Martins, talvez seja preciso situá-lo. E a tese buscou alocar o autor naquilo que se caracteriza como o marxismo humanista, tendo em Marx, Henri Lefebvre e Agnes Heller os nomes mais citados por José de Souza Martins, além de Edward P. Thompson, em espécie de téttrade de influências martiniana. Mas o que é o marxismo humanista na verve de José de Souza Martins?

O Marxismo humanista de Martins não o é porque sugere uma cartilha, com passos totalmente inéditos para a pesquisa social. É humano pelo enfoque, pelo interesse, pelo recorte e pela forma de fazer a pesquisa. Pelo modo como interpreta, como em Marx, com dois métodos, o de pesquisar e o de interpretar. Portanto, é humanista não para fazer populismo na ciência, e sim por priorizar, do enfoque da dialética triádica de Lefebvre, o *vivido* para além do percebido e do concebido. Por buscar desvelar o oculto, por fazer uma

¹³⁴² WILSON, Edmund. **Hacia la Estación de Finlandia**: ensayo sobre la forma de escribir y hacer historia. Trad. Ricardo Tomero, M. F. Zalén y J. P. Gortázar. Barcelona: RBA Libros, 2011, p. 293, traduzido: “[...] la discrepancia entre el punto de vista científico del historiador y el punto de vista moral del profeta”.

Sociologia do desconhecimento¹³⁴³ das temporalidades que estão em tensão na ideia e prática de Modernidade brasileira.

Quanto a noção de tempo histórico, por perceber em suas temporalidades a presença do passado, o liame com a tradição manifesta no presente, associa-se Martins a Peter Wagner, sociólogo alemão radicado na Espanha. Portanto, nos dois, para além da ideia de ruptura, com a promessa da modernidade, percebe-se nas sociedades atuais, como a brasileira, que o *tempo da Modernidade* já não é mais o mesmo, o anunciado, e se o é, é apenas nas permanências, do novo sendo mais do mesmo ou do simulacro, daquilo que acessam os que estão à margem da concretude da Modernidade.

Qual o tempo da Modernidade, ao se referir a ideia de temporalidades em José de Souza Martins? Talvez, seja confortante seguir o exposto por Armin Nassehi, de que essa se distingue por “[...] uma semântica particular de tempo”¹³⁴⁴, daí não ser, em absoluto, um tempo só, até porque “[...] o tempo narrativo define uma arena social”¹³⁴⁵, adverte Andreea D. Ritivoi, mas “[...] o tempo é criação”¹³⁴⁶, assinala Ilya Prigogine.

Nessa linha, corrobora Hartmut Rosa quando afirma que “[...] desde o começo da modernidade a vida foi sendo temporalizada. [...] a vida social e individual ganharam um prolongamento linear, de modo que cada geração deveria encontrar seu próprio lugar e desenvolvê-lo”¹³⁴⁷.

Mas de modo diverso do que entende Jose M. Arcaya, pois aqui “[...] a temporalidade como uma estrutura limitada que consiste em momentos

¹³⁴³ MARTINS, José de S. **Sociologia do desconhecimento**: ensaios sobre a incerteza do instante. São Paulo: Editora Unesp, 2021c.

¹³⁴⁴ NASSEHI, Armin. No time for utopia: the absence of Utopian contents in modern concepts of time. **Time & Society**, London, v. 3, n. 1, p. 47-78, 1994; p. 48, traduzido: “[...] modernity is characterized by a particular semantics of time”.

¹³⁴⁵ RITIVOI, Andreea D. Explaining people: narrative and the study of identity. **Storyworlds: A Journal of Narrative Studies**, Lincoln, v. 1, p. 25-41, 2009; p. 29, traduzido: “[...] narrative time defines a social arena”.

¹³⁴⁶ PRIGOGINE, Ilya. **O nascimento do tempo**. Trad. João Gama. Coimbra: Edições 70, 2008, p. 75,

¹³⁴⁷ TZIMINADIS, João L. F.; ROSA, Hartmut. Modernidade dessincronizada: aceleração social, destemporalização e alienação: uma entrevista com Hartmut Rosa. **Estudos de Sociologia**, Araraquara, v. 22, n. 43, p. 365-383, jul./dez., 2017; p. 377.

passados, presentes e futuros entrelaçados” e, “Como parte dessa rede de reticulação de momentos temporais, cada elemento complementa o resto”¹³⁴⁸.

Outra ideia a respeito das temporalidades em José de Souza Martins pode ser associada a ideia de que são polos temporais que coexistem a partir de um mesmo tempo, como quer a tese de Jose M. Arcaya; da mesma forma que a consciência, que a obra de Martins sugere nos vínculos entre esses tempos, as temporalidades, como também defende Anne Buttimer.

Ou como pensa Agnes Heller, com o tempo como categoria central na análise de ótica marxista, que é, ao mesmo tempo irreversível e, fundamento da desigualdade principalmente na sociedade capitalista, como se vive essas temporalidades, da persistência destas, às vezes, no mesmo espaço, o arcaico, o moderno e o pós-moderna como adverte Martins.

São essas temporalidades instituintes de desigualdade, ou, de outra forma, de diferenciação social, o que aproxima o autor ao que sugere Armin Nassehi. Portanto, essas são como que distantes ou até mesmo ausentes da temporalidade de referência da Modernidade. Em outras palavras, porque se encontram à margem, nas franjas do sistema, porque excluídos; para além da concepção martiniana de exclusão, já que Martins tem certo ranço com essa noção.

Nesse sentido, Martins tem uma de suas principais teses no *poder do atraso*, na permanência desse, como instituinte e mantenedor das diferentes temporalidades que se confrontam e, por vezes, até amenizam e acertam uma trégua, como na ilusória *cultura do parecer-ser*, que têm sido a estratégia dos pobres nessa Modernidade postiça.

O cenário que o *poder do atraso* mais se insinua e dele se projeta aos outros espaços, é o campo e, deste para o cotidiano dos *simples* e para o mundo descolado dos políticos, onde a realidade distancia-se e privilegia o concebido ou o percebido, na linha do que sugere Lefebvre.

Ao se pensar nas linhas de contato, das formas que se entrecruzam as diversas temporalidades, é possível sugerir que em Martins a história social do campesinato ou dos movimentos sociais em associação aos seus mediadores

¹³⁴⁸ ARCAYA, Jose M. Memory and temporality: a phenomenological alternative. **Philosophical Psychology**, London, v. 2, n. 1, p. 101-110, 1989; p. 105, traduzido: “[...] of temporality as a bounded structure consisting of intertwined past, present, and future moments. As part of this network of reticulation of temporal moments, each element complements the rest”.

na questão da terra e no conceito de classe média (real e imaginário), onde se fazia a aliança classista, estejam as chaves interpretativas da permanência desse poder do atraso e propriamente do que o autor chama de uma história lenta. São essas facetas, esses condicionantes, que alimentam e excluem, ao mesmo tempo, que em verdade ligam campo e cidade, política e cidadania, história e democracia.

E é no subúrbio como quer Martins e no cotidiano das periferias como entende uma grande gama de cientistas e pesquisas (um outro limite conceitual da obra martiniana) das cidades brasileiras, no cotidiano do brasileiro comum que se revela a permanência do milenarismo, do tempo da redenção, como se fosse a ponte entre o passado, saudoso e, o futuro, esperado, o milenarismo na linha de Roger Bastide “[...] enquanto estratégia de busca de uma nova identidade e dignidade”¹³⁴⁹. Como pegasse carona na promessa da modernidade que, de acordo com Martins, já nem é tão sedutora ou efetiva em sua prática, pois dela se sobressaem os simulacros de realidade.

No cotidiano, portanto, estão montados dois palcos, o da representação e o da idealização, como que em sincronia, a alimentar o *poder do atraso*, as permanências e sendo o motor(?) da história lenta, onde o homem comum, os *simples*, na acepção de Martins, hesitam entre ação e a impotência. É onde prevalece a alienação, onde prossegue, sem cessar, a extração da *mais-valia* marxiana. Mas ao se pensar na potência possível do homem comum, Manfred Osten sugere que se avance para além da prisão da dicotomia que está posta,

[...] já que negar o mundo das transformações aceleradas significaria abrir mão dos meios de sobrevivência do ser humano. E negar o homem lento significaria desistir do próprio homem. Em vez de se libertar da velocidade e da lentidão de uma forma antimoderna¹³⁵⁰.

Esse movimento exige o reinventar constante, para ser mais do mesmo, “[...] aquilo que foi não é mais, mas continua sendo porque é outra coisa sendo

¹³⁴⁹ BASTIDE, Roger. **O sagrado selvagem e outros ensaios**. Trad. Dorothée de Bruchard. São Paulo: Companhia das Letras, 2006, p. 177.

¹³⁵⁰ OSTEN, Manfred. **La memoria robada. Los sistemas digitales y la destrucción de la cultura del recuerdo. Breve historia del olvido**. Trad. Miguel A. Vega. Madrid: Ediciones Siruela, 2008, p. 107, traduzido: “[...] pues negar el mundo de transformaciones aceleradas significaría renunciar a medios de supervivencia del ser humano. Y negar al hombre lento significaría renunciar al hombre mismo. En vez de liberarse de la rapidez y la lentitud de manera antimodernista”.

essencialmente a mesma”¹³⁵¹ como alerta José de Souza Martins, porque o viver do descompasso, para aqueles que remam e apenas alcançam o sonho quando este já não é mais o tempo referencial.

E, portanto, distante novamente. Esse viver em desafino transforma o cotidiano em potencialidade conflitiva, e por outro lado, da repetição de sentido, da permanência da temporalidade que aprisiona, nos processos desiguais do desenvolvimento nas temporalidades que aprisionam a história.

Por outro lado, nos espaços não-modernos, os tradicionais, também na acepção martiniana, permanecem a despeito das dificuldades de sobrevivência e as privações impostas pela penetração do capitalismo, como verdadeiras “ilhas de reserva humana”¹³⁵², como expôs Miguel Torga, onde entende-se que “[...] a tradição é a criação do futuro fora do passado”¹³⁵³; essas reservas estão acessíveis aos pesquisadores, como Martins, que interessam-se pelo mundo dos que estão na condição de residuais, os *simples*.

Assim, entende-se que a obra martiniana oferece condições para voos mais amplos na interpretação da história brasileira, conquanto seja amparada em perspectiva de estudos micros, os seus *insights* e em realidades e caminhos que a Sociologia e a História, em pelo menos parte de seus expoentes, ainda hesita em transitar.

Provavelmente os limites e as lacunas (que as amarras estejam soltas) da tese que ora finda sejam bem maiores que a sua contribuição ao conhecimento histórico no desejo de se aproveitar da profunda e profícua obra martiniana, da sua defesa de interdisciplinaridade, de sua inventividade de seu artesanato metodológico e teórico, do pensamento crítico ao mesmo tempo sintonizado e autônomo, por vezes tão necessários ao desvelar do *vivido* da realidade social brasileira.

No entanto, da obra de José de Souza Martins não se duvida, nem do seu alcance e da sua envergadura.

¹³⁵¹ MARTINS, José de S. **Nuto Sant’anna**: a poética do desencontro. São Paulo: Academia Paulista de Letras/ Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2021, p. 99.

¹³⁵² TORGA, Miguel. **Diário X**. 2.^a ed. rev. Coimbra: Edição do autor, 1991, p. 68.

¹³⁵³ GLASSIE, Henry. Tradition. **The Journal of American Folklore**, Bloomington, v. 108, n. 430, p. 395-412, autumn, 1995; p. 395, traduzido: “[...] that tradition is the creation of the future out of the past”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABENSOUR, Miguel. **Para una filosofía política crítica**: ensayos. Trad. Scheherezade P. Cañadas e Jordi Riba. Barcelona: Anthropos Editorial; Iztapalapa: Universidad Autónoma Metropolitana Iztapalapa, 2007.

ABI-MERSHED, Osama W. **Apostles of modernity**: saint-simonians and the civilizing mission in Algeria. Stanford: Stanford University Press, 2010.

ABRAMOVAY, Ricardo. **O futuro das regiões rurais**. 2ª ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

ABREU, João C. H. de. **Capítulos de história colonial**. Brasília: Senado Federal, 2006.

ADELMAN, Miriam. Visões da Pós-modernidade: discursos e perspectivas teóricas. **Sociologias**, Porto Alegre, ano 11, nº 21, p. 184-217, jan./jun. 2009.

ADORNO, Francesco P. Fiction et histoire. **Cités**, Paris, n. 2, p. 83-96, 2000.

ADORNO, Sérgio. Lições para não esquecer. **Política & Trabalho**, João Pessoa, n. 39, p. 79-83, out., 2013.

AGAMBEN, Giorgio. Capitalismo comunista. **Quodlibet**, Macerata, 15/12/2000, s./p. Disponível em: <<https://www.quodlibet.it/giorgio-agamben-capitalismo-comunista>>, acesso em 05/01/2021.

AGAMBEN, Giorgio. **Homo sacer**: o poder soberano e a vida nua. Trad. Henrique Burigo. 2ª reimpr. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.

AGUALUSA, José E. **Nação crioula**. 2ª ed., 4ª reimpr. Rio de Janeiro: Gryphus, 2001.

AGUDELO, Juan D. La modernidad incompleta. Una defensa de la modernidad desde un paradigma cosmopolita frente a la alternativa posmoderna. **Saga - Revista de Estudiantes de Filosofía**, Bogotá, n. 32, p. 27-39, 2016.

AGUIAR, Joselia. **Jorge Amado**: uma biografia. São Paulo: Todavia, 2018.

ALBINATI, Ana S. C. B. O jovem Marx. **Sapere aude**, Belo Horizonte, v. 9, n. 18, p. 21-39, jul./dez., 2018.

ALIDOU, Ousseina D. **Engaging modernity: muslim women and the politics of agency in postcolonial Niger**. Madison: The University of Wisconsin Press, 2005.

ALMEIDA JUNIOR, Jair de. **A conquista do mundo: igreja, Estado, Reforma e colonização do Brasil**. São Paulo: Fonte Editorial, 2019.

ALMEIDA JUNIOR, Jair de. **A trans-formação do Brasil: as mobilidades que construíram a interculturalidade brasileira**. Goiânia: Editora Cruz, 2017.

ALMEIDA, Maria R. C. de. **Metamorfoses indígenas: identidade e cultura nas aldeias coloniais do Rio de Janeiro**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2013.

ALTAMIRANO, Carlos. Conversa com Carlos Altamirano: cenas da vida intelectual argentina (entrevista a Maria C. M. Tresoldi e Flávia X. M. Paniz). **Tempo Social**, São Paulo, v. 29, n. 3, p. 333-348, 2017; p. 346.

ALTAMIRANO, Carlos. Ideias para um programa de História Intelectual. Trad. Norberto Guarinello. **Tempo Social**, São Paulo, v. 19, n. 1, p. 9-17, jun., 2007.

ALTAMIRANO, Carlos. **Intelectuales, notas de investigación**. Bogotá: Grupo Editorial Norma, 2006.

ALTHUSSER, Louis. **Ideologia e aparelhos ideológicos do Estado**. Trad. Joaquim J. de M. Ramos. Lisboa: Editorial Presença; São Paulo: Martins Fontes, 1980.

ALVARO, Daniel; ARISTÍA, Tomas; BAZORET, Emanuelle; BASAURE, Mauro; BIELSA, Esperanza; BELL, Vikki; BOLAÑOS, Bernardo; BURTON, Sarah; BORCH, Christian; CHERNILO, Daniel; CONNELL, Raewyn; CORDERO, Rodrigo; ESPÓSITO, Elena; HEREDIA, Mariana; LAHIRE, Bernard; MODONESI, Massimo; OUTHWAITE, William; SALINAS, Francisco; TIJOUX, Maria E.; TORRES, Esteban; TURNER, Charles; VANDENBERGHE, Frédéric; WAJCMAN, Judy. ¿Cómo escribir lo social? **Cuadernos de Teoría Social**, Santiago, año 1, nº 2, p. 49-70, 2015.

ALVES, Juliete M. **A obra de José de Souza Martins e a reforma agrária no Brasil: uma leitura sociológica**. Porto Alegre: UFRGS, 2003 (Dissertação de Mestrado em Desenvolvimento Rural).

ALVES, Luiz A.; ALVES, Sandra M. S. **Cidades tropeiras**: região sul do Brasil. Porto Alegre: Evangraf/ Criação Humana, 2018.

ALVES, Rubem. **A gestação do futuro**. Trad. João-Francisco D. Júnior. Juiz de Fora: Editora Siano, 2020a.

ALVES, Rubem. **Lições de feitiçaria**: meditações sobre a poesia. Juiz de Fora: Editora Siano, 2020.

AMIN, Samir. **Eurocentrism**: modernity, religion, and democracy – a critique of eurocentrism and culturalism. Trad. Russell Moore e James Membrez. New York: Monthly Review Press, 1989.

ANDRADE, Carlos D. de. **O poder ultrajovem e mais 79 textos em prosa e verso**. 4ª reimpr. São Paulo: Companhia das Letras, 2020a.

ANDRADE, Carlos D. de. **Claro enigma**. 20ª reimpr. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

ANDRADE, Carlos D. de. **Caminhos de João Brandão**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

ANDRADE, Carlos D. de. **A paixão medida**. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

ANDRADE, Carlos D. de. **Lição de coisas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012a.

ANDRADE, Carlos D. de. **A rosa do povo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

ANDRADE, Carlos D. de. **Sentimento do mundo**. São Paulo: Folha de São Paulo, 2008.

ANDRADE, Mário de. **O movimento modernista**: conferência lida no Salão de Conferências da Biblioteca do Ministério das Relações Exteriores do Brasil, no dia 30 de abril de 1942. Rio de Janeiro: Casa do Estudante do Brasil, 1942.

ANTONIO, Robert J. (Edit.). **Marx and modernity**: key readings and commentary. Malden: Blackwell Publishing, 2003.

ANTUNES, Ricardo. **Adeus ao trabalho?:** ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho. 15ª ed., 3ª reimpr. São Paulo: Cortez Editora, 2014.

ANTUNES, Ricardo. Construção e desconstrução da legislação social no Brasil. In: ANTUNES, Ricardo. (Org.). **Riqueza e miséria do trabalho no Brasil.** São Paulo: Boitempo, 2006, p. 499-508.

ARANTES, Paulo E. Origens do marxismo filosófico no Brasil – José Arthur Giannotti nos anos 60. In: MORAES, João Q. de. (Org.). **História do marxismo no Brasil. Vol. II:** os influxos teóricos. Campinas: Editora da Unicamp, 1995, p. 125-181.

ARANTES, Paulo E. **Um departamento francês em ultramar:** estudos sobre a formação da cultura filosófica uspiana (uma experiência dos anos 60). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.

ARCAYA, Jose M. Memory and temporality: a phenomenological alternative. **Philosophical Psychology**, London, v. 2, n. 1, p. 101-110, 1989.

ARENDT, Hannah. **¿Qué es la política? Comprensión y política.** S./Trad. México, D. F.: Partido de la Revolución Democrática, 2018.

ARENDT, Hannah. **Crisis de la república.** Trad. Guillermo S. Alonso. Madrid: Editorial Trotta, 2015.

ARENDT, Hannah. **Más allá de la filosofía. Escritos sobre cultura, arte y literatura.** Trad. Ernesto Rubio. Madrid: Editorial Trotta, 2014.

ARENDT, Hannah. **Tiempos presentes.** Trad. Rosa S. Carbó. Barcelona: Gedisa Editorial, 2002.

ARENDT, Hannah. **Sobre a violência.** Trad. André Duarte. 3ª ed. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

ARENDT, Hannah. **Origens do totalitarismo.** Trad. Roberto Raposo. 3ª reimpr. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

ARENDT, Hannah. **De la historia a la acción.** Trad. Fina Birulés. Barcelona: Ediciones Paidós Ibérica, 1995.

ARGULLOL, Rafael. 666 años después del día que se inició la modernidad. **Babelia**, Madrid, n. 567, p. 24, 04 oct., 2002.

ARIÈS, Philippe. **El hombre ante la muerte**. Trad. Mauro Armiño. 1ª reimpr. Madrid: Taurus Ediciones, 1984.

ARON, Raymond. **Estudios políticos**. Trad. Sérgio Bath. 2ª ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1985.

ARSUAGA, Juan L. **Vida, la gran historia**: un viaje por el laberinto de la evolución. Barcelona: Ediciones Destino, 2019.

ASHCROFT, Bill; AHLUWALIA, Pal. **Edward Said**. 2nd ed. Abingdon: Routledge, 1999.

ATLAN, Henri. **Entre o cristal e a fumaça**: ensaio sobre a organização do ser vivo. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1992.

AUGÉ, Marc. **El tiempo en ruinas**. Trad. Tomás F. Aúz y Beatriz Eguibar. Barcelona: Editorial Gedisa, 2003.

AUGÉ, Marc. **La guerra de los sueños**: ejercicios de etno-ficción. 2ª ed. Trad. Alberto L. Bixio. Barcelona: Editorial Gedisa, 1998a.

AUGÉ, Marc. **El viaje imposible**: el turismo y sus imágenes. 2ª ed. Trad. Alberto L. Bixio. Barcelona: Editorial Gedisa, 1998.

AVRITZER, Leonardo. **Impasses da democracia no Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

AZEVEDO, Cecília da S.; SOUSA, Rodrigo F.; NEIVA, Gabriel C. Modernidades alternativas: o confronto de culturas políticas e a tradição de dissenso nos EUA. In: AZEVEDO, Cecília da S. (Coord.). **Outras modernidades**: nuestra América e EUA: textos e propostas, v. 1. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009, p. 12-23.

AZEVEDO, Rodrigo G. de. **Tendências do controle penal na modernidade periférica**: as reformas penais no Brasil e na Argentina nos anos 1990. Rio de Janeiro: Autografia, 2018.

BAHR, Hermann. **Kritische schriften II. Die überwindung des naturalismus.** Weimar: VDG, 2004.

BAPTISTA, Luis A. dos S. **A cidade dos sábios:** reflexões sobre a dinâmica social nas grandes cidades. São Paulo: Summus Editorial, 2009.

BARBOSA, Rui. **Oração aos moços.** 5. ed. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1999.

BAREL, Yves. Modernité, code, territoire. **Les Annales de la recherche urbaine**, Paris, n. 10-11, p. 3-21, 1981.

BAREMBLITT, Gregorio. (Dir.). **O inconsciente institucional.** 2ª ed. Belo Horizonte: Editora FGB; Instituto Félix Guattari, 2011.

BARREIRA, Marcos R. A. **Henri Lefebvre:** a crítica da vida cotidiana na experiência da modernidade. Rio de Janeiro: UERJ, 2009. (Tese de Doutorado em Psicologia Social).

BARRET-KRIEGEL, Blandine. Histoire et politique, ou l'histoire science des effets. **Annales. Economies, sociétés, civilisations**, Paris, 28^e année, n. 6, p. 1437-1462, 1973.

BARTOLOVICH, Crystal. Introduction: Marxism, modernity, and postcolonial studies. In: BARTOLOVICH, Crystal; LAZARUS, Neil. (Edits.). **Marxism, modernity, and postcolonial studies.** Cambridge: Cambridge University Press, 2004, p. 1-17.

BARTRA, Roger. **La melancolía moderna.** México, D.F.: Fondo de Cultura Económica, 2017.

BASTIDE, Roger. **Impressões do Brasil.** Org. Fraya Frehse e Samuel Titan Jr. Trad. Samuel Titan Jr. e Glória C. do Amaral. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2011.

BASTIDE, Roger. **O sagrado selvagem e outros ensaios.** Trad. Dorothée de Bruchard. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

BASTIDE, Roger. **As religiões africanas no Brasil:** contribuição a uma sociologia das interpretações de civilizações. Segundo volume. Trad. Maria E.

Capellato e Olívia Krähenbühl. São Paulo: Livraria Pioneira Editôra/ Editôra da Universidade de São Paulo, 1971.

BASTIDE, Roger. **Sociología y psicoanálisis**. Trad. Herman M. Cueva e Susana de Aldecoa. Buenos Aires: Compañía General Fabril Editora, 1961.

BASTOS, Elide R. Sociologia da sociedade brasileira. In: FREHSE, Fraya (Org.). **A sociologia enraizada de José de Souza Martins**. São Paulo: Com-Arte, 2018, p. 87-98.

BAUER, Susan W. **Como educar sua mente: o guia para ler e entender grandes autores**. Trad. Gabriele Greggersen. São Paulo: É Realizações, 2015.

BAUMAN, Zygmunt. **A riqueza de poucos beneficia todos nós?** Trad. Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Zahar, 2015.

BAUMAN, Zygmunt. Modernidad, ambivalencia y fluidez social. in: Trad. Maya Aguiluz e Enrique Aguiluz. In: BERIAIN, Josetxo; AGUILUZ, Maya. (Edits.). **Las contradicciones culturales de la modernidad**. Barcelona: Anthropos Editorial, 2007, p. 404-451.

BAUMAN, Zygmunt; DONSKIS, Leonidas. **Ceguera moral: la pérdida de sensibilidad en la modernidad líquida**. Trad. Antonio F. R. Esteban. 3ª impr. Barcelona: Paidós, 2017.

BÉDARIDA, François. Le temps présent et l'historiographie contemporaine. **Vingtième Siècle, revue d'histoire**, Paris, n. 69, p. 153-160, jan./mar., 2001.

BENJAMIN, Andrew E. **Style and time: essays on the politics of appearance**. Evanston: Northwestern University Press, 2006.

BENJAMIN, Andrew E. Time, question, fold. **AA Files**, London, n. 26, p. 7-10, autumn, 1993.

BENJAMIN, Walter. **Cuadros de un pensamiento**. Trad. Susana Mayer. Buenos Aires: Ediciones Imago Mundi, 1992.

BERIAIN, Josetxo. Desaceleración social y elogio de la lentitud. **PH Cuadernos**, Sevilla, n. 29, p. 32-37, 2012.

BERIAIN, Josetxo. Las formas complejas del tiempo en la modernidad. **Acta Sociológica**, Los Angeles, n. 49, p. 71-99, may./ago., 2009.

BERIÁIN, Josetxo. El triunfo del tiempo (representaciones culturales de temporalidades sociales). **Política y Sociedad**, Madrid, v. 25, p. 101-118, 1997.

BERLINGUER, Enrico. **Democracia, valor universal**. Trad. Marco Mondaini. Brasília: Fundação Astrojildo Pereira, Rio de Janeiro: Contraponto, 2009.

BERLINGUER, Giovanni. **Bioética cotidiana**. Trad. Omar A. Salas. México, D.F.: Siglo XXI Editores, 2002.

BERNHARD, Thomas. **Andar**. Trad. Marcelo C. Correia. Santos: Editora Brasileira de Arte e Cultura, 2017.

BERRY, Thomas. **O sonho da terra**. Trad. Ephraim F. Alves. Petrópolis: Vozes, 1991.

BERSANI, Leo. **The culture of redemption**. Cambridge: Harvard University Press, 1990.

BIHR, Alain. A problemática da reprodução do capital em *O Capital*. Trad. Lúcio F. de Almeida e Renata Gonçalves. **Lutas Sociais**, São Paulo, n. 9/10, p. 1-11, 2003.

BIHR, Alain. Essai sur le concept de théorie sociale. **L'Homme et la société**, Paris, n. 45-46, p. 191-212, 1977.

BLOCH, Marc. Critique historique et critique du témoignage. **Annales. Economies, sociétés, civilisations**, Paris, 5^e année, n. 1, p. 1-8, 1950.

BLUMENBERG, Hans. **Descripción del ser humano**. Trad. Griselda Mársico. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2011.

BLUMENBERG, Hans. **La legitimación de la Edad Moderna**. Ed. cor. y aum. Trad. Pedro Madrigal. Valencia: Pre-Textos, 2008.

BODEI, Remo. **Destinos personales: la era de la colonización de las conciencias**. Trad. Sergio Sánchez. Buenos Aires: El cuenco de plata, 2006.

BODEI, Remo. **A filosofia do século XX**. Trad. Modesto Florenzano. Bauru: EDUSC, 2000.

BOLLIGER, Flavio. Brasil agropecuário: duas fotografias de um tempo que passou. In: BUAINAIN, Antônio M. *et al.* (Edit. técs.). **O mundo rural no Brasil do século 21: a formação de um novo padrão agrário e agrícola**. Brasília: Embrapa, 2014, p. 1049-1080.

BOMFIM, Paulo. Discurso de recepção de José de Souza Martins na Academia Paulista de Letras (em 3 de setembro de 2015). In: FREHSE, Fraya (Org.). **A sociologia enraizada de José de Souza Martins**. São Paulo: Com-Arte, 2018, p. 305-306.

BONNAUD, Robert. Robert Bonnaud, le porteur d'histoire. **Espaces Temps**, Lausanne, n. 53-54, p. 91-99, 1993.

BOOKCHIN, Murray. **Ecologia social e outros ensaios**. Trad. Antônio C. Franco et al. Rio de Janeiro: Achiamé, 2010.

BOOKCHIN, Murray. **Historia, civilización y progreso (esbozo para una crítica del relativismo moderno)**. Trad. Antonia R. Cabezas. Madrid: Nossa y Jara Editores, 1997.

BOOKCHIN, Murray. **Urbanization without cities: the rise and decline of citizenship**. Montréal/ New York: Black Rose Books, 1992.

BOURDIEU, Pierre. Campo intelectual e projeto criador. Trad. Rosa M. R. da Silva. In: POUILLON, Jean; BARBUT, Marc; GODELIER, Maurice; MACHEREY, Pierre BOURDIEU, Pierre; GREIMAS, Algirdas J.; EHRMANN. **Problemas do estruturalismo**. Rio de Janeiro: Zahar, 1968, p. 105-145.

BOURDIEU, Pierre; CHARTIER, Roger. **O sociólogo e o historiador**. Trad. Guilherme J. de F. Teixeira. 1ª reimpr. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.

BOURDIEU, Pierre; CHARTIER, Roger. Gente com história, gente sem história. Diálogo entre Pierre Bourdieu e Roger Chartier. Trad. Flávio M. Heinz. **História Unisinos**, São Leopoldo, v. 10, n. 1, p. 90-98, jan./abr., 2006.

BOURDIEU, Pierre; SAYAD, Abdelmalek. A dominação colonial e o saber cultural. Trad. Helena de F. M. Pinto, José M. Pinto e Virgílio B. Pereira. **Revista de Sociologia e Política**, Curitiba, 26, p. 41-60, jun., 2006.

BRADLEY, Arthur; FLETCHER, Paul. Introduction: the politics to come: a history of futurity. In: BRADLEY, Arthur; FLETCHER, Paul. (Edits.). **The politics to come: power, modernity and the messianic**. New York: Continuum, 2010, p. 1-11.

BRANDÃO, Ignácio de L. **Não verás país nenhum**. 23ª ed. rev. e atual. São Paulo: Global, 2000.

BRASIL, Luiz A. de A. A terra da permissão. **Veredas - Revista da Associação Internacional de Lusitanistas**, Porto Alegre, n. 5, p. 145-150, 2002.

BRAUDEL, Fernand. **Civilización material, economía y capitalismo, siglos XV-XVIII, tomo 1 - Las estructuras de lo cotidiano: lo posible y lo imposible**. Trad. Isabel P. Tovar. Madrid: Alianza Editorial, 1984.

BREGMAN, Rutger. **Humanidade: uma história otimista do homem**. Trad. Claudio Carina. São Paulo: Planeta, 2021.

BRESSER-PEREIRA, Luiz C. **A construção política do Brasil: sociedade, economia e Estado desde a independência**. 3ª ed. rev. e atual. São Paulo: Editora 34, 2016.

BRESSER-PEREIRA, Luiz C. **Macroeconomia da estagnação: crítica da ortodoxia convencional no Brasil pós-1994**. São Paulo: Editora 34, 2007.

BROSSE, Jacques. **As plantas e sua magia**. Trad. Pina Bastos. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1993.

BRUMER, Anita. Considerações sobre uma década de lutas sociais no campo no extremo sul do Brasil (1978-88). In: FERNANDES, Bernardo M.; MEDEIROS, Leonilde S. de; PAULILO, Maria I. (Orgs.). **Lutas camponesas contemporâneas: condições, dilemas e conquistas**, v. 2 - a diversidade das formas das lutas no campo. São Paulo: Editora UNESP; Brasília: Núcleo de Estudos Agrários e Desenvolvimento Rural, 2009, p. 33-52.

BRUNET, Roger. Espace, perception et comportement. **Espace géographique**, Paris, t. 3, n. 3, p. 189-204, 1974.

BRUNNER, José J. ¿Existe o no la modernidad en América Latina? In: CALDERÓN, Fernando. (Comp.). **Imágenes desconocidas: la modernidad en la encrucijada postmoderna**. Buenos Aires: CLACSO, 2017, p. 193-203.

BRYANT, Rebecca. On the condition of postcoloniality in Cyprus. In: PAPADAKIS, Yiannis; PERISTIANIS, Nicos; WELZ, Gisela. (Edits.). **Divided cyprus: modernity, history, and an island in conflict**. Bloomington: Indiana University Press, 2006, p. 47-65.

BUAINAIN, Antônio M.; ALVES, Eliseu R. de A.; SILVEIRA, José M. da.; NAVARRO, Zander S. de. (Eds. técs.). **O mundo rural no Brasil do século 21. A formação de um novo padrão agrário e agrícola**. Brasília: Embrapa, 2014.

BUAINAIN, Antônio M.; GARCIA, Junior R.; VIEIRA FILHO, José E. R. A economia agropecuária do Matopiba. **Estudos, Sociedade e Agricultura**, Rio de Janeiro, v. 26, n. 2, p. 376-401, jun./set., 2018.

BUARQUE, Cristovam. **Desafios à humanidade em perguntas**. 2ª ed. Brasília: Senado Federal; Gabinete do Senador Cristovam Buarque, 2017.

BUARQUE, Cristovam. **Mediterrâneos invisíveis: os muros que excluem pobres e aprisionam ricos**. São Paulo: Paz e Terra, 2016.

BUCCI, Eugênio. **A superindústria do imaginário: como o capital transformou o olhar em trabalho e se apropriou de tudo que é visível**. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2021.

BUCCI, Eugênio. **A forma bruta dos protestos: das manifestações de junho de 2013 à queda de Dilma Rousseff em 2016**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

BUCK-MORSS, Susan. **The dialectics of seeing: Walter Benjamin and the arcades project**. Cambridge: The MIT Press, 1989.

BUNZL, Matti. **Symptoms of modernity: jews and queers in late-twentieth-century Vienna**. Berkeley: University of California Press, 2004.

BURKE, Peter. O polímata: a história cultural e social de um tipo intelectual. Trad. Ezequiel T. da Silva. **Leitura: Teoria & Prática**, Campinas, v. 29, n. 56, p. 4-10, 2011.

BURKE, Peter. **Sociologia e história**. Trad. Fátima Martins. 2ª ed. Porto: Edições Afrontamento, 1980.

BUSINO, Giovanni. Sciences sociales et histoire. **Revue européenne des sciences sociales, Genève**, t. 41, n. 127, p. 119-171, 2003.

BUTLER, Tim; WATT, Paul. **Understanding social inequality**. London: SAGE Publications, 2007.

BUTTNER, Anne. Geography, humanism, and global concern. **Annals of the Association of American Geographers**, London, n. 80, v. 1, p. 1-33, 1990.

CALDERÓN, Fernando. Identidad y tiempos mixtos o cómo pensar la modernidad sin dejar de ser boliviano. In: CALDERÓN, Fernando. (Comp.). **Imágenes desconocidas: la modernidad en la encrucijada postmoderna**. Buenos Aires: CLACSO, 2017, p. 465-475.

CALINESCU, Matei. **Five faces of modernity: modernism, avant-garde, decadence, kitsch, postmodernism**. Durham: Duke University Press, 1987.

CALMON, Pedro. **História social do Brasil 3º tomo: a época republicana**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1939.

CALVEZ, Jean-Yves. **La enseñanza social de la iglesia: la economía, el hombre, la sociedad**. Trad. Marciano V. Salas. Barcelona: Editorial Herder, 1991.

CÂMARA, Emmanuel F. S. **Dom Pedro II e a psicologia da identidade brasileira**. Brasília: Editora Centro-Hinterlândia, 2013.

CAMUS, Albert. **O homem revoltado**. Trad. Valerie Rumjanek. 9ª ed. Rio de Janeiro: Editora Record, 2011.

CANCLINI, Néstor G. **Culturas híbridas: estrategias para entrar y salir de la modernidad**. México, D.F.: Editorial Grijalbo, 1990.

CANDIDO, Antonio. **Formação da literatura brasileira: momentos decisivos**. 6. ed. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 2000.

CANETTI, Elias. **O jogo dos olhos: história de uma vida 1931-1937**. Trad. Sergio Tellaroli. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

CRAPANZANO, Vincent. Horizontes imaginativos e o aquém e além. Trad. André P. Pacheco. **Revista de Antropologia**, São Paulo, v. 48, n. 1, p. 363-384, 2005.

CARDOSO, Ana C. M. **Tempos de trabalho, tempos de não trabalho: vivências cotidianas de trabalhadores**. São Paulo: USP, 2007. (Tese de Doutorado em Sociologia).

CARDOSO, Fernando H.; IANNI, Octavio. Introdução. In: CARDOSO, Fernando H.; IANNI, Octavio. (Orgs.). **Homem e sociedade: leituras básicas de sociologia geral**. 2ª ed. rev. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1965, p. 1-22.

CARRERI, Marcio L. Oswald de Andrade e as experiências de modernidade em São Paulo: identidade, sociabilidade e política. **Vozes, Pretérito & Devir**, Teresina, ano II, v. III, n. 1, p. 150-171, 2014.

CARRERI, Marcio L. **O socialismo de Oswald de Andrade: cultura, política e tensões na modernidade de São Paulo na década de 1930**. São Paulo: PUC-SP, 2015 (Tese de Doutorado em História).

CARVALHO, Gilmar de. Migrações, narrativas e sertão (o caso do cordel). **Revista de Ciências Sociais**, Fortaleza, v. 38, n. 1, p. 14-18, 2007.

CARVALHO, Gilmar de. Cordel, cordão, coração. **Revista do GELNE**, Natal, v. 4, n. 1/2, p. 285-292, 2002.

CARVALHO, José M. de. **Pecado original da república: debates, personagens e eventos para compreender o Brasil**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2017.

CARVALHO, José M. de. **Pontos e bordados: escritos de história e de política**. 2ª reimpr. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.

CARVALHO, José M. de. **Os bestializados: o Rio de Janeiro e a República que não foi.** 3ª ed., 13ª reimp. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

CARVALHO, José M. de. O historiador às vésperas do terceiro milênio. **Phoênix**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 1, p. 9-22, 1997.

CASAL, Adolfo Y. O valor dos homens e das coisas. **Caderno de Estudos Africanos**, Lisboa, v. 1, p. 1-22, dez., 2001.

CASASSAS, David; WAGNER, Peter. Modernity and capitalism: conceptual retrieval and comparative-historical analyses. **European Journal of Social Theory**, Thousand Oaks, v. 19, i. 2, p. 159-171, may, 2016.

CASCARDI, Anthony J. **Cervantes, la literatura y el discurso de la política.** Trad. Cristina A. de M. Mercado. Granada: Editorial Universidad de Granada, 2018.

CASCARDI, Anthony J. **The subject of modernity.** Cambridge: Cambridge University Press, 2000.

CASEY, James. **Early modern Spain: a social history.** London: Routledge, 2002.

CASTANHO, Sérgio. O Império e as correntes do mar histórico. In: LOMBARDI, José C.; SAVIANI, Demerval. (Orgs.). **Navegando pela história da educação brasileira: 20 anos de HISTEDBR.** Campinas: Autores Associados, 2009, p.113-142.

CASTEL, Robert. **As metamorfoses da questão social: uma crônica do salário.** Trad. Iraci D. Poleti. Petrópolis: Editora Vozes, 1998.

CASTORIADIS, Cornelius. **A instituição imaginária da sociedade.** Trad. Guy Reynaud. 5ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001.

CASTORIADIS, Cornelius. Le délabrement de l'Occident (propos recueillis par Olivier Mongin, Joël Roman and Ramin Jahanbegloo). **Esprit**, Paris, n. 177, v. 12, p. 36-54, déc., 1991.

CASTRO, Vanessa R. Representaciones sociales de las TIC's en la juventud rural de Paine. In: ARACENA, Roberto H; ORELLANA, Luis P. (Edits.). **La**

ruralidad chilena actual: aproximaciones desde la antropología. Santiago: CoLibris, 2010, p. 233-252.

CASULLO, Nicolás. La modernidad como destierro: la iluminación de los bordes. In: CALDERÓN, Fernando. (Comp.). **Imágenes desconocidas:** la modernidad en la encrucijada postmoderna. Buenos Aires: CLACSO, 2017, p. 59-71.

CATROGA, Fernando. **Os passos do homem como restolho do tempo:** memória e fim da história. Coimbra: Edições Almedina, 2009.

CÉSAR, Martim. **Sobre amores e outras utopias.** Porto Alegre: Pacartes, 2013.

CHARDIN, Pierre T. de. **O fenómeno humano.** Trad. León Bourdon e José Terra. 3ª ed. Porto: Livraria Tavares Martins, 1970.

CHARLE, Christophe. Nascimento dos intelectuais contemporâneos (1860-1898). Trad. Maria H. C. Bastos. **História da Educação**, Pelotas, n. 14, p. 141-156, set./2003.

CHARTIER, Roger. **El mundo como representación:** estudios sobre historia cultural. Trad. Claudia Ferrari. Barcelona: Editorial Gedisa, 1992.

CHAVES, Rita. O passado presente na literatura africana. **Via Atlântica**, São Paulo, n. 7, p. 147-161, 2004.

CICOUREL, Aaron V. Procedimientos interpretativos y reglas normativas en la negociación del "status" y rol. Trad. Emilio L. de Espinosa e B. Saravia. **Revista Española de Investigaciones Sociológicas: Reis**, Madrid, n. 19, p. 73-104, jul./sep., 1982a.

CICOUREL, Aaron V. **El método y la medida en sociología.** Trad. Eloy F. Herrero. Madrid: Editora Nacional, 1982.

CIMADAMORE, Alberto D. Ciências sociais e pobreza: a busca de um enfoque integrado. In: NOLETO, Marlova J.; WERTHEIN Jorge. (Orgs.). **Pobreza e desigualdade no Brasil:** traçando caminhos para a inclusão social. Brasília: UNESCO, 2003, p. 231-239.

CLASTRES, Pierre. **A sociedade contra o Estado**: pesquisas de antropologia política. Trad. Theo Santiago. 2ª reimpr. São Paulo: Cosac Naify, 2008.

CLAVAL, Paul. **A geografia cultural**. Trad. Luíz F. Pimenta e Margareth de C. A. Pimenta. 3ª ed. Florianópolis: Editora da UFSC, 2007.

CLAVAL, Paul. O território na transição da pós-modernidade. Trad. Inah V. Lontra, Márcio de Oliveira e Rogério Haesbaer. **GEOgraphia**, Niterói, ano 1, n. 2, p. 7-26, 1999.

CLEGG, Stewart R. Max Weber and contemporary sociology of organizations. In: RAY, Larry J.; REED, Michael. (Edits.). **Organizing modernity**: new weberian perspectives on work, organization and society. London: Routledge, 1994, p. 46-80.

CLEMENTE, Marcos E. de A. **O cangaço**: poder e cultura no tempo de Lampião. Recife: Fundação Joaquim Nabuco/ Editora Massangana, 2015.

COCCIA, Emanuele. **A vida das plantas**: uma metafísica da mistura. Trad. Fernando Scheibe. Florianópolis: Cultura e Barbárie, 2018.

COMERFORD, John. "Como uma família": sindicatos de trabalhadores rurais na Zona da Mata de Minas Gerais, 1984-2000. In: FERNANDES, Bernardo M.; MEDEIROS, Leonilde S. de; PAULILO, Maria I. (Orgs.). **Lutas camponesas contemporâneas**: condições, dilemas e conquistas, v. 1 - o campesinato como sujeito político nas décadas de 1950 a 1980. São Paulo: Editora UNESP; Brasília: Núcleo de Estudos Agrários e Desenvolvimento Rural, 2009, p. 307-324.

COMPARATO, Fábio K. **A oligarquia brasileira**: visão histórica. 1ª reimpr. São Paulo: Contracorrente, 2018.

COMPARATO, Fábio K. **A civilização capitalista**: para compreender o mundo em que vivemos. 2ª ed. rev. e aum. São Paulo: Editora Saraiva, 2014.

CONDE, Gustavo G. El fetiche de la mercancía y la semiosis capitalista. In: MENDOZA, Carlos O.; GAXIOLA, Andrea T. (Comp.). **El Capital**: ensayos críticos. México, D.F.: Universidad Nacional Autónoma de México/ Editorial Itaca, 2019, p. 81-103.

CONNERTON, Paul. **How modernity forgets**. Cambridge: Cambridge University Press, 2009.

COOPER, Frederick. ¿Qué tienen de moderno los imperios modernos? S./trad. In: CHARTIER, Roger; FEROS, Antonio. (Dir.). **Europa, América y el mundo: tiempos históricos**. Madrid: Marcial Pons, 2006, p. 311-342.

CORFIELD, Penelope J. **Time and the shape of history**. New Haven: Yale University Press, 2007.

COSTA, Ives L. S. A história da cultura popular em Ginzburg e Thompson: uma análise das obras *O queijo e os vermes* e *Costumes em comum*. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 2, n. 1, p. 9-25, 2020.

COSTA, Jurandir F. **Ordem médica e ordem familiar**. 2ª ed. Rio de Janeiro, Graal, 1983.

COUCEIRO, Maria do L. P. de P. **Processos de autoformação: uma produção singular de si-próprio**. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa, 1992 (Dissertação de Mestrado em Ciências de Educação).

CRUZ, Manuel. **Las malas pasadas del pasado: identidad, responsabilidad, historia**. Barcelona: Editorial Anagrama, 2005.

CUDD, Ann E. **Analyzing oppression**. Oxford: Oxford University Press, 2006.

CUNHA, Euclides da. **À margem da história**. Rio de Janeiro: ABL, 2005.

CUNHA, Rodrigo S. **O essencial sobre ritmanálise**. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2010.

CURTIN, Philip D. Tendências recentes das pesquisas históricas africanas e contribuição à história em geral. In: KI-ZERBO, Joseph. (Edit.). **História geral da África I: metodologia e pré-história da África**. S./trad. 2 ed. rev. Brasília: UNESCO/ Ministério da Educação; São Carlos: UFSCar, 2010, p. 37-58.

DAMASIO, Antonio. **En busca de Spinoza: neurobiología de la emoción y los sentimientos**. Trad. Joandomenec Ros. 6ª impr. Barcelona: Crítica, 2009.

D'ARAUJO, Maria C. **Getúlio Vargas: ensaio biográfico e perfil parlamentar**. 2ª ed. Brasília: Câmara dos Deputados; Edições Câmara, 2017.

DARRIEUSSECQ, Marie. A mulher que virou leitoa (entrevista a Maria I. M. Barreto). In: **Folha de São Paulo**, São Paulo, s./p., 16 de março de 1997. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1997/3/16/mais!/39.html>>. Acesso em 04/02/2019.

DAVIS, Angela. **Una historia de la conciencia**: ensayos escogidos. Trad. Inga Pellisa. Madrid: Ediciones del Oriente y el Mediterráneo, 2016.

DEL BARCO, Oscar. **El otro Marx**. Culiacán: Universidad Autónoma de Sinaloa, 1983.

DELENTE, Éliane; RENAULT, Richard. Outils et métrique: un tour d'horizon. **Langages**, Paris, n. 199, p. 5-22, sep., 2015.

DELEUZE, Gilles. **Foucault**. 5ª reimpr. Trad. Claudia S. Martins. São Paulo: Brasiliense, 2005.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O anti-Édipo**: capitalismo e esquizofrenia. Trad. Luiz B. L. Orlandi. São Paulo: Editora 34, 2010.

DELUERMOZ, Quentin. Les formes incertaines du temps: Une histoire des historicités est-elle possible? **Vingtième Siècle. Revue d'histoire**, Paris, n. 117, p. 3-11, jan./mar., 2013.

DEMO, Pedro. **Pós-sociologia - para desconstruir e reconstruir a sociologia**. Brasília: Universa, 2009.

DEMO, Pedro. **Pobreza da pobreza**. Petrópolis: Vozes, 2003.

DIAS, Maria J. Uma geografia de rosto humano. **CEM - Cultura, Espaço & Memória**, Porto, n. 11, p. 183-198, 2020.

DOMINGUES, Álvaro. (Sub)úrbios e (sub)urbanos – o mal estar da periferia ou a mistificação dos conceitos? **Revista da Faculdade de Letras - Geografia**, Porto, I série, v. X/XI, p. 5-18, 1994/1995.

DOMINGUES, José M. **Modernidade global e civilização contemporânea**: para uma renovação da teoria crítica. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

DONSKIS, Leonidas. **Modernity in crisis**: a dialogue on the culture of belonging. New York: Palgrave Macmillan, 2011.

DORATIOTO, Francisco. **O Brasil no Rio da Prata (1822-1994)**. 2^a ed. Brasília: FUNAG, 2014.

DORLING, Daniel. **Injustice: why social inequality persists**. Bristol: The Policy Press, 2010.

DOSSE, François. **El arte de la biografía: entre historia y ficción**. S./Trad. México, D.F.: Universidad Iberoamericana, 2007.

DOSSE, François. De l'usage raisonné de l'anachronisme. **Espaces Temps**, Lausanne, n. 87-88, p. 156-171, 2005.

DOSSE, François. **A história**. Trad. Maria E. O. Assumpção. Bauru: EDUSC, 2003.

DOSSE, François. L'art du détournement. Michel de Certeau entre stratégies et tactiques. **Esprit**, Paris, n. 283 (3/4), p. 206-222, mar./-avri., 2002.

DOUZINAS, Costas. As muitas faces do humanitarismo. Trad. Carolina A. Vestena e Helena F. Matos. **Direito & Práxis**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 11, p. 375-424, 2015.

DRAÏ, Raphaël. Murs politiques, murs mentaux. **Cités**, Paris, n. 31, p. 21-33, 2007.

DROIT, Emmanuel; REICHERZER, Franz. La fin de l'histoire du temps présent telle que nous l'avons connue: plaidoyer franco-allemand pour l'abandon d'une singularité historiographique. **Vingtième Siècle. Revue d'histoire**, Paris, n. 118, v. 2, p. 121-145, 2013.

DROULERS, Martine. Frontières au Brésil, changement de sens (Frontiers in Brazil, new orientations). **Bulletin de l'Association de géographes français**, Paris, 76e année, n. 3, p. 250-259, sep., 1999.

DRUCKER, Peter F. **La sociedad postcapitalista**. Trad. Jorge C. Nannetti. Bogotá: Grupo Editorial Norma, 1994.

DURAND, Emmanuel. Note sur la théologie de l'histoire. **Revue des Sciences philosophiques et théologiques**, Paris, v. 98, n. 2, p. 353-379, avr./jui., 2014.

DURAND, Gilbert. **Mitos y sociedades:** introducción a la mitología. Trad. Sylvie Nante. Buenos Aires: Editorial Biblos, 2003.

DURAND, Gilbert. **Ciencia del hombre y tradición:** el nuevo espíritu antropológico. Trad. Agustín López e María Tabuyo. Barcelona: Ediciones Paidós, 1999.

DURANT, Will. **Heróis da história:** uma breve história da civilização da Antiguidade ao alvorecer da Era Moderna. Trad. Laura Alves e Aurélio B. Rebello. Porto Alegre: L&PM, 2012.

DURANT, Will. **The history of civilization part VI:** the reformation. A history of european civilization from Wyclif to Calvin: 1300-1564. New York: Simon and Schuster, 1957.

DURANT, Will. **The mansions of philosophy:** a survey of human life and destiny. Garden City, New York: Garden City Publishing Co., 1929.

DURANT, Will; DURANT, Ariel. **12 lições da história.** Trad. Mario Bresighello. Barueri: Faro Editorial, 2018.

DUSILEK, Sérgio R. G. **A contribuição de Erich Auerbach para a recepção bíblica na modernidade.** Juiz de Fora: UFJF, 2015. (Dissertação de Mestrado em Ciência da Religião).

DUSSEL, Enrique. **El encubrimiento del outro:** Hacia el origen del mito de la modernidad. 3ª ed. Quito: Ediciones Abya-Yala, 1994.

ECHEVERRÍA, Bolívar. **Crítica de la modernidad capitalista.** Trad. Mariela Padilla. La Paz: Vicepresidencia del Estado Plurinacional de Bolivia, 2011.

ECHEVERRÍA, Bolívar. **¿Qué es la modernidad?** México, D.F.: Universidad Nacional Autónoma de México, 2009.

ECHEVERRÍA, Bolívar. **La modernidad de lo barroco.** 2ª ed. México, D.F.: Ediciones Era, 2000.

ECO, Umberto. **Cinco escritos morais.** Trad. Eliana Aguiar. 6ª ed. Rio de Janeiro: Editora Record, 2002.

ECO, Umberto. **Seis paseos por los bosques narrativos. Harvard University, Norton lectures 1992-1993.** Trad. Helena Lozano Miralles. Barcelona: Editorial Lumen, 1996.

EDWARDS, Clive; PONSONBY, Margaret. The polarization of the second-hand market for furniture in the nineteenth century. In: STOBART, Jon; DAMME, Ilja van. (Edits.). **Modernity and the second-hand trade: european consumption cultures and practices, 1700-1900.** New York: Palgrave Macmillan, 2010, p. 93-110.

EIRE, Carlos. **Uma breve história da eternidade.** Trad. Rogério Bettoni. São Paulo: Três Estrelas, 2013.

EISENSTADT, Shmuel N. La dimensión civilizadora de la modernidad. La modernidad como una forma concreta de civilización. Trad. Antonio Elena. In: BERIAIN, Josetxo; AGUILUZ, Maya. (Edits.). **Las contradicciones culturales de la modernidad.** Barcelona: Anthropos Editorial, 2007, p. 260-286.

ENGLE, Lars. *Measure for measure* and modernity: The problem of the sceptic's authority. In: GRADY, Hugh. (Edit.). **Shakespeare and modernity: early modern to millennium.** London: Routledge, 2010, p. 85-104.

ESPINOSA, Emilio L. de. El "momento" analítico. Poniendo bridas al pensamiento desbocado. **Revista Internacional de Sociología - RIS,** Córdoba, v. 67, n. 2, p. 476-479, may./ago., 476-479, 2009.

ESPOSITO, Roberto. **Tercera persona. Política de la vida y filosofía de lo impersonal.** Trad. Cario R. M. Marotto. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 2009.

ESPOSITO, Roberto. **Categorías de lo impolítico.** Trad. Roberto Raschella. Buenos Aires: Katz Editores, 2006.

ESPOSITO, Roberto. **Communitas: origen y destino de la comunidad.** Trad. Carlo R. M. Marotto. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 2003.

ESPOSITO, Roberto. **Confines de lo político: nueve pensamientos sobre política.** Trad. Pedro L. L. de Guevara. Madrid: Editorial Trotta, 1996.

ESTIVILL, Jordi. **Concepts and strategies for combating social exclusion:** an overview. Geneva: International Labour Organization, 2003.

EZORSKY, Gertrude. **Racism and justice:** the case for affirmative action. Ithaca: Cornell University Press, 1991.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas.** Trad. Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

FAORO, Raymundo. **Os donos do poder:** formação do patronato político brasileiro. 3ª ed. rev. São Paulo: Editora Globo, 2001.

FARGE, Arlette. **Lugares para a história.** Trad. Fernando Scheibe. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.

FASCIOLO, Marco. Des métaphores de la vie quotidienne à l'ontologie de la vie quotidienne. **Langu Française**, Paris, n. 189, p. 49-65, mar., 2016.

FASSIN, Didier. Uma ciência social crítica para pensar o mundo – entrevista. In: **Didier Fassin:** entrevistado por Debora Diniz. Trad. Debora Diniz. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2016, p. 31-64.

FASSIN, Didier. **Humanitarian reason:** a moral history of the present. Trad. Rachel Gomme. Berkeley: University of California Press, 2012.

FASSIN, Didier. El hombre sin derechos. Una figura antropológica de la globalización. **Maguaré**, Bogotá, v. 14, p. 179-190, 1999.

FAUSTO, Boris. **História concisa do Brasil** (com a colab. De Sérgio Fausto). 3. ed. atual. e ampl., 1. reimpr. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2018.

FAVIERI, Francisco. **Lidiar com la precaridad:** experiencias y estrategias alternativas. El caso de jóvenes trabajadores del comercio minorista del Gran San Juan. Buenos Aires: Estudios Sociológicos Editora, 2021.

FELTRAN, Gabriel de S. O valor dos pobres: a aposta no dinheiro como mediação para o conflito social contemporâneo. **Caderno CRH**, Salvador, v. 27, n. 72, p. 495-512, set./dez., 2014.

FENOGLIO, Irène. Une photo, deux textes, trois manuscrits. L'archivage linguistique d'un geste d'écriture identifiant. **Langages**, Paris, n. 147, p. 56-69, sep., 2002.

FERES JÚNIOR, João. Para uma história conceitual crítica do Brasil: recebendo a Begriffsgeschichte. In: FERES JÚNIOR, João; JASMIN, Marcelo. (Orgs.). **História dos conceitos: diálogos transatlânticos**. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio/ IUPERJ, São Paulo: Edições Loyola, 2007, p. 109-117.

FERGUSON, Harvie. **Melancholy and the critique of modernity: Søren Kierkegaard's religious psychology**. London: Routledge, 1995.

FERNANDES, Bernardo M.; MEDEIROS, Leonilde S. de; PAULILO, Maria I. (Orgs.). **Lutas camponesas contemporâneas: condições, dilemas e conquistas, v. 2 - a diversidade das formas das lutas no campo**. São Paulo: Editora UNESP; Brasília: Núcleo de Estudos Agrários e Desenvolvimento Rural, 2009a.

FERNANDES, Bernardo M.; MEDEIROS, Leonilde S. de; PAULILO, Maria I. (Orgs.). **Lutas camponesas contemporâneas: condições, dilemas e conquistas, v. 1 - o campesinato como sujeito político nas décadas de 1950 a 1980**. São Paulo: Editora UNESP; Brasília: Núcleo de Estudos Agrários e Desenvolvimento Rural, 2009.

FERNANDES, Florestan. A sociologia como afirmação. **Revista Brasileira de Sociologia**, Porto Alegre, v. 09, n. 21, p. 262-290, jan./abr., 2021.

FERNANDES, Florestan. Florestan Fernandes (1920-1996) entrevista a José Albertino Rodrigues. In: CARVALHO, Vera M. de; COSTA, Vera R. da. (Coords.). **Cientistas do Brasil: depoimentos**. São Paulo: SPBC, 1998, p. 65-74.

FERNANDES, Florestan. **Fundamentos empíricos da explicação sociológica**. 2ª ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1967.

FERREIRA, Marco A. G. **A presunção da inocência e a construção da verdade: contrastes e confrontos em perspectiva comparada (Brasil e Canadá)**. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2013.

FERRERAS, Norberto O.; BRUCE, Mariana. América Latina – modernidades alternativas. In: AZEVEDO, Cecília da S. (Coord.). **Outras modernidades: nuestra América e EUA: textos e propostas**, v. 1. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009, p. 133-141.

FICO, Carlos; POLITO, Ronald. **A história do Brasil (1980-1989): elementos para uma avaliação historiográfica**. Ouro Preto: UFOP, 1992.

FINKIELKRAUT, Alain. **Nosotros, los modernos: cuatro lecciones**. Trad. Miguel Montes. Madrid: Ediciones Encuentro, 2006.

FISCHER, Stanley. Globalization and its challenges. **The American Economic Review**, Nashville, v. 93, n. 2, p. 1-30, may., 2003.

FLAHAULT, François. De la vie en société à la vie dans la culture. Le rôle de l'attention conjointe et l'émergence de réalités autoréférentielles. **L'Homme: Revue française d'anthropologie**, Paris, n. 214, p. 107-124, 2015.

FLEMING, Marie. **Emancipation and illusion: rationality and gender in Habermas's theory of modernity**. University Park: The Pennsylvania State University Press, 1997.

FLORENTINO, Manolo. História, sentido e totalidade. **Novos Estudos CEBRAP**, São Paulo, n. 91, p. 195-198, nov. 2011.

FONTANA, Josep. Eric Hobsbawm: el historiador como intérprete del presente. **Ayer - Revista de Historia Contemporánea**, Madrid, n. 93, v. 1, p. 241-250, 2014.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Trad. Roberto Machado. 13ª ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1998.

FOUCAULT, Michel. Preface. In: DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **The Anti-Oedipus. Capitalism and schizophrenia**. Trad. Robert Hurley, Mark Seem e Helen R. Lane. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1983.

FOURCAUT, Annie. De la classe au territoire ou du social à l'urbain. **Le Mouvement social**, Paris, n. 200, p. 170-176, jui./sep., 2002.

FRAGOSO, João; FLORENTINO, Manolo. **O arcaísmo como projeto:** mercado atlântico, sociedade agrária e elite mercantil em uma economia colonial tardia: Rio de Janeiro, c.1790-c.1840. 4ª ed., rev. e ampl. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

FRANCK, Robert. Une histoire problématique, une histoire du temps présent. **Vingtième Siècle, revue d'histoire**, Paris, n. 71, p. 79-90, jui./sep., 2001.

FRASER, Nancy. Por trás do laboratório secreto de Marx: por uma concepção expandida do capitalismo. Trad. Mayra Cotta e Miguel Patriota. **Direito & Práxis**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 10, p. 704-728, 2015.

FREDERICO, Celso. **O jovem Marx:** 1843-1844 as origens da ontologia do ser social. 2ª ed. São Paulo: Expressão Popular, 2009.

FREHSE, Fraya. Uma *Festschrift* sociológica enraizada (introdução). In: FREHSE, Fraya (Org.). **A sociologia enraizada de José de Souza Martins**. São Paulo: Com-Arte, 2018, p. 13-18.

FRISBY, David. **Fragments of modernity:** theories of modernity in the work of Simmel, Kracauer and Benjamin. Cambridge: The MIT Press, 1986.

FURTADO, Celso. **O mito do desenvolvimento econômico**. São Paulo: Círculo do Livro, s./d.

GAGNEBIN, Jeanne M. Comentário filológico e crítica materialista. **Trans/Form/Ação**, Marília, v. 34, edição especial 2, p. 137-154, 2011.

GAGNEBIN, Jeanne M. **Lembrar, escrever, esquecer**. São Paulo: Editora 34, 2006.

GALINDO, Jorge. La teoría sistémica de la sociedad de Niklas Luhmann: alcances y límites. In: LUHMANN, Niklas. **La sociedad de la sociedad**. Trad. Javier T. Nafarrate. México, D.F.: Editorial Herder/ Universidad Iberoamericana, 2006, p. XXIII-XLV.

GAMBINI, Roberto. **O espelho índio:** os jesuítas e a destruição da alma indígena. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, 1988.

GARAVAGLIA, Juan C. Las relaciones entre el medio y las sociedades humanas en su perspectiva histórica. **Anuario del IEHS**, Tandil, n. VII, p. 411-57, 1992.

GARCIA, Loreley. A experiência de ser aluna de Martins, ou a reprodução ampliada da sociologia. **Política & Trabalho**, João Pessoa, n. 39, p. 91-93, out., 2013.

GEFFRAY, Christian. État, richesse et criminels. In: GUILLAUD, Yann; LÉTANG, Frédéric. (Dir.). **Du social hors la loi: l'anthropologie analytique de Christian Geffray**. Marseille: IRD, 2009, p. 243-270.

GEREMEK, Bronislaw. **Os filhos de Caim: vagabundos e miseráveis na literatura europeia 1400-1700**. Trad. Henryk Siewierski. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

GIDDENS, Anthony. **Mundo em descontrole**. Trad. Maria L. X. de A. Borges. 6ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2007.

GIDDENS, Anthony. **Modernidade e identidade**. Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.

GIDDENS, Anthony. **The consequences of modernity**. 6ª repr. Cambridge: Polity Press, 1996.

GIDDENS, Anthony. Fuera del mecanicismo: E. P. Thompson sobre conciencia e historia. Trad. José Carazo. **Historia Social**, Valencia, n. 18, p. 153-170, inv., 1994a.

GIDDENS, Anthony. Marx, Weber e o desenvolvimento do capitalismo. Trad. René E. Gertz. In: GERTZ, René E. (Org.). **Max Weber e Karl Marx**. São Paulo: Editora Hucitec, 1994, p. 120-145.

GIDDENS, Anthony. **A contemporary critique of historical materialism. Vol. 1: power, property and the state**. Berkeley: University of California Press, 1981.

GIL, Emilio M. El historiador ante el pasado vasco (no tan) reciente. **Segle XX: Revista catalana d'història**, Barcelona, n. 13, p. 283-296, 2020.

GIL, Fernando C. A duplicidade do romance rural do século XIX. In: SALES, Germana; SOUZA, Roberto A. de. (Orgs.). **Literatura brasileira: região, nação, globalização**. Campinas: Pontes Editores, 2013, p. 87-105.

GILROY, Paul. **The black Atlantic: modernity and double consciousness**. London: Verso, 1993.

GIMPEL, Denise. **Lost voices of modernity: a chinese popular fiction magazine in context**. Honolulu: University of Hawai'i Press, 2002.

GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela inquisição**. Trad. Maria B. Amoroso e José P. Paes. 2ª reimpr. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

GIRARD, René. **Los orígenes de la cultura: conversaciones con Pierpaolo Antonello y João Cezar de Castro Rocha**. Trad. José L. S. M. de Pablos. Madrid: Editorial Trotta, 2006.

GIRARD, René. **Mentira romántica y verdad novelesca**. Trad. Joaquín Jordá. Barcelona: Editorial Anagrama, 1985.

GLASSIE, Henry. Tradition. **The Journal of American Folklore**, Bloomington, v. 108, n. 430, p. 395-412, autumn, 1995.

GOFFMAN, Erving. **Ritual de interação: ensaios sobre o comportamento face a face**. Trad. Fábio R. R. da Silva. Petrópolis: Vozes, 2011.

GOFFMAN, Erving. **Los marcos de la experiencia**. Trad. José L. Rodríguez. Madrid: Centro de Investigaciones Sociológicas/ Siglo XXI de España Editores, 2006.

GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. Trad. Maria C. S. Raposo. 10ª ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

GOFFMAN, Erving. **Forms of talk**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1981.

GOFFMAN, Erving. **Relaciones en público: microestudios del orden público**. Trad. Fernando S. Fontenla. Madrid: Alianza Editorial, 1979.

GOLDBERG, David T. Modernity, race, and morality. **Cultural Critique**, Minneapolis, n. 24, p. 193-227, spring, 1993.

GOMES, Angela de C. Um presidente, dois palácios, muitos dias: introdução. In: GOMES, Angela de C. (Org.). **Getúlio escreve a Lourival: os bilhetes à Casa Civil da Presidência da República (1951 e 1954)**. Aracaju: Edise, 2015, p. 19-38.

GOMES, David F. L. **A Constituição de 1824 e o problema da modernidade: o conceito moderno de constituição, a história constitucional brasileira e a teoria da constituição no Brasil**. Belo Horizonte: UFMG, 2016 (Tese de Doutorado em Direito).

GOMES, David F. L. **“Houve mão mais poderosa”?: a independência do Brasil como momento de passagem à modernidade**. Belo Horizonte: UFMG, 2011 (Dissertação de Mestrado em Direito).

GONÇALVES, José R. S. Culturas populares: patrimônio e autenticidade. In: BOTELHO, André; SCHWARCZ, Lília M. (Orgs.). **Agenda brasileira: temas de uma sociedade em mudança**. 2ª reimpr. São Paulo: Companhia das Letras, 2019, p. 134-141.

GONÇALVES, Rafael S.; AMOROSO, Mauro; BRUM, Mario. Serviço Social, habitação e direito à cidade: favelas, periferias, subúrbios e assentamentos informais. **Revista Libertas**, Juiz de Fora, v. 15, n. 2, p. 1-4, ago./dez., 2015.

GOODY, Jack. **Renascimentos: um ou muitos?** Trad. Magda Lopes. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

GOODY, Jack. **Capitalism and modernity: the great debate**. Cambridge: Polity Press, 2004.

GOODY, Jack. **La familia europea: ensayo histórico-antropológico**. Trad. Antonio Desmots. Barcelona: Editorial Crítica, 2001.

GOULDNER, Alvin W. **Los dos marxismos: contradicciones y anomalías en el desarrollo de la teoría**. Trad. Néstor A. Míguez. Madrid: Alianza Editorial, 1983.

GOULDNER, Alvin W. **El futuro de los intelectuales y el ascenso de la nueva clase: un marco de referencia, tesis, conjeturas, argumentos y una**

perspectiva histórica sobre el papel de los intelectuales y la intelligentsia en la lucha de clases internacional de la Era Moderna. Trad. Néstor A. Míguez. Madrid: Alianza Editorial, 1980.

GRADY, Hugh. Introduction: Shakespeare and modernity. In: GRADY, Hugh. (Edit.). **Shakespeare and modernity: early modern to millennium**. London: Routledge, 2010, p. 1-19.

GRAFTON, Anthony. La historia de las ideas: preceptos y prácticas, 1950-2000 y más allá. Trad. Leonel Livchits. **Prismas, Revista de historia intelectual**, Buenos Aires, nº 11, p. 123-148, 2007.

GRAMSCI, Antonio. **Odio a los indiferentes**. Trad. Cristina Marés. Barcelona: Editorial Ariel, 2017.

GRAMSCI, Antonio. **Os intelectuais e a organização da cultura**. Trad. Carlos N. Coutinho. 2ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

GRAN, Peter. **The rise of the rich: a new view of modern world history**. Syracuse: Syracuse University Press, 2009.

GREGOR, Anthony J. **Marxism, fascism, and totalitarianism: chapters in the intellectual history of radicalism**. Stanford: Stanford University Press, 2009.

GRESPLAN, Jorge. "O capital e seus escritos preparatórios": sobre o lançamento do volume 4.3 da MEGA. **Crítica Marxista**, Campinas, n. 37, p. 155-161, 2013.

GRESPLAN, Jorge. O lugar da história em tempos de crise. **Revista de História**, São Paulo, n. 151, p. 9-27, 2º sem., 2004.

GRIBAUDI, Maurizio. Échelle, pertinence, configuration. S./Trad. **Trace. Travaux et Recherches dans les Amériques du Centre**, México, D.F., n. 49, p. 11-29, jun., 2006.

GRUZINSKI, Serge. Mundialización, globalización y mestizajes en la monarquía católica. S./trad. In: CHARTIER, Roger; FEROS, Antonio. (Dirs.). **Europa, América y el mundo: tiempos históricos**. Madrid: Marcial Pons, 2006a, p. 217-237.

GRUZINSKI, Serge. **A guerra das imagens:** de Cristóvão Colombo a Blade Runner (1492-2019). Trad. Rosa F. d'Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

GRUZINSKI, Serge. **O pensamento mestiço.** Trad. Rosa F. d'Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

GUARACY, Thales. **A criação do Brasil 1600-1700:** como uma geração de desbravadores desafiou coroas, religiões e fronteiras, dando ao país 5 dos seus 8,5 milhões de Km² e ilimitadas ambições de grandeza. São Paulo: Planeta do Brasil, 2018.

GUATTARI, Félix. **Líneas de fuga:** por otro mundo de posibles. Trad. Pablo A. Ires. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Cactus, 2013.

GUEDES, Octavio; SOUSA, Daniel. **Essa república vale uma nota:** histórias do Brasil na visão de um impagável colunista de jornal. Rio de Janeiro: Máquina de Livros, 2019.

GUMBRECHT, Hans U. **Produção de presença:** o que o sentido não consegue transmitir. Trad. Ana I. Soares. Rio de Janeiro: Contraponto/ Editora PUC-Rio, 2010.

GUTBERLET, Jutta. Prefácio. In: GONÇALVES-DIAS, Sylmara L. F.; SAKURAI, Tatiana; ZIGLIO, Luciana. (Orgs.). **Catadores e espaços de (in)visibilidades.** São Paulo: Blucher, 2020, p. 11-14.

GUTIÉRREZ, Rafael. **Formas híbridas.** Rio de Janeiro: Editora Circuito, 2017.

HABERMAS, Jürgen. La modernidad, un proyecto incompleto. In: FOSTER, Hal. (Edit.). **La postmodernidad.** Trad. Jordi Fibla. 4ª ed. Barcelona: Editorial Kairós, Barcelona, 1998, p. 19-36.

HAGUETTE, André. Alvin W. Gouldner e a teoria social. **Revista de Ciências Sociais**, Fortaleza, v. 20/21, n. 1/2, p. 167-188, 1989-1990.

HALL, Stuart. The west and the rest: discourse and power. In: HALL, Stuart; GIEBEN, Bram. (Edits.). **Formations of modernity.** Milton Keynes: The Open University, 1992, p. 275-332.

HAMA, Boubou; KI-ZERBO, Joseph. Lugar da história na sociedade africana. In: KI-ZERBO, Joseph. (Edit.). **História geral da África I: metodologia e pré-história da África**. S./trad. 2 ed. rev. Brasília: UNESCO/ Ministério da Educação; São Carlos: UFSCar, 2010, p. 23-35.

HANCHARD, Michael. Afro-modernity: temporality, politics, and the african diaspora. **Public Culture**, Durham, v. 11, i. 1, p. 245-268, 1999.

HARDT, Michael; NEGRI, Antonio. **Commonwealth**. Cambridge: The Belknap Press/ Harvard University Press, 2009.

HARDT, Michael; NEGRI, Antonio. **Multitud: guerra y democracia en la era del imperio**. Trad. Juan A. Bravo. Barcelona: Random House Mondadori, 2004.

HARDT, Michael; NEGRI, Antonio. **Império**. Trad. Berilo Vargas. 3ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.

HARMAN, Chris. **Zombie capitalism: global crisis and the relevance of Marx**. Chicago: Haymarket Books, 2010.

HARMAN, Chris. **A people's history of the world**. 1ª reprim. London: Bookmarks Publications, 2002.

HARNECKER, Marta. La marca de Althusser en mi formación marxista. In: PINHEIRO, Jair. (Org.). **Ler Althusser**. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2016, p. 13-54.

HELLER, Agnes. **Aesthetics and modernity: essays** (Edit. John Rundell). Maryland: Lexington Books, 2011.

HELLER, Agnes. 11/9 ou Modernidade e terror. Trad. Marco Aydos. **Boletim Científico ESMPU**, Brasília, ano 4, n. 17, p. 11-30, out./dez., 2005.

HELLER, Agnes. **O cotidiano e a história**. Trad. Carlos N. Coutinho. 6ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

HELLER, Agnes. **Sociología de la vida cotidiana**. 4ª ed. Trad. José F. Yvars. Barcelona: Ediciones Península, 1994.

HELLER, Agnes. From hermeneutics in social science toward a hermeneutics of social science. **Theory and Society**, Amsterdam, v. 18, n. 3, p. 291-322, may., 1989.

HELLER, Ágnes; FEHÉR, Ferenc. O pêndulo da modernidade. **Tempo Social**, São Paulo, v. 6, n. 1-2, p. 47-82, 1994.

HERLINGHAUS, Hermann. Comprender la modernidad heterogénea: recolocar la crítica dentro de la crítica. **Revista Iberoamericana**, Pittsburgh, v. LXVI, n. 193, p. 771-784, oct./dic., 2000.

HERNES, Gudmund. Re-esclarecimento. Trad. Maurício Hoelz. **Revista Brasileira de Sociologia**, Porto Alegre, v. 09, n. 21, p. 234-247, jan./abr., 2021.

HESPANHA, António M. ideias sobre a interpretação. In: RAPOSO, João A.; ALVES, João L.; MENDES, Paulo de S.; DIAS, Augusto S.; ALMEIDA, Luís D. de. (Orgs.). **Liber amicorum de José Inácio de Sousa Brito em comemoração do 70.º aniversário - Estudos de Direito e Filosofia**. Coimbra: Edições Almedina, 2009, p. 15-40.

HESPANHA, António M. As fronteiras do poder. O mundo dos rústicos. **Revista Sequência - Estudos Jurídicos e Políticos**, Florianópolis, v. 26, n 51, p. 47-105, dez. 2005.

HESS, Rémi. Do efeito Mühlmann ao princípio de falsificação: instituinte, instituído, institucionalização. Trad. Paulo Schneider. **Mnemosine**, Rio de Janeiro, v. 3, nº 2, p. 148-163, 2007.

HESS, Rémi. Henri Lefebvre, *Le temps des méprises*, Paris, Stock, 1975. **L'Homme et la société**, Paris, n. 39-40, p. 281-282, 1976.

HETHERINGTON, Kevin. **The badlands of modernity: heterotopia and social ordering**. London: Routledge, 1997.

HIMMELFARB, Gertrude. Introdução. In: TOCQUEVILLE, Alexis de. **Ensaio sobre a pobreza**. Trad. Juliana Lemos. Rio de Janeiro: UniverCidade, Instituto Liberal, 2003, p. 49-72.

HIMMELFARB, Gertrude. **The idea of poverty**: England in the early industrial age. New York: Vintage Books, 1985.

HIRATA, Daniel V. **Sobreviver na adversidade**: mercados e formas de vida. São Carlos: EdUFSCar, 2018.

HOBBSAWM, Eric J. A cultura europeia e o marxismo entre o séc. XIX e o séc. XX. In: HOBBSAWM, Eric J. *et al.* **História do marxismo II**: o marxismo na época da segunda Internacional. 3ª ed. Trad. Leandro Konder e Carlos N. Coutinho. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989, p. 75-124.

HOBBSAWM, Eric J. A fortuna das edições de Marx e Engels. In: HOBBSAWM, Eric J. **História do marxismo**: o marxismo no tempo de Marx. Trad. Carlos N. Coutinho e Nemésio Salles. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980, p. 423-443.

HOLANDA, Sérgio B. de. Linhas gerais da história brasileira. Trad. Luiz Feldman e Pedro M. Monteiro. **Insight Inteligência**, Rio de Janeiro, ano XXI, n. 83, p. 20-23, out./dez., 2018.

HOLLOWAY, John. **Crack capitalism**. London: Pluto Press, 2010.

HOLSTON, James. **Cidadania insurgente**: disjunções da democracia e da modernidade no Brasil. Trad. Claudio Carina. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

HOUELLEBECQ, Michel. **El mundo como supermercado**. 2ª ed. Trad. Encarna Castejón. Barcelona: Editorial Anagrama, 2005.

HOYOS, Carmen G. de; HUMANES, Mariano P.; MARTÍN, Carlos T. Temporalidades contemporâneas: incluido el pasado en el presente. **PH Cuadernos**, Sevilla, n. 29, p. 22-29, 2012.

HUI, Wang. **The end of the revolution**: China and the Limits of modernity. S./trad. London: Verso, 2009.

HUMBOLDT, Wilhelm von. **La tâche de l'historien**. Trad. André Laks et Annette Disselkamp. Lille: Presses Universitaires de Lille, 1985.

HUNT, Lynn. Modernidad: ¿son diferentes los tiempos modernos? Trad. Tomás Pisano. **Prohistoria: historia, políticas de la historia**, Santa Fe, año XXI, n. 29, p. 4-18, jun., 2018.

IANNI, Octavio. **Enigmas da modernidade-mundo**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

INKELES, Alex. **¿Qué es la sociología? Introducción a la ciencia y la profesión**. Trad. Matías Cirici-Ventalló. México: Union Tipografica Editorial Hispano Americana, 1972.

IOKOI, Zilda M. G. **Igreja e camponeses: teologia da libertação e movimentos sociais do campo (Brasil e Peru, 1964-1986)**. São Paulo: Editora HUCITEC, 1996.

İSLAMOĞLU, Huri. Politics of administering property: law and statistics in the nineteenth-century Ottoman Empire. In: İSLAMOĞLU, Huri. (Edit.). **Constituting modernity: private property in the East and West**. London: I.B. Tauris, 2004, p. 276-319.

JABLONKA, Ivan. Quando o historiador é pai e filho. Trad. Naiara Damas e Eduardo W. Cardoso. **Topoi**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 44, p. 532-552, mai./ago., 2020.

JABLONKA, Ivan. **La historia es una literatura contemporánea: manifiesto por las ciencias sociales**. Trad. Horacio Pons. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2016.

JACOBI, Pedro R. Uma nova ética pós COVID-19. In: RIBEIRO, Wagner C. (Org.). **COVID-19: passado, presente e futuro**. São Paulo: FFLCH/USP, 2020, p. 208-223.

JAMESON, Fredric. **Una modernidad singular: ensayo sobre la ontología del presente**. Trad. Horacio Pons. Barcelona: Gedisa Editorial, 2004.

JAMESON, Fredric. **A cultura do dinheiro: ensaios sobre a globalização**. Trad. Maria E. Cevalco e Marcos C. de P. Soares. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

JAMESON, Fredric. **Marcas do visível**. Trad. Ana L. de A. Gazolla et al. Rio de Janeiro: Graal, 1995.

JAMESON, Fredric. **O inconsciente político**: a narrativa como ato socialmente simbólico. Trad. Valter L. Siqueira. São Paulo: Ática, 1992.

JAMESON, Fredric. **Marxism and form**: twentieth-century dialectical theories of literature. Princeton: Princeton University Press, 1974, p. 3-59.

JAPPE, Anselm. **Las aventuras de la mercancía**. Trad. Diego L. Sanromán. Logroño: Pepitas de Calabaza ed., 2016.

JAPPE, Anselm. El absurdo mercado de los hombres sin cualidades. In: JAPPE, Anselm; KURZ, Robert; ORTLIEB, Claus P. **El absurdo mercado de los hombres sin cualidades**: ensayos sobre el fetichismo de la mercancía. Trad. Luis A. Bredlow e Emma Izaola. 2ª ed. Logroño: Pepitas de Calabaza ed., 2014, p. 31-40.

JONES, Gareth S. **Karl Marx**: grandeza e ilusão. Trad. Berilo Vargas. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

JORGE, Fernando. **As lutas, a glória e o martírio de Santos Dumont**. Ed. atual. Rio de Janeiro: Harper Collins, 2018.

JORGE, Fernando. **Água da fonte**. 8ª ed. São Paulo: Novo Século, 2015a.

JORGE, Fernando. **Vida e poesia de Olavo Bilac**. 6ª ed. rev. e atual. Osasco: Novo Século Editora, 2015.

JORGE, Fernando. **Se não fosse o Brasil, jamais Barack Obama teria nascido**. 6ª reimpr. Osasco: Novo Século Editora, 2010.

JOUHAUD, Christian. Literatura da experiência no século XVII. Trad. Guiomar de Grammont. **Varia Historia**, Belo Horizonte, v. 35, n. 68, p. 443-459, mai./ago., 2019.

JÜNGER, Ernst. **El trabajador**: dominio y figura. 2ª ed. Trad. Andrés S. Pascua. Barcelona: Tusquets Editores, 1993.

KANT DE LIMA, Roberto. Transição judiciária inquisitorial, desigualdade jurídica e contraditório em uma perspectiva comparada. In: RESENDE, José M.

et al (Orgs.). **As artes de (re)fazer o mundo:** habitar, compor e ordenar a vida em sociedade. Portalegre: Instituto Politécnico de Portalegre, 2016, p. 337-350.

KAYE, Michael. Tradition. **Philosophy**, Cambridge, v. 7, n. 25, p. 68-75, jan., 1932.

KEARNEY, Richard. **Poetics of modernity:** toward a hermeneutic imagination. New York: Humanity Books, 1999.

KECK, Frédéric. Goffman, Durkheim et les rites de la vie quotidienne. **Archives de Philosophie**, Paris, v. 75, n. 3, p. 471-492, jui./sep., 2012.

KENNEDY, Paul. **Vampire capitalism:** fractured societies and alternative futures. London: Palgrave Macmillan, 2017.

KIM, Kwang-Ki. **Order and agency in modernity:** Talcott Parsons, Erving Goffman, and Harold Garfinkel. Albany: State University of New York Press, 2003.

KEHL, Maria R. **Ressentimento.** 4ª ed., 2ª reimpr. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2015.

KNAFO, Samuel; TESCHKE, Benno. The rules of reproduction of capitalism: a historicist critique. **CGPE Working Paper Series**, Sussex, n. 12, p. 1-28, jan., 2017.

KNÖBL, Wolfgang. Observaciones sobre el concepto de modernidad. Trad. Celso S. Capdequí. **Sociología Histórica**, Murcia, n. 7, p. 167-185, 2017.

KNOTT, Marie L. Epílogo. In: ARENDT, Hannah. **Tiempos presentes.** Trad. Rosa S. Carbó. Barcelona: Gedisa Editorial, 2002, p. 171-177.

KOENIG, Samuel. **Elementos de sociologia.** Trad. Vera Borda. 2ª ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1970.

KOLAKOWSKI, Leszek. **Las principales corrientes del marxismo III:** la crisis. Trad. Jorge V. Rubio. Madrid: Alianza Editorial, 1983.

KOLAKOWSKI, Leszek. **Las principales corrientes del marxismo. Su nacimiento, desarrollo y disolución. I:** los fundadores. Trad. Jorge V. Rubio. Madrid: Alianza Editorial, 1982.

KONDER, Leandro. **Em torno de Marx**. 1ª ed., 1ª reimpr. São Paulo: Boitempo, 2011.

KONDER, Leandro. **Marx: vida e obra**. 7ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

KORNIS, George; EARP, Fábio S. Transformações sociais e legislação trabalhista sob Getúlio Vargas. In: SILVA, Raul M.; CACHAPUZ, Paulo B.; LAMARÃO, Sérgio. (Orgs.). **Getúlio Vargas e seu tempo**. Rio de Janeiro: BNDES, 2004, p. 37-44.

KOPPER, Moisés; RICHMOND, Matthew A. Apresentação: situando o sujeito das periferias urbanas. **Novos Estudos CEBRAP**, São Paulo, v. 39, n. 1, p. 9-17, jan./abr., 2020.

KORSCH, Karl. **Marxismo e filosofia**. Trad. José P. Netto. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2008.

KOSELLECK, Reinhart. ¿Existe una aceleración de la historia? Trad. Peter Storandt. In: BERIAIN, Josetxo; AGUILUZ, Maya. (Edits.). **Las contradicciones culturales de la modernidad**. Barcelona: Anthropos Editorial, 2007, p. 319-345.

KOWARICK, Lucio. **Viver em risco: sobre a vulnerabilidade socioeconômica e civil**. 1ª reimpr. São Paulo: Editora 34, 2019.

KOWARICK, Lucio. **Capitalismo e marginalidade na América Latina**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

KRENAK, Ailton. **A vida não é útil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

KROPOTKIN, Piotr. **Ajuda mútua: um fator de evolução**. Trad. Waldyr Azevedo Jr. São Sebastião: A Senhora Editora, 2009.

KRÜGER, Gerhard. L'histoire dans la pensée contemporaine. Traduit par Fabrice P. Béland. **Archives de Philosophie**, Paris, v. 74, n. 1, p. 23-52, jan./mar., 2011.

KUMAR, Krishan. Modernity. In: OUTHWAITE, William. (Edit.). **The Blackwell dictionary of modern social thought**. 2ª ed. Malden: Blackwell Publishing, 2006a, p. 404-405.

KUMAR, Krishan. **Da sociedade pós-industrial à pós-moderna:** novas teorias sobre o mundo contemporâneo. Trad. Ruy Jungmann e Carlos A. Medeiros. 2.ed. ampl. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006.

LABINI, Paolo S. **Oligopólio y progreso técnico.** Trad. Enrique Irazoqui. Barcelona: Oikos-Tau, 1966.

LACLAU, Ernesto. **La razón populista.** Trad. Soledad Laclau. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2005.

LACOUÉ-LABARTHE, Philippe. **La fiction du politique:** Heidegger, l'art et la politique. 2ª ed. Paris: Christian Bourgois Éditeur, 1998.

LADURIE, Emmanuel Le R. Los valores campesinos y la modernidad (entrevista). **El Correo de la Unesco**, París, año XXXVI, p. 21-24, jun., 1983.

LAFER, Celso. **A identidade internacional do Brasil e a política externa brasileira:** passado, presente e futuro. São Paulo: Perspectiva, 2014.

LAFER, Celso. **A reconstrução dos direitos humanos:** um diálogo com o pensamento de Hannah Arendt. 4ª reimpr. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

LAFONTAINE, Oskar. **Das herz schlägt links.** Munich: Econ, 1999.

LAI, Ming-Yan. **Nativism and modernity:** cultural contestations in China and Taiwan under global capitalism. Albany: State University of New York Press, 2008.

LAMBERT, Jacques. **Os dois brasis.** Trad. Clotilde da S. Costa. 2ª ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1967.

LAMOUNIER, Bolívar. **Tribunos, profetas e sacerdotes:** intelectuais e ideologias no século XX. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

LAMOUNIER, Bolívar. **Da independência a Lula:** dois séculos de política brasileira. São Paulo: Augurium Editora, 2005.

LANTZ, Pierre. À quelle personne parler? **L'Homme et la société**, Paris, n. 116, p. 51-57, 1995.

LASCH, Christopher. **O mínimo eu**: sobrevivência psíquica em tempos difíceis. Trad. João R. M. Filho. São Paulo: Brasiliense, 1986.

LAUNAY, Marc de. Les temps de l'histoire. **Cités**, Paris, n. 33, p. 43-52, 2008.

LAUWE, Paul-Henry C. de. Opressão, subversão y expresión en la vida cotidiana. S./Trad. **Revista Internacional de Ciencias Sociales - RICS**, Paris, v. XXXV, n. 98, p. 383-395, dic., 1983.

LAUWE, Paul-Henry C. de. The social sciences, urbanism and planning. **Internacional Journal of Comparative Sociology**, Leiden, v. 4, i. 1, p. 19-30, 1963.

LECHNER, Norbert. **La conflictiva y nunca acabada construcción del orden desejado**. Santiago: FLACSO, 1984.

LE GOFF, Jacques. Time: the splintered continuum. **India International Centre Quarterly**, New Delhi, v. 15, n. 2, p. 1-14, summer, 1988.

LE GOFF, Jacques. La culture historique. Instrument d'un avenir meilleur. **Hommes et Migrations**, Paris, n. 1103, p. 21-32, mai., 1987.

LEFEBVRE, Henri. **Marxismo**: uma breve introdução. Trad. William Lagos. Reimpr. Porto Alegre: L&PM, 2017.

LEFEBVRE, Henri. **La producción del espacio**. Trad. Emilio M. Gutiérrez. Madrid: Capitán Swing, 2013.

LEFEBVRE, Henri. **O Vale de Campan**: estudo de sociologia rural. Trad. Ana C. M. Silva e Anselmo Alfredo. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2011.

LEFEBVRE, Henri. **Introduction to modernity**: twelve preludes, september 1959-may 1961. Trad. John Moore. London: Verso, 1995.

LEFEBVRE, Henri. **A vida cotidiana no mundo moderno**. Trad. Alcides J. de Barros. São Paulo: Editora Ática, 1991a.

LEFEBVRE, Henri. **Hegel, Marx, Nietzsche (o el reino de las sombras)**. 8 ed. Trad. Mauro Armijo. Madrid: Siglo Veintiuno Editores, 1988.

LEFEBVRE, Henri. **La presencia y la ausencia:** contribución a la teoría de las representaciones. Trad. Óscar Barahona e Uxo Doyhamboure. México: Fondo de Cultura Económica, 1983.

LEFEBVRE, Henri. **De lo rural a lo urbano.** 4 ed. Trad. Javier González-Pueyo. Barcelona: Ediciones Península, 1978.

LEFEBVRE, Henri. Le marxisme éclaté. **L'Homme et la société**, Paris, n. 41-42, p. 3-12, 1976a.

LEFEBVRE, Henri. **Espacio y política:** el derecho a la ciudad. Trad. Janine M. de Liarás e Jaime L. García. Barcelona: Ediciones Península, 1976.

LEFEBVRE, Henri. **Manifiesto diferencialista.** Trad. Julio Moguel e Saúl Escobar. México, D.F.: Siglo Veintiuno Editores, 1972.

LEFEBVRE, Henri. **Everyday life in the modern world.** Trad. Sacha Rabinovitch. New York: Harper Torchbooks, 1971a.

LEFEBVRE, Henri. **O fim da história.** Trad. António Reis. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1971.

LEFEBVRE, Henri. De la literatura y el arte modernos considerados como procesos de destrucción y autodestrucción del arte. In: BARTHES, Roland; LEFEBVRE, Henri; GOLDMANN, Lucien. (Orgs.). **Literatura y sociedad:** problemas de metodología en sociología de la literatura. Trad. R. de la Iglesia. Barcelona: Ediciones Martínez Roca, 1969a, p. 116-132.

LEFEBVRE, Henri. **El materialismo dialectico.** Trad. Ruben A. N. Laporte. Buenos Aires: Editorial La Pléyade, 1969.

LEFEBVRE, Henri. Sur une interprétation du marxisme. **L'Homme et la société**, Paris, n. 4, p. 3-22, 1967.

LEFEBVRE, Henri. **Critique de la vie quotidienne II:** fondements d'une sociologie de la quotidienneté. Paris: L'arche Editeur, 1961.

LEFEBVRE, Henri. **Critique de la vie quotidienne I:** introduction. Paris: L'arche Editeur 1958.

LÉNINE, Vladímir I. **Obras escolhida em três tomos, 1.** S./Trad. São Paulo: Editora Alfa-Omega, 1979.

LEVI, Primo. **É isto um homem?** Trad. Luigi del Re. Rio de Janeiro: Rocco, 1988.

LEVINAS, Emmanuel. **Los imprevistos de la historia.** Trad. Tania Checchi. Salamanca: Ediciones Sígueme, 2006.

LEVINAS, Emmanuel. **Difícil libertad:** ensayos sobre el judaísmo. Trad. Nilda Prados. Buenos Aires: Lilmod, 2004.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **Tristes trópicos.** Trad. Wilson Martins. São Paulo: Editora Anhembi, 1957.

LÉVI-STRAUSS, Claude; ERIBON, Didier. **De perto e de longe:** relatos e reflexões do mais importante antropólogo de nosso século. Trad. Léa Mello e Julieta Leite. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

LIMA, Nísia T. Euclides da Cunha: o Brasil como sertão. In: BOTELHO, André; SCHWARCZ, Lilia M. (Orgs.). **Um enigma chamado Brasil:** 29 intérpretes e um país. 3ª reimpr. São Paulo: Companhia das Letras, 2016, p. 104-117.

LINDOSO, Dirceu. **Tapui-retama. Viagem ao Brasil profundo:** Minas Gerais e Grande Sertão. Brasília: Fundação Astojildo Pereira, 2016.

LINERA, Álvaro G. **La potencia plebeya:** acción colectiva e identidades indígenas, obreras y populares en Bolivia. 2ª ed. Bogotá: Siglo del Hombre; Buenos Aires: Editores y Clacso, 2009.

LIPOVETSKY, Gilles; SERROY, Jean. **A cultura-mundo:** resposta a uma sociedade desorientada. 1ª reimpr. Trad. Maria L. Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

LONG, Norman. Commoditization: thesis and antithesis. In: LONG, Norman *et al.* **The commoditization debate:** labour process, strategy and social network. Wagening: Agricultural University of Wagening, 1986, p. 8-23.

LOURAU, René. **Interventions socianalytiques:** les analyseurs de l'église. Paris: Anthropos, 1996.

LOURAU, René. **El Estado y el inconsciente**: ensayo de sociología política. Trad. David Rosenbaum. Barcelona: Editorial Kairós, 1980.

LÖWY, Michael. Cristianismo da libertação e marxismo: de 1960 a nossos dias. In: RIDENTI, Marcelo; REIS FILHO, Daniel A. (Orgs.). **História do marxismo no Brasil. Vol. 6**: partidos e momentos após os anos 1960. Campinas: Editora da Unicamp, 2007, p. 411-37.

LÜBBE, Hermann. Esquecimento e historicização da memória. Trad. Sérgio da Mata. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 29, n. 57, p. 285-300, jan./abr., 2016.

LUKÁCS, Georg. **A destruição da razão**. Trad. Bernard H. Hess, Rainer Patriota e Ronaldo V. Fortes. São Paulo: Instituto Lukács, 2020.

LUKÁCS, György. **Prolegômenos para uma ontologia do ser social**: questões de princípios para uma ontologia hoje tornada possível. Trad. Lya Luft e Rodnei Nascimento. São Paulo: Boitempo, 2010.

LUHMANN, Niklas. **La sociedad de la sociedad**. Trad. Javier T. Nafarrate. México, D.F.: Editorial Herder/ Universidad Iberoamericana, 2006.

LUPORINI, Cesare. Marxisme et sciences humaines, une vision critique de l'homme. **L'Homme et la société**, Paris, n. 1, p. 13-20, 1966.

LUPTON, Julia R. Creature Caliban. **Shakespeare Quarterly**, Washington, v. 51, n. 1, p. 1-23, spring, 2000.

MACHADO, Carlos R. da S. Momentos da obra de Henri Lefebvre: uma apresentação. **Ambiente & Educação**, Rio Grande, v. 13, n. 1, p. 83-95, 2008.

MACKAY, John. **Inscription and modernity**: from wordsworth to mandelstam. Bloomington: Indiana University Press, 2006.

MALAN, Pedro. **Uma certa ideia de Brasil**: entre passado e futuro (2003-2018). Rio de Janeiro: Intrínseca, 2018.

MANIERI, Maria R. **Fraternidade**: releitura civil de uma ideia que pode mudar o mundo. Trad. Luiz S. Henriques. Brasília: Fundação Astrojildo Pereira, 2017.

MANN, Thomas. **José e seus irmãos**. Trad. Agenor S. de Moura. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1947.

MARANHÃO FILHO, Eduardo M. de A. Para uma História do Tempo Presente: o ensaio de nós mesmos. **Fronteiras: Revista Catarinense de História**, Florianópolis, n. 17, p. 137-151, 2009.

MÁRKUS, György. **Culture, science, society**: the constitution of cultural modernity. Leiden: Brill, 2011.

MÁRKUS, György. **Marxismo y antropología**. Trad. Manuel Sacristán. Barcelona: Grijalbo, 1974.

MÁRQUEZ, Gabriel G. **Cem anos de solidão**. Trad. Eliane Zagury. 23^a ed. Rio de Janeiro: Editora Record, 1967.

MARROU, Henri-Irénée. **De la connaissance historique**. Paris: Éditions du Seuil, 1954.

MARTIN, Fran; HEINRICH, Larissa. Introduction to part I. In: MARTIN, Fran; HEINRICH, Larissa. (Edits.). **Embodied modernities**: corporeality, representation, and chinese cultures. Honolulu: University of Hawai'i Press, 2006, p. 3-20.

MARTINS, Ives G. da S. Discurso de posse. In: FRANÇA, Eduardo D. **A época do renascimento**: aulas no curso de História na USP, 1953. (Org. Carlos A. M. de Souza). São Paulo: Pax & Spes, 2019, p. 23-33.

MARTINS, Ives G. da S. **O Estado à luz da história, da filosofia e do direito**. São Paulo: Noeses, 2015.

MARTINS, José de S. **Sociologia do desconhecimento**: ensaios sobre a incerteza do instante. São Paulo: Editora Unesp, 2021c.

MARTINS, José de S. No limiar da noite (entrevista a Renata de Albuquerque). In: **Blog da Ateliê**, Cotia, online, s./p., 29/07/2021. Disponível em: <<https://blog.atelie.com.br/2021/07/no-limiar-da-noite/#.YRBO0Wlv8wA>>, acesso em 09/08/2021b.

MARTINS, José de S. **No limiar da noite**: crônicas suburbanas. Cotia: Ateliê Editorial, 2021a.

MARTINS, José de S. **Nuto Sant'anna**: a poética do desencontro. São Paulo: Academia Paulista de Letras/ Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2021.

MARTINS, José de S. Desafios póstumos da sociologia de Florestan Fernandes. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 34, n. 100, p. 223-242, 2020.

MARTINS, José de S. **O coração da pauliceia ainda bate**. São Paulo: Editora da UNESP e Imprensa Oficial, 2017a.

MARTINS, José de S. **Sociologia da fotografia e da imagem**. (1ª edição: 2008), 2ª edição (4ª reimpressão). São Paulo: Editora Contexto, 2017.

MARTINS, José de S. **Do PT das lutas sociais ao PT do poder**. São Paulo: Editora Contexto, 2016.

MARTINS, José de S. **Linchamentos**: a justiça popular no Brasil. São Paulo: Editora Contexto, 2015b.

MARTINS, José de S. **Diário de uma terra lontana**: os “faits divers” na história do Núcleo Colonial de São Caetano. São Caetano do Sul: Fundação Pró-Memória, 2015a.

MARTINS, José de S. **Exclusão social e a nova desigualdade**. [1a. edição: 1997], 6a. reimpressão. São Paulo: Editora Paulus, 2015.

MARTINS, José de S. A modernidade do “passado” no meio rural. In: BUAINAIN, Antônio M. *et al.* (Eds. técs.). **O mundo rural no Brasil do século 21. A formação de um novo padrão agrário e agrícola**. Brasília: Embrapa, 2014c, p. 22-30; p. 27.

MARTINS, José de S. **Desavessos**: crônicas de curtas palavras. São Paulo: Editora Com Arte, 2014b.

MARTINS, José de S. **Uma sociologia da vida cotidiana**: ensaios na perspectiva de Florestan Fernandes, de Wright Mills e de Henri Lefebvre. São Paulo: Editora Contexto, 2014a.

MARTINS, José de S. **Fronteira**: a degradação do outro nos confins do humano. [1ª edição: 1997] 2ª edição revista e atualizada (2ª reimpressão). São Paulo: Editora Contexto, 2014.

MARTINS, José de S. José: esboço de figura. Entrevista a Antonio Motta. **Política & Trabalho**, João Pessoa, n. 39, p. 23-58, out., 2013b.

MARTINS, José de S. **A sociologia como aventura**: memórias. São Paulo: Editora Contexto, 2013a.

MARTINS, José de S. **O cativo da terra**. [1ª edição: 1979] 9ª. edição, revista e ampliada, 1ª reimpressão. São Paulo: Editora Contexto, 2013.

MARTINS, José de S. **São Paulo no século XX**: primeira metade. São Paulo: Poiesis/Imprensa Oficial, 2011c.

MARTINS, José de S. **Uma arqueologia da memória social**: autobiografia de um moleque de fábrica. Cotia: Ateliê Editorial, 2011b.

MARTINS, José de S. **A política do Brasil**: lúmpen e místico. São Paulo: Editora Contexto, 2011a. [Reedição, ampliada, revista e reformulada de O Poder do Atraso].

MARTINS, José de S. **A sociabilidade do homem simples**: cotidiano e história na modernidade anômala. (1ª edição: Hucitec, 2000), 3ª edição. São Paulo: Editora Contexto, 2011.

MARTINS, José de S. A diferença contra a desigualdade: as identidades sociais dinâmicas. In: CAVALCANTI, Josefa S. B.; WEBER, Silke; DWYER, Tom. (Orgs.). **Desigualdade, diferença e reconhecimento**. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2009a, p. 49-65.

MARTINS, José de S. Um olhar entre a luz e a sombra. In: FIGUEIREDO, Luciano. (Org.). **Imagens de uma nação**. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional/Sabin, 2009, p. 79-85.

MARTINS, José de S. A epifania dos pobres da terra. In: MAMMI, Lorenzo; SCHWARCZ, Lilia M. (Orgs.). **8 x fotografia**: ensaios. São Paulo: Companhia das Letras, 2008c, p. 133-171.

MARTINS, José de S. Introdução. In: FORACCHI, Marialice M.; MARTINS, José de S. (Orgs.). **Sociologia e sociedade: leituras de introdução à sociologia**. 25ª tir. Rio de Janeiro: LTC, 2008b, p. 1-6.

MARTINS, José de S. **Retratos do silêncio**. Coleção "Artistas da USP". São Paulo: Edusp, 2008a.

MARTINS, José de S. **A aparição do demônio na fábrica: origens sociais do eu dividido no subúrbio operário**. São Paulo: Editora 34, 2008.

MARTINS, José de S. **Reforma agrária: o impossível diálogo**. [1ª edição: 2000]. 1ª reimpressão. São Paulo: Edusp – Editora da Universidade de São Paulo, 2004.

MARTINS, José de S. **O imaginário na imigração italiana**. São Caetano do Sul: Fundação Pró-Memória, 2003a.

MARTINS, José de S. **A sociedade vista do abismo: novos estudos sobre exclusão, pobreza e classes sociais**. [1ª edição: 2002], 2ª edição. Petrópolis: Editora Vozes, 2003.

MARTINS, José de S. As cartas de Marx. In: GALVÃO, Walnice N.; GOTLIB, Nádia B. (Orgs.). **Prezado senhor, prezada senhora: estudos sobre cartas**. 1ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2000, p. 313-319.

MARTINS, José de S. A escravidão nos dias de hoje e as ciladas da interpretação (reflexões sobre riscos da interpretação subinformada). In: CPT (Org.). **Trabalho escravo no Brasil contemporâneo**. São Paulo: Edições Loyola, 1999, p. 127-163.

MARTINS, José de S. **Florestan: sociologia e consciência social no Brasil**. São Paulo: Edusp - Editora da Universidade de São Paulo/Fapesp, 1998.

MARTINS, José de S. **O poder do atraso: ensaios de sociologia da história lenta**. São Paulo: Editora Hucitec 1994.

MARTINS, José de S. **Tempo da vida e tempo da história no mundo camponês (estudos)**. São Paulo: USP, 1992a. (Tese de Livre-Docência).

MARTINS, José de S. **Subúrbio. Vida cotidiana e história no subúrbio da cidade de São Paulo:** São Caetano, do fim do Império ao fim da República Velha. São Caetano do Sul: Prefeitura de São Caetano do Sul; São Paulo: Editora Hucitec, 1992.

MARTINS, José de S. **Caminhada no chão da noite:** emancipação política e libertação nos movimentos sociais do campo. São Paulo: Editora Hucitec, 1989.

MARTINS, José de S. **Não há terra para plantar neste verão:** o cerco das terras indígenas e das terras de trabalho no renascimento político do campo. [1a. edição: 1986], 2a. edição. Petrópolis: Editora Vozes, 1988.

MARTINS, José de S. **A reforma agrária e os limites da democracia na “Nova República”.** São Paulo: Editora Hucitec, 1986a.

MARTINS, José de S. **Sobre o modo capitalista de pensar.** [1a. edição: 1978], 4a. edição. São Paulo: Editora Hucitec, 1986.

MARTINS, José de S. **A militarização da questão agrária no Brasil. Terra e poder:** o problema da terra na crise política. [1a. edição: 1984], 2a. edição. Petrópolis: Editora Vozes, 1985.

MARTINS, José de S. **Expropriação e violência:** a questão política no campo. [1a. edição: 1980], 2a. ed. São Paulo: Editora Hucitec, 1982.

MARTINS, José de S. **Os camponeses e a política no Brasil:** as lutas sociais no campo e seu lugar no processo político. Petrópolis: Editora Vozes, 1981.

MARTINS, José de S. **Capitalismo e tradicionalismo:** estudos sobre as contradições da sociedade agrária no Brasil. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1975.

MARTINS, José de S. **A imigração e a crise do Brasil agrário.** São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1973.

MARTINS, José de S. **São Caetano do Sul em quatro séculos de história.** São Caetano do Sul: Rotary Clube/Saraiva, 1957.

MARTINS, Paulo H. (Org.). **A dívida entre os modernos**: discussão sobre os fundamentos e as regras do social. Trad. Guilherme J. de F. Teixeira. Petrópolis: Vozes, 2002.

MARX, Karl. **Grundrisse**: manuscritos econômicos de 1857-1858: esboços da crítica da economia política. Trad. Mario Duayer e Nélio Schneider. 3ª reimpr. São Paulo: Boitempo; Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2016.

MARX, Karl. **O 18 de brumário de Luís Bonaparte**. Trad. Nélio Schneider. São Paulo: Boitempo, 2011.

MARX, Karl. **Crítica da filosofia do direito de Hegel**. Trad. Rubens Enderle e Leonardo de Jesus. 2ª ed. rev. São Paulo: Boitempo, 2010.

MARX, Karl. **O capital**: crítica da economia política. livro primeiro: o processo de produção do capital. Tomo 2 (capítulos XIII a XXV). Trad. Regis Barbosa e Flávio R. Kothe. São Paulo: Nova Cultural, 1996.

MARX, Karl. **A miséria da filosofia**. Trad. José P. Netto. São Paulo: Global, 1985.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã**: crítica da mais recente filosofia alemã em seus representantes Feuerbach, B. Bauer e Stirner, e do socialismo alemão em seus diferentes profetas (1845-1846). Trad. Rubens Enderle, Nélio Schneider e Luciano C. Martorano. 1ª ed. rev., 6ª reimpr. São Paulo: Boitempo, 2017.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Manifesto do partido comunista**. Trad. Álvaro Pina. 1ª ed., 4ª reimpr. São Paulo: Boitempo Editorial, 2005.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. Manifesto do partido comunista. Trad. Marcus V. Mazzari. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 12, n. 34, p. 7-46, 1998.

MASSEY, Doreen. **Pelo espaço**: uma nova política da espacialidade. Trad. Hilda P. Maciel e Rogério Haesbaert. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

MATURANA, Humberto. **Cognição, ciência e vida cotidiana**. Trad. Cristina Magro e Víctor Paredes. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2001.

MAYER, Arno J. **A força da tradição**: a persistência do Antigo Regime (1848-1914). Trad. Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

MAYORGA, René. Las paradojas e insuficiencias de la modernidad y el proceso de la democracia en América Latina. In: CALDERÓN, Fernando. (Comp.). **Imágenes desconocidas**: la modernidad en la encrucijada postmoderna. Buenos Aires: CLACSO, 2017, p. 279-290.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica**: biopoder, soberania, estado de exceção e política da morte. Trad. Renata Santini. São Paulo: N-1 Edições, 2018.

MBEMBE, Achille. O tempo em movimento. S./trad. **Contracampo**, Niterói, v. 36, n. 3, p. 21-41, 2017.

MBEMBE, Achille. **Crítica da razão negra**. Trad. Marta Lança. Lisboa: Antígona, 2014.

McGRATH, Alister E. **A ciência de Deus**: uma introdução à teologia científica. Trad. Thaís Semionato. Viçosa: Ultimato, 2016.

MEDEIROS, Leonilde S. de. Singularidades do capitalismo brasileiro no mundo rural. In: FREHSE, Fraya (Org.). **A sociologia enraizada de José de Souza Martins**. São Paulo: Com-Arte, 2018, p. 21-45.

MEI, Xiao. La banalité des chants rouges. Tactiques de la vie quotidienne dans la campagne pour la culture rouge à Chongqing. Trad. Mathieu Bordes. **Perspectives Chinoises**, Hong Kong, n. 4, p. 65-72, 2013.

MEIHY, Murilo S. B. **Leão, o africano**: a África e o Renascimento vistos por um árabe. Cotia: Ateliê Editorial, 2017.

MELLO, Sylvia L. de. Apresentação. In: BAPTISTA, Luis A. dos S. **A cidade dos sábios**: reflexões sobre a dinâmica social nas grandes cidades. São Paulo: Summus Editorial, 2009, p. 9-11.

MENDIETA, Eduardo. La geografía de la utopía: regímenes espacio-temporales de la modernidad. **Cuadernos Americanos**, México, D.F., nueva época, año XII, v. 1, n. 67, p., ene./feb., de 1998.

MENEZES, Paulo. José de Souza Martins e o pensamento diferencial. **Política & Trabalho**, João Pessoa, n. 39, p. 85-89, out., 2013.

MERQUIOR, José G. Thoughts on liberalisation. In: HALL, John A.; JARVIE, Ian C. (Edits.). **Transition to modernity: essays on power, wealth and belief**. Cambridge: Cambridge University Press, 1992, p. 317-342.

MERQUIOR, José G. **O marxismo ocidental**. Trad. Raul de S. Barbosa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1987.

MERRIFIELD, Andy. **Henri Lefebvre: a critical introduction**. New York: Routledge, 2006.

MÉSZÁROS, István. Desemprego e precarização: um grande desafio para a esquerda. Trad. Claudete Pagotto. In: ANTUNES, Ricardo. (Org.). **Riqueza e miséria do trabalho no Brasil**. São Paulo: Boitempo, 2006, p. 27-44.

MEZZADRA, Sandro; NEILSON, Brett. **La frontera como método: o la multiplicación del trabajo**. Trad. Verónica Hendel. Madrid: Traficantes de Sueños, 2017.

MEZZADRA, Sandro. Multiplicação das fronteiras e práticas de mobilidade. Trad. Equipe CSEM. **REMHU – Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana**, Brasília, ano XXIII, n. 44, p. 11-30, jan./jun., 2015.

MEZZADRA, Sandro. **La cocina de Marx: el sujeto y su producción**. Trad. Diego Picotto. Buenos Aires: Tinta Limón, 2014.

MICELI, Sergio. **Sonhos da periferia: inteligência argentina e mecenato privado**. São Paulo: Todavia, 2018.

MICELI, Sergio. **Vanguardas em retrocesso: ensaios de história social e intelectual do modernismo latino-americano**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

MILLS, Charles Wade. O contrato de dominação. Trad. William Alkmin. **Meritum**, Belo Horizonte, v. 8, n. 2, p. 15-70, jul./dez., 2013.

MILO, Daniel S. La rencontre insolite mais édifiante du culturel et du quantitatif. **Histoire & Mesure**, Paris, v. 2, n. 2, p. 7-37, 1987.

MINTZ, Sidney W. **Sweetness and power: the place of sugar in modern history**. New York: Elisabeth Sifton Books; Viking Penguin, 1984.

MITCHELL, Timothy. The stage of modernity. In: MITCHELL, Timothy. (Edit.). **Questions of modernity**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2000, p. 1-34.

MOITA, Guilherme M. **As críticas de José de Souza Martins aos mediadores de esquerda dos movimentos sociais agrários**. Rio de Janeiro: UFRRJ, 2010. (Tese de Doutorado em Ciências Sociais).

MONOD, Jacques. **El azar y la necesidad (ensayo sobre la filosofía natural de la biología moderna)**. Trad. Francisco F. Lerín. Barcelona: Ediciones Orbis, S.A., 1986.

MONSIVÁIS, Carlos. ¿Cómo se dice OK en inglés? (De la americanización como arcaísmo y novedad). In: ECHEVERRÍA, Bolívar. (Comp.). **La americanización de la modernidad**. México, D.F.: Ediciones Era, 2008, p. 97-120.

MOOG, Clodomir V. Integração psico-social do povo brasileiro. **Revista da Escola Superior de Guerra**, Rio de Janeiro, n. 41, p. 347-364, 2002.

MORAES, Alana; TIBE, Jean. Quando novos personagens entram em cena? In: MORAES, Alana; TARIN, Bruno; TIBE, Jean. (Orgs.). **Cartografias da emergência: novas lutas no Brasil**. São Paulo: Fundação Friedrich Ebert, 2015, p. 14-39.

MORAES FILHO, Evaristo. A proto-história do marxismo no Brasil. In: MORAES, João Q. de; REIS FILHO, Daniel A. (Orgs.). **História do marxismo no Brasil. Vol. 1: o impacto das revoluções**. 2ª ed., 2ª reimpr. Campinas: Editora da Unicamp, 2013, p. 11-49.

MORAES, Vinicius de. **Novos poemas II: 1949-1956**. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1959.

MOREIRA, Adriano. **Teoria das relações internacionais**. Rio de Janeiro: UniverCidade Editora, 2007.

MORLEY, David; ROBINS, Kevin. **Spaces of identity: global media, electronic landscapes and cultural boundaries**. New York: Routledge, 1995.

MORSE, Richard M. As cidades “periféricas” como nas culturais: Rússia, Áustria, América Latina. Trad. Francisco de C. Azevedo. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 16, p. 205-225, 1995.

MOTA, Fabio R. **Cidadãos em toda parte ou cidadãos à parte?: demandas de direitos e reconhecimento no Brasil e na França**. Rio de Janeiro: Consequência, 2014.

MOTTA, Rodrigo P. S. A modernização autoritário-conservadora nas universidades e a influência da cultura política. In: REIS FILHO, Daniel A.; RIDENTI, Marcelo; MOTTA, Rodrigo P. S. (Orgs.). **A ditadura que mudou o Brasil: 50 anos do golpe de 1964**. Rio de Janeiro: Zahar, 2014, p. 48-65.

MOURA CASTRO, Claudio de. Os três grandes pilares do desenvolvimento. In: LOURES, Rodrigo C. da R.; SCHLEMM, Marcos M.; CASTOR, Belmiro V. J. (Orgs.). **Para o Brasil voltar a crescer: evidências, reflexões e caminhos**. Curitiba: Ibpex, 2007, p. 65-100, 2007.

MOURA, Margarida M. Martins: pessoa de pensar. **Política & Trabalho**, João Pessoa, n. 39, p. 63-77, out., 2013.

MOUZELIS, Nicos P. **Modern and postmodern social theorizing: bridging the divide**. Cambridge: Cambridge University Press, 2008.

MUNDY, Hilda. **Pirotecnia: ensayo miedoso de literatura ultraista**. La Paz: Imprenta artística, 1936.

MURPHY, William T. **The oldest social science? Configurations of law and modernity**. Oxford: Clarendon Press, 1997.

MUSIL, Robert. **O homem sem qualidades**. Trad. Lya Luft e Carlos Abbenseth. Ed. esp. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.

MUSTO, Marcello. **O velho Marx: uma biografia de seus últimos anos (1881-1883)**. Trad. Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2018.

MUSTO, Marcello. Introdução. In: MUSTO, Marcello (Edit.). **De regreso a Marx**: nuevas lecturas y vigencias en el mundo actual. Trad. Francisco Sobrino. Buenos Aires: Editorial Octubre, 2015, p. 7-40.

MUXEL, Anne. La politisation par l'intime. Parler politique avec ses proches. **Revue française de science politique**, Paris, v. 65, n. 4, p. 541-562, 2015.

NABUCO, Joaquim. **A desejada fé**. Trad. Ruth S. de M. Salles. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2010.

NASCIMENTO, Silvana de S. Aprender antropologia pelo olhar sociológico e subterrâneo de José de Souza Martins. **Política & Trabalho**, João Pessoa, n. 39, p. 95-100, out., 2013.

NASSEHI, Armin. La teoría de la diferenciación funcional en el horizonte de sus críticas. Trad. Hugo Cadenas. **Revista Mad**, Santiago, n. 24, p. 1-29, may., 2011.

NASSEHI, Armin. **Soziologie**: zehn einführende vorlesungen. Wiesbaden: Verlag, 2008.

NASSEHI, Armin. **Differenzierungsfolgen**: beiträge zur soziologie der moderne. Wiesbaden: Springer Fachmedien, 1996.

NASSEHI, Armin. No time for utopia: the absence of Utopian contents in modern concepts of time. **Time & Society**, London, v. 3, n. 1, p. 47-78, 1994.

NASSEHI, Armin; WEBER, Georg. **Tod, modernität und gesellschaft**: entwurf einer theorie der todesverdrängung. Opladen: Westdeutscher Verlag, 1989.

NASSER, Ana C. A. A sociologia da vida cotidiana e a formação de uma geração. **Política & Trabalho**, João Pessoa, n. 39, p. 127-138, out., 2013.

NAVARRO, Zander S. de. Meio século de interpretações sobre o rural brasileiro (1968-2018). **RESR - Revista de Economia e Sociologia Rural**, Brasília, v. 57, n. 3, p. 472-489, 2019.

NAVARRO, Zander S. de. O mundo rural no novo século (um ensaio de interpretação). VIEIRA FILHO, José E. R.; GASQUES, José G. (Orgs.).

Agricultura, transformação produtiva e sustentabilidade. Brasília: Ipea, 2016, p. 25-63.

NEGRI, Antonio. **El poder constituyente. Ensayo sobre las alternativas de la modernidad.** Trad. Simona Frabotta e Raúl S. Cedillo. Quito: SENESCYT, 2015.

NICOLACI-DA-COSTA, Ana M. A passagem interna da Modernidade para a Pós-modernidade. **Psicologia: Ciência e Profissão**, Brasília, v. 24, n. 1, p. 82-93, mar., 2004.

NIETZSCHE, Friedrich. **Segunda consideração intempestiva:** da utilidade e desvantagem da história para a vida. Trad. Marco A. Casanova. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003.

NISBET, Robert. **Historia de la idea de progreso.** Trad. Enrique Hegewicz. 3ª reimpr. Barcelona: Editorial Gedisa, 1998.

NOGUEIRA, Marco A. **As ruas e a democracia:** ensaios sobre o Brasil contemporâneo. Brasília: Fundação Astrojildo Pereira/ Rio de Janeiro: Contraponto, 2013.

NOLAN, Mary. **Visions of modernity:** american business and the modernization of Germany. Oxford: Oxford University Press, 1994.

NORA, Pierre. La politización de la historia y sus peligros. Trad. Analet Pons. **Pasajes: Revista de pensamiento contemporáneo**, Valencia, nº. 38, p. 59-70, 2012.

NORTH, Douglass C.; WALLIS, John J.; WEINGAST, Barry R. **Violence and social orders:** a conceptual framework for interpreting recorded human history. New York: Cambridge University Press, 2009.

OLIVEIRA, Luciano. Os excluídos “existem”? Notas sobre a elaboração de um novo conceito. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, ano 12, n. 33, p. 49-61, fev., 1997.

ORTIZ, Renato. **Universalismo e diversidade:** contradições da modernidade-mundo. São Paulo: Boitempo, 2015.

ORWELL, George. **1984**. Trad. Alexandre Hubner e Heloisa Jahn. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

OSBORNE, Peter. **The politics of time: modernity and avant-garde**. London: Verso, 1995.

OSBORNE, Peter. Modernity Is a qualitative, not a chronological, category. **New Left Review**, London, v. 192, p. 65-82, mar./apr., 1992.

OSTEN, Manfred. **La memoria robada. Los sistemas digitales y la destrucción de la cultura del recuerdo. Breve historia del olvido**. Trad. Miguel A. Vega. Madrid: Ediciones Siruela, 2008.

PADURA, Leonardo. **Agua por todas partes: vivir y escribir en Cuba**. Sel. Lucía L. Coll. Barcelona: Tusquets Editores, 2019.

PAGE, Martin. **A primeira aldeia global: como Portugal mudou o mundo**. Trad. Gustavo A. Palma. 15ª ed. Alfragide: Casa das Letras, 2015.

PAIS, José M. A interrogação sociológica: modos de olhar e desvendar. In: FREHSE, Fraya (Org.). **A sociologia enraizada de José de Souza Martins**. São Paulo: Com-Arte, 2018, p. 157-182.

PALLONE, Simone. Diferenciando subúrbio de periferia. **Ciência e Cultura**, São Paulo, v. 57, n. 2, p. 11, abr./jun., 2005.

PALMEIRA, Moacir. Desmobilização e conflito: relações entre trabalhadores e patrões na agroindústria pernambucana. In: FERNANDES, Bernardo M.; MEDEIROS, Leonilde S. de; PAULILO, Maria I. (Orgs.). **Lutas camponesas contemporâneas: condições, dilemas e conquistas**, v. 1 - o campesinato como sujeito político nas décadas de 1950 a 1980. São Paulo: Editora UNESP; Brasília: Núcleo de Estudos Agrários e Desenvolvimento Rural, 2009, p. 171-2000.

PALTRINIERI, Luca. "L'archive comme objet: quel modèle d'histoire pour l'archéologie?", **Les Études philosophiques**, Paris, n. 153, v. 3, p. 353-376, jui., 2015.

PARDO, Carmen. **En el silencio de la cultura**. México D.F.: Editorial Sexto Piso, 2016.

PARRY, Benita. Liberation theory: variations on themes of Marxism and modernity. In: BARTOLOVICH, Crystal; LAZARUS, Neil. (Edits.). **Marxism, modernity, and postcolonial studies**. Cambridge: Cambridge University Press, 2004, p. 125-149.

PARSONS, Talcott. **O sistema das sociedades modernas**. Trad. Dante M. Leite. São Paulo: Pioneira, 1974.

PASSEGGI, Maria da C. A experiência em formação. **Educação**, Porto Alegre, v. 34, n. 2, p. 147-156, mai./ago., 2011.

PASSERINI, Luisa. **A memória entre política e emoção**. Trad. Ricardo Santhiago. São Paulo: Letra e Voz, 2011.

PASSERON, Jean-Claude. Quel regard sur le populaire? (Entretien par Joël Roman). **Esprit**, Paris, n. 280, v. 3/4, p. 145-161, mar./avr., 2002.

PASSIANI, Enio. Figuras do intelectual: gênese e devir. **Sociologias**, Porto Alegre, ano 20, nº 47, p. 16-47, jan./abr., 2018.

PAULA, Luciane de; PAULA, Sandra L. de. No centro da periferia, a periferia no centro. **Ipotesi**, Juiz de Fora, v.15, n.2 - esp., p. 107-121, jul./dez. 2011.

PAZ, Octavio. **Los hijos del limo: del romanticismo a la vanguardia**. 3ª ed. Barcelona: Editorial Seix Barral, 1990.

PEREIRA, João B. B. Um lugar de chegada. **Revista Pesquisa Fapesp**, São Paulo, n. 218, p. 110, abr., 2014.

PEREIRA, João B. B. Da fábrica à academia. **Revista Pesquisa Fapesp**, São Paulo, n. 191, p. 92, jan., 2012.

PEREIRA, Luiz. **Anotações sobre o capitalismo**. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1973.

PÉREZ-AGOTE, Jose M. Redescrición del concepto clásico de modernidad. **Sociología Histórica**, Murcia, n. 7, p. 11-40, 2017.

PERICÁS, Luiz B. **Caio Prado Júnior: uma biografia política**. São Paulo: Boitempo, 2016.

PERICÁS, Luiz B. **Os cangaceiros**: ensaio de interpretação histórica. 2ª reimpr. São Paulo: Boitempo, 2015.

PIKETTY, Thomas. **O capital no século XXI**. Trad. Monica Baumgarten. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2014.

PINEAU, Gaston. Conquistar seu tempo através da formação dos ritmos da própria vida (entrevista a Hervé Breton). Trad. Camila A. Alves. **Educar em Revista**, Curitiba, v. 37, p. 1-18, 2021.

PINEAU, Gaston. Emergência de um paradigma antropofomador de pesquisa-formação transdisciplinar. Trad. Américo Sommerman. **Saúde e Sociedade**, São Paulo, v. 14, n. 3, p. 102-110, set./dez., 2005.

PINEAU, Gaston. **Temporalités en formation**: vers de nouveaux synchroniseurs. Paris: Anthropos, 2000.

PIRES, Francisco V. Do marxismo à marxologia. **Revista Portuguesa de Filosofia**, Braga, t. 40, fasc. 1/2, p. 13-34, jan./jun., 1984.

PLOEG, Jan D. van der. **Camponeses e impérios alimentares**: lutas por autonomia e sustentabilidade na era da globalização. Trad. Rita Pereira. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008.

POLANYI, Karl. **A subsistência do homem e ensaios correlatos**. Org. Kari P. Levitt. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.

POMER, León. **La construcción de los héroes**: imaginario y nación. Buenos Aires: Editorial Leviatan, 2005.

POMIAN, Krzysztof. Las ideologías: un legado ambivalente de la ilustración. S./trad. In: CHARTIER, Roger; FEROS, Antonio. (Dirs.). **Europa, América y el mundo**: tiempos históricos. Madrid: Marcial Pons, 2006, p. 191-210.

POPPER, Karl R. **El mito del marco común**: en defensa de la ciencia y la racionalidad. Trad. Marco A. Galmarini. Barcelona: Paidós Ibérica, 1997.

POSTONE, Moishe. **Tempo, trabalho e dominação social**: uma reinterpretação da teoria crítica de Marx. Trad. Amilton Reis e Paulo C. Castanheira. São Paulo: Boitempo, 2014.

POSTONE, Moishe. Teorizando o mundo contemporâneo: Robert Brenner, Giovanni Arrighi, David Harvey. Trad. Fernando Rugitsk. **Novos Estudos CEBRAP**, São Paulo, 81, p. 79-97, jul., 2008.

PRADO JÚNIOR, Caio. **Evolução política do Brasil e outros estudos**. 9ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1975.

PRADO JÚNIOR, Caio. **Formação do Brasil contemporâneo - Colônia**. 6ª ed. São Paulo: Editôra Brasiliense, 1961.

PRADO, Simone M. **Da anchova ao salário mínimo: uma etnografia sobre injunções de mudança social em Arraial do Cabo/RJ**. Niterói: EdUFF, 2002.

PRATT Mary L. Modernity and periphery: toward a global and relational analysis. In: MUDIMBE-BOYI, Elisabeth. (Edit.). **Beyond dichotomies: histories, identities, cultures, and the challenge of globalization**. Albany: State University of New York Press, 2002, p. 21-47.

PRENDERGAST, Christopher. Codeword modernity. **New Left Review**, London, v. 24, p. 95-111, nov./dec., 2003.

PRIGOGINE, Ilya. **O nascimento do tempo**. Trad. João Gama. Coimbra: Edições 70, 2008.

PRIORI, Angelo A. **O levante dos posseiros: a revolta camponesa de Porecatu e a ação do Partido Comunista Brasileiro no campo**. Maringá: Eduem, 2011.

PRIORI, Angelo A. **O protesto do trabalho: história das lutas sociais dos trabalhadores rurais do Paraná (1954-1964)**. Maringá: EDUEM, 1996.

PRIORI, Angelo A.; POMARI, Luciana R.; AMÂNCIO, Silvia M.; IPÓLITO, Veronica K. **História do Paraná (séculos XIX e XX)**. Maringá: Eduem, 2012.

PROST, Antoine. **Doze lições sobre a história**. Trad. Guilherme J. de F. Teixeira. 2ª ed., 4. reimp. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

PROST, Antoine. Comment l'histoire fait-elle l'historien? **Vingtième Siècle. Revue d'histoire**, Paris, n. 65, p. 3-12, jan./mar., 2000.

QUEIRÓS, Eça de. **Os Maias**: episódios da vida romântica. Cotia: Ateliê Editorial, 2001.

QUEIROZ, Paulo R. C. **Uma ferrovia entre dois mundos**: a E.F. Noroeste do Brasil na primeira metade do século 20. Bauru: EDUSC/ Campo Grande: Editora UFMS, 2004.

QUEIROZ, Paulo R. C. Breve roteiro das transformações no campo sul-matogrossense entre 1970 e 1985. **Revista Geografia - UFMS**, Campo Grande, n. 8, p. 33-40, jul./dez., 1998.

QUIJANO, Aníbal. Modernidad, identidad y utopía en América Latina. In: CALDERÓN, Fernando. (Comp.). **Imágenes desconocidas**: la modernidad en la encrucijada postmoderna. Buenos Aires: CLACSO, 2017, p. 29-45.

QUIJANO, Aníbal. Un fantasma recorre el mundo. **Estudios Avanzados**, São Paulo, v. 12, n. 34, p. 77-82, 1998.

RABINBACH, Anson. **The human motor**: energy, fatigue, and the origins of modernity. Berkeley: University of California Press, 1992.

RAES, Florence. Le Movimento dos trabalhadores rurais sem terra au Brésil: entre luttres paysannes et 'nouveau mouvement social'. **Lusotopie**, Aix-en-Provence, n. 8, p. 63-90, 2001.

RAHNEMA, Majid. Introduction. In: RAHNEMA, Majid; BAWTREE, Victoria. (Edits.). **The post-development reader**. London: Zed Books, 1997.

RAMOS, Alberto G. **Mito e verdade da revolução brasileira**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1963.

RAMOS, Alberto G. **A crise do poder no Brasil**: problemas da revolução nacional brasileira. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1961.

RANCIÈRE, Jacques. **Políticas da escrita**. Trad. Raquel Ramallete et al. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.

RASIA, José M. Crise no tempo acelerado e o mundo em descompasso: apresentação da seção especial sobre a Covid-19. **Revista Brasileira de Sociologia**, Porto Alegre, v. 09, n. 21, p. 10-24, jan./abr., 2021.

RAY, Larry J.; REED, Michael. Max Weber and the dilemmas of modernity. In: RAY, Larry J.; REED, Michael. (Edits.). **Organizing modernity: new weberian perspectives on work, organization and society**. London: Routledge, 1994, p. 158-197.

REINHARD, Kenneth. Hacia una teología política del prójimo. In: ŽIŽEK, Slavoj; SANTNER, Eric L.; REINHARD, Kenneth. **El prójimo. Tres indagaciones en teología política**. Trad. Cristina Piña. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 2010, p. 21-103.

REIS FILHO, Daniel A. **Ditadura e democracia no Brasil: do golpe de 1964 à Constituição de 1988**. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

REIS FILHO, Daniel A. O maoísmo e a trajetória dos marxistas brasileiros. In: MORAES, João Q. de; REIS FILHO, Daniel A. (Orgs.). **História do marxismo no Brasil. Vol. 1: o impacto das revoluções**. 2ª ed., 2ª reimpr. Campinas: Editora da Unicamp, 2013, p. 161-97.

REIS FILHO, Daniel A. Os processos de modernização e as modernidades alternativas. In: AZEVEDO, Cecília da S. (Coord.). **Outras modernidades: nuestra América e EUA: textos e propostas**, v. 1. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009, p. 6-11.

REIS FILHO, Daniel A. Marxismo, sociedade e partidos políticos hoje. In: RIDENTI, Marcelo; REIS FILHO, Daniel A. (Orgs.). **História do marxismo no Brasil. Vol. 6: partidos e momentos após os anos 1960**. Campinas: Editora da Unicamp, 2007, p. 439-461.

RESENDE, José M. Os insondáveis caminhos (in) transitáveis na modernidade e os modos de ordenar os mundos plurais: o intrigante no centro do questionamento sociológico (prefácio). In: RESENDE, José M. et al (Orgs.). **As artes de (re)fazer o mundo: habitar, compor e ordenar a vida em sociedade**. Portalegre: Instituto Politécnico de Portalegre, 2016, p. 9-12.

REVEL, Jacques. **A invenção da sociedade**. Trad. Vanda Anastácio. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

REY, Roselyne. **História da dor**. Trad. Célia Gambini. São Paulo: Editora Escuta, 2012.

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil.** 2ª ed., 22ª reimpr. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

RIBEIRO, Darcy. **Aos trancos e barrancos: como o Brasil deu no que deu.** 3ª ed., 5ª impr. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1986.

RICCI, Rudá. A maior estrutura sindical do Brasil: papel do sindicalismo de trabalhadores rurais nos pós-64. In: FERNANDES, Bernardo M.; MEDEIROS, Leonilde S. de; PAULILO, Maria I. (Orgs.). **Lutas camponesas contemporâneas: condições, dilemas e conquistas**, v. 2 - a diversidade das formas das lutas no campo. São Paulo: Editora UNESP; Brasília: Núcleo de Estudos Agrários e Desenvolvimento Rural, 2009, p. 321-338.

RICE, Charles. **The emergence of the interior: architecture, modernity, domesticity.** New York: Routledge, 2007.

RICO, Juan C. **La cultura y el arte como herramienta social.** Madrid: JCR21 Office Editions, 2015.

RICUPERO, Bernardo. Caio Prado Jr. como intérprete do Brasil. **Sinais Sociais**, São Paulo, v. 7, n. 19, p. 14-39, mai./ago., 2012.

RICUPERO, Bernardo. **Sete lições sobre as interpretações do Brasil.** 2ª ed. São Paulo: Alameda, 2008.

RICUPERO, Bernardo. Caio Prado Jr.: o primeiro marxista brasileiro. **Revista USP**, São Paulo, n. 38, p. 64-77, jun./ago., 1998.

RICUPERO, Rubens. Celso Furtado, pensador global. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, São Paulo, n. 78, p. 25-34, abr., 2021.

RIOUX, Jean-Pierre. Devoir de mémoire, devoir d'intelligence. **Vingtième Siècle. Revue d'histoire**, Paris, n. 73, p. 157-167, jan./mar., 2002.

RIOUX, Jean-Pierre. L'histoire est présente. **Revue Atala**, Rennes, n. 3, p. 9-15, 2000.

RITIVOI, Andreea D. Explaining people: narrative and the study of identity. **Storyworlds: A Journal of Narrative Studies**, Lincoln, v. 1, p. 25-41, 2009.

ROBERTS, John. Arnold Hauser, Adorno, Lukács and the ideal spectator. In: HEMINGWAY, Andrew. (Edit.). **Marxism and the history of art: from William Morris to the New Left**. London: Pluto Press, 2006, p. 161-174.

ROBINS, Kevin. Tradition and translation: national culture in its global context. In COMER, John; HARVEY, Sylvia. (Edits.). **Enterprise and heritage: crosscurrents of national culture**. London: Routledge, 1991, p. 21-43.

ROBLES, Fernando. Epistemologías de la modernidad: entre el etnocentrismo, el racionalismo universalista y las alternativas latino-americanas. **Cinta de Moebio**, Santiago, n. 45, p. 169-203, dic., 2012.

RODRIGUES, Leôncio M. **Pobres e ricos na luta pelo poder: novas elites na política brasileira**. Rio de Janeiro: Topbooks, 2014.

RODRIGUES, Lidiane S. Leitores e leituras acadêmicas de Karl Marx (São Paulo, 1958-1964). **Intelligere, Revista de História Intelectual**, São Paulo, v. 2, n. 1, p. 1-19, 2016.

RODRIGUES, Lidiane S. **A produção social do marxismo universitário em São Paulo: mestres, discípulos e “um seminário” (1958-1978)**. São Paulo: USP, 2011 (Tese de Doutorado em História).

ROIG, Arturo A. À manera de prólogo. Hacia una acotación teórico-crítica del pensamiento alternativo como esperanza. In: BIAGINI, Hugo E.; ROIG, Arturo A. (Dirs.). **El pensamiento alternativo en la Argentina del siglo XX. Tomo II: obrerismo, vanguardia y justicia social**. Buenos Aires: Biblos, 2006, p. 11-17.

ROMERO, Sylvio. **Provocações e debates (contribuições para o estudo do Brasil social)**. Porto: Livraria Chardron, 1910.

ROMO, Andrés D. **Educación y nación al sur de la frontera: organizaciones mapuche en el umbral de nuestra contemporaneidad, 1880-1930**. Santiago: Pehuén Editores, 2008.

ROSA, Hartmut. Society. In: BRUNKHORST, Hauke; KREIDE, Regina; LAFONT, Cristina. (Edits.) **The Habermas handbook**. New York: Columbia University Press, 2018, p. 627-631.

ROSA, Hartmut. Social acceleration: ethical and political consequences of a desynchronized high-speed society. In: ROSA, Hartmut; SCHEUERMAN, William E. (Edits.) **High-speed society: social acceleration, power, and modernity**. University Park: y The Pennsylvania State University Press, 2009, p. 77-112.

ROSA, Hartmut; BIALAKOWSKY, Alejandro. Alienación, aceleración, resonancia y buena vida. Entrevista a Hartmut Rosa. **Revista Colombiana de Sociología**, Bogotá, v. 41, n. 2, p. 249-259, jul./dic., 2018.

ROSA, João G. **Grande Sertão: veredas**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

ROSA, Marcelo. A “forma movimento” como modelo contemporâneo de ação coletiva rural no Brasil. In: FERNANDES, Bernardo M.; MEDEIROS, Leonilde S. de; PAULILO, Maria I. (Orgs.). **Lutas camponesas contemporâneas: condições, dilemas e conquistas**, v. 2 - a diversidade das formas das lutas no campo. São Paulo: Editora UNESP; Brasília: Núcleo de Estudos Agrários e Desenvolvimento Rural, 2009, p. 95-111.

ROSE, Nikolas. **Governing the soul: the shaping of the private self**. 2ª ed. London: Free Association Books, 1999.

ROVATTI, Pier A. Prólogo. In: HELLER, Agnes. **Teoría de las necesidades en Marx**. Trad. José F. Yvars. 2ª ed. Barcelona: Ediciones Península, 1986, p. 5-18.

RUBBO, Deni I. A. Às voltas com o marxismo universitário paulista (resenha). **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 32, n. 92, p. 361-364, 2018.

RUBIM, Antônio A. C. Marxismo, cultura e intelectuais no Brasil. In: MORAES, João Q. de. (Org.). **História do marxismo no Brasil. Vol. III: teorias, interpretações**. Campinas: Editora da Unicamp, 1998, p. 305-82.

RUFINO RODRIGUES JUNIOR, Luiz. Pedagogia das encruzilhadas. **Revista Periferia**, Duque de Caxias, v. 10, n. 1, p. 71-88, jan./jun., 2018.

RUNDELL, John. Agnes Heller - modernity, aesthetics, and the human condition: an interpretative essay. In: HELLER, Agnes. **Aesthetics and**

modernity: essays (Edit. John Rundell). Maryland: Lexington Books, 2011, p. 1-28.

SABORIT, Antonio. El club modernista. Relatos de una pasión americana. S./trad. In: CHARTIER, Roger; FEROS, Antonio. (Dirs.). **Europa, América y el mundo: tiempos históricos**. Madrid: Marcial Pons, 2006, p. 281-309.

SADEK, Maria T. A. Acesso à justiça: um direito e seus obstáculos. **Revista USP**, São Paulo, n. 101, p. 55-66, mar./abril./mai., 2014.

SAID, Edward W. **Representações do intelectual: as Conferências Reith de 1993**. Trad. Milton Hatoum. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

SALERNO, Roger A. **Landscapes of abandonment: capitalism, modernity, and estrangement**. Albany: State University of New York Press, 2003.

SANDLE, Mark. **A short history of soviet socialism**. London: UCL Press, 1999.

SANTIAGO, Silviano. **O cosmopolitismo do pobre: crítica literária e crítica cultural**. 1ª reimpr. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

SANTNER, Eric L. Los milagros ocurren: Benjamín, Rosenzweig, Freud y la materia del prójimo. In: ŽIŽEK, Slavoj; SANTNER, Eric L.; REINHARD, Kenneth. **El prójimo. Tres indagaciones en teología política**. Trad. Cristina Piña. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 2010, p. 105-180.

SANTOS, Boaventura de S. **A cruel pedagogia do vírus**. Coimbra: Edições Almedina, 2020.

SANTOS, Boaventura de S. **Renovar a teoria crítica e reinventar a emancipação social**. Trad. Mouzar Benedito. São Paulo: Boitempo, 2007.

SANTOS, Boaventura de S. **El milenio huérfano: ensayos para una nueva cultura política**. Trad. Antonio Barreto *et al.* Madrid: Editorial Trotta; Bogotá: ILSA, 2005.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização**. 6ª ed. Rio de Janeiro: Editora Record, 2001.

SANTOS, Milton; SILVEIRA, María L. **O Brasil: território e sociedade no início do século XXI**. 11ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2008.

SANTOS, Raimundo. O agrarismo de José de Souza Martins. **Estudos Sociedade e Agricultura**, Rio de Janeiro, v. 23, n. 1, p. 214-231, 2015.

SANTOS, Raimundo. Camponeses e democratização no segundo debate agrarista. In: SILVA, Francisco C. T. da; SANTOS, Raimundo; COSTA, Luiz F. de C. (Orgs.). **Mundo rural e política: ensaios interdisciplinares**. Rio de Janeiro: Editora Campus, 1998, p. 35-58.

SANTOS, Suzana P. dos. Quando morre um parente, parte da gente morre junto. In: BARROS, Elissandra. (Org.). **Fala parente! A covid-19 chegou entre nós**. Oiapoque: Iepé/ UNIFAP, 2021, p. 147.

SARAMAGO, José. **Levantado do chão**. Lisboa: Caminho, 1999.

SAUNDERS, Rebecca. **Lamentation and modernity in literature, philosophy, and culture**. New York: Palgrave Macmillan, 2007.

SAVAGE, Mike; WARDE, Alan. **Urban sociology, capitalism and modernity**. Basingstoke: The Macmillan Press, 1993.

SAYER, Derek. **Capitalism and modernity: an excursus on Marx and Weber**. London: Routledge, 1991.

SERRES, Michel. **O contrato social**. Trad. Serafim Ferreira. Lisboa: Instituto Piaget, 1994.

SCHAFF, Adam. L'humanisme marxiste. **L'Homme et la société**, Paris, n. 7, p. 3-18, 1968.

SCHILLING, Derek. Everyday life and the challenge to history in Postwar France: Braudel, Lefebvre, Certeau. **Diacritics**, New York, v. 33, n. 1, p. 23-40, spring, 2003.

SCHILLING, Voltaire. O pós-capitalismo? **Indicadores Econômicos**, Porto Alegre, v. 17, n. 3, p. 114-116, 1989.

SCHMIDT, Volker H. Modernidade e diversidade: reflexões sobre a controvérsia entre teoria da modernização e a teoria das múltiplas

modernidades. Trad. Taís Machado e Marcos Amaral. **Revista Sociedade e Estado**, Brasília, v. 26, n. 2, p. 155-183, mai./ago., 2011.

SCHULZ, John H. Mercado só funciona quando instituições funcionam. In: LOURES, Rodrigo C. da R.; SCHLEMM, Marcos M.; CASTOR, Belmiro V. J. (Orgs.). **Para o Brasil voltar a crescer: evidências, reflexões e caminhos**. Curitiba: Ibpex, 2007, p. 27-42.

SCHÜTZ, Alfred. O estrangeiro – um ensaio de psicologia social. Trad. Márcio Duarte e Michael Hanke. **Revista Espaço Acadêmico**, Maringá, n. 113, p. 117-129, out., 2010.

SCHÜTZ, Alfred. **El problema de la realidad social. Escritos I**. Trad. Néstor Míguez. 2ª ed., 1ª reimpr. Buenos Aires: Arnorrortu, 2003.

SCHÜTZ, Alfred. **La construcción significativa del mundo social: introducción a la sociología comprensiva**. Trad. Eduardo J. Prieto. 1ª reimpr. Barcelona: Ediciones Paidós, 1993.

SCHÜTZ, Alfred. **Fenomenologia e relações sociais**. Trad. Ângela Melin. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.

SCHWARTZMAN, Simon. **Bases do autoritarismo brasileiro**. 5. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2015.

SCHWARTZMAN, Simon. **Pobreza, exclusão social e modernidade: uma introdução ao mundo contemporâneo**. São Paulo: Augurium Editora, 2004.

SCHWARZ, Roberto. Um seminário de Marx. **Novos Estudos CEBRAP**, São Paulo, n. 50, p. 99-114, mar., 1998.

SCOTT, David. Colonial governmentality. In: INDA, Jonathan X. (Edit.). **Anthropologies of modernity: Foucault, governmentality, and life politics**. Malden: Blackwell Publishing, 2005, p. 23-49.

SECCHI, Bernardo. **Primeira lição de urbanismo**. Trad. Marisa Barda e Pedro M. R. Sales. São Paulo: Perspectiva, 2006.

SÉDILLOT, René. **An outline of french history**. Trad. Gerard Hopkins. New York: Alfred A. Knopf, 1953.

SENNA, José J. **Os parceiros do rei**: herança cultural e desenvolvimento econômico no Brasil. 2ª ed. Rio de Janeiro: Topbooks, 1995.

SEWELL JR., William H. The temporalities of capitalism. **Socio-Economic Review**, Oxford, v. 6, p. 517-537, 2008.

SHACHTMAN, Max. Introduction. In: MEHRING, Franz. **Karl Marx**: the story of his life. Trad. Edward Fitzgerald. Ann Arbor: The University of Michigan, 1962, p. VII-X.

SHARMAN, Adam. **Tradition and modernity in spanish american literature**: from Darío to Carpentier. New York: Palgrave Macmillan, 2006.

SHERINGHAM, Michael; BLANC, Guillaume le; BÉGOU, Bruce. Le quotidien: une expérience impensable? **Esprit**, Paris, n. 367 (8/9), p. 78-98, août./sep., 2010.

SHETTY, Salil. Declaração e objetivos de desenvolvimento do milênio: oportunidades para os direitos humanos. Trad. Célia Korn. **Sur - Revista Internacional de Direitos Humanos**, São Paulo, v. 2, n. 2, p. 6-21, 2005.

SHILS, Edward. Tradition. **Comparative Studies in Society and History**, Cambridge, v. 13, n. 2, p. 122-159, apr., 1971.

SHINN, Terry. Desencantamento da modernidade e da pós-modernidade: diferenciação, fragmentação e a matriz de entrelaçamento. **Scientiae Studia**, São Paulo, v. 6, n. 1, p. 43-81, 2008.

SIGAUD, Lygia. A engrenagem das ocupações de terra. In: FERNANDES, Bernardo M.; MEDEIROS, Leonilde S. de; PAULILO, Maria I. (Orgs.). **Lutas camponesas contemporâneas**: condições, dilemas e conquistas, v. 2 - a diversidade das formas das lutas no campo. São Paulo: Editora UNESP; Brasília: Núcleo de Estudos Agrários e Desenvolvimento Rural, 2009, p. 53-72.

SILVA, Luiz A. M. da. **O mundo popular**: trabalho e condições de vida. Org. Mariana Cavalcanti, Eugênia Motta e Marcella Araujo. Rio de Janeiro: Papéis Selvagens, 2018.

SILVEIRA, Paulo F. **500 anos de servidão**: a lei como instrumento de dominação política no Brasil. Brasília: OAB Editora, 2004.

SIM, Stuart. **The end of modernity**: what the financial and environmental crisis is really telling us. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2010.

SIMMEL, Georg. **Questões fundamentais da sociologia**: indivíduo e sociedade. Trad. Pedro Caldas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006a.

SIMMEL, Georg. **Problemas fundamentales de la filosofía**. Trad. Susana Molinari e Eduardo Schulzen. Sevilla: Ediciones Espuela de Plata, 2006.

SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: RÉMOND, René (Org.). **Por uma história política**. Trad. Dora Rocha. 2ª ed., 6ª reimp. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2014, p. 231-269.

SIRINELLI, Jean-François. As elites culturais. In: RIOUX, Jean-Pierre; SIRINELLI, Jean-François. (Dir.). **Por uma história cultural**. Trad. Ana Moura. Lisboa: Editorial Estampa, 1998, p. 259-279.

SKINNER, Quentin. **El nacimiento del estado**. Trad. Mariana Gainza. Buenos Aires: Editorial Gorla, 2003.

SKIRBEKK, Gunnar. **Rationality and modernity**: essays in philosophical pragmatics. Oslo: Scandinavian University Press, 1993.

SMALL, Mario L. **Unanticipated gains**: origins of network inequality in everyday life. New York: Oxford University Press, 2009.

SOARES, Luiz E. **Meu casaco de general**: quinhentos dias no front da segurança pública do Rio de Janeiro. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

SOARES, Luiz E. **A invenção do sujeito universal**: Hobbes e a política como experiência dramática do sentido. Campinas: Editora da Unicamp, 1995.

SOARES, Luiz E. **Campesinato**: ideologia e política. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

SODRÉ, Muniz. **A verdade seduzida**: por um conceito de cultura no Brasil. 3. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

SODRÉ, Muniz. **Mestre Bimba**: corpo de mandinga. Rio de Janeiro: Manati, 2002.

SOHN-RETHEL, Alfred. **Intellectual and manual labour: a critique of epistemology**. New Jersey: Humanities Press, 1978.

SONNTAG, Heinz R.; ARENAS, Nelly. Lo global, lo Local, lo híbrido: aproximaciones a una discusión que comienza. **Gestión de las Transformaciones Sociales MOST – UNESCO**, París, d. 6, p. 1-25, 1995.

SOROKIN, Pitirim A. O tempo sócio-cultural: características preliminares do tempo sócio-cultural. Trad. Leôncio M. Rodrigues. In: CARDOSO, Fernando H.; IANNI, Octavio. (Orgs.). **Homem e sociedade: leituras básicas de sociologia geral**. 2ª ed. rev. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1965, p. 231-235.

SOTO, William H. G. Entre Henri Lefebvre e Karl Marx. In: FREHSE, Fraya (Org.). **A sociologia enraizada de José de Souza Martins**. São Paulo: Com-Arte, 2018a, p. 123-139.

SOTO, William H. G. De lo rural a la vida cotidiana: la sociología brasileña de José de Souza Martins. **Revista Latinoamericana de Estudios sobre Cuerpo, Emociones y Sociedad**, n. 27, año 10, p. 73-84, ago./nov., 2018.

SOTO, William H. G. Sociologia e história na obra de José de Souza Martins. **Sociedade e Estado**, Brasília, v. 31, n. especial, p. 1051-1070, 2016a.

SOTO, William H. G. A sociologia enraizada de José de Souza Martins. In: RIBEIRO, Maria T. R. (Org.). **Dimensão histórica da sociologia: dilemas e complexidade**. Curitiba: Appris, 2016, p. 123-150.

SOTO, William H. G. Dialética e imaginação na sociologia de José de Souza Martins. **Estudos Sociedade e Agricultura**, Rio de Janeiro, v. 23, n. 1, p. 196-213, 2015.

SOTO, William H. G. Subúrbio, periferia e vida cotidiana. **Estudos Sociedade e Agricultura**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 1, p. 109-131, 2008.

SOTO, William H. G. A sociologia do “mundo rural” de José de Souza Martins. **Estudos Sociedade e Agricultura**, Rio de Janeiro, n. 20, p. 175-198, abr./2003.

SOTO, William H. G. **A produção de conhecimento social sobre o “mundo rural” nas obras de José de Souza Martins e José Graziano da Silva**. Porto Alegre: UFRGS, 2002. (Tese de Doutorado em Sociologia).

SOUZA, Jessé. As classes sociais e o mistério da desigualdade brasileira. In: Fundação Perseu Abramo e Fundação Friedrich Ebert. (Orgs.). **Classes? Que classes? Ciclo de debates sobre classes sociais**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo e Fundação Friedrich Ebert, 2013, p. 53-64.

SOUZA, Roberto A. de. **Um pouco de método**: nos estudos literários em particular, com extensão às humanidades em geral. São Paulo: É Realizações, 2016.

SOUZA, Roberto A. de. **História da literatura**: trajetória, fundamentos, problemas. São Paulo: É Realizações, 2014.

STEINER, George. **Extraterritorial**: a literatura e a revolução da linguagem. Trad. Júlio C. Guimarães. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

STEINER, George. **Después de Babel**: aspectos del lenguaje y la traducción. Trad. Adolfo Castañón. México, D.F.: Fondo de Cultura Económica, 1980.

STENGERS, Isabelle. Complexity: a fad? In: STENGERS, Isabelle. (Edit.). **Power and invention**: situating science. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1997, p. 3-19.

STERZI, Eduardo. **Por que ler Dante**. São Paulo: Globo, 2008.

STINER, Mary C., EARLE, Timothy; LORD SMAIL, Daniel; SHRYOCK, Andrew. Scale. In: SHRYOCK, Andrew; LORD SMAIL, Daniel *et al.* **Deep history**: the architecture of past and present. Berkeley: University of California Press, 2011, p. 242-272.

STREECK, Wolfgang. **¿Cómo terminará el capitalismo? Ensayos sobre un sistema en decadencia**. Trad. Jose Amoroto *et al.* Madrid: Traficantes de sueños, 2017.

SUBRAHMANYAM, Sanjay. **Impérios em concorrência**: histórias conectadas nos séculos XVI e XVII. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2012.

SUBRAHMANYAM, Sanjay. Hearing voices: vignettes of early modernity in South Asia, 1400-1750. **Daedalus**, Cambridge, v. 127, n. 3, p. 75-104, summer, 1998.

TAPIA, Luis. **La condición multisocietal**: multiculturalidad, pluralismo, modernidad. La Paz: CIDES-UMSA/ Muela del Diablo Editores, 2002.

TARGA, Luiz R. P. Prefácio. In: TARGA, Luiz R. P. (Org.). **Gaúchos e paulistas**: dez escritos de história regional comparada. Porto Alegre: Fundação de Economia e Estatística Siegfried Emanuel Heuser, 1996, p. 6-15.

TAVARES DOS SANTOS, José V. A violência na sociologia brasileira atual. In: ALMEIDA, Cybele C. de et al (Orgs.). **Violência e poder**: reflexões brasileiras e alemãs sobre o medievo e a contemporaneidade. Porto Alegre: DM, 2017, p. 249-267.

TAVARES, Rui. **A ironia do projeto europeu**. Lisboa: Tinta-da-China, 2012.

TAYLOR, Frederick W. **Princípios da administração científica**. Trad. Arlindo V. Ramos. 8ª ed. São Paulo: Atlas, 1990.

TEHRANIAN, Majid. La maldición de la modernidad: dialéctica de la modernización y la comunicación. S./Trad. **Revista Internacional de Ciencias Sociales - RICS**, París, v. XXXII, n. 2, p. 267-285, 1980.

TESCHKE, Benno; LACHER, Hannes. The changing “logics” of capitalist competition. **Cambridge Review of International Affairs**, Cambridge, v. 20, n. 4, p. 565-580, dec., 2007.

THERBORN, Göran. **Do marxismo ao pós-marxismo?** Trad. Rodrigo Nobile. São Paulo: Boitempo, 2012.

THERBORN, Göran. Os campos de extermínio da desigualdade. Trad. Fernando Rugitsky. **Novos Estudos CEBRAP**, São Paulo, 87, p. 145-156, jun., 2010.

THIESSE, Anne-Maire. **La création des indentités nationales – Europe XVIII^{ème} – XX siècle**. Paris: Seuil, 1999.

THOMPSON, Edward P. **As particularidades dos ingleses e outros artigos**. Org. de Antonio L. Negro e Sergio Silva. Trad. Alexandre Fortes *et al.* 2ª ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2012.

THOMPSON, Edward P. **A formação da classe operária inglesa I: a árvore da liberdade**. Trad. Denise Bottmann. 4ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2004.

THOMPSON, Edward P. **A formação da classe operária inglesa II: a maldição de Adão**. Trad. Renato B. Beto e Cláudia R. de Almeida. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

THOMPSON, Edward P. **A miséria da teoria ou um planetário de erros: uma crítica ao pensamento de Althusser**. Trad. Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.

THOMSON, Ann. L'histoire intellectuelle: quelles idées, quel contexte? **Revue d'histoire moderne et contemporaine**, Paris, t. 59e, n. 4 bis, p. 47-64, 2012.

TIBE, Jean. Marx e os outros. **Lua Nova**, São Paulo, n. 91, p. 199-228, 2014.

TIBE, Jean. **Marx selvagem**. São Paulo: Annablume, 2013.

TODOROV, Tzvetan. **Las morales de la historia**. Trad. Marta B. Alcázar. Barcelona: Ediciones Paidós Ibérica, 1993.

TOPALOV, Christian. Sociologie d'un étiquetage scientifique: "Urban Sociology" (Chicago, 1925). **L'Année sociologique**, Paris, Troisième série, v. 58, n. 1, p. 203-234, 2008.

TORGA, Miguel. **Ensaio e discursos**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2000.

TORGA, Miguel. **Vindima**. 6.ª ed. Lisboa: Publicações Dom Quixote Lda., 1999.

TORGA, Miguel. **Bichos**. 19ª ed. Coimbra: Gráfica de Coimbra, 1995.

TORGA, Miguel. **Diário XI**. 2.ª ed. Coimbra: Edição do autor, 1991a.

TORGA, Miguel. **Diário X**. 2.ª ed. rev. Coimbra: Edição do autor, 1991.

TORGA, Miguel. **Contos da montanha**. 7.^a ed. Coimbra: Edição do autor, 1987.

TORRE, Angelo. Il discorso popolare: metafora o linguaggio? **Quaderni storici**, Bologna, v. 22, n. 64 (1), p. 233-244, apri., 1987.

TOSTES, José G. Os dois marxismos de Marx. **Cadernos Cemarx**, Campinas, v. 2, n. 2, p. 102-6, 2005.

TOURAINÉ, Alain. Actores sociales y modernidad. In: CALDERÓN, Fernando. (Comp.). **Imágenes desconocidas: la modernidad en la encrucijada postmoderna**. Buenos Aires: CLACSO, 2017, p. 357-365.

TOURAINÉ, Alain. Modernidad y especificidades culturales. **Revista Internacional de Ciencias Sociales – RICS**, Paris, v. XL, n. 118, p. 469-483, dic., 1988.

TOWNSHEND, Jules. **The politics of marxism: the critical debates**. London: Leicester University Press, 1996.

TRESPACH, Rodrigo. **Histórias não (ou mal) contadas: revoltas, golpes e revoluções no Brasil**. Rio de Janeiro: Harper Collins, 2017.

TRILLO, Mauricio T. **Culturas y memoria: manual para ser historiador**. Una invitación teórica y práctica para reescribir el pasado y reinventar el presente. México, D.F.: Tusquets Editores, 2012.

TRISTAN, Flora. **Peregrinações de uma pária**. Trad. Maria N. Pessoa e Paula Berinson. Florianópolis: Editora Mulheres/ Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2000.

TURNER, Bryan S. **Max Weber from history to modernity**. London: Routledge, 2002.

TURNER, Charles. **Modernity and politics in the work of Max Weber**. London: Routledge, 2005.

TZIMINADIS, João L. F.; ROSA, Hartmut. Modernidade dessincronizada: aceleração social, destemporalização e alienação: uma entrevista com Hartmut Rosa. **Estudos de Sociologia**, Araraquara, v. 22, n. 43, p. 365-383, jul./dez., 2017.

UNGER, Roberto M. **O que a esquerda deve propor**. Trad. Antônio R. L. Filho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

UZEL, Jean-Philippe. Déni et ignorance de l'historicité autochtone dans l'histoire de l'art occidentale. **RACAR: Revue d'art canadienne Canadian Art Review**, Ontario, v. 42, n. 2, p. 34-41, 2017.

IZUZQUIZA, Ignacio. **La sociedad sin hombres: Niklas Luhmann o la teoría como escándalo**. 2ª ed. Barcelona: Anthropos Editorial, 2008.

VACCA, Giuseppe. **Modernidades alternativas. O século XX de Antonio Gramsci**. Trad. Luiz S. Henriques. Brasília: Fundação Astrojildo Pereira, 2016.

VAINFAS, Ronaldo. Respostas aos comentários. **Anais do Museu Paulista**, São Paulo, v. 4, nova série, p. 105-122, jan./dez., 1996a.

VAINFAS, Ronaldo. História da vida privada: dilemas, paradigmas, escalas. **Anais do Museu Paulista**, São Paulo, v. 4, nova série, p. 9-27, jan./dez., 1996.

VANDENBERGUE, Frédéric. Marxism and the end of the work society. **Thesis Eleven**, Sydney, n. 69, p. 171-196, may., 2002.

VANGELISTA, Chiara. Entre o campo e a cidade: migrações no Brasil. In: FREHSE, Fraya (Org.). **A sociologia enraizada de José de Souza Martins**. São Paulo: Com-Arte, 2018, p. 73-85.

VATTIMO, Gianni. **A sociedade transparente**. Trad. Hossein Shooja e Isabel Santos. Lisboa: Relógio D'Água, 1992.

VATTIMO, Gianni. **El fin de la modernidad: nihilismo y hermenéutica en la cultura posmoderna**. Trad. Alberto L. Bixio. 2ª ed. Barcelona: Editorial Gedisa, 1987.

VATTIMO, Gianni. **Las aventuras de la diferencia: pensar después de Nietzsche y Heidegger**. Trad. Juan C. Gentile. Barcelona: Ediciones Península, 1986.

VEBER, Hanne. Memories of the Ucayali: the Asháninka story line. In: OAKDALE, Suzanne; COURSE, Magnus. (Edits.). **Fluent selves:**

autobiography, person, and history in lowland South America. Lincoln: University of Nebraska Press, 2014, p. 93-117.

VEIGA, José E. da. **Cidades imaginárias: o Brasil é menos urbano do que se calcula**. Campinas: Autores Associados, 2002.

VEIGA, José E. da. **A face rural do desenvolvimento: natureza, território e agricultura**. Porto Alegre: Editora da Universidade/ UFRGS, 2000.

VELASCO E CRUZ, André K. **Dois encontros entre o marxismo e a América Latina**. São Paulo: USP, 2010. (Dissertação de Mestrado em Ciência Política).

VERISSIMO, Erico. **Erico Verissimo: cartas da União Pan-Americana 1953-1958**. Org. Maria da G. Bordini. Rio de Janeiro: Makunaima, 2021.

VIANA, Nildo. Marx e os intelectuais. **CSONline - Revista Eletrônica de Ciências Sociais**, Juiz de Fora, ano 7, ed. 16, p. 76-95, jun./set. 2013.

VIANNA, Francisco J. de O. **O ocaso do Império**. 3. ed. Rio de Janeiro: ABL, 2006.

VIANNA, Luiz W. **A modernização sem o moderno: análises de conjuntura na era Lula**. Brasília: Fundação Astrojildo Pereira/ Rio de Janeiro: Contraponto, 2011.

VIDLER, Anthony. **Histories of the immediate present: inventing architectural modernism**. Cambridge: The MIT Press, 2008.

VILELA, Ivan. **Cantando a própria história**. São Paulo: USP, 2011 (Tese de Doutorado em Psicologia Social).

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. **A inconstância da alma selvagem e outros ensaios de antropologia**. 5ª ed. São Paulo: Cosac Naify, 2013.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. No Brasil, todo mundo é índio, exceto quem não é (entrevista). In: RICARDO, Beto; RICARDO, Fany. (Edits. gerais). **Povos indígenas no Brasil 2001/2005**. São Paulo: Instituto Socioambiental, 2006, p. 41-49.

WAGNER, Peter. Knowing how to act well in time. **Bioethical Inquiry**, London, v. 17, p. 507-513, 2020.

WAGNER, Peter. Singularity: A new key for the sociological diagnosis of the present time? - Andreas Reckwitz, Die Gesellschaft der Singularitäten. Zum Strukturwandel der Moderne (Berlin, Suhrkamp Verlag, 2017). **European Journal of Sociology**, Cambridge, v. 59, i. 3, p. 524-532, 2018.

WAGNER, Peter. Progreso y modernidad: el problema con la autonomía. Trad. Ernesto Rubio. **Sociología Histórica**, Murcia, n. 7, p. 95-120, 2017.

WAGNER, Peter. Interpretations of modernity and the problem of world-making. **Papers: revista de sociologia**, Barcelona, v. 100, n. 3, p. 267-279, 2015a.

WAGNER, Peter. From domination to autonomy: two eras of progress in world-sociological perspective. **Historická Sociologie**, Prague, v. 7, n. 2, p. 27-44, 2015.

WAGNER, Peter. Modernity. In: RITZER, George. (Edit.). **The Wiley-Blackwell encyclopedia of globalization**. Malden: Blackwell Publishing, 2012a, p. 1-4.

WAGNER, Peter. The modernities of new societies: South Africa, Brazil and the prospect of a world-sociology. ROSATI, Massimo; STOECKL, Kristina. (Edits.). **Multiple modernities and postsecular societies: global connections**. London: Routledge, 2012, p. 163-180.

WAGNER, Peter. The democratic crisis of capitalism: reflections on political and economic modernity in Europe. **LEQS Paper**, London, n. 44, dec., 2011b.

WAGNER, Peter. Modernidad: comprender nuestro presente. Trad. Alberto Fragio. **Lychnos: Cuadernos de la Fundacion General CSIC**, Madrid, n. 5, p. 90-95., jun., 2011a.

WAGNER, Peter. From interpretation to civilization – and back: analyzing the trajectories of non-european modernities. **European Journal of Social Theory**, Thousand Oaks, v. 14, i. 1, p. 89-10, feb., 2011.

WAGNER, Peter. Successive Modernities and the Idea of progress: a first attempt. **Distinktion: Scandinavian Journal of Social Theory**, Abingdon, v. 11, n. 2, p. 9-24, 2010a.

WAGNER, Peter. Multiple trajectories of modernity: why social theory needs historical sociology. **Thesis Eleven**, Thousand Oaks, n. 100, p. 53-60, feb., 2010.

WAGNER, Peter. The future of sociology: understanding the transformations of the social. **Dipartimento di Sociologia e Ricerca Sociale – Quaderni**, Trento, n. 43, mar., 2009.

WAGNER, Peter. **Modernity as experience and interpretation: a new sociology of modernity**. Cambridge: Polity Press, 2008.

WAGNER, Peter. Modernity: one or many? In: BLAU, Judith R. (Edit.). **The blackwell companion to sociology**. 1ª repr. Malden: Blackwell Publishing, 2004, p. 30-42.

WAGNER, Peter. Modernidade, capitalismo e crítica. Trad. Hugo Mendes. **Fórum Sociológico**, Lisboa, nºs 5-6, 2ª série, p. 41-70, 2002.

WAGNER, Peter. **A history and theory of social sciences: not all that is solid melts into air**. London: SAGE Publications, 2001b.

WAGNER, Peter. Modernity, capitalism and critique. **Thesis Eleven**, Thousand Oaks, n. 66, p. 1-31, aug., 2001a.

WAGNER, Peter. **Theorizing modernity: inescapability and attainability in social theory**. London: SAGE Publications, 2001.

WAGNER, Peter. Crises da modernidade: a sociologia política no contexto histórico. Trad. Vera Pereira. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 11, n. 31, s./p., jun., 1996. Disponível em: <http://www.anpocs.com/images/stories/RBCS/rbcs31_02.pdf>, acesso em 30/03/2021.

WAGNER, Peter. **A sociology of modernity: liberty and discipline**. London: Routledge, 1994.

WAGNER, Peter. Liberty and discipline: making sense of postmodernity, or, once again, toward a sociohistorical understanding of modernity. **Theory and Society**, Amsterdam, v. 21, n. 4, p. 467-492, aug., 1992.

WAGNER, Peter. Las ciencias sociales y el concepto de Estado en Europa occidental: estructuración política del discurso disciplinario. S./Trad. **Revista Internacional de Ciencias Sociales - RICS**, Paris, v. Vol. XLI, n. 122, p. 551-572, dic., 1989.

WAGNER, Peter; JACLIN, David. The political condition of our time. **Social Science Information**, Thousand Oaks, v. 57, i. 4, p. 525-532, 2018.

WAGNER, Peter; WITTROCK, Bjorn. States, institutions, and discourses: a comparative perspective on the structuration of the social sciences. In: WAGNER, Peter; WHITLEY, Richard. (Edits.). **Discourses on society: the shaping of the social science disciplines**. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers, 1991, p. 331-357.

WAHRMAN, Dror. **The making of the modern self: identity and culture in eighteenth-century England**. London: Yale University Press, 2006.

WANDERLEY, Maria de N. B. **O mundo rural como espaço de vida: reflexões sobre a propriedade da terra, agricultura familiar e ruralidade**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

WANG, Youqin. Trouver une place pour les victimes: la difficile écriture de l'histoire de la Révolution culturelle. Trad. Brice Pedroletti. **Perspectives Chinoises**, Hong Kong, n. 4, p. 67-77, 2007.

WASSEF, Aya. El imperio de lo nuevo. **El Correo de la Unesco**, París, año XLVI, p. 13-14, jul./ago., 1993.

WATSON, Peter. **Historia intelectual del siglo XX**. Trad. David L. Gómez. Barcelona: Editorial Critica, 2002.

WAYNE, Mike. **Marxism and media studies: key concepts and contemporary trends**. London: Pluto Press, 2003.

WEBB, Eugene. The spiritual crisis of modernity: Keynes, Beckett, Baudelaire. **Soundings: An Interdisciplinary Journal**, University Park, v. 62, n. 2, p. 130-143, summer 1979.

WEBER, Max. **Economia e sociedade**: fundamentos da sociologia compreensiva. V. 2. Trad. Regis Barbosa e Karen E. Barbosa. 4ª ed., 3ª reimpr. Brasília: Editora da UNB, 2012.

WELCH, Clifford A. Vargas e a reorganização da vida rural no Brasil (1930-1945). Trad. Venceslau A. de Souza. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 36, nº 71, p. 81-105, 2016.

WELCH, Clifford A. Movimentos sociais no campo até o golpe militar de 1964: a literatura sobre as lutas e resistências dos trabalhadores rurais do século XX. **Lutas & Resistências**, Londrina, v. 1, p. 60-75, set., 2006.

WELLMER, Albrecht. Modelos de libertad en el mundo moderno. Trad. Joaquín R. Feo. In: THIEBAUT, Carlos. (Edit.). **La herencia ética de la ilustración**. Barcelona: Editorial Crítica, 1991, p. 104-135.

WELSH, Ian. **Mobilising modernity**: the nuclear moment. London: Routledge, 2000.

WIEVIORKA, Michel. Le sociologue et le citoyen. **Espaces Temps**, Lausanne, n. 64-65, p. 26-32, 1997.

WILLIAMS, Raymond. **O campo e a cidade**: na história e na literatura. Trad. Paulo H. Britto. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

WILLIAMS, Raymond. **Palabras clave. Un vocabulario de la cultura y la sociedad**. Trad. Horacio Pons. 1ª ed., 1ª reimp. Buenos Aires: Nueva Visión, 2003.

WILSON, Edmund. **Hacia la Estación de Finlandia**: ensayo sobre la forma de escribir y hacer historia. Trad. Ricardo Tomero, M. F. Zalén y J. P. Gortázar. Barcelona: RBA Libros, 2011.

WITTRÖCK, Björn. Las ciencias sociales y el desarrollo del Estado: transformaciones del discurso de la modernidad. S. trad. **Revista Internacional de Ciencias Sociales – RICS**, Paris, v. Vol. XLI, n. 122, p. 539-549, dic., 1989.

WOHL, Robert. Heart of darkness: modernism and its historians. **The Journal of Modern History**, Chicago, v. 74, n. 3, p. 573-621, sep., 2002.

WOLFE, Charles. Buster Keaton: comic invention and the art of moving pictures. In: PETRO, Patrice. (Edit.). **Idols of modernity: movie stars of the 1920s**. New Brunswick: Rutgers University Press, 2010, p. 41-64.

WOTTLE, Martin. What's new? Legal discourse on second-hand goods in early nineteenth-century Stockholm. In: STOBART, Jon; DAMME, Ilja van. (Edits.). **Modernity and the second-hand trade: european consumption cultures and practices, 1700-1900**. New York: Palgrave Macmillan, 2010, p. 19-36.

WRIGHT, Eric O. Comprender la clase: hacia un planteamiento analítico integrado. S./trad. **New Left Review**, Londres, nº. 60, p. 98-112, 2010.

WRIGHT, Eric O. **Reflexiones sobre socialismo, capitalismo y marxismo**. Trad. Juan R. de la Cruz. Palma de Mallorca: CC.OO. de les Illes Balears, 1997.

WRIGHT, Eric O. **Clases**. Trad. Ángel M. F. García-Bermejo. Madrid: Siglo Veintiuno Editores, 1994.

ZAMBRANO, María. Uma metáfora da esperança: as ruínas. Trad. Rodrigo L. de B. Oliveira. **Sopro**, Desterro, n. 37, p. 1-4, out., 2010.

ZANDER, Jürgen. O problema do relacionamento de Max Weber com Karl Marx. Trad. René E. Gertz. In: GERTZ, René E. (Org.). **Max Weber e Karl Marx**. São Paulo: Editora Hucitec, 1994, p. 70-96.

ZARUR, George de C. L. **A utopia brasileira: povo e elite**. Brasília: Abaré; Flacso/Brasil, 2003.

ŽIŽEK, Slavoj. **Bienvenidos al desierto de lo real**. Trad. Cristina V. Solis. Madrid: Ediciones Akal, 2005.